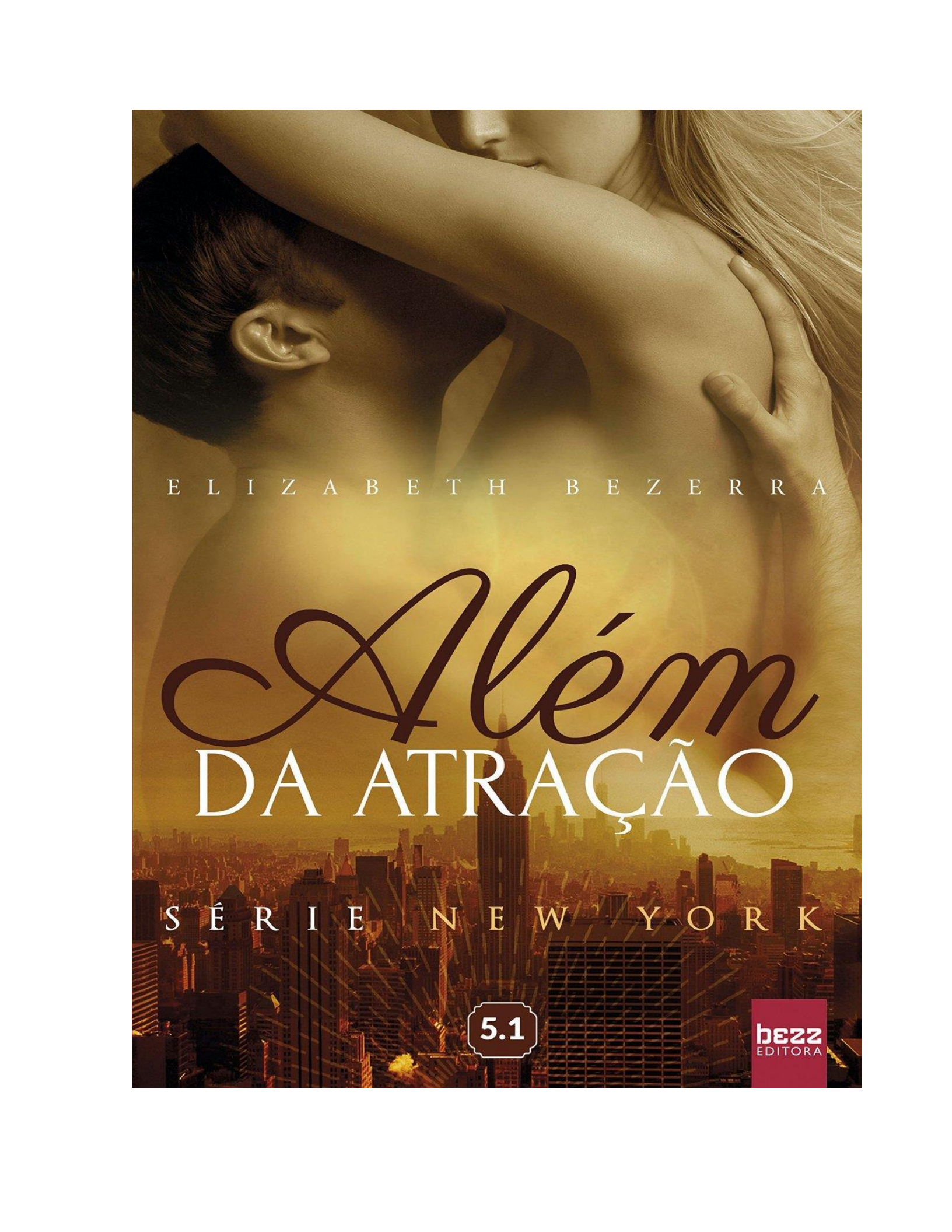




E L I Z A B E T H B E Z E R R A

Além DA ATRAÇÃO

S É R I E N E W Y O R K

5.1

bezz
EDITORA



Além da Atração

Série New York Livro 5

Elizabeth Bezerra

Penélope Walker veio a New York para fugir de sua pequena cidade natal, onde todos se conhecem e os curiosos cuidam da vida de todos. E, com certeza, uma noiva abandonada no altar é um prato cheio para os fofoqueiros de plantão.

Um casamento não realizado, um pai opressor e uma mãe omissa são suas motivações para decidir reconstruir sua vida bem longe daquele lugar.

Ela vê todos os seus sonhos começarem a se tornar realidade quando consegue um emprego na Durant Entertainment Technology - DET.

Em uma nova cidade e com um excelente emprego, tudo parece perfeito.

O que não está em seus planos é se apaixonar pelo advogado e melhor amigo de seu chefe.

Adam é tudo o que qualquer mulher sonha em ter ao seu lado, mas, infelizmente, para ela, ele é inalcançável. Ele ainda sofre com a morte da ex-noiva e a do bebê não nascido e se culpa por isso, não estando disposto a entregar seu coração outra vez...

Ele não tem esse direito.

Enquanto Penelope tenta lutar contra esse sentimento, Adam não consegue ficar longe dela.

Ela deseja amor. Ele quer sexo.

Juntos, eles vivem uma relação apaixonante e conturbada, que vai muito além da atração.

Prólogo

6 anos atrás

Eu não tenho um passado conturbado, com marcas, ou uma vida cheia de traumas. Pelo menos... Até aqui. Cresci em uma família rica e privilegiada, na cidade de New York. Tenho uma bela casa, tive as melhores escolas, viagens incríveis, os melhores pais que alguém poderia ter. Por gerações e gerações, excelentes médicos surgiram em minha família. Meu avô chegou a receber um prêmio Nobel e uma das primeiras médicas do país havia saído de minha família. Meu irmão e minha irmã são estudantes de Medicina exemplares, então, para meu pai, eu sou um caso atípico, a ovelha negra, um desperdício. Não é pelo que imediatamente se pensa que venha a ser um caso perdido, pois

não levo uma vida inconsequente e desestabilizada, pelo contrário, sou um dos melhores alunos do curso de Direito.

Mas eu sou o tipo de pessoa que consegue, sem esforço algum, destruir o mundo à sua volta e, principalmente, as pessoas que amo. Decepcionei meu pai, minha mãe, minha noiva e, acima de tudo... Meu filho.

De todas essas pessoas que magoei, ter feito isso com ele foi o que mais me destruiu. Eu nem sequer o conheci! Jamais vou perdoar a mim mesmo por isso.

*

Quando o meu orientador na faculdade requisita a minha presença na sala dele é porque algo não vai bem. Eu tenho me esforçado muito para mostrar a meu pai que posso ser tão bom advogado quanto meu irmão é um excelente estudante de Medicina. Não tem surtido muito efeito. Ele espera que eu erre o tempo todo, que eu me curve à sua vontade e continue a linhagem de grandes médicos da família.

Parece que o sonho dele está mais próximo do que ele imagina. Bato na porta e espero o consentimento do meu almoz, com desânimo.

— Adam — o professor Petersburg ajeita o aro dos seus óculos, afasta os olhos dos documentos sobre sua mesa e olha para mim. — Sente-se.

— Com licença, senhor — ocupo a cadeira que ele me indica.

Tento manter um ar indiferente, mas, na verdade, eu fervero por dentro. — Queria falar comigo, senhor?

Ele me encara por alguns segundos, com aquele olhar de professor que nos faz gelar até os ossos. O professor Petersburg é um dos melhores advogados, se não o melhor do país. Tê-lo como mestre já me coloca em um patamar elevado. A possibilidade de que ele venha a me dispensar levará toda minha promissora carreira para a sarjeta. Pelo visto, terei que me tornar um médico mediano e frustrado.

— Sabe, Adam — ele se acomoda em sua cadeira e me encara com seu olhar de águia. Sinto-me como num Tribunal, prestes a ser condenado à cadeira elétrica. — Você é um dos melhores alunos que tenho, talvez até mesmo o melhor.

“Mas”... Sempre há um “mas”, não é? O que eu havia feito para ter estragado a minha vida? Eu tenho sido, como ele disse, excelente. As melhores notas, horas e horas de dedicação e empenho. Eu não entendo!

— Você será um excelente advogado — ele ri. — Talvez tão bom quanto eu. Tenho uma proposta para você.

— Uma proposta? — pergunto a ele, confuso.

— Eu só trabalho com os melhores, e, em alguns anos, você será o melhor — ele diz. — Quero que trabalhe comigo. Claro, inicialmente, será um estagiário, mas, em breve, poderá ser, quem sabe, um sócio do escritório.

As palavras dele martelam em minha cabeça. Fui até ali com a certeza de que seria dispensado, mas estou sendo convidado para o que qualquer aluno da faculdade, do país, ou melhor, do mundo, sonharia: trabalhar com o renomado advogado Alexander Petersburg.

— Senhor, eu nem sei o que dizer — digo.

— Diga que sim.

— Eu não teria como recusar isso — respondo a ele, aliviado. — É claro que eu aceito!

Ele sorri de volta e continua a me olhar, como quem analisa uma testemunha.

— Tenho algumas recomendações a fazer — começa, de forma calma. — Mas, primeiro me diga, você tem namorada?

Droga! O que isso tem a ver com minha vida acadêmica?

— Tenho uma noiva.

— Isso é bom! — Sorri. — Mostra estabilidade.

Solto o ar novamente. Parece que a sorte começa a sorrir para mim. Eu sempre fui o tipo azarado. Aquele cara com quem as coisas mais absurdas acontecem. Ver que minha vida está seguindo pelo caminho planejado é reconfortante para mim. Uma bela noiva, também aspirante à advogada, e uma bela carreira à vista. O que mais posso querer da vida?

— Só tome cuidado com coisas que podem se tornar algo

que venha a retardar o seu sucesso — continua, com a voz de um pai orientando uma criança. — Tenha a certeza de que um bom advogado tem que se dedicar muito. E este é o momento em que precisa estudar demasiadamente, dedicar-se à carreira. Converse com sua noiva e espere um pouco antes de iniciarem uma família.

— Com certeza, senhor! — Balanço a cabeça rapidamente.
— Ter filhos não está em meus planos, por enquanto.

— Haja com inteligência e terá uma carreira brilhante — ele insiste. — Vá até a sede do escritório amanhã, e poderá começar nestas férias. Eu estarei esperando por você.

— Obrigado, professor! — Cumprimento-o, com animação.
— Irei me dedicar com afinco.

Enfim, meu pai terá que desfazer aquele ar de quem sabe tudo e, finalmente, dar um pouco de crédito a mim. Não que ele seja uma pessoa ruim, apenas é descrente quanto à minha opção.

Encontro Cecilia deitada em minha cama, no meu quarto do campus. Eu não estranho isso, nós sempre passamos horas ali estudando, dentre outras coisas, afinal, somos jovens, sonhadores e cheios de energia.

Beijo seus lábios com empolgação, e ela abre os olhos castanhos para mim.

— Eu tenho novidades — digo a ela, sentando-me ao pé da cama. — Lembra que eu tinha uma reunião com o professor Petersburg?

Cecilia se senta na cama, cruza as pernas e olha para mim de forma apreensiva. Com certeza, imagina o mesmo que eu, que fui dispensado.

— Eu também tenho novidades — murmura, com a voz tensa. — Mas, primeiro, me fale a sua.

Com certeza, a novidade dela é contar que havia passado em seus exames finais. Embora seja uma boa aluna, há algumas matérias em que ela tem certa dificuldade.

— O professor me convidou para estagiar com ele.

— Adam! — Ela pula para meus braços. — Isso é excelente! Eu estava tão preocupada com o que faríamos de nossas vidas, mas agora tenho certeza de que tudo ficará bem!

— Nossas vidas serão perfeitas — sorrio de volta. — Como havíamos planejado.

— Bem, não tão como havíamos planejado — declara. — Estou grávida.

Se me dissessem que eu tinha uma doença terminal e que, em dois meses, eu partiria desta para outra vida, eu não teria ficado tão chocado como agora. O que ela acabou de dizer não só apenas mudará nossas vidas, mas destruirá minha carreira para sempre.

— O que está dizendo? — afasto-a de mim, com frieza. — Está brincando comigo?

— Eu sei que está surpreso — Cecilia ri, nervosa. — Eu também fiquei, mas tudo dará certo, querido. Este é o sinal de que precisávamos. Eu posso sair da faculdade e cuidar do bebê e você...

— Está louca? — grito, exaltado. — Não estava tomando pílula?

Ela me encara com um olhar assustado. Jamais gritei ou fui grosso antes. Nós conhecemos um ao outro desde crianças, sempre fomos amigos e ficarmos noivos foi algo natural para mim.

— Eu tomei, mas lembra de que tive aquela infecção na garganta? — diz, com a voz trêmula. — Os antibióticos... O médico disse que pode ter cortado o efeito...

— Isso não importa! — Encaro-a, furioso. Eu não acredito que ela me preparou essa armadilha — Eu não quero esse filho!

— Adam... — Cecilia afasta-se de mim com o olhar magoado. — Se está dizendo para...

— Livre-se dele! — Digo a ela, furioso.

Pego a mochila que havia preparado mais cedo e saio dali. As paredes me sufocam, o olhar consternado de Cecília me condena, e eu desejo desaparecer. Isto não pode estar acontecendo comigo! Eu não posso e não quero ser pai agora! Nem sei se eu quero ser pai um dia! Não estou pronto para essa responsabilidade. Inferno! Meus pais vão me matar. Eu já até

consigo imaginar os gritos e os olhares de recriminação. E o professor Petersburg? Com certeza, retirará a oferta de estágio, além de, é claro, ficar tão decepcionado comigo como meu pai. Minha vida não está mudando como previ, está a mesma porcaria de sempre. Não, na verdade, não está igual; agora está muito pior.

A noite foi tensa, mal consegui dormir. Há milhares de ligações de Cecilia em meu celular, fora todas as vezes que a empregada havia levado o telefone fixo até o meu quarto. Não atendi, não posso falar com ela agora. Eu sei, estou sendo um canalha, covarde, mas não posso falar com ela, não quando sei que a magoaria ainda mais. Preciso conversar com meu professor primeiro e resolver a merda da minha vida.

A manhã passou lenta e desastrosa, tudo o que aprendi nas aulas parece ter desaparecido da minha cabeça. Pareço perdido e alienado, e isso não passa despercebido ao meu professor.

— O que há de errado, Adam? — ele me pergunta, após me pegar distraído pela décima vez.

Ainda não havia encontrado uma forma de lhe dizer o que estava acontecendo.

— Eu não poderei trabalhar com o senhor — digo amargamente, as palavras parecendo fel em minha boca. — Sinto muito.

Levanto e começo a recolher minhas coisas. Sim, eu havia reagido mal à notícia de Cecilia, mas não posso deixá-la sozinha.

É o meu filho, e tenho responsabilidades para com ele. Vou continuar a faculdade de qualquer jeito, tornar-me um grande advogado, mesmo que a muito custo.

— Encontrou uma oferta melhor que a minha? — indaga-me, limpando os óculos.

— Não, senhor.

— Então, por que essa mudança repentina?

— Lembra do conselho que me deu ontem?

— Depende — ri e senta-se na quina da mesa. — Foram alguns.

— O mais importante deles — falo, com um ar derrotado. — A respeito de não iniciar uma família... Bem, acho que veio um pouco tarde.

Ele olha para mim por longos minutos e me estuda minuciosamente.

— Bem... — ele parece surpreso, mas não está decepcionado como eu tinha imaginado. — Eu não vou dizer que será uma tarefa fácil, mas acontece. Você tem sorte por isso.

Sorte? Ele é maluco ou o quê? Está certo, grandes gênios têm suas excentricidades, mas ele havia sido enfático a respeito de não iniciar uma família tão cedo.

— Eu não entendo, senhor.

— Veja bem, Adam — começa, com voz calma. — Dediquei-

me à minha carreira a vida inteira. Nada foi mais importante do que isso, nem mesmo a mulher que um dia pensei amar e que, talvez, ainda ame...

Escuto o que ele tem a falar, sem entender exatamente aonde quer chegar.

— Eu não me casei ou tive filhos — confessa. — Quando dei por mim, a jovem estava casada com outro homem, com filhos que poderiam ter sido meus. Então, não jogue essa dádiva fora. Vocês terão que trabalhar em dobro e sua vida será difícil, mas, no fim das contas, ela será completa. Quanto ao estágio, fique tranquilo.

— Não vai me dispensar dele?

— Filho, como eu disse, é um excelente aluno — ele ri. — Prefiro tê-lo ao meu lado do que contra mim daqui a alguns anos. Resolva as coisas com sua noiva e volte amanhã.

— Sr. Petersburg, eu...

— Admiro-o, Adam! — Afirma, emocionado. É estranho presenciar esse lado dele, o humano. — Se tivesse um filho, gostaria que fosse como você.

— Obrigado, senhor.

Saio da sala apressadamente. Preciso me desculpar com Cecilia, que deve estar se sentindo sozinha e perdida. Como posso ter sido tão canalha com ela? Sinceramente, espero que me perdoe, porém, independentemente de como termine nossa

relação, assumirei nosso filho. Até já me sinto animado com a ideia. Quem sabe esse bebê, assim como eu, siga uma nova geração de advogados em minha família? É uma possibilidade agradável. Só de lembrar que, horas antes, eu rejeitei essa nova vida, percebo o quanto o choque com a notícia embotou o meu bom senso. Agora, faço planos. Cecilia está certa. No fim das contas, pode ser algo bom. Um sinal de renovação.

Ligo para o número dela e espero com impaciência. Preciso ligar várias vezes. Com certeza, quer dar um castigo a mim por ontem à noite, afinal, eu mereço.

— Cecilia — falo, angustiado. — Escute, sobre...

— O que você quer? — ela me pergunta, com uma voz estranha.

— Preciso falar com você — respondo a ela, preocupado. — Onde você está?

Silêncio. Um soluço.

— Fazendo o que me pediu. — ouço-a dizer com uma voz fraca. — Vou dar um fim a isso.

— Espere, Cecilia... Cecilia...

Ligação encerrada.

Vou para casa, apreensivo. As próximas horas foram terríveis! Liguei para seus pais, amigos, conhecidos, e todas as pessoas em que pude pensar que tivessem alguma ligação com

ela. Nenhum sinal. A angústia domina meu peito e o arrependimento não me deixa ter um minuto de paz. Eu não gostei de seu tom ao telefone e da resposta que ela deu... Que me persegue como um fantasma. Que tipo de loucura Cecilia está fazendo por aí? Talvez em alguma clínica imunda! Tudo porque agi como um irresponsável. Abandonei-a no momento em que mais precisou de mim. Se algo acontecer a eles, jamais me perdoarei.

Ando de um lado para o outro em meu quarto, ansioso. O telefone toca, sento-me em minha cama para atendê-lo enquanto o meu coração dispara em meu peito.

— Adam — diz Liam, assim que atendo. — Cadê você?

— Chegando em casa — murmuro, frustrado. — Escuta, Liam... Cecilia deu notícias?

— Sim.

— Graças a Deus! — Respiro, aliviado. — Onde ela está? Eu vou até lá.

— Venha para casa — sinto a tensão em sua voz. Algo me parece errado.

— Cecilia está aí?

— Venha para casa, Adam.

— Certo — digo a ele, nervoso. — Estou apenas a algumas quadras daí.

Ser recebido por meus pais, minha irmã e Liam, todos com olhar sério e apreensivo, deixa-me apavorado.

— Sinto muito, Adam — Liam caminha até mim.

— O que está acontecendo? — exijo. — Falem!

— Cecilia, ela... — Katty começa a falar, com a voz entrecortada. — Sofreu um acidente de carro.

— O quê? — meu coração para no peito. — Ela está bem, não é?

— Sinto muito, Adam! — Liam coloca-se ao meu lado. — Ela não sobreviveu.

— Cale a boca! — Avanço sobre ele, já não sou dono das minhas ações. Quero que ele se cale. O que diz só pode ser mentira. Eles não estão mortos, não podem estar.

— Pare, Adam! — Meu pai me afasta do corpo quase inconsciente de Liam, enquanto ouço os choros desesperados de minha mãe e irmã ao longe. — Vai matá-lo, filho!

Vou matá-lo! Repito isso em pensamento algumas vezes. Assim como matei Cecilia e matei meu filho. Eu os enviei para a morte e, como consequência, me enterrarei junto com eles.

A minha capacidade em destruir tudo à minha volta é a única coisa que não mudou em minha vida. Quanto ao resto, alterou-se irrevogavelmente. Subo as escadas para meu quarto, sentindo os olhares perplexos em minhas costas. Eu não me

importo. Na verdade, nada mais importa. Não haverá casamento, esposa e filhos. Não haverá nada. Jamais outra mulher ou outra criança ocuparão meu coração. Não mereço isso. Esses pensamentos e sentimentos vão me perseguir eternamente...

Capítulo 1

Penelope

Dezembro de 2012, Edgartown, Massachusetts

Dizem que o dia do seu casamento é a data mais importante da sua vida. Então, por que não me sinto assim? Eu me sinto como se estivesse sendo enviada para o abatedouro, onde minha carne em breve seria dissecada, as melhores partes de mim seriam expostas na vitrine, e as piores seriam jogadas aos porcos. Esses são pensamentos um tanto assustadores para um dia como esse, não é mesmo?

Eu não me sinto como se a minha vida fosse mudar conforme a ocasião sugeria. Apenas sairia das mãos de um homem dominador para me entregar às mãos de outro. E não falo do meu noivo. O homem a quem me refiro é Patrick Wade, pai do

meu futuro marido, Maxwel, ou apenas Max, que é quase tão submisso ao seu pai quanto eu sou ao meu.

Numa cidade pequena e charmosa como Edgartown, as aparências significam tudo. Os Wade são uma das famílias mais antigas e abastadas da cidade. O principal banco, alguns imóveis e vários comércios pertencem a eles. E eu tenho muita sorte pelo único filho do casal ter se interessado por mim, a humilde e simples filha do reverendo.

Se eles tinham poder por causa do dinheiro, meu pai tinha poder por causa da igreja, que ele dirigia com mãos de ferro, porque ninguém quer ser o motivo dos sermões de domingo. Meu pai é um homem duro e de regras firmes, mas nem sempre foi assim. Prova disso é a escolha do meu nome, que havia sido feita em uma de suas bebedeiras com os amigos para comemorar meu nascimento. A mesma bebedeira que causou a morte de meu irmão mais novo, Cory.

Alguns sádicos, como minha tia Charlote, a quem eu chamo de Lola, dizem que os fiéis mais fervorosos são aqueles que foram os mais pecadores, e meu pai se enquadra nisso.

É como se ele quisesse se redimir da culpa e fazer as pazes com Deus. A igreja passou a ser, para ele, o centro de tudo, e minha mãe e eu tínhamos que segui-lo.

Minha mãe é o tipo de esposa submissa e servil, que precisa ser guiada em cada mínimo detalhe, desde o que deveria dizer até as escolhas de suas roupas.

— Você está linda, filha — murmura minha mãe, atrás de mim.

— Sim, reluz a ouro — ironiza tia Lola. — Mas por dentro...

Olho-a através do espelho e observo quando ela se senta em minha cama e acende um cigarro.

Lola é a irmã mais velha da minha mãe e considerada por meu pai a ovelha negra da nossa família. Isso porque já se casou três vezes e tem dois filhos de pais diferentes. Ela mora em New York, onde tem um emprego maravilhoso como secretária, em uma das companhias mais importantes do país.

— Charlote, não fume aqui! — Repreende mamãe, tomando-lhe o cigarro. — Sabe que James não suporta cigarros.

— Não suporta ou tem medo de retornar aos velhos hábitos? — pergunta, acendendo outro que, novamente, é recolhido por minha mãe. — Veja a cara de felicidade dessa menina.

Olho para minha imagem refletida no espelho. Uma jovem alta, levemente maquiada, em seu vestido branco de noiva digno de princesa, escolhido e comprado por minha sogra porque ela não permitiria que eu a envergonhasse perante os membros mais respeitáveis de Edgartown.

Não há uma parte do meu corpo à mostra pelo vestido, por exigência do meu pai, mas, em vez de parecer recatado como ele gostaria, tinha um efeito exatamente oposto, havendo uma leve e misteriosa sensualidade nele.

Pergunto-me o que meu pai acharia disso. Eu sempre tive que vestir algo que não revelasse muito meu corpo ou incitasse pensamentos impuros. Meu pai sempre diz que a prevaricação dos homens é culpa das mulheres e das suas roupas indecentes, instigando o pecado. E é irônico que, no dia do meu casamento, eu revele mais de mim do que em meus vinte três anos.

— Não diga bobagens! — Mamãe ajeita a cauda do vestido pela décima vez. — Penelope está apenas nervosa, como todas as noivas. É completamente natural que isso aconteça.

Meus pais sentem orgulho e imensa satisfação com esse casamento e minha mãe contou nos dedos os dias em que ela teria, finalmente, carimbada a sua entrada na seleta e reclusa alta sociedade de Edgartown. E meu pai terá ainda mais poder. Sinto-me como uma moeda de troca.

Ainda não entendo o que levou Max, o rapaz bonito e o bom partido da cidade, a escolher a mim em meio a tantas garotas interessantes. Eu não vou às festas que ele costuma ir, a não ser as festas promovidas pela igreja; não visto roupas que as garotas da minha idade usam, muito menos sensuais. O que o teria atraído para a filha do reverendo? Jamais tive uma resposta para essa pergunta.

Temos um relacionamento de três anos, e nunca tínhamos passado de alguns beijos recatados, sempre supervisionados por meu pai. E ele não era nenhum santo, não pelo que já ouvi dos burburinhos. Mas comigo era sempre educado e frio. Certo que

nossos encontros sempre foram depois da igreja, e passávamos uma ou duas horas no sofá de casa, mas um homem apaixonado encontraria um jeito, não? Contudo, não posso julgá-lo, pois nunca senti a menor necessidade de ir além disso. Assim foram se passando os dias. Agora, vejo-me aqui, prestes a me unir a um homem que mal conheço. Pior do que isso, como entregaria minha virgindade a ele?

Talvez o que o tenha atraído a mim seja isso além da minha reputação impecável, e isso é o mais importante, de acordo com minha mãe. Ele poderia sair com todas as garotas indecentes da cidade, mas nenhuma seria tão apropriada como eu. Eu não quero ser uma esposa conveniente como minha mãe havia se tornado. Eu quero que um homem me faça sentir o que dizem nos romances escondidos em meu quarto. Embora, às vezes, eu acredite que o problema seja meu. Crescer sufocando sentimentos e pensamentos impróprios pode ter me transformado em uma mulher frígida, já que Max, em seus únicos momentos de rebeldia, não via problema algum em se exhibir com as garotas da cidade.

O que eu sinto é que serei apenas mais um enfeite naquela mansão elegante. Sim, eu teria uma bela casa, dinheiro e frequentaria os melhores lugares, mas não passaria de um bibelô. Será que é realmente isso que eu quero da minha vida?

Venho me perguntando isso nas últimas semanas. A cada dia que a data se aproximava, mais a questão martelava em

minha cabeça.

— Até o último segundo, você pode dizer não, querida — Lola esfrega meus ombros tensos. — Não precisa agradar a ninguém além de você mesma. Sabe que minha casa estará sempre aberta para você. Agora que estou me aposentando, pode ir comigo para o Texas ou ficar na minha casa em New York.

— Não diga tolices, Charlotte! — Minha mãe se coloca entre mim e minha tia. — Se James souber que anda colocando coisas na cabeça dela outra vez...

As duas iniciam uma discussão ferrenha.

Eu volto a encarar a jovem apática no espelho. O que eu deveria fazer? Seguir em frente e enfrentar a vida que meus pais haviam idealizado para mim, ou dizer adeus a tudo e aceitar a oferta da minha tia Lola?

Minha prima Juliene mora no Texas, eu gosto dela, e sempre nos demos bem. Apesar do pai dela ser irmão do meu pai, ele não a considera uma boa influência para mim. Mesmo ela sendo mais nova, Juliene é muito mais independente e rebelde do que eu.

Meu tio é o xerife. Os fofoqueiros da família dizem que minha tia e ele foram apaixonados na adolescência, mas ele havia engravidado outra garota e ido embora. Ela seguiu para uma carreira promissora. O fato de Lola ir para lá agora comprova que os rumores são bem verdadeiros.

— Já estão prontas? — meu pai surge na porta e, pelo olhar

que me enviou, havia desaprovado o vestido completamente.

Intimamente, isso me traz uma satisfação prazerosa. Eu teria escolhido um modelo mais moderno, um que provavelmente causaria um infarto a ele. No entanto, é bom saber que uso algo que ele desaprova e não há nada que ele possa fazer contra isso.

Poderia esse casamento não ser tão ruim como eu tinha idealizado?

A despeito de toda minha vida regrada e controlada, eu amo meus pais. Nunca fui contra eles, preferi aceitar as coisas como eram, então não tivemos grandes conflitos. Se eu não fizesse nada que desagradasse meu pai, ficaria tudo bem.

E tenho doces lembranças da infância, quando nossa vida era diferente. E o que encontraria no Texas? Quatro primos metidos a valentões, um tio xerife e tão cheio de regras quanto meu pai.

Não importa para onde eu vá, as coisas sempre seriam as mesmas.

— Estou pronta — respondo-lhe, após um suspiro.

— Stephanie, vá na frente com Charlote — determina, o que minha mãe prontamente começa a obedecer. — Nós iremos em seguida.

Tia Lola abraça-me forte e sussurra em meu ouvido:

— Não precisa fazer isso.

Meu pai sai logo depois. Nenhum beijo na testa ou palavras emocionadas de como sentiria minha falta. Acho que, para ele, o meu casamento está tirando um grande peso dos ombros. Ele entregaria a filha pura e imaculada e, quando eu saísse daquela igreja, não teria mais responsabilidades comigo.

Confesso que é um pouco triste me sentir como um fardo para os meus próprios pais. Um abraço carinhoso e palavras de incentivo de que daria tudo certo fariam uma diferença enorme. Quem sabe afugentasse todas as hesitações que rondam meu coração e mente?

Desço a escada estreita que me leva ao andar de baixo. Não é uma casa grande: dois quartos no andar de cima, cozinha e sala no andar de baixo. Sentirei falta dessa casa, principalmente do meu quarto, onde passei a maior parte da minha vida quando não estava refugiada na praia, olhando as ondas do mar indo e vindo em direção à orla. Às vezes, sinto como se minha vida fosse aquelas ondas. Algumas vezes fortes e gigantescas, outras fracas do tipo que apenas fazem coceguinhas nos pés.

Durante o caminho até a igreja, em um dos carros cedido pelos Wade com direito à motorista e tudo, um pesado silêncio vagou entre mim e meu pai. Penso que esse seja o seu jeito de lidar com isso. Não quer dizer que não se importa, como aparenta.

— Lembre-se de se comportar muito bem, Penelope — aconselha meu pai. — Os Wade não são apenas ricos e de uma

família tradicional, mas também tementes a Deus e à igreja, não nos envergonhe.

São as primeiras palavras de meu pai em vinte minutos e ele as havia usado para mais um dos seus sermões. Pisco para evitar que as lágrimas rolem pelos meus olhos. Isso seria ruim, estragaria a maquiagem e hoje teria que ser nada menos do que perfeito. “A nova filha dos Wade teria que estar à altura deles” — palavras da minha futura mãe.

— Não se preocupe, pai — respondo-lhe, olhando através da janela, sem, de fato, prestar atenção em alguma coisa. — Me comportarei como tenho feito a minha vida inteira, de forma impecável.

— Confio em você — ele sorri e bate em minhas mãos, que estão apoiadas em meus joelhos. — Estou feliz que esteja se casando hoje. Não queremos que eles pensem que compraram gato por lebre. Investimos muito em sua criação, tanto financeira como espiritualmente. Ver nosso trabalho árduo descendo pelo ralo destruiria sua mãe.

A mensagem é clara para mim: eu fui preparada. Como uma virgem oferecida ao sacrifício. O irônico da comparação é que sou uma virgem pura e imaculada.

Eu penso no que fiz da minha vida. Sendo conduzida pelas pessoas, apenas dizendo sim e não o tempo todo. E que eu passaria o resto dos meus dias fazendo a mesma coisa.

De repente, o cubículo dentro do carro vai diminuindo ainda mais, sufocando-me. *Eu não posso fazer isso!* Mas também não há para onde fugir.

Aceite a oferta da tia Lola e acabe com isso!, minha mente ordena.

Meus pais ficariam arrasados, envergonhados, jamais poderiam andar de cabeça erguida — posso fazer isso com eles?

Minuto a minuto, minha guerra interior vai ficando mais fervorosa. Quando o carro estaciona em frente à igreja, estou inteiramente dividida. Fugir em busca da minha felicidade ou causar a infelicidade dos meus pais? Eles jamais me perdoariam — não o meu pai.

A expressão petrificada no lugar cai em mim como uma luva. Todos os meus sentidos e sensações estão mais aguçados. Ouço o clique da porta quando meu pai a abre, o farfalhar de sua roupa quando ele escorrega pelo banco e a batida de seus sapatos quando toca a rua. O som mais intenso, zunindo em meus ouvidos, é o do meu coração batendo acelerado em meu peito.

— O reverendo Ryan é ótimo — afirma, esticando a mão para mim. — Fará uma belíssima cerimônia.

Eu não tive tempo de dizer nada, muito menos sair do carro. Minha mãe desce as escadas correndo, acompanhada de minha tia, e, se ela não estivesse dentro da igreja, poderia jurar que ela tinha visto o diabo em pessoa, tamanho é seu estado de pânico e

inquietação.

— James! Uma tragédia! — Ela nos alcança com o rosto coberto de lágrimas. — É o apocalipse!

— Contenha-se, mulher! — Meu pai a afasta dele sem a mínima gentileza. — O que está acontecendo aqui?

A pergunta é direcionada à minha tia, que diferente de minha mãe, exhibe um sorriso vitorioso no rosto.

— Ao que parece, o noivo foi mais inteligente e fugiu — diz, com calma.

Observo-a tirar o maço de cigarros da bolsa de seda e acender um. Meu pai parece tão chocado com a revelação que nem implicou com a fumaça no seu rosto, como é de costume.

— Isso não é possível! — Vocifera, incrédulo. — Maxwell não faria algo tão infame como isso.

— Pois ele fez — declara minha tia, entre baforadas. — Agora está livre, Penelope.

Charlotte é a única pessoa que parece feliz com o ocorrido. Minha mãe parece desolada, apoiada contra o carro, meu pai furioso e eu... Bem, eu não sei expressar exatamente o que acontece em meu interior. Só sei que sinto uma grande e profunda paz. Como se um capítulo da minha vida houvesse se encerrado, libertando-me de correntes invisíveis.

— Isso não é verdade! — Papai me puxa de dentro do carro

e me arrasta para os fundos da igreja. — Ficaré no meu escritório até que possamos resolver isso. Seja lá o que fez Penelope, acho bom que eu consiga consertar.

De que droga ele está falando? Eu sou abandonada na porta da igreja por um mauricinho mimado e a culpa era minha?

Sou eu que serei o motivo de risadas de toda a cidade. Posso até imaginar os comentários que farão no trabalho. Eu já não era bem-vista por ser a noiva do filho do patrão. Teriam o que falar por dias a fio.

Nem minha tia nem minha mãe tiveram permissão para ficar comigo enquanto eu aguardava o retorno do meu pai com novas informações.

Eu me sinto como na sala do diretor da escola, aguardando meus pais chegarem à espera de um longo sermão.

Eu estudo o desenho da renda no vestido branco e tento concentrar minha mente em alguma coisa — os relatórios das duas últimas semanas que havia deixado na mesa de Abby, a secretária de Patrick, parece ser uma boa opção. Números geralmente me acalmam. Há lógica e sempre chegamos a um resultado, bem diferente da minha vida que, por mais simplória e monótona que pareça, não faz sentido algum para mim.

Ouço o grito do meu pai e os choramingos de minha mãe quando ergo a cabeça da mesa onde acabei pegando no sono. Não sei quanto tempo se passou, mas, pelo que vejo da noite escura lá fora, havia se passado muitas horas.

— Acorda! — Grita novamente meu pai, puxando-me pelo braço em direção à saída. — Vamos para casa!

— Mas e o casamento? — pergunto-lhe, ainda confusa. — Encontrou o Max?

— Aquele sem vergonha fugiu com uma das libertinas que andava com ele! — Cospe, pouco se importando se a revelação poderia ferir-me ou não.

Estranhamente, não havia me afetado nenhum pouco apesar de eu saber que viria uma dura batalha pela frente, começando pelo meu pai.

— A culpa disso tudo é sua! — Continua ele, aos berros. — Com certeza, fez algo para que ele desistisse do casamento. Eu notei que andou distante e distraída.

— Eu não tenho culpa por ele ter fugido com outra, papai! — Defendo-me, magoada.

O fato de Max ter me traído e me abandonado diante de metade da cidade não me fere mais do que a reação irracional e cruel de meu pai em relação a mim. Eu havia feito tudo que esperavam de mim, como fiz a minha vida toda. Estou nesse

vestido estúpido e fui de encontro a um destino que não escolhi como uma boa filha. Não é justo que ele jogue a responsabilidade de outras pessoas em cima de mim.

— O que aconteceu na última sexta-feira? — ele torce meus braços, encolerizado. — Entregou-se a ele, não é?

O tapa que ardeu em meu rosto não doeu tanto quanto suas palavras ferinas.

A noite a que ele se refere me vem à mente. Eu não me sentia muito bem e, devido ao meu nervosismo com a proximidade do casamento, meu pai permitiu que eu ficasse em casa em vez de acompanhá-los nas reuniões que aconteciam na igreja todas as sextas.

Pouco antes de meus pais retornarem, Max apareceu em nossa porta visivelmente embriagado, e não dizia nada coerente. Pela primeira vez, ele avançou o sinal e veio todo entusiasmado para cima de mim. Por alguns segundos, permiti que ele me beijasse de forma apaixonada e que suas mãos explorassem meu corpo. O único problema é que não senti nada. Frustrada e assustada, empurrei-o para longe, exatamente no mesmo momento em que meu pai abria a porta, pegando-nos em uma situação constrangedora.

Meu pai havia aceitado as desculpas esfarrapadas de Max, para o meu espanto, e, mais tarde, soube por minha mãe que ele optou por fazer vistas grossas, já que estávamos com o casamento marcado, mas a vigilância sobre mim seria ainda

maior.

— Entregou sua pureza como uma vagabunda! — Grita. — Agora que ele já teve o que quis, foi embora com outra.

— Mas nós não...

— Cale-se, Penelope! — Sua mão fecha em torno de meu pulso e sou arrastada para fora. — Seremos motivos de comentários da cidade toda. Fique calada! Quanto aos seus atos imorais, jogarei a culpa naquele imoral e sua messalina.

Meu pai não havia exagerado quando disse que seríamos motivo de fofoca em Edgartown. Mais da metade dos convidados continuavam no lado de fora, apreciando a cena. Outras pessoas, que nem faziam parte da lista, juntaram-se a elas.

Algumas pessoas me olham com pena, outras mal disfarçam os risinhos, e as que não suportavam meu pai e a igreja, falavam abertamente.

Apesar disso, caminho de cabeça erguida. Não tinha feito nada de errado ou que pudesse me fazer sentir vergonha. Essas pessoas deveriam envergonhar-se de si mesmas por se comportarem de forma tão vil e mesquinha.

Não voltamos no mesmo carro dos Wade. Minha tia Charlotte foi encarregada de nos levar de volta para casa.

Os únicos sons audíveis são os soluços sufocados de minha mãe. Ainda não consigo identificar se ela sofre por mim ou se pelo futuro glamoroso que teria com meu casamento, o que é, de certa

forma, incoerente, já que na igreja eles pregam sobre humildade.

Pelo espelho retrovisor, eu encontro o olhar compreensivo de Lola. Acho que ela é a única pessoa a se importar com meus sentimentos. Recebo um sorriso encorajador, que retribuo com igual sinceridade.

Mesmo que eu tenha que enfrentar a comunidade inteira falando de mim às minhas costas, vejo o que aconteceu como algo bom. Sinceramente, Max e eu não tínhamos nada em comum. Não apenas por eu ser a filha do reverendo, mas também porque ele era egocêntrico demais, fútil demais e, de certa forma, pouco inteligente. Ah, ele era bonito, não há como questionar isso; alto, loiro, forte, porém acabava aí.

Quando o carro estaciona em frente à nossa casa, eu não carrego a melancolia de uma jovem abandonada no altar. Eu tenho a imensa felicidade em voltar para casa, felicidade que tenho que disfarçar dos olhares acusadores do meu pai e dos desolados de minha mãe. Graças a Deus, tia Charlote passaria a noite em nossa casa. Com toda certeza, ela me entenderia, pois foi a única a me incentivar a dar um fim a esse casamento ridículo.

— Eu vou para o meu quarto — informo, assim que cruzamos a porta.

— Antes, vamos ter uma conversinha — papai me empurra sobre o sofá.

Minha tia se coloca entre nós dois, enfrentando-o.

— Pare de ser um ogro uma vez na sua vida, James! —
Exclama. — Penelope passou por um dia terrível, converse com
ela amanhã.

— Cuide da sua vida e daquela sua filha de cabaré! — Ruge,
afastando-a.

— Paula é bailarina! — Defende-se. — E muito bem
reconhecida.

— Charlote, se quiser continuar em minha casa, não se
intrometa!

Eu não posso permitir que papai expulse Lola no meio da
noite, algo que certamente ele faria.

— Não se preocupe, tia Lola — murmuro, levantando-me. —
Espere-me lá em cima.

— Stephanie? — minha tia parece indignada. — Não fará
nada? É sua filha, mulher.

Minha mãe apenas abaixa a cabeça e permanece calada.

— Eu não acredito nisso! — Tia Lola tira a cartela de cigarro
da bolsa e acende um, apenas para desafiar meu pai. — Se tocar
um dedo nela, James, eu mesmo parto a sua cara!

Não acredito que papai faça algo assim. Eu já o vi bravo
muitas vezes, claro que hoje ele parece além do normal, mas não
acho que chegue a ser violento comigo.

Observo as duas saírem da sala. Minha mãe ainda em uma atitude submissa e minha tia pisando duro a cada passo. Volto a me sentar no sofá porque, nesse momento, minhas pernas parecem trêmulas.

— De agora em diante, todos os seus passos serão monitorados — assegura-me, com uma voz calma. — Por mim ou sua mãe. De casa para o trabalho, de casa para a igreja. Vamos tentar, de alguma forma, deixar sua reputação intacta e encontrar um bom homem para limpar sua imagem novamente.

— Mas eu não fiz nada, pai! — Levanto-me, inconformada. — Max fugiu com outra no dia do nosso casamento.

— Se não houvesse se entregado a ele, com certeza ainda teria interesse por você! — Repreende-me. — Agora não passa apenas de mais uma das vagabundas com a qual ele saía.

Eu poderia lhe dizer que ainda sou virgem. Sim, virgem aos vinte três, e que algum exame ginecológico comprovaria isso. Mas uma rebeldia dentro de mim faz com que eu me cale. Se ele não é capaz de acreditar em minha integridade, não seria eu a esfregar a verdade na cara dele.

— Deus, onde nós dois erramos com você? — ele me encara, com o olhar carregado de decepção. — Fizemos o possível para afastá-la das perversidades do mundo, e olha o que aconteceu: traiu nossa confiança em nossa própria casa.

— Pai... — dou dois paços em direção a ele — Eu não...

— Suba, Penelope! — Ele se senta na poltrona ao meu lado, esfregando o rosto. — Daremos um jeito de contornar essa história. Senão, serei obrigado a enviá-la para morar com sua tia Virginia no Alasca, pelo menos até esses comentários acabarem.

Virginia é a irmã mais velha de meu pai. Solteirona e ainda mais religiosa que ele. Na verdade, foi ela a convertê-lo e a colocá-lo nos caminhos do Senhor. Na época, acreditamos mesmo que ela houvesse o levado para o caminho da luz. Minha mãe sofria muito ao vê-lo cair pelos cantos de tão bêbado, quando a culpa pela morte de meu irmão pesava em seus ombros. Minha tia o havia transformado em outro homem, e eu acho que perdi o meu pai.

Com ela, eu teria uma vida ainda mais reclusa e sufocante do que a que levo em Edgartown. Definitivamente, morar com tia Virginia seria um inferno.

Vou em direção às escadas, como se pesos tivessem sido colocados em meus pés.

Encontro minha tia em frente à janela, em sua camisola vermelha, finalizando um cigarro. Ela não se vira em minha direção, mas sei que notou minha presença.

Caminho até o meu guarda-roupa e pego um dos meus pijamas — conjunto de calça e blusa de algodão.

— Deixe que eu a ajude — oferece-se tia Lola, quando presencia minha guerra contra o zíper em minhas costas. —

Sabe, muitas mulheres pensam que o casamento é significado de felicidade e realização pessoal.

Sua voz mistura-se ao som do zíper deslizando pelo meu corpo sob o vestido.

— Nada poderia estar mais errado. — sorri. — Se não é feliz com você mesma, não poderá fazer ninguém mais feliz e, no final, teremos duas pessoas frustradas. E, olhe, eu tenho conhecimento de causa.

— Estou aliviada que esse casamento não tenha acontecido, Lola — escorrego o vestido pelo meu corpo e me viro de frente para ela. — Eu não amava o Max, e ficou claro que ele não me amava também.

— Isso é bom — Lola toca meu rosto. — O amor é a base de tudo. Mesmo assim, muitas vezes não é o suficiente.

Estou feliz que tia Charlotte esteja aqui hoje. Obviamente, minha mãe não virá consolar o que seria meu coração partido. Também não tenho uma amiga com quem pudesse desabafar se fosse o caso. As garotas da cidade não se aproximavam de mim por dois motivos: ou me achavam chata demais para gastar seu tempo comigo, ou tinham medo de serem alvos dos julgamentos e cobranças do meu pai. No início, quando chegamos aqui e, principalmente, no colégio, foi difícil me adaptar a essa nova realidade. Mesmo com as garotas da igreja, eu não tinha um relacionamento mais íntimo, grande parte por minha culpa, devo admitir, sempre fui meio distante. Concentrei-me nos estudos e

na vontade de não desagradar meu pai, a pedido de minha mãe.

Os melhores momentos da minha vida eram quando passava as férias na fazenda com Juliene, mas raras foram as vezes. A única amiga que posso dizer que tenho de verdade é ela. Escrevemos cartas uma a outra a cada quinze dias, já que nossas conversas no telefone eram monitoradas pelo meu pai.

— O que acha de aceitar minha oferta? — inquire-me Lola.
— Pode passar um tempo em New York comigo e, assim que me aposentar, nos mudamos para o Texas. O marido de Paula acabou de herdar uma fazenda.

— Meu tio Raul não tem nada a ver com sua decisão em ir para o Texas? — provoco-a, divertida.

— Claro que não! — Vejo-a ficar vermelha. — Você mais do que ninguém deveria não dar ouvidos às fofocas de família.

— Desculpe-me, Lola — após colocar a calça do pijama, eu me deito no lado da cama destinado a mim. — Não queria invadir a sua privacidade.

Sempre e nas raras vezes que ela vem nos visitar, dividimos a cama e passamos horas a fio conversando.

— Não invadiu — murmura. — Raul e eu éramos muito jovens. Não era nosso destino ficar juntos. Ele construiu a história dele e eu a minha. A vida é assim.

Essa noite foi diferente das outras. Nós duas ficamos presas dentro de nós mesmas por motivos diferentes. Eu não consigo

pensar em outra coisa além de como será minha vida após esse dia desastroso.

Bem, farei o que fiz a minha vida toda: ignorarei as pessoas à minha volta. Sempre funcionou.

Capítulo 2

Penelope

Acordo com movimentos em meu quarto. Sempre tive um sono leve, então, mesmo com o esforço de Lola em não fazer barulho, eu abro os olhos, desperta.

— Já vai? — pergunto a ela, esfregando os olhos.

— Pedi uns dias de folga apenas para acompanhar o seu casamento, querida — murmura ela, colocando os sapatos. — As coisas não andam bem no escritório, e Neil não tem tido muita paciência com as secretárias que arrango para ele. Com minha

aposentadoria chegando, eu não tenho muito tempo e me recuso a sair e deixá-lo sozinho.

— Você parece gostar muito dele, não é mesmo? — questiono-a, mais por curiosidade. É inegável o carinho na sua voz.

— Como um filho — diz, pegando a bolsa em cima da penteadeira. — Trabalhei para o pai dele e para ele em seguida. É muito exigente, tem uma mente difícil de acompanhar, mas é fascinante também. No fim, é um homem gentil depois que você conquista a sua confiança.

— Não pode ficar nem mais um dia? — pergunto a ela, sentindo-me culpada por demonstrar minha insegurança.

— Venha comigo! — Insiste, novamente.

— Eu não posso deixar que meus pais enfrentem tudo isso sozinhos — respiro fundo, sentando-me sobre os meus joelhos. — Talvez em alguns dias, quem sabe?

— Pode me ligar a qualquer momento — ela beija minha testa. — Cuide-se, criança, e não permita que ninguém mais magoe você.

Isso é complicado de se prometer. As pessoas vêm me magoando a vida inteira, começando pelos meus pais, tão presentes e tão distantes ao mesmo tempo.

É quinta-feira, e tenho alguns dias para ficar em casa. Na verdade, após o casamento, eu não deveria mais voltar ao banco, mas foi uma das coisas que mais me deixou infeliz.

Eu gosto da minha sala e de manter minha mente ocupada durante o dia. Trabalhava com o setor de empréstimos e, mesmo que, na maioria das vezes, eu tentasse ajudar as pessoas, não era sempre que eu conseguia. Como todo banco, a agência Wade visa o lucro. Não foram raras as ocasiões em que as pessoas saíram furiosas comigo quando um pedido era negado ou quando o seu crédito não era renovado. Era mais fácil culpar a mim do que ao dono do banco. Apesar disso, eu gosto dos desafios do meu trabalho, sempre procuro provar que o pedido de empréstimo era rentável de alguma maneira. Mas, na grande parte das vezes, eu era vista mais como uma víbora prestes a unir-me à família Wade do que uma possível conselheira. O fato de ter sido a noiva de Max não ajudou a mudar a ideia sobre mim. Eu era vista apenas como mais uma mercenária metida. A falsa santa filha do reverendo.

Quem sabe as coisas mudassem agora que já não tenho conexão alguma com os Wade? Até mesmo no trabalho, as pessoas poderão ser mais receptivas comigo. Afinal, ninguém, nunca, gostando ou não de mim, poderia questionar minha

competência e dedicação ao meu serviço.

Eu estudei mais do que algumas pessoas antigas ali. Havia feito um curso técnico de Administração e Finanças e um curso à distância na faculdade, que foi o máximo que meu pai permitiu ou quis custear para mim. E, todos os dias, eu me dediquei com afinco às minhas tarefas e responsabilidades, sempre sendo a primeira a chegar e uma das últimas a sair.

Por hoje, decidi ficar em casa, pois não tenho disposição para enfrentar o mundo ainda, mas amanhã concentrarei minhas energias no trabalho. Não havia assinado os papéis de demissão, e não acredito que o Sr. Wade tenha coragem de me dispensar depois do que o filho dele fez.

Isso mesmo, evitaria os choramingos de minha mãe e os olhares acusatórios de meu pai enquanto reúno forças para o dia seguinte. Voltaria para o meu ofício, como se Maxwell Wade nunca tivesse feito parte da minha vida. Afinal, ele não havia feito mesmo.

As pessoas pareceram surpresas quando me viram entrar no prédio na manhã de sexta-feira. Fingi que os olhares debochados e cochichos ao redor não eram direcionados a mim e

segui para a minha sala.

A primeira pessoa que tenho a atender é a Sra. Johnson. Ela possui uma floricultura na cidade, deve um valor astronômico ao banco e busca uma nova tentativa de empréstimo, que eu nem precisaria olhar nos documentos para saber que foi recusado.

Sorrio calorosamente quando ela entra, tentando encontrar as palavras certas para lhe dar a má notícia.

— Sente-se, Sra. Johnson — indico a cadeira em frente à minha mesa.

— Oh, querida, não sabia que estaria aqui depois de tudo o que aconteceu ontem — ela fala em uma voz simpática.

Eu sei o que ela está tentando aqui. Ganhar minha simpatia para que eu aprove o seu novo pedido. Infelizmente, a decisão não está em minhas mãos, pois faço apenas a análise dos riscos. A Sra. Johnson é uma espécie de viciada por reforma, se é que o termo existe. Nos dois últimos anos, sua floricultura havia mudado cinco vezes. Além disso, o estabelecimento não está sendo muito rentável, acho que as pessoas em Edgartown não andam muito românticas, suas vendas vêm caindo consideravelmente, ou talvez seja apenas a má administração.

— Obrigada por sua preocupação, senhora Johnson — sorrio novamente. — Mas a vida continua.

— Admiro garotas como você, com fibra — ela pisca um

olho. — Continuam firmes, mesmo em meio às adversidades. Veja o meu caso mesmo, por exemplo, sou viúva, mas continuo firme e forte. A floricultura não anda muito bem, mas eu sei que, com essa nova reforma, as coisas irão melhorar. Com o novo capital que o banco irá me dar...

— Sobre isso — interrompo-a, com a voz calma. — Não tenho notícias muito agradáveis. Infelizmente, o pedido não foi aprovado.

— Como assim? — Ela me encara, como se eu fosse algum tipo de alienígena com duas cabeças ou falasse uma língua diferente da dela. — Você não pode fazer isso!

Vejo suas bochechas redondas ficarem vermelhas e o seu corpo rechonchudo começar a tremer.

— Sra. Johnson, não sou eu... Os lucros da floricultura mal cobrirão o empréstimo existente... — inicio as explicações, que ela interrompe.

— Você é uma cadela frustrada e desumana! — Grita. — Não é porque a sua vida virou uma merda que tem que descontar em pessoas honestas como eu!

Eu havia sido imprudente de deixar a porta aberta, e tenho certeza de que as pessoas em volta conseguiam ouvir seus berros e acusações.

— Sra. Johnson, posso indicá-la um consultor de negócios — procuro o cartão em minha gaveta. — Tenho certeza de que ele

pode ajudá-la e quem sabe em alguns meses...

— Enfia esse cartão no seu rabo! — Berra de forma grosseira, encarando-me cheia de ódio. A gentileza anterior está completamente esquecida.

— Peço que se acalme — caminho até a porta, com a intenção de fechá-la e tentar fazer com que ela me ouça sem público.

— Dane-se, sua merdinha! — Levanta-se, caminhando até a porta. — Certo fez o Wade ao ver, o quanto antes, a mulher desprezível que você é.

Ela sai gritando a plenos pulmões e eu fecho a porta, procurando me acalmar para atender o próximo cliente.

Foi assim a manhã inteira. Uma a uma, as pessoas apontavam o fracasso do meu quase casamento em meu rosto, dizendo que eu queria prejudicá-las por estar amarga. Não entendo como elas não veem a irracionalidade em suas acusações.

Eu não saí para o almoço, preferi comer aqui mesmo, em minha sala. Já tive o suficiente de pessoas maldosas pelo dia inteiro, aliás, por toda a minha vida.

— O que está fazendo aqui? — a voz de Patrick Wade ecoa na sala, assim que me curvo para jogar as sobras do lanche que havia trazido.

— Trabalhando, Sr. Wade — murmuro, voltando para a

minha mesa.

— Não foi demitida?

— Eu não cheguei a assinar os papéis — respondo, com calma. — Como não há mais *casamento*, acredito que ainda terei o meu emprego.

Ressalto a palavra “casamento” para lembrá-lo de que tudo que venho enfrentando é culpa do irresponsável do filho dele. Não seria mais fácil e decente ter desmanchado o noivado comigo?

— Não acho que seja conveniente que continue a trabalhar aqui — diz, numa voz dura. — Soube dos ocorridos essa manhã, e acabará afetando a rotina de todo o departamento.

Nenhum pedido de desculpas ou “sinto muito, Penelope”, por parte dele. O filho dele havia feito de mim a chacota da cidade e tudo o que lhe interessa é a paz e a tranquilidade da sua empresa.

E por que eu desejo continuar aqui? Onde claramente ninguém se importa comigo?

Ah! Tudo o que eu quero é um pouco de normalidade, tentar esquecer o passado e recomeçar minha vida, afinal, não sou a primeira e nem serei a última mulher a ser abandonada no altar. Essas coisas acontecem e a vida continua. Eu poderia estar na sala dele chorando, dizendo o quanto o filho dele havia me feito infeliz, mas não, eu só quero trabalhar em paz e seguir em frente.

— Por que não tira algumas semanas de férias? — ele me

pergunta.

Observo-o por algum tempo: olhos azuis, cabelos claros e calvo, barriga proeminente. Reflito se é assim que ficará Max dentro de alguns anos, visto que não há como negar o quanto são parecidos, pelo menos fisicamente.

— Preciso do meu emprego — respondo a ele, nervosa.

Acho que manter minha mente ocupada é a única forma de eu não enlouquecer.

— Não é uma sugestão, Penelope — diz, com a voz seca — É uma ordem.

Quando ele se retira, encosto minha cabeça na mesa fria. Que ótimo! O que eu faria agora com tantos dias vazios à minha frente?

Começo a arrumar minhas coisas e, antes que eu termine, a assistente do Departamento Pessoal surge em minha sala com os documentos referente às minhas férias antecipadas em mãos. Assino-os rapidamente e não demoro a sair dali. O banco não fica longe da minha casa, então fiz o caminho de volta andando, como nesta manhã.

Encontro alguns conhecidos da igreja no percurso até minha casa. Poucos são mais corajosos e tentam me dar conforto como se, em vez de ter perdido um futuro marido, eu houvesse ficado viúva. Parece-me que, aos olhos dessas pessoas, em sua maioria senhoras, eu havia me tornado inapta para qualquer

outro homem. Eu gostaria de poder dizer a elas que outro homem não está em meus planos tão cedo. Não me livrei de uma prisão para afundar-me em outra, já bastava meu pai sufocando-me o tempo todo.

Passei o resto da tarde em meu quarto, concentrada em um dos meus romances clássicos preferidos: Emma, de Jane Austin. Uma personagem com a qual me identifico, não por me achar parecida com ela, pelo contrário, gostaria de ser tão engenhosa quanto Emma e tomar as rédeas da minha própria vida. Ao invés disso, deixo-me levar pela maré, como tenho feito sempre.

Meus pais não se mostraram muitos surpresos por Wade ter-me forçado as férias goela abaixo. A surpresa seria, de acordo com meu pai, ele me manter no emprego.

Para a felicidade do meu pai e infelicidade minha, serei obrigada a passar mais tempo na igreja do que gostaria. Não que eu não goste de lá. Gostava de ministrar as aulas dominicais às crianças e cuidar do coral infantil. Sempre gostei muito das crianças e elas parecem gostar de mim também. Mas passar a maior parte do meu dia com as senhoras da igreja e seus conselhos não farão os meus dias mais suportáveis.

O que eu gostaria é de andar pela orla da praia, quem sabe testar os meus dons para pintura ou simplesmente apreciar o mar. Seria menos tedioso.

No final de semana seguinte, encontro-me em uma pequena sala, nos fundos da igreja. É um quartinho usado para guardar objetos de decoração e figurinos de teatro, que, às vezes, acontecem na igreja. Estou encoberta em meio às araras de roupas, quando duas garotas entram.

— Soube que Max voltou para a cidade, casado com a jovem que ele fugiu — uma delas solta um risinho. — Parece que o pai dele aceitou o casamento e dará uma festa e tudo.

— E a Penelope? — a outra pergunta.

— O que tem aquela metida de nariz em pé? — pergunta a garota de forma ferina. — Acho bem feito! Sempre se achou melhor do que todo mundo, mas veja só, Deus é justo.

— Mesmo ela sendo uma metida, eu tenho dó. Ficaria arrasada se fosse comigo — afirma a outra garota, um pouco menos venenosa. — Deve ser constrangedor, Teresa.

Teresa Silver nunca foi simpática comigo e sempre repeliu minhas tentativas de aproximação.

— Cada um tem aquilo que merece, Angelita.

Essa, quando Teresa não estava por perto, respondia às minhas perguntas sempre que eu conseguia pegá-la sozinha, o

que era raro. As duas andavam juntas como unha e carne. Confesso que, algumas vezes, cheguei a sentir inveja da amizade delas, embora, em várias ocasiões, eu cheguei a notar que, na maior parte do tempo, Angelina era manipulada pela amiga autoritária.

Minhas mãos tremem tanto ao ouvir o que elas dizem que o chapéu que eu estava segurando desliza das minhas mãos, revelando meu paradeiro. Saio de trás da arara e tento estampar uma expressão neutra.

— Meu pai disse que a peça desse mês será sobre Jó. — murmuro, fingindo indiferença, como se as palavras delas não tivessem me ferido.

Não sobre o fato de Max ter retornado à cidade casado com outra, mas pelo o que pensavam de mim.

Uma delas parece envergonhada — Angelina, a mais baixinha, de olhar simpático. A alta, com cara de cavalo, encara-me com indiferença.

— Que eu saiba, é sobre Noé — diz. — Mas talvez devêssemos falar sobre Salomé. Vamos, Angelita, temos muito o que fazer.

Elas saem apressadas, e eu continuo ali por algum tempo. Esse passou a ser o meu refúgio preferido na igreja.

Sempre há uma quermesse antes do Natal para arrecadar fundos para a igreja. Eu, repetidamente, fico encarregada da barraca dos doces. Esse ano não será diferente. Nos últimos anos, Max havia ficado comigo, mesmo que, na maior parte do tempo, ele permanecesse calado e aborrecido.

Hoje estou sozinha e serei obrigada a enfrentar todos os olhares e risinhos em minha direção. Quando eu era somente a filha nojenta do reverendo, era mais fácil lidar com as pessoas. Agora, passei da garota intragável para a coitada que tinha que conviver com o ex-noivo e sua nova esposa.

Os piores momentos eram quando apareciam no culto. Sim, eles começaram a frequentar a igreja. Meu pai os tratava como ovelhas perdidas, que retornaram ao rebanho, já que não há o que fazer e os Wade ainda são uma família poderosa. E o importante é que Max havia corrigido seu erro, tornando-se um homem decente. Essas foram as palavras do meu pai, após a primeira aparição do mais novo casal.

O que eu sei e pude notar em seus olhares aborrecidos é que os pais de Wade os obrigavam a isso, pois nenhum dos dois pombinhos parecia feliz ali. E, sempre que eles cruzavam meu caminho, eu sentia todos os seus olhares em minha direção. A pior parte era quando tinha que acompanhar o coral e era obrigada a encará-los de frente com todas as outras pessoas.

Muitas vezes, eu senti vontade de fugir. Primeiro, eu daria um belo tapa no rosto do Max, daria boa sorte à sua nova esposa e diria umas boas verdades a todos os membros presentes na igreja. Perdi as contas de quantas vezes fantasiei sobre isso, enquanto fingia cantar.

— Querido, quero um pedaço de torta de maçã — ouço a voz que começou a ficar conhecida para mim.

Abaixei-me para organizar os isopores embaixo do balcão, portanto, não estou totalmente visível a quem estivesse do outro lado da barraca. Por alguns segundos, tenho a propensão de continuar abaixada até eles desistirem e irem embora, mas, se há uma coisa que eu provei até aqui, é que não sou uma pessoa covarde. Além disso, cedo ou tarde, esse encontro teria que acontecer.

— São cinco dólares — informo a ele, levantando-me enquanto remexo nos talheres e pratos descartáveis. — Como vai, Max?

Ele parece incomodado e constrangido com a minha presença.

— Olá, Penelope — murmura. — Essa é Harriet, minha...

— Esposa — concluo por ele.

É decepcionante que a esposa dele tenha o mesmo nome que uma das personagens do meu livro favorito. É como se a vida quisesse zombar de mim o tempo todo. Seria impossível

conseguir esquecer essa Harriet para sempre.

— A torta é especialidade da Sra. Falcon — sorrio, gentilmente, ao entregar o pedaço exagerado de torta à jovem de olhar desdenhoso.

Parece que me vê como uma ameaça. O porquê não faço a mínima ideia, afinal, quem carrega a aliança e o nome dele não sou eu.

Estudo-a por alguns minutos enquanto Max tira o dinheiro da carteira. Lembro de já tê-la visto pela cidade, uma vez ou outra. Harriet havia mudado bastante: as roupas sensuais e maquiagem extravagante haviam desaparecido, dando lugar a uma cópia recatada e elegante de minha ex-sogra.

— Fique com o troco — Max fala, ao me ver contar as moedas no caixa.

— Obrigada.

Quando eles se afastam, eu não sinto tristeza ou humilhação. Na realidade, tenho um pequeno vislumbre de como teria sido minha vida ao lado dele, e sinto-me feliz por ter escapado disso a tempo. Então, mesmo ainda sendo alvo de metade da cidade, Max havia me feito um grande favor.

Penso, cada vez mais, sobre a oferta que tia Lola me fez. Meu pai já não parece tão bravo. Claro, as pessoas disfarçam bem perto dele e minha mãe aparenta estar mais conformada em não ter mais um passe livre dentro da alta sociedade, afinal de contas,

esse nunca foi nosso mundo mesmo.

Uma hora depois, Angelita veio ocupar meu lugar para que eu pudesse ir ao banheiro. Nos dias que decorreram àquele inconveniente, eu tentei me aproximar mais dela, visto que era um pouco mais sociável que Teresa. Não fizemos muito progresso, já que a amiga dela sempre estava presente, como um cão de guarda. Mas há um clima um pouco mais ameno entre nós duas, embora ela ainda me olhe com certa desconfiança.

— Volto em alguns minutos — informo a ela, tirando o avental.

— Por favor, não demore — pede-me, encantada com a travessa de doces. — Senão, quando voltar, não encontrará mais nada.

— Deus nos ajude! — Digo, entrando na brincadeira. — Meu pai nos mataria, com toda a certeza.

A peça de Natal já havia começado, portanto, tive que esperar apenas que duas pessoas desocupassem um dos banheiros.

Ao sair, lavo minhas mãos e meu rosto na pia. Quando me

ergo, deparo-me com Harriet atrás de mim, observando-me.

Ela caminha até a pia ao meu lado e me olha com certa indiferença.

— Deve ser humilhante para você ter que lidar com todas as fofocas, esbarrando comigo quase todos os dias — sorri falsamente. — Mas quero que saiba que Max e eu nunca quisemos magoar você, Penelope. Estamos perdidamente apaixonados e agora que teremos um filho...

— Você está grávida? — pergunto a ela, surpresa.

Eu sei que alguns recém-casados gostam de iniciar suas famílias rapidamente. O casal Cohen havia tido seu primeiro filho um pouco mais de um ano após o casamento, mas Max e Harriet estão casados apenas há alguns dias.

— Foi o que nos levou a fugir e Maxwell a enfrentar o pai dele para ficarmos juntos.

Faz sentido. Por isso, ele não tinha cancelado o casamento antes, talvez tenha descoberto apenas há alguns dias ou horas antes da cerimônia. De qualquer forma, isso não justifica seus atos egoístas. Max engravidou outra mulher enquanto ainda estávamos noivos. Havia sido traída duplamente.

— Será ainda mais humilhante ter que conviver com o fruto desse amor — continua, fechando a torneira. — Seria melhor para você deixar a cidade por algum tempo.

Observo-a sair, satisfeita pelo veneno que jogou sobre mim.

Eu acreditei que as coisas ficariam tranquilas, e que, com o tempo, as pessoas escolheriam um novo alvo de fofoca, mas agora vejo que receberiam um novo arsenal para suas vidas fúteis por longos nove meses.

Eu tentei, com afinco, superar tudo isso de cabeça erguida, mas o quanto disso vale a pena? Não há nada nessa cidade que me prenda aqui. Meus pais seguem suas vidas, e eu sou a única a me torturar e a ser torturada o tempo todo.

De um jeito maldoso ou não, Harriet tem razão. O melhor que tenho a fazer é deixar essa maldita cidade e os fofoqueiros de plantão. Embora eu adore o charme e a beleza de Edgartown, não há mais nada que possam me oferecer aqui, além de novos ressentimentos.

O que eu preciso é de uma cidade nova, pessoas desconhecidas, que não me veriam como a filha do reverendo e nem como a noiva abandonada no altar.

E, na manhã de Natal, na mesa do café da manhã, com minha carta de demissão em mãos, anuncio aos meus pais a minha decisão de passar uns dias em New York com tia Lola. Para meu pai, foi um verdadeiro ultraje. De forma alguma ele quis

aceitar que eu fosse fazer companhia à minha tia, arriscando-me a ficar ainda mais corrompida. Ele até me ameaçou, declarando que eu não precisava voltar para casa se seguisse com meus planos, mas manteve-me irredutível.

No dia seguinte, de malas prontas, sozinha e sem me despedir, segui para o aeroporto. Apesar de sair da cidade com a minha relação estremecida com meus pais, estou extremamente feliz, como não estive há muito tempo.

Lola busca-me no aeroporto. Enquanto ela dirige, diz o quanto eu iria amar New York, principalmente o bairro onde ela mora.

É curioso que eu nunca tenha vindo visitá-la, mas, para meu pai, essa cidade é o centro da perdição, o que me faz gostar ainda mais daqui.

O prédio de tijolos marrons de três andares, onde fica seu apartamento, é incrivelmente charmoso.

Brooklyn Heights é um bairro de natureza peculiar e charme cordial. As ruas são alinhadas com uma maravilhosa mistura de arenito, semelhantes ao estilo grego ou gótico, que dá a ele um ambiente histórico de New York.

— Brooklyn Heights também foi palco de figuras importantes da história literária, incluindo a residência de Thomas Wolfe, W. H. Auden e Arthur Miller, e atualmente Norman Mailer — narra Lola, com orgulho, enquanto subimos a

escada que nos leva para dentro do prédio. — Vai da Avenida Atlântica, Rua Clinton até o East River. Lá você poderá apreciar uma vista espetacular do horizonte da cidade de Manhattan, há playgrounds e townhouses maravilhosos.

Paramos em frente à porta de madeira branca e, quando ela se abre, parece que um mundo novo está sendo oferecido a mim.

— Brooklyn Heights é considerado o primeiro subúrbio da nação e o mais elegante. Fica apenas a cinco minutos de metrô do centro de Manhattan, é uma área bem localizada, ideal para quem busca conforto e as conveniências de viver em Manhattan, só que com preços bem mais acessíveis — continua Lola ao atravessarmos a porta que dá acesso ao prédio. — Paguei metade do imóvel com minhas economias, e o Sr. Durant financiou o resto. Ele tem um coração de ouro embora queira aparentar o oposto. O problema é que não confia muito nas pessoas, nas mulheres para ser mais específica. Também, com aquela esposa maluca, quem o culparia por isso?

É espantoso que não me sinta assustada com essa cidade gigante, cheia de luzes e magnetismo. Para uma garota criada e enterrada em uma pequena cidade como a minha, New York deveria parecer assustadora, mas sinto exatamente o contrário.

Pareço uma criança, encantada ao me deparar com as luzes e a magia do circo. É como se eu tivesse encontrado meu lugar no mundo pela primeira vez. Algo dentro de mim diz que minha vida está prestes a mudar, completamente.

Capítulo 3

Adam

Antes de sair do elevador que me leva à cobertura, reservo dois a três segundos para encarar a placa que leva meu nome e as salas que se espalham pelo andar após a recepção.

Crighton Advogados — informa a placa prateada na recepção.

Sou o primeiro a chegar, como de costume. Passo pela mesa de minha secretária, ainda vazia, dou um breve olhar em meu relógio de pulso e cálculo que ela deva iniciar suas atividades em meia hora.

Entro em minha sala, e, como em todas as manhãs, através da janela de vidro que pega toda a parede atrás da minha mesa,

sou presenteado com a paisagem e energia de uma Manhattan esplendorosa.

Passeio os dedos pela madeira antiga, datada do século IX, antes de acomodar-me na cadeira que completa o jogo. A mesa, recentemente restaurada, foi adquirida em um leilão, quando fui a um encontro com uma das minhas últimas conquistas.

A peça pertenceu a um Sheik com fama de mulherengo. Não foi a história fantasiosa, contada pelo leiloeiro, sobre o Sheik depravado, que usava a mesa como cama, que me atraiu, mas a beleza e resistência dela, além de possuir uma elegância singular, exatamente como tudo à minha volta — possui resistência e, ao mesmo tempo, sutileza.

Volto a olhar em torno da sala, satisfeito. Orgulho-me de quem sou e tudo o que conquistei.

Após aquele dia fatídico que vitimou Cecília e meu filho, dediquei-me com afincos aos estudos e, posteriormente, ao trabalho. Dois anos depois, eu estava formado e trabalhando sob a supervisão do professor Peterburg que, apesar de claramente admirar e confiar em minha capacidade como advogado, também sempre exigiu muito de mim.

Há dois anos, fui convidado para ser um dos sócios em seu escritório, convite que recusei, prontamente. Embora ele tenha ficado, de certa forma, decepcionado, entendeu os meus motivos. Eu queria construir o meu nome, o meu próprio escritório, o meu império. Algo que meu pai e minha família pudessem sentir

orgulho. Era mais do que um sonho conquistar tudo isso; era minha obrigação, meu dever acima de tudo. Não foi por isso que duas vidas haviam se extinguido?

Nos dois anos seguintes, o escritório havia ganho causas importantes, eu havia vencido batalhas judiciais praticamente perdidas. Quanto mais difícil parecia o caso, mais atraente se tornava para mim. É o desafio que me move e me impulsiona.

Aliado a isso, há o fato de que me uni a profissionais brilhantes, em sua maioria, colegas com quem estudei. Juntos, fizemos, em pouco tempo, que meu escritório se tornasse um concorrente de peso, incomodando os mais antigos e tradicionais escritórios da cidade. E uma das coisas mais importantes que aprendi com o professor Petersburg era trabalhar com os profissionais mais competentes.

Minha mais recente aquisição no escritório é Savannah Hernandez, especialista na área criminal, que vem realizando um trabalho excepcional e invejável. Savannah é brilhante.

— Já está aqui?

Minha secretária entra com algumas pastas e a agenda do dia em suas mãos.

— Temos auditoria na DET hoje, lembra? — espalho as pastas sobre a mesa, separando-as por ordem de importância. — É a última audiência da Steel Sky contra Morrison.

— Atualizei todos os horários no aplicativo — Grace

caminha até mim.

Tenho uma visão privilegiada de seus seios no avantajado decote de sua blusa, quando ela se inclina na mesa para depositar a pasta preta.

— E esse é o convite para a festa de fim de ano da DET — ela balança o convite branco com letras douradas diante dos meus olhos, como se fosse bilhetes de loteria. — Eu já posso escolher o vestido?

Escoro-me na cadeira para apreciar suas pernas quando ela se senta na quina da mesa, abrindo as pernas de forma sedutora.

— O que a leva crer que eu levarei você?

Nós tivemos um caso há alguns meses. Transamos muitas vezes nessa mesma sala, após um longo e cansativo dia de trabalho. Foi meio que impossível fugir do velho e conhecido clichê “chefe e secretária”. Arriscado? Eu sei, afinal, ela poderia usar isso contra mim nos Tribunais, mas eu gosto do perigo. Sinto-me como se eu estivesse me testando a cada segundo. Como se eu fosse minha própria bomba relógio, prestes a explodir. Mas rápido como começou, nosso caso teve um fim. A verdade é que o trabalho, as festas e as mulheres deixaram de ser algo atraente após algum tempo. Passaram a ser algo natural no meu cotidiano.

No trabalho, poucos casos me chocam. Na vida pessoal, nenhuma mulher me impressiona além do habitual. Elas sempre

queriam uma das duas coisas: sexo louco ou um pedido de casamento — eu fico com a primeira opção.

— Tem algum tempo que não sai com ninguém — diz ela, dengosa, enquanto mexe em minha gravata. — Eu fui com você ano passado, lembra?

Como poderia esquecer? Foi após aquela festa que transamos pela primeira vez. Grace havia acabado de ser contratada por mim. Estava empolgado e eu, cínico demais com as conquistas do escritório, tudo o que eu queria era exibir uma linda mulher em meus braços, já que a modelo com quem eu saía na época havia cruzado o limite de amante para possível futura esposa. Então, eu a havia dispensado sem pestanejar, algo que ela não ficou nada feliz, e fui obrigado a pedir uma liminar para que ficasse longe de mim.

Quanto à minha secretária? Grace é atraente, isso é inegável. Morena, olhos amendoados, pernas torneadas e seios fartos: o perfil de mulher que me agrada, dentro e fora da cama — além de, na época, estar disponível e receptiva.

— Grace... Já conversamos sobre isso — seguro a mão dela, impedindo-a de introduzir seus dedos dentro da minha camisa. — Foi divertido por um tempo, mas você sabe que eu não tenho nada a oferecer a você.

Nunca a enganei ou fiz falsas promessas a ninguém. O casamento nunca fez parte dos meus planos, com ela ou qualquer outra mulher. Além disso, nunca permiti que a relação se

aprofundasse o suficiente para isso.

— Eu não estou pedindo nada, Adam.

— Dr. Crighton — falo com a voz arrogante. Quem liga?

— É apenas uma festa onde nós dois podemos nos divertir.

— Com a ponta do sapato, ela incita meu pênis.

Esse é um jogo perigoso. Ela é minha secretária e, até o momento, estou satisfeito com o trabalho dela. Por outro lado, somos adultos e o que fazemos fora do escritório não é da conta de ninguém. Aliás, até o que fazemos no meu escritório não é da conta de ninguém. Essa é uma das vantagens de ser o sócio majoritário.

Se Neil tivesse conhecimento do teor dos meus pensamentos, me arremessaria janela a fora, apenas com um olhar fulminante. A política dele é: nunca se envolva com uma funcionária. Ele nem mesmo aprovava esse relacionamento entre eles.

— E o que o seu namorado pensa sobre isso? — pergunto a ela.

— Não estamos mais juntos — ela desliza pela mesa e vem parar em meu colo, de frente para mim. — Eu conheço as regras, não se preocupe.

— Grace... — sussurro quando ela abre o cinto e desliza o zíper, tomando meu pau em suas mãos. — Seria lamentável ter que despedir você.

Não me refiro ao sexo que estamos prestes a fazer em minha sala, mas sobre a linha que eu havia demarcado há muito tempo. Nada de envolvimento afetivos!

— Eu vou garantir que não seja necessário — geme ela, antes de se erguer e deslizar a calcinha rendada por suas coxas.

— Espere! — Paro-a no meio do caminho até meu pau, que já está pronto para uma boa foda com ela. Abro a gaveta e tiro um preservativo de lá. — Não sem isso!

Rasgo a embalagem laminada com os dentes e, em alguns segundos, tenho-a cavalcando sobre mim. Não posso negar, sexo é bom, muito bom e adoro uma boa foda.

Com ela enroscada em minha cintura, afasto as pastas, jogando-as no chão. Deito-a sobre a mesa e me inclino sobre seu corpo, marcando sua blusa preta de seda com chupões molhados em seus seios. Fodo-a como ela quer, de forma pujante, quase violenta.

Sinto que meu corpo precisa disso, mas minha mente está muito longe — apesar do ato prazeroso, é quase automático.

— Adam! — Ela geme meu nome, atordoada. — Isso, querido! Com força!

Apoio seus pés em meus ombros e tomo-a com mais força. Abdiquei da vida matrimonial, mas não me transformei em um monge. Gosto e faço sexo, dando e recebendo prazer. Depois do meu trabalho, transar com uma mulher é a melhor parte do meu

dia, ainda que, nos últimos meses, tenha ficado tudo ainda mais mecânico. Fugir de sentimentos acaba nos transformando em alguém vazio, numa pessoa que já não reconhecemos mais.

O celular em minha mesa toca, misturando-se aos gemidos dela. Reconheço o número na tela e, apesar do olhar indignado de Grace, eu atendo, colocando o aparelho no viva-voz.

— Adam! E aí, seu grande filho da mãe! — A voz de Peter ecoa do outro lado da linha. — Estou de volta. Sentiu minha falta?

Peter esteve na Espanha fechando um contrato importante para sua empresa de segurança e investigação.

Ordeno com o dedo para que ela fique em silêncio e volto a me afundar dentro dela, deslizando suavemente de dentro para fora. A sensação de prazer leva-me a fechar os olhos, desfrutando o momento.

Vejo-a morder seu pulso e revirar os olhos quando dou uma estocada mais intensa.

— Pensei que as espanholas fossem conquistar você — murmuro, impressionado com meu autocontrole em fodê-la e falar com ele ao mesmo tempo. Pensando bem, a ideia de ter outra pessoa sendo testemunha de algo tão íntimo é excitante.

Quando percebo que ela já não é capaz de segurar os gemidos, pressiono minha mão em seus lábios e aumento a velocidade em meu quadril.

— São gostosas, mas ninguém me conquista tão fácil assim — diz ele, cheio de marra. — O que anda fazendo?

— No momento... — sussurro, com a voz rouca. — Fodendo minha secretária em cima da mesa.

Vejo-a se contorcer e agarrar a borda da mesa. Eu fecho meus olhos e deixo-me levar pelas ondas de prazer que estão dominando meu corpo.

— Se eu não soubesse o maníaco por trabalho que você é — ironiza ele. — Diria que está fodendo-a no sentido literal.

— Isso! — Gemo com prazer, ignorando-o enquanto me junto a ela em um prazeroso orgasmo. — Caralho, isso é bom.

Um silêncio instaura-se do outro lado, por alguns segundos. Apoio a cabeça entre os seios dela, enquanto me recupero.

— Filho da puta! — Exclama ele. — Está mesmo comendo sua secretária na sua mesa?

— Claro que não — limpo a garganta antes de falar com ele.

— E esses gemidos? — pergunta ele, desconfiado.

Foi interessante comê-la com ele na linha, mas não iria expô-la dessa forma. Não seria decente da minha parte. Ainda mais que, frequentemente, Peter vem ao meu escritório e não perde a oportunidade de paquerá-la. Se Grace dará ou já deu uma chance a ele, é uma escolha dela, mas não preciso nem vou fazer com que ela pareça uma vagabunda. Meu conceito é que as

mulheres têm o direito de aproveitar tanto do sexo quanto os homens, sem ter que serem taxadas de fáceis ou ordinárias.

— Queria provocar você! — Imito meus gemidos anteriores e começo a arrumar minhas roupas.

— Babaca! — Provoca ele. — Seria um grande avanço se fizesse isso. Acho que, em questão de chatice, você só perde para o Neil.

Não somos chatos, ele sabe disso. Somos seletivos e não enfiamos nosso pau na primeira vagina que vem pela frente, como ele.

— Você precisa de um médico, Peter — falo, com calma. — Isso não é normal.

— Já tenho um analista — responde ele. — Hoje preciso de uma boa transa, por isso liguei.

— Quer transar comigo? — ouço a risada do outro lado e levo um tapa de Grace.

— Encontro você na boate hoje à noite — diz ele com a voz melosa. — E não se atrase. Odeio esperar pelos meus homens.

Caio na risada e observo Grace ajeitar suas roupas.

— Estarei lá — informo a ele, que desliga em seguida.

Penso na amizade que havíamos desenvolvido. Conheci-o através de Neil e não demorou muito tempo para termos construído uma sólida amizade. As noites de pôquer, os negócios

que, de certa forma, nos unem, e o fato de nenhum de nós estarmos interessados em compromisso solidificaram ainda mais nossa amizade. Compreendemos uns aos outros e não fazemos críticas.

— Então, vai me levar à festa? — pergunta Grace, recolhendo as pastas do chão.

— Essa foi a forma que encontrou de me convencer?

— Não — ela sorri, maliciosa. — Gosto de fazer amor com você.

Eu não me alterei com o que ela disse. Não fizemos amor, transamos. Isso é desnecessário, ela sabe. Contudo, se Grace precisa romantizar o que houve, não vejo problema algum, desde que não crie falsas expectativas sobre nós dois.

— Obrigado Grace... Sexo de manhã — digo cínico e aperto o nó da gravata. — É mesmo relaxante.

— Que bom que está satisfeito — afirma, orgulhosa de si mesma. — Isso quer dizer um sim?

— Quer dizer que irei pensar — respondo, pegando uma das pastas pretas da minha mesa.

Não gosto que joguem comigo e muito menos que usem o sexo para me convencer de alguma coisa. Por esse motivo, não tenho o menor remorso em protelar minha resposta. Ela quis sexo e eu o dei a ela. Foi bom para os dois, porém, quanto à festa, preciso mesmo pensar se a levarei ou não. Talvez sim.

— Mas Adam...

— Traga café quando voltar, Grace — interrompo-a e concentro-me no processo à minha frente.

Ouçõ a porta bater e, instantemente, mergulho na pilha de trabalho em minha mesa. O que aconteceu há poucos minutos se foi completamente, e agora minha atenção está totalmente focada nos documentos.

Chego à minha casa por volta das sete. Apesar da audiência no Tribunal ter sido cansativa, saí de lá com mais uma vitória e um novo vazio. Era sempre assim: dedicava-me ao máximo e, quando acabava, minha vida parecia não ter sentido ou rumo a seguir.

Entro na sala vazia. Em cima da mesinha de centro há um recado de minha empregada, informando que tem comida congelada na geladeira e que havia pegado minhas roupas na lavanderia. Jogo o bilhete de volta na mesa e subo as escadas em passos largos.

Adquiri essa propriedade assim que a vi, há dois anos. Não é uma mansão, mas o estilo vitoriano havia me conquistado.

Além disso, uma família pequena poderia viver confortavelmente aqui. No andar inferior, há cozinha, sala de estar, jantar e meu escritório. No andar superior, há uma suíte e dois quartos de hóspedes.

Ainda não sei por que escolhi uma propriedade tão grande para um homem sozinho. Seria mais fácil e menos trabalhoso morar em um apartamento menor, afinal, passo pouco tempo em casa, de qualquer forma. Mas gosto daqui e, há mais de um ano, venho protelando a intenção de vendê-la. Também há as noites de jogatinas que eu e os rapazes revezávamos um na casa do outro. Geralmente, bebíamos demais para sair dirigindo, então quartos extras são bem-vindos. No fim, a casa servia para algum propósito.

Tomo um banho rápido, visto-me de forma casual, pego as chaves que havia jogado no balcão do bar e saio em seguida. Chego à boate exclusiva e entrego a chave do carro para um manobrista. Apenas as pessoas mais badaladas frequentavam ali, havia sempre uma fila gigantesca na porta. Graças a Peter e aos seus contatos, tínhamos entrada VIP.

Eu creio que ele tenha saído com metade da cidade, mas o impressionante é que nenhuma dessas mulheres demonstra rancor em relação a ele. Diferente de mim, pois elas geralmente querem me matar com o fim do que eu poderia chamar de relacionamento. Algo que não entendo, pois sempre sou claro em relação a elas.

— Pronto para se divertir? — Peter encontra-se comigo na porta. — A casa está cheia hoje.

Com um movimento de cabeça, cumprimento Neil ao seu lado e olho ao redor. A pista de dança está em fervorosa e o bar lotado de pessoas. Antes que eu possa responder, Peter indica a direção e logo estamos na mesa reservada para nós três.

Um grupo de mulheres passa por nossa mesa soltando risinhos e olhares sugestivos, enquanto caminham para a pista que brilha sob as luzes multicoloridas.

— Então, Neil? — Peter grita por cima da mesa, indicando as jovens que dançam de forma sensual. Duas são mais atrevidas e acariciam uma a outra, deixando alguns homens à sua volta alucinados. — A loira ou a morena?

— Por que eu tenho que escolher uma? — pergunta ele, colocando o copo intocado na mesa. — A noite está apenas começando.

— Rapazes, vamos à caça — Peter sorri e segue o mesmo caminho que Neil.

Outra noite, outras garotas, mais sexo. Mais um dia da minha vida.

Capítulo 4

Penelope

O apartamento de Lola é confortável e muito bonito. Com uma sala aconchegante, uma cozinha pequena, mas muito prática, e dois quartos. Ela me informa que duas vezes por semana uma senhora vem cuidar do trabalho mais pesado e o resto da limpeza ela conserva como dá. Pelo pouco que observei, Lola faz muito mais do que isso, pois o lugar está impecavelmente arrumado. O que mais me chama atenção são as plantas por todos os lados. Isso dá mais leveza e cor ao lugar.

Ela ordenou para que me sentisse em casa assim que entrei e foi exatamente assim que eu me senti — em casa. Talvez porque, com Lola, eu possa ser eu mesma, sem me preocupar

com quem poderá estar me observando ou analisando cada passo que dou.

É esquisito não ter que ouvir o tempo todo: *Não faça isso, Penelope; Troque essa roupa, Penelope; Olhe para frente; Não fale com ela; Quando você irá chegar em casa?; Onde você esteve?*

— Por que não desfaz suas malas e descansa um pouco? — pergunta Lola ao me ver parada no centro da sala. — Podemos sair para jantar e eu vou te mostrar um pouco da noite de New York.

— Ah, não precisa se incomodar, Lola— digo a ela, apressada. — Não vim para dar trabalho a você. Só preciso de um tempo longe dos meus pais e daquelas pessoas.

— Querida, eu não consigo imaginar o que tem passado. Mas existe um mundo novo diante de seus olhos — ela me abraça pelo ombro. — Você é bonita e muito inteligente. Merece muito mais da vida do que se enterrar naquela casa com seus pais. E não é incômodo algum. Estou feliz que esteja aqui, fazendo-me companhia.

Caminhamos juntas para o quarto que eu irei ocupar e que já pertenceu a Paula, filha dela.

— Prometo um bom restaurante e um pequeno tour pela cidade — continua ela, com a voz bem-humorada. — Quanto às baladas, ficarei devendo, estou velha demais para isso. Mas logo você fará novas amizades aqui e poderá conhecer as casas

noturnas interessantes da cidade... Quem sabe um homem lindo?

Eu poderia dizer a ela que eu não tinha antigas amigas em Edgartown e que aqui, provavelmente, se eu pudesse, teria as primeiras amigas da minha vida. Quando penso sobre isso, vejo o quanto minha vida tem sido solitária. Tudo o que tive foi a presença constante dos meus pais. Meu pai dizia que os melhores amigos que eu poderia ter eram eles. Bem, eu acreditei. Nunca questioneei isso, afinal eles me amavam e as outras garotas nunca se aproximavam o suficiente para que eu pudesse confrontar essa teoria.

Em relação ao homem lindo, isso sim eu dispenso. Não agora que, pela primeira vez, sinto o gostinho da liberdade salivando em minha boca. Não mesmo!

O quarto de paredes amarelas ainda conserva alguns resquícios de uma adolescente sonhadora. Na parede, há alguns pôsteres com fotos do Brad Pitt e Johnny Depp. Também foram meus sonhos secretos na adolescência. Acho que são, ainda hoje.

— Pode se livrar dessas coisas da Paula — fala Lola, sentando-se na cama enquanto observava as paredes com nostalgia no olhar. — Já avisei para ela que desse um fim nisso, sempre que vem aqui.

— Eu não poderia fazer isso, Lola — digo a ela, constrangida. — São as lembranças dela.

Sinto como se eu fosse roubar as memórias de alguém. Pelas marcas de batom e os rabiscos nas fotos, minha prima Paula foi uma garota cheia de vida e sonhadora, como qualquer adolescente. Diferente de mim.

Não tive oportunidade de conhecê-la muito bem. Ela sempre passou as férias com o pai ou em acampamentos. Também havia o fato de que ela não gostava muito do meu pai, e o sentimento era recíproco.

— Querida, faça-me esse favor — Lola respira fundo e caminha até a porta. — Ela já encontrou seu próprio príncipe encantado. Deixe o quarto do jeito que você quiser.

Assim que ela se retira, eu começo a desfazer as malas. A cada peça que eu tiro, meus ombros se curvam desanimados. Vestidos, blusas, saias — todos nos tons claros, entre o bege e salmão. Não havia nada colorido ou que pudesse chamar atenção para mim de alguma maneira.

Esse é outro aspecto da minha vida que pretendo mudar. Claro, não usaria nada extravagante como as garotas mais modernas que eu via perambular pela minha cidade, mas daria mais cor ao meu guarda-roupa, um pouco mais de vida. Por sorte, tenho uma boa economia. Nunca fui uma garota de muitos gastos, pois não era necessário e eu tinha tudo o que precisava - outro conselho sábio de papai.

Quando Lola surge na porta uma hora depois, eu já havia removido as fotos, adesivos e cartazes das paredes, colocando-os em uma caixa e guardando em um canto do guarda-roupa. Todas as minhas roupas, exceto um vestido que usarei no dia seguinte, foram colocadas em sacolas e estão em cima da cama para doação.

— O que é isso? — pergunta ela, notando as sacolas empilhadas.

— Gostaria de renovar o meu guarda-roupa — respondo a ela, tímida.

Eu não queria que ela pensasse que eu tinha surtado de uma hora para outra e me enviasse de volta para a casa dos meus pais

— Talvez algo um pouco mais alegre. Você me ajudaria, Lola?

— O que aconteceu com a garotinha tímida que eu conheci? — brinca ela, como se procurasse alguém em volta de mim. — Claro que eu ajudo e amanhã vamos às compras!

— Não vou atrapalhar seus planos? — pergunto a ela, receosa.

— E o que você acha que uma velha como eu faria em pleno domingo?

— Pare de se chamar de velha, Lola — repreendo-a com olhar sério. — Eu gostaria muito de chegar à sua idade tão bem quanto você.

Em seus cinquenta anos, eu posso afirmar que Lola aparenta ser bem mais jovem que mamãe. Talvez seja o seu jeito descontraído ou a forma de encarar a vida, sempre de bom humor.

— Você está pronta? — pergunta ela, medindo-me de cima a baixo. — Céus, garota, solte esse cabelo!

Lola desfaz o coque severo que estou acostumada a usar e os fios caem soltos sobre meus ombros.

— São muito bonitos — continua ela, bagunçando os fios em volta do meu rosto. — Loiros naturais, causarão inveja em muitas garotas.

— Então, talvez eu deva pintar de preto — sugiro, sentindo um arrepio na pele. — Não quero recomeçar com as pessoas me odiando por causa dos meus cabelos.

Estou fugindo de pessoas que me julguem apenas por minha aparência ou por impressões falsas que venham a ter de mim. Esse é um ciclo que preciso desesperadamente quebrar.

— Foi apenas uma forma de falar, Penelope — explica-se, rindo. — Aqui as mulheres são um pouco mais seguras, ou

deveriam ser.

Ela se afasta, analisando-me novamente. Observo-a bater os dedos no queixo, pensativa.

— Seus cabelos são lindos, mas precisam de um pouco mais de brilho — ela sorri, animada. — E não é apenas o seu guarda-roupa que precisa ser mudado. Compraremos maquiagens e teremos um dia incrível no salão de beleza.

— Lola, eu não acho que...

— Fique tranquila — ela pega minha bolsa em cima da poltrona perto da janela. — Estamos na Big Apple, meu bem, aqui tudo brilha. Não faremos nada que tire sua identidade, apenas ficará ainda mais bonita.

Eu confio nela. Tia Lola me conhece mais do que os meus próprios pais. E parece saber de mim mais do que eu mesma. Tenho certeza de que não fará nada para me expor ou magoar. Além disso, ela é uma mulher elegante e educada, menos com meu pai, claro. Mas isso não vem ao caso no momento. O que sei é que estou em boas mãos.

— Nesse caso, não vejo a hora de chegar amanhã — sorrio, feliz.

—Primeiro, vamos nos divertir hoje — afirma ela, conduzindo-me para fora. — Algo me diz que não faz isso há muito tempo.

E ela não estava errada.

Do Brooklyn Heights para Times Square. Eu nunca vi um lugar tão vivo e impressionante como esse. Prédios enormes, com letreiros gigantes, luminosos, que ficam acesos vinte e quatro horas. Há telões exibindo um último lance de um jogo. Pessoas caminhando pelas ruas, admirando a região e outras fazendo compras. Tudo aqui respira a vivacidade de New York. O movimento de pessoas e carros entre a 42th St e 47th St são intensos, e o som das buzinas vem de todas as direções, deixando-me perdida e impressionada ao mesmo tempo. Pessoas indo e vindo, na verdade, um grande e deslumbrante mar de pessoas, de todas as etnias.

A cada dois metros, eu imploro a Lola para pararmos para que possa tirar uma foto em meu celular antigo, logo depois ela praticamente me arrastou até a Apple Store e me fez comprar um aparelho moderno.

Também paramos para fotos na escadaria da TTS, em frente à incrível loja da M&M World, onde comprei muitos doces e uma camiseta com o MM vermelho e seu sorriso torto. Claro, sob o olhar divertido e incrédulo de Lola. O quê? Parece confortável para dormir.

Mas, sem dúvida alguma, a loja da Disney Store foi a que mais me encantou. Foi impossível sair de lá sem uma pelúcia da Margarida, com seu vestido lilás e imenso laço cor-de-rosa. Essa é uma das personagens que mais amo, sem dúvida.

— Garota, você não teve infância? — tia Lola provocou assim que saímos da loja.

Sinto-me como Alice no País das Maravilhas, não, mais do que isso, como uma criança conhecendo o mundo encantado do Papai Noel. Eu me sinto muito pequena em meio a tudo isso, mas de uma forma maravilhosa.

Interrompemos o tour por alguns minutos e tomamos um café na Hard Rock, antes de seguirmos com o passeio.

A tarde passou voando e a noite não poderia ter chegado menos encantadora, com luzes por todos os lados, ainda com a decoração natalina. Uma beleza de cegar os olhos, e encantei-me, ainda, com o show dos artistas nas ruas. New York é simplesmente fascinante.

Escolhemos um restaurante italiano para jantar. Preferi pasta ao molho branco, e após muita insistência de Lola, meio copo de vinho. Ela escolheu espaguete com almôndegas, uma especialidade da casa, acompanhada de vinho tinto.

Enquanto comemos, Lola vai me contando todos os lugares divertidos e encantadores que, certamente, eu deveria conhecer em minha estadia aqui. Ela parece conhecer a cidade de olhos

fechados. Anotei os pontos turísticos mais importantes em um guardanapo de papel, mesmo com ela dizendo que faria uma lista para mim no dia seguinte. Mas eu não quero deixar mais nenhum detalhe da minha vida passar em branco.

Além disso, quero passar alguns minutos em minha cama antes de dormir, sonhando com todos esses lugares incríveis que pretendo visitar em breve. Com toda certeza, eu me diverti hoje mais do que em qualquer outro momento na minha vida.

— Eu gostaria que você me perdoasse, Penelope — tia Lola segura minha mão apoiada na mesa.

Ergo a cabeça para encará-la, sem entender a que ela se refere.

— Como? — pergunto a ela, confusa. — Pelo quê?

Ela respira fundo e desvia o olhar para a janela ao nosso lado. Pessoas de todas as idades vêm e vão: sorrindo, conversando, casais de namorados, amigas com suas sacolas de compras, mães com seus filhos, senhoras idosas. No entanto, o que mais me chama atenção são os olhos marejados e lábios trêmulos da minha tia.

— Eu não entendo, Lola — aperto firme a mão dela.

Ela volta a olhar para mim com tristeza nos olhos.

— Todos esses anos, enquanto observava você crescer, escondendo-se... — ela puxa o ar e acaricia meus dedos. — Sendo sufocada por seus pais. Eu deveria ter feito alguma coisa...

— O que poderia ter feito, Lola? — sorrio para ela. — Papai jamais permitiria que eu ficasse com você, nem ao menos me deixava passar as férias...

— Sim, mas eu sinto que deveria ter feito algo — interrompe-me ela, sentindo-se culpada. — Obrigado a sua mãe a ter um pouco de fibra. E no dia do seu casamento... — ela balança a cabeça. — Sabia que aquilo não daria certo. Rezei muito por você e para que ele não se realizasse, desculpe por isso também.

— Meus pais fizeram o que acharam melhor — asseguro, defendendo-os. Por que, eu não sei. — Eu também nunca fui contra eles. Aquele foi o único mundo que eu conheci e para mim aquilo estava bom.

Dessa vez, sou eu a olhar o movimento da cidade lá fora.

— Ninguém me obrigou a nada, Lola — respiro fundo e volto a olhá-la. — Eu simplesmente aceitei. Assim como meu quase casamento. Eu precisei passar por todas aquelas coisas para tomar as rédeas da minha vida. Não tem por que se sentir culpada, não permitirei isso.

— Sinto que eu falhei...

— Não! — Interrompo-a, veemente. — Hoje foi o melhor dia da minha vida inteira, Lola. Você me acolheu quando mais precisei e me deu novos sonhos. Jamais poderei agradecer.

— Agradeça sendo feliz, Penelope — Lola sorri com carinho. — Seja feliz, não conheço ninguém que mereça mais do que você.

Vou para a cama com a Margarida ao meu lado, minha lista de desejos e as palavras de tia Lola em minha cabeça. Eu nunca senti que pertencesse a algum lugar do mundo ou que alguma parte dele me pertencesse, mas aqui, em New York, tenho a sensação que havia encontrado meu lar.

Acordo com o cantarolar de Lola e o barulho que ela faz ao abrir a janela do meu quarto. Raios de sol invadem meus olhos e pisco algumas vezes. Estou morrendo de sono, passei a madrugada adentro meditando sobre minha vida e fazendo planos para o meu futuro.

Minha tia avisa que o café da manhã está pronto e esperando por mim na cozinha. Também alerta que teríamos um dia cheio e divertido. Portanto, era bom que me levantasse e me aprontasse logo.

Eu quis implorar para que me deixasse dormir um pouco mais. Então, lembro-me de que ela havia tirado seu domingo de folga para passá-lo comigo. Praticamente, pulei da cama, tomei banho e vesti a única peça de roupa em meu guarda-roupa, já que, no dia anterior, havíamos passado em uma igreja pelos arredores do bairro e deixado lá todas as minhas roupas antigas.

Já à mesa, engulo o café da manhã; enfio na boca apenas café com leite e duas torradas. Não quero fazer Lola esperar por

mais tempo, considerando que ela parece mais animada do que eu.

As primeiras lojas que entramos são de roupas íntimas.

— Querida, você pode usar roupas rasgadas e encardidas...
— orienta Lola, passando-me várias peças delicadas e sexys. —
Mas, quando tirar as roupas para um homem, sua lingerie tem que ser divina.

Apesar de eu não ter a pretensão de tirar minhas roupas para ninguém tão cedo, seja ele homem ou mulher, as peças delicadas me encantaram, mesmo que algumas delas pudessem fazer meu pai cometer suicídio. Vislumbrar essa cena me fez escolher vários modelos e até mesmo escolhi um conjunto para minha mãe. Quem sabe ela volte a ser a mulher segura e confiante de antes?

A loja seguinte é a de maquiagens. Somos atendidas por Roger, o maquiador e atendente — gay, de acordo com o sussurro de Lola em meus ouvidos. Não que eu me importe. Não tenho a mente tão fechada assim como as pessoas imaginam. Mas acho que minha tia receou que ficasse chocada demais para disfarçar ou tentasse converter o rapaz. Ele, no entanto, muito simpático, ensinou-me vários truques. Sua opção sexual foi esquecida diante de sua alegria e talento com a maquiagem.

— Sua pele é de pêssego, querida — ele me elogia, tocando meu rosto após finalizar com o blush. — Use sempre esse demaquilante — ele me entrega o vidro. — E, em hipótese

alguma, durma maquiada. Seria um crime aos deuses da beleza estragar esse rostinho lindo.

Tanto Lola quanto eu caímos na risada. Fizemos isso praticamente quase todas as duas horas que permanecemos ali com ele.

O passo seguinte foi irmos às lojas de roupas exclusivas. Tia Lola tem muitas conhecidas e elas nos trataram muito bem. No início, fiquei um pouco preocupada com os preços, quase todas as peças são de grifes famosas.

— Eu não terei dinheiro para coisas como essas, Lola — puxei-a para um canto assim que a vendedora se afasta em busca de algo novo. — São muito caras.

— Relaxa, querida, a maioria é da coleção passada — explica ela, tentando me acalmar.

Eu sempre admirei e invejei as roupas de Lola, mas acredito que, mesmo para ela com um excelente emprego, seria um estilo de vida extravagante, caro e fora do padrão. Será que o motivo dela estar indo para o Texas tem mais a ver com dificuldades financeiras do que ficar perto da filha, agora grávida?

— Deveríamos usar meu dinheiro com coisas mais importantes — afirmo, colocando um vestido que ela me deu de volta ao lugar. — Como pagar algumas contas. Posso ajudá-la e...

— Me ajudar? — ela afastou o olhar de um dos vestidos na arara. — Acha que tenho problemas financeiros?

— Não quero soar intrometida, Lola — tento me explicar a ela, com calma. — Mas se eu posso ajudar você... Essa cidade é muito cara e dispendiosa. Manter esse padrão de vida...

Lola sorri e aperta minhas bochechas.

— Querida, eu tenho um salário invejável — diz ela. — Dinheiro nunca foi meu problema. Deixe eu lhe contar um segredo.

Caminhamos até um dos puffs espalhados na loja.

— Frequentemente, faço compras para o Neil aqui — sussurra ela, sentando-se. — Muitas e muitas vezes.

— Por que a esposa dele não faz isso? — pergunto a ela, curiosa.

Sei que, como secretária dele, ela faz coisas além de organizar sua agenda. Não que ela tenha entrado em detalhes comigo, pois é leal demais para revelar algo sobre a vida íntima do patrão, mas, algumas vezes, eu a ouvi murmurar ao telefone sobre as excentricidades dele.

— Não são para a esposa — ela me responde. — Acho que, por ele, aquela maluca andaria nua. São para, digamos... “Suas amigas”.

Oh! Meu queixo cai e minha boca forma um O perfeito enquanto a encaro. Neil Durant é um homem muito peculiar. Um chefe exigente, mas, ao mesmo tempo, justo e generoso. Um marido infiel, mas um pai exemplar, introspectivo, mas brilhante.

E é indiscutível o carinho que Lola nutre por ele, apesar dessas nuances. Quais outras camadas existem sob a superfície de executivo frio e controlador?

— Tenha certeza de que eu não venho pouco aqui — ela se levanta e segue para outra arara. — Essas garotas ganham muitas comissões, me devem muitos favores. Trouxe muito dinheiro para elas. Acredite, dinheiro não será problema hoje. Agora, prove esse vestido. Acho que será perfeito para a festa de Ano Novo na DET.

— Festa de Ano Novo? — pergunto a ela, surpresa. — Não ia para o Texas ficar com a Paula?

— A mãe do Arthur não anda bem de saúde — informa ela, entregando-me um vestido dourado de rendas. — Achem que talvez seja seu último ano de vida. Então irão para Los Angeles ficar com ela.

— Sinto muito.

— Já que passamos o Natal juntos, resolvi deixá-los mais à vontade com ela — esclarece Lola. — Mas teremos uma festa linda, acredite, eu ajudei a agonizar tudo.

Espero que sim. Pensei que ficaria sozinha no Ano Novo. Agora, tenho uma festa onde estariam as pessoas mais conhecidas e influentes da cidade. As únicas festas que tinha ido fora da igreja eram as realizadas pelos Wade. No entanto, nem se comparam com as realizadas pela DET, muitas delas apareciam

nas colunas sociais, até mesmo na TV. Estou entre animada e coberta de pânico.

— Não faça essa cara de assustada, você irá se divertir.

Mesmo tendo gastado mais da metade das minhas economias, saímos da loja abarrotadas de roupas que jamais sonhei em adquirir, e, claro, o vestido perfeito para a festa, presente de Lola.

Seguimos para o salão de beleza. Eu quis mesmo pintar o cabelo de preto. Minha tia e a cabeleireira recusaram-se a fazer isso. No fim, tenho um belo corte de cabelo em camadas, uma hidratação que deixou meus cabelos ainda mais macios, algumas mechas douradas que, sem dúvida, fizeram uma grande diferença.

No momento, olho para a mulher refletida no espelho do banheiro do meu quarto. Julgo que se voltasse para minha cidade, nesse momento, não teria uma pessoa que me reconheceria.

Cabelos soltos, longos, caindo por minhas costas, com fios brilhantes emoldurando meu rosto oval. As sobrancelhas

perfeitamente desenhadas em curva dão suavidade ao meu rosto, e o batom rosa fosco destaca ainda mais os meus lábios, que sempre achei grossos demais para mim e que, agora, parecem sedutores.

— Está pronta? — pergunta Lola da porta.

— Estou bem? — pergunto, virando-me em direção a ela.

O vestido, apesar de ser preto, tem um decote proeminente entre os seios, além de ser bem justo em meu corpo ao ponto de quase ser impossível respirar. Apesar disso, não chega a ser vulgar, devido ao corte reto. E eu me sinto diferente com ele, como se eu fosse outra pessoa.

— Está linda! — Diz Lola, animada. — Pena que estará apenas com algumas velhas malucas essa noite. Deveria ter pedido a Alice que levasse o sobrinho lindo que ela tem. É um desperdício você gastar uma noite de domingo como essa com mulheres faladeiras.

— Tenho certeza de que me divertirei mais com as mulheres faladeiras do que com o tal sobrinho gato.

Coloco os sapatos e vou de encontro a ela, abraçando-a. Eu não estou pronta para me relacionar com outros homens ainda. Nem sei se, um dia, estive pronta.

As amigas de Lola foram muito simpáticas e receptivas. Uma delas, chamada Aimée, viúva e sem filhos, é professora. As outras duas são irmãs: Pietra e Carolina. Pietra é contadora e Carolina é secretária. Ambas trabalham com minha tia na DET.

A noite foi muito agradável, todas elas cismaram em bancar o cupido comigo. Uma tinha um vizinho charmoso, a outra um sobrinho interessante, e várias possibilidades. Não adiantou muito eu dizer que estou fora da jogada por um tempo. Assim que souberam que eu havia sido abandonada no altar, casar-me novamente virou a meta de suas vidas. Como contrariá-las seria perda de tempo e energia, em poucos minutos me vi compartilhando os seus planos, e culpei o vinho por tal maluquice. Até mesmo dois rapazes vieram à nossa mesa, algo que me deixou bastante encabulada, por causa dos olhares cobiçadores que enviavam a mim.

Definitivamente, eu não devo beber. Está óbvio que minha tolerância para o álcool não é confiável.

— A noite foi muito divertida — Lola ajuda-me a deitar na cama. — Mas não beba assim se estiver sozinha ou sem alguém que cuide de você.

— Desculpe, Lola — soluço, envergonhada. — Não vai acontecer novamente.

— Não se desculpe. Você só está conhecendo o mundo —
ela beija minha testa. — Mas New York é tão perigosa quanto
contagante. Apenas tome cuidado.

Quando ela sai e apaga a luz, eu me vejo pensando em meu
pai e no que ele faria se me encontrasse nesse estado. Com
certeza, tentaria expulsar o diabo em meu corpo com safanões,
xingamentos e sermões que durariam anos, ou me renegaria para
sempre.

Sorrio em meio a esse pensamento rebelde e adormeço com
essa imagem em minha cabeça.

Eu não entendo por que estou tão nervosa. É apenas uma
festa.

Mas a quem eu estou querendo enganar? Não é apenas uma
festa. É “a festa.” As mulheres mais bonitas e os homens mais
importantes estarão lá. É indiferente o fato de que minhas unhas
estão impecáveis, de que meu cabelo brilhe em um penteado
retorcido e elegante, caindo de lado em meu colo, e de que o
vestido seja perfeito. Ele é semitransparente, bordado com fios
dourados, e atenua cada curva do meu corpo de um jeito
romântico e ao mesmo tempo sensual.

No fundo, eu me sinto como uma colegial invadindo uma festa de adultos.

— Como diria o seu pai... — Lola entra no quarto assoviando. Seguindo a tradição, ela usa um vestido branco de saia rodada e decote quadrado. — Jesus Cristo! Está linda, Penelope.

Eu não discordo do que ela diz, e muito menos sou cega. Estou mesmo muito bonita e elegante, mas, ao mesmo tempo, estou insegura, como se tivesse tendo algum tipo de pressentimento. E é essa sensação que faz minhas mãos suarem frias.

— Acho que eu deveria ficar aqui — digo, demonstrando o meu nervosismo. — Eu não conheço ninguém que estará lá, também não quero que banque a babá para mim a festa toda.

— Em hipótese alguma deixaria você aqui sozinha na noite de Ano Novo — Lola senta-se na cama ao meu lado. — Se não quiser ir, ficaremos em casa vendo TV.

Eu sei que Lola faria isso por mim, sem reclamar, mas eu não sou tão egoísta ao ponto de estragar sua primeira noite do ano. Não quando ela havia feito tanto por mim.

— Desculpe por ser tão infantil, Lola — levanto-me, puxando-a comigo. — Estou um pouco nervosa, é somente isso. Já que estamos prontas, vamos a essa festa.

— Assim que se fala, garota — caminhamos abraçadas até

a porta. — Seria pecado desperdiçarmos a oportunidade de usar vestidos tão incríveis como esses. Vamos arrasar alguns corações essa noite.

— Lola!

E saímos rindo.

Chegamos ao local da festa, a casa onde está sendo realizado o evento, e é fascinante. Há muitos fotógrafos lá fora e até mesmo uma equipe de TV, como havia imaginado.

Lá dentro, a decoração predominando entre o branco e o dourado dá um clima alegre e festivo. No palco, uma banda toca algo que eu não conheço. Em frente a ele há uma pista de dança, e algumas pessoas arriscam alguns passos. Ao fundo, as mesas estão espalhadas e demarcadas de forma estratégica.

Mais ao fundo, no salão, há imensas portas de madeira polida e artesanais. Elas dão acesso ao que me parece ser um jardim.

Em nossa mesa está uma jovem chamada Aline, assistente de Lola, ao lado dela um homem que ela nos apresentou como seu irmão. A cada minuto, mais e mais pessoas vão chegando e ocupando seus lugares.

No decorrer da noite, dois ou três rapazes vêm até nossa mesa, convidando-me para dançar. Recusei, apesar dos protestos veementes da minha tia. Primeiro porque não sei dançar, e

segundo porque tenho medo de fazer algum papel ridículo e acabar envergonhando-a perante seus amigos de trabalho. Principalmente agora que o Sr. Durant já havia chegado à festa e começado a circular pelas mesas. Ele passou pela nossa há poucos minutos, acompanhado de uma mulher morena e bonita. Foi impossível deixar de notar como ele é bonito e intrigante.

A festa está no auge agora, falta um pouco menos de uma hora para a contagem regressiva e para um novo ano.

Minha tia conversa animadamente com Aline. Daniel, o irmão dela, insiste em tocar minhas pernas por debaixo da mesa, em meio a uma conversa esquisita e sem sentido. Desde que sentei ao lado dele, recebo seus olhares e indiretas. E minhas recusas para dançar com outros homens parecem ter dado a ele a ideia errada de que eu estou correspondendo suas investidas.

— Por que a gente não vai dar uma volta? — pergunta ele, colocando a mão em minhas pernas outra vez.

— Eu preciso ir ao toalete — afasto a mão dele e me levanto.

Lola me olha intrigada e sussurro no ouvido dela que preciso de um pouco de ar puro.

— Não demore — ela sorri. — Daqui a pouco é Ano Novo.

— Estarei de volta em alguns minutos.

Sigo em direção ao jardim. Alguns abusados e, obviamente,

bêbados seguram meu braço ou tentam agarrar-me pela cintura. Livro-me deles com safanões e olhares ameaçadores.

Somente quando chego ao jardim volto a respirar com tranquilidade. Tirando todos os inconvenientes, estou me divertindo muito. A música, a festa, a comida, tudo está perfeito.

Claro que não bebi, mesmo com Lola ao meu lado. Não seria prudente, ainda mais com Daniel me rondando.

— Achei você! — A voz de Daniel soa atrás de mim. — Deveria ter me avisado antes que queria um pouco de privacidade para nós dois.

Afasto-me da pilastra onde estive apoiada para observar a noite e me viro para encará-lo. Ele é um jovem bonito, não negro — loiro, relativamente alto, olhos castanhos, mas não estou atraída por ele, como ele acredita.

— Olha, você é um rapaz legal, mas...

— Não seja tímida, princesa — ele caminha até mim com passos vacilantes. — Eu sei que está interessada. Por isso recusou todos os homens que se aproximaram de você.

Droga! Outra vez essa história!

— Por favor, me solte! — Tento afastar as mãos grudentas da minha cintura.

Ele está bêbado e sendo inconveniente. O irônico é que não fiz nada para incentivar suas investidas. De forma educada,

tentei repeli-lo, mas nada pareceu surtir efeito. Só quis um pouco de paz e tranquilidade e não um encontro clandestino com ele.

— Eu sei que quer me beijar, docinho — Daniel prende-me mais contra seu corpo.

Não sei o que fazer ou como lidar com ele. Jamais estive em uma situação como essa. Teve a vez em que Max avançou o sinal em minha casa, mas naquele dia eu quis testar meus sentimentos por ele. Além disso, ele era meu noivo e estávamos a dias de nosso casamento. Não era errado, eu acho.

Daniel encontra-se alcoolizado e invasivo. Será que todos os homens que se aproximam de mim precisam buscar esse subterfúgio, ou é apenas uma coincidência? Seja qual for a resposta, eu não gosto da forma abusiva com a qual ele me trata.

— Solte-me! — Exijo quando seu rosto se aproxima do meu.
— Solte-me, Daniel!

Fecho os olhos quando vejo sua boca aproximar-se da minha. O cheiro da bebida, misturado ao meu medo, fazem meu estômago contrair-se. Mas, antes que eu tente afastá-lo outra vez, vejo-o ser lançado para o outro lado e dou de cara com um peito amplo e um homem alto, bem mais alto que Daniel. Subo meus olhos lentamente e deparo-me com um homem incrivelmente lindo. Seus cabelos são negros, ombros largos, em um elegante smoking azul marinho sob medida. Retiro o que disse sobre Neil Durant ser muito atraente porque esse homem à minha frente extrapola todos os estereótipos de beleza. Ele é um verdadeiro

Adônis, que me faria, com toda certeza, tirar milhares de fotos dele e espalhar pelo meu quarto como uma adolescente apaixonada.

— O que está acontecendo aqui? — ouço sua voz irritada e, logo em seguida, estou sendo presa contra o peito musculoso. — Desculpe o atraso, amor, tive que resolver alguns problemas no escritório. Você está bem?

Amor? Escritório? Olho às minhas costas em busca de uma mulher linda e estonteante. Tirando alguns casais mais à frente, não há ninguém além de nós três nessa parte do jardim.

— Quem é você? — pergunta Daniel, com a voz embriagada.

— Sou o namorado dela — diz ele com a voz calma, mas, sem dúvida, ameaçadora. — Esse idiota está importunando você?

A mão dele passeia pelo meu braço, sob a renda do vestido, e meu corpo reage ao toque imediatamente. Fagulhas parecem queimar minha pele.

— Eu... Hã... — minha garganta está seca, tanto que não consigo formular uma frase coerente.

— Desculpe, cara — Daniel me lança um olhar furioso. — Não sabia que ela tinha um namorado. Ela não disse.

— Mas eu... — começo a balbuciar, tentando corrigir o equívoco, mas, quando o homem me vira de frente a ele, rente ao seu corpo, esqueço inteiramente o que ia dizer.

— Saia daqui! — Rosna ele para Daniel, que obedece sem pestanejar.

Enquanto ele observa o outro sair cambaleando, aprecio o rosto quadrado de sobrancelhas grossas, perfeitas e naturalmente bem desenhadas. Olhos castanho escuro, terrivelmente penetrantes. E quando ele sorri como agora... Senhor, tenha piedade de mim, mas ele me faz esquecer do meu próprio nome.

— O que faz aqui fora sozinha?

— Precisava de um pouco de ar puro — lembro de falar, após ficar um longo tempo admirando seu rosto.

Ele balança a cabeça e volta a sorrir para mim.

— E qual o seu nome?

— Penelope — sorrio de volta, como uma boba.

— Charmosa — diz ele, afastando-se e levando as mãos aos bolsos da calça.

Cada movimento dele é como uma dança, meticulosamente ensaiada e sensual.

— Como? — pergunto, atordoadas.

Ele ri e o som rouco faz cócegas em meu estômago.

Droga.

Estou agindo como uma tola deslumbrada. Tudo bem que

ele é o homem mais fascinante que já vi na minha vida, mas existem milhares de homens lindos no mundo.

— Seu nome... — continua ele, dando um passo em minha direção. — Penelope Charmosa, do desenho, nunca brincaram com isso?

Quando eu era pequena e meu pai era um homem divertido e relaxado, sim. Depois, ninguém se atreveria a brincadeiras como essa, não com a filha do reverendo, ninguém seria louco o suficiente.

— Meu pai... Ele gostava... Do desenho — eu explico, piscando e gaguejando ao mesmo tempo, pois estou nervosa com a proximidade dele. — Ironicamente, agora ele odeia... Quer dizer, é um carma que ele...

— Por quê? — outro passo em direção a mim. — É tão charmosa quanto ela. Não... Seria mentira dizer isso, é muito mais fascinante.

— É... Complicado — respondo com a voz vacilante. — Ele já não aprecia desenhos infantis.

— Então, ele não ficará irritado se eu for o seu Tião Gavião.

A comparação leva um sorriso aos meus lábios. Silvestre Solução é o homem que deveria proteger Penelope Charmosa, mas, na verdade, ele é seu archi-inimigo, Tião Gavião. Não sei por que, mas parece que há um aviso velado nisso.

Bem, ele havia me salvado das mãos inconvenientes de

Daniel. O que ele quis dizer é que eu deveria me manter longe dele, para o meu próprio bem?

Parece que estou em algum tipo de jogo no qual não sei a próxima jogada e nem movimentar as peças corretamente.

— Eu não sei — sussurro, baixinho. — Você é?

Agora, ele está a cinco centímetros do meu rosto. Meus dedos dos pés começam a formigar e sinto um calor diferente percorrer meu corpo. Ele se aproxima um pouco mais e, em poucos segundos, vejo-me novamente encurralada contra a pilastra, só que, nesse momento, eu não sinto repulsa. Pelo contrário, o hálito quente em meu pescoço arrepia minha pele de uma maneira prazerosa.

— Assusto você? — ele olha profundamente dentro dos meus olhos.

— Não — eu não minto, ele não me assusta. O que me causa pânico são as sensações que a simples presença dele trazem a mim.

A música que tocava lá dentro, de repente, silencia. As vozes das pessoas ficam cada vez mais audíveis, enquanto iniciam a contagem regressiva.

Dez... Nove... Oito...

— Sabem o que dizem sobre o Ano Novo? — pergunta ele, colocando a mão em meu pescoço, puxando-me para seu peito.

O toque de sua mão em minha pele causa pequenos choques elétricos em meu corpo, deixando-me mole.

— O quê? — pergunto com a voz rouca.

Dois...Um!

— Temos que começar com um beijo.

Primeiro sinto seus dedos sobre minha face, de forma delicada, como se roçasse meu rosto. Em seguida, ele levanta meu queixo e é impossível desconectar meus olhos dos seus. É como se um ímã me puxasse em direção a ele. Inconscientemente, dou um passo em sua direção.

Por que não estou o repelindo como fiz com todos os outros homens? Por que sinto essa estranha e inquietante necessidade de beijá-lo?

Mordo meus lábios em antecipação e ele geme. Vejo seu rosto se aproximar do meu e meu coração acelera de um jeito que nunca senti antes. Esse momento, antes dele tocar meus lábios, não deve ter durado nem dez segundos, mas, para mim, é como se tivesse durado horas.

Quanto ao beijo, não posso descrever o que sinto. Não há palavras suficientes. Todas as sensações que eu li e reli relatadas nos livros, verdadeiramente, acontecem. Meu coração dispara em meu peito, meu corpo todo entra em ebulição, e nós somos transportados para um lugar só nosso.

Quando ele introduz a língua em minha boca, à procura da

minha, a sensação é tão intensa que chega a me causar fraqueza. Agarro-me ao terno dele para me equilibrar, e suas mãos pousam em minha cintura, prendendo-me mais a ele. Sinto seu... Deus ele está...

— Humm... — o gemido saiu de minha boca, tenho certeza disso.

As mãos deslizam até minha bunda e sua excitação fica ainda mais evidente. Eu gemo outra vez e me contorço em seus braços. A língua volta a enroscar na minha de forma lenta e libidinosa. O beijo fica cada vez mais exigente, deixando-me desnorteada e sem ar.

— É... Porra! — Ele interrompe o beijo e toca a testa na minha. — Preciso de uma bebida — ele se afasta, passando o indicador na sobrancelha, parecendo tão abalado quanto eu. — Para comemoramos o ano. O que você quer?

O quê? Tento me recobrar aos poucos embora ache que isso jamais voltará a ser possível.

— Suco de laranja — respondo, ainda desorientada pelo beijo arrebatador. — Por favor.

Ele sorri e me estuda por alguns segundos. Parece confuso e intrigado com minha resposta.

— Suco de laranja não é bebida — provoca ele. — Não para comemorar o Ano Novo.

Caramba! Levo minha mão aos meus lábios inchados. Já é

Ano Novo e tia Lola irá me matar!

— É líquido — retruco, envergonhada. — Então, acho que é uma bebida, sim.

Ele volta a sorrir e minhas pernas voltam a amolecer com o som atraente. Apoio-me na pilastra por segurança e medo de cair.

Se sem beber perto dele eu já pareço ébria, o que dirá com álcool correndo em minhas veias.

— Suco de laranja, então. — murmura ele, incerto, como se temesse me deixar aqui.

Então não vá! — a voz ecoa dentro de mim. *Beije-me de novo!* — ela suplica, *faça-me sentir como se eu fosse única. Traga de volta aquelas sensações perturbadoras.*

— Não saia daqui, Charmosa — ele toca meu queixo. — Volto em um instante.

— É Penelope — sussurro quando ele some porta a dentro. — Penelope.

Alguns minutos depois, o sorriso morre em minha boca quando me dou conta que não sei o nome dele.

Eu tinha beijado um estranho como nunca fiz em minha vida!

Bem, ele voltaria logo, e nos apresentariamos de forma apropriada. Sem beijos dessa vez, informo à minha mente traidora.

Só que ele não voltou como prometeu. Esperei por quase uma hora, ansiosa, irritada, e, finalmente, decepcionada. Assim como surgiu, ele havia desaparecido em meio ao nevoeiro denso, como mágica ou em um sonho.

Tia Lola e eu voltamos para casa logo depois que retornei à festa. Aleguei a ela que estava com dor de cabeça, por isso retornaria para casa. Quis que ela ficasse um pouco mais e aproveitasse sua noite, já que a minha havia acabado. Mas ela foi irredutível em me acompanhar de volta.

Não falei a ela sobre o homem misterioso, muito menos sobre o beijo.

Miguel? Victor? Felipe? Brinco com os nomes em meus lábios, pensando qual nome se enquadraria a ele. Nenhum parece combinar devidamente.

Droga, nunca mais o veria de novo e nem tenho um nome para me lembrar. Só um beijo, o mais incrível e maravilhoso beijo que já provei.

— Quem precisa de um nome, Margarida? — pressiono a pelúcia contra o peito. — Não depois daquele beijo.

Respiro fundo, irritada comigo mesma. Eu não sou mais uma adolescente bobona. Então, de algum jeito, preciso tirar esse homem da minha cabeça. Afinal, New York é uma cidade imensa.

Apesar do sotaque que julguei ser nova-iorquino, ele pode ser de qualquer parte do país. A chance de vê-lo novamente seriam as mesmas de ver meu pai surgir em nossa porta vestido de motoqueiro. Até mesmo ganhar na loteria seria algo mais provável.

E, para confrontar essa doce lembrança, há um sentimento de vazio e a sensação que estou perdendo algo muito importante. Como alguém pode marcar sua vida em apenas alguns instantes? Com apenas alguns minutos?

Três anos ao lado de Max e eu nunca senti exatamente nada. Eu tive quase vinte minutos com um desconhecido e senti absolutamente tudo.

Capítulo 5

Adam

É claro que eu não trouxe minha secretária à festa, simplesmente porque eu não quis que ela tivesse algum tipo de ideia errada sobre nós dois. Tivemos um caso, foi bom e fim. E, depois, porque não tive nenhuma disposição de passar a noite toda com Grace pendurada em meus braços enquanto circulávamos pela festa.

O que vem me incomodando, nos últimos meses, é que não importa o que eu fale ou faça Grace parece crer que eu sou uma alma perdida e ferida que precisa ser recuperada por ela.

Talvez alguma parte dessa filosofia romântica tenha algum fundamento. A única falha nesse plano é que não tenho pretensão alguma de ser resgatado. É uma questão de escolha. Abri mão de todos esses sonhos tolos em relação a uma família quando direcionei minha noiva e meu filho à sepultura. Por minha causa, aquele bebê, um ser inocente que não teve direito à vida, não subirá em árvores nem ralará os joelhos ao cair do skate; não jogará bola na praia ou passará horas em frente à TV jogando vídeo game; não terá o seu primeiro baile e nem se apaixonará pela primeira vez — todos esses momentos que fazem a vida valer a pena foram roubados dele por mim. Eu nem mesmo sei se era menino ou menina.

Eu não tenho o direito de seguir com minha vida, como se nada houvesse acontecido a eles. Simplesmente, não mereço uma segunda chance. Mesmo que tivesse a oportunidade, não a quero. Nenhuma mulher merece um homem pela metade, como nenhuma criança merece crescer à sombra de outra. Mesmo que eu nunca a tenha visto ou tocado, isso não seria justo com nenhum dos dois. O único que deve pagar pelos meus erros sou eu mesmo. Exatamente por esse motivo que jovens inocentes com sonhos românticos haviam ficado longe do meu caminho.

Mas essa noite, eu não sei, senti algo inquietante desde que cogitei ir a essa festa. Se eu fosse um homem ligado à espiritualidade, poderia dizer que meu sexto sentido está em alerta.

— Um martini e um suco de laranja, por favor — grito ao barman, assim que consigo um minuto da sua atenção em meio ao balcão lotado.

Enquanto ele prepara as bebidas, eu me pergunto o porquê desses pensamentos. Quando fechei a porta ao sair de casa, havia me certificado de que esses pensamentos fúnebres ficariam trancados, pelo menos por hoje. Minha única intenção a caminho daqui era me divertir e encontrar uma bela mulher para aquecer minha cama.

A culpa é da jovem mulher com sorriso tímido que eu havia socorrido minutos antes.

A última coisa que esperei encontrar quando fui à sacada,

após dispensar uma das minhas ex-amantes, que tive o desprazer de reencontrar, foi uma jovem donzela em perigo. O termo me faz sorrir. Ela parecia acuada, e o tom apavorado em sua voz me fez agir em sua defesa.

Ainda não entendo por que eu disse àquele idiota que ela era minha namorada. No momento, foi o que eu achei correto fazer quando, na verdade, eu gostaria mesmo era deixá-lo com os dois olhos roxos. Por sorte, ele era um babaca com medo de cara feia. Com um olhar ensaiado e enraivecido, eu o havia colocado para correr.

O que eu não esperava, com essa atitude heroica, foram as sensações que a jovem rapidamente despertou em meu corpo.

Putá que pariu, minha pele ainda está em chamas. Meu corpo todo parece em ebulição, pronto a explodir. Tudo o que eu consigo pensar é transar com ela até minhas pernas tremerem.

Quando eu a vi passar em direção à sacada, eu cheguei a indagar se era uma aparição. Levei alguns segundos em me decidir a ir atrás dela. Felizmente, meu desejo falou mais alto do que a sensatez.

E, no momento em que a amparei em meus braços, quando a puxei para meu peito, tudo mudou de foco. As curvas delicadas e a forma como seu corpo se encaixou tão perfeitamente no meu, fizeram meu pau endurecer em questão de segundos. Quando meus olhos focaram seu rosto lindo e delicado, eu senti como se levasse uma porrada no estômago. Mas foi no momento em que

seus olhos se conectaram com os meus que eu tive a certeza de que, ainda essa noite, ela teria que ser minha.

Por alguns segundos, eu tive pena do homem que eu havia expulsado para longe dela. Talvez ele não fosse tão babaca assim, pois meu pensamento naquele momento foi arrancar-lhe o vestido e fodê-la ali mesmo, contra a pilastra.

Quem sabe foi por isso que as lembranças do passado invadiram minha cabeça naquele lúdico momento, afastando-me dela. Algo me diz que essa mulher é perigosa, que ela significa um risco que eu não estou disposto a correr. Há uma fragilidade e inocência em seu olhar que me atrai para ela, com a mesma força de uma correnteza em direção ao precipício.

— Penelope... — o som escorrega pelos meus lábios como o mais puro mel. — Penelope Charmosa.

— O quê? — pergunta o barman, entregando as bebidas enquanto me olha como se eu fosse algum tipo de lunático.

— Nada — respondo.

Pego os copos e vou em direção ao jardim, desviando de um ou outro, em meio ao mar de pessoas indo e vindo em todas as direções. A música está alta e as pessoas parecem se divertir bastante. Há aquela aura de alegria e esperança que um novo ano traz.

Enquanto caminho, tento equilibrar os copos em meio a um esbarrão e outro. Penso no beijo que havia trocado com ela, e em

como foi excitante provar o gosto de seus lábios.

No início, quis apenas provocá-la e fazê-la esquecer do momento de tensão de alguns minutos antes. Não, a quem estou querendo enganar? Quis beijá-la desde o momento que meus olhos caíram sobre ela. Saber se seria tão bom quanto eu imaginei. Inferno! Foi além de qualquer expectativa que eu pudesse ter. Eu nunca tive uma conexão tão profunda e imediata com outra mulher, nem mesmo com Cecilia, cuja intimidade foi adquirida com o tempo, nunca houve essa faísca com um simples tocar de pele. E, quanto mais eu aprofundava o beijo, maior era a minha fome por ela, ao ponto de que meu único pensamento naquele momento era me enterrar dentro dela, e testar se isso seria tão prazeroso quanto o beijo que tivemos.

Porra, se beijá-la foi assim, imagina ter meu pau deslizando dentro dela. A cena faz minha boca salivar de antecipação.

Esses pensamentos perturbadores e inexplicáveis, aliados à culpa por sentir tudo isso, fizeram com que me afastasse dela, ou seria devorado por esse desejo arrebatador.

Com a desculpa de que precisava de uma bebida, a única desculpa que consegui pensar naquele momento, afastei-me em busca de espaço para voltar a raciocinar com clareza. Não que houvesse adiantado muito. Meu único desejo, agora, era arrastá-la para a cama mais próxima e transar com ela a noite inteira, até que minhas pernas ficassem bambas como as de um potro recém-nascido.

— Adam! — Neil afasta as pessoas do seu caminho, e vem em minha direção. — Preciso da sua ajuda.

— Sêrio? — encaro-o, desanimado.

Neil é o que chamamos de um verdadeiro *workaholic*. Mas hoje é noite de Ano Novo, será que ele não pode esperar até o dia seguinte para falar de negócios?

— Sophia! — Esbraveja ele, pressionando a ponta do nariz. — Juro que eu vou matar aquela mulher!

Percebo, na mesma hora, que algo grave havia acontecido.

— O que ela fez dessa vez?

Coloco o copo na bandeja de um garçom que passa por nós dois, e sigo-o em direção à saída.

— Tirou Anne da minha casa, no meio da noite — ele me informa, visivelmente irritado.

— Ela é a mãe dela...

— Sophia não é porra nenhuma, além de uma cadela babaca que nunca se importou com a filha — ruge ele, antes de entrar no carro.

Cumprimento com um leve movimento de cabeça o motorista que mantém a porta aberta, e sento ao lado de um Neil muito furioso.

— Anne ligou para mim — murmura ele. — Estava chorando e assustada.

Apesar de Sophia ter laços sanguíneos com a menina, não podemos dizer que o mesmo se aplica ao lado afetivo. Anne tem medo dela e dificilmente fica sozinha com a mãe. Isso porque, como Neil afirmou há pouco, Sophia é uma bruxa sem coração que não perde a oportunidade de torturar a menina.

Enquanto ele ruga como uma fera enjaulada dentro do carro, faço algumas ligações — entre elas a polícia e juizado de plantão. Mesmo Sophia sendo a mãe da menina, ela já havia provado muitas vezes não ser uma pessoa muito equilibrada. A prova disso foi a sua última temporada, há pouco tempo, em uma clínica de reabilitação. Foi a sentença dada pelo juiz, após ela ter causado baderna em uma badalada casa noturna da cidade.

— Se ela tocar na Anne...

— Vamos resolver isso de forma legal, tudo bem? — tento acalmá-lo, mas, quando se trata da filha, Neil é irracional. — Afinal, foi por isso que me procurou, certo?

— Não procurei você — sibila ele. — Foi a primeira pessoa em que confio que eu vi naquela festa. Desculpe, não quis estragar a sua noite, mas sinto como se pudesse matar alguém a qualquer momento. Pensei que Sophia estaria com os pais, bem longe daqui, mas parece que eles não andam tendo muita paciência com ela e foram passar a virada de ano em sua casa de campo.

— Mantenha a calma — oriento-o, com voz calma. — Sophia pode ser maluca, mas não é o suficiente para machucar Anne.

— Você não tem ideia do que aquela mulher é capaz, Adam — diz ele, com a voz amarga. — Eu não deveria ter vindo e deixado Anne sozinha com a babá.

Tento tranquilizá-lo de alguma forma, mesmo estando duplamente irritado com aquela mulher insana. Primeiro porque ela sabe exatamente onde e como atingir Neil quando as vontades dela não eram realizadas. Ele tem verdadeira adoração pela menina e faria qualquer coisa por Anne. A confirmação disso são todos os anos de instabilidades e loucuras que ele atura de Sophia, aliado ao sentimento de culpa — que ele nega, mas sente - em relação à morte do irmão e pai biológico da menina. Eu posso entender isso.

O segundo motivo porque estou tão furioso é que Sophia arruinou o resto da minha noite ao lado da intrigante mulher que me deixou eufórico como há muito tempo não sentia. Já não me lembro há quanto tempo ou se houve algum momento em que alguém me atraiu tanto como a Charmosa. Meus lábios ainda estão formigando devido ao beijo incendiário que trocamos.

E, droga! Ainda estou malditamente excitado.

A única forma que encontro para arrefecer o desejo queimando em minha pele é pensar em inúmeras formas de matar a mulher do Neil, de forma lenta e dolorosa. Odeio aquela mulher tanto quanto ele.

Mas, conforme o carro avança e os minutos correm aos poucos, o desejo que castigava meu corpo vai diminuindo e eu

entro em um modo automático.

Os minutos seguintes são carregados de drama e tensão. Chegamos à mansão dos Campbell e os seguranças foram pouco receptivos — ordens dadas por Sophia, claro.

Quase duas horas depois, pai e filha estão a caminho de casa. Sophia saiu escoltada pela polícia rumo a uma nova estadia na clínica de recuperação, de onde eu acho que ela nunca deveria ter saído. Em minha opinião, ela deveria ser colocada em uma camisa de força e trancafiada em um quarto de segurança máxima.

Mesmo que noventa e nove por cento de mim alerte que é perda de tempo voltar à festa, vejo-me dentro do taxi, às três horas da manhã, fazendo exatamente isso. A probabilidade que eu ainda a encontre lá, esperando por mim, é praticamente nula - se é que existe alguma. Provavelmente, ela já teria encontrado outra companhia ou ido embora ao perceber que eu não retornei com as bebidas, como eu havia prometido.

Inferno! Fui um verdadeiro imbecil, saindo de lá sem a menor explicação ou sem ao menos ter implorado para que ela ficasse me esperando.

— Idiota! — soco o banco vazio ao meu lado.

— O quê? — pergunta o motorista à minha frente.

— Nada, estava pensando alto — respondo.

Que maravilha! Agora passei a falar sozinho em voz alta, fazendo com que as pessoas à minha volta acreditem que sou maluco.

Chego à festa e, apesar das horas avançadas, ainda há muitas pessoas por ali, dançando e bebendo animadamente. Neil pode ser muito controlador na maior parte das vezes, mas o filho da mãe sabe dar uma boa festa.

Como imaginei antes, ela não está no alpendre esperando por mim, verifico decepcionado. Retorno para dentro e patrulho cada canto, até mesmo parei ao lado da porta do banheiro feminino, na esperança de vê-la sair de lá, acompanhada de alguma amiga.

Mas, quando me dou conta da cena ridícula que estou protagonizando, saio em direção ao bar. Isso é uma tremenda estupidez. Há dezenas de mulheres nessa festa tão bonitas quanto Penelope. Eu não deveria estar obcecado por ela dessa

maneira, apenas trocamos um beijo e nada mais.

Caralho! Mas que beijo! Apenas recordar aquele momento me deixa excitado, tão duro, a ponto de explodir de tesão.

— E aí, senhor advogado! — A voz de Peter soa atrás de mim.
— O que você acha de encerrar a noite em grande estilo?

Viro-me para ele e me deparo com duas jovens penduradas em cada um de seus braços: uma loira e outra asiática.

Considero a oferta dele por alguns segundos. Sim, estou mesmo excitado pra cacete aqui, ao ponto de meu pênis doer com o atrito do tecido. As duas mulheres enroscadas a Peter são bonitas e atraentes.

— O que acham de convidarmos esse bonitão para nossa pequena festa? — Peter sussurra para uma delas. — Ele não é tão bom de cama como eu, mas vocês irão se divertir.

As duas se encaram e sorriem para mim. O bom de sair com um mulherengo como Peter é que ele sabe encontrar as mulheres certas, como se ele tivesse um faro para isso. Não precisamos de joguinhos de sedução. Todos aqui somos adultos e sabemos o que queremos: sexo puro, sujo e quente.

Analiso as duas novamente. Embora façam bem aos meus olhos, nenhuma delas me faz sentir o mesmo entusiasmo que a Charmosa havia conseguido apenas com seu olhar acanhado.

Do que estou falando? Eu nunca mais veria aquela garota novamente na minha vida. E, de forma alguma, me tornaria um

monge por causa dela.

— Certo... — hesito entre a loira e a asiática em seus vestidos brilhosos e sexys. — Chega de loiras por hoje.

Uma arruinou a grande noite de sexo que tinha planejado para mim e a outra, por muito pouco, não havia me estragado para todas as outras mulheres em meu presente e futuro. Nada de loiras por um longo tempo.

Caralho.

— Na sua casa ou na minha? — sonda Peter, quando chegamos à saída.

— No motel — respondo sem olhar para ele.

Difícilmente levo alguma mulher para minha casa. Vamos para um motel ou para a casa dela. Às vezes, para um pequeno flat que tenho na cidade. Minha casa é como um santuário para mim. O que me surpreende é que, nessa noite, o único lugar em que pensei em levar Penelope foi justamente para lá, especificamente para minha cama.

— Droga de mulher!

— O que disse? — pergunta a asiática ao meu lado.

— Qual o seu nome? — pergunto, desconversando, ao me dar conta que havia pensado alto novamente. — Ainda não me disse.

— Tamiko — diz ela com um sorriso sexy.

Sexo em grupo não é algo que me atrai muito. Na adolescência, foi uma grande novidade e serviu de experiência. Hoje, quando estou com alguma mulher, eu quero que ela saiba exatamente quem está no controle de tudo. Quero ter a certeza de que cada grito de prazer que sair de sua boca seja provocado por mim. Parece ser um comportamento egoísta, mas é assim que sou. Contudo, essa noite eu preciso de algo diferente. Algo que me afaste daquele rosto delicado de incríveis olhos azuis.

E, enquanto Peter transa com a loira, que está de quatro em cima da mesa, eu concentro-me na mulher ajoelhada entre minhas pernas em cima da cama, afogando-se com meu pau completamente dentro de sua boca pequena e delicada.

Apesar dela saber o que está fazendo e fazer muito bem, não consigo evitar que meus pensamentos sejam direcionados a outra mulher e em sua boca deliciosa, me chupando. Como seria ter aqueles lábios sensuais me tocando assim? Eu iria enfiar meu pau tão fundo em sua garganta, ao ponto de deixá-la sem ar.

Nesse momento, o ato que se desenrolava de forma automática, pelo menos da minha parte, ganha outro prisma. Agarro os cabelos negros e jogo-a contra a cama, de costas para

mim. Com os joelhos, afasto suas pernas e levanto os quadris, empinando o bumbum em minha direção. Por segurança, eu já havia colocado o preservativo, minutos antes dela cair de boca sobre meu pau.

— Isso é por ter ido embora! — Uno os cabelos em um rabo de cavalo em minha mão, e arremeto-me para dentro dela. — E isso é por ter quase me enlouquecido a noite toda.

Esse é um jogo um tanto bizarro. Comer uma mulher pensando em outra e castigá-la desejando outra é a única forma que encontrei para seguir adiante.

— Aiii... Ahh — soluça a jovem, que já nem me recordo do nome. — Isso, gostoso!

Estou há mais de uma hora ao lado dessa mulher e não faço a mínima ideia de como ela se chama. Passei cerca de vinte minutos com Penelope e seu nome não sai de minha cabeça.

— Parece que estão se divertindo muito — Peter encaixa a garota em sua cintura e caminha até nós na cama. — Depois a gente troca — ele pisca um olho em minha direção. — Divide ou as duas coisas.

Honestamente, pouco me importa. Poderia ter um harém dentro desse quarto e eu escolheria apenas uma.

— Maldita mulher!

— Seu vocabulário é tão ruim — Peter geme e dá algumas palmadas nas nádegas da loira, que grita escandalosamente

atracada a ele. — Tem que ser algo mais como isso — diz ele agarrando-a pelo pescoço. — Toma isso, sua vadia gostosa! — Ouço o estalo nas bochechas já rosadas e o gemido pervertido que sai da boca dela. — Anda, sua putinha, toma tudo! Depois vou enrubar você e não conseguirá andar por uma semana.

Sexo, além de prazeroso, deve sim ser divertido, mas, com esse babaca ao meu lado, isso vai para um patamar bem diferente. Em poucos minutos, temos as duas gemendo como duas gatas no cio enquanto nós dois nos empenhamos em dar e receber prazer.

No fim da noite, havíamos conseguido o que procurávamos: sexo e mais sexo. No entanto, estranhamente para mim, não foi o suficiente. Faltava algo mais, algo que não sei identificar. O que sei é que esses pensamentos confusos começaram a me perturbar à meia-noite, quando toquei, pela primeira vez, aqueles lábios de seda.

É noite de sábado. Neil, Liam e eu estamos no apartamento de Richard para nossa noite de pôquer. Eventualmente, estipulamos um dia para esquecer dos nossos problemas do dia a dia. Bebemos, jogamos conversa fora e relaxamos um pouco.

Eu não me lembro de quando ou como exatamente isso começou. Foi de uma forma tão natural que hoje virou uma espécie de ritual entre nós.

— O Peter não virá? — pergunta Richard, retornando da cozinha com as cervejas. — Ele nunca perde uma noitada dessas.

— Está envolvido em algum assunto para o Adam — afirma Neil, colocando as cartas sobre a mesa, olhando para mim. — Não sabia que você estava envolvido em negócios duvidosos.

É uma provocação, eu sei disso. O que não deixa de me incomodar. A cena me faz lembrar um daqueles filmes preto e branco, de gângster. A diferença é que não há fumaças e charutos poluindo o ambiente e nossas roupas também são mais descontraídas.

— Aposto que tem mulher envolvida — provoca Liam. — Sempre tem.

Eu havia mesmo pedido a Peter que encontrasse a garota. Por que eu havia feito isso, eu não sei. Mas há mais de uma semana que ela não saía da minha cabeça. Essa fixação vem me deixando arredio e muito irritado. O único jeito que vi de me livrar do feitiço que ela jogou sobre mim aquela noite foi levar essa mulher, de uma vez por todas, para minha cama.

Às vezes, sinto-me como um garoto birrento fazendo manha para os pais em frente à loja, exigindo que a mãe compre o carrinho exposto na vitrine. Essa sensação me deixa fora de mim.

Não sou um bebezinho chorão. Já deveria tê-la esquecido há muito tempo. Mas a infeliz continua a invadir meus sonhos. São imagens eróticas, que me fazem acordar excitado feito o diabo, obrigando-me, muitas vezes, a me aliviar pensando nela.

Deus! Isso já está beirando à loucura.

— Pedi a Peter que encontrasse uma pessoa — tento encerrar o assunto. Se eles vissem algo interessante nisso, o assunto rolaria a noite toda, principalmente se dependesse de Liam. Ele adora torturar alguém para nos distrair do jogo que ele nunca vence.

— Então, é mesmo uma mulher — insiste ele.

— Por que você acha isso?

— Porque parece óbvio — ele dá um gole em sua cerveja.

— Vocês deveriam encontrar uma boa mulher e se casarem logo — Richard une-se a nós à mesa.

— Já sou casado — retruca Neil, esquivando-se.

— E eu não estou interessado — respondo, em seguida.

— Parem de agir como adolescentes na puberdade — continua Richard. — Estão velhos demais para isso.

— É mesmo? E uma boa mulher, você quer dizer, é alguém como sua noiva? — Neil indaga com pouco caso.

— O que tem Patrice? — pergunta Richard, incomodado. — Tem algo a dizer sobre ela?

— Ela é mulher — diz Neil. — Mas boa...

Todos riem, exceto Richard. Tão jovem e sério demais.

— Não liga para ele — Liam tenta colocar panos quentes na provocação que ele mesmo iniciou. — Os únicos normais aqui somos nós dois. Esses daí são dois bebês chorões com medo do amor.

— E quem falou em amor? — pergunta Richard, mexendo em suas cartas. — Casar é apenas uma lei natural da vida. É o que todos esperam de nós. Acabará acontecendo cedo ou tarde. A diferença é que podemos escolher, de forma prática, quem estará ao nosso lado.

Então, ele havia escolhido muito mal. Aquela noiva dele com cara de nojenta tem algo que me desagrada. Acredito que eu não seja o único no grupo a pensar isso.

— Retiro o que eu disse — Liam leva a mão ao peito, de forma dramática. — Eu sou a única pessoa normal nessa sala.

Não é preciso dizer que a discussão durou por mais ou menos uma hora. Cada um defendendo arduamente seu ponto de vista. Só deu uma pausa quando Peter surgiu logo depois, pondo fim ao assunto.

A primeira coisa que notei, quando ele entrou, foi o envelope pardo em suas mãos. É ridículo dizer que, quando ele entrou carregando o papel, meu coração deu um salto em meu peito, mas foi exatamente isso que aconteceu.

— Tenho algo para você, Adam — ele joga o envelope em meu colo, antes de seguir em direção à cadeira destinada a ele.

Vejo-o virar a cadeira de costas e se sentar, apoiando os braços no espadar, seus olhos fixos em mim.

O homem é realmente bom em encontrar as pessoas como ele se gaba, admito, surpreendido. Tudo bem que havia descrito Penelope com riqueza de detalhes, mas nada além disso, e o primeiro nome também.

Mas eu não sei onde ela mora ou o que faz da vida.

— Isso é uma piada? — inquiri, furioso com ele. — Que brincadeira estúpida é essa?

Levanto-me e o som da cadeira batendo contra o chão faz todos ficarem em silêncio.

— O que vocês acham? — Peter questiona sem mover um único músculo. — Que eu sou o Mágico de Oz ou o Harry Potter? Basta mexer minha varinha e as pessoas aparecem?

Ele ri, descaradamente, divertindo-se muito com minha reação intempestiva.

— Você é um tremendo babaca, Peter!

— Relaxa aí, nervosinho — continua ele. — Com as informações que me deu, nem em vinte anos encontraria a mulher. Esqueça-a e passe para outra. Loiras gostosas têm em todos os lugares.

— Então, eu estava certo — Liam arranca o envelope de minhas mãos. — O quê?

Ele começa a rir e puxo o envelope de suas mãos. Dentro dele há várias imagens de Penelope — a Charmosa do desenho, impressas em várias folhas de papel.

— Então, o nome dela é Penelope? — Liam volta a me provocar. — Agora temos um nome.

— E você terá um olho roxo, se não parar de me encher.

— Não está aqui quem falou — ele levanta as mãos, em sinal de paz. — Ainda me lembro da última surra que me deu.

Apesar de me sentir frustrado e dos homens estarem visivelmente curiosos, nós iniciamos o jogo como se nada houvesse acontecido.

O jeito é encontrar uma forma de tirá-la de minha cabeça. Peter tem razão. Estou agindo como um deslumbrado ridículo. Dobro as imagens e guardo-as no bolso da jaqueta, sob os olhares insistentes de Richard e Neil.

Isso servirá para me lembrar do tamanho de minha estupidez. Bem, eu não vou ser mais o motivo de piada entre eles.

O irônico da história era que, assim como Penelope havia contado sobre seu pai, ela também havia me arruinado para esse desenho. Jamais o veria da mesma forma novamente.

Reservo todas as manhãs de domingo, a cada quinze dias, para uma visita especial. Levo flores frescas para enfeitar o túmulo e retiro as que ficaram ali durante as semanas.

Cecilia, filha amada. Estará sempre em nossos corações

1984 † 2005

Passo os dedos pela lápide fria. O bebê havia sido enterrado com ela, já que ainda não estava completamente formado. Naquele dia, quando vi o caixão descer à sepultura, senti como se minha alma fosse enterrada com eles. Naquele momento, parte de mim morreu também, ficando apenas a casca perambulando pelo mundo.

— Sinto muito — murmuro baixinho. Minha voz soa estagnada pela dor em meu peito e o nó se formando em minha garganta — Sinto muito mesmo.

Dizer isso não diminui minha culpa, mas é a verdade

embora todos, até mesmo os pais de Cecília, tenham tentado me convencer que o que havia acontecido foi uma fatalidade. Eu e Liam, o único que conhece meu segredo, sabemos a verdade. A culpa foi minha. Se eu não a tivesse pressionado tanto e exigido que desse um fim ao nosso bebê, ambos estariam vivos e felizes. Eu havia sido um covarde, não revelei a ninguém que ela estava a caminho da clínica quando sofreu o acidente. Quis me convencer de que eu estava protegendo a imagem dela perante aos seus pais, que são cristãos fervorosos, mas, na verdade, eu protegia a mim mesmo dos olhares acusatórios e das palavras hostis que certamente viriam caso soubessem a verdade. A minha consciência já é dura, condenando-me tanto que me impede de encarar o espelho.

E, a cada dia, esse silêncio me dilacera mais.

Mesmo Liam sempre afirmando que fomos vítimas de uma tragédia, a culpa ainda me mata como pequenas doses de veneno, todos os dias.

Quando a morte de pessoas que amamos pesa sobre nossos ombros seguir em frente não é tão fácil assim.

Eles pagaram pelo meu erro com a morte e eu o repararia com a minha vida. É o mínimo que posso fazer para honrar a memória deles.

Capítulo 6

Penelope

Havia passado uma semana desde o Ano Novo e o meu encontro com o homem misterioso. Eu pensei nele todos os dias, sendo que, algumas vezes, cogitei se tudo não tinha sido fruto de minha imaginação fértil. Se não fosse a certeza de que eu nunca fui uma garota avoada e sonhadora, acreditaria que ele nunca existiu de fato.

Os primeiros dias foram os piores. Lola voltou ao trabalho e eu tinha horas e horas ociosas pela frente. Andei pela cidade e conheci alguns lugares da minha lista: os que eram mais próximos ao apartamento ou tivessem fácil acesso ao ônibus e ao metrô, em sua maioria museus e pontos turísticos.

Também aproveitei do tempo livre para limpar o apartamento e explorar a cozinha da minha tia. Mas nada do que eu fizesse afastava aquela noite da minha cabeça por muito tempo. Sempre que me recordo do beijo, meu coração dispara.

— Sabe, Lola, eu gostaria de ficar na cidade — informo a ela durante o jantar. — Acha que eu conseguiria um emprego por aqui?

— Essa é uma grande notícia! — ela me diz, abraçando-me por cima da mesa. — Posso ver algo na DET para você.

— Eu gostaria de tentar sozinha, se não se importa — explico a ela. — Não quero ser acusada de aproveitar de minhas

influências novamente.

Lola me encara com olhar sério e volta a se concentrar na comida.

— Isso é bobagem de cidade pequena — ela revira os olhos.
— Mas faça da sua maneira, se a faz se sentir melhor.

Ela volta a me encarar como se uma grande ideia acabasse de surgir em sua cabeça.

— Você pode morar aqui — Lola volta a sorrir. — Eu não queria colocar o apartamento à venda, não sei se me habituarei ao Texas e não me agrada a ideia de alugar a casa para um desconhecido.

— Eu ainda tenho um pouco das minhas economias — falo, animadamente. — Conseguirei pagar o aluguel por um tempo, até conseguir um novo emprego.

— Não cobrarei aluguel de você — retruca Lola, injuriada. — Ofende-me que pense assim. É minha sobrinha e minha casa sempre estará aberta para você. Além disso, estará me fazendo um grande favor cuidando da casa e das minhas plantas.

— Eu não posso aceitar, Lola...

— Não só pode, como irá — insiste ela, não aceitando uma recusa da minha parte. — Mas, se a deixa mais à vontade, pode administrar as contas da casa e não discutiremos mais sobre isso.

Como não há nenhuma forma de argumentar com ela e New York é uma cidade relativamente cara, eu cedo, pelo menos por enquanto. E Lola consegue ser tão teimosa quanto é generosa.

O que importa é que estou feliz com a decisão que tomei e ela não está relacionada com a possibilidade de que eu possa reencontrar aquele homem outra vez. Bem, isso é o que eu tento me convencer arduamente.

Dois dias depois, estou sentada na frente do computador que há na sala, com meu currículo em uma mão e uma lista de bancos e instituições financeiras na outra. Pretendo procurar emprego no dia seguinte. Eu sei que com apenas um diploma técnico em Administração não seria páreo para centenas de pessoas especializadas, mas, já que eu não precisaria me preocupar com gastos importantes por um longo tempo, como o aluguel, qualquer coisa servirá. Eu só preciso manter a minha mente ocupada, e, mesmo que eu não tenha um diploma de curso superior, eu tenho experiência na área financeira. Isso, com certeza, deve contar para alguma coisa.

Após me candidatar a dezenas de vagas e um pouco mais animada com o meu destino, que provavelmente me guiará para dias mais alegres, vou para a cozinha. Ligo o som portátil que há no balcão, arrisco-me a alguns passos de dança e degusto uma taça de vinho enquanto preparo o jantar para Lola.

— Que cheirinho bom! — Diz minha tia, ao colocar sua pasta em uma cadeira e verificar as panelas no fogo. — O que

está fazendo?

— Legumes gratinados, peixe e, de sobremesa, bolo de frutas.

— Por que eu não a sequestrei antes? — ela respira fundo, inalando o aroma impregnado na cozinha. — Vou apenas tomar um banho, separe uma taça de vinho para mim.

Quando ela retorna, vinte minutos depois, a mesa já está posta e os talheres se encontram nos seus devidos lugares. Sirvo-a divertida com sua reação à comida que, apesar de simples, devo confessar, tem um aspecto e cheiro maravilhosos. Rio ainda mais quando a observo fingir salivar.

— Essa refeição é digna da boa notícia que trago para você — Lola me diz, levando uma garfada à boca. — Consegui uma vaga na DET para você.

— Mas Lola... — começo a protestar, mas sou impedida por seu olhar determinado.

— Não seja orgulhosa, Penelope — zanga-se ela. — Não combina com você. E faria isso se fosse filha de uma das minhas amigas, por exemplo.

— Eu só queria caminhar pelas minhas próprias pernas.

— E isso é louvável, querida — assegura ela. — Posso ter arranjado esse emprego para você, mas só permanecerá nele pelos seus próprios méritos, acredite.

— E o que eu farei? — pergunto, em expectativa.

— Será minha assistente.

— E a Aline? Ficarão em seu lugar?

Pelo que me lembro da festa, ela foi apresentada como a assistente de Lola.

— Aline é uma cabeça oca — Lola esfrega os olhos. — Tentei treiná-la para que me substituísse, mas ela vê a empresa como um caminho para um casamento promissor e escala social, e Neil não tem muita tolerância com ela. Acho que Aline ainda só não pediu demissão porque espera encontrar um bom partido ali.

— Está falando sério? — pergunto, perplexa.

Pensei que a última coisa que mulheres independentes e modernas que trabalhassem na DET pensassem fosse em casamento.

— Verá com os seus próprios olhos.

— O Sr. Durant sabe disso?

Considerando que ele não aprova relacionamentos interpessoais entre os funcionários da empresa, isso é algo que pode criar problemas para ela. Não desejo que isso aconteça, gostei de Aline, ao contrário do irmão dela.

Seria bom tê-la como amiga e trabalhar com ela.

— Se ele sabe, finge que não — ela sorri suavemente. — No fundo ela é uma boa garota, apenas tem ideias tolas.

— E quando eu começo?

Apesar de me sentir um pouco constrangida, no fundo estou bem animada em trabalhar na DET. Provavelmente, eu teria que provar a muitas pessoas, além do próprio Sr. Durant, que eu estava à altura do cargo confiado a mim. E o fato de não ter meu passado e meus pais pesando sobre meus ombros é reconfortante. Entre ser conhecida por ser a filha chata e antissocial do reverendo e a sobrinha da extrovertida Lola, eu fico com a segunda opção.

Talvez não seja tão complicado como eu imagino. Eu poderia fazer novos amigos — corrigindo — poderia fazer amigos. De repente, sinto-me muito animada com essa nova perspectiva em minha vida. Como nunca estive antes.

— Brindemos à sua nova vida! — Lola levanta a taça em minha direção.

— À New York e tudo o que ela tem a oferecer.

Conversamos um pouco após o jantar e resolvo ir para a cama mais cedo. Quero estar bem-disposta para o dia seguinte. Contudo, minha noite foi agitada e povoada de sonhos confusos, que me fizeram acordar durante a noite por várias vezes, sendo que a maioria deles foi protagonizado por ele, regados a beijos, abraços e outras coisas que me fazem ficar vermelha apenas em me lembrar dos sonhos.

Foi desnecessário programar o despertador. Às seis da manhã, eu já estava de pé, de banho tomado e vestida. Escolhi um terninho azul marinho e um lenço mais claro que Lola havia ajudado a escolher em nosso dia de compras. Prendi os cabelos em um coque severo, não me sentiria confortável de outra maneira. Alguns hábitos não são tão fáceis de mudar de uma hora para outra. Fiz a maquiagem como o maquiador havia me ensinado: esfumacei meus olhos, uma mistura de rosa e cinza, destacando-os com rímel; um pouquinho de blush para dar cor em minhas bochechas; batom cor da boca, discreto, mas que, de certa forma, parecia deixar meus lábios mais grossos. Uma gota de perfume atrás de cada orelha e estou pronta.

Recebo um assovio de Lola ao entrar na cozinha e acompanho-a no café da manhã. Meia hora depois, estamos em seu carro a caminho da DET e à minha nova vida. Um destino amedrontador, mas, ao mesmo tempo, fascinante.

Eu posso ser feliz aqui, afirmo a mim mesma.

Quando paramos por um minuto em frente ao arranha-céu, meus olhos brilham tanto como as paredes espelhadas refletidas pelo sol. É gigantesco, um dos maiores edifícios que já vi, e me deparei com grandes prédios em minhas andanças pela cidade.

Respiro fundo algumas vezes, tentando controlar o nervosismo que causa cócegas em minha barriga e acompanho Lola para dentro do prédio, onde a movimentação de pessoas é intensa e constante.

A sede da DET ocupa os últimos andares. O restante está alugado para comércio como joalherias, lojas exclusivas e alguns dos maiores escritórios da cidade.

Passamos pela recepção e Lola cumprimenta a recepcionista, apresentando-me como a mais nova funcionária. Ela me dá boas-vindas com um sorriso gentil e me entrega um crachá provisório. Passamos pelo setor de Recursos Humanos, assino os papéis de contratação e dou início aos exames contratuais.

Conforme caminho pelas dependências do prédio, fico satisfeita por ter dado devida atenção à minha aparência. As mulheres que caminham ali exalam elegância e sensualidade.

Quando finalmente chego ao último andar, após passar por alguns seguranças, eu me deparo com Aline em sua mesa na ampla recepção que dá acesso às outras salas. O logo em prata da empresa cravado na parede chama a minha atenção. Tudo aqui tem um toque de poder e sofisticação.

Aline sorri para mim. Ela está ao telefone e faz um gesto para que eu me sente. Lola surge logo depois e me leva ao lugar que eu passarei a ocupar. Fica entre uma pequena cozinha e sala de arquivo, onde eu passei quase toda a manhã.

Vi Neil Durant entrar em sua sala acompanhado de Lola.

No decorrer da manhã, vi minha tia sair e entrar da sala muitas vezes - algumas delas falando sozinha ou bufando de raiva.

Saio para o almoço sozinha, já que Lola teria que resolver um problema de última hora.

E, quando entro no elevador, ouço a voz imponente dele, pedindo que segurasse a porta. Após um agradecimento educado, ele volta a se concentrar em sua ligação de negócios, ignorando a minha presença. Embora ele não dirigisse o olhar para mim, eu sentia que era observada o tempo todo. Quando saímos, eu voltei a respirar com tranquilidade novamente.

Ao sair do prédio, sou recebida por uma brisa suave em meu rosto e ando pela calçada animadamente. Não foi difícil encontrar o restaurante que Aline me indicou. Como ela disse, o lugar era simples, mas a comida era excelente. Identifiquei alguns funcionários que vi circulando pela DET e um até mesmo sorriu amigavelmente para mim.

Dez minutos antes do final da minha pausa, estou de volta à minha mesa e à pilha de papéis em cima dela. Há vários recados e instruções de Lola. Ela não havia mentido quando disse que só permaneceria ali por mérito próprio. Se como assistente eu estava afogada em trabalho, o que dirá ela como secretária executiva?

Apesar de tudo, estou incrivelmente feliz. Tenho certeza de

que amarei trabalhar aqui. É tudo muito corrido e não há muito daquelas conversinhas paralelas. Acho que isso é o que me agrada mais. É empolgante e desafiador. Sei que terei muito para crescer como pessoa e profissionalmente.

A semana passou rápido, agitada, mas sem grandes surpresas. Duas secretárias haviam passado pelo treinamento de Lola e nenhuma delas havia ficado, sendo que a primeira havia saído excomungando até a terceira geração da família do Sr. Durant e a segunda saiu chorando.

Passamos o final de semana em casa, relembando fatos engraçados do nosso passado e tudo o que ela já fez para irritar meu pai, como aparecer um dia em nossa casa acompanhada de um namorado, um motoqueiro tatuado e dez anos mais jovem que ela. É claro que o reverendo havia excomungado os dois e eles acabaram passando a noite em um hotel.

Vimos álbum de fotos e assistimos um pouco de TV.

No domingo à noite, liguei para meus pais. Minha mãe foi breve, deu-me respostas curtas. Ela não queria contrariar meu pai, que não quis falar comigo, algo que sinceramente me magoou.

A segunda-feira foi tranquila, mas o dia seguinte foi meio tenso. A nova secretária, que deve ser treinada por minha tia, tem um temperamento um tanto intragável. Ela é grossa e rígida o tempo todo. Sendo sincera, ela é uma verdadeira bruxa. Eu diria que ela parece o Sr. Durante de saia, um verdadeiro general

ditando ordens a todo momento. A diferença é que, no caso de Neil, é compreensível a sua falta de paciência com algumas pessoas, afinal ele carrega a responsabilidade de um império em seus ombros. Além disso, ele não era mal-educado de verdade, apenas bem exigente e gostava de objetividade. Ele é um homem de raciocínio rápido e espera que as outras pessoas o acompanhem, como um pequeno menino gênio sem paciência para grandes explicações.

Já a Sra. Morgan mandava apenas pela necessidade de se sentir no controle. Em poucos minutos, eu virei a sua garota preferida do cafezinho. O que tenho a dizer é que ela não durou nem até metade da semana. Neil a colocou para fora quase que aos berros e quase estrangulou tia Lola com olhar devido à péssima escolha. Eu não fui a única no escritório aliviada com a saída eminente da Sra. Morgan. Aline foi a que mais comemorou, inclusive levando-me a um dos seus bares preferidos para brindarmos a isso. No fundo, eu me senti mal por estar feliz pelo infortúnio de outra pessoa, mesmo ela sendo uma bruxa horrível.

Mais um final de semana. Lola e eu estamos na praça de alimentação de um shopping tomando sorvete enquanto esperamos a sessão do nosso filme começar.

— Eu, realmente, não sei mais o que fazer — ela suspira, largando a taça em cima da mesa. — Pensei que a general conseguiria ficar por lá. Ela tinha boas referências, mas Neil e ela não se bicaram.

— Você sabia sobre o apelido dela? — pergunto, constrangida.

Foi dado por Aline e eu em um momento de tensão.

— Todos sabiam — ela sorri — Acho que a própria sabia disso.

Concentro-me no meu sorvete de abacaxi com creme e penso em algo que possa ajudar Lola.

— Paula já está com quase oito meses — diz ela, mexendo na calda do seu sorvete de morango. — Gostaria muito de estar presente quando o bebê nascer.

Lamento pelo dilema que ela está passando. Ela ama a filha e, por outro lado, sente grande apreço e gratidão pelo Sr. Durant. Em algum momento, ela terá que fazer uma escolha e não ficará feliz com qualquer decisão que tenha que tomar.

— Acho que ele precisa de alguém maleável, mas que saiba ter pulso firme quando precisar — mexo no suco derretido que havia formado na borda da taça, sem olhar para ela. Continuo proferindo meus pensamentos. — Alguém que consiga acompanhar seus pensamentos como você ou pelo menos finja muito bem.

Lola me escuta atentamente e em silêncio. Concluo que pondera sobre o que eu falo.

— Alguém que não se assuste com seus gritos e que, principalmente, não tenha medo de cara feia — continuo,

distraída. — Que saiba trabalhar em momentos de tensão. Sabe, no fundo, acho que ele só está temeroso por perder uma amiga e alguém de sua confiança. Algo me diz que vocês têm um relacionamento mais do que profissional, sem ofensas — sorrio, encabulada. — Após tanto tempo trabalhando juntos, é normal que tenham criado esse vínculo. Mas tenho certeza de que, em breve, irá encontrar a pessoa certa, Lola.

Ergo a cabeça para encará-la e, de alguma forma, não gosto do sorriso radiante em seus lábios e o brilho maroto em seus olhos.

— Como eu não pensei nisso antes? — pergunta ela. — Estava diante dos meus olhos o tempo todo.

— Conseguiu pensar em alguém? — pergunto, animada por ela. — É alguém que eu conheça ou já vi?

— Está na minha frente, agora.

Olho para trás de mim para saber de quem ela está falando. Não há ninguém além de uma mulher com seus filhos e, na outra mesa, um grupo de adolescentes.

— O que quer dizer? — pergunto, nervosa.

— Você! — Ela sorri abertamente, tocando minha mão sobre a mesa. — Era você o tempo todo. É tão óbvio... Na verdade, eu cogitei essa possibilidade desde que decidiu ficar aqui, mas você ainda estava abrindo suas asas e parecia um pouco assustada ainda.

— Não! — Interrompo-a, alarmada. — Não estou preparada para isso. É uma responsabilidade enorme.

— Nasceu preparada — Lola coloca uma porção de sorvete em sua boca e me encara com olhar determinado. — As poucas vezes que a vi com Neil me dão a certeza disso.

— Por quê?

— Não fica deslumbrada por ele como as outras. Isso o irrita muito — continua ela. — E vi que ele gostou das opiniões que deu a ele naquele dia.

— Isso não me qualifica — insisto, agora em pânico.

Eu tinha ido umas dez vezes na sala dele realizar alguma tarefa que Lola havia pedido. Na maioria das vezes, ele mal pareceu notar minha presença, apenas nas duas últimas havia erguido o olhar para mim quando respondi um de seus pensamentos altos. Nem ao menos sei por que fiz aquilo, foi algo automático. Em outro momento, perguntou-me abertamente minha opinião sobre os riscos de um novo projeto no mercado. Sobre riscos financeiros eu entendo um pouco, mesmo que seja em uma escala bem menor, mas riscos são sempre riscos.

— Quem cresceu em um ambiente como o seu e com um pai opressor, consegue conviver com qualquer pessoa — ela afirma. — O que passou naquela cidade, todas as maldades e fofocas, toda aquela tensão, a qualificam e muito.

— Mas eu fugi, no fim das contas — confesso, de forma

amarga. — Não sou tão diferente das outras secretárias, pelo visto. Eu não tenho um curso superior e gosto de trabalhar na DET. Conseguir outro emprego tão bom quanto a esse, se algo der errado, não será nada fácil.

— Pense nisso como outra oportunidade de crescimento — insiste Lola. — Neil é exigente, mas ele investe em seus funcionários também. Poderá estudar se quiser e irei treiná-la nas próximas semanas. Vou garantir que ele a mantenha no trabalho, caso não dê certo trabalharem juntos.

— Algumas semanas de treinamento não fará de mim a secretária executiva que o Sr. Durant espera, Lola.

— Um diploma universitário também não fez com que as outras ficassem — rebate ela. — Quantas pessoas iniciam ou iniciaram negócios de sucesso sem nunca terem pisado em uma universidade?

Eu vejo que meus argumentos contra ela estão findando.

— Quando eu comecei a trabalhar na DET, tinha apenas um curso de secretariado e muitos sonhos. Não foi fácil, mas eu cresci muito. Não jogue essa oportunidade fora, Penelope.

— Os tempos eram outros — insisto mais uma vez, tentando colocar algo racional em sua cabeça.

— O que você tem é medo — assevera ela. — Não foi para isso que veio até aqui? Para finalmente encarar o mundo e todas as suas possibilidades? E, se nada der certo, comece de novo.

Constato que tudo o que ela me diz é verdade. Não tenho medo de Neil Durant e toda a fama que ele carrega, muito menos do trabalho e das dificuldades que possa encontrar no caminho. É que, pela primeira vez, eu me sinto bem comigo mesma, com minha vida, com meu trabalho, com as pessoas à minha volta — eu me sinto livre e, acima de tudo, estou feliz.

Tenho tudo que sequer um dia sonhei, mas que eu já amo: emprego novo, cidade nova e até uma amiga. Tenho receio que isso seja tirado de mim, como alguém puxando o tapete sob meus pés.

— Não faça isso apenas por mim — Lola aperta meus dedos.
— Faça por você. Prove que todos estavam errados e que grande mulher você é.

Ela me encara com olhar de cachorro sem dono e eu sei que, a partir dali, ela já havia me vencido.

— Neil não é tão mau assim — brinca ela. — Só noventa e nove por cento do dia.

Solto uma risada. Não, ele não é tão mau como quer que as pessoas acreditem. Eu sei do que falo. Conheço pessoas realmente más. Definitivamente, ele não é. Apesar de toda aquela aura dominadora, olhar penetrante e semblante fechado, há alguém gentil ali. Sei disso pela forma que trata a filha no telefone, sempre carinhoso, não importando quem esteja presente. Seja eu e Lola, seja em uma sala repleta de diretores. Há mais nele do que as pessoas podem realmente ver e mais do

que ele se permite mostrar.

— Está bem, eu posso tentar — sorrio, vencida por seus argumentos. — Mas o que ele tem a dizer sobre isso?

— Deixe que com ele eu me entendo.

Não sei de que maneira, mas Lola havia convencido o Sr. Durant que eu era uma excelente escolha para ocupar o lugar dela. Confesso que começar a passar tanto tempo ao lado dele foi meio intimidante. Mas, conforme os dias foram passando, fomos nos adaptando um ao outro de forma graduada e natural. Ele era tudo o que falam dele e é claro que me testou o tempo todo. Nunca foi ríspido comigo, mas tinha uma sutileza e sagacidade para me fazer sentir estúpida e incomparável, mas eu não vou desistir.

No último dia de trabalho de Lola, os funcionários comemorariam em um bar não muito longe dali. Eu fui obrigada a ficar no trabalho até tarde, já que meu chefe havia exigido um relatório para o dia seguinte que, no mínimo, eu demoraria uma semana para preparar. Lola me alertou que era mais um de seus testes para saber qual a prioridade eu dava ao trabalho. Constatei sua teoria no dia seguinte, quando ele disse que havia se enganado e minhas horas trabalhando pela madrugada não

foram necessárias.

Foi a única vez que eu quis realmente matá-lo. Gostaria de ter ido à despedida de Lola e estreitar meus laços de amizade com outras pessoas, principalmente Aline. Não tivemos muito tempo para conversar e não sei se ela está ressentida com minha promoção no lugar dela.

Outros testes vieram e aguentei firmemente cada um, inclusive suas crises de mau humor quando algo que ele havia planejado saía errado. No fim, Lola tinha razão: quem lidou com meu pai conseguiria conviver com qualquer pessoa.

Frequentemente, eu era chamada para assuntos pessoais relacionadas às suas amantes — escolhas de vestidos, joias, reserva de mesas em restaurantes exclusivos. Foram muitas em poucas semanas, acredito que ele tenha tentado me chocar. O que não aconteceu. Eu só vi um homem solitário tentando preencher a lacuna de sua vida com mulheres fúteis e interesseiras. No fundo, sinto-me compadecida dele.

Os dias seguintes passaram de forma veloz. Eu não fui tratada com hostilidade por Aline, mas nos distanciamos um pouco e não quero que isso aconteça. Agora, é ela quem irá me auxiliar.

O Sr. Durant saiu para almoçar com futuros investidores. As coisas no escritório estão relativamente calmas, então aproveito o momento para falar com ela. Quando pergunto sobre o que ela pensa sobre o meu novo cargo, fui surpreendida por

sua resposta.

— Claro que eu não estou irritada — ela sorri pela primeira vez em dias. — Eu fiquei um pouco receosa em como você se comportaria. Conhece a frase “quer saber mais sobre alguém, dê poder a ela”? Ainda não sabia como tratar você nem se continuaria a mesma de antes.

— Você tem certeza? — pergunto, alarmada. — Quero dizer, você está aqui há mais tempo e...

— Tive minha oportunidade — ela me entrega a xícara de chá e se senta na quina da minha mesa. — Além de Charlotte, acho que você é a única pessoa que aguenta aquele homem — ela leva o dedo à boca. — O que ele tem de bonito tem de cruel.

— Não acho que seja dessa forma — assim como Lola, defendo-o.

— Lealdade? — Aline pisca o olho. — Isso é algo que nosso chefe aprecia. Olha, eu quero uma vida pós-DET e não teria isso sendo a secretária dele.

— Mas o salário e os benefícios são muitos bons — banco minha própria megera ao abrir-lhe os olhos.

— São as oportunidades que terei de encontrar um bom marido aqui que me agradam — suspira ela, com olhar sonhador. — Trabalhar nessa empresa é melhor do que frequentar os melhores clubes badalados de New York.

— Está mesmo falando sério?

Minha tia já havia me alertado sobre suas intenções matrimoniais, mas, na época, achei absurdas demais para levar a sério. Aline é bonita e interessante e, mesmo que queira provar o contrário, é muito inteligente.

— Eu gosto do meu trabalho, não me leve a mal — justifica ela. — Mas eu quero mesmo é uma família, uma casa em Manhattan, circular nas melhores festas, aparecer nas colunas sociais e viajar pelo mundo. Vou te confessar uma coisa.

Ela olha para os lados para ter a certeza de que não somos ouvidas.

— Estou de olho em um dos amigos do nosso chefe, já que o próprio já é casado — murmura ela, baixando o tom de voz. — Saí com Peter algumas vezes, o detetive gostoso, mas esse é mulherengo e muito escorregadio. Meu grande alvo é o senhor Crichton, só que ele ainda não caiu nos meus encantos.

— Será que é por que você saiu com um amigo dele?

— Ah, não, eles não têm essas coisas — explica ela, balançando os ombros. — O problema de Adam é outro.

— Talvez ele seja gay, então — provoco-a, mas essa pode ser uma possibilidade.

— Se aquele homem for gay, querida... — ela se abana. — Eu juro que mudo de sexo. Na verdade, acho que ele sabe que sou uma garota para casar e deve ter medo de um relacionamento sério. Nada que uma mulher bonita e inteligente não consiga

reverter.

— Então, boa sorte — sorrio para ela antes de voltar ao trabalho. — Você tem as duas coisas.

Enquanto ela volta para sua mesa e eu pondero sobre o assunto, concluo que sou a última pessoa que poderia julgá-la. As pessoas devem ir em busca do que as fazem felizes. Não é porque havia escapado de um casamento fadado ao fracasso, fugido das garras de um pai tirano e que não tivesse intenção alguma de me prender a outro homem, que todas as mulheres deveriam pensar como eu.

Além do mais, isso é meio contraditório quando aquele homem atraente e sedutor ainda permanece em meus pensamentos. Durante o dia é sempre mais fácil afastá-lo de minha cabeça, pois o trabalho ajuda muito, mas, à noite, ainda mais agora que Lola já não está mais comigo, é quase impossível não pensar naquela noite especial e no momento íntimo que havíamos compartilhado.

Talvez seja a aura de mistério em volta dele e a falta de um nome que tenha feito com que eu ficasse aficionada. Ele poderia ser qualquer um, mas, ao mesmo tempo, é único, diferente de tudo que já conheci.

Balanço minha cabeça e tento afastá-lo dos meus pensamentos. Faço a única coisa que me aparta dele: mergulho em meu trabalho. Um dia, ele seria uma mera lembrança.

Teria sido uma sexta-feira normal se o caos não parecesse ter se instalado em todos os lugares. Primeiro, eu tive que lidar com um cliente furioso que exigia falar com Neil que, no momento, está em uma reunião com alguns engenheiros e deixou ordens categóricas para não ser incomodado.

Depois, tive que lidar com uma de suas amantes furiosas e ciumentas comigo. A máquina de café havia quebrado, manchando minha roupa, e meu computador havia pegado um vírus que provavelmente havia apagado o trabalho que vinha fazendo por dois dias.

E, para finalizar, meu pai tinha ligado para avisar que faria uma visita neste final de semana.

Já são quase quatro horas da tarde, eu não havia saído para almoçar ainda e minha cabeça já começava a dar indícios de uma terrível dor de cabeça.

— Tem certeza que pode dar conta? — pergunto a Aline, antes de pegar minha bolsa.

— Pode ir tranquila — ela sorri. — Agora sei por que tem

esse corpinho. Ficar horas sem comer não é saudável. Eu disse a você que ser a secretária dele não era nenhum prazer.

— Já lidei com coisas bem piores — respiro fundo. — E não se engane com meu corpinho, pois eu tenho um apetite feroz. Verá isso quando tiver uma oportunidade.

Nunca almoçamos juntas, nossos horários são diferentes.

Apesar de eu estar satisfeita com meu corpo e ter uma genética que me favorece, não sou o tipo de pessoa que passaria fome para ter um corpo bonito.

Vou até uma lanchonete não muito longe do escritório que sempre recorro quando tenho pressa. Mesmo que, no momento, as coisas estejam mais calmas por lá, eu só fico tranquila quando o Sr. Durant dá o dia por encerrado.

Peço um suco de frutas e uma fatia de cheesecake que parece estar divina.

Como rapidamente e sinto-me inquieta, mas não sei explicar exatamente o motivo. Tenho a mesma sensação que tive antes da festa de Ano Novo.

— Que bom que você retornou — Aline vem ao meu encontro assim que saio do elevador. — Aconteceu um problema gravíssimo.

— O que houve? — pergunto, levando a mão ao peito.

— Ah, ele está lá dentro — ela se abana como se tivesse

muito calor. — Dispensei a mulher do cafezinho, eu mesma queria fazer isso, mas aconteceu um daqueles problemas femininos. Esse é o único momento em que me arrependo por ter nascido mulher.

Ela pousa a mão em seu ventre e entendo do que ela está falando.

— Pode fazer isso por mim? — Aline aponta o carrinho de café. — Por favor?

— Claro, pode ir.

Observo-a pegar sua bolsa e sair praticamente correndo e vou em direção à sala de Neil, sentindo-me solidária. Definitivamente, deveríamos passar por esse transtorno uma vez por ano. Não, apenas em anos bissextos ou quem sabe poderia ser um desprazer dos homens, já que ficamos encarregadas de ter os filhos.

Bato na porta. Enquanto aguardo o sinal para que eu entre, penso em quais dos amigos bonitões do meu chefe está na sala dele porque, sem dúvida, para Aline ter ficado eufórica daquele jeito um dos dois deveria ter aparecido.

Tento imaginar entre a parede de músculos que ela havia descrito e o engravatado bonito.

Empurro o carrinho sala adentro após a autorização. Não há ninguém na sala além de Neil, mas vejo um terno cor de chumbo sobre uma cadeira em frente sua mesa e ouço barulho

de água vindo do lavabo.

— Eu trouxe o café — informo, separando duas xícaras. — Aline teve um problema e teve que sair às pressas.

— Puro e sem açúcar — ordena Neil, sem desviar o olhar do que está fazendo.

— O mesmo para mim, Charlotte.

Ouçó o homem abrir e fechar a porta e, quando o som daquela voz chega aos meus ouvidos e leva o reconhecimento ao meu cérebro, o resto do meu corpo deixa de agir de forma coordenada.

Minhas mãos tremem e a xícara que havia segurado firmemente despenca em um baque estridente com todo o conteúdo da porcelana entornando no carpete imaculado.

Viro-me em direção à voz e a sensação que tenho é que me movimento em câmera lenta.

— Você!

Falamos juntos, quase em um sussurro inaudível. Encaro-o estática, sem conseguir desviar os olhos dele.

— Algum problema? — sinto o olhar de Neil sobre nós. — Penelope?

Eu juro que tento desviar o olhar e prestar atenção em meu chefe, mas eu não consigo. É como se eu estivesse petrificada no lugar. O homem, com quem eu vinha sonhando e fixado em

minha cabeça por todas aquelas longas semanas, está aqui na minha frente, a poucos passos de mim. Tão lindo e atraente como eu me lembrava e, para minha felicidade, ou melhor dizendo, infelicidade, ele é um dos amigos do meu chefe.

Isso, definitivamente, não pode estar acontecendo.

Capítulo 7

Adam

Aumento o som da música em meu carro, *Elevation* do U2 começa a tocar. Dedilho meus dedos contra o volante, acompanhando a batida, alheio ao mundo à minha volta. Alguns carros à minha frente param no sinal vermelho, outros buzina descontrolados como se isso fosse adiantar alguma coisa. O trânsito segue lento e maçante.

Ainda com a música ressoando em minha cabeça, diminuo a velocidade e olho para a calçada. Contemplo algumas pessoas que caminham com pressa enquanto outras parecem distraídas

observando as vitrines de algumas lojas. São adolescentes sorrindo e se provocando, homens apressados, mulheres distraídas, uma mulher com um livro na mão, uma senhora equilibrando as sacolas de mercado. Cada um perdido em seu próprio mundo.

Então, inesperadamente, meus olhos caem na mulher que vem sendo meu tormento há dias. De costas para mim, andando rapidamente em seu vestido preto, cabelos presos em uma trança frouxa, o corpo um pouco menos esguio do que eu me lembro, mas, a essas alturas, já não sou capaz de distinguir a mulher daquela noite com a que me assombra todos os dias ao ponto de me enlouquecer.

Dominado por esse frenesi em reencontrá-la, direciono o carro para o meio fio e abandono-o na rua sem me incomodar com os gritos e as buzinas de protesto atrás de mim. Atravesso o mar de pessoas com afobação, pois o medo de perdê-la de vista é latente. Vejo-a virar a esquina, entrar em uma loja e eu a sigo até lá.

Assim que entro, algumas mulheres me encaram com olhar estranho e de um jeito que, de certa forma, me deixa desconfortável. Tenho a leve sensação de que estou no local e no momento errados. Mas isso perde a importância. Minha atenção logo é voltada para outra pessoa.

Enquanto caminho pela loja, dou-me conta dos objetos expostos ali: lingerie sensuais de um lado, fantasias eróticas do

outro, vários itens espalhados nas prateleiras. Há uma grande variedade de brinquedos sexuais e vibradores de todas as cores, tamanhos e formas imagináveis.

Volto a olhar as mulheres em volta e, agora, elas trazem um sorriso apreciativo em seus rostos. Sinto-me tão exposto como as centenas de objetos eróticos ali.

Inferno!

Ela havia entrado em uma loja de Sex Shop?

Sacudo a cabeça e foco em meu objetivo, que é encontrá-la.

— Posso ajudá-lo em algo, senhor? — uma vendedora sorridente interpela meu caminho no corredor.

— Estou procurando algo — respondo a ela, impaciente.

— Para sua namorada, imagino? — pergunta ela, solícita.

— É... — respondo de forma automática e volto varrer o lugar com meus olhos.

Olho para a rua e vejo uma fila de carros começando a se formar atrás do meu. Não tenho muito tempo a perder ou terei grandes problemas quando sair. No mínimo, uma significativa multa de trânsito.

— Acho que temos algo que ela irá gostar, tem saído muito — diz ela — Um minuto.

Aproveito que ela para de tagarelar em meus ouvidos e se afasta deixando-me em paz outra vez e volto circular pela loja.

Ando rapidamente entre uma prateleira e outra até que a encontro em frente a uma arara de peças íntimas. Não sei se foi o tempo que passou desde que nos vimos, mas algo parece estranho. Acreditei que fosse um pouco mais alta, talvez. Minhas mãos formigam e se movem nervosas.

— Penelope... — toco-a em seus ombros e uma jovem assustada me encara com olhos arregalados.

Putá merda!

Não é a primeira vez que isso acontece nas últimas semanas. Confundi-la com outras mulheres havia se tornado um hábito ridículo e irritante.

— Acho que está me confundido — ela pronuncia, agora sorrindo após o susto inicial. — Mas eu posso ser ela se você quiser. Na verdade, posso ser quem você quiser, querido.

— Desculpe — murmuro, afastando-me. — Fica para uma próxima vez.

Ok. A jovem é bonita, eu não nego. Não teria perdido a oportunidade em outra ocasião, mas, no momento, estou frustrado comigo mesmo.

— Aqui, senhor — a vendedora retorna, entregando-me uma embalagem a qual eu não dou a mínima atenção. — São cento e quarenta dólares, mas garanto que vale a pena.

Tiro três notas de cinquenta da carteira e entrego a ela. Digo que fique com o troco. Ouço-a dizer mais alguma coisa, contudo

meus pensamentos já estão longe. Em minutos, vejo-me outra vez na calçada movimentada.

De volta ao meu carro, escuto alguns motoristas irritados se desviando do meu caminho, outros continuam a apertar suas buzinas. Apesar disso, nada me tira do estado de estupor ao qual me encontro.

Jogo o pacote no banco de trás e pondero quantas vezes eu faria papel de idiota. O pior de toda essa situação ridícula é que eu apenas a beijei em uma festa, nada além disso. Provavelmente, isso seria um corretivo ou alguma espécie de penitência por tudo de errado que já fiz na vida. Afinal, desejar uma mulher que jamais terei ou colocarei os olhos novamente só pode ser castigo.

Ligo o carro e volto a dirigir sem sentido pela cidade. Meia hora depois, encontro-me em frente ao prédio da DET. Não faço a menor ideia de como cheguei, mas, já que estou aqui, resolvo ir até ao escritório do Neil. Talvez o que eu precise é ouvir de uma pessoa sensata que eu não estou ficando louco.

Assim que atravesso o saguão e as portas do elevador começam a fechar outra vez, sou presenteado com outra imagem fantasmagórica, dessa vez indo em direção à saída. Apenas de longe, admiro os cabelos sedosos presos em um coque rigoroso. Noto a delicada blusa branca de seda, saia preta risca de giz, que perfeitamente molda-se ao seu corpo, e o salto agulha sexy que a faz parecer desfilas, como se estivesse em uma passarela. Essa, de todas as outras, é incrivelmente parecida com a mulher dos

meus sonhos, mas eu não vou cair nessa loucura novamente.

Mesmo dessa vez a imagem sendo tão real e nítida, eu finco meus pés no chão e me recuso a sair do elevador para segui-la. E, assim que as portas se fecham, levando a imagem para longe, eu apoio minha cabeça contra a parede fria, na esperança de que o seu frescor me trouxesse de volta à realidade.

— Oi, Aline — cumprimento uma das secretárias assim que alcanço sua mesa. — Neil está?

— Olá, Dr. Crichton — ela sorri com olhar embevecido. — Acabou de sair de uma reunião. Vou anunciá-lo.

Enquanto ela fala ao telefone, testemunho seu olhar apreciativo sobre mim. Seria indecente se eu já não o tivesse observado ou encorajado antes. Aline nunca escondeu seu interesse, mas, apesar dela ser bonita, nunca despertou meu interesse como certamente almeja. E não tem nada a ver com o fato de já ter saído com Peter algumas vezes. Não ligamos para essas coisas de exclusividade. E nem o fato de Neil ter proibido de nos envolvermos com suas funcionárias, coisa que Peter ignora. O que me afasta dela é o que identifico em seus olhos: Aline procura algo mais, algo que eu nunca poderei oferecer a ela ou a qualquer outra mulher.

— Pode entrar — ela fala, batendo os cílios.

Normalmente, eu teria mencionado algo galanteador para que ela ficasse satisfeita com suas tentativas de sedução. Hoje,

não tenho espírito para isso. Quem sabe na saída, quando minha mente já não fosse um amontoado de confusão?

Há semanas que não saio com uma mulher. Na realidade, desde o início do ano. Uma noite de sexo pode ser o que eu preciso. Poderia convidá-la para um drinque mais tarde.

— Vejo você depois — pisco para ela, antes de abrir a porta.

O seu sorriso empolgado e o seu olhar entusiasmado me fazem questionar se não havia sido precipitado. Ela parece uma boa garota e não quero magoá-la. Não sou um cafajeste como a maioria pensa. Eu sei quais as mulheres que devo ou não levar para a cama, juvenzinhas que sonham com cercas brancas estão definitivamente riscadas da lista.

— Adam... — Neil se levanta para me receber. — A que devo a honra da sua visita?

Ele aponta a cadeira à minha frente. Livro-me do terno e coloco-o em cima da cadeira antes de me sentar.

— O que difere um homem lúcido de um homem insano? — pergunto mais para mim do que para ele.

— Filosofia a essas alturas? — Neil sorri, voltando a sua cadeira. — O que o incomoda tanto? Na verdade, quem?

— Uma mulher — confesso a ele, desconfortável. — Sempre é uma mulher, não é?

— Sempre — ele confirma.

Ele não é o tipo que fica me questionando, como meu irmão Liam. Neil estará pronto para me ouvir, desde que eu queira falar sobre o assunto.

Decido que não é o caso no momento. Acredito que quanto menos eu pensar e falar sobre ela será mais fácil esquecê-la.

Pego uma de suas canetas em cima da mesa e começo a brincar com ela. Mudo de assunto e iniciamos uma conversa sobre negócios. Falamos sobre a próxima auditoria em sua empresa, sobre um caso que acabei de vencer no Tribunal, sua nova sociedade em companhia aérea e a proposta de Richard para investirmos em um complexo hoteleiro em Dubai.

Mas, embora falar sobre o trabalho me acalme em boa parte do tempo, eu não dou a devida atenção ao que ele fala. Sua voz soa cada vez mais distante.

— Droga! — Vocifero, pulando da cadeira ao olhar a caneta estourar em minhas mãos, manchando minha camisa imaculadamente branca. — Posso usar seu banheiro?

— Claro! — Ele declara. — Fique à vontade.

Sigo direto para o lavabo. Sei que Neil notou que passei metade da nossa conversa ausente. Apesar dele não ter se manifestado, é impossível não notar seu olhar questionador.

Ligo a torneira e o som da água escorrendo pelos meus dedos tem um efeito tranquilizador. Esfrego o tecido desejando que pudesse fazer o mesmo com a minha mente, que pudesse

apagar Penelope com a mesma facilidade que eliminava essa mancha em minha roupa.

Diabo de mulher. E que maldito beijo. Porra...

Alguns minutos depois, assim que me dou por satisfeito, desligo a torneira. Ouço algumas vozes vindas da sala, seco minhas mãos no papel toalha e vou em direção à porta.

— Puro e sem açúcar — ouço a voz de Neil quando abro a porta.

— O mesmo para mim, Charlotte — informo a secretária dele.

Mas, ao reconhecer a mulher parada a minha frente, eu estaco — estático, transtornado, confuso.

Certo... Nos últimos dias, qualquer mulher parecida com ela fez com que eu me comportasse de uma forma não muito convencional. Mas daí a confundir uma senhora de cinquenta anos com uma jovem com provavelmente metade de sua idade é demais até para mim.

Só que, quando ela vira lentamente em minha direção, e eu me deparo com os olhos que me fizeram passar muitas noites em claro, tenho a certeza de que não é um sonho ou uma alucinação.

Penelope Charmosa, linda e real, bem diante de mim.

— Você! — Sussurramos juntos.

A surpresa em seu rosto é tão evidente quanto a minha.

Os momentos seguintes são desastrosos. Vejo a xícara em

suas mãos ir ao chão. Seus lábios abrem e fecham algumas vezes, fazendo minha única vontade ser enfiar minha língua dentro de sua boca em um beijo feroz e carregado de paixão, do jeito que havia imaginado todos esses dias.

Neil fala alguma coisa que eu ignoro. Caminho dois passos em direção a ela, como se alguma força magnética nos puxasse um para perto do outro. Estou extasiado, eufórico, feliz como um garotinho na loja de doces.

No entanto, para refutar minha alegria momentânea, noto o rosto dela mudar de surpreso para assustado. Não gosto disso. Não quero que sinta medo de mim. Quero que tenha as mesmas sensações e reações que eu. Quero ver o sorriso brilhar em seu rosto lindo e, acima de tudo, quero provar novamente esses lábios contraídos e confirmar se são tão doces como minhas lembranças insistem em dizer.

— Desculpe, Sr. Durant — seus olhos desviam dos meus e focalizam no chão onde está a peça de porcelana. — Eu vou cuidar disso. Eu já volto.

Não!

Caminho mais um passo em direção a ela. *Não vá embora. Não agora que a encontrei.* As palavras ecoam na minha cabeça, mas meus lábios não se movem, permanecendo colados e nenhum som saindo de minha boca. *Faça alguma coisa homem!*, ordena meu cérebro, mas, antes que possa emitir alguma palavra, ela sai apressada.

— Quer com pimenta?

Ouçõ a voz de Neil ao longe.

— Pode ser — respondo, meu olhar e atenção presos à porta por onde ela saiu.

— Adam! — Diz ele, com mais ênfase dessa vez. — Quer mesmo café com pimenta?

— O quê? — viro para encará-lo.

— Seu café — assevera ele com um sorriso de deboche. — Eu sei que a minha nova secretária é bonita, não há dúvidas sobre isso...

Nova secretária? E como assim ele a acha bonita? E toda aquela conversa sobre nunca se envolver com o *staff*?

— Mas você poderia disfarçar um pouco — ele limpa a mancha imaginária em seus lábios. — Está babando, literalmente.

— Sua secretária? — pergunto confuso e, ao mesmo tempo, desconfiado com o interesse dele sobre ela. — E Charlotte?

— Se aposentou, lembra? — ele me questiona, indo até o carrinho de café. — Nós o convidamos para a despedida dela naquele bar o outro dia.

O que eu me lembro é que tive um dia terrível no Tribunal. Eles haviam ligado e havia muito barulho. As únicas coisas que quis, naquela noite, foram um longo e relaxante banho e uma

cama. De preferência, sem sonhos perturbadores com uma certa jovem que se recusava a sair da minha cabeça.

— Ela é sua nova secretária? — pergunto a ele, ainda desorientado.

— Foi o que eu disse — ele confirma, voltando para sua cadeira. — O que a torna proibida para você.

— Por que está interessado nela? — vou direto ao ponto.

— Não seja ridículo — diz ele com olhar sério. — Sabe minha política com minhas funcionárias.

— Bem, essa é a sua política — asseguro, seguindo para a máquina de café. — O que fazem fora daqui não é da sua conta.

— Eu só não quero ninguém chorando pelos corredores, está bem? — ele assevera. — Foi muito difícil substituir Charlotte. Apesar de Penelope ter muito a aprender, é muito inteligente e pode ter um futuro promissor aqui.

Um bom advogado deve saber blefar quando é necessário. Até que eu saiba os meus verdadeiros sentimentos em relação a ela, não vou contribuir com essa disputa de homens das cavernas. Não é assim que costumo agir. Além disso, ele tem uma vantagem que eu não tenho: está ao lado dela todos os dias. Uma coisa é ele dizer que não se envolve com suas secretárias, outra é ele passar tantas horas ao lado de uma mulher tão linda.

Porra! Eu estou mesmo ferrado!

— Não se preocupe, Neil — dou de ombros. — Conheço suas regras chatas.

Nesse momento o telefone toca e pego uma xicara de café fumegante e sem açúcar enquanto ouço-o ao telefone.

— Sim, Aline — murmura ele. — Mas ela está bem? Claro... Tudo bem.

Olho para o meu relógio e me pergunto quanto tempo mais Penelope irá demorar para retornar. Os minutos se arrastam e Neil desliga o telefone. Meu café continua intacto em minhas mãos.

— Hoje foi um dia tenso — ele me diz ao se levantar e colocar o terno. — Quer sair e tomar um drinque? Ou quem sabe esticar a noite? Mila tem uma amiga visitando a cidade.

— Vou declinar dessa vez — pego o meu terno em cima da cadeira. — Estou trabalhando em um caso complicado.

Um caso muito complicado chamado Penelope, mas isso ele não precisa saber. Em questão de trabalho, Neil sabe que sou tão dedicado quanto ele.

— Ela não vai voltar? — indago ao chegarmos à porta.

— Quem? — pergunta ele.

— Sua secretária — respondo, tentando disfarçar minha impaciência. — Disse que voltaria para organizar essa bagunça.

Não quero parecer mais interessado do que eu deveria, mas

é quase impossível encobrir o tom ansioso em minha voz.

— Ela já foi embora — declara, antes de girar a maçaneta.
— Parece que não se sentia muito bem. Mas não se preocupe porque alguém da limpeza cuidará disso.

A sensação que eu tenho é de traição, além de decepção e um gostinho do sabor da vingança. A maldita mulher está dando o troco na mesma moeda, saindo sem a menor explicação, exatamente como eu fiz naquela maldita festa.

A diferença é que eu não havia fugido, porra!

Fui ao socorro de um amigo. E eu voltei para tentar reencontrá-la, mesmo com a certeza de que seria impossível.

O que farei agora? Hoje tinha de ser a merda de uma sexta-feira? A menos que eu fizesse alguma coisa, teria que esperar o final de semana todo para poder vê-la novamente.

— Até amanhã, Sr. Durant — murmura Aline quando passamos por ela. — Dr. Crighton?

— Até logo, Aline.

Ela me lança um olhar esperançoso e confuso, eu o ignoro e continuo andando.

— Olha, acabei de lembrar que preciso resolver algumas coisas no setor jurídico — informo a ele, assim que alcançamos o elevador. — Falo com você depois.

— Tudo bem — ele me responde. — Anne passará o final de

semana na casa dos meus pais. Pensei em chamar os rapazes para jogar pôquer. O que você acha?

— Já tenho um compromisso — esquivo-me antes que a porta feche. — Fica para outro dia.

Assim que as portas do elevador se fecham, eu sigo para o elevador ao lado. Vou para o departamento de Recursos Humanos. A maioria dos funcionários já recolhem suas coisas e começam a finalizar o dia.

— Olá, Sr. Crighton. Em que posso ajudá-lo?

Não é surpresa para mim que a mulher saiba meu nome, mesmo que eu não tenha a mínima ideia de quem ela seja. Meu escritório presta assessoria jurídica à DET. Além disso, sou amigo do Neil, assim acho que metade do prédio deve me conhecer.

— Chelsea — identifico seu nome no crachá pendurado em seu peito e lanço um sorriso encantador. — Preciso muito da sua ajuda.

— Será um prazer ajudá-lo — ela sorri.

— Preciso de alguns processos urgentemente, mas a nova secretária do Sr. Durant já foi embora e levou para casa... Sabe, por engano.

— Oh, que lástima! — Ela parece compadecida com o problema. — Penelope é nova na empresa. Não deve ter feito por mal.

— Eu tenho certeza que não fez — confirmo com a voz suave, apoiando-me contra o balcão com um sorriso que sei que ela será incapaz de resistir. — Mas eu preciso mesmo desse documento. Será que você poderia me dar o endereço dela?

— Não costumamos fazer isso, mas se o caso é tão urgente assim... — diz ela tom brincalhão. — E, afinal, o senhor não é nenhum maníaco devorador de mocinhas inocentes, não é mesmo?

— Não, eu não sou.

Rio da brincadeira e me pergunto se, no fundo, não há um tom de verdade no que ela diz. Não da parte sobre ser um maníaco, mas a do lobo mau? Afinal, o que estou fazendo aqui totalmente carregado de segundas intenções?

Sim, eu quero e vou devorá-la por inteiro.

Embora pareça errado que eu esteja usando de minha influência para encontrar alguém que claramente deseja distância de mim, eu quero encontrá-la logo.

E meu único pensamento ao observar o endereço rabiscado no pedaço de papel é ir de encontro a ela e exigir uma explicação.

Fugir de mim daquela maneira não foi uma atitude inteligente.

Que merda eu estou pensando? Não tenho o direito de exigir nada. Penelope pode estar mesmo doente e ter ido embora. Não parecia bem quando saiu às pressas do escritório. Inicialmente,

atribui isso à surpresa em me reencontrar. Mas eu poderia estar dando importância demais a mim mesmo.

Novamente, sob controle e pensando racionalmente, decido que a visita poderá esperar até o dia seguinte. Darei um tempo para que ela se acostume à ideia da minha presença definitiva dessa vez. Não quero que nossa relação se inicie com ela imaginando que sou um lunático e perseguidor.

Inferno!

Que relacionamento, Adam? Eu só quero levá-la para cama e tirá-la da minha cabeça, apenas isso. Embora seja um pensamento machista e, de certa forma, vulgar é exatamente assim que me sinto e deixaria isso enfatizado.

Além disso, ficou claro para mim como água que ela também se sente atraída por mim e que não havia me esquecido.

Amanhã, convenço-me antes de entrar no carro. Amanhã darei um jeito de resolver essa situação de uma vez por todas.

— Aguenta aí, companheiro — digo para meu pau, que já começa a ficar animado com a ideia. — Amanhã, essa tortura terá um fim.

Dizer que minha noite foi povoada de sonhos eróticos e que tive que levantar duas vezes na madrugada para um banho frio não chega nem perto do quão tortuosa ela foi. Uma coisa é sonhar com uma mulher misteriosa perdida pela cidade, outra bem diferente é ter seu endereço e telefone. Tê-la tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe.

Por volta das sete da manhã, desisto de continuar na cama, visto minha roupa de corrida e corro pela redondeza até ficar sem fôlego e com câimbras nos pés. Volto para casa, tomo banho e preparo o café. Leio o jornal que haviam deixado mais cedo. Ligo para Liam para passar o tempo, e sou recebido por seu mau humor matutino. Ele não é sempre tão engraçadinho como todos pensam, principalmente se está com sono ou com fome. Falo sobre coisas banais que o irritam bastante - esse é o meu momento de vingança.

Encerro a ligação vinte minutos depois e sigo para meu escritório no andar de baixo. Tento imaginar qual seria o melhor momento para encontrá-la. Depois do almoço, quem sabe? No fim da tarde, talvez?

Por volta da uma, já estou de saco cheio. Nem mesmo as dezenas de folhas de processos em minha mesa me mantiveram ocupado por muito tempo. Então, saio de casa com destino certo: vou colocá-la contra a parede. Melhor dizendo, em cima da minha cama. Na cama dela para ser mais exato.

Pensar sobre isso durante o caminho é uma coisa, colocar

em prática é bem diferente. Acho que já saí e entrei em seu prédio umas três vezes. Isso parece ridículo.

Mas, alguns minutos depois, estou em frente à porta dela tocando a campainha, levado mais pelo desejo do que pela coragem. O que eu diria quando ela abrisse a porta?

Eu quero foder você inteirinha.

Olá, Penelope, consegui seu endereço no RH e vim comer você — direto, mas não acredito que seja eficaz.

Toco a campainha outra vez... Nada.

E se ela tivesse um noivo ou namorado? E se estivessem juntos nesse momento? Se estivessem fazendo sex...

Porra! Bato na porta com meu punho. Se antes eu desconfiei estar à beira da insanidade, agora eu tenho certeza de estar a um passo da camisa de força. Como eu havia deixado de ser um homem controlado e coerente para me transformar nesse ser patético?

Eu pego o celular em meu bolso em uma última tentativa de encontrá-la, talvez ainda esteja doente e precisando de ajuda. Ou, talvez, a funcionária de Neil houvesse me passado o endereço errado por engano.

Mas o som insistente dentro do apartamento confirma que não. Parece mesmo que não há ninguém em casa.

Porra!

Volto para casa irritadiço e vou direto para o escritório onde fico até o anoitecer. Levado por um impulso ridículo, eu ligo para o apartamento outra vez escuto o recado da secretária eletrônica. Para o meu desapontamento, reconheço a voz de Charlotte.

Penso novamente sobre o convite de Neil, mas não estou com ânimo. Não serei boa companhia esta noite e não quero ter que aturar Liam. Esse me conhece melhor do que qualquer pessoa, sabendo muito bem pisar em meu calcanhar.

No fim, minha noite de sábado resume-se à pizza e cerveja em frente à TV.

Mas, para minha surpresa, a noite havia sido mais tranquila, sem sonhos, sem suores noturnos, nada. As dezenas de garrafas vazias jogadas pelo chão e a caixa de pizza pela metade, somadas à dor em meu pescoço por ter adormecido no sofá, é a explicação para o fato.

Recolho a bagunça que fiz durante a noite e subo para tomar banho. Após me arrumar, vou para a casa dos meus pais.

Como é domingo, Katty, seu marido e as crianças provavelmente passarão o dia por lá. Apesar de não ser um tio muito presente, as crianças podem ser a distração que eu preciso.

Hoje, eu não agirei como o idiota do dia anterior.

Meu problema com Penelope é sexo. E, cedo ou tarde, eu resolverei essa equação.

É preciso, apenas, de um pouco mais de paciência e eu a teria em minha cama.

Capítulo 8

Penelope

Eu não vi mais nada à minha frente a não ser ele. E não é porque estive presa em uma fantasiosa bolha cor-de-rosa onde só havia nós dois. O que acontece é que estou apavorada. Durante o decorrer de todos esses dias, enquanto eu pensava e sonhava com a possibilidade mesmo remota de reencontrá-lo, imaginei as diversas reações que eu teria ao me vir cara a cara com ele. A última coisa que eu pensei foi fugir.

Iria ignorá-lo mesmo que inicialmente, talvez fingisse, por um momento, que aquele beijo não significou nada para mim ou

eu poderia agir friamente, como se beijar desconhecidos lindos e atraentes em festas fosse algo completamente natural em minha vida. Mas, de forma alguma, jamais, nunca, eu o deixaria saber o quanto ele me afeta.

Puf! — palavras.

Um minuto... Eu precisei de apenas um minuto em sua presença marcante para toda essa minha pose de mulher independente e moderna ruir diante dos meus pés. Voltei a ser a mesma garotinha perdida e assustada que havia fugido do papai há quase dois meses.

Mas não é apenas isso que me incomodou, fazendo-me sair correndo dali. O que martela em minha cabeça são os avisos de tia Lola sobre meu chefe e seus amigos insanos.

Não se apaixone por Neil, ela me disse.

Não se apaixone por nenhum dos amigos dele também, alertou-me.

E por último: *não beba!*

Claro que essa última foi apenas uma provocação. Ou não?

De qualquer forma, devo manter em minha mente a parte do Sr. Durant e seus amigos bonitos. O alerta dela foi claro: eu deveria ficar longe do caminho deles. Agora, por que o único homem no mundo que despertou em mim sentimentos desconhecidos tinha que ser justamente um dos amigos do meu

chefe?

Adam mexe comigo como nenhum outro homem que já conheci. Certo, eu não tenho uma vasta lista de experiência, mas no pouco tempo em que estive aqui eu esbarrei em muitos homens bonitos e interessados em mim que não me atraíram da mesma forma. O próprio Sr. Durant é um homem lindo, charmoso, inteligente, mas não há nenhuma química ou atração física entre nós dois, não dessa maneira. Não como o que sinto quando estou perto de Adam.

Adam... Ouvi de longe Neil chamar seu nome. Agora, tudo parece mais real, mais palpável.

Adam... Suspiro. Um nome bonito.

O que farei agora? Ele me reconheceu e tive certeza disso quando vi a surpresa em seus olhos após sair do toalete. O sussurro em seus lábios e o brilho em seu olhar não negaram o fato.

Jesus, o mesmo olhar de predador que tinha me intimidado na festa. Que me deixou com medo e fascinada ao mesmo tempo. Ele é o caçador e eu desejo ser sua caça. A comprovação disso foi a reação do meu corpo sob seu olhar. Primeiro, os meus mamilos se enrijeceram prontamente. Logo, o formigamento entre minhas pernas intensificou e a temperatura do meu corpo subiu de forma significativa. Sensações que eu jamais senti por ninguém. Esse homem só pode ter parte com o demônio. É a única explicação que tenho.

Outra vez, eu senti o vislumbre do desejo e algo mais que eu não consigo identificar. Tudo o que eu quis foi que Adam me tomasse em seus braços novamente e que eu pudesse provar as mesmas sensações que ele havia trazido à tona em mim naquele dia na festa.

— Penelope? — encontro Aline na minha mesa, encarando-me com expressão interrogativa. — Tudo bem com você?

Eu sei que, no momento, minha aparência deve estar deplorável. Meu cabelo deve estar desalinhado devido à quantidade de vezes que passei as mãos sobre a cabeça, meu rosto deve estar corado, as bochechas vermelhas e, no mínimo, devo ter uma expressão assustada no rosto.

— Eu não estou muito bem — murmuro baixinho. — Avise ao Sr. Durant que estou indo para casa, por favor.

Não é totalmente mentira. Eu não posso afirmar que estou em meu estado normal e sereno de sempre.

Você está fugindo!, minha consciência acusa. Parece que fugir é única coisa que tenho feito na vida: dos meus pais, da minha cidade, de Adam e de mim mesma.

— Eu disse que ficar tanto tempo sem se alimentar não faria bem a você — diz ela, orgulhosa, por me passar um sermão. — Consegue ir sozinha? Se quiser, posso ir com você...

— Não! — Interrompo-a, seguindo adiante. — Apenas... Dê meu recado a ele. Eu não deixei nada pendente. Diga que usarei

as horas de folga que ele me deu.

— Horas de folga? — pergunta ela. — Mas já está quase na hora de ir embora, seria um desperdício.

Isso não me importa. Tudo o que quero é sair daqui o mais rápido possível.

— Tenho que ir — murmuro com pressa ao pegar minha bolsa. — Até segunda.

Ouçoo seu resmungar às minhas costas, mas continuo andando.

Somente quando chego à calçada e apoio minhas mãos contra os joelhos é que eu sou capaz de respirar normalmente. Meu coração bate tão forte como uma britadeira no asfalto.

Caminho até a estação de metrô tentando me equilibrar nas minhas pernas bambas sobre o salto fino. Assim que entro, o movimento das pessoas e o burburinho à minha volta têm um efeito calmante sobre mim.

Meu Deus, eu estou perdida! Esse pensamento fervilha em minha cabeça a cada estação. Eu amo o meu trabalho e Neil e eu estamos começando a nos entender. Sei recuar quando ele precisa e falo sem medo quando ele pede minha opinião. Acredito que os testes tenham passado, já que no escritório tudo parece caminhar tranquilamente. Nunca imaginei que eu me adaptaria tão bem a uma cidade cosmopolita como New York, mas eis-me aqui, feliz. Além de Aline, fiz amizade com outras garotas e até

mesmo havia conquistado alguns admiradores, embora qualquer relacionamento pessoal na DET não seja aconselhável. Estou bem aqui e perder tudo isso seria como a morte para mim.

Eu tenho que encontrar uma forma de tirar esse homem da minha cabeça.

Quando chego em casa, a primeira coisa que noto é a luz da secretária eletrônica piscando. O primeiro recado é de Lola perguntando como estou indo no trabalho. Logo em seguida, ouço a voz juvenil de Juliene indagando quando irei ao Texas para visitá-la.

Estou a caminho do sofá, pulando em um pé só enquanto tento me livrar do sapato no outro quando a voz do meu pai ecoa na linha, fazendo-me cair sobre o carpete.

— Penelope, sei que disse que sua mãe e eu iríamos vê-la amanhã, mas sua mãe não está muito bem de saúde — há um suspiro e uma longa pausa, da qual aproveito para me recuperar. Sento no sofá enquanto escuto o final da mensagem. — Gostaria que você viesse até aqui para nos ver.

Incrédula, espero que a mensagem continue e que ele fale o

que minha mãe tem. Ela sempre se orgulhou de ter uma saúde perfeita e essa informação me deixa bastante assustada. O bip da secretária finalizando a ligação me diz que não conseguirei mais nada além do que ele já disse.

Em poucos minutos, estou em frente ao computador reservando um voo para Massachusetts. Imprimo as reservas e, logo em seguida, ligo para casa em busca de novas informações. Ninguém atende, então deixo um recado avisando que irei vê-los no dia seguinte. Espero que o estado de mamãe não seja nada grave ao ponto de fazê-los passar uma noite no hospital.

A noite, apesar de tudo, não foi povoada por sonhos perturbadores. Talvez porque eu estivesse cansada demais ou, quem sabe, seja o fato do homem misterioso agora possuir um nome, além de não haver dúvidas de que nós voltaríamos a nos ver. Isso, provavelmente, é o que pode ter tranquilizado meu subconsciente, pelo menos por enquanto.

Após o café rápido, verifico os documentos e minha pequena mala uma última vez. O taxi que me levará ao aeroporto já me espera lá fora.

Quando chego na casa que morei nos últimos anos, o silêncio que me recebe não me incomoda, sempre foi assim por

ali quase o tempo todo.

Abro a porta com a chave que ainda tenho e me deparo com a casa vazia. Novamente, procuro manter a calma. Hoje é sábado. Geralmente, pela manhã, meus pais estão na igreja. Subo apressadamente até meu quarto e deposito a mala em cima da cama.

É estranho voltar aqui. Estive fora apenas algumas semanas, mas parecem anos. Olho em volta do quarto simples e sem nenhum toque de personalidade. Olho para a cama de solteiro antiga no centro do quarto. É a mesma desde que tinha doze anos. De um lado, o guarda-roupa de duas portas; do outro, a mesinha com abajur onde, geralmente, depositava minha bíblia. Sob meus pés, o carpete cinza e desgastado e, próximo à janela, o espelho de corpo inteiro — creio que minha única extravagância ali. Não há quadros, pôsteres ou fotos nas paredes, não era permitido isso.

Não há nada que indicasse que uma adolescente houvesse crescido ali e nem que pudesse informar a mulher que ela havia se tornado. Assemelha-se mais a um quarto de hóspedes em que as pessoas vêm e vão sem deixar uma marca sua.

Respiro fundo. Apesar de tudo, eu fui feliz aqui, do meu jeito, claro, mas eu fui feliz. Foi aqui que eu me refugiei muitas vezes, perdida em meu próprio mundo de faz de conta.

Quando era mais nova, imaginava um quarto rosa cheio de bonecas e coisas infantis. *Besteiras*, dizia meu pai.

Afasto esses pensamentos tristes e volto à sala. Deparo-me com o retrato na mesinha de canto que me chama atenção. Na foto há uma garota sorridente abraçada à mãe, no mesmo sofá gasto. A foto foi tirada por meu pai há uns oito anos. Passo o dedo pela imagem. Apesar do sorriso estampado no rosto da garotinha, o mesmo brilho não alcança seus olhos — ela é triste.

É impressionante o quanto eu já havia amadurecido em tão pouco tempo e, entretanto, minha essência continua a mesma.

Acho que, na verdade, foram acrescentadas novas características a mim, como a coragem para mudar e enfrentar uma cidade gigante, ousadia para afastar o que me fazia infeliz e o melhor de tudo: essa sensação de liberdade. Agora, eu sou a dona do meu destino.

Coloco o retrato em seu lugar habitual e saio de casa. Assim que alcanço a calçada, esbarro em alguns conhecidos. As bíblias em suas mãos me dizem que estão vindo da igreja, e é para lá que vou. Apresso meus passos. A igreja não fica muito longe da casa dos meus pais, apenas a uma quadra.

Durante o percurso, algumas pessoas sorriem e me cumprimentam enquanto outras me encaram com olhar espantado. Dou-me conta de que, com os cabelos soltos e vestido justo cor de carmim, estou bem diferente da jovem que eles conheceram.

Com exceção dos cabelos soltos, eu me arrumei essa manhã como venho fazendo todos os dias para ir trabalhar.

Definitivamente, eu não lembro nada a recatada e tímida filha do reverendo.

Pelo reflexo de um carro estacionado na calçada, eu noto a mulher curvilínea em seu vestido sexy. O decote quadrado entre os seios não é vulgar nem muito revelador, mas é inegavelmente atraente.

A certeza de que meu pai teria um ataque quando me visse faz-me hesitar por um segundo. Talvez eu devesse voltar para casa e trocar de roupa. Mas, ao recordar as peças que eu havia colocado na mala essa manhã, concluo que não mudaria muita coisa. Nenhuma das peças ali o agradaria de qualquer forma.

Inspiro fundo, tomo coragem e sigo em frente sem dar muita importância para os cochichos às minhas costas. Cada um que pensasse e dissesse o que bem entendesse. Isso já é algo que não me incomoda mais.

O que pensam de mim é problema deles e o que eu penso sobre mim mesma é problema meu.

Com essa nova onda de coragem, eu sigo em frente. Pouco me importa os sussurros que ouço. Parece que algumas senhoras acreditam que eu havia me transformado em uma libertina, corrompida pela cidade grande.

Internamente eu dou gargalhadas, pois elas nunca estiveram tão longe. Uma amostra disso foi a forma como eu havia fugido de Adam no dia anterior. Uma mulher libidinal teria

pulado no colo dele, exatamente como eu desejei fazer.

O que acontece é que as pessoas estão tão acostumadas a olhar e julgar o exterior das pessoas que se esquecem do principal: a sua alma.

Quando chego à igreja, vou direto para a pequena sala de estudos, onde imagino que meus pais estejam. Há poucas pessoas aqui dentro. Logo identifico papai próximo à janela, rodeado por algumas senhoras bajuladoras - as mesmas de sempre. Elas sempre ficam para dizer a ele o quando o culto havia sido bom. Ser uma das queridinhas do pastor tinha suas vantagens, principalmente quando se é pega fazendo o que não devia. E acredite: ninguém aqui é tão santo assim.

No momento em que todos notam minha presença, um silêncio sepulcral e um incômodo caem sobre o recinto. Meu pai desvia o olhar da senhora com quem estava conversando e recai sobre mim. Noto minha mãe ficar rígida na hora. Embora ela esteja um pouco mais magra, ela não parece estar doente.

Já meu pai... Imagino que ele terá um ataque cardíaco a qualquer momento.

— O que faz aqui? — pergunta ele, com os olhos injetados de raiva em minha direção. — E ainda vestida dessa maneira, como uma meretriz!

— Pai, eu... — gaguejo, caminhando até ele. — Estava preocupada com a mamãe. Vim ver como ela estava. Eu liguei

avisando que viria.

Encaro minha mãe e, ao invés de receber um abraço afetuoso como eu esperava após tantos dias longe dela, vejo-a se posicionar ao lado de papai e encarar o chão, submissa.

Sinto uma pontada aguda no peito. Ela é minha mãe, nunca liguei muito que as outras pessoas me rejeitassem, mas receber isso dos meus pais dói profundamente.

Paro no meio do caminho, incerta do que fazer em meio à parede invisível que havia se erguido entre nós.

— Como ousa entrar na casa de Deus vestida dessa maneira? — inquire ele, coberto de raiva.

Em outro momento, eu teria me desculpado, saído correndo às lágrimas e iria me trancar em meu quarto onde ficaria por horas chorando à espera da minha penitência, mas eu já não sou mais assim. Nesse instante, após a decepção momentânea, o mesmo furor que vejo nele reflete-se em mim.

— De que jeito, pai? — pergunto, afastando os braços do meu corpo. — Bonita?

Assisto-o caminhar até mim pisando duro, vermelho e bufando feito um búfalo em busca da sua presa.

— Não vai me desrespeitar desse jeito! — Sinto seus dedos como garras em meu braço, afundando em minha pele. — Muito menos aqui!

Ouço o quicar dos meus sapatos contra o mármore enquanto ele me arrasta porta a fora, sob os olhares chocados e assustados de outras pessoas. Minha mãe nos segue em direção à saída e, a cada passo, eu sinto meu corpo tremer.

— Chega, papai! — Afasto-me dele, puxando meu braço assim que chegamos à rua. — Não sou mais a sua garotinha boba. Não farei mais tudo que você ordenar ou quiser.

Respiro fundo, pedindo que a faísca de coragem que há em mim não se apague diante de seu olhar encolerizado.

— Volte aqui! — ordena ele, vindo em minha direção enquanto me afasto. — Vamos para casa agora e você irá se livrar dessa roupa e maquiagem vulgar.

— Não! — Minha voz sai imperativa. — Essa é quem sou agora. Aceite-me ou não temos nada a dizer um ao outro.

— Nem sobre o meu caixão! — Seu grito ricocheteia na rua. — Por isso não queríamos ir até você. Sabíamos que seria mais difícil colocar a razão de volta à sua cabeça naquele maldito lugar. Aquela cidade imunda a contaminou.

— Mentiu para mim, pai? Mamãe nunca esteve doente, não é? — pergunto sem conseguir acreditar. — Mentir não é pecado?

Ele parece envergonhado por um momento, mas logo volta a se recuperar.

— Eu sabia que aquela imoral da sua tia havia feito uma lavagem cerebral em você — ele tenta se aproximar e, novamente,

eu me afasto. — Voltará para casa conosco de onde nunca deveria ter saído.

— Eu já disse que não!

Olho para a minha mãe, mas ela desvia o olhar, evitando, obviamente, me encarar. Os dois haviam me enganado para me atrair até aqui.

— Então o que veio fazer aqui, além de claramente tentar nos envergonhar?

Olho para as pessoas na calçada. Aos poucos, os bisbilhoteiros param para nos observar. Perfeito, estamos dando um espetáculo e tanto, chamando toda a atenção para nós dois. Eu havia me afastado da cidade, mas havia encontrado uma nova forma de ser alvo de seus comentários maldosos por mais algumas semanas provavelmente.

Mas eu não ficaria aqui. Meus pais sim, de certa forma isso me incomoda bastante. Não, eu não quero ser motivo de vergonha para eles. Essa nunca foi a minha intenção.

— Eu só queria saber como mamãe estava — digo a ele, num tom mais baixo. — Você disse que ela não estava bem.

— Stephanie pegou um resfriado. Não esteve bem nos últimos dias — papai coloca-se ao lado dela. — Pensei que, se a visse, você entenderia como sente sua falta e voltaria para casa como deve ser.

— Fico feliz que mamãe esteja bem — falo com sinceridade.

— Amo vocês, papai. Eu amo muito, mas eu não vou voltar.

— Então, não há mais nada para você fazer aqui — ele afirma em um tom de voz amargo.

— Se é assim que quer... — murmuro com a voz fraca. Meu peito vai apertando-se de dor. — Se não conseguem me aceitar como eu sou, acho que não há nada mesmo a fazer aqui.

Viro-me na direção oposta à minha casa. Não sei exatamente para onde vou, mas preciso me afastar imediatamente.

— Enquanto estiver assim, não perca seu tempo conosco — grita ele às minhas costas.

As suas palavras duras, secas e intransigentes machucaram mais do que deveriam e mais do que eu gostaria que transparecesse. Contudo, chega um momento em nossa vida que devemos deixar nossas asas crescerem e seguir em frente, mesmo que isso signifique deixar para trás as pessoas que amamos.

Não é a primeira vez que me deparo com a separação. Eu havia visto o pai alegre e carinhoso, que me carregava nos ombros e brincava comigo na garagem de casa, se transformar nesse homem exigente e distante que é hoje.

E eu havia aceitado que ele havia se tornado numa outra pessoa. Por que ele não pode fazer o mesmo comigo? Mesmo sob essa nova pele, eu ainda era a filhinha dele. Dói-me saber que

não sou o suficiente. Hoje foram colocadas barreiras entre nós dois que talvez sejamos incapazes de derrubar.

No meio do caminho, deparo-me com Max e sua esposa. Acho que ele presenciou a cena de minutos antes. Ele me olha de uma forma diferente, como se essa fosse a primeira vez que me visse realmente. Noto em seus olhos algo que nunca vi antes — admiração?

Pena que seja tarde demais agora. Cumprimento-os com a cabeça e me afasto deles rapidamente, indo para longe.

Ando sem rumo por um longo tempo, apenas observando as belas casas que há por aqui. Edgartown é uma cidade linda, charmosa, pacífica. Apesar de tudo que vivi aqui, é um lugar fascinante. Quando chego à orla da praia, sou agraciada pelo mar. De longe, eu avisto o farol imponente, um majestoso iate ancorado e vários barcos espalhados, que dão um toque ainda mais encantador à paisagem. Vir aqui sempre me acalma e deixa meu espírito um pouco mais leve.

Tiro meus sapatos e sinto meus pés afundarem na areia. A sensação é reconfortante. E, enquanto caminho sentindo a leve brisa em meus cabelos e o cheiro da maresia me invadindo, penso nos últimos minutos, na discussão com meu pai e na reação apática de minha mãe. Eu os amo muito, mas não posso continuar anulando quem eu sou. E eu nem me descobri totalmente ainda. Jamais imaginei que enfrentaria meu pai na frente de todas aquelas pessoas e nem que me manteria firme

sobre minhas convicções. E é desolador que, para me encontrar, eu precise perdê-los pelo caminho. Os pais não deveriam incentivar seus filhos a crescer?

Sento na areia, observando as jangadas flutuando na água. Muitas vezes me sentei aqui, perdida em meus pensamentos. A diferença é que, no momento, sei o que quero: voltar a New York, dedicar-me ao meu novo trabalho e aproveitar tudo o que a vida tem a me oferecer.

E se nada der certo... Bem, como disse tia Lola, eu recomeçarei, pois assim é a vida: regada de possibilidades, com chegadas e partidas, caindo e levantando. O importante é sempre seguir adiante.

Retorno para casa algumas horas depois.

Não vou mentir. Há um fio de esperança para que pudéssemos ajustar nossa relação, mas ela desaparece no instante em que meu pai me ignora e sobe as escadas, trancando-se no quarto. Não vejo minha mãe em parte alguma e acredito que esteja com ele.

Volto para o quarto que um dia foi meu, pego minha mala intacta em cima da cama, olho mais uma vez para o local que havia sido meu refúgio por tanto tempo e vou embora.

Enquanto caminho até uma pousada nas redondezas, sinto-me como as celebridades, que são alvos de fofocas e olhares maldosos, mas, surpreendentemente, isso já não me incomoda

mais. Em uma coisa meu pai tinha razão: sair daqui havia me modificado e gosto bem mais dessa nova versão de mim. Peço um quarto para essa noite, já que meu voo de volta só sairá no dia seguinte.

Quase não consegui dormir, pois meus pensamentos iam de meus pais a Adam. Esse foi o que mais perturbou meus sonhos. Incrível, não é? Tinha todos os motivos para remoer o que tinha acontecido em frente à igreja, mas a maior parte dos meus pensamentos era voltada para ele.

O que farei quando o vir de novo?

Chego quase ao meio dia de domingo. Desfaço as malas, tomo um banho relaxante e faço algo leve para comer, apenas salada e um copo de suco.

Apesar de cansada, não consigo ficar trancada no apartamento por muito tempo. Então, aproveito a tarde para conhecer melhor o bairro. Sento-me em um dos bancos do parque que há ali e até conheço algumas senhoras simpáticas.

À noite, assisto à primeira temporada de Friends, uma das séries preferidas de Lola, agora minha também. Havíamos

comprado os DVDs quando fomos às compras.

Em minha antiga casa tínhamos TV, mas sempre assistimos a filmes antigos ou religiosos. Papai dizia que a televisão corrompia a alma das pessoas. Ao pensar sobre isso, algo que Lola sempre diz me vem à cabeça *papai esconde-se por trás de alguém que ele não é*. Ele foge do mundo pela culpa e por medo de que a morte de Cory volte a assombrá-lo. O que ele deveria saber é que, para seguirmos adiante, muitas vezes temos que encarar nossos fantasmas de frente, a fênix em nós precisa morrer para renascer mais forte e bela.

É assim que me sinto — renascida.

Mais um dia de trabalho agitado e corrido. Se o Sr. Durant notou o clima tenso entre mim e seu amigo na sexta-feira, preferiu ignorar o assunto, pelo menos comigo. Isso me fez trabalhar mais calma. O trabalho em si já exige muito da minha atenção.

Mas, apesar das tarefas do dia e de tentar manter minha mente focada e trabalhando, vez ou outra me peguei olhando apreensiva para a porta e pulava a cada toque do telefone.

Por volta das duas horas, Aline praticamente me expulsa do escritório para que eu fosse me alimentar, dizendo que seria impossível alguém conseguir trabalhar com Neil, caso eu adoecesse. Sem dúvida que era exagero da parte dela, mas eu apreciei sua preocupação comigo. Quando não temos quase ninguém para nos dar amor, qualquer gesto de gentileza nos comove.

Apesar de estar com fome, eu tive que praticamente empurrar a comida garganta abaixo. Encontro-me em um grande estado de tensão, esperando meu reencontro com ele.

O que não aconteceu, nem sei por que estou tão decepcionada.

Possivelmente imaginei tudo. Na verdade, a reação de Adam deve ter sido relacionada mais à surpresa do que a qualquer outra coisa.

No fim do dia, despeço-me de Aline no corredor e sigo para o elevador lotado. Enquanto ele desce e para em alguns andares, eu vasculho minha bolsa em busca dos meus fones de ouvido. Uma das minhas novas manias é caminhar com eles até a estação de metrô, ouvindo minhas músicas preferidas. Em poucos minutos, estou perdida na escolha das canções mais melancólicas que combinem com meu estado de espírito.

Quando o elevador para no térreo, eu deixo que as pessoas me conduzam para fora dele.

De repente, sinto um toque firme em meu braço e sou puxada para o lado.

— Mas o quê...? — a pergunta morre em minha boca quando me deparo com ele, lindo e com seu usual sorriso irresistível.

— Oi, Charmosa — as palavras parecem dançar em seus lábios e sua voz parece suave como veludo.

Sinto-me como uma serpente na cesta, sendo hipnotizada pelo flautista habilidoso. E a sua mão em minha pele parece chamam me incendiando.

— Adam... — é tudo o que minha boca ressequida consegue proferir.

Encaro-o entre abobalhada e surpresa. Ele está tão lindo como da última vez que o vi, em seu terno cinza chumbo e camisa branca.

— Esse é o meu nome — diz ele, sorrindo.

Certo, estou parecendo uma idiota deslumbrada na frente dele. Mas o que eu posso fazer? O homem é realmente lindo.

Sacudo a cabeça para afastar esses pensamentos tolos. Estou nervosa e não sei onde colocar ou o que fazer com minhas mãos, além, claro, das minhas pernas que parecem perder as forças a cada segundo ao lado dele.

— Vou tirar você daqui — ele sugere, puxando-me em sua direção e nos desviando das pessoas que cruzam nosso caminho.

— Vamos.

Sinto todo meu corpo formigar quando o dele se molda ao meu, fazendo-me ciente de cada terminação nervosa em mim. São sensações estranhas e avassaladoras que, ao mesmo tempo, despertam minha curiosidade e me assustam.

— Por que eu deveria? — pergunto ao me afastar. Preciso da segurança que só a distância entre nós dois me proporciona. — Eu não conheço você.

Tecnicamente, isso não é verdade e nós dois sabemos disso. Eu acho que já mostrei a ele muito mais do que a qualquer pessoa.

— Você já sabe o principal — murmura em meu ouvido. — Eu beijo bem.

Jesus! Ele disse isso mesmo?

— Ah! — Sussurro surpresa, abrindo tanto minha boca que poderia passar um vagão de trem dentro dela.

Ele sorri, curvando a boca de um jeito charmoso e sedutor. Será que ele poderia parar de ser tão atraente e encantador?

Devo confessar que é quase impossível resistir a isso. Mas, incrivelmente, eu consigo e fito a mão estendida em minha direção.

— Tudo bem — ele respira fundo e me encara sério. — Vamos começar de novo. Prazer, meu nome é Adam Crighton.

Olho para a mão estendida novamente. Não sou o tipo de pessoa que tem fixação por mãos, seria estranho, mas as dele são bonitas — macias, quentes, grandes e fortes. E o toque dela em minha pele faz-me arrepiar até o último fio de cabelo.

— Penelope Walker — aperto a mão dele e é como se raios vindos do céu atingissem o topo de minha cabeça, levando energia para cada célula em mim.

Afasto a mão rapidamente e aliso-a contra o tecido da minha saia.

— O que acha de irmos até um café perto daqui?

Eu pondero sobre o convite por alguns segundos. Não há como negar que desejo acompanhá-lo a qualquer parte do mundo. A dúvida é: será que eu devo?

Pelo o que Aline me disse, Adam não é o tipo de homem que busca um relacionamento sério com alguém. Mas eu também não estou interessada nisso, certo?

Nada de compromissos, prender-me ou me anular novamente por um longo tempo. Então, por que não? Poderíamos ser amigos?

— Está bem — concordo, hesitante. — Mas não podemos demorar muito. Hoje é segunda-feira...

— Um dos meus dias preferidos na semana — Adam me interrompe, colocando o braço em volta da minha cintura ao me conduzir para fora.

Nossos corpos moldam-se perfeitamente como da primeira vez e parece ser a coisa mais natural do mundo. Há uma ligação perturbadora entre nós dois, como se nossos corpos se reconhecessem. Será que ele tem as mesmas sensações que eu? Encaro o seu rosto impassível e não consigo obter uma resposta clara.

— É mesmo? — pergunto confusa enquanto caminhamos.
— Geralmente, as pessoas dizem o contrário, ainda mais se tem que se levantar às seis da manhã como eu.

— É o início da semana — ele arqueia o ombro levemente e me puxa mais para perto dele, desviando-me das pessoas indo e vindo na calçada movimentada. — Pense bem, teremos uma semana inteira de possibilidades. Eu reencontrei a mulher encantadora que me perseguiu nas últimas semanas. Segundas-feiras são perfeitas como qualquer outro dia.

— Nos reencontramos na sexta — corrijo-o, dando-me conta em seguida de minha pretensão. Quem disse que essa mulher sou eu?

— Não chamo aquilo de reencontro — murmura ele, acariciando minha cintura com os dedos. — Talvez alguma artimanha do destino.

Paramos em frente ao café e ele se coloca de frente a mim. Esse é aquele momento em que nossos olhos se conectam e parece não existir mais ninguém além de nós dois.

— Eu vou beijar você agora — sussurra ele, tocando levemente meus lábios com um dedo, como se o mais puro algodão acariciasse-os.

— Você vai? — pergunto, aproximando-me mais.

— Sim... — continua ele, com seus olhos de águia focados em minha boca, fazendo-me desejar ardentemente que ele cumprisse a promessa de uma vez. — E não tem nada ver com sorte ou possibilidades... Mas porque eu desejei fazer isso a merda do final de semana inteiro. Talvez antes disso.

E, no momento que sua boca toca a minha, que nossos lábios se encaixam, eu tenho a certeza de que é em seus braços o lugar que eu quero ficar, para sempre.

Esse beijo não é suave, pelo contrário, é carregado de paixão, sensualidade e com uma urgência desenfreada. Sua língua busca a minha, chupando-a, provocando, testando-me. A sensação é poderosa e intensa, de uma forma que nunca imaginei sentir. Então, quando ele morde meu lábio, eu ronro, agarrando-o pela lapela do terno, tentando manter meu equilíbrio.

— Caramba, Charmosa — ele me afasta um pouco, apoiando a testa na minha, e eu inspiro em busca de ar. — Se não quer dar um espetáculo aqui na calçada, é melhor entrarmos.

Quando abro meus olhos, dou-me conta das pessoas na

calçada, dentro do café próximo à janela e à nossa volta. Alguns chegaram a parar para observar a cena, encantados. Outros, mais ousados, assoviam e batem palmas. Novamente eu me torno o centro das atenções, mas, dessa vez, estou incrivelmente feliz.

Um tanto envergonhada, eu escondo meu rosto no peito dele. Imediatamente o aroma masculino invade meus sentidos, desorientando-me ainda mais, se é que é possível.

Ouçõ seu riso convencido e, assim que entramos, eu me afasto dele. Preciso de um pouco de ar e espaço, principalmente que o oxigênio volte a circular em meu cérebro, trazendo um pouco de lucidez à minha cabeça.

Seguimos para uma mesa vazia nos fundos do café, próxima à janela ampla. Apaixono-me pelo local logo que cheguei e dou um pouco mais de atenção a ele. Está todo decorado no estilo dos anos sessenta. Há pôsteres de Audrey Hepburn e George Pepper em Bonequinha de Luxo espalhados por todas as paredes. A iluminação fraca dá um clima ainda mais aconchegante.

— Então você é a nova secretária do Neil? — pergunta Adam, inclinando-se sobre a mesa, olhando intensamente dentro dos meus olhos. — Por que não me disse isso na festa?

— Porque eu ainda não era — respondo, desviando o olhar para o menu que o garçom acabou de colocar em nossa mesa. — E você foi embora, deixando-me esperando por você por horas.

Droga! Cala essa bendita boca, Penelope!

Tenho vontade de me chutar por debaixo da mesa. Ótimo. Agora ele sabe que havia ficado plantada aguardando seu retorno, como devo parecer desesperada por isso.

— É claro que não foram horas — apresso-me em corrigir meu erro. — Percebi, imediatamente, que estava em busca de diversão e foi à procura disso.

Merda! Merda! Mil vezes merda! A minha capacidade de dizer e fazer coisas estúpidas sempre que estou próxima a ele é gigantesca. Além de desesperada e tola, posso acrescentar ciumenta à minha lista que só cresce.

— Eu voltei — diz ele, sério. — Voltei para você na festa e, só para constar, não havia mais ninguém lá que me interessante tanto.

Jesus Cristo! Ele sabe realmente ser direto.

Adam disse que voltou, então, onde ele teria ido?

— E você? — mudo de assunto, antes que eu pareça ainda mais ridícula.

— O que quer saber? — pergunta ele antes de fazer seu pedido ao garçom. — Café sem açúcar.

Eu nem havia notado o homem parado ao lado da nossa mesa. Peço café com creme e um pedaço de brownie como acompanhamento.

— O que você faz da vida?

Aline havia me falado dos amigos do Sr. Durant e como eles eram magníficos. Estive ocupada demais sonhando com o homem misterioso para prestar atenção sobre os devaneios dela. Há o médico divertido, o engenheiro sério, o detetive incrivelmente musculoso, e o advogado.

— Sou advogado — afirma.

E, pelo que posso notar através de sua roupa elegante, Adam não deixa nada a desejar a ninguém.

— Musculoso — sussurro.

— O quê? — ele me indaga, sorrindo.

— Você é o advogado. — atropelo-me nas palavras.

— Foi o que eu disse. — reitera ele, ampliando o sorriso.

Toupeira pode ser acrescentada ao topo da minha lista.

— Onde esteve no final de semana? — questiona Adam. — Esteve com seu namorado?

— O quê? — reajo, confusa.

— Não estive na sua casa o final de semana. — ele me assegura, parecendo inquieto. — Pelo menos, não no sábado.

— Como você sabe disso?

Ele suspira e encara-me de forma indolente.

— Chelsea do RH — ele volta a se acomodar na cadeira, com a naturalidade de uma pantera. Como se o que disse explicasse

tudo.

— Não entendo — isso já não é novidade para mim, dificilmente consigo raciocinar na presença dele — O que ela tem a ver com isso?

— Ela gentilmente me deu seu telefone e endereço — diz, em um tom sedutor. — Estive em sua casa, por isso sei que esteve fora...

— Isso não é ilegal? — protesto, irritada. — Não podem fornecer dados pessoais a qualquer pessoa. Você poderia ser um louco ou maniaco.

— O lobo mau — Adam agradece o garçom com a cabeça e volta a olhar para mim. — Foi o que ela disse, mas eu não sou louco e nem maniaco. Ela sabe disso. Também não sou qualquer um — diz ele, antes de levar o café a boca. — Logo saberá isso.

— Mas por quê? — contesto, agitada com sua audácia. — Por que todo esse trabalho?

Adam volta a se inclinar contra a mesa, afastando sua xícara para o lado. Volto a identificar o brilho ardente e predador em seus olhos escuros.

— Quero você na minha cama — as palavras deslizam em seus lábios com um efeito hipnotizante.

— O quê? — pergunto, pasma.

— Transar, fazer sexo, meter, foder. O que você achar

melhor. Escolha uma das definições, não me importa — continua ele — Claro que se tiver um namorado isso complica as coisas, mas não irá me impedir de conseguir o que quero. Foge do meu padrão, mas você também é diferente de tudo que já vi. Assumo os riscos. Então, você tem alguém em sua vida?

Meu queixo cai literalmente e meu rosto fica em choque diante de sua revelação. As palavras não articulam em minha boca e tento pensar em algo coerente para dizer.

Nunca conheci pessoa tão direta e seria mentira dizer que não tenho o menor interesse por ele. Eu precisaria ser cega ou louca. Mas eu jamais imaginei uma declaração tão crua.

Além disso, ele é o melhor amigo do meu chefe e, se esse não fosse apenas mais um agravante, não tenho ideia se quero ter sexo, transar ou meter com ele.

Nunca pensei muito sobre minha primeira vez. Eu sabia que seria com meu marido, afinal fui criada assim. Logo que Max e eu ficamos noivos, aceitei o fato de que me entregaria a ele quando chegasse o momento. Mas agora... Agora, eu tenho uma escolha e, mesmo que não seja com o homem que passarei toda a minha vida, terá que ser pelo menos com alguém que eu ame. Quero que seja especial.

— Não! — Falo, com firmeza.

— Não, você não tem um namorado? — pergunta ele, sorrindo. — Ou não quer transar comigo?

— As duas coisas!

Burra, você deveria dizer que não quer meter com ele.

Ele sorri linda e encantadoramente. Ah, maldito!

— Fico aliviado que não tenha outro em meu caminho — ele admite sua opinião, pegando a xícara em cima da mesa com uma elegância invejável. Enquanto estou fervendo, ele age com uma naturalidade espantosa. — Mas é perda de tempo lutar contra isso. Eu sei que me deseja tanto quanto eu a você. É inevitável, vai acontecer.

O que ele tem de bonito, tem de arrogante e pretencioso.

O que eu vejo à minha frente é outro homem querendo ditar o que penso, sinto, preciso ou devo fazer. Bem, ele pode ser muito seguro de si e, provavelmente, as mulheres devem jogar-se aos pés dele sempre que ele diz isso. Mas comigo será bem diferente. Umas das coisas que meu pai me ensinou, e muito bem, é resistir e lutar contra as tentações.

— Não sei o tipo de mulher que está acostumado a sair ou *trepas* — início calmamente ao me erguer. — Mas obviamente não me conhece, senhor. Encontre outra pessoa para aquecer sua cama e me deixe em paz!

Eu havia descoberto que príncipe vira sapo com a mesma desilusão que uma criança descobre que Papai Noel não existe.

Pego minha bolsa em cima da cadeira ao meu lado e entorno a xícara em cima da mesa em direção a ele.

Eu deveria jogar o líquido fumegante em sua maquininha de *meter e foder*, mas eu não sou tão corajosa assim.

— Talvez um pouco de açúcar traga mais doçura à sua vida — digo ao vê-lo saltar. — E tire esse sorriso cínico do seu rosto!

Foi dramático, eu sei. Ergo a cabeça e saio pisando duro, resistindo à vontade de olhar para trás diante do olhar chocado que vi em seu rosto pelo que disse e fiz.

Isso mesmo! Eu havia mostrado quem realmente manda aqui. Se eu pudesse, daria tapinhas em minhas próprias costas me congratulando.

Eu havia colocado aquele galante metido a Don Juan em seu devido lugar. Meu dia não poderia terminar mais perfeito. Como se eu fosse aceitar ir para cama com o primeiro homem irresistível que eu encontrasse em meu caminho!

Claro que não! Quando isso acontecer, no mínimo, teria que ser como nos romances que li. Isso não faz de mim uma tola. Faz?

Não, não faz! Tenho princípios e isso jamais sairá de mim — pelo menos, é o que eu acho.

A cada passo que dou para longe dele, minhas convicções parecem mais frágeis e eu me sinto ainda mais confusa.

Capítulo 9

Adam

Atrevida! É isso o que ela é. Muito, muito, atrevida!

Ah, não! Essa garota não me deixará plantado e envergonhado diante das pessoas após seu pálido sermão sem sentido. E a maldita quase havia jogado café quente em minhas bolas! Caralho, que mulher abusada!

E o que foi aquilo de não ser o tipo mulher com a qual costumo sair? Mulheres são mulheres e pronto! As únicas coisas que as diferem são as características físicas, talvez um ou outro traço na personalidade, mas, na essência, são todas iguais. Todas têm algo que eu quero no meio das pernas, simples assim.

Mas essa conseguiu me deixar atônito e sem reação depois de despejar todas aquelas bobagens em meu rosto e sair caminhando altivamente, dispensando-me como se eu fosse seu súdito, alguém insignificante.

Ousada. Não consigo evitar que um sorriso se firme em meu rosto.

Cínico? Eu? Por que encaro a vida como ela é? Sem artifícios, sem joguinhos, sem palavras veladas?

Eu sei o quanto atraio as mulheres e conheço meus poderes de sedução. Nunca houve uma mulher que eu quisesse que eu não tenha levado para minha cama. Algumas foram mais fáceis, outras mostraram mais resistência, mas, no fim, todas elas se renderam.

E, com certeza, é isso. A maldita mulher quer jogar um pouco mais, brincando de caça e caçador. Eu sei que algumas mulheres esperam mais do que uma boa transa, pois elas precisam da conquista. Eu dançarei conforme sua música. Se para ter o que meu corpo anseia, que é Penelope nua em meus braços, enveredarei nesse jogo infantil e estúpido.

Irritado, arremesso algumas notas sobre a mesa e ignoro a pergunta do garçom sobre as bebidas ao notar nossas xícaras. Saio do café determinado a fazer apenas a uma coisa: mostrar àquela pretenciosa metida a besta o tipo de mulher que ela é, ou seja, igual a todas as outras que conheci, e que, em breve, será minha. Mas logo ela descobrirá o tipo de homem que eu sou.

Somente assim conseguirei me livrar da impertinente de forma definitiva.

Chego ao escritório com duas horas de atraso, algo que nunca aconteceu antes. Encontro Grace sentada em minha cadeira, batendo a caneta em seus lábios. Ela me encara com um olhar questionador que não me agrada nem um pouco.

— O que faz aqui, Grace? — pergunto seco. Coloco minha pasta em cima da mesa e tiro o terno em seguida.

— Que eu saiba, eu trabalho aqui, Adam — diz ela, levantando-se para que eu ocupe o meu lugar.

— Senhor para você ou Dr. Crighton — respondo de forma rude. — Não deveria estar trabalhando na sua mesa?

— Fiquei preocupada com você — murmura ela, desconcertada. — Não estava aqui quando cheguei e isso nunca aconteceu antes. Liguei para o seu celular e para sua casa...

— Esqueci de carregar a bateria — corto-a, sem muita paciência. — Ouvi o telefone tocar antes de sair, mas pensei que fosse Liam ou alguém da minha família.

Não que eu tenha que dar explicações a ela. Na verdade,

todo esse interrogatório está minando o pouco autocontrole que ainda há em mim. Mas eu havia deixado ordens específicas que sempre estarei disponível para algo urgente. — Aconteceu alguma coisa? — pergunto, irritado com a sua impertinência.

— Não — ela diz, indo para atrás da cadeira onde me acomodei. — Você sempre chega cedo. — Grace inclina sobre meus ombros e desliza as mãos espalmadas em meu peito. — Estranhei o fato de não ter chegado ainda.

— Mas eu já estou aqui. — afasto suas mãos com um gesto pouco delicado. Levanto-me e caminho até a porta, abrindo-a. — O caso Matveev é um pouco complicado, não quero que ninguém me incomode, entendeu?

— Sim, senhor.

Mantenho a porta aberta para ela e vejo o sorriso sedutor em seu rosto sumir. A situação está fugindo do meu controle, concluo ao esfregar a sobrancelha.

Apesar de não ter levado Grace à festa como ela queria e de não a ter tocado desde a última vez, aqui mesmo, nesse escritório, ela parece ter pensamentos errados sobre nós dois. Provavelmente, terei que encontrar outra secretária. Mas também não posso demiti-la por um erro meu. Tenho que pensar no que fazer com ela. Por que eu não mantive meu pau dentro da calça quando tive tempo?

Talvez eu deva mudá-la de escritório. Savannah precisará

de uma secretária nova em breve, agora que a dela entrará em licença maternidade. Essa pode ser a minha única solução.

Volto para minha mesa e foco toda a minha atenção no trabalho. O caso Matveev exige um pouco mais de cuidado. Na verdade, não é um dos mais difíceis que já trabalhei. O que eu quis foi apenas uma desculpa plausível para afastar Grace de mim.

Sanchez versus Matveev.

Estudo o processo novamente, destacando os pontos mais importantes. Raul Sanches, um operador de máquinas das indústrias Matveev, havia perdido três dedos da mão em um acidente de trabalho. A empresa que represento, a mesma que ele trabalhou, afirma que havia sido imprudência da parte dele por não usar os EPIs devidamente. Ele alega que tais equipamentos raramente eram fornecidos aos funcionários e que, quando o faziam, eram de péssima qualidade. Ele também tem como aliado dois funcionários dispostos a depor a favor dele.

Eu visitei as indústrias pessoalmente e o pouco que vi desmentiu tudo o que Sanches alegou. A não ser que eles tivessem camuflado tudo devido à minha presença, mas Peter e eu fizemos uma visita surpresa, eles não teriam tempo para isso.

Represento grandes companhias como a Matveev e a DET. Empresas que tem muito dinheiro e poder, mas fujo das corruptas, que visam apenas lucros sem se importar com o bem-estar de seus funcionários.

Por outro lado, também há pessoas inescrupulosas, atrás da galinha dos ovos de ouro, em busca de ganhar dinheiro fácil. Já presenciei coisas realmente podres por trás dos bastidores.

Então, havia sido um acidente? Um golpe? Ou descaso? Quem está mentindo? Não serei conivente se Matveev for responsável por deixar um trabalhador mutilado. Se a vítima for inocente como alega, farei com que paguem uma indenização justa.

Mas o grande impasse é que o Sr. Matveev, o dono e presidente da organização, não parece ser um homem desonesto e impiedoso. Da mesma forma que Raul não parece ser tão inocente quanto ele tenta aparentar. Ele havia pedido uma indenização astronômica. Não que qualquer parte do corpo dele tenha um preço a ser negociado, mas o valor pedido foi claramente muito superior ao que tenho visto em acidentes como esse.

E é nesse momento que Peter entra na história. Se há mais sujeira debaixo desse tapete, ele é o homem mais indicado para descobrir isso. Sanchez ou Matveev, quem estiver mentindo, eu vou descobrir. Irei até o fim dessa história.

Grace surge em minha sala por volta das duas horas com o carrinho e a comida de um dos meus restaurantes preferidos. Prefiro almoçar no escritório e economizar tempo enquanto estudo outros casos.

A manhã passou rápida. Como sempre, o trabalho conseguiu manter minha mente ocupada na maior parte do tempo. Mesmo assim, vez ou outra me peguei pensando naqueles olhos de um azul cristalino e numa boca incrivelmente atrevida e atraente.

Perdido nesses pensamentos, eu sinto o aroma da comida rapidamente invadir a sala, lembrando o meu estômago de que não havia tomado café da manhã. Minha noite não foi fácil, cruzei a madrugada tentando desvendar Penelope, sem sucesso algum. Ela é uma incógnita para mim. Há inocência, doçura e suavidade em seus olhos, mas também há força e determinação. São tantas contradições em uma única pessoa que me deixa intrigado e fascinado ao mesmo tempo.

— Rosas vermelhas — murmuro.

— Falou comigo? — Grace coloca a bandeja em cima da mesa.

— Quero que encomende uma dúzia de rosas vermelhas...
— soa piegas, mas a cor me faz lembrar suas bochechas coradas.
— E envie para Penelope Walker, na DET.

— E quem é essa? — pergunta ela, com a expressão

fechada.

— Não é da sua conta, Grace — repreendo-a, ajeitando o guardanapo em meu colo.

— Mas preciso saber o departamento — ela diz, voltando ao seu sorriso profissional. — Embora Penelope seja um nome pouco comum, a DET é enorme.

— Peça que entreguem no escritório do Neil — respondo, espetando o garfo em uma azeitona em minha salada. — É a nova secretária dele.

— Ah! Está querendo dar as boas-vindas — ela sorri amplamente agora. Na certa imagina que a mulher em questão deve ter a mesma idade da Charlotte. Tola, não poderia estar mais equivocada. —Talvez...

— Apenas faça o que ordenei, sim? — interrompo-a, impaciente.

— Sim, senhor — murmura ela. — Devo acrescentar um cartão?

— Apenas as flores.

Grace sai e volto a ficar sozinho com meus pensamentos conflitantes. Eu gostaria de dizer muitas coisas à Penelope que não caberiam em um cartão, começando com como eu a acho petulante e linda. Depois, enfatizaria o enorme prazer que ela teria se parasse com o jogo duro e caísse na minha cama. Embora tente negar, seu corpo fala por ela. Ela está ardendo por meu

toque tanto quanto eu pelo dela.

Agindo por impulso, eu pego o telefone e disco o número que sei de cor.

— Escritório do Sr. Durant — a voz macia, quase melodiosa, penetra em meus ouvidos. — Alô... Alô?

Apenas o som da sua voz tem o poder de deixar meu parceiro aqui embaixo bem animado. Esfrego minha mão contra a calça. A leve fricção, de certa forma, é prazerosa, o que me anima ainda mais.

— Merda!

Eu tenho que dar um jeito nessa situação, e depressa.

— Adam? — a voz, agora com um leve tom de rouquidão, faz meu corpo ferver de desejo. — Sr. Crighton?

Senhor. Uma palavra que nunca liguei antes, mas que, nos lábios dela, fazem-me sentir poderoso. É isso o que eu almejo: ser o senhor e dono de cada desejo inflamando em seu corpo.

— Foi engano — respondo e desligo rapidamente.

Coloco o telefone no lugar e levo as mãos à cabeça. Grande, Adam! Agora pareço um homem ridiculamente estúpido. Céus, o que essa mulher está fazendo comigo?

Afasto a bandeja para o lado de forma brusca. Perdi o apetite completamente.

— Grace! — Assevero, assim que ela atende o

intercomunicador. — Ligue-me na floricultura. Eu mudei de ideia sobre o cartão.

Já é quinta-feira, a semana está sendo tensa e não é o trabalho o culpado disso. Aceitei mais dois casos importantes, mesmo já tendo uma agenda apertada. Minha esperança é que o trabalho excessivo, de alguma forma, obrigue-me a agir com mais racionalidade. Não está funcionando muito, pois tudo o que consegui foi ficar ainda mais inquieto e estressado do que antes.

Separo a pasta com o processo Matveev e aguardo que Peter apareça. Há cerca de dez minutos, Grace havia avisado que ele estava a caminho.

Após ser anunciado, ele entra, senta-se em umas das cadeiras de frente à minha mesa, cruza as pernas de um jeito despreocupado e coloca os pés em cima da mesa.

— Aqui está o que descobri até agora — Peter joga o envelope em minha direção.

— Trata todos os seus clientes dessa forma ou é um privilégio meu? — pergunto, irritado com sua postura despojada.

— Somente com os que eu tenho um relacionamento... —

ele estala a língua entre os dentes e pisca. — mais íntimo.

— Está conversando muito com meu irmão — declaro, empurrando os pés dele para fora da mesa. — Parece tão idiota quanto ele.

— Santo Deus! — Ele levanta as mãos em sinal de rendição. — Que mau humor, homem! Sabe que isso é falta de sexo, não é?

Ignoro-o e me concentro no envelope em minhas mãos. Apesar de suas piadas, ele tem razão. Preciso mesmo de uma noite, tarde ou dia de sexo, tanto faz. Desde que seja com uma mulher específica, caso contrário não haveria muita diferença.

Estou irascível. O motivo é que não recebi nenhum contato dela. Nenhum telefonema em agradecimentos às rosas, nem um simples e-mail, nada! Isso me deixa puto.

— Minha vida sexual não é da sua conta, Peter — afirmo, com veemência.

Há uma fera rugindo dentro de mim, doida para escapar a qualquer momento. O que seria idiotice, não, burrice da minha parte em procurar briga com um homem do tamanho dele. Eu gosto de me cuidar, tenho porte atlético, mas Peter é um verdadeiro trator e é obvio que a sua genética o ajuda bastante. Mesmo que eu passasse o dia inteiro na academia, não chegaria ao nível dele. Também há o fato de que ele ama e pratica luta livre. Se levasse o esporte a sério e investisse nisso,

indubitavelmente chegaria a ser campeão.

As tatuagens e o olhar feroz ajudam a construir a imagem de bad boy, que instantaneamente assustam a todos.

São poucas as pessoas que sabem que, por trás de tudo isso e da fama de mulherengo, existe um cara incrível que nem mesmo ele reconhece.

Mas, se ele continuar a me provocar, é briga que ele vai ter.

— Quem é ela? — pergunta ele, desviando-me das minhas conjecturas. — Ainda é aquela mulher?

— Não sei do que está falando — desvio o meu olhar do dele e deposito-o nas fotos e nos relatórios em minhas mãos.

— Certo — ele volta a apoiar os pés sobre a mesa. Filho da puta! — Sabe que eu posso descobrir se eu quiser, não é?

Ah, não! Eu não vou dizer uma única palavra a ele. Estou obcecado por Penelope, não nego. Também estou disposto a tudo para conquistá-la, mas eu o conheço. Peter adora um desafio assim como adora aquele maldito carro dele. Não vou permitir que ele se interesse por ela. Talvez eu esteja sendo injusto. Peter não é o tipo de amigo que apunhala o outro, mas eu prefiro não arriscar, pelo menos por enquanto.

Já me basta ter que engolir a presença de Neil em volta dela o dia inteiro. Ele pode vir com a história de não se envolver com suas funcionárias, mas cego é algo que sei que ele não é.

— Ele que não se atreva a olhá-la com outros olhos — penso alto, amassando as folhas em minha mão.

— Ele quem? — indaga Peter.

— Ninguém — tento me recompor.

— Cara, você está bem? — pergunta ele com um olhar espantado.

— Estou ótimo — espalho as folhas em cima da mesa enquanto busco recobrar meu autocontrole. — O que você tem para mim?

Evito encará-lo. Obviamente que ele percebeu que algo está acontecendo.

— Sanchez pode não ser a vítima que ele alega — inicia, ligando seu modo investigador. — Ele e seus amigos não são tão inocentes assim.

— O que quer dizer?

— São jogadores, chantageadores e essa não é a primeira empresa em que tentam levar vantagem. Geralmente, são empresas pequenas e familiares. Na Matveev, encontraram uma mina de ouro.

— Tem certeza disso?

— Acho que, inicialmente, os planos eram outros — ele enrugando a testa. — Acredito que a intenção fosse roubar os equipamentos. Devem ter mudado de ideia devido à segurança

nas fábricas. Muito arriscado para mentes pouco inteligentes como as deles.

— Está dizendo que Sanchez optou por se automutilar, por dinheiro?

É uma ideia macabra, mas não impossível.

— Filhos matam pais em troca de herança, irmãos eliminam uns aos outros — diz ele, sacudindo os ombros. — Se ele ganhar esse caso, ficará milionário. Existem pessoas que dariam o braço todo por isso. Ele só deu três dedos.

— Vou anexar essas informações ao processo, mas precisamos de algo mais concreto — falo calmamente. — Se eu provar que Sanchez agiu de caso pensado, ele ficará sem o dinheiro e o processo se reverterá contra ele.

— Eu cuido disso — Peter se levanta e se apoia no espaldar da cadeira. — Escuta, que tal irmos àquele clube essa noite? Está precisando relaxar um pouco.

— Eu não posso — respondo num tom neutro. — Peguei dois casos complicados essa semana.

Não é mentira, mas também não estou sendo totalmente honesto com ele. A verdade é que não tenho disposição alguma para gastar meu tempo cortejando mulheres apenas por um orgasmo. Isso eu consigo sozinho. Quero Penelope e, de uma forma incompreensível, enquanto ela não for minha, todas as outras serão como aperitivos para o prato principal. E, no

momento, estou faminto.

— Oi, Aline — cumprimento a assistente, que derruba o telefone onde esteve pendurada em uma conversa animada. Sinceramente, acho que deveria ser telefonista. Não me recordo de uma única vez que não a tenha pego na mesma situação.

— Dr. Crighton — sussurra ela, levando a mão ao peito. — Não sabia que viria hoje.

— Estava passando por aqui... — minto descaradamente. — E resolvi parar para uma visita. Neil está?

Não é ele quem me interessa, mas sorrio, mantendo uma expressão impassível em meu rosto.

— Está em uma videoconferência — diz ela, sorrindo de volta. — Deve terminar em alguns minutos. Pode esperar na sala dele se quiser.

— Farei isso, então — digo, indo em direção à sala dele, mas retornando em seguida. — Penelope está com ele?

— Acho que sim, pelo menos a última vez que a vi, seguia para lá — responde ela, parecendo envergonhada. Está claro que seu momento ao telefone a manteve alheia a tudo o que acontece.

Pergunto-me como ela continua trabalhando aqui. — Mas, se precisar de algo, acho que posso ajudar.

— Não, obrigado — assevero, esperando que o meu desapontamento por não ter Penelope por perto não esteja expresso no tom da minha voz.

Passo pela mesa dela e encontro-a vazia, mas, para o meu deleite, as rosas estão em um vaso de cristal enfeitando sua mesa. Esboço um sorriso vitorioso em meus lábios. Bom, ela pode ter sido tihosa e mal-educada em não responder ao meu gesto, mas havia gostado do presente. Isso é inegável.

Sigo para a sala de Neil e, quando entro, a minha primeira visão após abrir a porta é o par de seios fartos espremidos contra o decote. O vestido preto, apesar de discreto, nela fica extremamente sensual. Subo o olhar pelo seu colo, passo pelo colar de pérolas no pescoço delicado, que dão um toque ainda mais elegante a ela, e cravo em seus lábios.

— Diga ao Sr. Durant que já estou indo, Aline — diz, em um tom de voz apreensivo, alheia de que sou que estou a observá-la da porta. — Não consigo encontrar o bendito documento e ele afirmou que estaria aqui.

Penelope inclina-se ainda mais sobre a mesa, vasculhando em uma das gavetas embutidas. Uma fina mecha de cabelo escapa do coque severo tocando um dos seus seios, essa imagem me faz desejar serem os meus lábios tocando-a ali.

Porra! Porra! Porra!

Estou pensando seriamente em banir uso das peças íntimas. Nesse momento, o meu membro excitado briga com o tecido da cueca, a sensação é angustiante. E, sem que eu consiga evitar, um grunhido escapa da minha boca, chamando a atenção dela para mim.

— Sr. Crighton? — Penelope me encara com olhar carregado de espanto. — O que faz aqui?

A língua desliza por seus lábios rosados e... Céus! Eu daria tudo para fazer o mesmo. Melhor do que isso, ter essa língua deslizando pelo meu pênis, que já está dolorido de tanto tesão.

— Adam! — Murmuro, com a voz imperativa. — Me chame de Adam.

— Não acho que seja prudente, Sr. Crighton — insiste ela, voltando a ficar ereta, privando-me da visão magnífica de seus seios deliciosos.

— Dane-se a prudência! — Caminho em direção a ela a passos largos. É como se minha vida dependesse disso. — Danem-se seus jogos! Eu me esqueci de dizer, mas imprudência é meu nome do meio.

Então, para surpresa dela, uno nossos lábios. O animal enjaulado dentro de mim ganha vida, devorando seus lábios como se o mel em sua boca fosse o alimento que preciso para sobreviver.

— O que você está fazendo? — indaga, sob meus lábios.

— Beijando-a. Não me diga que nunca fez isso — murmuro com um sorriso cínico. — Pois eu já a beijei três vezes. Foi bom para cacete.

— Não falo sobre isso — ela me afasta, dando a volta na mesa, e eu a sigo tentando encurralá-la mais uma vez. — O que faz aqui?

— Eu trabalho aqui, esqueceu?

— Hã? — ela enruga nariz de uma forma incrivelmente doce e que só faz aumentar meu desejo.

— Tecnicamente, não — sorrio feliz em ver a parede às suas costas, limitando sua fuga. — Mas trabalho para o seu chefe, dá no mesmo. Você me verá aqui todos os dias.

— Hã? — seus olhos estão completamente arregalados agora.

Adoro provocá-la. Adoro quando passa a língua pelos lábios ao ficar nervosa e, acima de tudo, quando suas bochechas ficam deliciosamente rubras, dando ainda mais vivacidade ao seu rosto perfeito.

— Sabe, você se comunica muito melhor quando está me beijando — diminuo o pouco espaço que há entre nós e tomo posse dos seus lábios novamente.

Dessa vez, em um beijo mais passivo, suave, mas

extremamente sensual. O que há nessa mulher que me faz me sentir assim? Como se nada mais no mundo importasse, exceto nós dois. Por que ao lado dela eu me sinto...?

Vivo!

— Não — ela me afasta outra vez, tanto a voz como seu corpo estão trêmulos. Não posso dizer que comigo seja diferente. — Não podemos fazer isso.

— Por quê não? — minha vontade é avançar sobre ela novamente e provar com meus beijos o quanto ela está errada.

— Você é amigo do meu chefe.

Essa é a desculpa mais absurda que já ouvi. Claro que o Neil ficaria contrariado, mas estou pouco me importando com ele. Ah, ele que vá se foder.

— Chamosa...

— Penelope! — Ela cruza os braços, zangada.

— Penelope... — murmuro nervoso, enquanto coço a sobrancelhas em um gesto frustrado. — Não coloque obstáculos que não existem, isso é ridículo.

— Ridículo? — inquire ela, com a voz alterada. — Estamos na sala dele. Nos agarrando como dois... Como dois... — ela gagueja, como se engasgasse nas próprias palavras.

Solto uma risada divertida, que a faz me encarar ainda mais brava que antes.

— Animais no cio? — pergunto, tentando me controlar.

— Eu não usaria essa definição — diz ela, chocada.

— Eu me sinto como um animal perto de você — caminho até ela outra vez. — Quanto ao cio, não sabe o quão perto isso está da realidade.

Pego sua mão delicada e coloco em minha calça, fazendo-a tocar meu pau sob o tecido, dando-lhe a certeza de que não minto. Tenho passado por essa tortura há muito tempo, somente ela será capaz de amainar essa febre queimando em meu corpo.

— Adam! — Protesta ela, quase em um gemido fraco. — Não... Não faça isso...

Encaramo-nos por longos segundos. Nossos olhos falando mais do que nossos lábios seriam capazes de proferir. Eu toco seu braço nu e deslizo meus dedos por sua pele suave. Deleito-me quando vejo seus olhos semicerrarem, desfrutando, com certeza, das sensações que provoco nela. E eu sempre gostei mais da sinceridade da linguagem corporal, pois o corpo nunca mente. Como agora, por exemplo. Penelope pode negar para mim, para as outras pessoas e para ela mesma se quiser, mas me deseja tanto quanto eu a ela. Um pouco mais de insistência e ousadia da minha parte e eu a teria gemendo comigo em cima da mesa do Neil, fodendo-a como fantasiei durante todos esses dias. E algo me diz que a realidade ultrapassaria qualquer sonho erótico que eu pudesse ter.

— Desculpe fazê-la procurar desnecessariamente — a voz de Neil e o som brusco da porta sendo aberta faz com que ela salte para trás, assustada e, em seguida, caminhe para outra direção.

Eu sinto todo meu corpo vazio, assim como minhas, mãos quando ela se afasta de mim.

Mas que droga! Neil desgraçado!

— Adam? — ele me encara e, depois, dirige o seu olhar para Penelope, desconfiado. — Não sabia que viria hoje.

— Um amigo não pode visitar o outro? — pergunto de modo casual.

Penelope arruma os cabelos e a roupa com certa discrição. Vejo que está nervosa e constrangida por quase sermos pegos em uma situação íntima. O gesto me faz lembrar do apelido que dei a ela, Charmosa. Aliás, nem sei o motivo que me levou a isso. Não sou do tipo de apelidos e nomes carinhosos.

— Claro que sim — Neil caminha até a mesa, mas não parece estar muito convencido com a minha resposta. — É sempre bem-vindo aqui.

— Estava passando por aqui e resolvi convidá-lo para um happy hour... — trago a atenção dele de volta para mim para que ela possa se recompor com mais tranquilidade. — Afinal, é sexta-feira.

— Tudo bem — ele responde, parecendo aceitar minha

justificativa para estar ali. — Precisamos mesmo conversar.

Eu não quero conversar com ele. Não quero sair para beber com ele, não quero ouvir o que ele tem a dizer e algo me diz que é relacionado a ela.

— Eu lembrei que me esqueci da pasta em cima da mesa da cozinha essa manhã, quando tomava café com Anne — Neil se dirige a Penelope. — Desculpe fazê-la procurar sem necessidade.

— Não se preocupe, senhor — ela sorri para ele e o ato não me agrada em nada. Por que está sorrindo para ele com tanta cordialidade? — Já finalizou a reunião?

— Sim — Neil afrouxa o nó da gravata e retribui o sorriso. — Está dispensada por hoje. Tenha um bom final de semana.

— Obrigada, desejo o mesmo — Penelope vira-se em minha direção com a expressão fechada. — Até logo, Dr. Crichton.

Antes que eu possa responder, vejo-a sair apressadamente pela porta. Meu desejo é segui-la e dizer que não pode continuar a fugir.

— Vou apenas dar um telefonema e podemos ir — Neil me fala, já com a mão no telefone.

— Eu espero você lá fora — informo a ele.

Afortunadamente, ainda a encontro em sua mesa, arrumando-a. Observo-a pegar o cartão que enviei juntos com as flores em uma gaveta e um sorriso lindo iluminar seu rosto

delicado.

— Gostou das flores? — apoio o ombro contra a parede e olho-a fixamente.

— Meu Deus! — Sussurra, tomando fôlego. — Tem que parar de fazer isso.

— Desculpe se a assustei — sorrio. — Então, gostou das rosas?

— *Não são tão charmosas como você...* — ela lê a mensagem no cartão. — *Mas chega muito perto.*

Sua sobrancelha está curvada e seu tom de voz é debochado.

— Ah, foi bonitinho — coloco minhas mãos nos bolsos para evitar agarrá-la agora mesmo, e caminho em sua direção. — Foi indelicadeza da sua parte não agradecer o presente... — balanço a cabeça em forma de repreensão. — Nem um e-mail ou telefonema. Seus pais não te deram educação?

— Não é da sua conta — seu olhar parece magoado e ela ergue o queixo num gesto altivo. — Achei que deixei tudo bem claro naquele dia.

— Eu sei que pareci um pouco arrogante naquele dia...

— Um pouco? — retruca.

Mas que mulher infernal!

— Certo, eu fui muito arrogante — eu sei que continuar a

provocá-la não me ajudará em nada. — Peço que me desculpe. Jante comigo amanhã e me deixe corrigir isso.

— Eu já tenho compromisso — diz, pegando a bolsa em cima da mesa, para onde joga o cartão.

— Com quem?

— Não acho que seja da sua conta — profere, indo em direção à saída. — Mas obrigada pelas flores.

Começo a ficar tenso e malditamente irritado.

— Penelope! — Agarro-a pelos seus cotovelos ao alcançá-la no meio do corredor, prendendo suas costas em meu peito. — Me ouça, por favor.

Estou implorando? Estou mesmo implorando por migalhas de sua atenção?

— Sr. Crichton... — sussurra, apreensiva.

— Adam! — Vocifero. — Apenas Adam. Inferno!

— Me solta, Adam — murmura ela, baixinho. — Estão todos olhando.

Todos são Aline e mais três jovens com ela, paradas em frente aos elevadores. Não escuto o que falam, mas, pelos olhares dirigidos a nós dois, sei que somos o alvo dos risinhos mal disfarçados. Isso pouco me importa, mas, pela reação tensa de Penelope, percebo que isso a incomoda muito. Afasto-me lentamente, mesmo com meu corpo gritando o contrário.

— Adam? — a voz de Neil surge às minhas costas e Penelope se aproveita para se afastar indo em direção às amigas no elevador.

Porra! Meu desejo é dar um murro na cara dele. Neil tem o dom de surgir nos momentos mais inoportunos e inconvenientes.

— Podemos ir? — ele me indaga, agora ao meu lado.

— Sim, vamos. — respondo, derrotado.

Volto a olhar para os elevadores, mas Penelope e suas amigas já haviam partido.

O bar não está muito cheio, mas, dentro de uma hora, manter uma conversa compreensível aqui dentro será quase impossível. Enquanto ainda está calmo, Neil e eu preferimos ficar no balcão tomando nosso drinque e o ruído da música e as vozes das pessoas em volta dão aquele toque característico de um pub alegre e movimentado.

— Então... — inicia ao depositar o copo na madeira. — O que está acontecendo entre você e a minha secretária?

— Charlote? — giro no banco, apoiando minhas costas no balcão. — Eu não sei do que você está falando.

Observo um grupo de garotas em uma mesa à nossa frente.

Não que eu esteja interessado em alguma delas, mas não desejo que ele enxergue a verdade em meu rosto. Neil é muito bom em decifrar as pessoas. E, embora eu seja um advogado e blefar seja algo comum para mim, essa é uma situação atípica.

Eu nem posso dizer com clareza o que de fato está acontecendo. Tudo o que sei é que essa mulher surgiu como um furacão desestruturando meu mundo seguro e me deixando sem chão.

— Não seja dissimulado — diz ele. — A sua Penelope é a minha Penelope, não é?

Dele? Volto a encará-lo com olhar sério, mas, por dentro, estou fervendo. Dele desde quando?

— Sua?

— Secretária — ele corrige — É a mesma pessoa, não é? Apenas hoje liguei os fatos. É a pessoa que Peter esteve procurando?

Droga. Havia me esquecido daquela noite e da boca grande do Liam.

— E se for? — pergunto, dando de ombros.

— Tem que ficar longe dela, Adam — assevera ele, parecendo aborrecido. — Não serve para você. Não é o tipo de mulher que costuma sair.

— Por quê? — bato o copo em cima da mesa e apoio minhas

mãos no balcão para encará-lo. — Está interessado nela e quer me tirar da jogada?

— Não seja ridículo — ele ri e volta para sua bebida. — Ela é minha secretária... Sabe, ela é bonita, inteligente, atraente...

Sim, Penelope é tudo isso e muito mais. Mas ter que ouvi-lo destacar todas essas qualidades sobre ela me deixa inexplicavelmente enfurecido. Posso sentir o ar saindo do meu nariz.

— E adulta, capaz de cuidar de si mesma — corto-o, pois sou incapaz de continuar ouvindo-o sem partir sua cara ou quebrar a garrafa de cerveja em sua cabeça. — Mas pode ficar tranquilo. Ela não me interessa.

Por que estou mentindo para ele? Por que não revelo a verdade e exijo que cuide de sua vida e nos deixe em paz?

— Fico tranquilo — sinto sua mão em meu ombro. — Prometi a Charlotte que cuidaria dela. Passou por uma situação muito complicada há pouco tempo e não quero ter que defendê-la de você.

— O que quer dizer?

— Eu não deveria falar sobre isso — ele vira o copo e pede outra dose ao barman. — É assunto dela, mas Penelope foi abandonada na igreja no fim do ano. Não acredito que esteja pronta para um novo relacionamento e, além disso, você não pode oferecer isso a ela, pode?

— Não — respondo, aborrecido. — Eu não posso.

Isso explica parte da reação arredia de Penelope. Passar por uma situação humilhante como essa deixaria qualquer pessoa descrente do amor e de relacionamentos. Mas, ao contrário do que Neil afirma, creio que isso a faz, sim, perfeita para mim. Ele está certo, não tenho nada a oferecer a ela, a não ser noites quentes regadas a um sexo fantástico. Talvez seja isso que ela precisa. Sexo sem compromisso, sem falsas promessas.

— Eu tenho que ir — levanto-me apressadamente. — Quer uma carona?

Neil desvia o olhar das jovens que nos encaram do outro lado e volta a olhar para mim.

— Calvin virá me buscar — ele me fala, indicando as garotas. — Não quer se juntar a nós?

A mais ousada do grupo levanta o copo me oferecendo um brinde. Apenas sorrio e coloco meu terno.

— Hoje não — respondo.

Jogo algumas notas sobre o balcão e entrego minha bebida intocada a Neil. Sigo em direção à saída. Essa é uma daquelas noites em que você sabe que não será uma boa companhia.

Embora eu tenha passado boa parte da noite meditando sobre a informação que Neil jogou sobre a minha cabeça, nada do que ele me disse convenceu minha mente e meu corpo traíçoeiro que ficar longe dela é o melhor que tenho a fazer.

Ao invés disso, estou parado em frente à porta dela, ansioso, nervoso e eufórico, tentando imaginar qual reação ela terá ao me encontrar aqui, diante da sua porta. Há muito tempo não tenho sensações como essas, nem ao menos me lembro se, algum dia, cheguei a agir tão impulsivamente como venho agindo.

— Adam? — a surpresa em sua voz só não é maior que a ansiedade em seu rosto. — O que está fazendo aqui?

— Já que não poderá jantar comigo... — tiro os óculos escuros para observá-la melhor. — Que tal um almoço?

Eu sei que deveria ter ligado e feito o convite, mas não é preciso ser um grande gênio para saber que ela teria inventado qualquer desculpa ínfima para declinar.

— Eu já tenho planos — murmura ela, estreitando ainda mais abertura na porta. — Sinto muito.

— Do que tem medo? — inquiri, impedindo-a de fechar. — Não podemos ao menos ser amigos? Nunca faria nada que não queira.

Por longos segundos, a única resposta que obtenho é um profundo silêncio e uma respiração profunda.

Assisto-a inclinar a cabeça em direção ao chão e umedecer os lábios com a língua. Eu tento, heroicamente, resistir ao gesto erótico, mas um gemido excitado escapa de meus lábios, obrigando-me a mordê-los antes que eu tomasse os delas com ferocidade.

— Está bem — diz ela abrindo a porta, dando passagem para que eu entrasse.

O apartamento, apesar de pequeno, é muito confortável. As plantas espalhadas em cada canto da sala dão um toque feminino e acolhedor.

— Eu realmente tenho planos para hoje — ela me diz, caminhando até a mesa do computador, voltando em seguida com dois ingressos. — Mas acho que hoje é o seu dia de sorte. Aline desistiu na última hora.

— Zoológico do Bronx? — ergo a sobrancelha, divertido e perplexo ao ler o nome impresso no papel que ela estendeu a mim.

— Se você não quiser ir, não tem problema — ela me garante. Com o olhar fulminante, ela pega o bilhete de volta e vai em direção a uma cadeira onde está seu casaco. — Eu vou de qualquer maneira.

Noto como está linda: seu vestido vermelho-vinho de tricô, botas de cano longo sem salto e, quando ela coloca a toca branca sobre a cabeça, completando o figurino que a deixa ainda mais

juvenil, sinto-me como um lobo prestes a devorar o cordeirinho.

— Eu não disse que não — recupero-me rapidamente e caminho em sua direção, pegando as entradas de sua mão. — Apenas fiquei surpreso. É um programa um tanto peculiar. Não faço isso desde criança.

Quando criança, Liam e eu adorávamos ir ao zoológico. Não tenho ideia qual foi a última vez que fiz algo semelhante a isso depois de adulto, nem mesmo após o nascimento das gêmeas. Não sou um tio que gosta de aventuras como essa. Os motivos são óbvios: crianças me deixam desconfortáveis.

— E eu nunca fui ao zoológico — diz ela, empurrando-me pelas costas em direção à porta. — Então, vamos?

— Sério? — seguimos em direção à saída. — Não foi nem mesmo quando criança?

— Nunca, nunquinha, jamais — ela sorri, e se vira para mim quando alcançamos a rua. — Estou muito animada.

Parece mesmo feliz, transparece pelos seus olhos e sorriso luminosos. Nunca vi uma mulher tão bonita como nesse momento. Sendo sincero, nunca vi uma mulher tão linda quanto ela. E não me refiro apenas às características físicas.

— Aonde você vai? — pergunto ao vê-la caminhar pela calçada, na direção oposta.

— Há um metrô aqui perto — ela me diz, com naturalidade.

— Meu carro está bem ali — aponto em direção ao Porsche preto, parado do outro lado da rua. — Vamos?

Pego sua mão em um gesto inocente, mas a eletricidade percorrendo meu corpo é muito difícil de ignorar. Seu rosto vermelho me diz que com ela não é tão diferente assim. Talvez o dia não seja tão ruim como imaginei inicialmente.

Ela não ficou impressionada com o carro nem com o interior estilizado e, acredite, esse é um carro feito para impressionar as mulheres. Nada do que eu faça parece surtir esse efeito com Penelope, o que me deixa intrigado e fascinado ao mesmo tempo. Podem se passar anos, e acredito que nunca conseguirei desvendá-la apropriadamente.

Durante o percurso, a conversa gira em torno de coisas amenas. Questiono-a sobre o trabalho e sobre Neil, tentando parecer indiferente, mas, na realidade, desejo descobrir que tipo de relação eles têm.

Ficou óbvio em sua voz o quanto ela ama seu trabalho, embora trabalhar com ele seja, digamos, complicado.

Falo sobre o escritório e o porquê escolhi ser advogado ao invés de seguir a carreira médica, como todos da minha família.

— Você foi muito corajoso — diz, assim que estaciono e me viro para encará-la. — Devemos procurar nossa própria identidade. No fim, seus pais devem sentir orgulho de quem se tornou.

Parece que ela quer dizer mais do que as palavras revelam, como se existisse certa melancolia em cada palavra que proferiu.

— Acho que sim — sussurro. — Não no início, mas hoje, creio que sim.

Encaro-a, tentando entender o que me levou a falar mais de mim do que revelei aos meus melhores amigos. O que há nela que me faz me sentir tão solto?

— Por onde começamos? — pergunto a ela, desafivando o cinto. Preciso encontrar uma forma de manter minhas mãos longe dela.

— Planícies africanas — determina, com um sorriso empolgante. — Em seguida, podemos ver as focas e o show dos leões marinhos. Depois, a exposição de Madagascar.

Sorrio, encantado com o brilho luminoso.

— Senhorita? — estendo minha mão a ela, em expectativa.

Por um momento, imaginei que seria repelido, mas, para minha surpresa, vejo seus dedos se entrelaçarem nos meus.

Eu, literalmente, fui arrastado de um lugar a outro. Por

incrível que pareça, estou me divertindo muito. É como se eu tivesse trazido uma criança. Exatamente, tudo a encanta e sua felicidade me atinge com a força de um míssil. Eu até mesmo cheguei ao ponto de falar com os animais, apenas para deixá-la mais feliz.

— Você viu como aqueles filhotinhos eram lindos? — ela suspira enquanto sentamos em um banco para descansarmos um pouco. — Queria levá-los para minha casa.

— Duvido muito que a mamãe tigre iria deixar isso acontecer — enrosco os meus pés nos dela, em uma postura relaxada.

Seus olhos cruzam com os meus, expectantes. Dessa vez, não há apenas a carga sexual que emana de nossos corpos sempre que tocamos um ao outro. Nesse momento, eu sinto que há algo mais profundo e inexplicável. Eu me sinto feliz ao lado dela, simplesmente porque estou com ela.

— Olha! — Penelope desvia os olhos dos meus e aponta em direção a uma das barracas. — Algodão doce.

Observo as nuvens coloridas de açúcar e as crianças que pulam ao redor dos pais pedindo um dos saquinhos.

— Você gosta de doces, não é? — pergunto, mesmo já sabendo a resposta.

Durante as quase quatro horas que passamos aqui, eu a vi devorar chocolates, balas de goma, um pedaço de bolo e duas

casquinhas de sorvete.

— Acho que é minha maior fraqueza. — confessa.

Cinco minutos depois, assisto-a devorar o quitute com gemidos de prazer que eu gostaria que fossem provocados por meus beijos, meus toques em seu corpo e não por um doce idiota.

— Sabia que tem um jeito melhor de comer isso? — pergunto com todas as intenções pervertidas rondando em minha cabeça.

— E como seria? — ela me pergunta sorrindo, inocente, enquanto lambe todos os dedos.

O gesto é ingênuo, mas incrivelmente sexy. Levado pela paixão que me incendeia, coloco uma pequena quantidade em minha boca e uno meus lábios nos dela. Não sei quem tem o sabor mais adocicado, seus lábios macios ou o açúcar derretendo em nossas línguas enroscadas.

Tiro-lhe a touca e enrosco meus dedos em seus cabelos sedosos, puxando-a para mim. Aprofundo o beijo, não de forma agressiva e desesperado como das outras vezes, mas lenta e apaixonada. Sinto como se, através desse beijo, nossos corpos fossem capazes de fundir-se como metal, tornando-nos um só. É um carinho diferente, do tipo que toca a alma e faz com que o coração bata acelerado em meu peito.

Assustado com minha reação, interrompo o beijo e apoio minha testa na dela.

— Adam... — ela segura meu ombro com as mãos trêmulas.
— Eu...

— Vamos? — levanto-me de forma abrupta, assombrado com a profundidade desses sentimentos emanando em mim.

— Sim — sussurra, levantando-se também.

Ela parece confusa e perdida diante de minha reação inesperada. Droga! Estou agindo como um babaca, eu sei, mas nenhuma outra pessoa me confunde tanto quanto Penelope.

— Se você quer terminar de ver as outras atrações, temos que ir logo — tento me justificar e torcer para não ter arruinado um dia que, até então, havia sido perfeito. — O parque fecha em duas horas.

— Então, vamos — ela volta a sorrir e eu, audaciosamente, volto a entrelaçar nossas mãos.

Voltamos ao tour, vimos e tiramos fotos com todos os animais que conseguimos. Girafas, leões, zebras e até mesmo os gorilas invocados.

— Foi muito divertido, não acha? — pergunta, assim que chegamos ao estacionamento.

— Devo admitir que sim.

— Para mim foi fantástico! — Diz, animada, colocando o cinto. — Obrigada, não seria a mesma coisa sem você.

— Com certeza, os beijos da Aline não seriam tão doces como os meus — decido provocá-la um pouco mais.

— O que eu quis dizer é que não seria tão divertido se eu tivesse vindo sozinha — retruca, tirando uma folha do bolso do casaco. — Você é sempre tão convencido?

— Sempre! — Respondo. — Sete dias por semana.

Espero a fila de carros começar a diminuir e aproveito a oportunidade para observá-la um pouco mais.

— Você tem uma caneta? — ela me pergunta, alisando uma folha amassada que havia tirado do bolso do vestido.

— No porta-luvas. — indico com o dedo. — O que é? Por acaso vai dar notas para esse encontro?

— Claro que não! Eu não faria isso — ela me encara chocada. — É minha lista de desejos.

Vejo-a riscar um item de sua lista e minha curiosidade apenas aumenta.

— Lista de desejos? — pergunto, incrédulo. — Do tipo, cem coisas para fazer antes de morrer?

Embora meu tom seja irônico, algo semelhante ao medo atravessa o meu corpo. Estaria ela com alguma doença que a

tiraria de mim?

Balanço a cabeça diante de tal absurdo e afasto esses maus pensamentos. Primeiro, ela não é minha. Segundo, não me parece alguém doente, podendo apenas ser uma pessoa excêntrica.

— Não, são apenas lugares que quero ir e coisas que quero fazer enquanto estiver na cidade. — diz ela, dando de ombros.

Respiro, aliviado.

— Deixe-me ver.

— Não, são coisas tolas — diz, encabulada.

Infantilmente, puxo a folha de suas mãos e verifico a lista em uma caligrafia bem desenhada.

— Patinar no gelo... — vou pontuando sob seu olhar zangado. — Pular de paraquedas?

Encaro-a, incapaz de acreditar no que estou lendo. Sinceramente, acho que não haverá um dia em que ela não me pegue de surpresa.

— Parece divertido — ela ri.

A buzina ecoa atrás de mim e sou obrigado a colocar o carro em movimento.

— Jantar no “The View” — volto a olhar para ela quando paramos no sinal vermelho. — Esse eu posso entender.

O “The View” é O “The View”. É o único restaurante rotatório em Manhattan. No 48º andar se tem uma vista de 360º da linha do horizonte de New York.

— Já esteve lá? — ela me questiona, com o olhar encantado.

— Algumas vezes e é muito bonito — volto minha atenção para a rua movimentada. — Ver o pôr do sol no “The Press Lounge” — acompanho a lista. — Passeio de carruagem no Central Park, assistir um jogo de baseball, Empire State, passear de bicicleta no Hudson River Park, Ópera no Lincoln Center... Faculdade de Columbia e missa gospel na Catedral de St. John Divine?

Antes que eu continue, ela arranca a folha de minhas mãos e volta a escondê-la em um dos seus bolsos.

— Eu disse que são coisas bobas.

— Não são coisas bobas — sorrio, deliciado em descobrir um pouco mais sobre ela através dessa lista simples, mas cheia de significados. Tirando o salto de paraquedas, são lugares e coisas muito interessantes de se ver e fazer. — Eu até mesmo poderia ser o seu guia.

O quê? De onde saiu isso? Claro que estou decidido a levá-la para minha cama, mas passear no Hudson e ver o pôr do sol já é demais até mesmo para mim. Pular de paraquedas está descartado.

— Não precisa caçoar de mim, Adam — revida ela, ofendida

— Parecem coisas bobas, mas são importantes para mim.

— Eu não estou brincando— apresso-me a responder. — Verdade.

Espantosa e verdadeiramente, eu não estou. Quero mesmo levá-la a esses lugares se tivermos um dia tão divertido como o de hoje. Mesmo com esse alerta piscando em minha cabeça, dizendo-me que esse é um caminho bem perigoso a percorrer.

— Está mesmo falando sério? — ela me indaga.

— Estou — respondo. — Leia o resto da lista para mim.

Durante o caminho de volta, eu fui bombardeado por uma lista que, no mínimo, aumentou uns dez itens, com algumas contribuições minhas, claro, ainda que eu tenha falado pouco, pois permaneci embriagado por sua voz melodiosa. E, embora eu tenha tentado me convencer de que não procurei desculpas para passar mais tempo ao seu lado, sinto-me contagiado por sua felicidade e entusiasmo inócuos.

Chegamos ao seu apartamento por volta das seis. Não quero que o dia termine, mas me recordo de seu compromisso inadiável e uma onda de ciúmes me invade.

— Foi um dia maravilhoso — admite.

— Foi sim — murmuro, seco — Acho que ainda dá tempo para o seu encontro.

Brilhante, Adam! Tenho vontade de chutar minhas próprias

bolas e brincar de pingue e pongue.

— Encontro?

— Seu jantar — respondo. — Hoje.

— Ah... — ela abaixa o olhar e vejo seu rosto ficar rubro.

— Você mentiu? — pergunto, compreendendo tudo.

— Não totalmente — ela sorri, tímida. — Aline me deu o bolo, lembra?

Ao invés de me sentir irritado com o embuste, isso me deixa extremamente feliz. Não gosto da ideia de imaginá-la em um jantar romântico com algum idiota.

Encaramo-nos, nenhum dos dois querendo dizer adeus ainda.

Ela se vira, desconectando nossos olhares e passa a chave na porta. Volta a olhar para mim e vejo a incerteza, além de algo mais em seus olhos cristalinos.

— Você quer entrar? — pergunta ela, meio envergonhada.

Levanto-lhe o queixo, obrigando-a a me encarar. Há algo nela que me faz lembrar uma garotinha assustada que eu gostaria de proteger.

E é de uma maneira tão intensa, difícil de explicar, sequer entender.

— Quer que eu entre?

— Não tenho bebidas. Bem, eu tenho vinho que sobrou do último jantar com Lola — dispara ela. — Mas posso oferecer um café.

— Não é café que eu quero — murmuro, tomando seus lábios.

Ouço seu gemido quando a puxo para mim. Ouço meu próprio gemido quando nossas línguas se encontram. Empurro-a em direção à porta com apenas um pensamento chicoteando em minha cabeça. Possuí-la.

Hoje.

Agora.

Finalmente.

Abro a porta com pressa, conduzindo-a para dentro. Regozijando-me por finalmente conseguir o que eu quero. E porra! Como eu desejo essa mulher!

— Surpresaaaaaa!

A voz ecoa ao mesmo tempo em que as luzes são acesas. Encaro Penelope em meus braços, que olha para a jovem loira parada no meio da sala tão chocada quanto ela.

— Juliene!

Escuto-a dizer antes de se afastar de mim, deixando mais do que meus braços vazios. Meu corpo está literalmente pegando fogo.

Put a que pari!

Capítulo 10

Penelope

Não sei se estou aliviada ou frustrada com a visita inesperada da minha prima Juliene. Claro que estou feliz com a presença dela aqui, mas eu posso ver, por meio de seu sorriso travesso e pelo brilho em seus olhos, que eu terei uma árdua batalha à minha frente. Juliene é a pessoa mais romântica, sonhadora e impulsiva que eu conheço e a combinação dessas características é bastante perigosa para uma jovem de 19 anos.

Então, minha primeira reação foi me afastar de Adam, imediatamente. Não apenas envergonhada ao ser pega em flagrante nos braços dele enquanto me derretia com seus beijos, mas porque, literalmente, é como se do corpo dele saíssem labaredas incandescentes que me incendiassem.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, indo de encontro a ela, recebendo em seguida um forte e caloroso abraço.

— Eu vim buscá-la — diz ela para mim, mas seus olhos

estão fixos em Adam. — Agora que você chutou aquele safado do Maxwell e mandou seu pai pastar...

— Juliene! — Interrompo-a, sabendo que já revelou sobre mim muito mais do que eu gostaria. — Respire.

Não é que eu queira ocultar meu passado ou esconder de Adam fatos importantes da minha vida, tais como o meu ex-noivo sem fibra e o meu pai intransigente e controlador. Eu só quero que ele veja quem eu realmente sou e não aquela Penelope que todos julgavam conhecer. Aquela garota foi uma pálida imagem de mim, aquela definitivamente não era eu.

— Desculpe — Juliene sorri e inspira fundo. — Não vai me apresentar ao seu amigo?

— Ah, claro — afasto-me dela e me deparo com Adam, que nos encara com olhar avaliativo. — Juliene, esse é o Sr. Crighton. Senhor Crighton, essa é minha prima Juliene.

Não me passaram despercebidas as suas narinas infladas quando me referi a ele de forma tão formal e distante. Nem o jeito que seus olhos se estreitaram descontentes e de um jeito quase ameaçador.

— Olá! — Juliene praticamente salta em direção a ele estendendo a mão.

— Olá, Juliene! — Adam a cumprimenta com um largo e lindo sorriso.

Senhor! Adam deveria parar de fazer isso. É como se tivesse

o dom de hipnotizar as pessoas. E não é exagero de minha parte, já que Juliene o encara com um sorriso meloso.

E não sei o porquê, mas me dou conta de que não gosto nada disso e essa é uma reação irracional e inexplicável que me incomoda muito.

Respirando fundo, sufoco tais sentimentos e volto a me concentrar em minha prima ao meu lado.

— Você tem que ir para o Texas comigo, Pê — Juliene bate as palmas, fazendo-me lembrar das focas que vimos hoje à tarde, o que traz um sorriso aos meus lábios. Não importa o que ela fale ou faça e, geralmente é algo que me coloca em confusão, mas eu amo muito essa garota.

— O que aconteceu? — pergunto, preocupada. — Tia Lola...

Embora a expressão calma e alegre no rosto dela fale que não há motivos para preocupação, não consigo deixar de ficar apreensiva. O que faria Juliene vir de tão longe para me buscar?

O natural é que meu tio ou um dos seus irmãos superprotetores viessem em seu lugar.

— Eu consegui um emprego para você! — Anuncia como se acabasse de ditar os números da loteria que confirmassem que eu era a premiada. — Isso não é o máximo?

— Como é? — pergunto, perdida.

— A Sra. Hayward — ela continua, citando o nome como se

fosse uma velha conhecida minha quando, na verdade, não faço a mínima ideia de quem seja a tal senhora. — Está se aposentando também, aliás, ela e tia Lola se deram muito bem. Mas quem não amaria a Lola...

— Juliene! — Franzo o cenho, avisando-a com os olhos que ela está fugindo do foco outra vez.

E, em meio a essa conversa confusa, liderada por minha prima, eu sinto a presença de Adam atrás de mim. É como se ele tivesse algum tipo de poder magnético que me arrasta para ele. Não é a primeira vez que eu sinto isso. Nesse momento, eu gostaria de fazer Juliene desaparecer e voltar para os braços dele, assim como estive antes, desfrutando dos beijos que me levam para outro mundo.

— Não é perfeito? — pergunta Juliene, sorrindo.

— O quê? — pisco várias vezes e minhas bochechas queimam como brasas na lareira.

Percebo que não prestei a mínima atenção ao que ela disse enquanto divagava sobre Adam e os beijos que sempre me deixam sem chão. Lá vou eu sonhar novamente.

— Você trabalhar no banco? — ela me encara, séria. — Quando Derek me disse que, em breve, o cargo ficará vago, pensei imediatamente em você. Finalmente poderemos ficar próximas uma da outra.

— Quem é Derek? — indago, confusa.

Antes que ela possa responder, Adam me envolve pela cintura e a encara com seriedade.

— É muito gentil de sua parte, Juliene — Adam começa a dizer. — Mas eu não vejo por que Penelope aceitaria esse emprego, ela está em uma ótima empresa aqui e...

Quando ele desliza a mão por minhas costas tensas e a descansa na curva da minha cintura, sinto como se minhas pernas perdessem as forças.

Deus! O que está acontecendo comigo?

— Além disso, não é apenas o trabalho que faz com que ela queira ficar — assegura ele, numa voz calma e melodiosa e me encara. — Certo?

— Oh... — vejo Juliene perder a fala pela primeira em vez em nossas vidas. Ela nos encara com uma expressão de visível surpresa. — Vocês estão namorando?

— Sim — responde Adam pegando minha mão, levando-a até seus lábios tentadores. — Nada muito sério.

O toque cálido faz minha pele se arrepiar inteira, da cabeça aos pés. Procuro me lembrar de como respirar normalmente, mas essa não é uma tarefa tão fácil assim. E, com grande esforço, tento me concentrar no que ele diz.

Senhor, ajude-me!

É completamente impossível me manter focada em algo

mais que não seja seus dedos, acariciando-me de maneira suave e totalmente vertiginosa.

É como se meu corpo e mente tivessem desejos e vontades diferentes. E, nessa guerra ferrenha, meu corpo e todas as sensações que Adam desperta nele, ganham com uma larga escala de vantagem.

— Penelope adora a cidade e tem um motivo ainda melhor para continuar aqui, não é?

Esse é o momento que eu deveria responder alguma coisa, certo? Porém, meus lábios parecem lacrados.

— Eu percebo — Juliene responde por mim e, apesar de decepcionada em saber que não irei para o Texas com ela, noto a felicidade em seu rosto.

Balanço a cabeça levemente com a esperança que o gesto trouxesse a razão à minha cabeça.

— Hã... Espere-me aqui, Juliene — limpo a garganta e finalmente algo sai de minha boca — Adam, podemos conversar lá fora?

— Claro — murmura ele. — Até logo, Juliene, foi um prazer conhecê-la.

Ouçõ a despedida de Juliene e sinto a mão dele na minha quando sou guiada para fora, e eu concluo que deveria ser o contrário.

Assim que a porta é fechada, eu escapo do poder magnetizante que inunda de suas mãos e cruzo meus braços em meu peito em defensiva.

— Por que você falou aquilo lá dentro? — pergunto, séria.

Observo quando ele esconde as mãos nos bolsos da calça e se apoia preguiçosamente contra a parede de frente a mim.

— O quê? — pergunta ele, com falsa inocência na voz. — Sobre ser seu namorado?

Meu coração pulsa com essa possibilidade. Será que ele realmente me pediria em namoro? Ou ele proporia uma daquelas relações liberais que Aline me disse que costuma ter? Eu não sou ingênua e sei muito bem o tipo de vida que Neil, Adam e seus outros amigos têm. Eu nunca vivi uma relação desse tipo, não sou uma garota de relacionamentos passageiros. Adam não parece o tipo de homem que se entrega ao modelo de relacionamento que eu preciso. Eu conseguiria viver uma relação aberta com ele? Aceitaria vê-lo com outras mulheres?

Mas o que estou pensando? Não sei nem se aceitaria namorá-lo. Na verdade, é pouco provável que tal possibilidade exista.

— Namorado? — apoio-me também contra a parede oposta. — Sério?

Ficamos assim por um longo tempo, encarando-nos. Eu realmente confusa e furiosa com ele. E Adam com um sorriso

divertido e um brilho indecifrável em seu olhar.

— Juliene queria levá-la embora — murmura ele, sacudindo os ombros, como se essa resposta explicasse tudo. — Estava apenas ajudando-a a sair dessa situação incômoda.

Chocada, eu não consigo acreditar que ele está mesmo me dizendo isso. Não sei por que, mas fico com muita raiva da sua resposta.

— Primeiro... — lanço um dedo em riste em direção a ele. — Ninguém o nomeou meu protetor e não preciso da sua ajuda em nada. Segundo, sou adulta e capaz de resolver os meus próprios problemas sozinha.

— Não é o que parece — diz, segurando o riso. — Não pareceu isso naquela festa, como não pareceu hoje. A jovem parecia um trator vindo para cima de você.

— Juliene é tão inofensiva! — Defendo-a com unhas e dentes. — Um pouco atrapalhada e expansiva, mas só isso. E eu poderia ter me virado muito bem naquela festa, também.

— Hum, hum — balbucia ele, descartando meu discurso fervoroso. — No entanto eu tinha que deixar claro a ela que não há possibilidade alguma de você ir embora...

— Você tinha? — pergunto, abismada.

— Você não quer ir, quer? — pergunta Adam, aproximando-se de mim.

— Por que disse que era meu namorado, quando sabemos que não é assim? — insisto, tentando ignorar o quanto ele é bonito. — Você nem gosta de relacionamentos.

— Como sabe disso? — seu sorriso alarga ainda mais. — Andou pesquisando sobre mim? Está correta, não gosto de relacionamentos, nem rótulos, mas eu estou atraído por você...

Deus! A maldita parede às minhas costas me impede de fugir desse olhar predador e do sorriso apaixonante.

— Você não vai embora! — Enfatiza a centímetros do meu rosto. — Não vou permitir isso. Não até terminarmos o que começamos.

O quê? Ele não irá permitir?

Arrogante filho da mãe! É isso que ele é.

É obvio que eu não vou embora, nem compreendo ainda de onde Juliene tirou tal absurdo, mas minha decisão não tem nada a ver com ele.

Bem... Não diretamente.

— O que eu vou ou não deixar de fazer não é da sua conta! — Enfatizo cada palavra. — Não pode sair dizendo às pessoas o que não somos... Primeiro naquela festa, agora aqui...

Alegro-me com minha ousadia em colocá-lo em seu devido lugar.

— Nas duas vezes precisou da minha ajuda — murmura ele,

deslizando um dedo pelo meu rosto. — Não seja mal-agradecida.

Ah! Petulante!

— Você gosta do seu emprego, não gosta?

— Sim, mas...

— E ainda quer conhecer todos aqueles lugares incríveis.

— Quero, só que...

— E está louca por mim como estou por você?

— Estou... — murmuro — Não. Ah, você é...

Sua respiração morna sobre meus lábios me deixa um pouco tonta, como se eu estivesse embriagada. A sensação me faz cambalear de encontro a ele. O que há nesse homem que eu não consigo resistir?

Mesmo eu sabendo que o mais inteligente da minha parte é fugir para o mais longe que eu possa, estou diante dele desejando ser beijada.

— Sim — sussurro, fechando meus olhos.

Eu acabei de admitir em voz alta que estou louca por ele, como nunca estive por mais ninguém antes?

Abro os meus olhos rapidamente, assustada e confusa. O sorriso vitorioso carimbado em seu rosto perfeito arrasta para longe as sensações anteriores e uma profunda indignação me invade.

— Então, está tudo resolvido — diz, afastando-se e me deixando com uma absurda sensação de vazio. — Vejo você amanhã à tarde.

— Amanhã? — balbucio.

Varro minha mente tentando reviver os últimos momentos do nosso dia. Busco recordar se havíamos planejado algo para o dia seguinte, mas minha mente é um completo vazio. Irritantemente, sempre que ele está ao meu lado nada mais me interessa.

Antes que o desapontamento me tome por vê-lo ir embora, ele volta e seus lábios tomam os meus em um beijo feroz. Um beijo ardente e sensual que, mesmo que eu fosse agraciada com superpoderes, dificilmente seria capaz de resistir.

— Sua lista, lembra? — pergunta ele, afastando-se. — Ah, use algo confortável.

A porcaria da lista, compreendo agora. Quando ele me disse que seria meu guia pela cidade, levei aquilo apenas como uma proposta educada que seria esquecida no dia seguinte. No entanto, ele parece decidido em segui-la.

— Sr. Crighton...

— Adam, caramba! Somente, Adam — retruca, indo em direção à porta que leva ao lance de escada. — Já passamos dessa formalidade, se é que algum dia ela existiu. Apenas Adam, Charmosa.

Eu poderia dizer a ele que esse apelido é ridículo. Sinceramente, em qualquer outra pessoa pareceria até mesmo idiota. Mas, com ele e a tonalidade sexy que ele coloca em sua voz, isso me faz querer mudar o meu nome cada vez que ele o pronuncia.

— Sonhe comigo — ele abre a porta e novamente lança sobre mim um sorriso fascinante. — Com certeza vou sonhar com você. Ironicamente, isso é tudo o que eu tenho feito.

Toco meus lábios. É reconfortante saber que eu não sou a única a sofrer durante as noites frias e solitárias.

Vejo-o sair e ouço o bater da porta de ferro. Tudo o que consigo fazer é manter meus pés fincados no chão, sustentando um sorriso bobo em meus lábios. Algum tempo depois, retorno para o apartamento e me apoio contra a porta. Ridiculamente, ainda estampando o mesmo sorriso sonhador.

— Agora você irá me contar tudinho! — Juliene me assusta. — Com os detalhes mais sórdidos.

Droga. Meu sorriso se desfaz na mesma hora. Havia me esquecido que Juliene está aqui.

Analiso-a por um momento. Ela está sentada no sofá, de pernas cruzadas em uma posição de ioga. Com um olhar determinado e expressão alegre em seu rosto, afirmando que não conseguirei escapar com facilidade das suas prováveis perguntas sem fim, não até que sua curiosidade seja alimentada.

— Contar o quê? — pergunto com ar indiferente, seguindo para a cozinha enquanto procuro ganhar tempo para pesar no que devo dizer.

Vasculho a geladeira, mesmo sem ter a mínima ideia do que procuro. Preciso apenas ter minha mente e mãos ocupadas com alguma coisa. Encontro a caixa de suco de laranja e vou até o armário em busca dos copos.

— Ah, não me venha com essa, Penny! — Juliene bate a porta do armário me forçando a encará-la. — Então, está namorando aquele deus grego e acha mesmo que eu ficarei sem saber de nada?

Deus grego? Sim, ele é muito mais do que isso. Adam é uma mistura de todas as fantasias femininas em forma de pecado.

— Não estamos namorando...

— Estão se pegando, como Dereck e eu? — ela sorri, sentando-se no balcão que divide a cozinha. — Já é um grande passo.

— Ele é meu amigo, Juliene — forço-me a dizer.

Francamente, havíamos cruzado a linha da amizade há muito tempo, como ele ressaltou.

— Ham, ham — zomba ela. — Amigos que se beijam daquele jeito? Olha, se eu não estivesse aqui, só Deus sabe como vocês teriam acabado — então, ela pula na minha frente com os olhos completamente abertos. — Você ainda é virgem, não é?

— Juliene!

— É sim, posso ver — ela balança o indicador em meu rosto.
— Mas aposto que com aquele homem não será por muito tempo.
Eu vi como ele olha para você.

— Não diga besteiras! — Passo por ela, enchendo um copo de suco com as mãos trêmulas. Há um calor estranho pelo meu corpo.

Se Juliene não estivesse aparecido naquele momento, talvez Adam e eu... Deus!

— Há quanto tempo vocês estão juntos?

Juliene é a mais próxima de melhor amiga que eu poderia ter. Apesar de termos crescidos a quilômetros de distância, sempre escrevíamos cartas uma para outra, que foram sendo substituídas por ligações e mensagens de texto no decorrer dos anos. E foi ela que me incentivou a atacar o Max naquele dia, colocando-me em uma incrível confusão.

Certo, não estou sendo justa com ela. Não é certo culpá-la por minhas atitudes. Eu fiz o que achei o certo na época e sabia dos riscos.

— Nós não estamos juntos! — Insisto com pouco ênfase na voz.

— Não foi o que pareceu e muito menos o que ele disse — prossegue, fazendo bico. — Poxa, pensei que fôssemos amigas. Não há nada que eu esconda de você.

— É mesmo, não sabia nada sobre esse tal de Derek — informo, apenas para provocá-la. Não há nada mesmo que escondamos uma da outra.

— Só tem uma semana que estamos saindo — diz ela, envergonhada. — Na verdade, tentando, já que os urubus dos meus irmãos não me deixam sozinha um único minuto.

Observo-a atentamente. Juliene é incrivelmente linda. Com seus cabelos loiros encaracolados, olhos claros e rosto delicado, ela se parece com uma daquelas fadinhas sapecas, propensas à confusão. Não é à toa que seus irmãos são tão protetores com ela. A mãe morreu em seu parto, deixando-a com o pai e três irmãos superprotetores. Ao meu ver, nenhum garoto será suficiente para eles.

Ela não vai à festas, não sem que pelo menos alguns dos irmãos estejam presentes, não tem amigos do sexo oposto e cada passo seu é vigiado. Somos bem parecidas em alguns aspectos. A diferença é que ela sabe como realmente é amada e sempre encontra uma forma de burlá-los. Além disso, Juliene nunca é castigada severamente pelo o que faz. E, acreditem, ela apronta muito.

— Falando neles... — pergunto, curiosa. — Como conseguiu fugir?

— Disse que só ia até a cidade vizinha pegar uma encomenda para a fazenda — murmura ela, olhando para o chão.

— Juliene! Meu Deus, todos devem estar preocupados com você! — Repreendo-a duramente. — Seu pai vai te matar e me cozinhar viva em um daqueles caldeirões da cozinha.

— Relaxa, já liguei para casa e disse onde estou — ela diz. — Não ficaram nada felizes, pensaram que eu havia fugido para ficar com Derek e eu nem quero imaginar o que fizeram a ele, pois o infeliz disse que não quer me ver em centenas de anos, aquele covarde.

É difícil acompanhar o raciocínio nada lógico de Juliene, principalmente quando ela mistura as informações caoticamente.

— Ficaram mais calmos quando eu disse que voltaria na segunda e que você iria comigo — diz ela, praticamente choramingando. — Agora tudo o que me espera é um grande sermão.

— Talvez eu possa explicar a eles? — prontifico-me em ajudá-la.

— Não irá adiantar muito — queixa-se. — Tem certeza que não quer vir comigo? Ainda posso falar com a avó do Derek, mesmo ele sendo um babaca.

— Estou bem aqui — asseguro-lhe.

— Claro que está — ela afirma, pegando meu suco e fugindo em direção à sala. — Agora me conte tudo. Como se conheceram, por que ainda continua virgem e imaculada...

Qualquer pessoa que a escutasse nesse momento, pensaria

que era tão experiente como pretende aparentar, mas, na realidade, é tão virgem quanto eu.

A única diferença entre nós duas é que, no caso dela, essa é uma condição que ela está determinada a mudar. Bem, se meus primos metidos a valentões deixarem.

Passamos toda a noite e boa parte da madrugada conversando. Falamos sobre a cidade, meu novo emprego, meu chefe que, aos olhos dela, é insuportável e, claro, seu assunto principal: Adam.

Em consequência disso, acordamos tarde, quase perto do horário do almoço. Assim que nos arrumamos, levo-a para almoçar fora e conhecer um pouco da cidade. Sem dúvida, outra vez fui bombardeada por seu interesse ilimitado em Adam e relacionamentos. Parece que o quanto mais falo dele, mais curiosa e animada ela fica.

Quando voltamos e assim que viramos a quadra que leva ao apartamento, meus olhos recaem sobre o homem de ombros largos que estivemos divagando nas últimas horas e eu compreendo que estou perdida.

Em frente ao prédio, encostado no Porsche preto, de braços

cruzados e olhar glacial, está um Adam muito zangado olhando para mim.

— Nossa! — Juliene é a primeira a se manifestar quando nos aproximamos dele. — Esse carro é seu? Meu irmão Dallas morreria para ver um desses.

— Fugindo de novo? — pergunta ele, alheio a Juliene babando ao redor do carro. — Tínhamos um compromisso e passei a última hora esperando-a como um idiota.

Ai, caramba! Não é à toa que parece furioso ao ponto de me fritar com os olhos. Mas a culpa não é minha, afinal ele não havia informado o horário e nem ligado pela manhã confirmando nada. E eu passei boa parte do dia me sentindo ridiculamente decepcionada por ele não ter cumprido a promessa do dia anterior.

— Você não ligou — me defendo.

— Passei as duas malditas horas fazendo isso — ele balança o celular em meu rosto. — Onde você esteve?

— Ah, Penelope esqueceu o celular em cima da mesa — explica Juliene, tentando colocar panos quentes no que eu prevejo ser mais uma briga nossa. — A culpa foi minha, praticamente a arrastei para fora.

— Não se explique, Juliene — digo a ela, indo em direção à escada. — As pessoas não devem simplesmente impor suas vontades e aparecer quando bem entenderem.

Agora eu que estou furiosa com a irritação dele.

— Precisei resolver algo de última hora — Adam me alcança, puxando minha mão e virando-me para ele. — Eu não deveria deduzir que ficariam em casa esperando por mim. Foi arrogante da minha parte.

— Sim, foi! — A afirmação escapa da minha boca antes que possa me controlar.

— Penelope! — Repreende Juliene. — Não seja tão dura com ele.

Em qual momento ela havia deixado de ser minha prima amada para se tornar defensora dele? Está certo que eu havia deixado o telefone em casa, meio que de propósito, confesso mentalmente. Quis dar uma lição a ele ou estava fugindo como ele disse, o que eu não sabia é que com isso eu estaria penalizando apenas a mim.

— Desculpe — diz ele, de forma singela, mas que me desarmou por inteiro.

— Desculpe-me, também — respondo, sem jeito. — Por deixá-lo esperando.

— Se vocês ainda querem aproveitar o passeio — ele diz, olhando para os nossos pés. — acho melhor trocarem essas botas.

— Eu estou incluída? — pergunta Juliene.

— Claro.

Inteligente. Jamais a deixaria sozinha para ficar ciceroneando com ele pela cidade.

— E para onde nós vamos? — pergunta ela, empolgada.

— Isso é surpresa, mas tem algo a ver com uma lista — ele sorri para mim. — Coloquem seus tênis e peguem seus casacos.

O caminho todo foi regado pelo falatório de Juliene. Tudo o que Adam e eu fizemos foi trocar olhares e sorrisos.

— Oh, meu Deus! — Juliene corre à nossa frente assim que chegamos ao nosso destino. — Uma pista de gelo.

Wollman Rink abre de novembro a março em pleno Central Park, perto da Grand Army Plaza. A vista do lago é tão fantástica como eu imaginei.

— Funciona de dia e a noite — informa Adam. Ele toma minha mão, enquanto vamos em direção a uma empolgada Juliene. — Mas à noite é ainda melhor. Sabia que há música e você pode observar espetáculos com patinadores iguais aos que vemos na TV?

— Sim, eu sei — respondo, sorrindo. — Por isso está no topo da lista.

Enquanto caminhamos, delicio-me com o calor que a mão dele transmite à minha, aquecendo mais do que meu corpo, mas também a minha alma.

O fim da tarde foi incrivelmente divertido. Fingir para ele que eu não sabia patinar apenas para tê-lo junto a mim foi desonesto, eu sei, mas faria isso um milhão de vezes.

Cada vez que suas mãos tocaram a minha cintura e todas as vezes que ele me prendeu em seu peito enquanto deslizamos pela pista no gelo, meu coração saltava em meu peito.

De uma forma incompreensível, ele está derrubando todas as minhas muralhas. Onde está a garota que deveria se sentir traumatizada ao ser abandonada no altar? Onde está a garota que só queria liberdade e ser dona dela mesma? Para onde ela foi e o que ele faz comigo?

Sigo em direção a um banco para tirar os patins e tropeço em meus próprios pés, abalada por esses pensamentos alarmantes.

— Peguei você! — Ele me surpreende, prendendo-me junto a ele.

Quando tenho seus olhos conectados com os meus e seu rosto tão próximo, tenho certeza de algo inevitável.

Eu estou me apaixonando por ele.

Isso é tão claro como o gelo ao nosso redor. Mas é o toque dos seus lábios nos meus, o doce sabor da sua boca na minha e a forma que todo meu corpo reage a isso, que me dão absoluta certeza.

Eu estou me apaixonando por ele.

— O loiro ou o moreno? — Juliene une-se a nós, alguns minutos depois, desequilibrando-se no banco ao meu lado. — Quais dos dois seria um motivo forte para que eu permaneça aqui?

Ela aponta em direção a dois jovens que passaram a última hora a ensinando a se equilibrar nos patins. Ela teria aprendido algo se não tivesse passado boa parte do tempo os paquerando.

— Pergunta errada — contesto quando ela começa a tirar os patins. — Qual dos dois enfrentaria seu pai, Dallas, Austin e Clyde?

O suspiro desanimado é a resposta que eu precisava. Nenhum daqueles garotos franzinos seriam páreos para os irmãos dela e meu tio então, sem chance.

— Então, Adam — pergunta Juliene. — Você tem um irmão

ou primo solteiro? Corajoso o suficiente para enfrentar quatro cowboys e tão bonito como você? Eu estou disponível agora.

EU. NÃO. ACREDITO.

Julienne realmente perguntou isso a ele?

— Sim, eu tenho — ele ri. Na verdade, dá gargalhadas.

— E ele é tão bonito como você? — os cotovelos dela estão apoiados em seus joelhos e ela o encara fixamente.

— Julienne! — Tento repreendê-la, sem sucesso.

— Na verdade, dizem que Liam é muito mais bonito do que eu — Adam pisca um olho para ela, apoia o braço atrás de mim, em volta do banco. Seus dedos circulando meu ombro fazem minha pele arrepiar. — Mas acho que é apenas o charme que ele carrega por ser médico.

— Médicos são bons — suspira ela com olhar sonhador. — Eles gostam de tirar nossa roupa. Tudo o que eu quero é um homem com coragem o suficiente para tirar minha roupa.

Engasgo-me e Adam vem ao meu auxílio, dando batidinhas em minhas costas.

— Você tem uma foto dele aí? — pergunta ela, indiferente.

— Tenho, mas ele é bem mais velho do que você — ele assevera, preocupado em me socorrer. — Esqueça o Liam e vá atrás de alguém da sua idade.

— Ah, que pena! — Ela suspira e se lamenta. — Também

adoro New York, seria legal ter um bom motivo para ficar aqui.

Sabe aquele momento que você sente vergonha alheia? Juliene adora me fazer ter essa sensação.

Quando Juliene entra, após agradecer por nossa tarde perfeita, eu me escoro contra a porta, incerta do que eu devo falar ou como agir. Há muito tempo eu não tenho encontros, nem sei se posso classificar o que tivemos hoje como um.

Porcaria! Eu pareço uma colegial idiota envergonhada na presença do garoto mais bonito da escola.

— Quer jantar comigo amanhã à noite? — pergunta ele, sem desviar os olhos dos meus por um único momento.

Eu queria ser tão segura como ele aparenta.

— Mas, Adam... — inicio, hesitante.

— Por favor — diz ele, com a voz suave.

O que eu poderia dizer? O fato de ser segunda-feira não parece ser desculpa suficiente, afinal, para ele, as segundas-feiras são seus dias preferidos na semana, repletos de possibilidades.

Além disso, ele me levou ao zoológico no dia anterior, nos presenteou com um dia perfeito com patinação no gelo e havia sido um verdadeiro cavalheiro comigo. Seria ingrato e deselegante da minha parte recusar o convite. E há um motivo que se sobressai com uma potência esmagadora: eu desejo ardentemente sair para jantar com ele. Eu anseio por qualquer momento que eu possa passar ao lado dele.

Meu Deus, o que eu estou fazendo? Outra vez, tudo nele me avisa que eu devo ficar longe. Mas outra grande parcela de mim e essa pelo jeito parece ser a predominante deseja muito estar ao lado dele, pelo tempo que conseguir. Adam faz com que eu me sinta diferente. Ele me faz me sentir bonita, desejada, mulher, *única*. Eu gosto muito de quem sou quando estou ao lado dele.

— Está bem.

Se eu não fosse parecer patética, eu juro que pegaria meu telefone e registraria o sorriso estonteante que ele me lança e eternizaria esse momento.

Mas o beijo arrebatador que recebo em seguida ficará guardado em minha memória por um longo tempo. Para isso não preciso de fotos.

Capítulo 11

Adam

Descobri que eu sou um homem incrivelmente paciente ou é o meu desejo inexplicável por aquela mulher que me leva a fazer qualquer coisa.

Frustração.

Essa é a palavra que define como eu havia encerrado minha noite de sábado. Debaixo dos lençóis, tentando resolver meu problema com meus cinco dedos. Cinco contra um, como um adolescente explodindo na puberdade. O domingo não foi diferente, não depois de me despedir dela com aquele beijo que me fez ter vontade de tê-la tomado ali mesmo no corredor. Ou, quem sabe, arrastá-la até meu carro do outro lado na rua para acabar logo com essa tortura que flagela nós dois.

Talvez eu devesse ter saído com Peter e Neil. Ter passado a noite com alguma mulher fogosa ao invés de ficar em casa me autoflagelando. O impasse nessa história é que eu não quero outra. Eu sinto como se eu estivesse enfeitiçado porque só pode ser bruxaria!

— Grace! — Vocifero na linha, assim que ela atende. — Fez

o que eu pedi?

— Sim, senhor — responde ela, contida. — Uma reserva para dois no La Duchesse para hoje à noite às oito horas?

— E os outros detalhes? — inquirio.

— Confirmados também — ela responde, apressadamente. — Não sabia que era um homem romântico.

— Isso não é da sua conta — retruco, zangado. — Mas isso não tem nada a ver com romance.

Claro que não tem, afirmo para mim mesmo. É só mais um detalhe daquela lista interminável.

— Peça que o Sra. Conder entre assim que ela chegar.

Encerro a ligação e volto para os documentos espalhados em minha mesa. Estudo um caso onde herdeiros de um grande empresário brigam contra a vontade do pai em nomear a viúva como acionista majoritária. O irmão mais velho acusa a mulher dez anos mais nova que ele de ser uma caça fortunas que colocaria a empresa em falência em poucos dias.

Represento Mandy Conder, a viúva, e, de acordo com as documentações em minhas mãos, não há nada que os irmãos Conder possam fazer. Mas a equipe de advogados contratada por eles parece pensar o contrário.

De alguma forma, a senhorita Conder faz-me lembrar de Penelope. Não fisicamente, pois Mandy é mais baixa e morena,

mas as personalidades de ambas são bem parecidas. As duas têm um quê de delicadeza mesclado a uma força interior admirável. Não sei o que levou a Sra. Conder a se casar com um homem com quase o triplo da sua idade, mas ela não parece ser uma caçadora de dotes como Armand Conder alega.

Jogo a caneta de lado e esfrego meu rosto antes de observar a cidade através da janela. Como posso manter Penelope longe dos meus pensamentos se cada detalhe em minha volta me arremete a ela?

Pego meu celular e aciono a discagem rápida.

— Escritório do Sr. Durant — a voz suave tem o efeito calmante sobre mim.

— Olá, Charmosa — murmuro ao telefone. — Sentiu minha falta?

Essa é uma pergunta idiota de se fazer, eu admito, mas estou interessado na resposta dela. Muito interessado.

— Adam? — a voz soa trêmula e há uma longa pausa.

— Alguém mais a chama de Charmosa? — pergunto, cheio de ciúmes.

Outra coisa que me irrita nessa mulher: ela me desperta sentimentos que não me agradam em ter. Nunca fui o tipo possessivo.

— Por que você insiste em me chamar assim? Eu tenho um

nome, sabia?

— Sempre responde a uma pergunta com outra pergunta?

— Não. E você?

Sorrio. Ela é irritantemente encantadora.

— Eu senti saudades suas — confesso, colocando charme em minha voz. — Da sua boca deliciosa e desse seu corpo gostoso.

— Adam...

Eu posso visualizá-la ficando vermelha e a forma pecaminosa que ela lambe os lábios quando fica nervosa. Contudo, não estava preparado para o impacto que essas imagens causam em mim, deixando meu corpo ardente.

— Sabe o que faz comigo? — pergunto, inalando fundo.

— Eu... Hã... — ela gagueja. — Bem...

Após uma batida na porta, ela é aberta e Grace surge no vão.

— A Sra. Conder está aqui.

Observo a jovem que bate o pé de forma impaciente atrás ela. Embora eu hesite em dizer adeus, tenho trabalho a fazer.

— Eu preciso desligar — sussurro na linha. — Vejo você à noite.

— Até à noite, então — ela se despede e eu encerro a ligação.

Quem disse que mulher é um sexo frágil, nunca deve ter se deparado alguém como Mandy Conder. Por trás da aparência frágil e rosto de menina, há uma mulher de personalidade forte.

Meia hora depois, ainda ouço todas as formas e maneiras que ela gostaria de estrangular e torturar Armand Conder. Minha experiência diz que há algo mais em jogo aqui e que ela esconde algo que eu deveria saber.

A forma carinhosa que ela fala do falecido marido também me deixa intrigado. Seja qual for o motivo que levou Mandy a se casar com o figurão, não foi por causa do dinheiro. Ela parece sentir profunda gratidão por ele.

Passamos as horas seguintes estudando o caso, antecipando todas as formas que a equipe de advogados contratada pelos irmãos Conder poderiam nos surpreender. Embora esse não seja um caso complicado, é difícil conduzir o processo quando o seu cliente, evidentemente, esconde coisas de você.

Às seis horas, após uma reunião com o último cliente, dou meu dia por encerrado e sigo em direção à minha casa.

Tomo banho e visto o terno que minha empregada havia deixado meticulosamente arrumado no cabideiro ao lado do guarda-roupa.

Curiosamente, eu estou bem. Aliás, desde minha breve conversa ao telefone com Penelope que eu me sinto calmo. É estranho esse efeito tranquilizador que ela traz a mim, ao mesmo tempo é a única pessoa que me tira o foco. Há uma avalanche de sentimentos contraditórios que só essa mulher sabe me despertar. Isso é confuso e amedrontador.

Dando-me conta do absurdo de tais pensamentos, eu encaro o espelho pela última vez. Não estou perdendo meu jeito, ela que é uma mulher complexa demais. Talvez seja isso que me atraia para ela. Desejo desvendá-la, mas quanto mais eu descubro, mais mistério eu pareço encontrar, como se eu cavasse na areia.

Satisfeito com o que eu vejo no espelho, borribo algumas gotas de perfume e vou de encontro ao destino que havia traçado para essa noite. Finalmente, ela seria minha e não poderia estar menos eufórico.

O motorista uniformizado me recebe com olhar cordial e sorriso amistoso. Dou o endereço a ele e, durante o caminho até

a casa de Penelope, pergunto-me se estou perdendo o jeito com as mulheres, afinal nunca demorei tanto tempo para ter a mulher que eu queria em minha cama. Também nunca tive que cortejá-la tanto, nem mesmo com Cecília, a única que quase me levou ao altar, se eu não tivesse estragado tudo.

Quando éramos crianças, ela dizia que nos casaríamos algum dia. Cheguei a sair com outras garotas no colégio, namorei algumas. Só depois, quando entramos para a faculdade, que concluí que ela poderia ser a pessoa certa para mim. Crescemos juntos, nossas famílias se conheciam há muito tempo. Nenhuma outra garota roubou meu coração, então em nosso primeiro dia de aula no campus, nós já estávamos noivos. Dois anos depois, todos os sonhos foram desfeitos após uma tragédia terrível, que tirou a vida de Cecília e fez da minha o que é hoje — vazia e cheia de culpa.

Jogo esses pensamentos para o lado mais obscuro da minha mente.

Bato na porta e aguardo, andando nervosamente pelo corredor.

Por mim, eliminaria todas as preliminares e iria direto para o que nos interessa: o quarto, uma cama e uma noite regada a sexo quente.

— Olá! — Ela sorri, abrindo um pouco mais a porta para que eu entre. — Só irei pegar minha bolsa no quarto.

Vejo-a sumir no corredor e luto contra a vontade de segui-la até lá.

— Não sei para onde vamos — ela retorna, a pequena bolsa prata presa em suas duas mãos sob seu ventre. — Espero que eu tenha feito a escolha certa.

Admiro-a atentamente, meus olhos deliciando-se com cada detalhe. Sob o vestido preto, estilo grego esvoaçante e elegante, moldando seu corpo perfeitamente, Penelope assemelha-se a uma musa que qualquer artista gostaria de retratar em uma tela.

Na cintura, pequenas pedras brilhantes. As mesmas pequenas pedras que decoram as alças em volta do seu pescoço. Os cabelos estão presos de lado por uma presilha com pedras azuis e delicadas. Com certeza, serei um homem muito invejado essa noite. Isso me faz feliz e incomodado ao mesmo tempo.

Sempre gostei de desfilas com mulheres bonitas, mas não quero que outros homens sintam por ela a mesma atração e desejo que eu tenho ao vê-la hoje.

— Você está linda! — Murmuro embevecido. — Vamos?

Assim que alcançamos a calçada com ela à minha frente, sou atingido por sua virada brusca e empolgada. Seguro seus braços evitando que nós dois vamos de encontro ao chão. Deparo-me com seu olhar, a doçura e o calor que vejo refletidos neles me fazem lembrar de uma lareira aquecendo meu corpo em um dia de inverno.

— Adam... — ela sorri, encantada. — É uma limusine?

Apenas sorrio em resposta. Nenhuma outra mulher ficou, verdadeiramente, tão emocionada como ela.

O chofer a cumprimenta fazendo pose, mas sou eu a guiá-la para dentro do carro branco.

— Eu nem sei o que dizer — Penelope volta a se concentrar em mim após uma minuciosa inspeção por todo automóvel. — Nós podemos ficar lá em cima como nos filmes? — pergunta ela, indicando o teto.

— Essa noite... — levo seus dedos à minha boca, de forma cortês. — Podemos fazer o que quisermos.

Não passaram despercebidas a ela as intenções impregnadas em minha voz.

— Mas deixaria isso para quando voltarmos — inclino para o bar embutido no veículo e pego a garrafa imersa no balde com gelo. — Champanhe?

— Está bem — ela concorda. — Apenas uma taça.

— Que nossa noite seja tão perfeita como você é.

Quê?

Quando eu me tornei esse homem patético de frases feitas?

— Aimm, isso foi gentil — ela sorri, tocando sua taça na minha.

Eu vejo pelo seu sorriso travesso e olhar de deboche que ela está rindo de mim. Qualquer outra pessoa me deixaria irritado. Liam, por exemplo. Ele, certamente, viria com uma piada semelhante, que me faria perder a paciência com ele. Mas Penelope me causa um feito reverso. Eu tenho vontade de arrancar esse sorriso abusado com meus beijos.

Conversamos pelo resto do caminho. Eu falo muito mais do que ela, noto isso com surpresa. Não sei se é porque ela é uma boa ouvinte, mas nunca me abri tanto com outra pessoa. Um pouco sobre minha infância, sobre as barreiras que encontrei antes de ter meu próprio escritório. Pulei a parte de Cecilia e meu filho - essa é uma parte que só cabe a mim, embora, em vários momentos, não apenas hoje, eu tivesse tido o ímpeto de falar com ela a esse respeito. Diferente de todas as outras mulheres com quem saí, Penelope parece mesmo me ouvir. Mais do que isso, sinto como se me entendesse como mais ninguém no mundo.

Chegamos ao La Duchesse. O iate branco e azul que reservei para essa noite está ancorado no Pier 81 no lado oeste de Manhattan. O elegante e sofisticado barco suporta 60 passageiros. É totalmente exclusivo e oferece uma elegante noite

em um cruzeiro-jantar em New York. Conta com um dos melhores chefes da cidade, entretenimento e vistas sensacionais. É um barco onde é possível admirar as principais atrações da cidade, como o Empire State Building, Chrysler Building, Estátua da Liberdade e a Ponte de Brooklyn enquanto fazemos um cruzeiro ao redor da parte inferior de Manhattan. Além da atmosfera íntima, o passeio oferece paisagens iluminadas que, à noite, brilham refletidas na água.

— Não está na sua lista de desejos, mas eu achei que gostaria de vir aqui.

— Nossa! — Ela sussurra e eu enrosco seus dedos nos meus enquanto a conduzo pela rampa que leva para o interior do iate.
— É lindo!

Engulo uma frase piegas como *Não mais linda do que você e entramos*.

Vejo o seu olhar apreciativo pelo suntuoso iate, decorado em tons pastéis ao marrom no mesmo momento em que o maître nos conduz até nossa mesa, ao fundo do restaurante. A mesa está próxima à janela e temos ampla visão da noite estrelada lá fora.

O jantar, preparado a bordo com ingredientes frescos e locais, foi regado a vinho, música melodiosa e, claro, uma vista espetacular.

Enquanto a noite avança, alguns casais arriscam-se na pista de dança.

— Quer dançar? — pergunto após desfrutar do último gole de vinho tinto em minha taça.

Noto seu olhar hesitante, ora para minha mão, ora para a pista.

— É só uma dança — tento deixá-la mais calma. — Não estamos em uma competição como nos bailes da escola.

— Eu nunca estive em um baile — diz ela tímida, olhando para o centro da mesa, envergonhada. — Acho que eu não sei dançar também. Provavelmente, quebraria seu pé.

A resposta dela me enche de surpresa. Ela nunca havia ido ao zoológico, nunca andou de limusine — bem essa parte, mais da metade da população não fez, mas o baile? É algo praticamente obrigatório. Um ritual de passagem em nossas vidas.

— Nunca foi a um baile? — pergunto, intrigado. — Onde esteve esse tempo todo? Presa?

Eu vejo algo como tristeza passar rapidamente por seu rosto.

— Quase isso — o sorriso que ela estampa não chega a seus olhos, isso me incomoda muito.

Caio em mim, que revelei muito sobre minha vida, mas não sei quase nada sobre ela. Estive tão preocupado pensando em todas as formas para tê-la em minha cama que não observei além da superfície e, sinceramente, não sei se estou pronto para

descobrir. O pouco que vejo já é perturbador o suficiente e, sem dúvida, ela mexe comigo.

— Mas se você não tiver medo... — continua ela, salvando-me desses pensamentos perturbadores. — Eu gostaria de tentar um pouco.

— Meu irmão é médico — levanto-me sorrindo e estendo a mão para ela. — Embora não seja sua especialidade, acho que ele pode lidar com uma ou duas fraturas.

— Espero que não seja preciso.

A música é lenta e eu a tenho exatamente onde quero.

Em meus braços.

Penelope não é uma dançarina ruim como chegou a temer. Tudo bem, ela pisou em meu pé umas duas vezes e, obviamente, valorizei o ato de forma cômica e exagerada. Mas parecemos tão perfeitos um nos braços do outro, que logo esse detalhe foi esquecido.

Dançamos, rimos, voltamos para nossa mesa, degustamos mais do vinho, mesmo contra o pálido protesto dela, e retornamos à pista de dança. Foi assim durante toda a noite. Agora eu a tenho presa em meus braços outra vez, a cabeça inclinada em meu peito enquanto deslizamos ao som de um jazz suave.

— Você está tentando me conquistar, não é? — pergunta ela, deslizando os dedos em minha nuca em um gesto aprazível.

— E eu estou conseguindo? — indago, deliciando-me com seu toque ameno.

Ela ergue a cabeça e encontro seus olhos límpidos e impactantes.

— Eu vou guardar essa resposta comigo por um tempo — ela diz sorrindo e, em seguida, volta a apoiar a cabeça em meu peito.

Eu não sei quem está conquistando quem aqui. O que sei é que gosto de tê-la junto a mim. Isso não tem nada a ver com sexo. Gosto da suavidade de sua pele em minhas mãos e do perfume doce que emana dos cabelos dela. Gosto da sensação de sermos somente nós dois neste lugar, embora vez ou outra, os olhares de admiração dos outros homens em direção a ela me façam querer agredir cada um deles. Eu vou do homem enfeitiçado ao ciumento possessivo em questões de minutos. Há um maremoto de sensações causado por ela. A palavra perigo brilha diante de mim, como um letreiro luminoso na Times Square. Mas isso também não importa.

Após três horas no cruzeiro por Manhattan, a viagem termina novamente no Pier 81. O ambiente foi esvaziando até que realmente restasse apenas nós dois na pista de dança. O staff, discretamente, inicia o trabalho recolhendo as garrafas em cima da mesa e, com pesar, percebo que é nossa hora de partir.

Penelope parece ébria, então a conduzo gentilmente de volta para a limusine que nos aguarda lá fora.

— Acho que eu bebi mais do que deveria — ela boceja, encostando a cabeça em meu ombro assim que nos acomodamos no banco. — Não segui mais um dos conselhos de Lola.

Lembro-me de que ela desejou se aventurar no teto, mas, dado a sua languidez, considero isso arriscado e deixo para outra ocasião.

Quando chegamos, tenho dó de despertá-la de seu sono suave. Antes de sair, dou uma generosa gorjeta ao chofer e a pego em meu colo, conduzindo-a em direção a casa.

— Onde estou? — murmura ela, meio zonza, assim que a acomodo no sofá da minha casa. — Esse não é o apartamento de Lola.

— Está na minha casa — ajoelho-me em frente a ela e fasto os fios soltos de cabelo em seu rosto. — Eu vou fazer um café bem forte para você.

Eu deveria tê-la escutado quando disse que não estava acostumada a beber e não ter insistido para que esvaziasse a última garrafa de vinho comigo. Mas ela parecia estar se divertindo tanto. Eu estava me divertindo até estragar tudo.

— Droga! — Grito enquanto manipulo a cafeteria elétrica. — Um grande e estúpido idiota é o que você é, Adam!

— Sempre xinga os utensílios domésticos quando cozinha?

Olho por cima do ombro e vejo-a atrás de mim, apoiada contra o arco da porta com um sorriso lindo. Os sapatos dançam

pendurados em suas mãos.

— Só quando eu me comporto como um idiota — a cafeteira apita e eu sirvo duas xícaras fumegantes, entregando uma a ela.
— E eu tenho me comportado como um babaca ultimamente.

Sento no balcão da cozinha e evito olhar para ela. É muito difícil resistir à tentação e santo é algo que eu realmente não sou.

— Argh! — Penelope tosse, chamando minha atenção de volta para ela. — Sem açúcar. Você quer me matar?

Descalça, segurando a xícara em uma mão e os sapatos na outra, com maquiagem borrada como se tivesse esfregado os olhos várias vezes e o cabelo levemente desalinhado: essa é a mulher mais sexy que já vi. Encaro-a sabendo que estou definitivamente perdido.

— Eu quero muito mais do que isso — murmuro, largando minha xícara antes de ir em direção a ela para fazer o que desejei a noite inteira. Ter seus lábios colados nos meus.

Foda-se o que é certo ou errado e que, provavelmente, eu esteja sendo um canalha me aproveitando da situação. Eu a desejo tanto que chega a causar uma dor física, quase insuportável.

Primeiro, eu ouço os sapatos quicarem no chão de mármore. Em seguida, o barulho estridente da xícara estilhaçando. Logo, os gemidos entre nós dois são os únicos sons no ambiente silencioso.

Como é possível que um único beijo seja capaz de abalar todas as estruturas de alguém? Que seja capaz de fazer o corpo arder como as lavas de um vulcão em erupção e ansioso para explodir?

— Adam... — o protesto fraco rompe esse momento apaixonado. — Espera, Adam. Olha, você precisa saber que eu...

Afasto-me um pouco dela com muito custo e escondo meu rosto em seus cabelos.

— Você foi abandonada por um noivo estúpido e burro? — pergunto, irritado com um homem que nem conheço. — Que está receosa em se envolver com outro homem novamente...

— Como soube disso? — pergunta ela, surpresa.

— Neil me contou — confesso com a voz calma. — Sabe, quando fui ao escritório naquele dia. De acordo com ele... Eu devo ficar longe de você.

— Charlotte me disse o mesmo — ela tenta não parecer decepcionada, mas não é muito boa em esconder suas emoções. — Então, como eu havia sido alertada, o Sr. Durant não deseja que sua simples secretária se envolva com algum dos seus amigos. Eu entendo.

— Não acho que seja por isso e o que Neil pensa não importa — seguro seu queixo, obrigando-a a me encarar. — O que eu quero importa. E eu quero você.

— Mas... — murmura ela, desviando o olhar do meu. — Não

é apenas isso eu, eu...

— É por causa do seu noivo?

Tento interpretar a indecisão em seu rosto, mas ela é difícil de desvendar.

— Tudo bem, eu posso esperar — continuo, afastando-me dela porque, se eu continuar muito próximo, não poderei responder por minhas ações. — Só não me peça para esperar muito. Eu não sei se eu aguento isso.

Porra! O que eu estou dizendo? O caralho que eu posso esperar! Sinto meu corpo tão febril que não me espantaria nada se eu passasse pelo vexame de um orgasmo precoce só de olhá-la. Mas aqui estou eu, prometendo algo que eu sei que não vou conseguir cumprir.

— Você pode? — ela parece surpresa.

Dando-lhe as costas, eu apoio minhas mãos espalmadas contra o balcão.

— Deus, tem ideia do que faz comigo? — pergunto em um sussurro brando.

Sinto seus movimentos atrás de mim e meu corpo reage imediatamente ficando tenso.

— Acho que sim — murmura ela, suavemente. — Se for parecido com o que eu sinto.

— Bem... — viro-me em direção a ela e agora estamos

apenas a alguns centímetros longe um do outro. — Eu me sinto como um adolescente de novo.

Afasto-me com certa dificuldade, indo em direção à sala.

— Mas sim, eu posso — eu não apenas disse isso antes, como acabei de reafirmar. Devo estar mesmo ficando louco.

Chego à sala e sigo em direção ao bar. Paro em frente ao balcão e tento, disfarçadamente, acomodar meu companheiro em minha calça. Já é humilhante o bastante ter agido como um príncipe galante sem ser um.

— Acho que eu devo ir embora agora — sua voz é vacilante e parece dizer o contrário.

Avalio-a minuciosamente. Suas bochechas estão rosadas, não sei se ainda é efeito da bebida ou uma reação pelo beijo que trocamos há instantes. Mas a leve embriaguez parece estar se dissipando. Eu poderia avançar sobre ela e não encontraria resistência. Mas não é assim que eu a quero. Não quando há dúvidas em sua cabeça.

— Há um quarto de hóspedes lá em cima, duas portas à esquerda — indico a escada com o copo vazio.

— Eu não acho que... — ela inicia, olhando na direção indicada como uma virgem na mesa de sacrifício.

— Não acho que estou apto a dirigir esta noite, Penelope — afirmo, largando o copo vazio. — E não deixaria você em um táxi e nem ficar sozinha em seu apartamento. Então, qual a

diferença?

— Mas...

— Suba, Penelope — ordeno antes de cair no sofá, protegendo meus olhos da luz com meu antebraço. — Não me faça esquecer a promessa ridícula que fiz há alguns minutos. Mas tranque a porta se isso a faz se sentir melhor.

Quando volto a abrir os olhos, ela não está mais aqui. Não que isso faça diferença, ainda sinto sua presença e o leve aroma do seu perfume adocicado.

Viro-me na cama pela décima vez. Olho para o relógio na cabeceira: três e quarenta da manhã. Há uma hora tento dormir sem sucesso. Depois que Penelope subiu, ainda fiquei um longo tempo na sala com minha garrafa de uísque enquanto via uma reprise de basquete na TV.

O banho gelado que tomei para amainar o calor no meu corpo teve o efeito contrário e só me deixou ainda mais alerta. Ter uma linda mulher dormindo no quarto ao lado ao meu, sendo que eu passei longas malditas semanas ardendo de desejo por ela, é angustiante.

Incapaz de continuar na cama, eu me levanto decidido a ir até à cozinha pegar mais água, pois eu já tinha esvaziado a garrafa que havia trazido.

Passo pela porta dela empenhado em ignorar. Por que eu não a coloquei em um maldito taxi e a deixei em casa?

Desço a escada correndo. Quando abro a geladeira, o ar frio em meu peito nu é refrescante. Bebo um longo gole de água gelada, pego outra para substituir a vazia em meu quarto e volto para mais algumas horas angustiantes.

Dessa vez, ao passar pela porta, eu não consigo resistir. Assim como da primeira vez quando subi, não encontro resistência na porta.

Por que ela não trancou a porta como imaginei? Esse só pode o sinal claro de avance.

É exatamente isso que eu faço. Meus olhos imediatamente percorrem seu corpo na cama. Metade do lençol esta caído no chão, deixando seu corpo à mostra das coxas para cima.

Assim como meu corpo, meus pés têm vida própria. A fera enjaulada dentro de mim deseja tomá-la em meus braços e dar a ela a melhor noite de nossas vidas, mas, assim como antes, o semblante doce e inocente em seu sono tranquilo me faz recuar. Ao invés de ter a noite regada de sexo alucinante, que eu imaginei que teria ao sair para o nosso encontro, eu tenho uma das mais frustrantes e angustiantes noites da minha vida.

Capítulo 12

Penelope

Acordo me sentindo desorientada. Sento na cama rapidamente, tentando reconhecer o lugar onde estou, mas o pica-pau que está fazendo bagunça em minha cabeça me faz repousar novamente.

Olho em volta do quarto quando as imagens e flashes da noite anterior invadem minha cabeça como uma avalanche. A limusine, o iate, o jantar, o vinho, muito vinho; nós dois na pista de dança... Mais vinho, beijos. Ah... E que beijo. Meu corpo estremece apenas com a lembrança e eu me permito ficar aqui sonhando acordada.

— Oh, Deus! — Sento-me na cama com pressa, mesmo com todo meu ser protestando contra isso. — Ai.

A realidade me invade e apalpo meu corpo debaixo do lençol, constatando que ainda uso o traje anterior. O vestido, apesar de amassado, ainda está em meu corpo. Respiro aliviada e saio da cama, seguindo em direção ao banheiro.

Solto um gemido rouco quando vejo minha imagem refletida no espelho. Meus cabelos parecem o ninho onde o pica-pau que martela em minha cabeça parece fazer festa. Abro a torneira e regulo a temperatura da água antes de me livrar da maquiagem que me faz parecer uma bruxa em dia de Halloween.

Começo a secar o rosto quando um sinal de alarde grita em minha cabeça, tão alto como meu novo amigo cutucador.

Estou atrasada para o trabalho. Isso nunca aconteceu antes. Volto para o quarto correndo, o relógio na cabeceira anuncia sete horas. Eu já deveria estar a caminho da DET, iniciando mais um dia. Meu horário correto é às oito e meia, mas eu sempre chego uma hora antes. Gosto de organizar minhas coisas, de rever os afazeres do dia e de estar sempre pronta para quando o Sr. Durant chegar.

— Onde estão vocês? — vasculho cada canto do quarto em busca dos meus sapatos e bolsa, mas não os encontro em parte alguma.

Desço a escada nas pontas dos pés.

Observo a casa, agora com um pouco mais de atenção. A decoração é bem masculina, puxando do branco para o marrom.

Não há plantas como no apartamento de Lola. É mais elegante do que aconchegante.

Ouçõ barulhos vindos da cozinha e resolvo ir até lá. A voz do Bono Vox mistura-se a uma voz conhecida. Poxa vida, até a voz dele tinha que ser sexy? Um pouquinho rouca, mas sexy.

Sinto meu rosto arder quando me recordo de como nos beijamos ali na noite anterior. Por que em vez de uma terrível dor de cabeça eu não fiquei com amnésia alcoólica?

Respiro fundo algumas vezes antes de entrar na cozinha, fingindo segurança e naturalidade, coisas que estou muito longe de sentir.

Merda, eu não só passei a noite fora de casa como dormi na casa de um homem. Se tudo o que fiz antes não fez meu pai ter um ataque cardíaco, isso certamente faria.

— Bom dia, Bela — Adam se vira em minha direção, sorrindo e deslealmente sexy. Como ele pode ser tão bonito de manhã? — Estava quase subindo para acordá-la com um beijo.

Ele já está pronto. Camisa branca, mangas arregaçadas, calça social azul marinho. Vejo seu terno pendurado em uma cadeira. Seus cabelos estão úmidos, jogados para trás, mas alguns fios teimam em cair sobre sua testa de forma rebelde, fazendo com que fique ainda mais lindo e sedutor, se isso é possível.

— Você gosta de apelidos, não é? — cruço os braços,

tentando me proteger.

Dele? Obviamente, de mim. Desejo, desesperadamente, deslizar meus dedos por seus cabelos para recordar a maciez e suavidade que eles possuem.

— Penelope é um nome lindo — ele diz, me dando às costas e voltando a concentrar a sua atenção na panela fumegante. O aroma na cozinha é gostoso. Café, bacon e algo mais que eu não consigo identificar. — Mas eu gosto da forma como suas bochechas ficam coradas sempre que eu a irrito. Fica linda de manhã.

Mentiroso. Estou horrível.

— Eu não estou irritada! — Protesto, veementemente.

Tudo bem que ele pareça um modelo pronto para tirar fotos para Cosmopolitan enquanto eu pareço um membro da família Buscapé em seu vestido de festa. Isso me deixa, de certa forma, desconcertada, mas não estou irritada. Mesmo com ele repetidamente ignorando meu nome. Eu não estou irritada. Estou?

Ahh... Eu estou irritada, sim. Por que ele tem que ser tão perfeito? Não poderia ser normal como todas as outras pessoas no mundo? Não, ele já acorda lindo, me fazendo ter pensamentos que sei que não deveria ter.

— Humm... — ele sorri e pega uma das frigideiras em cima do balcão. — Péssimo humor de manhã, mas ainda é linda.

Penso em como devo parecer descabelada e carrancuda e me dou conta de como estou sendo ridícula e sorrio da minha própria estupidez.

— Desculpe, eu estou com uma terrível dor de cabeça — procuro me justificar. — Ainda tenho que ir para casa e, provavelmente, chegarei atrasada pela primeira vez no trabalho. Viu meus sapatos e minha bolsa por aí?

Adam coça a sobrancelha e volta a sorrir.

— Desculpas aceitas — ele indica a cadeira onde está o terno e debaixo dele vejo minhas sandálias e bolsa.

— Também agradeço pela hospitalidade — atesto antes de seguir até meus pertences. — Foi muito gentil da sua parte... Permitir que eu passasse a noite aqui.

Sento-me em uma cadeira ao lado para colocar os sapatos e noto seu olhar atento sobre mim.

— Gentileza não teve nada a ver com isso — murmura ele, como se falasse consigo mesmo.

— Não sei o que quer dizer — digo, confusa.

— Nem eu. Sente-se e tome seu café — ele me responde, saindo da cozinha. — Ovos mexidos é tudo o que eu sei fazer. Mas tem frutas na geladeira e cereais no armário. Espere-me aqui, eu já volto.

Decido ficar apenas com o café forte com açúcar, muito

açúcar. Por que esse homem gosta tanto de coisas amargas?

Apesar dos ovos mexidos terem uma cara boa, essa bendita dor de cabeça está revirando meu estômago.

Engulo o café com pressa, queimando minha língua e boca.

— Droga!

Com lágrimas nos olhos, solto todos os impropérios que fariam minha mãe lavar minha boca com sabão e fico vermelha. Parece mesmo que estou me adequando a uma cidade grande: passar a noite fora, beber mais do que eu deveria e dormir com um homem. Bem, não foi dormir no sentido literal, mas já é uma grande novidade para mim. Mamãe ficaria louca, penso e sorrio maliciosamente. Quem diria que desagradar meus pais, mesmo que eles não saibam, seria meu novo passatempo preferido.

— Acho que isso a fará se sentir melhor — Adam retorna e eu dou um pulo, derrubando a xícara sobre a mesa.

Merda! Eu não deviria beber nunca.

Merda de novo! Xícaras não gostam de mim.

Ele deposita o copo com água e o frasco de comprimidos em cima da mesa.

Eu me apresso para pegar o pano no centro da mesa para impedir que o café entorne no chão, ao mesmo tempo, que ele. Nossos dedos se tocam e fagulhas percorrem minha pele e sinto um formigamento em meu corpo.

— Xícaras e você não combinam — ele reconhece, com um sorriso devastador nos lábios. — Mas eu sei o que combina.

Adam me puxa para perto dele. Sinto o calor do seu corpo sendo transferido para o meu. Se antes eu estivera quente, agora estou em chamas.

— Adam — umedeço meus lábios e foco meus olhos em sua boca.

Eu tenho uma necessidade louca de morder seus lábios.

— Gosto quando fala o meu nome — ele sussurra, puxando-me para mais perto — E gosto muito mais disso.

— O café, ele...

Foram minhas últimas palavras antes de ser arrebatada por sua boca. Sim, arrebatada porque não há definição mais precisa que essa. Eu sou totalmente arrebatada por ele. Sua língua invade minha boca, provocando sensações que apenas ele sabe como fazer. Oh, Jesus, como ele sabe beijar. É como se ele tivesse um manual do meu corpo e soubesse como me despertar para sensações, até então, desconhecidas para mim.

Ele pega meus seios. Sim, pega. Como se fosse dele ou ele reivindicasse sua posse. Eu gemo deliciada e acompanho os movimentos de seu corpo contra o meu. Nossas mãos explorando um ao outro de forma frenética. Sinto a outra mão em minha bunda, acariciando-a, tocando, apalpando, e a reação que ela me causa é tão intensa que nem tenho tempo de me chocar ou

protestar dessa mão atrevida. Sinto uma palpitação quente entre minhas pernas que me faz gemer. São sensações deliciosas e enlouquecedoras.

Por que eu sinto que estar nos braços dele é tão natural como respirar?

— Droga! — Adam se afasta um pouco, mas vejo uma incrível ferocidade em seu olhar.

— Adam — dou um passo em direção a ele.

— Se continuarmos, Penelope, vou levá-la para o meu quarto e não sairemos de lá até o dia seguinte — murmura ele, estreitando os olhos. — Já está pronta para isso?

Se eu estou pronta a entregar meu corpo a ele? Porque meu coração já não me pertence mais. Acho que sempre estive. E isso não deixa de ser assustador. Mas, quando isso acontecer, sei que não estarei entregando apenas minha virgindade; eu darei a ele também minha alma.

— Espero você no carro — ele se esquivava, não sei se leu a hesitação em meu rosto, ou se sou uma pessoa previsível demais.

Observo-o caminhar até seu terno e sair, como se milhões de demônios estivessem em seu encalço. Eu continuo parada no mesmo lugar, trêmula da cabeça aos pés.

Só após alguns minutos, tomo um dos comprimidos do frasco que Adam trouxe e me recupero da devastação que esse homem causa em mim. Organizo rapidamente a bagunça que eu

mesma causei e saio.

Encontro-o em seu carro alguns minutos depois, dedilhando os dedos sobre o volante.

Nervoso?

Talvez apenas impaciente. Entro no carro, mas ele não me encara e, assim que eu coloco o cinto, ouço o cantar dos pneus riscando o asfalto.

Incerta de como agir, eu me calo e observo a paisagem conforme avançamos. Tento decifrar o que ele está pensando, sem sucesso. Pergunto-me o que posso ter feito de errado, já que minutos antes estivemos nos agarrando em sua cozinha.

O som do rock pesado invade o interior do carro, provando que, definitivamente, ele não quer conversar comigo. Então, resolvo mergulhar em meus próprios pensamentos.

Adam provavelmente acredita que eu seja uma garota tola. Às vezes, eu me sinto assim também, mas eu tenho crenças que foram enraizadas em mim. Se ao menos eu conseguisse explicar a ele, sem fazer com que ele fuja assustado... Bem, seria engraçado ver um homem do porte dele fugir de uma virgem inofensiva.

O que eu devo fazer? O que sinto por ele é forte o suficiente para ignorar o que eu havia aprendido a minha vida inteira, de entregar-me apenas no dia do meu casamento? Sendo sincera, não é isso que me assusta, mas o que vem depois.

O carro e a música param. Reparo que já estamos em meu prédio.

— Obrigada pela carona — murmuro sem olhar para ele.

Tiro o cinto e olho para Adam antes de sair do carro.

— Vou esperá-la aqui — diz ele, finalmente.

— Ah... — gaguejo — Não é necessário. O metrô fica perto, então...

E lá está ele, o olhar de caçador. Examinando-me.

— Já disse que vou esperá-la aqui — insiste ele. — Se não quiser chegar atrasada, é melhor se apressar.

— Está bem — eu respondo, vencida. Na verdade, estou animada de ter mais algum tempo com ele, mesmo sob o silêncio que ele impôs. — Eu não demoro.

Acho que tomo banho e me arrumo em tempo recorde. Coloco um vestido preto de corte reto e sobre ele um terninho branco. Coloco os brincos que Charlotte me deu no meu último aniversário, ao mesmo tempo em que calço os Scarpins de salto médio. Finalizo com um rímel e um batom claro em minha boca.

Estou pronta?

Para o trabalho, sim.

— Espero que eu não o tenha feito esperar demais.

E que isso não tenha aumentado ainda mais sua irritação

comigo.

Adam me olha de cima a baixo, mas não me diz nada. O caminho até a DET também é feito em silêncio. O som volta a tocar e eu a me perguntar o que havia feito de errado para deixá-lo tão bravo comigo.

Quando ele para no estacionamento, eu me apresso em sair, mas sinto seus dedos como garras em meu cotovelo. Pisco algumas vezes para impedir as lágrimas de humilhação por sentir-me uma estúpida reagindo dessa forma quando o babaca aqui havia sido ele. Eu não fiz nada, não que eu me lembre. Não depois daquele beijo.

— Espere! — Ele diz com a voz gentil. — Desculpe, eu fui um ogro. — ele sorri timidamente — Não sou muito bom em esperar por aquilo que eu desejo.

— E você me quer? — pergunto, angustiada. — Por um simples capricho?

Ele solta o meu braço e esfrega o rosto. Parece frustrado comigo, com ele, creio que com tudo.

— Não é um capricho. Talvez no começo, sim — seus olhos conectam-se com os meus. — Eu nunca quis uma mulher como eu quero você, Penelope.

Caramba!

Eu também posso dizer, com toda a sinceridade, que eu nunca desejei um homem como eu o desejo. Afinal, eu só tive um

homem em toda minha vida e nem de longe Max despertou em mim todas as sensações que Adam faz apenas com simples palavras como essas.

Mas ele... Adam já esteve cercado das mulheres mais lindas, atraentes e sedutoras do mundo.

Então, isso não é possível, é?

Olho para ele. Parece desnorteado e sinto ser eu a causar esses sentimentos.

— Eu... — toco sua perna por cima da calça. — E-u... Também desejo você. Eu só...

Adam segura minha mão, levando-a até seus lábios. Sinto a ponta de sua língua deslizar por minha pele e um calor febril toma conta do meu corpo, fazendo minha cabeça girar.

— Eu irei esperar quanto tempo for preciso, Charmosa — ele sorri ao mesmo tempo em que acaricia meu rosto com um dedo. — Algo me diz que valerá a pena.

Fecho meus olhos, desfrutando de sua leve carícia em minha bochecha.

— Agora vá — ele se afasta, parecendo colocar muito esforço no gesto. — Uma coisa é o que eu afirmo, outra é o que o meu corpo quer. Com você, dificilmente sou dono das minhas ações.

Eu queria ficar aqui com ele. Sendo honesta, eu queria ficar com ele em qualquer lugar do planeta, o tempo todo, desde que

estivéssemos juntos. Isso é atemorizante. O que eu faria quando ele saísse definitivamente da minha vida? Alguns momentos de felicidade com ele valeriam a pena uma vida inteira de sofrimento?

Mas, antes mesmo de sair do carro, tenho a minha resposta.

Sim. Valeria a pena. Uma brisa de verão é melhor do que uma vida inteira no inverno.

Chego atrasada como previ. Graças a Deus, o remédio que tomei na casa de Adam já fez o efeito desejado. Não sei como teria me virado sem ele, pois justo hoje Neil parece mais ranzinza do que o habitual. Só que nada foi capaz de estragar o meu dia. Estou caminhando entre as nuvens.

Se, por um lado, no trabalho, as coisas parecem tensas, entre mim e Adam não poderiam estar melhores nos dias que se seguiram. Conversamos durante toda a semana por mensagens, e-mails e telefone. Fizemos um piquenique no Central Park durante o almoço no dia anterior. Até mesmo cheguei a ler trechos de Jane Austin para ele enquanto fingia dormir no meu colo. Falamos sobre as nuvens e, enquanto eu via bichinhos fofinhos, ele desenhava pessoas em posições eróticas, pouco se

importando com o que as pessoas ao nosso redor pudessem ouvir. Isso com certeza me deixou vermelha, mas, ao mesmo tempo, me excitou. Ele tem um jeito peculiar de acrescentar sensualidade em tudo.

Também descobri que, por trás do homem mulherengo e metido a conquistador, existe um cara doce e encantador. Parece inacreditável, mas eu me apaixono por ele a cada dia mais. Eu inicio meu dia pensando nele e o finalizo ao som de sua voz quando ele me liga antes de dormir.

É estranho que ele tenha se tornado uma parte tão importante da minha vida em tão pouco tempo. Se ele não liga, meu dia não parece o mesmo, mas, quando o celular toca e eu recebo sua mensagem de voz apressada entre uma audiência e outra, o meu dia volta a ficar radiante.

Até mesmo perguntas ousadas, tais como o que eu estou vestindo ou a maneira que ele deseja arrancar cada peça de minha roupa com sua boca, deixam-me eriçada. Por mais que eu esteja me acostumando com o seu jeito ousado de ser, às vezes é impossível conter o rubor, principalmente se tem alguém por perto e é ainda mais difícil se essa pessoa for meu chefe, por exemplo.

Recordo do episódio dessa manhã e volto a ficar envergonhada.

Estava terminando de organizar a mesa do Sr. Durant quando o telefone tocou.

— Escritório Durant, bom dia.

— Olá, Charmosa — a voz enrouquecida causou o efeito de sempre, me deixando sem chão.

— Oi.

Sim, eu disse somente isso: *oi*. Eu não tenho culpa se as palavras me fogem e eu perco a capacidade de raciocinar direito quando ouço sua voz.

— Como foi a sua noite?

— Normal.

Mentira.

Eu tive sonhos um tanto inapropriados com um certo homem.

—Você é uma pessoa de sorte... — ouvi a respiração pesada do outro lado da linha. —Eu não posso dizer o mesmo. Quer ouvir com o que eu sonhei?

Oh, meu Deus, eu sei que não virá boa coisa daí.

— Lençóis de cetim... — continuou ele sem se importar em ouvir minha resposta. —Você nua em cima da cama. Eu deslizava as pontas dos meus dedos por seu corpo lentamente, enquanto com a minha boca...

— Adam! — Seu nome saiu mais alto do que gostaria exatamente na mesma hora que Neil abriu a porta. —Eu prefiro continuar chamando-o de Dr. Crichton — Tento disfarçar. —Ah,

o Sr. Durant acabou de chegar.

Depositei o telefone em cima da mesa e saí em disparada.

Se Neil engoliu minha mentira deslavada, eu não sei. Mas acho que Adam havia entendido, pois conseguiu enrolar o amigo melhor do que eu.

Essa é a única parte dessa relação que tira toda a magia do momento: ter que nos esconder. Eu não sei se consigo viver assim.

Antes que eu chegue à porta de casa, a música que estava ouvindo muda pelo toque de chamada.

— O que você irá fazer amanhã? — ouço o barulho de uma porta batendo e concluo que ele também esteja em casa. — Eu gostaria de vê-la hoje à noite, mas tenho um jantar inadiável com uma cliente.

Uma cliente? Quer dizer, uma mulher? Outra mulher?

— E amanhã à noite eu tenho um voo para Washington. Haverá um congresso — continua ele, enquanto eu tento lançar para longe esse bichinho irritante infiltrando em meu peito chamado ciúme. — Infelizmente, também é inadiável, já que serei

um dos palestrantes.

— Bem, eu ainda não sei — equilíbrio o telefone em meu ombro para abrir a porta.

— De acordo com sua lista, ainda temos baseball, Empire State, o Hudson River Park... Poderíamos ir ao baseball, acho que é o próximo item da lista.

— Não precisamos seguir a lista metodicamente, Adam — interrompo-o sorrindo.

— Não?

— Podemos deixar as coisas acontecerem — digo, animada.
— Deixe esse final de semana por minha conta, tudo bem?

— Por que eu tenho a sensação de que não irei gostar disso?
— diz ele em um tom brincalhão.

— Confie em mim — provoco-o, sentindo-me confiante. —
Você irá amar.

Ouçó seu suspiro do outro lado, seguido da pergunta que me deixou surpresa.

— Nessa lista inclui praia de nudismo?

— Adam! — Protesto, desconcertada. — Você só pensa em sexo?

— Quando eu fazia, não — confessa ele. — Eu tenho que ir agora. Até amanhã.

— Tchau.

Quando eu fazia? Quer dizer que ele não está fazendo? Um largo sorriso se instala em meu rosto.

Oh, meu Deus, ele está mesmo esperando por mim. Isso poderia ser mais encantador?

Eu passei as horas seguintes tentando me concentrar em qualquer outra coisa que não fosse Adam e seu encontro de negócios com a tal *cliente*. Também tentando me convencer de que o que eu sinto não tem nada a ver com ciúmes.

Isso seria, no mínimo, ridículo. Afinal, somos amigos, certo?

Mas ele disse que não pensa em sexo quando faz sexo, quer dizer que... Pelo pouco que sei, homens como ele não ficam em abstinência por tanto tempo assim. E se essa mulher for bonita, engraçada, inteligente e sexy? E tiver todos os atributos que ele apreciava?

— O que isso importa? — dou pausa no filme e vou para a cozinha pegar um enorme pote de sorvete de creme. — Somos amigos, só isso!

Como diz Juliene, *Amigos que se abraçam, se tocam, se*

beijam e... Belo momento para minha consciência vir contra mim.

Quando eu já estou na terceira tentativa de ver o último episódio da terceira temporada de Friends, meu telefone toca. Uma nova mensagem.

Reunião chata — a mensagem vem acompanhada de uma carinha zangada. *Já perdi a concentração duas vezes pensando em você.*

Eu poderia correr cantando Happy Day na maratona de New York.

Sinto muito por você — respondo de volta. *Estou me divertindo muito com Joey.*

Arrependo-me da brincadeira assim que aperto o botão enviar. Como ele reagiria a isso?

Os minutos se arrastam.

Joey?

Meu novo amigo. — envio.

Silêncio. Nada. Quando a apreensão começa a tomar conta de mim e eu sinto que fiz besteira, o telefone toca, me assustando.

— Quem é Joey? — a pergunta soa tão alta que sou obrigada a afastar o telefone do ouvido.

Ao fundo eu escuto barulho de carros e buzinas.

— Onde você está? — pergunto a ele, tentando engolir o

sorriso.

— Do lado de fora do restaurante — ele diz, em um tom claramente aborrecido. — Quem é Joey?

Dizer a verdade ou deixar que ele sofra tanto quanto eu?

— Um amigo meu — murmuro calmamente, decidida a fazê-lo sofrer um pouco mais. — Charlotte nos apresentou.

Olho para tela da TV e vejo a imagem da Rachel congelada. Tenho vontade de rir descontroladamente, mas eu aguento firme.

— E ele está aí agora... — ele grunhe. — Com você?

— Na verdade, ele já está indo embora — uma parte de mim me condena por ser tão maldosa com ele, mas a outra continua fazendo festa. — Eu tenho que ir, Adam. Lembre-se do nosso encontro amanhã. Não marcamos horário, mas chegue cedo, por volta das oito. E eu serei toda sua — nessa última parte, eu coloquei um tom sensual na voz.

Desligo antes que ele comece a protestar, ou eu possa dizer algo contraditório.

Bom, se ele pode ter um encontro com uma *cliente*, eu terei uma bela noite com meu amigo Joey. Estou louca para chegar na quarta temporada. Isso é tão bom que até merece pipoca.

OH, MEU DEUS, EU SOU UMA MENTIROSA!

Mas... Ser má, às vezes, é muito bom. Estou chocada comigo mesma.

Capítulo 13

Adam

Foi o jantar mais enfadonho de toda a minha vida. Normalmente, eu sou um bom ouvinte, minha profissão exige isso, mas as quase duas horas seguintes, após o fim da minha ligação com Penelope, foram uma tortura. Nada do que Mandy me diz parece fazer sentido. E ela tinha muitas coisas a dizer, principalmente sobre o irmão mais velho da família Conder. O que ele havia feito para deixá-la tão nervosa, eu não sei. Provavelmente ela me disse em meio a tantas outras coisas, mas não prestei atenção, pois meu único pensamento era em Penelope e Joey.

E de onde saiu esse maldito Joey? O que eles estariam fazendo no apartamento dela em uma sexta-feira à noite? Ele estava mesmo de partida ou ela disse isso para impedir que eu fosse até ela? Com certeza, meu tom de voz ao telefone deixou claro que eu faria exatamente isso.

— Se você não der um jeito nele, eu mesmo farei isso! — Mandy grita, interrompendo meus pensamentos e chamando minha atenção para ela. — Aquele arrogante idiota...

Nunca em minha vida tive tanto anseio em me livrar de um cliente como agora. Eu não sei por que aceitei esse convite de última hora, já que ela não tinha nada realmente importante para dizer. O mais curioso de tudo isso foi o fato de Armand ter aparecido no restaurante assim que voltei para a mesa. Isso me leva a acreditar que a Sra. Conder está me usando para irritar o enteado. Eu poderia confrontá-la e exigir saber o que ela pretendia com isso, mas minha mente está muito longe daqui.

Com a desculpa de que preciso analisar algo em seu caso, fecho a conta e a guio para fora.

— Você viu como ele olhou para mim? — pergunta ela antes de entrar no carro. — E aquela mulher que estava com ele? Tão...

Olhando cuidadosamente para ela, noto que o feitiço virou contra o feiticeiro. Parece que há alguém aqui com mais ciúmes do que eu do infeliz do Joey.

Não. Eu não tenho ciúmes, apenas não vou deixar que qualquer um invada a minha área.

— Ela não pode ser comparada a você — abro a porta do carro dela, antes mesmo que o motorista possa saltar para fora.
— Vá com cuidado.

Despeço-me rapidamente, sem dar importância ao que ela ainda está me dizendo, como fiz durante toda a noite. Se Mandy não estivesse perdida em seus próprios problemas, eu teria que encontrar alguma forma de me redimir na segunda-feira. Mas minha ausência espiritual passou tão despercebida como todas as suas queixas para mim durante essa longa noite. Então, assim que o manobrista entrega a chave do meu carro, sento-me ao volante e saio no limite máximo permitido, enquanto meu sangue corre velozmente em minhas veias aquecendo meu corpo.

Lava quente derretida. Eu estou em erupção, prestes a explodir.

Estou me comportando como um idiota. Esse é o único pensamento racional em minha cabeça ao parar em frente à porta dela. Não, eu sou um imbecil ridículo por me colocar em uma situação como essa. O que eu poderia dizer sobre minha aparição

súbita em sua casa quase à meia-noite? Se as minhas insanidades anteriores não comprovassem minha loucura, isso, com certeza, alcançaria esse objetivo.

Decido ir embora. Fugir, na realidade. Faço votos que ela esteja em um sono profundo e não tenha escutado o som da campainha que toquei minutos atrás. Contudo, antes que eu alcance o fim do corredor, a voz sonolenta faz meus ossos gelarem, paralisando-me no lugar.

— Adam?

Giro o corpo, fazendo o que sei de melhor: entrego-lhe um sorriso sexy e preguiçoso.

— O que está fazendo aqui?

Enquanto caminho olhando em seu rosto confuso, tento encontrar uma resposta coerente que justifique minha presença. Eu sou ótimo em trabalhar sob pressão, mas essa mulher me faz sentir como se um Boeing 787 caísse sobre minha cabeça, bagunçando todos os meus pensamentos.

— Eu queria saber... — inicio de forma titubeante. — Que roupa usar amanhã de manhã.

Porra! Dessa vez eu me superei.

Eu quase senti meus testículos encolhendo dentro da cueca quando me dei conta do tamanho de minha estupidez. Essa é a desculpa mais idiota de todos os tempos. Se é que alguém ousou pensar em algo tão patético quanto isso.

— O quê? — ela me encara, sorrindo. E, se esse sorriso não me paralisasse diante de tanto charme e beleza, eu estaria irritado de ser o motivo de seu divertimento. — Acho que uma ligação resolveria isso, não é?

Enquanto ela fala, olho ou tento olhar discretamente para dentro do apartamento, por cima de sua cabeça.

Não há ninguém, pelo menos não na sala, então eu procuro por vestígios. Encontro um balde de pipoca pela metade no chão, próximo ao sofá. Um copo vazio em cima da mesinha de centro que fica em frente à TV e uma manta caída.

— Roupa esportiva — murmura ela, saindo. Fecha a porta em seguida, impedindo-me de continuar estudando o local com meus olhos analíticos.

Não me parece que alguém esteve aqui e, se esteve, com certeza não ficou por muito tempo. O que ela esconde? Ou quem? Não gosto da ideia de vê-la com outro homem. Com nenhum homem além de mim.

Ah, droga, isso está ficando assustador.

Sinto-me irritado, contrariado e frustrado por perguntas sem resposta. Então eu me aproximo mais, encurralando-a contra a madeira da porta.

— E o seu amigo Joey? — descontente, investigo sobre esse suposto rival importuno, desejando que ele seja inteligente o suficiente para não se colocar em meu caminho em relação a ela.

— Quem? — pergunta ela, desatenta. — Ah, o Joey.

Contemplo-a por um instante.

Culpada!

A palavra, definitivamente, salta de seus olhos. Minha vontade é de invadir o apartamento para ter a certeza se realmente o infeliz não está mais lá dentro. E caso esteja eu... Bem, eu o arrastaria para fora pelo nariz, assim como fazem com os touros bravos.

— Ele já foi — ela diz, olhando para o chão.

— Quanto tempo ele ficou aqui? — sondo-a novamente.

O correto seria dizer: vocês fizeram sexo? Você gozou?

Puta que pariu!

A pergunta não proferida faz meu corpo tremer como prédios em meio a um terremoto.

— Há uns quarenta minutos — sussurra ela. Sinto seu corpo vibrar quando colo meu corpo ao dela. — Mas o que isso tem...

Interrompo-a, pressionando seus lábios nos meus em um beijo brutal e eu fico louco com o jeito que nossas línguas se enroscam de forma descomedida, ansiando por mais e mais. Serpenteio minhas mãos em seus cabelos soltos, sentindo a maciez em meus dedos trêmulos e frenéticos. Impetuosamente, resvalo minhas mãos pela lateral de seu corpo, pousando-as em

seu bumbum arredondado e pressiono-a contra mim.

— Ele a faz se sentir assim? — exijo com a voz rouca pelo desejo.

Volto a beijá-la com desespero e só interrompo para cravar meus olhos nos dela. Eles estão extasiados e injetados de prazer. Um deleite causado por mim. E sei perfeitamente que nenhum outro é capaz de arrancar dela essa paixão desenfreada, a mesma paixão arrebatadora que inflama em mim, que nenhuma outra mulher, em minha vida, conseguiu acender apenas com um simples beijo.

— Adam... — ela geme meu nome e eu sinto minha fortaleza lentamente começar a desmoronar.

Nunca pensei que meu nome pronunciado em outros lábios pudesse ter uma conotação tão erótica.

— Você sente como se seu mundo desintegrasse quando ele a beija?

Não espero por sua resposta, desejo seus lábios colados nos meus mais uma vez e isso nunca parece ser o suficiente. Eu quero mais e preciso de mais como o ar que me mantém vivo.

Acaricio seu corpo sob o roupão e, mesmo o tecido de seda sendo burlescamente fino, preciso sentir sua pele macia. Diante disso, desfaço o nó que mantém a peça protegendo seu corpo e tomo um dos seios em minhas mãos.

Nossa! Eles são macios e voluptuosos. Os mamilos

endurecem ainda mais ao meu toque.

Sinto-a vacilar. Receosamente, afasto minha mão do objeto do meu prazer e agarro suas coxas, levantando-as e enrosco suas pernas em meus quadris.

— Adam... Eu... — murmura Penelope, fincando as mãos em meus ombros.

Alucinado, agarro-lhe os cabelos, inclinando sua cabeça para o lado. Inalo o perfume em seu pescoço, mordisco sua pele como um vampiro dando o beijo de morte em sua presa.

— Sente que irá gozar apenas com um toque? — murmuro em um gemido.

Capturo seu seio, acariciando-o, massageando o mamilo e salivando por ter meus lábios ali. Ouço seu gemido rouco, isso me excita.

— Não... Ele... — ela cerra os olhos quando minhas carícias se tornam mais precisas. — Nós...

Beijo-a selvagem e longamente antes de me afastar. Praticamente salivando, pedindo por mais. No entanto, reúno forças não sei de onde e me afasto.

Ouço seu gemido de protesto.

— Saiba de uma coisa, Charmosa — não desvio meus olhos dos seus um único segundo. — Eu gosto de exclusividade. Então, é Joey ou eu. Mas eu duvido que ele desperte tanta paixão em

você como eu faço.

Contemplo-a, fascinado com as reações que produzi em seu corpo: lábios inchados, convidativos; cabelos desgrenhados, mas de uma forma inexplicavelmente sexy. O robe aberto, revelando seios extremamente deliciosos que eu daria minha vida pela oportunidade de ter minha boca sedenta ali. Desejo poder tocá-los, prová-los e fazer loucuras que a deixariam mole sob meus braços.

— Eu não sou um objeto, Adam — murmura ela, zangada, recompondo-se e privando meus olhos da visão de seus dois montes encantadores.

— Mas é minha! — Eu tenho noção que pareço um homem das cavernas, agindo como um babaca. Todavia, isso não me importa. — E logo será de todas as maneiras imagináveis — Não hoje, ela precisa de uma lição por me fazer sentir tanta raiva de alguém que eu nem conheço.

Deslizo meu dedo por seu nariz arrebitado e ela me enfrenta com coragem. Sou louco por ela sob todas as nuances: irritada que nem agora, acanhada como na primeira vez que a vi e apaixonada tal e qual há alguns momentos.

— Não se comportou bem hoje, Charmosa — sorrio abertamente ao ver seu rosto ficar cada vez mais vermelho. — Vou deixar que reflita quem vale a pena para você. Eu ou o seu *amigo Joey*.

Já presenciei muitas mulheres furiosas, mas não uma que ficasse tão linda. Minha vontade é retroceder e aproveitar toda a paixão que emana de seu corpo.

— Seu idiota! — Ela vocifera antes de virar as costas para mim e abrir a porta do apartamento de forma intempestiva. Um pouco teatral, mas sexy.

— Vejo você amanhã, doçura — grito antes de ver a porta ser batida em meu rosto. — Ah, Charmosa.

Saio sorrindo, mas, antes mesmo de chegar ao meu carro, o mesmo sorriso morre quando me dou conta de que, ao castigá-la, eu havia punido a mim mesmo.

— Porra! — Pressiono o meu rosto contra o metal frio. — O que eu faço agora com essa maldita ereção?

No dia seguinte, exatamente às oito horas da manhã, encontro-me parado, apoiado contra meu carro, olhando para o seu apartamento, esperando ansiosamente que ela saia. Não preciso dizer que minha noite foi péssima. E, se há alguém para culpar, eu a culpo por fazer da minha vida um purgatório.

Antes que eu possa conjecturar sobre isso, vejo-a sair. Seus

cabelos brilham como ouro sob os raios solares e alguns fios balançam em seu rosto bonito.

Vestindo jeans, uma camiseta com o M&M vermelho e os cabelos presos em duas tranças pendendo em cada lado de sua cabeça, ela parece uma menininha. Minha própria Lolita.

Exploro seu rosto em busca do mesmo olhar irado da noite anterior, mas vislumbro apenas um olhar tímido e receoso.

— Você veio mesmo — ela murmura, aproximando-se de mim.

— Temos um encontro, lembra? — indago.

Ah, que droga! Esse não é um encontro entre jovens envergonhados na puberdade. Mas é assim que nos vejo. Dois jovens tolos, incertos do que fazer.

— Sobre ontem à noite... — ela inicia, olhando para um ponto além de mim. Encarar-me é tão difícil como aparenta?

— Não vamos falar sobre isso agora — nada melhor do que a manhã seguinte para nos mostrar o quanto podemos ser imbecis. — Para onde vamos?

Abro a porta do carro e espero por seus protestos que, surpreendentemente, não vêm. Ao invés disso, vejo uma folha de papel meio amassada ser estendida em minha direção.

— Long Island? — pergunto, enrugando a testa. — Sky Adventure. O que é isso?

A ilha de Long Island fica ao leste da Ilha de Manhattan e é dez vezes maior também. É banhada pelo oceano Atlântico e com um mar congelante, mesmo sob o sol quente, mas possui praias lindas e exclusivas. É um lugar ideal para quem quer fugir do ritmo constante de New York.

— Sabe chegar lá? — pergunta ela com seu jeitinho animado e contagiante.

— Nada que o GPS não resolva — respondo a ela, já contagiado por seu sorriso.

— Então, vamos — ela ordena, movendo-se para dentro do carro. — O resto é surpresa.

O caminho foi percorrido regado à música. Metade dele pleiteamos sobre seleção. Eu inclinado ao hard rock do Led Zeppelin e ela... Bom, Penelope caiu nas graças da música country que, de acordo com ela, é sua nova paixão.

No fim, ela venceu. E, quando passamos em frente à placa Sky Adventure - escola de voo, concluo que passar os últimos minutos ouvindo a mesma música de Kenny Chesney, diversas vezes, não foi a pior coisa a me acontecer.

Quando o GPS diz que o hangar à minha frente é nosso destino final, eu tenho certeza disso.

— Chegamos bem a tempo — Penelope sorri, desconectando seu telefone do carro e silenciando a música.

— A tempo de que? — recuso-me a encará-la e minhas mãos

fincam-se no volante.

— As vídeoaulas sobre voos começam em quinze minutos — ela declara, pontuando com os dedos. — Simulação de queda livre em seguida e o treinamento com o instrutor de salto.

Ela sai do carro saltitante e eu apoio minha testa em minhas mãos, sentindo-me derrotado. Lembro que esse é mais um tópico da sua lista maluca que eu, ironicamente, me propus a seguir.

— Ei! — Escuto a batida contra o vidro ao meu lado. — Será divertido. Uma verdadeira aventura.

Divertido é correr de Kart. Aventura é fazer sexo em um elevador cheio de pessoas. Não que eu já tenha feito isso, mas, com certeza, seria uma aventura e tanto. Saltar a mais de dez mil pés de altitude não é divertido. Isso é loucura, e das grandes.

Estou em uma encruzilhada e não sei qual caminho seguir. Por um lado, eu desejo ligar o motor do meu carro e ir para o mais longe dali. Outra parte de mim não quer que ela me veja como um covarde.

Então, a parte valente e cheia de testosterona que prova que sou um homem, arrasta-me para fora do carro. E a sigo, ao que para mim, com certeza, seria o meu fim.

A não ser que eu conseguisse convencê-la de que isso é uma insanidade.

Todas as minhas tentativas de provar a ela que salto em altura era coisa do demônio caíram por terra. Enquanto meu estômago embrulhava a cada aula ou demonstração de salto, Penelope animava-se ainda mais. Seu último questionamento foi quantos saltos eram necessários para ser um paraquedista licenciado. Não preciso dizer que isso me levou à loucura. Imediatamente, alertei-a que isso, em definitivo, estava fora de cogitação.

Uma coisa é uma aventura de um dia, outra bem diferente é incorporar uma aficionada em esportes radicais e perigosos...

— Eu confesso que estou bem ansiosa — sussurra ela em meu ouvido, enquanto caminhamos em direção ao avião. — O instrutor disse que a sensação é muito mais intensa que a da simulação de voo. Você deveria ter feito, parece que estamos saindo do nosso corpo. Bem, talvez seja bom que não tenha feito, é muito menos aterrorizante.

Inferno! Ela não está ajudando falando tanto. Minhas mãos tremem e todo meu corpo começa a coçar de forma insistente.

À nossa frente, há os instrutores e dois rapazes que compartilharão o voo conosco. O avião parece crescer a cada passo que dou e sinto como se eu encolhesse a cada movimento

em direção a ele.

— Adam?

Direciono meus olhos a ela. Está a alguns metros à minha frente e me olha com preocupação. Noto que parei na metade do caminho, estou travado.

— Não posso fazer isso — confesso a ela, inclinando-me para frente. Apoio-me em meus joelhos enquanto tento controlar uma nova onda de náuseas.

Eu tenho medo de alturas desde os meus sete anos quando Liam me instigou a escalar uma árvore gigantesca que eu não soube descer depois. Nem mesmo quando papai construiu uma casa na mesma árvore para que eu perdesse o medo adiantou. Subi algumas vezes, mas não era o meu lugar preferido na Terra. Acreditei que eu havia superado essa fobia. Mas, pensando bem, isso não havia acontecido. Voos? Sim, desde que a minha poltrona fosse no corredor e coitado daquele que resolvesse abrir as cortinas. Por isso, sempre reservava voos noturnos, evitava os de muitas horas e, sempre que possível, os trocava por longas viagens de carro.

— Está com medo? — ela me pergunta, caminhando em minha direção.

— É, estou — respondo, envergonhado.

Inferno! Acabei de virar um bebê chorão. Mesmo sentindo irritação por ela estar diante de tal fragilidade, eu não consigo

seguir em frente, meus pés estão fincados no chão.

— Ei, vocês dois? — olho para frente e vejo um dos instrutores gritar em nossa direção — Virão ou não?

Finalmente, meus pés se movem, só que dois passos para trás. Meu olhar apavorado fez aquilo que passei a última hora tentando fazer: convencê-la a desistir do salto. Mas, ao contrário do que pensei, isso não me deixou feliz. A sensação que tenho é de tirar doce de uma criança. Mais do que isso, de uma criança faminta.

— Pode ir — indico o avião e faço sinal para que o instrutor espere um pouco. — Realize o seu sonho.

— Posso voltar sozinha outro dia — ela afirma, dividida. — Você não me parece bem.

— Quando aquele avião decolar, eu estarei muito bem, acredite nisso — tento colocar um tom de humor em minha voz.

Agradecida, Penelope salta em meus braços e deposita dezenas de beijos em meus lábios e rosto. Eu podia até ser um covarde, mas um covarde de muita sorte. Em nenhum momento, vi em seus olhos que minha masculinidade estivesse arranhada. Essa mulher é realmente incrível.

— Vá até lá e salte por nós dois — peço a ela, afastando-a de mim. — Seja a heroína.

Assim que o avião subiu, eu me arrependi. Milhões de “ses” começaram a povoar em minha cabeça. Se algo de errado acontecesse, como a aeronave ficar sem combustível?

Isso é ridículo, já que esse é um dos procedimentos de segurança antes da decolagem.

E se o paraquedas não abrisse ou se ela desmaiasse durante o salto? Onde eu estive com a cabeça ao permitir que ela continuasse?

O pavor toma conta de mim e eu me sinto enjaulado andando de um lado ao outro.

— Estúpido! — Grito alto o suficiente para que algumas pessoas ao redor me ouçam com clareza. Naturalmente, devem acreditar que eu seja louco, mas não estou muito longe disso.

Os minutos se arrastam. Recuso-me a olhar para o céu. De acordo com o que nos disseram nas aulas, são quase dez minutos para alcançar a altura necessária para o salto. Já havia passado mais de oito. A queda livre com paraquedas dura por volta de um minuto, mais nove de queda livre. Então, ainda tenho cerca de dez minutos de aflição.

Após alguns minutos, vejo um dos jovens com o seu

instrutor aterrissando, seguido do outro e, quando penso que arrancarei todos os pelos de minha sobrancelha, vislumbro Penelope se aproximando. Corro em direção a eles, alcançando-os ao mesmo tempo em que tocam o solo.

Assim que o homem se afasta dela, eu a tomo, beijando-a, aliviado e feliz. Eu não tinha percebido o quanto foi aterrorizador imaginar todas as coisas que poderiam ter acontecido até tê-la, finalmente, segura em meus braços.

— Você nunca mais irá fazer isso novamente — afirmo, em seus lábios. — Nunca!

— Ei, eu estou bem — ela me garante, correspondendo aos meus beijos. — Foi incrível. Eu faria milhões de vezes.

Ah, não mesmo. Não vou permitir.

Mesmo contrariado com a possibilidade da maluca voltar a fazer algo como isso, sinto que não posso deixar meu medo eclipsar seu momento sublime. Então, lanço para longe o pavor e compartilho com ela a sua alegria quase juvenil.

— Vamos embora? — circulo meu braço em sua cintura, afirmando a mim mesmo que é para ampará-la quando, na verdade, o gesto é mais para me manter firme.

Eu preciso muito da paz e da serenidade que ela me traz. Estranhamente, Penelope me leva do céu ao inferno em um curto espaço de tempo.

Levo-a até uma vinícola que eu conheço perto dali. Fazemos um pequeno tour e o guia explica a Penelope todos os processos do vinho. Assistimos a um show ao vivo e almoçamos em um restaurante à beira da praia. O assunto sobre o salto fica momentaneamente esquecido, creio que ela tenha notado que é algo que me incomoda.

Por boa parte do tempo, eu a ouvi relatar como saltar havia sido uma experiência maravilhosa e que, um dia, talvez eu devesse experimentar, sem pressão ou olhares provocativos. Era como se eu não tivesse estado ali com ela, dando vexame.

Constatei que, com ela, eu não preciso ser feito de rocha o tempo todo. Posso ser apenas um homem com temores e fraquezas, igual a qualquer pessoa. Algumas muralhas que eu havia levantado em volta de mim estão começando a desmoronar e eu não sei se estou pronto para encarar o que há por atrás delas.

— Então? — ela me indaga, assim que estaciono em frente ao seu prédio. — Quando você volta?

Tenho um voo marcado para mais tarde. Maldita hora que havia aceitado ser um dos oradores desse congresso.

— Sexta-feira.

Apesar de tudo, parte de mim está grato por essa viagem, pois preciso de um tempo longe dela. Hoje, quando Penelope esteve naquele avião, senti algo que não sentia há muito tempo: o medo da morte. E eu não gosto das sensações que senti. Mas existe também outra parte de mim, e essa, sem dúvida alguma, é mais poderosa, que deseja permanecer ao lado dela, usufruindo de momentos como esse.

— Ligarei todos os dias — prometo. — E estarei de volta antes que note minha ausência.

— Já sinto sua falta — ela pressiona seus lábios nos meus em um beijo casto, mas capaz de despertar meu desejo. — Odeio despedidas.

— É só um até logo — sussurro, apoiando minha testa na dela. — Agora vá, antes que eu faça uma loucura.

— Como o quê? — pergunta ela em um tom provocativo, que arranca um sorriso torto dos meus lábios.

— Sequestrá-la e levá-la comigo é uma das possibilidades.

— Sr. Crighton, não quero que tenha problemas com a lei — ela diz, mordiscando minha boca, arrancando um gemido rouco de mim. — Não quando o melhor advogado da cidade estará fora.

— O melhor? — indago, sentindo-me orgulhoso como um pavão. Ainda mais depois da minha reação deplorável de hoje cedo.

— É o que diz o meu chefe — sussurra ela, abrindo a porta e saindo em seguida. — Dizem que ele é muito bom em julgar as pessoas.

— E o que você me diz? — pergunto a ela, curioso.

— Respondo quando estiver de volta.

Vejo a porta bater e observo-a seguir em direção ao prédio. Balanço a cabeça, inconformado que ela sempre me tenha em suas mãos. Mas, quando ligo o motor do carro, ouço a batida suave no vidro. Seus lábios se movimentam, mas o som é inaudível.

— O quê? — desligo o motor e começo a descer o vidro.

Mas ela, rapidamente, volta em direção à escada. Antes de alcançar a entrada, sopra um beijo em direção a mim e sorri.

Sem dúvida, terei longos e difíceis dias pela frente.

Capítulo 14

Penelope

Mesmo Adam tendo ligado domingo à tarde, assim que se hospedou em seu hotel, depois de termos conversado ou trocado mensagens em todas as noites seguidas, a saudade persiste em incomodar a ponto de ser assustador. Sentir a falta de alguém é uma droga. Isto porque ele havia partido há apenas três dias, mas meu coração não calcula tempo ou espaço. Todos os minutos parecem longos demais.

— Então, a festa será nesse sábado — a voz de Aline me faz voltar ao presente e prestar atenção no que ela diz.

— Sábado? — pergunto, enrugando a testa. — O que tem no sábado?

Adam estará de volta na sexta-feira. Eu não me lembro de ter programado nada antes disso.

— Ah, não me faça essa carinha — ela pede, com determinação em seu olhar. — É o meu aniversário e você tem que ir. Meu irmão estará lá, sabia? Eu vi vocês dois juntos no Ano Novo. Ele tem uma leve queda por você.

Ela pisca um olho, como se essa fosse uma grande notícia. Não tenho interesse algum em rever ou falar com Daniel, ainda mais depois de tudo o que aconteceu e duvido muito que ele queira me ver, mas eu não posso explicar isso a ela sem falar sobre Adam. Eu ainda não sei que tipo de relação nós temos. Não somos namorados, mas também não somos simples amigos, não depois do que houve no corredor na última sexta. Lembrar sobre isso ainda me deixa rubra. E eu deveria parar de enrubescer como uma virgem assustada.

— Será em um dos clubes mais disputados da cidade. Gastei todas as minhas economias e muito mais — diz. — Você tem que ir, por favor.

Encaro seus olhos pedintes e sei que não posso recusar o convite.

— Está bem. — respondo, vencida. — Eu vou.

Depois de seus gritos entusiasmados, voltamos ao nosso trabalho. Há muito o que ser feito no escritório essa semana. O Sr. Durant está entrando em sociedade com uma nova empresa de aviação. Fiz uma reserva em um dos melhores restaurantes para quarta-feira e quase derrubei a pasta quando Neil pediu o contrato revisado por Adam no mês anterior.

Lembro-me como a presença do Adam é constante no escritório. Não é apenas meu coração em risco, caso estraguemos essa relação, mas toda a vida que eu já aprendi a amar aqui. Então, eu me pergunto se tenho certeza dos riscos que estou correndo. Eu tenho certeza do que sinto por ele. Mas o que ele sente por mim, além de um desejo intangível?

Volto para casa ainda incomodada por esses pensamentos, que foram deixados de lado assim que ouvi sua voz ao telefone. Tudo perde a importância quando estou com ele, mesmo em uma simples ligação.

Na manhã de quarta, recebo uma mensagem da minha tia Lola avisando-me que Paula havia dado à luz a uma linda menina. Retornei dizendo que as visitaria assim que eu pudesse.

Logo que chego ao trabalho, recebo a ligação de Neil avisando que não aparecerá ao escritório hoje, pois a filha está doente e ele ficará em casa cuidando dela. É encantador ver como ele é um pai muito dedicado.

— Preciso que você vá ao almoço com Parker — ordena ele ao telefone, algumas horas depois.

— Não prefere que eu remarque a reunião? — sugiro rapidamente.

Afinal, não sei nada sobre aviação e seus processos jurídicos.

— Não, já discutimos sobre o contrato na semana passada — ele pede um momento e parece falar com alguém. Ouço uma voz de criança e concluo que seja Anne. — Apenas anote suas exigências, caso ele tenha alguma. Encaminhe uma cópia para mim e outra para o escritório Crighton. Diga ao Parker que o vejo na segunda para assinarmos o contrato e que sinto muito por hoje.

Uma hora depois e quase em cima da hora, sou conduzida pelo maître até uma mesa mais afastada, próxima a uma janela ampla, com uma bela vista de um dos restaurantes mais exclusivos da cidade.

Noto o homem elegante estudando alguns documentos em cima da mesa. Ele ergue o olhar, focando-o em mim assim que me aproximo da mesa.

— Sr. Parker? — pergunto antes de ocupar a cadeira que o maître afasta para que eu sente.

— Evan — ele se levanta esticando a mão, cumprimentando-me em um gesto cortês, e, após apertá-la, eu me acomodo no assento. — Só Evan.

— Desculpe, mas o Sr. Durant não poderá encontrá-lo hoje — inicio as explicações, esperando que ele compreenda. — Estou aqui para representá-lo e verificar o que o desagrada em relação ao contrato.

— Pelo que eu já li, não há muito que discutir — ele sorri de maneira gentil, afastando as folhas para o lado. — Neil e eu somos velhos amigos, confio nele e só pensei em revê-lo hoje. Faz pouco tempo que voltei à cidade, mas devo admitir que a sua companhia é muito mais interessante.

Fico constrangida com o elogio, mas sorrio de forma educada. Evan Parker é um homem bonito, simpático, galanteador e, sem dúvida alguma, sabe dizer o que as mulheres esperam.

Analiso-o com certa descrição: moreno, olhos castanhos, corpo atlético e um bronzeado proveniente de uma longa temporada na Espanha, algo que eu descobri depois em nossa conversa.

Sobre o contrato? Falamos pouco. Ele parece mesmo satisfeito com as alterações realizadas. Então, durante a hora

seguinte, ouvi muitas histórias engraçadas sobre suas aventuras ao longo de sua estadia de duas semanas em Madri. Evan é o tipo de pessoa que faz você ficar à vontade no primeiro momento que o vê.

— Obrigada pela carona, Sr. Parker — agradeço, assim que vejo o carro em frente ao prédio da DET.

Eu não consegui convencê-lo a me deixar pegar um táxi quando o almoço terminou. Gentilmente, fui forçada a aceitar sua carona de volta para o meu trabalho.

— Evan, apenas — ele sorri ao pegar minha mão. — Eu que devo agradecer pela companhia encantadora. Sei que parece precipitado, mas gostaria de vê-la outra vez.

— Não acho que seja apropriado — afasto-me dele.

— Você tem um namorado — ele conclui, parecendo decepcionado. — Eu deveria ter imaginado isso.

— Não, mas eu estou conhecendo uma pessoa. Então...

Eu realmente gostei dele e não vejo problema em sermos amigos como ele sugeriu. Evan não é o tipo de homem que força a barra ou usa de seu status para conquistar uma mulher. Então, trocamos telefones e nos despedimos em seguida.

Chego à minha sala e passo o resto da tarde resolvendo problemas, tentando manter meu chefe ciente de cada detalhe dentro do possível. Ele é mais exigente à distância do que quando está no escritório. Por sorte, sua filha Anne havia pegado apenas

uma virose e, no dia seguinte, ele estaria de volta. Caso contrário, tenho certeza de que Neil seria capaz de me enlouquecer.

Chego em casa esgotada. Jogo-me no sofá assim que bato a porta, precisando apenas de alguns minutos para recobrar as forças. Estou naquele estágio de letargia causada pelo cansaço, quando ouço barulhos estranhos vindo do interior. Meu sangue gela e, imediatamente, meu coração acelera. Incerta do que fazer, eu me levanto e caminho até a cozinha, vasculhando as gavetas. Os ruídos cessam e a casa volta a ficar silenciosa. Percebo minha imprudência ao procurar algo para me defender. Eu deveria ter saído e procurado ajuda.

Escuto passos em minha direção. Assustada, agarro um amassador de carne, pois é a única coisa visível que serviria como arma, caso meu invasor me atacasse.

Oh, meu Deus, o que eu acho que posso fazer com um amassador de carne? Ainda mais se a pessoa tivesse um revólver. Pensar nisso faz os pelos da minha nuca eriçarem, causando um novo tremor em minhas pernas.

Sinto-me tão apavorada como a mocinha de filme de suspense, a diferença é que, em vez da angustiante trilha sonora, há o som do meu coração batucando em meus ouvidos, deixando-me tonta.

— Oi, Penny — reconheci sua voz antes de reconhecer o rosto. — Preparando o jantar?

— Nico! — Corro de encontro a ele, meu grito foi tanto de alívio quanto de surpresa.

Nicolau, ou somente Nico como ele gosta de ser chamado, é o filho mais velho da minha tia Lola.

Eu o vi poucas vezes, mas trocamos cartas, mensagens e conversamos muito por telefone. Diferente de Paula, ele sempre ficou com a mãe durante as férias e ficamos juntos acho que uns dois verões.

Nico é repórter correspondente do Times. Sua vida é viajar pelo mundo atrás de uma grande reportagem. Recentemente, estive no Iraque, o que deixou minha tia Lola maluca. Não é por menos, qualquer pessoa que o encarasse duvidaria que ele se aventura em uma profissão tão perigosa. Mas, por trás do corpo franzino e dos óculos de grau que escondem olhos incrivelmente azuis, há um homem extremamente inteligente e perspicaz.

Os cabelos loiros, agora escurecidos pela umidade, indicam que havia acabado de sair do banho.

— Alegro-me que esteja feliz em me ver — ele sorri, afastando-me um pouco para me observar melhor e sou premiada com um sorriso caloroso. — Esse amassador de carne não é para me matar, é?

— Não... Sim — balanço o objeto em minha mão e dou-me conta de minha estupidez. — Quer dizer, pensei que houvesse alguém na casa...

— E iria atacá-lo com isso? — ele toma a peça da minha mão e me encara com olhar reprovador. — E se eu fosse um ladrão e estivesse armado?

— Eu sei, foi uma tremenda burrice — concordo com ele, envergonhada, mas resolvo mudar de assunto. — O que está fazendo aqui?

— Precisei entregar alguns arquivos no jornal e resolvi passar a noite aqui antes de seguir para o Texas, para visitar minha sobrinha. Mamãe não avisou a você?

— Não que eu me lembre — digo a ele, tentando repassar a mensagem que ela enviou mais cedo. — Talvez tenha deixado um recado na secretária eletrônica.

Recordo-me que eu havia visto a máquina piscar antes de sair de manhã. Como Adam sempre usa o celular para falar comigo, não dei a devida importância.

Sigo para a sala e, quando ligo a secretária eletrônica, ouço a voz da minha tia avisando que havia esquecido de me alertar que Nico passaria a noite aqui comigo.

Eu não me importo. Amo Nico e será bom ter companhia para essa noite.

— Está com fome? — pergunto a ele antes de pegar minha bolsa, que havia deixado no chão perto da porta.

— Faminto! — Vejo-o se jogar no sofá e esfregar a barriga.

— Tomarei um banho rápido e farei algo para comermos — informo a ele.

— Ainda cozinha tão bem como eu me lembro?

— Acho que evolui — pisco um olho para ele e sigo para o meu quarto.

Quando jovem, eu não tinha muito que fazer além de estudar e ir para igreja. Cozinhar havia sido meu passatempo preferido. Nico sempre amou tudo o que eu fazia. Muitas vezes, dizia que, se não fôssemos primos, enfrentaria meu pai e me arrastaria para a primeira igreja. É, realmente conquistamos alguns homens pela boca.

Tomo banho rápido. Quero muito conversar com ele e saber de suas histórias, que devem ser incríveis. Além disso, quero estar pronta para quando Adam ligar.

— Eu disse que não demoraria — brinco assim que chego na sala, mas me calo ao vê-lo no telefone.

— Tudo bem, acontece. — ele fala, antes de desligar.

— Problemas? — pergunto.

— Era engano — ele sorri e seguimos para a cozinha.

Enquanto preparo algo leve para jantarmos, ele relata suas aventuras, como no dia em que se fantasiou de mulher para investigar um cativoiro onde alguns turistas americanos eram feitos de refém.

Após o jantar, conversamos bastante e vimos um pouco de TV. Adam havia ligado no celular quando estive no banho. Deixei recado na caixa postal para que me ligasse de volta, mas acabei dormindo à espera de sua ligação. Talvez uma das palestras tenha terminado tarde e ele não quis me incomodar. Foi o que eu quis me convencer.

Nico passou a noite no quarto de Lola e saiu logo cedo no dia seguinte.

Após me arrumar com o mesmo cuidado de sempre, sigo para o escritório, apreensiva por ainda não receber notícias dele. O resto da tarde seguiu como sempre: trabalho e mais trabalho, no qual mergulhei para me distrair e tentar não enlouquecer ao imaginar o que poderia estar acontecendo.

É sábado, dois dias sem ter notícias dele ou uma simples ligação ou retorno das que eu havia realizado. Mil questões passam em minha cabeça. Será que havia acontecido alguma coisa? Ou, simplesmente, estou sendo ignorada?

Mas por quê?

Às oito horas, irritada e magoada, procuro o vestido mais

sexy do meu guarda-roupa. Um vestido preto, de decote profundo e absurdamente curto.

Arrumo-me com cuidado. Escolho o par de sapatos mais bonito da sapateira, um com frente bico de tubarão e saltos altíssimos.

Por que estou me empenhando tanto em parecer sexy e bonita eu não faço ideia, tudo o que sei é que estou com muita raiva e vontade de chorar. Mas eu não ficarei em casa me lamentando. Se Adam não quis retornar minhas ligações, ele que fosse para o inferno.

É o homem mais enigmático que já conheci.

Chego ao clube onde será a festa. O lugar é muito elegante, com paredes de vidros e espelhos espalhados estrategicamente por todos os lados, as luzes piscando causam um efeito psicodélico e estimulante. Algumas pessoas se arriscam na pista de dança.

Assim que me vê, Aline vem ao meu encontro e me conduz a uma mesa. Reconheço algumas garotas e as cumprimento enquanto ocupo meu lugar. Estou disposta a me divertir e a tirar esse maldito homem da minha cabeça.

A noite segue animada e, por mais que eu não me arrisque na pista de dança, isso não impediu que alguns homens enviassem várias bebidas para nossa mesa.

— Então, Penelope? — uma das garotas regressou da pista

e sentou-se ao meu lado. — Qual daqueles bonitões você irá pegar hoje?

Olho para o bar onde há um grupo de homens, um deles moreno e, até mesmo interessante, sorri erguendo o copo em minha direção.

— Acho que hoje não — desvio o olhar e fixo em meu copo. Eu mal havia tocado na bebida colorida que a garçonete havia colocado ali.

— Não banque a virgem comigo — ela me lança um olhar provocativo. — Pois eu levarei um daqueles gostosos ali para minha casa hoje.

Eu tive ímpeto de dizer a ela que não banco a virgem, que eu sou virgem, mas a probabilidade de ser o motivo de risos entre elas me impediu. Também gostaria de alertá-la sobre os riscos de levar um estranho para sua casa sem parecer estranha.

As jovens ao redor da mesa parecem estar acostumadas a lidar com isso de forma espontânea. Falar sobre sexo casual ou fazer é algo natural para elas, bem diferente de mim.

Talvez eu esteja sendo puritana ao excesso ou fria, mas nenhum homem aqui me chama atenção ou me atrai o suficiente. E eu quero mais do que ser fodida por uma noite. Seria esse o motivo que afastou Adam de mim sem nenhuma explicação? Considera-me fria ou sem graça?

— Acha que um homem... — inclino-me em direção a ela

para que me ouça sob o som da música alta. — Ele pode desejar você e...

— Eu não acredito! — Aline salta ao meu lado, fazendo com que todas nos virássemos para ela, surpresas. — Eles realmente vieram!

Assim como todo mundo, sigo meus olhos na direção em que ela olha.

Há uma roda com mais ou menos cinco mulheres e, mesmo com todas elas ao redor do homem, é impossível não notar o quanto ele é alto e muito, muito grande. O grandalhão sorri para elas, seus braços cruzados, pernas afastadas e cada músculo evidenciado pela camisa branca e justa. Ele parece à vontade ou, simplesmente, está acostumado em chamar tanta atenção.

Eu teria apreciado um pouco mais sua beleza ímpar se de trás dele não houvesse surgido o homem que havia virado meu mundo de ponta-cabeça.

Usando jaqueta de couro, camisa preta e calça jeans despojada, ele estava lindo. Como seu amigo, ele atraía as mulheres para ele como abelhas em volta do mel, algo que me irrita muito.

— Vem, Penelope! — Aline me puxa pelo braço, arrastando-me em direção ao grupo. — Vamos falar com eles.

E, quando aqueles olhos intensos se focaram em mim, senti meu corpo inteiro ferver. Só que dessa vez por um motivo bem

diferente do desejo que ele sempre me despertou. Eu sinto raiva, aquele tipo de raiva que cega você.

— Será um prazer — respondo, batendo o copo na mesa e seguindo-a em direção a eles. — Mal posso esperar por isso.

Então, minha noite começa a ganhar uma nova tonalidade.

Vermelho púrpura e incandescente!

Capítulo 15

Adam

Eu não tive aquela inquietação que sempre tenho antes de um voo. Não que eu tenha perdido o medo de voar ou que aquela velha sensação de que algo terrível pudesse acontecer tivesse me abandonado. Mas minha cabeça e todos meus pensamentos estão concentrados em outras coisas. Na verdade, em uma pessoa em especial.

Ela.

É curiosa a forma como as pessoas se infiltram em nossas vidas sem permissão. Algumas são como brisas de verão, que vêm e vão embora rapidamente, mas que, naquele momento, o tocam com sutileza e suavidade. Outras cruzam seu caminho como um maremoto, deixando apenas rastros e destruição. E há as que nos guiam pelo caminho certo como um farol, que com pequenos gestos nos fazem sentir em casa e tudo começa a fazer sentido em nossas vidas.

Meditando sobre isso, desfaço as malas e olho em torno do quarto. Eu nunca havia notado antes como um quarto de hotel é frio e impessoal. Por mais confortável e elegante que ele seja, que tenha o melhor serviço de quarto, sem a companhia certa, nada disso importa.

Impaciente, eu pego o celular em meu bolso, pois preciso da voz que é como um combustível para iniciar o meu dia.

— Oi, linda — sussurro.

— Oi — ouço a voz tímida e sua respiração acelerada. — Já está no hotel? Fez boa viagem?

— Estou sim — deito na cama e olho a cidade através da janela. De fundo, uma bela vista da Casa Branca e das árvores frondosas que a cercam. — Se você quer saber se eu dei outro vexame no avião como ontem, a resposta é não. Aquilo foi apenas charme para conquistar você.

Consigo visualizar seu rosto corado e olhar luminoso. Ouço

a risada pura e cristalina, isso causa em mim um efeito devastador.

— Então, acho que você está indo muito bem com seu plano — ela anui, ainda com sorriso na voz.

— E se for o contrário? — a pergunta em si é mais direcionada a mim do que a ela. — E se for você quem está me conquistando?

— Isso é ruim?

Interessante... Essa é uma pergunta para a qual eu não tenho resposta. Que eu me sinto atraído por ela, não há dúvidas. E é inegável e irritante o anseio que fico quando estamos longe. Se isso é ruim?

Porra, claro que é.

— É sim. Mas ninguém nunca me fez tão bem.

Não sou fadado a declarações, mas, nesse momento, sinto a necessidade de ser honesto com ela e comigo mesmo. E a merda disso tudo é que estou indo por um caminho que eu sei que, cedo ou tarde, irei me arrepender.

Conversamos um pouco mais sobre meus dias durante o Congresso, as palestras que vou participar como orador e as pessoas aborrecidas que terei que conversar e conhecer.

Na hora do jantar, desço para o saguão e encontro velhos conhecidos da faculdade, o que fez da noite um pouco mais

agradável, mesmo que tenhamos passado oitenta por cento do tempo falando sobre trabalho. Pelo menos me ajudou a distrair.

É o terceiro dia do Congresso. Apesar das manhãs e tardes serem agitadas e exaustivas, as noites são enfadonhas. Enquanto alguns homens exploram a cidade indo a clubes noturnos atrás de belas mulheres, eu não sinto a necessidade disso. Caçar mulheres pelas noites de Washington não me atrai como antes. Trocar experiências do dia a dia com Penelope tem sido muito mais divertido do que imaginei.

— Então, Adam, não quis sair hoje também? — Roger, um velho conhecido dos tempos da faculdade, pergunta assim que chego ao bar para um drinque, antes de seguir para minha suíte. — Parece que Patrick encontrou um clube quente.

— Hoje não — respondo o mesmo que tenho falado nos últimos dias. — Meu dia será bem tumultuado amanhã. Farei duas palestras de manhã e uma à tarde.

Seguimos para o bar do hotel, ocupo um dos poucos lugares vazios no balcão e peço um martíni.

— Quem é a garota, afinal? — pergunta Roger, assim que o

barman entrega nossas bebidas.

Remexo no banco, desconfortável, enquanto medito no que vou dizer.

— Que garota? — pergunto, evasivo.

Ele me encara com aquele olhar de quem sabe tudo.

— Olhe à sua volta — ele estica os braços, girando a mão.
— Todos os casados estão aqui e todos os solteiros curtindo a noite lá fora, então...

Observo em torno do bar. Alguns homens e pouquíssimas mulheres estão concentrados em seus celulares ou iPads, em alguma conversa romântica ou acalorada com alguém importante.

— Está vendo uma aliança em meu dedo, Roger? — pergunto, contrariado.

O fato de eu não sair por aí como um adolescente atrás de uma boa foda não faz de mim um tolo apaixonado. O problema é que eu quero uma foda em específico, mas explicar isso a ele levantaria apenas mais suposições equivocadas.

— É uma questão de tempo, meu amigo — ele diz, batendo em minhas costas. — Primeiro você só quer levar a mulher para sua cama. Depois, você faz coisas que nunca fez antes, como conhecer seus pais, levar ao cinema, passear no parque e quando você menos espera... — ele estala os dedos em frente ao meu rosto. — A aliança aparece. Adeus, Dom Juan! Até logo a todas

as mulheres do mundo. Aquela garota te enlaça e não há mais escapatória. Eu vou me casar no fim do ano. Quem diria, não é?

Roger entorna a bebida, depois dá mais tapinhas em minhas costas.

— Eu tenho que ir agora — informa ao se levantar. — Meu celular está descarregando e Anabele fica furiosa quando passo do horário. Vejo você amanhã.

— Até amanhã — respondo, momentos depois dele ter ido embora.

As palavras de Roger ficam ecoando em minha cabeça. Flashes das últimas semanas me invadem. Então, cai sobre mim a noção de que eu estive fazendo quase todas as coisas que ele citou, e o pior é que eu ainda nem tinha levado a diaba para minha cama.

Peço outra bebida ao garçom, uísque dessa vez, pois preciso de algo forte, algo que me faça enxergar as coisas de forma lógica e fria.

Eu não estou me envolvendo com ela, afirmo a mim mesmo. Não da forma que Roger cogitou. Certo, fizemos piqueniques no Central Park, patinamos no gelo, tivemos uma noite incrível no navio e até mesmo fui àquele ridículo salto de paraquedas. Mas isso não quer dizer que eu esteja envolvido. Apenas que a vontade que tenho de levá-la para minha cama me faz ignorar e quebrar algumas regras.

Eu não estou me envolvendo com ela.

A arritmia em meu peito me faz temer um ataque cardíaco.

O caralho que eu não estava. Viro o copo, bebendo o uísque em apenas um gole.

— Outro! — Peço ao homem uniformizado.

Isso não pode acontecer. Eu fiz uma promessa. Uma promessa que não posso e não quero quebrar. Não posso esquecer ou ignorar as duas vidas ceifadas por minhas escolhas erradas na vida. Isso está fugindo do meu controle. O pensamento bate em minha consciência, fazendo-me emitir um gemido angustiado. Estou seguindo pelo mesmo caminho: destruir a vida de outra pessoa, outro coração se partiria. E, por mais que eu diga que não importa, importa. Ela é quente e eu sou frio de coração e alma. Alguém sairá de coração partido... E dificilmente serei eu.

Apesar de todos os drinques que tomei, ainda há um pouco de consciência em mim. Subo para o meu quarto, preciso falar com ela embora parte de mim diga que esse não seja o momento ideal. Não quando minha cabeça parece um redemoinho. Mas eu

preciso ouvir a única voz que faz o gelo em minha volta derreter.

O telefone toca... E toca. Não quero deixar um recado na maldita caixa de mensagem. Eu ligo para casa dela, nada. Quando penso em deligar, uma voz desconhecida põe-me em alerta.

— Alô? — murmura uma voz masculina — Com quem quer falar?

— Eu acho que foi engano — retruco, acreditando mesmo que eu havia discado errado. — Desculpe...

Mas, antes que eu desligue, escuto a voz que eu reconheceria em qualquer lugar, alertando-me que não havia sido engano.

Bato o telefone de volta, irritado comigo mesmo e com minha estupidez.

Enquanto eu passei as duas malditas noites com receio de trazer mais uma alma inocente para minha vida de merda, ela está passando a noite muito bem acompanhada.

Será seu amigo Joey? Ou o ex-noivo? Quem sabe eles são a mesma pessoa?

Por que eu deveria me preocupar? Era só a porra de uma foda mesmo!

Eu não atendi as ligações e nem respondi as dezenas de mensagens que recebi nas últimas horas. E, sim, por dois dias eu fui um garoto mimado e birrento. A verdade é que eu senti um grande prazer em ignorá-la. Eu havia sido claro com Penelope sobre monogamia nessa nossa relação ou o que tínhamos de relação.

Dissimulada! Eu havia sido categórico quando afirmei que exigia exclusividade. Uma terceira pessoa está, definitivamente, fora.

E o mais frustrante nessa situação é que, mesmo caindo na noitada de Washington, no dia seguinte, eu não consegui levar a loira que ficou o tempo todo pendurada em meus braços para o meu quarto de hotel.

A realidade é que eu não quero apenas mais uma gostosa, eu quero a maldita Charmosa.

De volta à New York, olho para o horizonte em busca do meu alvo, flexiono meus ombros e bato com força.

— Vá com calma aí, esquentadinho — Peter coloca-se ao meu lado e me entrega a garrafa de água.

No momento, o que eu anseio mesmo é pela potência de um bom Bourbon, descendo rasgando por minha garganta. Em vez disso, engulo longos goles de água antes de dar outra tacada forte na bola de golfe. O esporte sempre teve o poder de me deixar relaxado. Hoje, não acontece isso.

Meu desejo é que a pequena bola branca fosse a cara do maldito Joey e que eu pudesse arrebentar a cara do homem que antes significou apenas um nome para mim, mas agora tinha uma voz.

— Se você queria extravasar, por que não foi para a academia chutar alguns sacos de areia?

— Se você veio me aporrinhar... Por que não ficou em casa? — ignoro-o e passo para a bola seguinte. — Golfe me acalma, nem tudo se resume a músculos, devia saber disso.

— Socar alguém também me acalma — ele sorri, movimentando os músculos de forma exibicionista. — E golfe não está ajudando você. Talvez a festa de hoje à noite faça isso.

— Festa? — pergunto, dando outra tacada que passa muito longe do buraco.

Porra!

— Sim, mulheres, gatas, gostosas e sexo — continua ele, caminhando em minha direção. — Ainda se lembra o que é isso?

Não estou com cabeça para festa, não estou com cabeça para o golfe. Só consigo pensar na maldita mulher de olhar inocente.

Humf. Inocente?

— Que festa?

Desisto do jogo, entrego minha bolsa ao caddie e caminho até o carrinho Buggy azul e branco.

— Da Aline. Ela me disse que o convidou antes de você viajar a trabalho — diz ele, sentando-se ao meu lado.

— Aline?

Ele morde os lábios e faz um movimento em frente o peito.

— A gostosa siliconada, secretária do Neil — Peter sorri. — Ela tem uma queda por você.

Lembro-me de que ela havia citado isso, mas, na época, não prestei muita atenção. Eu tinha alguém mais interessante para observar.

— Não está saindo com ela? — pergunto a ele.

— E daí? — ele sacode os ombros. — Com ela, com outras, tanto faz. Eu estou no domínio público. Sou de todas elas, basta apenas fazer o download.

Eu não me envolvo profundamente com as mulheres para me proteger. Sendo mais claro: para proteger algumas mulheres daquilo que eu não posso oferecer a elas. Mas Peter não cria

laços, simplesmente porque ama a vida que tem. Sua lista de belas garotas daria inveja a qualquer galã de Hollywood. E o filho da mãe sabe como conduzir a coisas. Não há garotas chorosas ou furiosas com ele — nunca.

— E, provavelmente, boa parte da DET estará lá, não é mesmo? — pergunto, tentando mostrar pouco interesse.

— Creio que sim.

— Vou pensar no assunto — digo a ele.

Mas, no fundo, eu já tenho minha resposta.

Encontro-me muito mais eufórico do que realmente quero admitir. Estou nesse clube por causa dela e nem sei se Penelope estará por aqui. E ela pode estar acompanhada de Joey, por exemplo. Faço uma cara feia como se tivesse chupado limão estragado. A jovem na recepção desfaz o sorriso e encara-me sem jeito, certamente imaginando que o meu olhar furioso é destinado a ela.

Passamos por ela e, a seguir, estamos em frente à pista ensurdecidora.

A casa está lotada, mas não me impede de fazer uma

varredura analítica pelo local. Assim que meus olhos a encontram, meu corpo reage e eu me desmonto. Está linda, ainda mais linda do que eu me lembrava.

Parece concentrada em uma conversa com a jovem ao seu lado. Vejo quando se inclina em direção à garota morena.

E o decote? Caralho! Esse decote me faz tremer inteiro.

Dou uma breve avaliada nos componentes da mesa. Fico aliviado que seja composto apenas por garotas embora do outro lado tenha um grupo de homens afoitos e interessados nelas.

Meu sangue acelera. Eu vou até lá colocar cada um deles em seus devidos lugares. Mas, quando eu penso em fazer exatamente isso, cinco mulheres que eu não tenho ideia de onde surgiram, ficam em volta de mim e de Peter, mais em volta dele para ser preciso. Eu perco a vista da mesa e Penelope desaparece do meu campo de visão.

Um pouco irritado, tento afastar uma jovem que me diz alguma coisa. Então, eu a tenho novamente sob meus olhos.

Putá merda!

Uma coisa sou eu, heroicamente, ignorar suas ligações, mensagens ou qualquer tentativa de contato que ela tenha arriscado. Outra é ficar com ela cara a cara e a maldita, ainda por cima, estar vestida para matar.

Para me matar!

Nesse vestidinho preto, curto. Por onde ela passa, deixa um rastro de baba e homens salivando. Está vindo em minha direção. Eu vejo a ira em seus olhos. Conheço essa expressão: olhos injetados, pele vermelha e afogueada. Caramba! Se eu estivesse zangado, ela está furiosa.

— Com licença, garotas — Aline aproxima-se e afasta uma a uma as mulheres ao nosso redor. — Hoje a noite é minha e esses homens são meus.

Descontentes, elas acabam cedendo com a promessa de que Peter dançaria com cada uma delas antes do fim da festa. Eu realmente não presto muita atenção nisso. Tenho algo mais importante para olhar. Uma mulher que mexe com todos os meus sentidos. Mesmo eu odiando isso.

— Peter Stone, conheça minha nova amiga — Aline a arrasta para perto dele. — Essa é Penelope Walker. É a nova secretária do Sr. Durant. Saberia disso se não tivesse me abandonado e passado lá para uma visita.

Aline faz bico e Peter ri. Eu... Bem, eu presto atenção em cada movimento da loira ao lado dela, desde os passos curtos até Peter, ao seu sorriso sincero e olhar iluminado para ele. Acalorado demais para o meu gosto.

— É um prazer, Sr. Stone — diz ela, amável.

E o som da voz sensual faz meu pau ficar duro como se estivesse em sentinela, aguardando o pior momento para se fazer

presente. Que merda!

— Charmosa — Peter inclina-se para beijar sua mão e dá uma piscadinha para mim.

Filho da puta!

Ele havia entendido tudo. Não foi difícil ligar a Penelope, que eu praticamente havia implorado que ele encontrasse, à linda mulher à nossa frente.

— Como? — vejo-a piscar confusa com o que ele diz.

Desgraçado. Só eu tenho o direito de chamá-la assim.

— Eu sou seu Peter Perfeito — continua ele, com seu olhar galanteador. — Minha encantadora Pretty Penny.

— Ah, o desenho! — Ela desvia os olhos dos meus e sorri encantada para ele. — Nunca me acostumo com isso.

Como assim, minha Pretty Penny? Esqueci-me de que o miserável tinha que ter um personagem com o nome dele! E esse era apaixonado por ela.

— Peter Perfeito é apaixonado por sua Pretty Penny. Vocês realmente combinam — Aline pisca para ela.

Pigarreio, fazendo-me presente. Como assim eles combinam? São tão diferentes como a água e o vinho!

Olho furiosamente para Peter. Se eu estou nervoso? Nem chega perto disso. Eu quero esmagar as bolas do Peter com minhas próprias mãos!

— Bom, o Sr. Crighton você já conhece. Esteve no escritório muitas vezes — afirma Aline para ela.

— Claro — Penelope me encara. Seu olhar é frio como gelo.
— Sr. Crighton. Fez boa viagem?

Sr. Crighton? Caralho, não vem com essa para cima de mim!

— Srta. Walker... — respondo na mesma moeda, frio e indiferente. — Foi excelente, obrigado pelo interesse.

Seria impossível que as duas pessoas ao nosso lado não notassem a corrente elétrica entre nós dois? É como se o super-homem enfrentasse a Tempestade em uma briga ferrenha de olhares.

O clima começa a ficar estranho. A música na pista muda para uma melodia mais lenta.

— Eu amo essa música — Aline agarra meu braço em um estado eufórico. — Hoje não há desculpa, Adam. Essa dança é minha.

— Claro — respondo a ela, mas meu olhar está focado em outra.

Quero ver sua reação ao me ver com ela. Quero que Penelope sinta tanta raiva como eu senti. Sim, eu quero mesmo provocar ciúmes nela assim como fiquei há alguns minutos e, antes disso, quando aquele maldito filho de uma puta atendeu o telefone da casa dela.

Eu não tenho que ser o único me martirizando aqui.

Mas, assim que alcanço a pista, eu me arrependo. Claro que meu amigo cínico e fura olho não deixaria a mulher mais linda da festa desamparada. Pior do que os ver juntos, é notar o quanto eles parecem bem. Seria um casal bonito se Peter não fosse completamente errado para ela.

Enquanto eles riem de algo babaca que supostamente ele disse, sinto vontade de mandar minha acompanhante calar a boca.

— Aiiii! — Ela reclama, balançando a perna. — Pisou no meu pé de novo, Adam.

— Desculpe — volto a conduzi-la na dança mais atrapalhada de todas enquanto minha preocupação é saber o que Peter diz a Penelope a cada minuto e por que ela ri tanto.

Está tudo errado. Era eu quem deveria apreciar o doce sabor da vingança. E a noite toda seguiu assim com um provocando o outro. Se ela dançava com um cara, eu beijava uma mulher. Mas, quando o mesmo rapaz afoito do Ano Novo cruzou a linha do aceitável e tentou passar a mão nela, tive que ir para cima dele.

— Tira as mãos dela! — Afasto-o, acertando-lhe o rosto em cheio.

A partir daí, foram braços e pernas para todos os lados. Foi preciso que Peter viesse nos deter. Dessa vez, o jovem não estava tão embriagado como naquela festa e não foi tão fácil de vencer.

— Você é um péssimo namorado, sabia? — ele declara, com a voz anasalada, enquanto tenta estancar o sangue escorrendo pelo nariz. — Se não quer que outros fiquem de olho, deveria cuidar melhor do que é seu.

— Vá se fod...

— Já chega! — Urra Peter, levando-me para o outro lado do salão. — Se está querendo ser expulso daqui, está conseguindo.

Alguns seguranças chegam enquanto ele e Aline tentam garantir que tudo está resolvido e ficará bem. Eu sigo até Penelope, que me encara espantada.

— É ele o seu amigo Joey? — pergunto a Penelope quando chego próximo a ela. — Que esteve na sua casa? Que você andou se divertindo enquanto eu estive longe?

— Não, ele não é — murmura ela, com a voz estremecida. — Você é tão idiota que não enxerga nada?

Eu? Idiota?

Ela me encara firme antes sair cuspidando fogo. Vejo-a desaparecer entre a multidão, que volta a aproveitar a música alta como se nada tivesse acontecido. Briga entre casais deve ser algo corriqueiro por aqui, suponho.

— Adam! — O tom estridente de Aline me faz voltar a olhar para ela. — O que acha que está fazendo com a minha festa...

— Não enche, Aline — digo a ela, dando as costas a ela,

deixando-a falando sozinha.

Vou atrás de Penelope, pois nós não acabamos ainda. O que eu quero é pegar a infeliz de cabelo loiro e tirar satisfação de uma vez por todas.

Mas não a encontro em parte alguma, imagino que tenha ido embora. Frustrado, sigo em direção ao bar lotado.

— Vodca! — Grito a um dos bartenders. — Dupla.

— Uma cerveja para mim — Peter para ao meu lado e sinto cada músculo do meu corpo enrijecer.

— Vi muito bem como estive se insinuando — empurro-o, pegando-o de surpresa. — Fica longe dela, Peter.

— Senão? — ele me enfrenta com sorriso debochado. — Vai me bater?

— Não me provoque! — Empurro-o outra vez. E daí que ele é quase o dobro do meu tamanho? Se ele quiser briga, terá. Já fiz isso hoje à noite e posso fazer de novo.

— Olha aqui, vá com calma — Peter ergue os braços em sinal de paz. — Eu não sou o único homem na festa interessado, mas, se quer saber, eu estava fazendo um favor a você.

Cerro os punhos e preparo-me para atacá-lo. Cínico.

— Dando em cima dela? — cuspo as palavras, meu sangue está literalmente queimando em minhas veias.

— Está caidinho por ela, não é? — ele ri, cruzando os

braços. — Se Penelope é a *sua* garota, era só ter me falado isso antes.

Não, eu não vou dar meu braço a torcer.

— Ela não é *minha* garota. — murmuro seco.

— Cara... — Peter balança a cabeça e esfrega o rosto, como se não acreditasse no que eu estou dizendo.

Alguns minutos com ele e a desgraçada já o havia conquistado também. E eu que pensei que o sedutor da relação fosse eu.

— Além disso, basta olhar como ela dá mole para qualquer um aqui nessa festa. É como dizem: cara de anjo, jeito de piranha. — acrescento com um tom de desprezo na voz.

Não foi a reação dele que me alertou que eu havia feito merda. É a reação que meu corpo tem sempre que ela está por perto. É como se houvesse uma força magnética que me atrai em sua direção.

Dou meia volta e a encontro parada atrás de mim. Foi sua postura orgulhosa, os lábios trêmulos e olhar marejado que me fizeram sentir um cretino-babaca. E eu tenho a confirmação do que ela me disse antes, sou mesmo um idiota.

Apesar de visivelmente ferida pelo que eu disse, Penelope passa por nós dois como uma rainha diante de seus súditos.

— Um martíni, por favor — ouço-a dizer com a voz suave.

Peter e eu somos desprezados e ignorados como se tivéssemos lepra.

— Precisamos conversar — coloco-me ao lado dela.

— Acho que não — vejo-a entornar a bebida e pedir outra.
— Mais um.

— Precisamos sim — urro, furioso.

— Você desaparece por dois dias e acha mesmo que eu lhe devo explicações? — rebate ela, tão irada quanto eu. Ainda assim, eu a acho linda. — Eu sou só uma mulher dando em cima de qualquer um, uma piranha. Não temos nada, lembra?

— Uma merda que não temos!

Transtornado, agarro-a pelos braços e colo seu corpo no meu.

— Acho que eu fui realmente um idiota, não? — puxo-a rente a mim. Seu cheiro é mais embriagador que a vodca que tomei minutos antes. — Flores, jantares... — deslizo minha mão pelo seu corpo, que não é tão imune a mim como ela quer me convencer, ele reage a cada toque meu. — Quando tudo o que você queria era uma boa trepada?

O tapa em meu rosto, ardido, em vez de me enfurecer, faz inflamar ainda mais a paixão correndo em minhas veias. Então, eu a beijo, com fome, com necessidade e por todos os dias de ausência, como quis fazer a noite inteira. Logo, é meu corpo respondendo ao dela.

Pólvora e fogo. É isso que somos.

Incendiando-nos.

Eu quero rasgar sua roupa e marcá-la como minha na frente de todos. Porra, como quero me enterrar dentro dela e saber se é mesmo o paraíso que sempre imaginei. A intensidade desse pensamento e o poder que essa mulher tem sobre mim são assustadores.

E o que me causa pânico não são os danos que eu poderia fazer a ela como imaginei antes, mas a certeza de que me envolver com Penelope causará a nós dois somente uma coisa: destruição.

— Eu não posso — murmuro, afastando-me. — Eu sinto muito.

Capítulo 16

Penelope

Eu o odeio!

Odeio aquele homem com todas as minhas forças. E me odeio ainda mais por ainda desejá-lo tanto. Porque, mesmo que eu negue, estou a cada dia mais apaixonada por ele. Não importa as merdas que ele faça comigo ou o quanto ele me magoe. Eu simplesmente sou incapaz de controlar meu coração idiota sempre que eu o vejo.

Isso só prova o quanto eu sou burra e ingênua. Eu me deixei levar por fantasias tolas depois de tudo o que passei com Max. Apesar de tudo que sei sobre Adam e sobre sua vida devassa, ainda assim, deixei-me levar pelas emoções. Agora eu me encontro aqui, furiosa e de coração partido de novo.

Quantas vezes serão necessárias eu me ferrar para entender que não devo baixar a minha guarda e confiar nas pessoas? Elas

sempre farão merda.

— Mais uma dose — digo ao bartender, estendendo meu copo.

Já estou na quinta ou sexta dose e não faz nem meia hora que ele foi embora.

Ele foi embora.

Aquele cretino!

Dá-me um beijo capaz de abalar todas as minhas estruturas, um beijo arrebatador que havia tirado todo meu autocontrole — *e depois ele foge. Eu o odeio, definitivamente.*

— Eu acho que já chega.

O grandalhão para ao meu lado no bar e pega meu copo antes que eu o alcance de volta.

— Você já bebeu demais por essa noite, minha pequena Penny.

Era só o que me faltava! Quando o diabo não vem, ele envia demônios no lugar dele. E esse, em particular, à primeira vista, é assustador. Inicialmente, claro. Mas foi preciso apenas dez minutos ao lado dele para notar que toda aquela montanha de músculos, na verdade, é um disfarce. São apenas músculos mesmo.

Peter me faz lembrar o meu primo Dallas, irmão de Juliene. Dos três irmãos dela, Dallas é o mais metido a valentão, mas, por

baixo de toda a couraça e mania de bad boy, há um homem encantador e sensível.

— Não enche! — Falo, valente, e tento alcançar a bebida pairando acima da minha cabeça.

Ele levanta o copo ainda mais alto e pareço uma criança tola perseguindo o doce. Ah, que homem irritante! Eu o odeio também.

— Sei que ele foi um grande filho da mãe com você — Peter declara, enrugando a testa ao me encarar. — Mas, se continuar bebendo, irá se arrepender disso amanhã de manhã. Pode apostar que sim.

Não quero pensar no amanhã. Eu só quero a droga de uma bebida. Ela aquece meu corpo e meu coração não parece doer tanto. Eu sei que beber não é a solução para os meus problemas, mas essa noite eu só quero esquecer. Esquecer-me de todas as coisas que já me fizeram sofrer na vida.

— Que se dane! — Dou as costas a ele e peço outro drink.

De novo, vejo a bebida seguir em outra direção.

Mas que homem!

Por que ele não me deixa em paz e sozinha como o amigo dele havia feito?

— No momento em que olhei para você, soube que eu não teria chance alguma — Peter coloca o copo de volta no balcão,

segura meu ombro, gira meu corpo e obriga-me a olhar para ele — Você é diferente, Pretty Penny. Não é o tipo de mulher que a gente quer uma foda por uma noite. Mulheres como você fazem a gente querer apresentar aos nossos pais e colocar uma aliança no dedo. É isso que assusta alguns homens.

Ele não está caçoando de mim. Vejo sinceridade em sua voz no que se refere a mim, mas não vou cair nessa conversa mole.

Adam assustado? Comigo?

Puff...

— Ah, é mesmo? — pergunto de forma irônica. É muito difícil acreditar no que ele está dizendo, conhecendo o histórico desses dois. — Aline também é para casar e você só transou com ela e depois a descartou como uma toalha velha.

Tudo bem, ela é um pouco avoada e talvez seja um pouco ambiciosa, mas isso não faz dela alguém descartável.

— Aline, para casar? — Peter solta meus ombros e ri cinicamente. — Ela *quer* casar. Isso é bem diferente de uma donzela imaculada como você.

Homens e suas manias em rotular as mulheres.

Gostasas, vadias, donzelas...

— Eu não sou imaculada! — Minto, no momento estou muito zangada com ele.

Será que o fato de ser virgem é tão visível assim?

— Ah, é? — Peter me encara firme, mas carregado de sarcasmo.

— Isso é tão machista, sabia? — pego o copo do balcão em um momento de distração dele e viro tudo em um único gole.

A reação à bebida chega primeiro aos meus olhos, fazendo-os lacrimejar; em seguida, a queimação desce por minha garganta, chegando ao estômago; e, logo depois, tenho a sensação de estupor. É reconfortante me sentir assim — leve.

— Droga, pequena! — Ouço-o esbravejar ao meu lado. — Você não é fácil.

— Homens são ridículos — cutuco um dedo no peito dele. — Essa garota é para casar — murmuro com língua já enrolando e olhar de deboche. — Aquela é para cama, minha cama.

Vou apontando várias mulheres em torno de nós.

— Casar! Cama! Casar! Cama! — Continuo apontando em várias direções e meu mundo começa a girar. — E se a gente estiver interessada apenas em sexo? Quem disse que eu quero algum compromisso com ele?

— Menina... — ele assovia com um enorme sorriso. — Você de anjo só tem o rostinho. Que língua afiada!

Volto a olhar para ele, pronta para uma boa briga.

Uau, ele é bonito! Um espécime masculino que faz você ter pensamentos indecorosos. Mas eu não posso ter pensamentos

inoportunos com ele porque meu coração é de outra pessoa.

De certa forma, Peter tem razão: sou o tipo de mulher que sexo e amor andam juntos.

— Não sou uma menina! — Digo a ele, ranzinza e com a língua entorpecida.

Eu me sinto engraçada. Muito divertida. Soluço e apoio meus cotovelos no balcão, ousando uma pose que eu juro ser sexy. Olho para todos os homens que passam, até arrisquei uma piscadinha para um e algo como um assovio para outro.

— Também não é uma mulher... — ele me encara com olhar penetrante. — Conheço uma quando a vejo. Você *ainda* não é.

— Ah, é. Pois saiba que qualquer homem aqui pode resolver esse meu problema, assim... — balbucio e estalo meu dedo. — Aquele seu amigo idiota não precisa fazer esse grande favor. Está cheio de homens aqui querendo fazer amor comigo.

Dito isto, sorrio e ando cambaleando em direção à pista de dança.

— Primeiro, se quiser agir como uma garota desencanada da cidade grande... — inicia Peter, bloqueando meu caminho e a visão para um grupo de homens em uma mesa. — Não pode dizer “*fazer amor.*” Nenhum homem aqui faz amor. Nós trepamos. Segundo, o único homem que poderia fazer “*amor*” com você saiu há meia hora, caso não tenha percebido isso. E terceiro, eu não vou permitir que nenhum idiota a toque até ser capaz de se

manter firme em suas pernas.

— Adam é um babaca! — Tento afastá-lo, mas é como tentar mover uma montanha. — Um babaca com *Caps Lock* ligado, e você é um imbecil.

— Um babaca que você ama — Peter volta a sorrir e não consigo ficar brava com ele por muito tempo. Ele tem charme, muito charme. — Ele não é imune, acredite. Quanto a mim, já me chamaram de coisas bem piores. Agora vem, vou te levar para sua casa.

— Por que eu entraria no carro de um estranho? — pergunto enquanto sou conduzida à saída, mal conseguindo equilibrar nas minhas pernas como ele disse, mas minha língua, essa continua na ativa. — Mesmo que ele seja bonito e arrogante. Sem contar assustador e...

— Não tem condições de dirigir — ele diz e, então, antes que eu perceba, estou sendo carregada em seu colo. — Também não vou deixá-la sozinha em um táxi.

— Por que está fazendo isso? — soluço.

— Porque é isso que Adam espera que eu faça: cuidar de você — afirma, colocando-me no chão assim que alcançamos a calçada. — Daqui a alguns anos, quando estiverem casados e com um monte de filhos, ele irá me matar se souber que a deixei sozinha esta noite.

— Não vou me casar de novo — sussurro antes de entrar no

carro. Vejo uma ruguinha se formar em sua testa, mas não vou iniciar com explicações constrangedoras. — Nem com ele, nem com ninguém. Não quero um casamento como o dos meus pais.

— Quem quer um casamento como o dos pais? — ele me questiona, sendo que a sua declaração soa amarga tanto quanto a minha. — Eu, sem dúvida que não.

Eu fico intrigada com o que ele disse. Como será sua relação com os pais? Ele não faz o tipo que se permite dominar como eu fui.

— Nem sonhe em vomitar no meu carro, Pretty Penny — Peter ordena ao olhar meu rosto e me ajeitar no banco, afivelando o cinto de segurança. — Esse é o meu bebê.

Dou risada. Homens, constantemente, dão mais valor aos carros do que às mulheres.

— Fique aqui, eu já volto.

Ele me faz rir, mesmo com raiva dele. Nem sei por que estou com raiva dele. Talvez eu tenha desenvolvido uma síndrome contra todos os homens ou, quem sabe, seja só o efeito da bebida em meu sangue.

— Vai me dar o seu endereço ou preciso usar os meus superpoderes? — ele me indaga ao retornar alguns minutos depois.

— Você não é detetive? Descubra meus segredos. Faça seu abracadabra acontecer — provoco-o, ainda rindo. — Fez-se a

luz... E no sétimo dia...

— Tudo bem, vamos para a casa do Adam, então.

— Brooklyn Heights — respondo com pressa, endireitando-me no banco. A menção do nome dele foi como se alguém tivesse jogado um balde coberto de gelo em minha cabeça.

Não. Não posso vê-lo ainda. Talvez eu não seja capaz de encará-lo nunca mais. E, nesse momento, não me sinto bêbada o suficiente. Preciso de, no mínimo, umas duas garrafas de Scott.

— Adam é um grande idiota — repito com a voz fraca. — Já falei isso esta noite?

Eu queria ser como Aline ou qualquer garota daquela festa. Não importa para onde eu vá, as roupas que eu vista ou o que eu faça, sempre serei a filha virgem e bobona do reverendo. Achei que New York mudaria isso. Bem, algumas coisas nunca mudam, não é mesmo?

— Ele é um grandíssimo idiota — continuo falando. — Eu já te falei como ele é idiota?

— Só nos últimos cinquenta minutos? — provoca Peter antes de parar o carro. — Chegamos. Graças a Deus, eu não aguentaria essa ladainha por muito tempo.

Surpresa, percebo que chegamos ao meu prédio e que eu nem havia percebido. Assim como ele fez no clube, Peter me carrega no colo. Acho graça disso, mas deixo-o agir em seu modo protetor. Ele me solta para que eu procure as chaves na minha

bolsa, só que eu nem me lembro de tê-las pegado no guarda-volumes. Ah, sim, ele deve tê-las resgatado quando estive esperando por ele.

Procuro as chaves, mas ao me ver sendo incapaz de encontrá-las, ele mesmo faz isso. Acendo as luzes quando entramos e, por um momento, a claridade cega meus olhos, fazendo-me oscilar. Caramba, ele tem um peito forte.

— Qual é o seu quarto? — ele me pergunta, atrás de mim.

Viro-me para ele, tentando captar algo malicioso em sua pergunta.

— Vai fazer amor comigo? — pergunto, alarmada.

Eu não quero isso. O que só mostra o quanto sou imbecil. Qualquer mulher estaria no céu em passar a noite com ele.

— Você não quer isso, Pretty Penny — murmura ele, guiando-me até o corredor. — Além disso, você me parece uma irmãzinha. Se eu tivesse tido uma, o que seria muito estranho.

A vida está sendo realmente sacana comigo. Um não me quer porque acredita que sou uma vadia que pula de cama em cama. Seria até compreensível se ele não procurasse exatamente esse tipo de garota. Bem, talvez eu que não seja o tipo de vadia que Adam procura.

Já o outro não me quer, porque eu o faço lembrar a irmã que nem ao menos ele tem.

— Eu também não quero. Você é até bonitinho... — soluço.
— Mas, maior do que você, é esse seu ego gigante.

— Não é só meu ego que é grande, querida — provoca. —
Tenho outras coisas que a deixariam impressionada.

— Sua modéstia, então? — ironizo, indo em direção ao meu quarto.

— Garota...

— Convencido!

Ouçõ a gargalhada dele atrás de mim e não consigo evitar sorrir. Ê, inexplicavelmente eu gosto dele como um irmão que eu não tive. Aquele que você pode pedir para quebrar a cara do garoto malvado da escola por ter partido o seu coração. Pena que o garoto malvado é um dos amigos dele. Com todos esses músculos, Peter faria um estrago e tanto no rosto lindo e perfeito de Adam, o que me deixaria muito satisfeita nesse momento.

Ê, ter um irmão seria muito bom. Isso me faz pensar em Cory e em como seriam nossas vidas se ele estivesse vivo. Pensar nele traz lágrimas aos meus olhos e um aperto em meu peito. Talvez meu pai fosse diferente se Cory ainda estivesse entre nós. E eu poderia ser, quem sabe, a garota certa para o Adam.

Apago a luz e me jogo em cima da cama. Meu último pensamento é que não deve ter nada de errado comigo. Adam que é um babaca-idiota.

E como eu o odeio. E como eu o amo.

Acordo com uma tremenda dor de cabeça. Parece que tem uma furadeira fazendo festa lá dentro. Meus lábios estão ressequidos e parece que passei os últimos vinte anos no deserto do Saara. Estou tão derrotada que prometo a mim mesma que nunca mais irei beber tanto assim. Nenhum homem merece as consequências disso.

Levanto-me gemendo, praticamente me arrastando pelo quarto e sigo em direção à cozinha. Ao passar pela sala, dou um estridente grito de pavor com o que vejo.

Há um homem imenso esparramado no minúsculo sofá da sala.

— O quê? — ele salta assustado. Vejo-o pegar uma arma no cós da calça e apontar para minha cabeça. — Está maluca? Eu poderia ter atirado em você.

Ele parece relaxar ao me reconhecer. Mas eu continuo trêmula, ora olhando para ele, ora olhando para a arma ainda apontada em minha direção.

— Peter? — pergunto, confusa. — O que está fazendo aqui?

Flashes da noite anterior me vêm à cabeça. Imediatamente,

fico rubra e com desejo que o chão se abra sob meus pés para que eu possa me esconder dentro e nunca mais sair. Eu havia agido como uma maluca. Honestamente, eu sou o exemplo de pessoa que não deve beber — nunca!

— Meu apartamento fica do outro lado da cidade — ele se explica, voltando a se jogar na poltrona, guardando a arma. — Já que minha noite estava completamente arruinada, resolvi ficar por aqui.

Volto a ficar vermelha. Pela quantidade de mulheres que o seguiam pela festa, posso imaginar como a noite dele acabaria. Eu me sinto como Aline sempre diz: uma empata foda.

— Sinto muito — murmuro, constrangida. — Não quis estragar sua noite. Há algo que eu possa fazer para corrigir?

— A gente poderia ir para o quarto — ele me lança um olhar sexy e passa a língua pelos seus lábios. — Você não está mais bêbada e não me sentiria como um aproveitador.

Não acredito que ele está na minha casa, passando-me uma cantada. Mas que tremendo cara de pau!

— E sobre aquela história toda de eu ser para casar?

Um benefício que eu não tenho com a bebida é amnésia alcoólica. Infelizmente, eu me lembro de tudo que ocorreu nas últimas vinte quatro horas.

— Então, a gente se casa... — diz ele, com o olhar muito sério. — Eu fodo você e a gente se separa. O advogado já temos.

Maldito! Ele está, literalmente, tirando sarro da minha cara. E por que ele tinha que me lembrar do Adam?

— Vou fazer o café e aí estamos quites. É a única coisa que irá conseguir de mim hoje.

— E amanhã? — ele ri, jogando uma almofada na minha direção enquanto anda como uma pantera até a mim. — Ninguém pode culpar um homem por tentar.

— Idiota! — Pego outra almofada que havia caído na cadeira e joga-a de volta em direção a ele.

— Capricha — sinto um tapinha de leve em minha bunda. — Sou um homem que precisa ser alimentado, de todas as formas.

Canalha.

Sorrio de volta para ele. Definitivamente, não há como eu ficar brava com ele. Não quando Peter foi tão gentil trazendo-me para casa sem se aproveitar de mim.

Que esquisito...

É a segunda noite que passo com um homem lindo e continuo tão casta como a Virgem Maria. Não seria estranho se eu comesse a andar por aí operando milagres. Infelizmente, o único milagre que eu gostaria de fazer parece cada dia mais distante.

Capítulo 17

Adam

Eu literalmente havia fugido, saído como um covarde. Não há outra explicação além desta. Escapei, temendo os sentimentos que ela me provoca, com medo de mim e do que eu poderia fazer

se continuasse beijando-a porque nada em minha vida parece tão certo como tê-la em meus braços. Meu corpo nunca se incendiou tanto como quando a tenho junto a mim, mas eu me esquivei.

E esses sentimentos são como redemoinhos me virando do avesso e eu já não sei mais quem sou. Eu corri dessa força esmagadora que me atrai para ela, destruindo todas as minhas defesas.

Eu comecei um jogo perigoso sem me dar conta que ele poderia se virar contra mim. Eu nunca quis complicações em minha vida, se é que posso chamar o que tenho de vida. Andei flutuando por ela, saciando meu corpo de cama em cama entre lençóis de seda, com incontáveis números de mulheres enquanto soterrava minha alma no mais profundo abismo dentro de mim. Naquele lugar sombrio e frio onde eu sabia que sentimentos não tem vez, onde há apenas solidão.

Inferno!

Eu nunca imaginei que alguém fosse capaz de me arrancar de lá, da minha zona de conforto, da inércia que era a minha vida. Mas sentimentos é algo que, por mais que você queira, não consegue controlar. Eu jamais quis alguém que me fizesse sentir mais do que desejo e que essa história fosse muito além do prazer carnal. Eu nunca cogitei que um sorriso fosse capaz de iluminar meu dia como mil estrelas no céu.

Então, eu me dou conta de que não sou dono do meu coração. Não dá para ditar ordens ou seguir regras como sempre

pensei que eu pudesse fazer, muito menos a um coração como o meu, que passou tanto tempo se protegendo.

Descobrir que eu não tenho controle de nada é uma verdadeira merda.

Agora, estou diante dessa lápide fria, sentindo-me completamente perdido e sem direção.

— Eu fiz uma promessa a você, Cecilia — murmuro, com a voz estrangulada. — E já não sei se sou capaz de cumprir. Diga-me se estou errado, por favor.

Não há resposta, como eu já esperava. Tudo que obtenho é a brisa gélida tocando o meu rosto e deixando o meu corpo exatamente como minha alma: fria. Eu estou fraquejando, minhas estruturas estão ruindo e nunca tive tanto medo.

O dia seguinte é uma verdadeira merda. Estou na casa dos meus pais, tentando agir naturalmente: sorrir, conversar, conectar-me com as pessoas, mas isso não está funcionando muito bem. Por mais que eu tente interagir com eles, meu único desejo é estar longe.

Eu já havia sido rude com minha mãe, discutido com meu

pai e assustado uma das minhas sobrinhas.

Por quê?

Simplesmente porque eu tenho essa incrível capacidade de arruinar com tudo à minha volta, afastando de mim quem eu amo. É como se essa necessidade de ficar sozinho e isolado fosse a mesma necessidade de um viciado em busca de uma nova dose, cada vez mais destrutiva.

— Cerveja? — pergunta Liam.

Nego com a cabeça. Não quero anestesiá-lo meu corpo com a letargia que o álcool traz. Pelo contrário, preciso mergulhar fundo nessas sensações sombrias. É aqui que eu preciso ficar. Lembrando-me de que o amor pode ser tão perigoso como uma roleta russa.

— Cara, você está péssimo! — Exclama ele, sentando-se ao meu lado em um dos bancos em frente ao jardim. — Duvido muito que a noite tenha sido boa.

— Não comece, Liam — murmuro, irritado. — Hoje não.

Liam tem um ano a mais que eu, mas sempre senti ter mais idade do que ele. Talvez seja porque, de nós dois, ele sempre foi o mais descontraído, brincalhão e se joga no mundo como ninguém. A vida, para ele, é uma verdadeira festa. Ele não tem traumas nem grandes preocupações.

Sempre quis ser médico e isso agradou aos nossos pais. Ao contrário de mim, que preferi seguir um caminho diferente. Eu

sempre caminhei do outro lado da estrada, na contramão.

Liam é o palhaço da turma, sempre tentando aliviar as coisas com suas piadas malfeitas, mas, hoje, nem mesmo ele conseguirá me arrancar da névoa densa na qual me isolei.

— É depois de amanhã, não é? Por isso anda tão arredio? — murmura ele, em uma voz baixa. — Seis anos de luto é muito tempo, Adam.

Seis anos. Passaram-se seis longos anos. E o sentimento de culpa e desolação continuam os mesmos. A diferença, agora, é que eu havia encontrado alguém que me fez refletir se viver nesse mundo de autodestruição é o normal.

— Parecem seis dias... — digo a ele. — Algumas coisas ainda são tão claras. Minhas palavras, as dela... — respiro fundo, tentando aliviar a pressão em meu peito. — O velório, o enterro. Nenhum desses momentos vai embora, nunca.

— Adam, você tem que seguir adiante.

— Eu tentei seguir adiante — murmuro, seco.

Do meu jeito, mas eu tentei.

— Eu só quero que você seja feliz — insiste ele, tocando meu ombro. — E pare de se culpar por algo que você não teve controle. Coisas ruins acontecem todos os dias, com as melhores pessoas, mas, se a gente se abrir para a vida, coisas boas surgem também. Pense nisso, meu irmão.

Pondero sobre suas palavras por algum tempo enquanto ficamos em silêncio, apreciando o resto da tarde. Esse é um daqueles momentos em que não é preciso dizer muito, pois tudo está subentendido em nossos olhares.

Liam, mais do que qualquer pessoa no mundo, sabe o que eu sinto, o que eu penso e todos os demônios que enfrento, principalmente a dor e a culpa que carrego dentro de mim.

E eu começo a me perguntar se talvez ele tenha razão. Teria chegado o momento de seguir em frente?

Estou pronto para isso?

Retorno à minha casa mais cedo do que me programei apesar dos protestos da minha mãe para que eu passasse a noite lá.

Entro e, como sempre, encontro um ambiente vazio. A decisão que tomei está martelando em minha cabeça.

Vou seguir com minha vida como sempre fiz, nada de complicações. Na cozinha, as imagens de nós dois ali, imediatamente, invadem minha cabeça. A infeliz marcou minha casa tanto como se tivesse sido tatuada em mim.

— Que droga! — Saio, apressado.

Não estou disposto a isso, não hoje.

No quarto, meus pensamentos se voltam para a noite anterior. O olhar magoado e a decepção em seu rosto são as primeiras imagens a invadir minha cabeça, espezinhando-me.

Eu nunca fui rude com nenhuma mulher, mesmo com as com quem tive um caso de apenas uma noite. Mas com Penelope foi diferente. Eu quis magoá-la da mesma forma que eu me senti ferido. Isto porque imaginá-la com outro é enlouquecedor. Sentir ciúme não é algo que eu esteja acostumado. Esse é outro sentimento que ela causa em mim que eu odeio.

Maldita mulher!

Passei a última noite naquele hotel imaginando Penelope com o tal do Joey. As imagens me martirizando. Pensamentos sobre o que eles poderiam estar fazendo juntos. Qual seria a reação dela no ápice do prazer? Será que ela tremia nos braços dele como vibrava comigo? Os beijos que trocavam seriam tão quentes e eletrizantes como os nossos? E será que entre eles havia tanta paixão como com nós dois?

Aquela linha de pensamentos havia me deixado louco. Eu não queria, mas essa ideia me feriu mais do que ao meu ego.

E é de emoções como essa que eu quero manter distância. Mas ficar longe dela também está fodendo com a minha vida. É como andar em um labirinto de sensações.

Volto para a sala, estou inquieto, o quarto me faz ter pensamentos conflitantes. Chego à sala e noto a luz da secretária eletrônica piscando. Lembro-me de que desliguei o celular. Minha intenção era ignorar qualquer um que tentasse entrar em contato comigo, pois não sou uma boa companhia para ninguém. Mas a estranha sensação de que pode ser algo importante fala mais alto.

— Adam, querido... — reconheço a voz, antes mesmo dela se identificar. — É a Celeste. Você se esqueceu de mim? Faz tempo que não vem nos visitar. Joseph tem perguntado por você. Bem, me ligue.

Há outras mensagens, mas prefiro ignorar. Celeste e Joseph são os pais de Cecília e costumo visitá-los regularmente. Eles praticamente haviam me adotado como filho deles após a sua perda.

Faz semanas que não a vejo. Desde que reencontrei Penelope, não faço uma visita aos dois. Na realidade, venho evitando esse reencontro.

Culpa. Tenho certeza. Receio encará-los e que eles possam enxergar que algo em mim tenha mudado.

Assim como eu, mesmo após seis anos, Celeste não se recuperou da morte de sua filha e de seu neto. O quarto que era dela continua intacto. Sempre que vou à casa dela, passamos horas ali relembrando fatos da nossa juventude e infância. Internamente, sei que não é saudável ficar remoendo lembranças e que eu deveria incentivá-la a continuar sua vida, mas o que eu

posso fazer? Celeste havia perdido seu bem mais precioso, sua filhinha. E o culpado era eu. O mínimo que podia fazer era consolá-la e tentar ser o filho que ela já não tem.

Carregado pelo remorso, ligo para ela. Sou recebido com a mesma alegria de sempre, o que aumenta ainda mais o meu pesar. Conversamos um pouco e confirmo minha presença na cerimônia que será realizada na terça-feira.

Todos os anos, Celeste manda celebrar uma missa em homenagem a Cecília. Estive presente em todas, é claro.

Depois que finalizo a ligação, sigo direto para meu quarto. Tomo um longo banho, meus músculos estão tensos. Jogo-me na cama, desejando que a minha alma pudesse ser limpa com a mesma facilidade que o meu corpo.

A segunda-feira passou mais rápida do que eu gostaria. O trabalho fluiu bem, mantendo-me distraído, pelo menos, durante o dia. Já não posso dizer o mesmo da noite. Tive um sonho horrível. Nele, Penelope e Cecília estavam em um abismo e eu tinha que decidir qual delas eu ajudaria a sobreviver. De um lado, minha amiga de infância, a quem eu compartilhei sonhos e planos em minha juventude; do outro, a mulher que me arrancou

da vida vazia que estava levando e que me faz, a cada dia, desejar algo mais, mais do que apenas sobreviver.

Qual das duas eu escolhi, ou melhor, eu escolheria? Eu não sei. Acordei suando frio antes de tomar qualquer decisão. Não consegui voltar a dormir. Passei o resto da madrugada em claro, anestesiado por esse sonho, pensando.

Acabei indo para o escritório mais cedo.

Grace ficou surpresa em me ver, pois nunca apareço no trabalho nessa data e, se tiver alguma audiência importante, envio um substituto, que nos últimos dois anos tem sido Savannah.

Durante a manhã, foquei no trabalho com ainda mais afinco.

Agora, no fim da tarde, ouço o sermão do clérigo mesclado ao choro sentido de Celina.

— Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes quanto aos que dormem para que não se entristeçam como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, cremos também que Deus trará, mediante Jesus e com Ele, aqueles que nele dormiram...

Ouçó, entorpecido, a cerimônia fúnebre. Pergunto-me por que continuamos ano a ano fazendo isso.

— O Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido.

Cecilia foi amada por seus pais e eu a amei também, mas será que não chegou a hora de deixarmos que ela vá embora?

— Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou. Porque este Deus é o nosso Deus para todo o sempre; Ele será o nosso guia até o fim.

O pároco faz suas considerações finais após ler algumas passagens da Bíblia enquanto as pessoas que ainda comparecem, todas da família, vêm nos cumprimentar e, pouco a pouco, deixam o local.

Liam me abraça e lança um olhar reprovador, que eu ignoro. Celeste dá seu último adeus e enrosca-se em meus braços. Eu a conduzo até a saída em silêncio.

Do cemitério até sua casa é o mesmo de sempre: lágrimas e lamentações. Eu já conheço essa procissão e sei onde ela irá parar.

Chegamos à casa dos pais de Cecilia. Joseph vai direto para o bar como de costume. Celeste vai para o quarto da filha, esperando que eu a acompanhe. Confesso que, dessa vez, desejo me esquivar. É como se essa casa e todas as memórias que há nela me sufocassem, mas eu sigo em frente, fazendo o que é esperado de mim.

Eu devo isso a ela; minha consciência acusa.

O quarto continua do jeito que Cecilia deixou. A mochila

com seu caderno e livros da faculdade caídos em um lado da cama. Na cadeira, em frente à penteadeira, uma camisa delicada de seda, que um dia já fora branca, agora se encontra amarelada pelo tempo. Os sapatos estão jogados perto da porta. Até o retrato com uma foto de nós dois, que Cecilia provavelmente manuseou naquele dia, permanece intacto em cima da cama.

Sinto que vou sufocar. A sensação que tenho é de estar sendo enterrado vivo e que, quando eu atravessar aquela porta, outra parte da minha alma ficará nesse quarto, como tem acontecido por anos. Um pouco de mim vai embora.

— Sinto tanta falta dela — choraminga Celeste, sentando-se com cuidado aos pés da cama. — Sabe, passamos dias e dias aqui, conversando sobre vocês, planejando o seu casamento.

Ela estende a mão em minha direção, um pedido silencioso para que eu me una a ela.

— Cecilia o amou tanto, Adam — murmura ela, apoiando a cabeça em minha cintura. — O que me conforta é saber que você a amou também e que a continuará amando, não importa o que aconteça. O amor de vocês é do tipo que dura a vida inteira.

Pela primeira vez, desde que iniciamos esse ritual há seis anos, deixo que as lágrimas escapem pelo meu rosto. Eu amei a Cecilia, amei quando era uma garotinha e corria atrás de mim com suas tranças. Amei a jovem que esperou por mim, pacientemente, em sua adolescência. E a mulher que ela começou a se transformar. Mas, nem de perto, chega ao que eu

sinto hoje por outra pessoa. Isto, de certa forma, me destrói.

Penelope é como um raio de sol infiltrando-se em um dia nublado. A chama que me aquece em um dia de inverno. A onda que me afaga em um dia de verão.

Mas a sensação que eu tenho, agora, é de que estou traindo Cecilia e a promessa que fiz. Se já não bastasse ter lhe arrancado a vida, estou manchando a sua memória, diminuindo os meus sentimentos por ela.

— Você tem que prometer que ela nunca será esquecida — implora Celeste. — Que ela nunca sairá do seu coração, que nenhuma outra irá ocupar o lugar que pertence a ela.

Eu não sei o que dizer. Eu quero que ela pare. Que pare de falar e que essa tortura termine logo, mas sei que durará por horas.

— Era seu filho, Adam — continua ela em uma voz frágil. — Seu filho e sua futura esposa. Nunca se esqueça disso.

— Eu não vou me esquecer — as palavras escapam, doloridas. — Eu prometo.

Como sempre acontece, parece que hoje selamos um pacto. Esse é o meu preço, meu castigo.

Mesmo com Celeste pedindo que eu ficasse, resolvo ir embora. Não preciso me trancafiar naquele quarto com ela para saber o que perdi. Dia a dia minha consciência me lembra disso.

Passo por Joseph na sala. Tiro a garrafa pendendo em sua mão e ajeito-o melhor no sofá. Enquanto Celeste procura lembranças para arrefecer sua dor, ele esquece-as com a bebida. Não o condeno, eu planejo fazer o mesmo, pelo menos por hoje.

Normalmente, eu passo a noite aqui. Hoje, prefiro ficar sozinho.

Chego em casa e meu companheiro fiel e de longa data, um Mallacan 1929, me espera. É uma extravagância, visto que uma garrafa desse uísque me custou mais de seis mil dólares. Mas eu não me importo. Algo de bom precisa acontecer hoje, então que seja a bebida. E logo ela me traz o efeito desejado, tanto meu corpo como minha cabeça parecem longe.

Minuto a minuto, eu vou esvaziando a garrafa. Inicio outra com pesar, pois é a última do meu seletivo bar.

A campainha toca. Decido ignorar e focar toda a atenção no meu copo. Mas o barulho insistente começa a me irritar. Por certo, deve ser Liam ou minha mãe. Talvez tenham notado, no cemitério, que dessa vez foi diferente para mim. Rastejo até a porta, pronto a exigir que eles vão embora. Não quero a piedade deles e nem a de ninguém. Eu não sou o coitadinho aqui como

eles pensam. Eu sou um maldito filho da puta!

— Grace?

Sacudo a cabeça, desorientado. Estou ciente que havia bebido muito, mas não achei que ao ponto de ter alucinações. Além disso, de todas as pessoas no mundo, Grace é a última pessoa que quero ver.

— Liguei para Celeste para falar com você e ela me avisou que havia voltado para casa — declara, entrando em minha casa, mesmo sem meu convite. — Sei que esse é um dia difícil, por isso estou aqui.

Caminho até o sofá com certa dificuldade. Passeio os dedos pelos meus cabelos e tento organizar minha mente.

— Não precisa ficar sozinho, Adam — observo-a caminhar em minha direção, ondulando o corpo de forma sensual. O vestido vermelho e curto deixa bem pouco para a imaginação. Não que eu precise dela, já a tive nua em meus braços algumas vezes. Mais vezes do que eu gostaria de ter que admitir.

— O que você quer, Grace?

— Confortar você.

Após essas palavras, entre incrédulo e desconfortável, eu a vejo deslizar o vestido pelo seu corpo, ficando nua. Ela é bonita, não nego, mas vejo diante de mim apenas isso: um corpo bonito.

Esfrego meu rosto, fechando os meus olhos. Recosto minha

cabeça contra o sofá e tento entender que merda é essa que está acontecendo. Eu sei que tenho inclinação para estupidez, mas algumas vezes os problemas vêm até mim gratuitamente.

— Vá para casa, Grace — murmuro, cansado — Hoje não é um bom dia.

O silêncio que se seguiu me fez acreditar que ela havia acatado minha ordem e ido embora, mas as mãos deslizando por minha perna, de forma lenta e sensual, confirmam que não. Abro meus olhos e vejo-a ajoelhada em frente a mim. Há um sorriso depravado em seu rosto. Seguro a sua mão, impedindo que suba mais. Só que ela é insistente, sua outra mão voa rapidamente em direção à minha calça.

Sobre a calça, ela inicia os movimentos que certamente fazem meu corpo traidor reagir.

— Eu sei do que você precisa — ela ronrona, inclinando-se mais e chegando aos meus lábios.

Meu lado destruidor, aquele que faz muita merda, das quais me arrependo no dia seguinte, diz para mandar tudo ao inferno e deixar que ela conclua o que veio destinada a fazer. Mas um lado em mim, aquele que tem a noção que isso é errado e que não demorarei muito a me arrepender, me alerta.

— Deixa eu cuidar de você, querido.

Grace me beija, eu retribuo. É mecânico, não havendo aquela faísca de paixão prestes a incendiar o meu corpo. Beijo-a

com ainda mais vigor, buscando, desesperadamente, esse sentimento que não vem.

Suas mãos deslizam por meu corpo. Antes que eu me dê conta, meu pau, agora desperto, está preenchendo a sua mão delicada, os dedos se movendo de forma frenética.

— Grace...

Ela volta a se ajoelhar, logo as mãos são substituídas por sua boca ávida, ordenhando meu pau vorazmente.

Agarro seus cabelos e busco dentro de mim o cara que não é o canalha. O bom rapaz que sabe que enveredar por esse caminho é altamente destrutivo.

Só que, nesse momento, é meu corpo a reagir. O cretino dentro de mim, que esteve comigo há muito tempo, é mais forte, ordenando para que eu haja de forma diferente.

Sim, a porra do meu pau tem vontade própria. Possivelmente, porque estou há semanas me privando de sexo. Ou talvez seja apenas eu, agindo como um babaca.

— Grace... — início, quando ela abandona seu brinquedo e serpenteia em cima de mim.

— Conheço as regras — sussurra, pegando a bolsa do chão e balançando a embalagem preta. — Estou prevenida.

Essa breve interrupção deveria ser o momento para eu deixar que minha razão fale mais alto. Mas estou irritado com

Penelope. Não por Joey ou qualquer outro desgraçado em meu caminho. Estou furioso por ela despertar em mim algo que eu não desejo. Estou raivoso comigo mesmo por desejar me entregar a sentimentos que eu não deveria nutrir por ela.

A realidade é que eu quero foder com tudo.

É só uma garota na minha frente disposta a me dar prazer, tento me convencer. Não é isso o que eu quero? Não é isso que venho dizendo todos esses anos? Não é precisamente isso que estou procurando? Sexo sem emoção?

Então, que se dane!

Mas quando Grace cavalga sobre mim, não é nela que eu estou pensando. Não é o corpo dela que eu quero aqui. Definitivamente, não são seus gemidos que eu anseio ouvir.

Outro rosto vem à minha mente, tão nítido e real que, se eu esticasse minhas mãos inertes, poderia tocá-lo.

— Penelope!

Tudo não demorou mais do que alguns instantes. Ela gozou, gemendo como uma louca. É, eu gozei. Foi exatamente como eu quis, apenas uma foda.

Mecânico e frio.

— Sai! — Jogo-a para o outro lado do sofá, pouco me importando se estou sendo indelicado ou não.

— Adam... — ela me encara, surpreendida.

Tiro a camisinha com nojo e arremesso-a longe.

Levanto-me, irritado, cego, bem próximo do incontrolável. Recolho as peças de roupa no chão e jogo-as em cima dela.

— Vista-se! — Ordeno com furor. — E saia daqui!

Observo o rosto, que antes estivera rubro devido ao sexo, ficar pálido e confuso. Desvio do olhar que busca uma explicação. Dou-lhe as costas e caminho até o bar outra vez, disposto a apagar esses últimos momentos da minha cabeça com mais bebida.

Estou tão encolerizado e frustrado comigo mesmo que o destino da garrafa é se estilhaçar entre as outras, assim que eu a lanço de forma violenta.

Soco o balcão, chuto a banquetta e tento extravasar em cima de todos os objetos que tenho diante de mim.

— Adam... — sinto a mão em meu ombro. O toque me causa asco, queima minha pele.

— Já disse para ir embora, porra! — Berro, arrastando-a em direção à porta.

— Meus sapatos! — Ouço-a antes de atirá-la para fora e bater a porta.

Apoio-me contra a madeira, os ruídos por trás dela são quase inaudíveis agora. O único som zunindo em meus ouvidos são as batidas desenfreadas do meu coração. E o som parece

ensurdecedor. Com ele, todas as vozes na minha cabeça me acusam, fazendo-me enfrentar o meu verdadeiro eu.

Eu choro por Cecilia e por uma promessa que acho que nunca vou conseguir cumprir. Pelo bebê e pelo rostinho que eu nunca vou ver. Por Penelope porque sei que voltarei para ela. E que isso, cedo ou tarde, será nossa ruína.

Quanto tempo eu permaneci imerso em lamentações e escuridão, eu não sei. Só me lembro de me levantar algum tempo depois e, mesmo tendo a certeza de que não deveria ter feito isso, vejo-me parado em frente à porta dela.

Encaro o seu rosto lindo, que é meu inferno e paraíso na Terra.

— Adam?

— Eu sou um canalha! — Sussurro.

Meus joelhos cedem e vejo-me ali, rendido. Em busca de uma misericórdia que eu sei que não mereço.

Capítulo 18

Penelope

Como um antigo membro da igreja, eu já vi muitas pessoas enfrentando momentos de dor e sofrimento. E é natural que as pessoas busquem a ajuda divina quando acreditam que suas vidas estão acabadas: *vinde a mim aqueles que sofrem e eu vos*

aliviarei, diz a Bíblia.

Mas o homem prostrado à minha frente está completamente desolado. Há tanta mágoa, dor e culpa em seus olhos que, por um momento, vejo-me sem reação.

Eu sei lidar com o homem sedutor que me perseguiu, o charmoso que me conquistou, até mesmo com o cruel que havia me falado coisas injustas naquela festa, partindo meu coração em mil pedaços. Mas esse, cercado por demônios invisíveis e que me parece completamente perdido... Esse homem de joelhos, transtornado, agarrado à minha cintura, desestrutura meu mundo já frágil.

— Adam? — murmuro seu nome, apesar do nó incômodo em minha garganta. — Vem, vamos para dentro.

Ajudoo a ficar de pé e o acomodo no sofá. O cheiro de uísque invade minhas narinas. Admira-me que ele tenha dirigido até aqui sem ter se envolvido em um acidente de trânsito.

Imediatamente, eu me lembro de Cory, meu irmão, do seu acidente e de que papai estava bêbado quando tudo ocorreu. Pensar que Adam pudesse ter um destino semelhante causa-me calafrios por todo o corpo.

Olho para ele prostrado no sofá, de olhos fechados e, se não fosse a tortura evidente em seu rosto, diria que está dormindo.

Enquanto o observo, pergunto-me o que havia acontecido para que se torture tanto. O que o levou a beber assim? E,

sobretudo, por que me procurou quando deixou claro que não poderíamos ter um relacionamento?

Afinal, ele tem família, amigos e eu não sou nada mais do que uma mulher que ele, erroneamente, despreza.

Eu queria jogar todos esses questionamentos na cara dele e buscar respostas, mas não posso. Presencio seu sofrimento com meu coração apertado. Vejo que, neste momento, ele luta com seus demônios, tentando afastá-los. Uma luta que há muito tempo vem enfrentando, julgo eu. E algo me diz que, nessa batalha, ele nunca é o vencedor.

— Eu traí a Cecilia com você... — diz ele, num tom quase imperceptível.

Cecilia? Quem é Cecilia?

— Depois, eu te traí hoje com a Grace... — ele abre os olhos e me encara com olhar profundo. — Não temos nada, eu sei... Mas é assim que eu me sinto. Eu precisava te contar isso.

Eu sei que Adam teve muitas mulheres em sua vida, mas, pelo que eu saiba, não várias delas ao mesmo tempo.

O que Adam diz não me faz o menor sentido, mas a parte sobre a última garota causa uma pontada em meu peito.

— Quem é Grace? — pergunto a ele, vacilante.

Vejo-o respirar fundo e, apesar de ferida, noto o remorso em seu rosto.

— Minha secretária — murmura ele. — Antes de vir pra cá... Eu transei com ela.

Ele esteve com outra. A confissão clara e direta é como uma faca afiada, atravessando meu peito.

— Antes de falar sobre Grace, eu preciso falar sobre Cecilia.

Ainda estou tentando digerir a última. Eu sei que oficialmente não temos nada, mas há algo acontecendo aqui. Eu sinto.

— Crescemos juntos, o pai dela também é médico e trabalhava com meu — continua ele. — Nos tornamos grandes amigos e, quando fomos para a faculdade, ficamos noivos.

Ouçó o que ele diz com atenção, mas com muito medo do que posso descobrir adiante. Saber que, há algumas horas, ele esteve nos braços de outra mulher me magoa muito, mas descobrir que há uma noiva ou alguém mais importante em sua vida irá me aniquilar. Isso eu não vou suportar. Não quando eu sei o que é estar do outro lado.

Eu fui traída e abandonada, mas, por mais que eu não amasse Max como amo Adam, não posso fazer isso com outra pessoa.

— Na época, eu estava indo muito bem nos estudos. Chamando atenção de alguns professores. Meu orientar e mestre na faculdade me chamou para um programa de estágio com ele. Sua exigência era que eu não fizesse coisas estúpidas, como

engravidar uma namorada — ele me olha. — Mas você já deve me conhecer, eu já havia feito a merda toda. Pedi que Cecilia encontrasse um fim para aquele problema. Que ela... Que ela...

Ele esfrega seu rosto de forma angustiada e apoia a cabeça em seus joelhos.

— Exigi que ela tirasse meu filho — murmura. — No caminho até a clínica, houve um acidente de carro e meu pedido foi atendido. Ela e o bebê morreram naquele mesmo dia. Eles morreram e a culpa é minha.

Meu coração se compadece ainda mais. Desejo afastar todos os seus fantasmas e colocá-lo em meu colo. Garantir que, nunca mais, nada o poderá machucar; que eu estou aqui e que sempre estarei, não importando o que acontecesse. Simplesmente porque eu o amo. Só que, nesse momento, sinto que nada do que eu disser poderá alcançá-lo. Não enquanto ele estiver cativo nessa guerra interior.

— Hoje, faz seis anos que isso aconteceu... Seis longos e malditos anos e parece que foi ontem. Parece que essa tortura nunca terá um fim. Eu fiz uma promessa de nunca os esquecer. Ninguém jamais substituiria o lugar deles em meu coração, mas já não posso cumprir isso. É algo que está me matando. Eu só sei viver com a culpa... Eu só conheço a culpa.

A voz dele falha ao mesmo tempo que meu coração. Eu posso suportar sua lista interminável de mulheres, posso até mesmo tentar aceitar o que aconteceu com ele e a tal Grace hoje,

mas eu teria forças o suficiente para lidar com o fantasma de outra mulher tão presente na vida dele? Não qualquer mulher. Não como sua secretária com quem, obviamente, ele procurou consolo. Mas o fantasma de uma mulher que ele amou... A mulher que lhe daria um filho.

— Agora você já sabe... De tudo — seu olhar parece perdido, vazio, amargurado. — Quem eu realmente sou e as coisas sórdidas que sou capaz de fazer. Não me importo com Joey, Peter ou qualquer um na sua vida. Eu lutaria por você, mas eu não a mereço... Eu não mereço ninguém.

Eu sei o que a dor e, principalmente, a culpa podem fazer a uma pessoa. A culpa pela morte de Cory havia mudado meu pai, minha mãe e a minha vida drasticamente. É como se a pessoa que a sente precisasse se alimentar dela diariamente e não há nada que você faça ou fale que possa mudar isso.

Eu havia me apaixonado por um homem atormentado e impossível de se aproximar. A impressão que eu tenho é a de que por mais que eu lute, por mais que eu faça ou por mais que eu dedique a ele todo amor não sei se conseguirei alcançá-lo um dia. Isso faz com que uma dor intensa comece a latejar em meu peito.

— Vou deixar você em paz agora — declara, levantando-se com certa dificuldade.

Enquanto ele caminha até a porta, tropeçando nos próprios passos, tudo o que eu consigo pensar é em como eu havia me apaixonado por um homem que não quer o amor, que não se

permite ser amado e que, para ele, isso talvez esteja tão longe como as estrelas no céu.

Eu vim a New York para mudar minha vida, quebrar o ciclo de dor e de desilusão. Minha vida havia realmente mudado, mas e o ciclo? Ah, este parece continuar o mesmo. Por que, em minha vida, o sinônimo de amor tem que ser o mesmo de sofrimento?

Mas, mesmo ciente de tudo isso, mesmo sabendo que desde a primeira vez que o vi ele significava problema, eu não me arrependo de nada. O amor, às vezes, realmente dói e, agora, essa desesperança está me matando. Porém, quando se está ao lado de quem se ama, o mundo, de repente, parece fazer sentindo e nada mais importa.

Acredito também que o amor é capaz de curar todas as feridas da alma e do coração. Eu o amo o suficiente para lutar por isso, por nós dois, para fazê-lo entender que nada havia sido sua culpa e que o amor não é sobre merecimento, mas sim sobre doar-se a alguém.

— Espere! — Corro até ele, assim que ele abre a porta, impedindo-o de sair. — Não pode dirigir assim. Eu nem sei como chegou aqui com segurança.

Fecho a porta e puxo-o para dentro. Não vou deixar que ele vá embora nessas condições e não me refiro apenas à bebedeira. À minha frente, eu vejo um homem aflito.

— Passe a noite aqui — peço, conduzindo-o ao quarto que

já fora de Lola.

Adam parece tão perdido como um órfão esperando que alguém o resgate e que o ame. E pode parecer estranho aos olhos de algumas pessoas, até mesmo súbito demais para alguns, mas eu o amo, com todas as minhas forças.

Ele me encara com surpresa, mas me deixa guiá-lo pelo corredor até o quarto.

— Ali fica o banheiro — digo, indicando a porta.

Solto sua mão e me sinto meio... Vazia. Caminho até o guarda-roupa e seleciono uma toalha para ele.

— Tome um banho — proponho a ele, entregando-lhe a toalha. — Vou preparar um café bem forte para você.

Ele continua parado no mesmo lugar, olhando-me de um jeito vacilante. Eu sorrio, garantindo que está tudo certo. Não vou mentir em dizer que o fato dele ter estado com outra mulher hoje não tenha me machucado. E também há o fato da falecida noiva e de seu bebê. Esses ainda nem sei lidar, mas nada vai mudar o que sinto por ele. Isso é uma constatação.

Nesse momento, tudo o que tenho é amor e apenas uma imensurável necessidade de ficar com ele.

— Por que está fazendo isso? — Adam pergunta, parecendo confuso. — Cuidando de mim, depois de tudo que eu te falei?

Será que ele está pronto para a minha resposta?

— É por que você me ama? — sussurra ele, aproximando-se. — Foi o que disse naquele dia no carro, contra o vidro, não foi? Está se apaixonando por mim?

— Eu... Não sei... — eu queria gritar: *Sim, seu idiota!*

Seus dedos frios tocam meu rosto, desenhando uma linha fina e suave em minha pele.

Droga.

Eu havia mesmo sussurrado isso aquele dia. Só que, na época, eu não considerei que as coisas iriam seguir por um caminho tão complicado. Eu não conhecia seu passado e as trevas que cercam sua mente e seu coração, impedindo-o de ser feliz.

— Acho que bebei mais do que imaginei — afasto-me dele, tremendo e abalada com a intensidade das emoções que ele desperta em mim. — Eu... Eu farei café... Eu já volto.

Quando chego à cozinha, sinto que corri uma maratona. Adam sabe. Agora, ele sabe o que sinto por ele, mesmo que eu tenha negado há alguns minutos. Ele sabe que o amo. Talvez seja melhor assim. Não quero ter que passar minha vida me escondendo dos meus sentimentos.

E que Deus me ajude.

Quase uma hora depois, tenho uma bandeja com café, frutas e um lanche natural. Imaginei que, além do café, ele precisasse de algo para se alimentar. Isso não tem nada a ver com minha necessidade de ficar por mais tempo na cozinha.

Certo?

Tenho certeza de que ele ainda não se alimentou. Eu não estou fugindo. Claro que não.

Pego a bandeja e sigo em direção ao quarto. Respiro fundo e a equilíbrio em minha cintura com uma mão para conseguir abrir a porta com a outra.

— Puta merda!

Apressadamente, agarro a bandeja, tentando equilibrá-la com as mãos trêmulas, impedindo-a de cair no chão no último instante.

Ele está nu.

Oh, meu Deus!

O homem está completamente nu assim como viemos ao mundo!

Desvio rapidamente o olhar para a toalha que ele deve ter se secado, caída no chão perto da cama. E logo meus olhos teimosos voltam ao corpo nu em cima da cama, deitado de

bruços, exibindo o corpo musculoso e bem definido: costas largas, braços fortes... Mas o que mais me chamou atenção foi o bumbum, pecaminosamente, sexy.

Giro a cabeça e tento olhar para minha própria bunda, sem conseguir deixar de sentir inveja dele. Claro que, em nossos momentos mais afoitos, eu já havia tocado e apalpado essa parte de sua anatomia. E o seu porte físico fica bem evidenciado em suas roupas, mas nada se compara a vê-lo nu.

Mesmo que Adam não seja tão grande como Peter, ele não deixa nada a desejar, nem a ele, nem a ninguém.

A bandeja começa a pesar em minhas mãos trêmulas, então a coloco na mesinha ao lado da cama. Quando me inclino, fico cara a cara com o seu rosto perfeito. Ajoelho-me ao seu lado e faço uma vistoria completa por todo o seu corpo. Agora, eu entendo o que é desejar alguém ao ponto de salivar.

Primeiro, eu cravo meus dedos em seu cabelo úmido. Passo-os por sua nuca suavemente, deslizando, de maneira delicada, minha mão por suas costas e sentindo o calor do seu corpo pelos meus dedos. Desço um pouco mais e deposito minha mão espalmada nesses montes perfeitos.

Umedeço meus lábios e pressiono minhas pernas uma na outra porque há uma palpitação entre elas. Sinto que eu fico úmida.

Enquanto acaricio sua bunda, meu pensamento está em

como eu gostaria de cravar os meus dentes nela.

— Meu Deus! — Retiro minha mão quando me dou conta desse pensamento.

Eu quis morder a bunda dele!

Olho para o seu rosto tranquilo enquanto dorme. Estou tirando proveito de uma pessoa indefesa. Isso não é certo. É praticamente um abuso.

Afasto-me, faço um rabo de cavalo com uma mão e passo a outra pelo pescoço como se o gesto fosse amainar o calor incendiando meu corpo.

Vou para meu próprio quarto e sigo direto para o banheiro. Tomo uma ducha fria para acalmar meus ânimos. Esse é o castigo que mereço por ter agido de forma tão leviana. Assim que saio, sinto meu corpo tão frio como gelo, mas o desejo não foi embora. Atento-me ao fato de Adam estar nu no quarto ao lado e o meu desejo se intensifica.

O apartamento tem aquecedor, mas resolvo jogar pelo menos um lençol sobre seu corpo. Disposta a encerrar o assunto de uma vez por todas, visto apenas um robe de seda sobre meu corpo e volto ao outro quarto.

Encontro-o do mesmo jeito, na mesma posição que o deixei. A única diferença é que sua respiração parece um pouco mais leve. Caminho com pressa até o guarda-roupa. Abro uma das portas e pego um dos lençóis. Cubro-o, tentando evitar tocar no

seu corpo. Não sei se conseguiria resistir se isso acontecesse.

Quando estou prestes a seguir para meu próprio quarto, sou invadida por um impulso irracional. Ajoelho com cuidado na cama e deposito um beijo suave em seus lábios. Seus cílios tremulam e eu fico encantada com a reação de seu corpo ao meu toque.

— Meu garoto perdido — sussurro baixinho, deitando-me ao seu lado.

Acaricio seu rosto, quase sem tocar em sua pele como asas de borboletas tocando uma flor.

Só irei ficar admirando-o mais um pouquinho, prometo a mim mesma. Depois, eu retornaria à minha cama solitária. Apenas um pouco mais...

Acordo com um par de olhos penetrantes focados em mim. Inicialmente, eu me perco nesse olhar e na forma que meu corpo desperta para ele. Meus mamilos enrijecem e sinto aquele já conhecido desconforto lá embaixo.

Merda!

A palavra grita em minha cabeça.

Eu havia planejado ficar apenas por um momento, mas eu acabei pegando no sono.

Sento-me na cama com pressa. O olhar dele sobre meus seios carregam meus olhos nessa direção.

Droga!

O laço havia se desfeito e, dessa vez, sou eu seminua na frente dele. A diferença é que ele está completamente desperto agora.

Arrumo o tecido de forma desajeitada e reforço o nó enquanto olho para a cama, sentindo-me envergonhada.

— Eu tenho que ir — ele afirma.

Observo o movimento do colchão e me apresso a encará-lo.

— Como? — pergunto surpresa.

— O que aconteceu aqui... — vejo-o caminhar até suas peças de roupas espalhadas pelo quarto, de costas para mim, exibindo sua beleza nua.

Anseio muito vê-lo de frente e descobrir as partes que ainda não vi.

— Sobre ontem... — ele coloca a cueca e, em seguida, a calça. — Não muda nada. Eu não deveria ter vindo.

Observo-o vestir a blusa com pressa. Quando ele se vira, seus olhos evitam os meus, contemplando um ponto acima da minha cabeça.

— Adam...

— Olha, aconteceu, tudo bem? — vejo seu corpo ficar tenso.
— Embora eu não me lembre de muita coisa, isso iria acontecer cedo ou tarde.

Aconteceu? O que aconteceu? Ele está se referindo a...
Sobre nós dois termos...

— Não! — Minha voz soa estrangulada. — Não é assim.
Sobre ontem...

— Mas isso não daria certo — continua ele.

Há certa dureza em seus olhos que me desconcertam por um momento.

— Não é o que você pensa — início, com a voz tímida. —
Você chegou aqui e parecia muito mal. Nós conversamos e... Quer dizer, você falou e eu apenas ouvi...

Vejo-o caminhar até a porta enquanto eu me atrapalho em minhas palavras, na tentativa de explicar a ele que, embora tenhamos dormido na mesma cama e tenhamos acordado em uma situação comprometedora, nada havia acontecido nesse quarto, além de termos dormido.

— Merece mais do que isso, Penelope — diz a mim.

Não sei por que, mas o tom de sua voz e a forma como ele me olha soam-me como uma despedida. Meu coração se desespera em meu peito.

— Eu preciso dizer que... — as palavras parecem presas em minha garganta.

Ele está indo embora!

— Adam... — sussurro, tocando suas costas.

— Gostaria que fosse diferente — ele murmura, antes de se virar e tocar meus lábios com o dedo. — Mas não é assim. Merece mais do que eu posso oferecer.

O beijo que recebo dele dura pouco mais que três segundos, mas foi o suficiente para abalar meu mundo que, antes fora calmo, e que agora parece ter sido devastado por um furacão.

Furacão Adam.

Então, desolada e completamente paralisada de dor, presencio-o sair não apenas do meu apartamento, mas também da minha vida. Neste momento, sinto como se uma estaca estivesse sendo cravada em meu peito.

A dor é tão aguda que respirar fica em segundo plano.

Capítulo 19

Adam

A minha vida está fodida. Eu, o cara que, nos últimos seis anos, acreditou fielmente que estava livre do amor e de todas as baboseiras em torno dele, descubro que não sou tão imune assim.

Lembro-me do que minha mãe dizia: *você só não encontrou a garota certa. Quando isso acontecer, não vai mais conseguir escapar.*

Eu sempre ri dessas suas considerações. Afinal, eu passava meu tempo com diversas mulheres. Todos os tipos, nacionalidades e profissões. Tudo o que eu me importava era saber se elas queriam o mesmo que eu: sexo sem compromisso. Nem com todas eu tive uma relação fria. Algumas eram interessantes o bastante para ter durado um pouco mais do que uma ou duas semanas, mas logo eu perdia o interesse.

A última, Brigitte, a modelo com quem fiquei exatamente dezessete dias, era maluca o suficiente para acreditar que, um dia, eu a pediria em casamento. A situação ficou tão insana e constrangedora que eu fui obrigado a pedir uma medida de restrição contra ela. Depois disso, fadas de uma noite passaram

a ser o meu lema.

Vejo que minha mãe estava certa o tempo todo.

Inferno!

Você deve ouvir os conselhos da sua mãe. Quase sempre elas estão corretas.

Agora, eu entendo que esse tempo todo eu não estava sendo o cara fodão. Eu estava esperando. Esperando a mulher certa aparecer na minha vida. A mulher que me enfeitiçou, que me tirou do meu mundo de faz de conta; que, a cada dia, foi tirando a camada endurecida e negra do meu coração; que se instalou ali e que, por mais que eu faça, não consigo arrancar do meu peito.

Mas eu tenho uma vida fodida. É, quando o destino está me dando uma trégua, eu mesmo sou capaz de encontrar uma forma de foder com tudo. Estrago tudo à minha volta.

Quanto tempo levará até que eu faça outra merda das grandes? Porque eu sei que, cedo ou tarde, é exatamente isso que irei fazer.

Eu já havia destruído a vida de duas pessoas, sendo que uma delas ao menos teve a oportunidade de saber como é a vida. Não vou suportar fazer isso de novo. Arruinar outra pessoa. Não dessa vez. Eu me importo demais com ela, mesmo que eu não admita isso a mais ninguém.

Quando acordei esta manhã, com suas pernas enroscadas na minha, sua mão em meu peito e seu rosto lindo voltado para

mim, a primeira sensação que tive foi de encantamento. Ela parecia tão linda e inocente que a única coisa que consegui fazer durante aqueles poucos segundos foi ficar admirando-a em silêncio, memorizando cada traço suave de seu rosto.

Tentei me lembrar do que fizemos à noite. Se, finalmente, tínhamos feito sexo louco como eu vinha desejando ou calmo carregado de carinho, que seria bom também. Mas as únicas coisas em minha memória foram a maldita cerimônia e a Grace — e essa parte me faz sentir raiva de mim mesmo.

Ah, e o momento que cheguei ao apartamento de Penelope. Tudo que eu disse a ela. Lembro-me de ter tomado banho como ela me pediu. Minha intenção era curar a bebedeira e ir para minha casa. Mas a cama parecia tão convidativa. Pensei apenas em descansar um pouco e acordei nu com a mulher que mais desejei na vida e não me lembro de nada.

É, eu deveria ter dado ouvidos aos conselhos da minha mãe e tê-la evitado quando eu tive a chance. Mas nunca fui o garotinho da mamãe. Eu sempre fui o garoto rebelde. Eu sou o tipo de homem que as mães querem longe de suas filhinhas, o lobo na pele de cordeiro. Um maldito cretino. Então, usando do pouco de dignidade que ainda existia em mim esta manhã, fui embora.

Eu percebi o seu olhar confuso e magoado quando parti e aquilo foi como se tivessem me dado um soco potente no estômago, nocauteando-me. Munido do resto de forças que ainda

havia em mim, eu me afastei.

Mas, irritantemente, algo dentro de mim disse que essa era mais uma das inúmeras besteiras que já fiz em minha vida.

Assim que chego ao escritório, após uma breve passada em minha casa, deparo-me com o olhar furioso de Grace.

— Precisamos conversar — ela me segue até minha sala. — Você foi um babaca, Adam.

Não estou com tolerância para conversa mole, mas, visto que eu realmente havia agido como um idiota, permito que ela fale por alguns minutos.

Tiro o terno, coloco-o atrás da cadeira como faço sempre, arregaço as mangas, ocupo meu lugar e olho para ela com um olhar frio.

— Eu sou um babaca — sorrio depois, um sorriso cheio de escárnio. — Já deveria saber disso.

Noto-a ficar vermelha lentamente e seus olhos parecem que saltarão do seu rosto a qualquer momento. Vejo que, se ela

pudesse, saltaria em meu pescoço e não seria para um beijo de amantes.

— Transamos, Grace. Supere isso — digo a ela, com a voz serena. — Eu fodi você. Mas foi apenas isso.

— Você é um maldito filho da puta! — Ela berra, descontrolada. — Transa comigo e me manda embora. Sem sapatos! E aquele par era novo.

— Eu mando entregar depois ou compre outro e coloque na minha conta — começo a olhar minha agenda, em um claro sinal de que ela está dispensada. — Agora, volte ao seu trabalho se ainda quiser ter um.

Ouçoa bufar e bater os pés.

— Ah! — Ergo o olhar e dou um sorriso largo. — E para constar, a partir de amanhã, você trabalhará com Savannah.

— Está me dispensando? — ela me encara, chocada. — Você me usa, depois joga fora como se eu fosse lixo?

Grace está começando a me irritar. Estava disposto a ignorar que ela havia ido até a minha casa sem meu convite. Algo que eu jamais permitiria se estivesse são. E, de certa maneira, ela havia se aproveitado da situação. Tudo bem, a culpa de toda essa merda foi minha. Bêbado ou não, eu deveria tê-la mandado embora.

— Não estou dispensando-a. Está sendo transferida — reafirmo, indiferente. — É melhor assim. Agora, volte ao seu

trabalho.

— Eu poderia processar você, sabia? — ela diz, com olhar furioso. — Por assédio sexual.

— Ah, é mesmo? — indago, ficando de pé e batendo as mãos espalmadas sobre a mesa. — E o que você iria alegar? Que eu bebi e comecei a ter superpoderes? Que com o poder da minha mente a atraí até minha casa e a obriguei a transar comigo?

Volto a me sentar, lançando-lhe um olhar glacial. Sei que havia sido um babaca, como ela afirmou. Nem em meus momentos de maior rotatividade com as mulheres eu agi assim, de forma tão canalha. Mas aquele não era eu. Não a pessoa fria e racional que costumava ser. Quando transamos, eu quis provar que o antigo Adam estava lá, na ativa. Além disso, Grace não foi obrigada ou coagida a nada. Tudo o que houve naquela sala foi consensual. Foi ela quem chegou arrancando suas roupas e se jogando em meus braços.

E a pior parte de tudo aquilo foi que, assim que terminou, eu me senti sujo. E não gostei daquela sensação.

— Eu só quis ajudar você — ela afirma, queixosa.

— Mas não preciso da sua ajuda — profiro, rangendo os meus dentes. — Nem da sua e nem da de ninguém.

— Está bem — ela fala, abnegada. — Ficarei com Savannah até a secretária dela voltar de licença. Acho que precisamos mesmo de um tempo.

Com a cabeça erguida, ela dá meia volta e começa a se afastar.

— Grace? — eu chamo-a com a voz aveludada. — Não somos um casal, nunca fomos e nunca seremos. Foi apenas sexo.

Eu não consegui me concentrar no trabalho como deveria. Então, após o almoço, pedi que Grace cancelasse meus compromissos do dia e tirasse a tarde de folga. O resto da semana promete ser tenso. Ela pode ter se tornado um pé no meu saco, mas era uma boa secretária, somente por isso não a demito de vez.

Agora entendo por que Neil é tão irredutível sobre nunca se envolver com staff. Encontrar uma secretária qualificada demanda tempo e paciência, tudo o que eu não possuo no momento.

Assim que deixo o prédio, sigo para a academia na qual pago as mensalidades, mas uso pouco, mesmo sendo uma das melhores de Manhattan. Há excelentes instrutores e frequentei, há algum tempo, a ala de luta livre. Alguns campeões de MMA treinam aqui. Inclusive, o último campeão recebe patrocínio da academia. Na realidade, eu prefiro esportes ao ar livre, como

correr, por exemplo.

— Ei, cara? — Jason, o dono estabelecimento, vem ao meu encontro assim que entro na sala de luta. — Está vivo?

Há alguns sacos de areia para treino e, no centro da ampla sala, há uma imitação de um ringue.

— Os vivos aparecem às vezes — atesto, enrolando a faixa em meus pulsos.

Quando eu quero relaxar, gosto de jogar golfe, exercitar o meu cérebro, mas, nesse momento, existe muita fúria dentro de mim. O golfe não irá ajudar hoje como não ajudou da última vez.

— Você viu o Peter por aí?

Preciso acertar alguns ponteiros com ele.

— Hamm... Hoje é quarta, não é? — ele me pergunta, enrugado a testa. — Ele deve chegar a qualquer momento. Mas você viu aquela sala de ginástica no apartamento dele? Eu mesmo o ajudei a comprar todos os equipamentos, não sei o que ele ainda faz aqui.

— Exibir meus dotes físicos — ouço a voz de Peter às minhas costas. — Qual a graça de vir aqui se não for pelas mulheres?

Viro-me para encará-lo. Peter exhibe um sorriso convencido no rosto, despreocupado. Como se o mundo pertencesse a ele, o que só aumenta minha irritação.

— Vou deixar vocês dois treinarem — diz Jason, ciente do

olhar feroz em meu rosto. — Vejo vocês depois.

Tentando controlar minha fúria, sigo até um dos sacos de areia pendurado próximo a uma janela. É possível ver parte da cidade e seu conjunto de prédios.

Desfiro golpes e mais golpes com toda potência, imaginando que fosse uma pessoa ali. Uma em específico.

— Está treinando para enfrentar o David Haye? — Peter pergunta, colocando-se ao meu lado enquanto desfiro golpes imaginando ser a cara dele.

— Eu vi você saindo da casa dela no outro dia — agarro o saco de boxe, impedindo-o de continuar balançando.

— Ah, é isso — ele cruza os braços e me encara com olhar debochado. — É por causa da Pretty Penny.

— Penelope! — Urro com raiva. — O que você quer com ela?

— O que *você* quer com ela? — ele devolve a pergunta.

— Não é da sua conta, Peter — Grito, dando as costas a ele. — Fique longe dela.

— Costumávamos dividir as garotas — continua ele, seguindo-me. — O que mudou?

Viro-me para enfrentá-lo. Ele é meu amigo, ou era.

Sim, no passado e não muito distante, não haveria problema algum em nós dois sairmos com a mesma mulher se esse fosse o nosso desejo. Mas, como ele mesmo perguntou, as

coisas mudaram.

— Não somos mais criancinhas brigando pelo brinquedo — estou enfurecido. — E ela não é para você.

— Como você sabe que não? — pergunta, coçando os lábios como se presenciasse um banquete. — Ela é linda, charmosa, inteligente, e faz um café da manhã como ning...

Não o deixo terminar a frase. Desfiro um soco certo em seu rosto. Não quero saber o que ele fez ou deixou de fazer naquele dia. Só de pensar sobre isso me deixa louco.

— Então, você quer brigar — ele coça o queixo onde eu o havia acertado. — Vamos fazer isso direito. Lá no ringue.

Qualquer pessoa diria que estou louco em aceitar o desafio. O homem tem praticamente o dobro do meu tamanho. Não restam muitas dúvidas sobre quem venceria aqui. É o típico caso do garoto magricela enfrentando o valentão da escola.

Com a determinação estampada em meu rosto, sigo até o ringue e passo por debaixo das cordas assim como fazem os lutadores na TV, movimentando calculadamente meus passos. Ele pode ser forte, mas eu posso usar a inteligência e a oportunidade.

— Cara, isso vai ser divertido — Peter provoca, tentando tirar minha concentração enquanto bate suas mãos uma na outra.

— É, vai ser divertido quebrar essa sua cara feia — caminho

de um lado a outro, calculando o momento certo de desferir o meu golpe.

Diferente de mim, ele avança em minha direção como uma avalanche. Sou jogado contra as cordas e arremessado para frente.

— Sabe que ela faz um excelente café da manhã? — ele caminha à minha volta como uma pantera em volta da presa. — Se um dia, hipoteticamente falando, *eu* me casasse, com certeza seria com alguém que cozinhe. A mulher tem que me alimentar dentro e fora da cama. E eu tenho um apetite feroz.

Cego pela imagem dos dois juntos naquela cama, eu avanço sobre ele, empurrando-o contra a coluna de ferro que une as cordas. Não deve ter sido um grande impacto, mas sei que o peguei de surpresa.

Irritado, Peter avança sobre mim e logo estamos em uma luta bem diferente do box. Na verdade, parecemos dois meninos de rua se engalfinhando.

— Se você se importa tanto, por que não diz a ela? — pergunta ele ao me dar uma chave de braço em meu pescoço.

Provido de uma força que nem imaginei existir em mim, livro-me de seu agarre e atinjo seu estômago com a ponta do pé.

— Já disse que não é da sua conta! — Acerto-o novamente, eufórico por conseguir golpeá-lo como queria.

Mas, assim que meu punho acerta sua face, começo a me

arrepender.

— Você quebrou meu nariz, seu babaca — Peter se senta no chão, tentando estancar o sangue.

— E você quebrou minha mão, imbecil — digo, balançando o pulso.

Fecho meus olhos, degustando a dor. Estupidamente, eu me sinto melhor. Muito melhor. Segundos depois, escuto risos. Peter está gargalhando no chão.

— Cara, se ficar apaixonado significa ficar burro... — ele tenta controlar as sacudidas causadas pelo riso enquanto tenta falar. — Eu estou fora disso.

— Não estou apaixonado — nego, mesmo sabendo que a mentira soa tão deslavada para ele quanto para mim.

— Negue se é o que precisa — ele respira fundo. — O amor deve ser mesmo muito assustador.

— Peter...

— Eu vou ficar longe da garota — ele me interrompe. — E só para você saber: não aconteceu nada naquele dia. Eu só a levei para casa porque vi que ela não parecia bem. Quem diria, eu posso ser um lorde de vez em quando.

— Está bem — falo em tom de ironia. — Passou a noite lá e não aconteceu nada entre vocês?

Peter me encara sério, diferente de quando iniciamos a

briga. Agora sim, há algo de ameaçador em seu olhar.

— Sim, não aconteceu nada — ele afirma. — Não que eu não tenha insinuado, mas a mulher está caidinha por você.

Eu acredito nele.

Peter adora um rabo de saia, mas ele também é muito fiel aos amigos. E, se eu sou tão transparente como ele diz, então ficou claro naquela festa meus sentimentos por Penelope.

— Então, o que você foi fazer no apartamento dela? — pergunto, querendo acertar esse último detalhe. — Podia apenas ter chamado um taxi.

— Ela tinha bebido muito — explica ele. — Mais ainda depois que você saiu. Não ia deixá-la à mercê de qualquer um.

— Por quê? — insisto. — Você mal a conhecia.

— Porque você a ama, seu idiota — diz ele, perdendo a paciência. — Mesmo não admitindo isso. Se algo acontecesse a ela, seria mais uma culpa para você alimentar, não é mesmo?

Porra, eu não tinha pensado nisso quando a deixei sozinha.

Esfrego meu rosto, tentando afastar as cenas do que poderia ter acontecido à Penelope, estando ela tão exposta aos perigos de uma cidade como New York.

— Porra, eu fodi com tudo.

— Então, dá um jeito de consertar — ele diz, levantando-se e limpando o rosto sujo de sangue com a camisa.

— Desculpe-me por isso — levanto-me também. — Não quis bater em você de verdade ou quebrar seu nariz.

— Não está quebrado. Deve ter atingido uma artéria, apenas isso — murmura ele, dando de ombros. — Você precisava disso. Além do mais, deixei você bater.

— Ham, ham. — digo, rindo. — Se é o quer acreditar...

Passo por debaixo das cordas com intenção de seguir para o vestiário masculino, mas volto, tirando o celular da bolsa de ginástica.

— O que você está fazendo? — ele me pergunta quando tiro uma foto sua.

— Sou um advogado, esqueceu? — digo, sorrindo. — Estou coletando provas, já que não admite que perdeu para mim.

— Eu deixei você ganhar, seu fracote — ele afirma, zangado.

— Não é o que essa foto parece dizer — balanço o celular, provocando-o um pouco mais. — Sabe quem vai adorar saber disso? Liam.

— Então, vamos para o ringue de novo. Vou adorar provar o quanto você está errado.

Claro que não. Eu não estou louco. Pelo menos, não tanto quanto ele pensa.

— Fica para outro dia, cara — sigo em direção ao vestiário, sentindo-me o máximo. — Você terá sua revanche outro dia.

Tenho coisas mais importantes para me preocupar.

Caminho divertido enquanto ele me segue, ainda resmungando.

— Sabe que se eu quisesse acabar com você, não sobraria uma pena, frangote.

Eu sei que sim. Claro que em uma luta justa com ele não sobrariam pedaços de mim que pudessem ser remendados, mas eu vou curtir essa vitória por muito tempo, afinal, não é a minha roupa que está manchada de sangue e eu tenho isso documentado. Mal posso esperar para a próxima noite de pôquer.

Quando chegamos ao vestiário e ele se lamenta em um dos chuveiros, tudo o que eu consigo pensar é em como eu vou arrumar a merda que fiz. Não sei que tipo de relação eu posso ter com Penelope. Eu ainda não posso oferecer muita coisa, talvez nunca possa, mas podemos ver até onde isso vai dar. Provavelmente, logo nos cansaríamos um do outro como sempre acontece, mas, até lá, eu quero ter mais do que uma lembrança nebulosa.

Eu só tenho que descobrir como vou resolver tudo.

A assinatura do contrato de sociedade entre Neil e Evan é a oportunidade perfeita que eu preciso para me reaproximar. Depois que deixei Peter na academia, minha vontade era de seguir para a casa de Penelope e implorar para que ela me desse outra chance se assim fosse necessário, mas já fiz muita besteira por não raciocinar com frieza.

Eu vou reconquistá-la e passei o último dia planejando tudo. Dessa vez, não haveria falhas da minha parte.

Saio do elevador apressadamente. Minhas mãos estão trêmulas e isso é ridículo.

É apenas uma mulher. Não, não é apenas uma mulher. É a mulher mais incrível que eu conheci e que, por pouco, eu havia afastado da minha vida para sempre.

Ela está em sua mesa, sentada em frente ao computador. Vez ou outra, rabisca algo no bloco de notas, sem ao menos olhar para a tela.

Dedico alguns minutos apenas para contemplá-la. Os fios de cabelos caindo de lado em seu rosto apesar do penteado severo e comportado. A jaquetinha lilás que acompanha o conjunto de sua roupa está pendurada atrás dela sobre a cadeira, exatamente como eu faço com meu terno. Isso traz um sorriso bobo ao meu rosto. Volto a observá-la um pouco mais. Começo pelos olhos expressivos e cheios de calor, o nariz arrebitado, a boca deliciosa, o pescoço delicado e, finalmente, chego aos seios sensuais, sob a camisa branca. Como sempre acontece quando

eu a vejo, meu corpo reage, entrando em ebulição.

— Adam?

Neil interrompe minha apreciação ao sair de sua sala.

— Chegou mais cedo — ele atesta.

Os olhos dela voltam-se para mim. Primeiro demonstram surpresa, mas, em seguida, vejo-os ficarem frios.

Inferno!

As coisas parecem piores do que imaginei.

— Queria dar uma olhada no contrato mais uma vez — respondo a muito custo, desviando os olhos dela para focar nele.
— Caso tenhamos deixado passar algo.

— Claro — Neil curva-se em direção a ela e me pergunto o quanto do seu decote está visível aos olhos dele. — Providencie o contrato para nós e, quando Evan chegar, peça-o que entre.

— Sim, senhor — responde ela. — Em dez minutos, estará na sua mesa.

Neil entra, deixando a porta aberta para que eu o siga. Droga. Eu não havia chegado mais cedo para ver a porcaria do contrato, ele está perfeito. Neil fica com 49% e Evan com os outros 51%, assumindo a presidência e todas as coisas burocráticas. O que eu queria mesmo era falar com ela. Tentar explicar algumas coisas e, acima de tudo, me desculpar.

— Oi — paro ao lado dela, antes de seguir para a sala do

Neil.

— Bom dia, Dr. Crighton — responde ela, sem desviar os olhos da tela.

Ah, a eficiência em pessoa. Não preciso ser um gênio para entender que ela quer me ignorar.

— Charmos...— inicio em uma voz suave, mas sou interrompido por seu tom severo e seco.

— Srta. Walker, por favor.

— Penelope, sobre aquele dia...

O mesmo olhar frio que ela dirigiu a mim quando me viu volta aos seus olhos, agora tão gélidos que chegam a estremecer o meu corpo. Mas não é só isso a me incomodar. Vejo neles também tristeza. Isso dói mais do que qualquer indiferença que ela possa impor.

— Não tem que me explicar nada! — Sua voz é ferina. — Entendi tudo muito bem. Achei que poderíamos ser ao menos amigos, mas vejo que isso também não é possível. Faça um favor a nós dois e me deixe em paz.

Observo-a se levantar, pegar a pasta em sua mesa e seguir em direção aos corredores. Estou frustrado com sua reação acalorada. Eu imaginei que encontraria certa resistência da parte dela, só não pensei que viesse de forma tão obstinada.

—Almoce comigo hoje — agarro seu braço, nossos rostos a

centímetros um do outro. — Por favor — insisto, com a voz suave.

Seus cílios tremem e ela umedece os lábios com a língua. Meu corpo reage a isso e tento disfarçar minha ereção com a maleta em minha mão. E eu que acreditei que uma noite com ela seria suficiente. Bem, talvez fosse se eu me lembrasse de alguma coisa.

— Com licença — diz ela, puxando o braço. — Eu tenho trabalho a fazer.

Porra! Mas que mulher tinhosa.

E eu que pensei que com um sorriso sexy e olhar sensual, eu fosse conseguir derrubar todas as suas barreiras. Mas esse foi meu grande erro: excesso de confiança. Afinal, eu havia feito merda, e das grandes.

Enquanto Evan e Neil analisam os últimos detalhes e assinam o contrato, meu pensamento está do outro lado da parede. Tudo bem, eu fui um imbecil não apenas uma, mas várias vezes. Entretanto, ela precisa ser tão cabeça dura? Eu só quero conversar, tentar explicar e me redimir dos meus erros. Certo, eu quero arrastá-la para a cama mais próxima também.

Contudo, isso vem em segundo plano.

Eu sinto falta dos momentos que passamos juntos, das suas risadas e das conversas soltas. Sinto falta de ficar observando-a quando está distraída com alguma coisa. Sinto falta dos seus beijos, do seu corpo e, acima de tudo, sinto falta de poder apenas de segurar a sua mão.

São por esses motivos que venho evitando sentimentos como esses, porque, quando a pessoa está longe, é como viver no inferno.

— Bem, senhores... — inicia Evan, levantando-se. — Se não há mais nada a fazer, eu irei embora.

— Ah, Evan! — Neil o chama a caminho da porta. — Peça que Penelope entre, por favor.

Neil volta a olhar para mim, como se procurasse o que dizer.

— Sobre a cerimônia... — inicia Neil. — Como se sente?

Ele tem acompanhado minha vida há muito tempo e sabe que essa data é um dia muito difícil para mim. O irmão dele também morreu em um acidente de carro e, apesar de forma diferente, ele também se sente culpado. Seu passado é tão conturbado quanto o meu.

— Eu estou levando — tranquilizo-o rapidamente. — Poderia ser pior, pelo menos não tenho que lidar com uma criança, como é com você. Isso, definitivamente, ferraria minha

vida e está, com certeza, fora dos meus planos.

Ouçõ o clique da porta sendo aberta. Olho para trás e, assim que a vejo, é como se o próprio sol me iluminasse.

— Encomende o almoço no restaurante de sempre — diz Neil a ela. — Adam, você me acompanha?

— Desculpe, mas eu tenho outros planos — respondo a ele, sem desviar os olhos dela. — Fica para outra vez.

— Peça no setor jurídico que enviem a cópia do contrato ao escritório do Evan — ordena ele, entregando a pasta com o contrato assinado. — E você pode sair para almoçar, se quiser.

Ela sai sem dizer uma palavra e eu pareço um cachorrinho pedindo atenção ao dono. Viro-me em direção ao Neil para me despedir dele e pegá-la antes que saia para seu almoço. Precisamos conversar e, dessa vez, serei bem mais enfático.

— O que foi? — pergunto a ele, ao notar o sorriso debochado em seu rosto.

— Preciso responder? — pergunta ele, erguendo a sobrancelha.

— Vá para o inferno, Neil!

— Só se for para resgatar você de lá — seu tom é de deboche. — Porque você parece caminhar sobre ele.

Irritado, saio da sala sem me despedir. Eu sei que ele tem razão. A minha vida está virada de ponta-cabeça. Só uma pessoa

será capaz de me livrar desse martírio, mas ela parece empenhada em me torturar um pouco mais. Entretanto, eu nunca fui um homem de desistir facilmente. Farei o que for possível para baixar sua guarda e trazê-la de volta para os meus braços.

Mas a cena que vejo em seguida me paralisa: Penelope sentada na quina da mesa, em uma pose, digamos, malditamente sexy, rindo de algo que Evan mostra a ela em seu celular.

Ele tem a mão esquerda em seu braço, com o indicador circulando a pele dela de um jeito suave. Carinhoso demais para mim, próximo demais para o meu gosto. Que diabos ele está dizendo a ela para que sorria tanto?

Caminho até eles em uma velocidade espantosa. De minhas narinas saem fumaças como as de uma chaleira.

— Se você está pronta, nós podemos ir — digo com suavidade ao me colocar ao lado dela apesar de que, no fundo, estou possesso.

— O quê? — pergunta ela, afastando-se e ficando de pé.

— Para o almoço, lembra-se?

Penelope me fulmina com os olhos, mas eu não me importo. Parker precisa saber que essa já tem dono. Ele que vá ciscar em outro lugar.

— Desculpe, mas já aceitei o convite do Sr. Parker — ela pega sua bolsa e enlaça o braço no dele. — Até qualquer dia, Dr.

Crighton.

— O quê? — reproduzo, em voz baixa, a pergunta que ela havia me feito, sem conseguir acreditar.

Ela não apenas me dispensou por duas vezes como saiu de braços dados com outro. Na minha frente.

— Foi tão engraçado — ouço sua risada ao entrar no elevador. — Eu posso ver de novo?

Chocado e sem reação, vejo o elevador fechar com os dois em uma conversa animada e íntima enquanto permaneço aqui, dominado pela ira.

— Droga! — Apoio minhas mãos sobre os joelhos, enquanto tento controlar a respiração. — Essa porra não pode estar acontecendo. Não agora.

Capítulo 20

Penelope

Assim que a porta do elevador se fecha, eu respiro fundo e

me apoio contra ela. Estalo o pescoço e passo a mão em minha nuca. Meu corpo está dolorido, devido ao grande esforço que fiz para aparentar indiferença. Desde que vi Adam chegar ao escritório, toda a minha força de vontade de me manter longe dele ameaçou desmoronar. Eu quis correr para os braços dele assim que o vi, mas consegui resistir bravamente.

— Desculpe-me, Evan — abro os meus olhos para encará-lo. — Eu não queria usar você e...

— Tudo bem — ele sorri. — Gosto de ser usado por mulheres bonitas.

Sorrio de volta. Ele é um homem gentil. Qualquer outro teria me desmascarado na mesma hora.

— Então, você e o Crighton? — murmura ele. — Têm um... Lance?

— Nós dois não temos nada — apresso-me em responder.

— Bem, não foi o que pareceu — diz ele, ficando sério. — Ele parecia estar marcando território em volta de você, só faltou urinar. Por um momento, acreditei que seria desafiado para um duelo.

— Engraçadinho — brinco com ele.

— Estou falando sério — ele diz, com o rosto neutro. — O homem parecia querer me matar a qualquer momento.

Isso é verdade. A cara que ele fez quando o dispensei seria

cômica se, naquele momento, não tivesse me dado medo. Mas isso pouco importa. Ele está ofendido por ser preterido por outro. No fundo, é apenas ego arranhado.

As portas do elevador se abrem, descemos no térreo e damos espaço para que outras pessoas entrem.

— Obrigada por ter me ajudado — agradeço a ele, sorrindo.
— Mas você deve ter outros compromissos.

— Não, senhorita — Evan segura meu braço, guiando-me em direção à saída. — Se é para mentir, que seja bem feito. Você disse que iríamos almoçar e é isso que vamos fazer.

Já que eu havia o colocado nessa situação embaraçosa, não me resta mais nada a fazer do que isso. E, assim como da primeira vez, o almoço foi leve e descontraído. Espantosamente, eu me diverti bastante.

Voltar para o escritório foi um pouco mais tenso. Meu medo era que ele ainda estivesse lá. E, para minha tranquilidade e decepção, Adam não estava. Mas isso não me deixou menos arredia pelo resto da tarde. A cada ligação e a cada pessoa saindo do elevador faziam meu coração disparar.

Eu sei que precisamos conversar e, pelo o que eu já conheço dele, também sei que ele não irá desistir tão facilmente. Porém, não estou pronta para ser magoada de novo.

Volto para casa me sentindo muito irritada. Eu não consigo entendê-lo. A decisão de mantermos distância um do outro havia partido dele. Então, não consigo compreender o que ele quer comigo e nem sei por que Adam reagiu daquela forma. Mesmo isso me machucando, aceitei seu afastamento e estou tentando seguir em frente apesar da dor que isso me traz. Não é justo que, agora, ele volte a me atormentar.

Assim que chego em casa, jogo a bolsa sobre o sofá, tiro os sapatos e vou para o banheiro. Resolvo usar a banheira para um banho relaxante. A água morna não traz o efeito desejado. Não consigo me acalmar e nem tirar os acontecimentos dessa tarde da minha cabeça.

Eu o vi chegar tão lindo como sempre e minha vontade foi de me jogar em seus braços, de me perder ali, de esquecer do mundo e da merda que estava sendo a minha vida sem ele. Por que eu tinha que me apaixonar por ele quando, desde o início, eu soube que esse seria o meu fim?

Coloco meus fones de ouvido e escolho as músicas mais melosas. Lembro-me do filme *O diário de Bridget Jones* e seleciono *All by Myself* para tocar. Para a cena ser igual a do filme, só me falta a taça de vinho e o sorvete, mas eu já sei o que acontece quando bebo e prometi a mim mesma que nunca mais faria isso por ele.

Estou entregue à música na voz de Celine Dion quando a bateria acaba, interrompendo meu espetáculo solitário.

— Droga! — Visto o robe.

Assim que saio em busca do carregador em meu quarto, ouço a campainha tocar.

Decido ignorar. Por certo, é algum vendedor ou algum vizinho em busca de algum favor. Não tenho ânimo ou vontade de falar com ninguém.

Sigo em direção ao meu quarto, mas o som insistente me faz desistir. Aperto o robe com gestos irritados e vou em direção à sala, pronta para dispensar a pessoa inoportuna do lado de fora.

Por cautela, verifico quem é pelo olho mágico. Meu corpo trava ao reconhecer o homem inquieto, andando de um lado para o outro no corredor.

O que ele faz aqui?

A campainha toca outra vez, assustando-me. Uma parte de mim quer ignorá-lo até que ele desista e vá embora, mas a parte insensata e que tem me dominado desde que o conheci fala mais alto e, em instantes, estamos nos encarando em silêncio.

— Está sozinha? — noto a fúria em seus olhos.

— Por quê? — desafio-o.

— Não importa — ele me afasta e entra sem ser convidado.

— O que você quer, Adam? — mantenho a porta aberta, um

sinal claro de que ele não é bem-vindo.

Odeio quando ele age assim, como se fosse o dono de tudo. E me odeio ainda mais por, mesmo assim, desejá-lo tanto.

— Joey, Peter, Evan... — inicia ele, olhando intensamente para mim. — Está tão irritada comigo que qualquer um deles serve?

Como ele pode ser tão cego e estúpido? Eu praticamente rastejo-me aos seus pés e ele não percebe isso.

— Você é tão imbecil! — Rujo, colocando-me ao lado da porta. — Saia!

— Porra, responda a minha pergunta! — Vocifera ele, caminhando em minha direção. Sinto como se ele dobrasse de tamanho e, pela primeira vez, tenho medo. — Eu não sou suficiente?

Embora ele esteja enfurecido e seus dedos pressionem minha pele como garras, a dor é mais emocional do que física. Eletricidade corre solta por minhas veias e, absurdamente, tudo que quero é que ele me beije com a mesma paixão que vejo brilhar em seus olhos.

Sigo seu olhar que queima como fogo. Vislumbro meu robe entreaberto e o bico rosado de meus seios despontado através do decote.

Volto a conectar meus olhos nos seus e o que vejo me desarma.

Tormento. Dor. Confusão. Desejo.

Um amontoado de sentimentos transpassa pelos seus olhos.
É exatamente assim que me sinto.

— Adam... — sussurro seu nome.

Ele se afasta lentamente e, outra vez, sinto meu coração partir, rasgando-se em mil pedaços como folhas de papel.

— Não sei o que vim fazer aqui — ele diz antes de sair e fechar a porta.

Apoio-me contra a madeira fria e deslizo-me por ela, com as lágrimas correndo soltas pelo meu rosto enquanto sou tragada pela dor e pela desilusão.

De novo.

Eu devia segui-lo, confessar que não há Joey, Peter, Evan ou homem algum que me faça sentir o que ele provoca em mim e que eu o amo como jamais sonhei em amar alguém, de uma forma tão desesperada e profunda que transborda pelo meu peito.

Levada por esse impulso e por esses sentimentos incontroláveis, eu me levanto apressada. Preciso confessar a ele, mesmo que pareça tola ou que ele ria de mim.

Abro a porta e pela segunda vez nessa noite, sou surpreendida.

Parado de costas para mim, com os braços na parede, está

ele.

— Adam? — ele se vira e me olha. O que eu vejo é um leão feroz, prestes a sair da sua jaula.

— Eu não consigo me lembrar — diz ele, vindo em minha direção. — E eu preciso me lembrar para não enlouquecer.

Apenas dois passos são suficientes. Logo tenho meus braços em volta do seu pescoço e minhas pernas rodeando sua cintura enquanto nos beijamos desenfreadamente. Entrego-me aos seus beijos de forma alucinada.

Ouçõ a porta bater e, apesar de manter os olhos fechados, sei que estamos dentro de casa. Suas mãos passeiam pelo meu corpo, provocando sensações vertiginosas. Sinto meus pés tocarem o chão e, quando abro meus olhos, estamos em meu quarto.

Ele me olha com fome. Volto a ter sua boca sobre a minha. Suas mãos vagueiam em meus cabelos, puxando-os e inclinando minha cabeça para trás. Seus dentes cravam em meus lábios e a língua anestesia a pequena ardência que vem em seguida, massageando-os enquanto eu solto gemidos enrouquecidos.

Suas mãos trabalham com a mesma maestria de sua boca e, em segundos, sinto o tecido que há pouco me cobria cair no chão.

— Linda! — Murmura ele, conduzindo-me de costas até a cama. — Como posso ter me esquecido disso?

Ele parece irritado consigo mesmo, mas observo a raiva dar lugar à admiração. Estou nua diante dele e não falo apenas da roupa. Estou nua de corpo e alma. E nunca me senti mais bela, nunca me senti tão desejada como nesse momento.

— Adam... — começo receosa, mas as palavras morrem em minha garganta quando o vejo se despir diante de mim.

Embevecida, vejo peça a peça sendo jogada para o lado e seu corpo magnífico surge diante de mim. Sinto o colchão tremular levemente quando ele me joga e, em seguida, seu corpo cobre o meu.

Primeiro Adam me beija de forma ardente e com tanto vigor que respirar fica quase impossível. Depois, os beijos percorrem meu rosto, chegando a minha orelha e, no instante em que sua língua provocadora toca ali, eu gemo, surpresa, quando uma incontrolável onda de calor me invade.

O rastro de beijos, chupões e mordidas continua desde o pescoço até os meus seios, arrepiando minha pele e me causando sensações inimagináveis. Gemidos irrefreáveis saltam de minha garganta e, quando ele posiciona a cabeça entre minhas pernas, apoio meus cotovelos contra o colchão para encará-lo. Todo o meu corpo vibra e está mais sensível que o normal.

— Adam... — sussurro assustada, não pela situação em si, mas pela intensidade das emoções me dominando.

Ele me olha e sorri pecaminosamente. Suas mãos afastam

meus pés e, em seguida, separam minhas coxas. Ele acaricia uma, depositando uma trilha de beijos e faz o mesmo com a outra coxa. Tombo a cabeça para trás e gemo. Minha respiração acelera e, antes mesmo que eu possa protestar quando ele se afasta, tenho seus lábios explorando minha intimidade.

Pequenas e suaves lambidas precisas no ponto certo me fazem perder o controle e serpentear pela cama, implorando por mais. Quando ele suga meu clitóris, ouço-me gritar, entregue ao prazer.

Os livros que li e as horas que passei imaginando como seria me entregar ao ato de amor não chegam perto do que eu realmente sinto agora.

— Oh, meu Deus! — Cerro meus olhos quando sua língua massageia o centro do meu prazer repetidas vezes.

Com o braço, ele pressiona meu ventre, prendendo-me na cama, já que meu corpo parece ter vontade própria enquanto me castiga sem dó. Tudo que sinto é prazer, intenso e indescritível prazer.

— Você ainda será minha morte — murmura ele quando, por fim, eu desabo languidamente após ser transportada para um mundo que eu nem tinha ideia que existisse.

Ele se afasta.

Eu protesto.

Ele sorri.

Vejo-o colocar o preservativo. E eu não sinto vergonha em olhá-lo como imaginei. Ele é lindo. Cada parte dele é linda e perfeita.

Droga.

Como posso revelar a ele que ainda sou virgem, sem que eu pareça tola?

E já não importa mais me entregar apenas no dia do meu casamento, como sempre acreditei ser o correto. Estou me entregando ao homem que amo.

— Desejo você como nunca quis alguém em minha vida — seu corpo cobre o meu e ele torna a me beijar avidamente, com tanto desejo que faz minha pele arder. Sinto meu gosto em sua boca, isso é excitante.

Fale agora, minha mente ordena. Mas quando ele me toca, enrosca minha perna na dele, eu paro de raciocinar. Seus dedos voltam a me estimular e tudo ao redor perde o foco. Estou totalmente entregue às maravilhas que suas mãos e lábios causam em meu corpo.

— Não posso ter me esquecido disso — Adam geme em meu pescoço e, então, sinto a invasão rasgando meu corpo.

Dói, ele parece bem maior do que eu tinha calculado. Seu membro me preenche inteira.

Um grito estridente escapa da minha boca e meu corpo enrijece diante da dor lancinante. Noto-o ficar rijo e imóvel e,

quando ele ergue seu rosto para me encarar, vejo surpresa e confusão em seus olhos.

— Você é... — ele me olha incrédulo. — Virgem?

A pergunta parece ser mais direcionada a ele mesmo do que a mim. Sinto-o paralisar e seus músculos estão tensos.

— Agora não mais — tento suavizar o impacto dessa revelação.

Ele me encara em choque e se afasta um pouco mais. Receosa, cravo minhas pernas em volta dele, impedindo-o de partir.

— Por favor... Não vá.

Por alguns instantes, ele apenas me encara. Não sei o que pensa e me pergunto se está com raiva ou me odiando por ter escondido algo tão importante.

— Jamais poderia fazer isso, mesmo que eu quisesse — confessa ele, tocando meus lábios com delicadeza. — Acho que não mereço, mas esse é o presente mais bonito que eu poderia receber.

Ele me contempla com um olhar que eu nunca vi ali antes. Com reverência, como um pagão diante de sua deusa. Sorrio encantada. Amar alguém não é questão de merecimento como ele acredita. Nós apenas amamos e, às vezes, nem temos controle sobre esse sentimento.

Mas, um dia, ele entenderá que entregar meu corpo é apenas um complemento desse amor.

Quando ele se move, sinto meu corpo enrijecer.

— Calma — seus dedos acariciam meu rosto e ele torna a me beijar ternamente, tranquilizando-me. — A pior parte já passou. Vai ser bom, eu prometo.

Ele me beija e nossos olhares se conectam. Os movimentos de seus quadris reiniciam de forma imperceptível e vão aumentando gradativamente. Sinto-o me preencher ainda mais. Sua boca se move sobre a minha, sincronizando com seu corpo e mãos. A dor agora é apenas uma lembrança tênue, comparada ao prazer que volta a correr em mim.

— O que está fazendo comigo? — pergunto alucinada ao mesmo tempo que sinto um prazer absoluto em ser possuída por ele.

É assim mesmo que eu me sinto: possuída.

— Amando você — Adam sussurra em meu ouvido, causando espasmos que fazem meu corpo tremer.

— Ah! — Gemo alto quando ele me leva em um ponto mais além.

Sinto-o entrando e saindo de mim. É como se estivesse invadindo minha alma.

Ele me toma. Eu cedo, cravando meus dedos em suas

costas.

Ele me invade. Eu recebo, enterrando meus calcanhares contra o colchão e, a cada arremetida, meu corpo convulsiona, febril.

— Não é meter, foder ou trepar com você. Estou te amando porque é isso que você merece. E, porra... É gostoso demais! — diz ele, frenético. — Nenhum homem tocou você como eu — sussurra ele, orgulhoso de ser o primeiro.

Para mim, o único, sempre e para sempre.

— Em todos os sentidos — murmuro, completamente entregue.

É nesse momento que tenho certeza de que o amaria por toda a minha vida.

E, quando um mundo de sensações explode dentro de mim, descubro exatamente como é estar no paraíso. Com o homem que eu amo.

Estamos na cama, minha cabeça está apoiada em seu peito e sinto as batidas aceleradas de seu coração no mesmo compasso que o meu.

— Então, sexo é sempre assim? — indago, passando a mão

em seu peito.

— Não foi apenas sexo — diz ele, alisando meu braço.

Ficamos assim, em silêncio, cada um perdido em si mesmo.

Alguns minutos depois, ele me afasta e se senta na cama, de costas para mim.

— Como você ainda era virgem? — inquire Adam, um pouco confuso. — Peter eu entendo. Ele é meu amigo e não iria atrás de você. Mas o Joey...

Ele se vira e me encara, sério.

— Evan e o seu noivo?

— É difícil de explicar — encolho-me na cama, tentando cobrir meu corpo com o lençol embora isso já não faça diferença. Ele já tinha visto minha alma.

— Que tal ir do início?

Eu sei que o que tenho a dizer pode mudar a imagem que ele tem de mim. Mas é o momento de eu ser honesta com ele como ele havia sido comigo, revelando-me seu passado e seus temores.

— Primeiro, Joey não existe — respiro fundo, esperando o instante em que ele ficaria furioso. — É só um personagem de *Friends*. Fiquei chateada porque foi jantar com aquela mulher...

— Ficou com ciúmes e quis me dar o troco? — inquire ele.

Ele ri, balançando a cabeça. Eu solto o ar que havia prendido. Sorrio de volta por ele não parecer zangado comigo.

— Foi só uma brincadeira tola.

— Como você era noiva e nunca fez sexo? — pergunta, sentando-se na beira da cama, próximo aos meus pés. — E quanto ao Evan?

— Evan é apenas um amigo — ele não parece convencido disso, então enfatizo. — Apenas. Meu. Amigo. Eu juro.

— Pode ser para você — seu olhar fica frio e sua boca está comprimida em uma linha dura. — Seu noivo era gay, por isso a abandonou?

Balanço a cabeça e olho para minhas mãos, envergonhada.

— Fugir e casar com outra mulher no dia do nosso casamento não o enquadra na categoria gay, eu suponho — respondo, cabisbaixa. — Acho que *eu* não era o suficiente.

Adam se move como uma pantera indo ao ataque e logo estou nos seus braços novamente, provando seus beijos.

— Não há nada de errado com você, querida — ele me afasta para tomarmos fôlego. — Aquele cara é que foi um babaca. E eu sou um homem de muita sorte.

Ele me beija e sinto meu corpo ser aquecido.

— E eu ainda acho que ele seja gay. Nenhum homem com sangue nas veias ficaria tanto tempo ao lado de uma mulher

como você e agiria como um padre — ele desliza as mãos pelo meu corpo com seu olhar incrivelmente sedutor. — Sabe o quanto me deixou louco todos esses dias?

— Não acho que foi culpa dele — prendo a respiração quando ele pressiona meu mamilo com os dedos. — Não é fácil namorar a filha do reverendo da cidade.

As mãos exigentes paralisam. Desejo implorar para que continuem, mas sei que o peguei de surpresa.

— O quê? — ele salta da cama e me olha incrédulo.

— Meu pai é o reverendo da minha antiga cidade — murmuro baixinho. — Tínhamos regras, e sexo...

— Porra! Eu deflorei a filha do pastor? — observo-o socar a parede e olhar em direção à porta. — Em qual momento ele aparecerá aqui com uma espingarda exigindo que eu repare meu erro?

— Erro? — encolho-me na cama, abraçando meus joelhos.

Eu havia me entregado a ele de corpo e de coração e tudo que ele via era um erro? Levanto-me e vou em direção à porta. Preciso de espaço. Passo por ele e vejo-o como um borrão através da cortina de lágrimas em meus olhos.

— Espera! — Seus braços me prendem e sou puxada para o seu corpo. — Não foi o que eu quis dizer. Droga! Você tinha que ter me contado antes.

Viro-me de frente para ele, lutando contra minhas lágrimas.

— Como? Naquela festa quando nos conhecemos? — pergunto exasperada. — Prazer, meu nome é Penelope. Ah, eu sou a filha virgem do pastor. Com certeza, você sairia correndo.

Quero me afastar, mas ele não deixa.

— Ou quando me disse que queria me foder naquele dia no café? — pergunto, magoada.

— Com certeza, eu sairia correndo — diz ele, rindo. — Mas eu voltaria, sem dúvida alguma.

— Não se preocupe. Ninguém colocará uma corda em seu pescoço ou uma arma em sua cabeça. Já não sou a filhinha amada do pastor há muito tempo. E, se não fosse você, seria outro.

Vejo-o fechar os olhos e respirar fundo.

— Não seria mesmo porque eu não deixaria — ele me assegura, rangendo os dentes. — Não menospreze o que tivemos aqui. Foi tão importante para mim quanto foi para você. Eu só fui pego de surpresa. Desculpe-me, é que foram muitas revelações em um dia.

Mordo meu lábio e olho para o chão. Adam tem razão. Não sou o tipo de mulher que ele costuma se envolver e não me surpreende que ele tenha ficado assustado.

— Não quero um pedido de casamento — sussurro,

determinada.

— Não estou te oferecendo isso — diz ele, num tom amargo.
— Nunca a enganei... Sabe que eu não posso te oferecer isso.

Depois do que houve no meu quase casamento, também não quero dar esse passo outra vez, não tão cedo. Eu amo o Adam, não há dúvidas sobre isso. Eu só quero ficar com ele, não importando como. Talvez algum dia, quem sabe, quando estivermos mais seguros e ele tenha a mesma certeza sobre seus sentimentos por mim como eu tenho dos meus por ele.

— Caramba, eu pensei que tivéssemos dormido juntos naquele dia — ele me diz.

— Mas foi o que fizemos — profiro, com um sorriso na voz.
— Nós dormimos. Tentei te explicar, mas você não deixou.

— Bem, não faremos isso hoje... Dormir — ele me ergue em seu colo com um movimento rápido. — Temos muito tempo para recuperar e você muito a aprender.

São suas últimas palavras antes de unir nossas bocas em um beijo apaixonado.

Ele me mostra uma forma mais intensa de fazermos amor. Não foi delicado como da primeira vez. Foi exigente e arrebatador, mas eu amei e me entreguei da mesma forma. Acho que será sempre assim.

Acordo lânguida, saciada e com marcas de amor pelo meu corpo. Sorrio deliciada ao recordar a noite que tivemos. Parecia nunca ser o bastante, nunca o suficiente e ainda não é.

O quarto está silencioso e, se não fosse pela camisa caída em um canto do quarto, eu diria que tudo não passou de um sonho. Vou para o banheiro e tomo uma ducha rápida. Visto apenas o robe e sigo para a cozinha onde o encontro preparando a mesa. Ele pisca um olho para mim e indica uma cadeira.

— Está com fome? — ele me pergunta, colocando um prato fumegante com ovos à minha frente.

Suspiro, deliciando-me com a visão de seu peitoral.

Não sei se respondo à pergunta ou admiro seu peito nu. Prefiro continuar admirando-o. Sigo a fina linha de pelos que nascem em seu umbigo e terminam no cóis da calça. Começo a contar os gominhos em sua barriga: seis. Mordo meus lábios e me lembro de que, encoberto pelo tecido da calça, há algo que me fez contorcer ensandecida madrugada adentro. Será que ele sentiu tanto prazer quanto eu?

— Faminta.

— Falo de comida — ele sorri, convencido. — Mas posso

matar a outra fome também.

Desvio o olhar e concentro-me em meu prato. É tudo novo para mim ainda. Estou descobrindo meu próprio corpo e isso não faz de mim uma rainha do sexo de uma noite para outra. Mas eu havia descoberto que sexo é muito bom. Eu tenho medo de que eu tenha virado uma ninfomaníaca como uma das garotas mais atiradas da cidade, que meu pai criticou muitas vezes.

— É normal que se sinta desconfortável — Adam levanta meu queixo. — Também não tenho manhãs seguintes. Isso é novo para mim. Então relaxe e vamos seguir o dia naturalmente, tudo bem?

— Certo — sorrio, aliviada. — E... Nós podemos fazer de novo?

Ele me encara com aquele olhar faminto que eu conheço tanto. Meu corpo reage imediatamente.

— Olha só, a filhinha do reverendo agora... — murmura Adam, vindo em minha direção. — É uma devassa.

Ele me levanta e ocupa meu lugar na cadeira.

— É o último — ele retira o preservativo do bolso e o estende a mim para que eu possa colocar nele. — Lembra como faz?

— Eu era virgem... — rasgo o cantinho da embalagem com o dente para não danificar, como ele havia ensinado. — E não estúpida.

— Ah, boquinha afiada! — Ele estala a língua, provocando risos em mim. — Tenho algo melhor para fazer com ela.

Ajoelho-me em frente a ele e manuseio o seu pênis enquanto ele me encara com olhar safado. Sinto que fico vermelha, mas não vou recuar à sua provocação. Deslizo o preservativo com mais lentidão do que é necessário e sinto-o estremecer sob minhas mãos.

Começo a massageá-lo com o mesmo olhar sem vergonha que ele me deu.

— Coloca na boca! — Ele exige e eu obedeço sem pestanejar.

O sabor da camisinha, unido com a fome que sinto dele, deixa-me excitada. Quero senti-lo dentro de mim outra vez, mas poder lhe proporcionar prazer, como ele faz comigo, é incrível também.

— Mais profundo agora... — geme ele, me ensinando como devo fazer. — Ah... Cacete!

Ele empurra o quadril para frente e joga a cabeça para trás. Sinto-me realizada por estar agindo da forma correta. Estou quase sendo sufocada por ele e sinto as lágrimas em meus olhos quando ele me faz engolir um pouco mais.

Eu não ligo, sentindo-me sedutora e devassa como ele disse. Nunca imaginei que esse adjetivo me deixaria tão feliz como agora.

Quando eu acelero os movimentos com minha boca, ele me

afasta, fazendo-me montar sobre ele.

— Esse movimento se chama cavalgar — ele beija meu pescoço e enrosca meu cabelo em sua mão. — Você conduz os movimentos, mas eu ficarei no controle.

Seus dentes raspam minha pele da clavícula até o ombro, quando ele enrola meu cabelo em seu punho.

— Quando eu puxar uma vez, você vai mais rápido — murmura ele, inclinando minha cabeça para trás. — Duas vezes você vai devagar. Entendeu?

— Sim! — Respondo com a respiração acelerada.

Deslizo por seu membro duro, empalando-me nele.

Sinto-o puxar meu cabelo e começo a me movimentar sobre ele. Conduzo os movimentos subindo e descendo, seu membro entrando e saindo de mim, deixando-me preenchida, alargando-me e a sensação é desnorteante. Eu conduzo meu copo, mas é ele quem manda. Às vezes, rápido, outras vezes, tortuosamente lento.

— Charmosa... — geme ele quando já estamos no ponto de ebulição. — Minha!

E, com suas palavras carregadas de carinho e paixão, nós voamos juntos, perdendo totalmente o controle.

Capítulo 21

Adam

Mantenho-a em meu colo enquanto tomamos o café da manhã. Coloco alguns pedaços de ovos mexidos em sua boca e, com a mão livre, aliso e aperto suas coxas macias. Eu acho esse momento tão íntimo quanto o ato de amor que tivemos minutos antes.

É possível se apaixonar ainda mais por uma pessoa?

Deus! Eu estou mesmo apaixonado.

Posso negar para todo mundo, mas não há mais como fugir do que eu sinto. Desde que a vi pela primeira vez, naquele momento, eu soube que minha vida havia mudado e isso me dá medo.

Não de amar alguém, já que isto se tornou inevitável, mas temo pelo que eu possa fazer a ela. E eu não quero causar mais sofrimento do que eu já causei.

Caramba! Eu fui o primeiro homem da sua vida.

E não consigo imaginar que outros venham ocupar o meu

lugar, mesmo em um futuro distante e isso é assustador.

Com Cecilia era diferente. Eu a conhecia desde criança, nunca houve esse sentimento de posse. Eu nunca senti ciúmes. Talvez porque, na verdade, ela nunca tenha sido, para mim, nada além de uma amiga de infância com quem eu achei natural compartilhar a vida depois.

Não que eu não a amasse. Eu a amei muito, mas, hoje, vejo que era um sentimento mais fraternal do que romântico. Não havia essa coisa de pele contra pele. Nossos corpos não pareciam incendiar quando estávamos juntos. E não havia essa necessidade incontrolável e tão difícil de se explicar que eu tenho por Penelope.

— Eu sei comer, sabia? — diz ela, risonha, após eu ter levado o copo de suco à sua boca.

— Eu gosto de alimentar você — falo, fazendo-a beber outro gole e é a mais pura verdade. — Tem que recuperar as suas energias. Temos um final de semana inteiro pela frente.

Beijo seus lábios e sinto o gosto adocicado da fruta e isso me excita. Ela remexe em meu colo e eu gemo ao sentir sua bunda pressionar o meu pau, que começa a dar sinais de vida.

Inferno! Eu estive errado o tempo todo. Uma vez com ela não é o suficiente. Parece que nunca será.

— Eu te alimento — mordo seu lábio, chupando-o em seguida. — Depois, eu como você todinha.

— Acho que essa é uma ideia incrível! — Murmura ela, enroscando-se mais a mim — Estou muito animada para isso, meu senhor.

Beijamo-nos sem pressa, apreciando a paz e a tranquilidade que nos rodeia. Essa é a palavra certa para o que eu sinto: paz.

Penelope me leva a polos extremos. Eu vou do homem enlouquecido ao tolo apaixonado em questão de minutos.

Por mais que eu queira tomá-la de novo, dessa vez em cima da mesa e fodê-la com força, sei que ela precisa de um tempo. Estou acostumado ao sexo intenso, mas ela ainda é uma iniciante.

Porra, a menos de vinte quatro horas atrás, ela ainda era virgem. Saber disso ainda me deixa atordoadado.

— Já terminou? — pergunto, afastando nossos lábios antes que fosse tarde demais para refrear meu desejo. — O café.

— Sim.

Levanto-me com ela no colo, suas pernas delgadas enroscadas em minha cintura. É um encaixe perfeito. É espantoso como tudo em nós dois prova que somos feitos um para o outro. Ou, então, talvez eu apenas esteja me tornando um romântico.

— Então, vamos para o banho — sussurro com a voz maliciosa.

— Mas eu já tomei banho — diz ela, inocente.

— Charmosa... — respiro fundo e a presenteio com o meu melhor sorriso. — Algumas coisas estão subtendidas.

— Ah... — sussurra ela com olhar travesso.

Sim, é possível se apaixonar ainda mais por uma pessoa. E, se ela souber o poder que tem sobre mim, estarei perdido.

O programa para o dia de hoje é almoçarmos no apartamento dela e passarmos a tarde na sala vendo TV. Pelo menos é isso que Penelope imagina que nós dois faremos. Eu tenho planos um tanto mais divertidos. Mas, como eu gosto de ver seus olhos brilharem com coisas tão simples e carinhosas como cozinhar para mim, embarquei nessa aventura doméstica.

— Tenho que passar em casa primeiro — agarro-a para um beijo assim que ela tranca a porta. — Preciso de roupas limpas, dentre outras coisas.

Ficar viciado em alguém como estou por ela é mais assustador do que imaginei, mas parece estranhamente natural.

— Que coisas? — ela me pergunta, curvando-se para que eu a beije no pescoço.

— Como seu professor, eu devo avisar que nós nunca revelamos o que cai no teste — beijo-a outra vez e de novo.

Eu gosto disso. Gosto de simplesmente ficar ao seu lado, trocando carícias inocentes. Bom, não tão inocentes quando meus pensamentos são bem impuros e minha vontade é de fodê-la contra essa parede. Eu estou me tornando um maníaco por sexo com essa mulher.

— Meu professor? — pergunta ela, afastando-me.

Alguém tem que ter o controle sobre si mesmo, que seja ela por enquanto.

— No quesito "sexo", eu sou mais experiente que você.

— Você é mais galinha, você quer dizer?

— Experiente era mais bonito.

Seguimos rindo para a saída, em direção ao meu carro lá fora. Nossas mãos unidas como os casais de namorados costumam fazer. Essa parte também não me incomoda, já fizemos isso antes no zoológico, na pista de patinação e quando conhecemos a cidade na ocasião em que ela fez aquele salto horroroso. Falando nele, isso é algo que eu não vou permitir que ela faça novamente. Com certeza que não. Nada de riscos desnecessários, a vida nos oferece cotas suficientes de perigo. E eu vou cuidar dela enquanto estivermos juntos.

Quando eu me dei conta de como ela é sozinha em uma cidade tão grande e intensa como New York, essa necessidade de

protegê-la cresceu em uma medida esmagadora. Não sei profundamente o que aconteceu com os seus pais e com aquele imbecil do ex-noivo, mas foi doloroso o suficiente para fazê-la ir embora. Não insisti no assunto, porque eu, mais do que ninguém, sei que cada pessoa tem o seu tempo certo. Mas fico furioso em saber que ela não havia recebido apoio quando mais precisou.

Quando Cecilia morreu e eu me afundei em um mar de dor e de culpa, foram minha família e meus amigos que me reergueram, mesmo que, na época, eu não quisesse ou achasse que merecesse isso. Agora, uma garota tão doce e ingênua como ela foi obrigada a largar tudo o que amava para ter a oportunidade de se reerguer. Isso me deixa furioso. Minha vontade é de arrastá-la até aquela maldita cidade e dizer a todos a mulher incrível que ela é.

Pensando bem, até que essa não seria uma má ideia.

Chegamos à minha casa e a deixo olhando o ambiente. Lembro-me da primeira vez que ela esteve aqui e dormiu no quarto de hóspedes. Foi uma tortura para mim me manter afastado no meu quarto frio e solitário. Foi como um verdadeiro chute no saco tê-la tão perto e tão longe ao mesmo tempo.

Separo algumas roupas leves no guarda-roupa e coloco-as na bolsa de ginástica. Vou para o banheiro e pego alguns itens. Ignoro a escova de dente quando me recordo do que Penelope me disse essa manhã ao sairmos do chuveiro: *para quando dormir aqui de novo*. Ela sorriu, tímida, entregando-me uma escova nova. Não era da marca que uso, mas isso não teve a menor importância.

O que me preocupou é que não definimos ainda a relação que teríamos. Não sairei com outras mulheres como fazia antes em um relacionamento aberto e, em hipótese alguma, permitirei que ela tenha outro além de mim. Isso nos torna namorados?

Sento-me na cama diante dessa possibilidade. Não sei se estou pronto para isso. Quer dizer, por que nós temos que rotular as coisas? O melhor é deixar as coisas fluírem sem rótulos ou títulos que desgastarão a relação que temos no momento. Penelope não quer casamento, não depois do trauma de ser abandonada na igreja. Eu também não procuro isso. As coisas estão bem como estão. No fim, quando essa paixão que temos um pelo outro se extinguir, ainda haverá amizade e respeito entre nós dois e eu ainda continuarei a cuidar dela como um bom amigo deve fazer.

Então, esse é o plano. Parece bom para mim.

Fecho a bolsa, aliviado por ter chegado a uma conclusão serena. Olho para a cama antes de sair e prometo a mim mesmo que o próximo final de semana será ali.

— Você tem uma casa bonita — ela me diz, assim que desço a escada. — Bem masculina, mas linda e aconchegante.

— Fico feliz que tenha gostado — abraço sua cintura. — Passaremos muito tempo aqui.

— É?

— Em outra parte da casa, na verdade.

Beijo-a suavemente porque, quando estou ao lado dela, tão próximo dessa boca atrevida, é tudo o que eu penso em fazer. Contestando meus pensamentos no quarto, eu concluo que o desejo que sentimos pelo outro irá demorar muito, muito tempo para diminuir. Isso me deixa exultante.

— É melhor seguirmos para o maldito mercado agora — apoio minha testa na dela. — Ou jamais sairemos daqui.

— E depois ter um policial em minha porta me acusando de tê-lo mantido em cárcere privado e o matado de fome? — ela sorri, afastando-se de mim. — Não acho a prisão tão agradável assim.

— Entende de leis, senhorita? — provoco-a, dando uma batidinha em seu traseiro delicioso. — Estou precisando de uma secretária nova.

Vejo-a parar no meio do caminho e ficar rija.

Droga! Por que eu tinha que citar Grace agora quando estávamos indo tão bem? Quantas vezes eu consigo ser tão estúpido?

— Você a demitiu?

— A transferi, na verdade.

— Por quê?

Ela se vira para me encarar. Não consigo ler o seu rosto, mas decido seguir o caminho da honestidade.

— Não quero que Grace seja um empecilho entre nós dois — ando até ela e seguro suas mãos. — Eu fui um babaca com ela, usando-a para me afastar de você e um cretino quando fiz isso, magoando-a. Mas eu não quero terceiros em nosso caminho.

Respiro fundo, aliviado por conseguir colocar isso para fora. Não tenho como passar uma borracha nessa merda, mas estou verdadeiramente arrependido.

— Não podia demiti-la — digo a ela. — Não seria justo e...

— Eu não pediria que fizesse isso — interrompe-me. — Confesso que eu não sei como lidaria com vocês trabalhando tão perto. Essa solução está boa para mim. Quanto ao resto, vamos esquecer.

O que eu fiz de bom para encontrar uma mulher tão especial como ela, eu não sei, mas prometo tentar não agir como um babaca de novo. Eu tenho que quebrar esse ciclo vicioso.

Fazer compras é divertido? Ou fazer compras com Penelope é que torna tudo divertido?

Eu disse a ela que seria seu professor, porém sou eu a aprender coisas novas.

— É verdade — diz ela, afastando minha mão atrevida de suas nádegas pela décima vez. — O segredo do molho é o açúcar. E pare de fazer isso.

— O que eu estou fazendo?

Eu gosto de provocá-la. Gosto de como fica vermelha como um morango maduro e suculento.

— Estamos em um mercado! — Sussurra, colocando o carrinho entre nós dois. — Não quero ser presa por atentado ao pudor.

— Acha que seria presa por que eu acaricio a sua bunda?

— Adam!

Não consigo evitar o riso. A sensação que tenho é de descobrir o primeiro amor.

— Vamos embora logo — digo, emburrado. — Não é possível que precise de tantas coisas para um almoço. Ainda acho que poderíamos ter almoçado fora.

— Estou abastecendo a casa também. Além disso, eu gosto de cozinhar.

Continuamos pelo corredor, parando de vez em quando para que ela pegue algo das prateleiras.

— Já que mora sozinho, quem faz suas compras?

— Tenho uma empregada que aparece três vezes por semana. Ela cuida das compras, mas geralmente eu como fora.

— Isso não é cansativo ou solitário?

— Você meio que se acostuma.

— Entendo.

Sua mão toca a minha e nossos dedos se entrelaçam. Eu nunca havia notado antes o quanto a minha vida era oca e solitária como ela disse porque, tirando todas as festas e as belas mulheres, não resta mais nada além de um homem sozinho e vazio.

— Penelope?

Uma voz de mulher chama a nossa atenção e nos viramos para trás em busca do som amigável. Uma senhora que não me parece desconhecida nos encara com uma curiosidade mal disfarçada.

— Carolina, como vai?

— Estou bem, querida — diz ela, olhando ora para mim, ora para a jovem ao meu lado. — Como vai, Dr. Crichton? Não sabia que fazia compras por esses lados.

Se ela conhece Penelope e me conhece, isso significa que

deve trabalhar na DET embora eu, realmente, não me lembre dela.

O fato dela me reconhecer não me preocupa, mas eu estar a quilômetros da minha casa, no mercado, fazendo compras com uma linda mulher, diz mais do que eu quero revelar no momento.

Inferno! Eu ainda não estou pronto para compartilhar o que temos com ninguém. Aliás, Neil ficará furioso comigo e não quero interferências de ninguém.

— Estou apenas de passagem — respondo com olhar duro.

— Claro! — Diz a mulher, mal contendo o sorriso. — E como vai Charlotte, querida?

— Muito feliz. Paula já teve o bebê e é uma menina linda.

As duas conversam amenidades enquanto minha mente trabalha em como reverter essa situação. Seria pedir demais querer que o que temos fique apenas entre nós dois?

— Vou me aposentar em breve também e logo irei vê-la — ela conta, chamando a minha atenção. — Bem, vou deixar que continuem. Foi bom revê-lo, Dr. Crichton.

— Até logo — despeço-me dela.

Vejo-a sair e concluo que talvez seja bom que algumas pessoas saibam que estamos envolvidos. Penelope é uma mulher linda. Isso manteria alguns homens afastados dela.

Ela finalmente encerra suas compras e seguimos para o

caixa. Eu quis pagar as compras, mas fui impedido com um olhar feroz que, na verdade, me fez ter vontade de rir.

Quando chegamos ao seu apartamento, só tive a chance de jogar as sacolas em algum canto perto da porta antes de agarrá-la, pressionando-a contra a parede para poder beijá-la como ansiei nas últimas duas horas.

— Sabe o quanto eu quis fazer isso? — arranco-lhe o pulôver e esfrego minha ereção contra ela.

— Eu vi nos seus olhos — murmura ela, ajudando-me a tirar minha camisa.

Em poucos minutos, nos livramos de nossas roupas com movimentos apressados e febris. Beijo-a apaixonadamente, marcando, em seguida, seu rosto, seu pescoço, até chegar a seus seios fartos.

Lindos, eles preenchem minhas mãos como duas peras carnosas, implorando para que eu os tome em minha boca e é exatamente isso que eu faço. Mamo em seus seios como um recém-nascido exigente e faminto.

Agraciado por seus gemidos roucos, desço meus lábios um pouco mais, deixando uma trilha suave com minha língua. Ajoelho-me e aliso suas coxas com minhas mãos, apalpo, aperto e, não saciado com isso, cravo meus dentes levemente, arrancando dela pequenos espasmos de prazer.

Passo minha língua na curva de seus joelhos e vou subindo

lentamente, deliciando-me com a maciez da sua pele.

Ergo o olhar e vejo-a morder os lábios, com os olhos fechados, absorvendo cada sensação que provoço nela. Caralho, a imagem é tão sexy que poderia me esquecer das preliminares e começar a fodê-la com toda força. Mas eu quero vê-la gozar muito com minha boca, com a porra do meu pau e de todas as maneiras que eu conseguir.

Obstinado, ergo a sua perna e posiciono-a em meu ombro. A imagem dos lábios de sua boceta sorrindo para mim, convidando-me, é tentadora demais. Umedeço minha língua e dou uma lambida suave e longa. Vejo-a saltar com meu toque, seus músculos tremem e ela solta um gemido agoniado. Volto a repetir, uma lambida atrás da outra e logo chupo seu clitóris, massageando-o com minha língua, pequenas pancadinhas que a fazem se contorcer.

— Adam... — sua perna vacila conforme meus movimentos com a língua ficam mais ritmados e intensos. — Oh, meu Deus! Oh...

Puxo a outra perna e tenho-a sobre meus ombros. Agora eu a chupo e fodo com minha boca, buscando o orgasmo que a levará ao prazer absoluto.

E, quando ela goza em minha boca, eu me delicio ao ver seu corpo convulsionar, entregando-se a mim. Eu nunca senti tanto prazer em dar prazer a alguém.

Coloco-a no chão e a ergo para beijá-la, com o seu gosto ainda em minha boca. Guio seu corpo trêmulo até o sofá e a inclino contra ele.

— Agarre o braço do sofá — oriento-a, deleitando-me com a visão de sua bunda empinada para mim. — Gostou do que eu fiz agora há pouco?

— Sim — responde, nada mais do que um sussurro trêmulo.

— Sentiu prazer? — acaricio as bochechas de seu bumbum, empinado para mim.

— Sim.

Sinto-me extasiado pela visão de seu ânus, virgem, pedindo para ser fodido com meu pau. Mas esse ainda não é o momento, ela ainda não está pronta, afinal, há muitas outras coisas sobre sexo que quero mostrar a ela. Mas eu prometo a mim mesmo que logo essa parte de seu corpo será minha como cada pedaço do corpo dela. Apenas imaginar isso me deixa explodindo de tanto tesão.

Afasto-me dela apenas para pegar um preservativo no bolso da calça. Passei em uma das farmácias pelo caminho e, para o espanto dela, comprei duas cartelas. Coloco o preservativo e volto-me a ela, tocando sua boceta, que ainda está molhadinha devido aos meus beijos e ao orgasmo que lhe proporcionei.

Curvo-me sobre ela, beijo suas costas, passo minha língua pela curva de sua coluna e, quando ela se move em minha

direção, ansiosa, enterro-me dentro dela.

— Caralho... — inspiro fundo, enlouquecido ao sentir meu pau ser tragado por sua boceta estreita e encharcada. É como se ele fosse envolvido pela mais pura seda.

Começo a estocar com força, feroz, desnortado pela sensação que estar dentro dela me traz. Vejo-a agarrar uma almofada, abafando o som de sua voz.

— Se quer gritar, grite — ordeno, jogando a almofada para longe.

Ela me encara por sobre os ombros, os olhos estão desfocados, seu rosto começando a ficar suado e as bochechas deliciosamente vermelhas.

— As pessoas... — murmura ela, preocupada que os vizinhos possam nos ouvir.

— Fodam-se os vizinhos.

Arremeto dentro dela outra vez. Dessa vez com tanto ímpeto que sinto minhas bolas baterem contra ela conforme entro e saio de dentro dela. Inclino ficando rente às suas costas, colando meus lábios em sua orelha.

— Se for um homem, sentirá inveja por eu ser um filho da puta sortudo por foder uma mulher tão gostosa — sussurro em seu ouvido, movendo-me dentro dela, buscando o ponto certo que a faz se contorcer. — Se for uma mulher, também sentirá inveja porque a farei gozar, como ela nunca imaginou que seria possível.

Continuo metendo fundo, enquanto falo em seu ouvido com uma voz sensual.

— E se os dois estiverem juntos... — meto outra e outra vez, sentindo meu próprio prazer se aproximar. — Vão ficar com tanto tesão que não restará outra coisa a fazer além de uma boa trepada. Mas não como a nossa porque ela é única.

Estimulada pelo o que eu disse ou apenas dando vazão ao sexo explosivo que estamos compartilhando, vejo-a se soltar e dar voz a todo prazer que sente.

Isso é como música aos meus ouvidos. Juntos, explodimos em um orgasmo que parece fazer as paredes em volta tremerem.

Então, eu finalmente conheço o Joey. Não sou do tipo que fica em frente à TV vendo filmes, no máximo um canal de esportes, mas esse seriado até que é interessante. Nós rimos juntos muitas vezes.

Só que Joey ainda não me agrada. Mesmo ele sendo um personagem ou não, decidi que não gosto dele.

— Não sei por que o Joey — pronuncio quando um dos episódios acaba. — Ross é, obviamente, muito mais inteligente.

Ela me olha firme por um instante, como se me analisasse.

— Ainda tem ciúmes dele?

— Claro que não! — Respondo, ofendido. — É só um personagem idiota.

A verdade é que eu gostaria de entrar dentro da tela e dizer para ele que essa é a minha garota — o que é um absurdo, no mínimo, insano. Ah, também decidi que não vou com a cara do ator. Não existe possibilidade alguma de vermos qualquer outro filme com ele. Mas isso é algo que ela não precisa saber, pelo menos, por enquanto. O sorriso debochado que vejo em seu rosto já é provocativo o suficiente.

— Eu só vejo você — sinto o beijo suave em meu queixo e volto a sorrir. — Ninguém mais importa.

Quando ela apoia a cabeça em meu peito, automaticamente faço carinho em seus cabelos. Sinto alívio ao ouvi-la relatar isso. Eu não admiti, mas tenho ciúmes. Do Joey, mesmo ele sendo alguém imaginário. Do Peter, mesmo sabendo que ele não faria nada contra mim. E do Evan que, de alguma forma, eu tenho que manter longe dela. Tenho ciúmes até do Neil, mesmo ciente de suas regras, que agora me parecem excelentes.

— E você? — pergunta ela com a voz vacilante.

— Eu? — enrugo a testa, perguntando-me se havia perdido algo enquanto estive meditando.

— Há alguém mais? — não preciso olhar o seu rosto para

saber que está tensa, pois o seu corpo fala por ela.

Levanto a sua cabeça e a obrigo a me encarar.

— O que houve com a Grace não significou nada, antes ou depois de você — digo firmemente. — Não haverá outras a partir de agora, simplesmente porque eu não quero.

— Mas antes...

— Tudo o que eu preciso está aqui, Penelope — roço seus lábios nos meus. — Não há mais nada lá fora que eu precise.

E, se minhas palavras não são capazes de convencê-la, meu corpo é.

Penelope

O final de semana foi muito romântico como deveria ser. Passamos os dois dias em meu apartamento. Conversando, vendo TV e nos amando. Esta última parte foi magnífica.

Se felicidade pudesse ser medida, diria que a minha atravessa o céu e dá uma volta na lua, que é onde eu estou desde que descobri os prazeres do sexo e, claro, o que é amar e ser amada. E, embora Adam não tenha falado isso ainda, sei que o que sente por mim é mais do que desejo carnal. Há uma grande e inexplicável conexão entre nós dois, dentro e fora da cama. Nós nos completamos.

Meu pai, em seus sermões, dizia que Deus não dá aquilo que você quer ou pede; Ele dá aquilo que você precisa no momento certo. Hoje, eu vejo que meu pai tinha toda razão.

Eu vim a New York como uma fugitiva, tentando esquecer toda dor e desilusão que havia deixado para trás. Encontrar o amor não estava em meus planos e me entregar a ele não foi fácil também. Eu senti muito medo de me envolver com alguém como

Adam. Hoje, não me arrependo de nada. Mesmo sem saber o que o futuro nos reserva, cada momento ao lado dele valeu a pena.

Chego cedo ao trabalho, como sempre. Não sei como consegui essa proeza, pois nos custou sair da cama pela manhã e foi ainda mais difícil nos despedir em seu carro.

A semana dele será complicada sem uma secretária, ainda mais com ele tendo uma agenda tão intensa como imagino que tem. Tentei convencê-lo a recontratar a secretária safada - eu sei, parece loucura da minha parte, mas eu só quero que ele fique bem. Estava até mesmo disposta a suportar isso, mas ele foi irredutível sobre manter aquela descarada longe.

Adam me disse que já havia pensando em afastá-la antes e a burrada que ele fez só acelerou o processo. Uma parte de mim sentiu pena dele por ver que ele terá uma semana complicada, mas a outra se sentiu aliviada em saber que aquela mulher ficará longe.

Não a conheço e já não gosto dela. Não apenas por questão de ciúmes, mas é que eu a acho uma aproveitadora desalmada e sem-vergonha. Certo, ele foi um cretino transando com ela, mas essa assanhada havia se aproveitado da situação. Grace praticamente o violentou.

Eu era virgem e não tonta. Sei que os homens, muitas vezes, pensam com a cabeça que não deveriam. E eu também não facilitei as coisas para ele. Agora que eu sei como é o sexo, entendo como deve ter sido árduo para ele esperar por mim.

Deixo essas reflexões de lado e começo a organizar minha mesa. Faço o mesmo com a do meu chefe alguns minutos depois.

— Bom dia, Sr. Durant — cumprimento-o com um sorriso maior do que o habitual.

— Bom dia, Srta. Walker — ele me responde, entrando na sala, retornando segundos depois. — Me dê dez minutos antes de iniciarmos o dia.

— Sim, senhor.

Enquanto eu pareço transbordar felicidade por todos os meus poros, ele parece bem abatido, talvez triste. Com certeza, é obra da insuportável da esposa dele. O pouco tempo que passamos trabalhando juntos, mostrou-me que o que falam dele não é nada verdadeiro. Ok, ele sai mesmo com muitas mulheres e sim, ele é um chefe exigente, mas ninguém vê o pai incrível que ele é e todas as coisas ruins que a esposa faz com ele e com a filha.

Eu tive a oportunidade de falar com Anne umas duas vezes no telefone. Parece ser uma garotinha linda e amorosa.

— Quer que eu cancele alguns compromissos? — pergunto a ele, assim que entro em sua sala.

Ele está voltado para a janela e demora alguns minutos para me responder.

— Já sentiu falta de algo que não teve? — pergunta-me, seus olhos ainda estão focados na janela enquanto parece

observar os prédios em volta. — Algo que você desconhece?

Tenho certeza de que ele se refere ao amor. Pular de cama em cama como ele e Adam costumavam fazer pode ter sido divertido por um tempo, mas acho que chega um momento na vida que você quer alguém que apenas segure sua mão, que você saiba que sempre estará presente nos bons e maus momentos; alguém que nos faça feliz e que nos complete, que siga com você até o fim da vida.

— Sim, eu já senti isso — respondo a ele, suavemente. — Mas acredito que estamos sendo preparados.

— Preparados? — ele me questiona, confuso.

— Quando a pessoa certa aparecer, entenderá o que eu quero dizer.

— Ter fé é louvável — ele sorri, um sorriso que não brilha em seus olhos. — Em demasia, pode ser perigoso. Não existe a pessoa certa. Existem as que, cedo ou tarde, fodem com a sua vida. Logo saberá disso.

Sinto pena por ele pensar isso sobre o amor. Todo mundo já teve experiências ruins, eu entendo isso, mas ele parece ser completamente cético. Eu queria dizer que ele está errado, que o amor assusta, mas que também é sublime e libertador. No entanto, seria como cavar rocha com uma pena. Ele precisa descobrir isso por ele mesmo. E eu espero, sinceramente, que um dia ele se livre dessa mulher cruel que ele tem como esposa e

encontre o grande amor da sua vida.

— Vamos começar o trabalho — murmura, tirando-me dos meus devaneios românticos. — Pelo menos, o trabalho quase nunca nos decepciona.

Com essas palavras melancólicas, iniciamos o dia. Por sorte, a manhã foi bem corrida e nos manteve muito ocupados.

— Eu queria almoçar com você — queixa-se Adam do outro lado da linha. — Mas isso aqui está um verdadeiro inferno. Além disso, tenho uma audiência importante à tarde.

— Tudo bem — não quero demonstrar meu desapontamento. — Mas você irá se alimentar melhor, não é?

Conheço viciados em trabalho como ele e comida é a última coisa que eles pensam.

— Está falando como a minha mãe — percebo o sorriso em sua voz. — Prometo que vou me alimentar, assim que der.

Eu não acredito nem um pouco nele, mas não quero levantar uma discussão sobre isso, não quando outras coisas passam por minha cabeça. Conversamos um pouco mais, marcamos de nos ver à noite. Eu vou para casa dele, já que sei

que estará cansado.

Antes de sair para o meu almoço, ligo para o restaurante que entrega comida quando Neil resolve passar o dia trancafiado no escritório. Eles têm um excelente chef e a comida é deliciosa. Satisfeita por saber que ele ficará bem, sigo para o restaurante perto da empresa.

A semana passou bastante rápida. Estranhamente, Adam ainda está sem secretária. As que são enviadas pela agência quase nunca aparecem e as que aparecem não ficam. Todos os dias, peço que enviem o almoço para ele. Pergunto se ele tem se alimentado, mas ele desconversa e me preocupo que não esteja.

— Então, me diz quem é ele? — pergunta Aline, sentando-se na ponta da minha mesa.

— Ele quem? — questiono-a, colocando o telefone na base.

Havia acabado de encerrar uma ligação com Adam e estou mesmo com um sorriso de orelha a orelha. Se Aline aparecesse cinco minutos antes, presenciaria uma conversa melosa e embaraçosa entre nós dois.

— O homem que tem feito seus olhos brilharem a semana

inteira.

Eu gostaria de poder contar a ela, mas me lembro de que Aline tem uma grande queda por ele. Embora nosso envolvimento tenha acontecido por acaso do destino, sinto-me mal pela situação. Então, prefiro esperar um pouco mais até revelar tudo a ela, e encontrar uma forma de dizer isso sem que ela acredite que eu tenha traído sua confiança. Eu não fui desleal, as coisas apenas foram acontecendo. Espero mesmo que ela entenda isso.

— Ninguém importante — respondo e finjo que vejo algo no computador. — Estamos nos conhecendo ainda.

— Certo — ela faz biquinho. — Mas eu não vou desistir. Sei bem como você e o Sr. Parker pareciam íntimos naquele dia. Vocês formam um casal bonito e ele é um partidão.

— Ele é só meu amigo, Aline — apresso-me em responder. — Por favor, não diga essas bobagens por aí, sabe como as pessoas são.

— Tarde demais, meu bem — ela pisca para mim. — Todos no prédio já estão comentando a sorte que você tem.

Fofoca. Isso é o que eu tenho evitado. Passei a minha vida inteira sendo alvo de fofocas e olhares desconfiados. Não quero que as coisas se repitam aqui e, ainda mais, com a pessoa errada. Se apenas a ideia de que Evan e eu pudéssemos ter alguma coisa já gerou esse burburinho, imagina o que farão quando souberem que, na verdade, é Adam o responsável pelos meus dias felizes.

Somado a isso, eu nem sei qual será a reação do Sr. Durant.

Realmente, esse não é o momento de falar nada sobre nós dois e eu tenho que encontrar alguma forma de desfazer esse engano em relação ao Evan.

Que droga!

Por que as pessoas têm que ser tão bisbilhoteiras?

Capítulo 23

Adam

Porra! Nunca foda sua secretária e falo isso no sentido literal da coisa. Agora estou aqui, totalmente perdido, em meio a casos e mais casos e centenas de papéis. Havia me esquecido de como

era no começo, quando eu tinha que dar conta de praticamente tudo sem a ajuda de ninguém. A pior parte de você se sentir o dono do mundo é que, quando se está sozinho, as coisas não acontecem como mágica.

É melhor você conservar a merda do seu pau enfiado dentro da calça e manter uma boa funcionária. Neil tem razão sobre esse aspecto. Foda, ele tem razão em quase tudo, aquele convencido do cacete.

Agora, tenho que dar conta da minha agenda apertada. Passo horas enfiado em um arquivo, mesmo que organizado, e comparecendo às audiências, que ocupa quase todo meu tempo. Se antes eu trabalhava muito, agora trabalho o triplo do tempo. E isso afeta diretamente minha vida amorosa.

Eu queria mais tempo com a minha Charmosa. Dar algumas escapadas no dia, entre uma audiência e outra. Aparecer na DET ou só sair para almoçar. Eu nem tenho conseguido almoçar. Se não fosse o fato da Grace ter enviado comida nos últimos dias, eu teria, com certeza, desmaiado de exaustão e fraqueza.

Eu não entendo o que a levou a ser tão caridosa, já que sei que está puta da vida comigo. Mas apreciei a generosidade dela. Ela até havia mudado de restaurante porque a comida está, sem dúvida alguma, muito melhor.

Talvez queira que eu a traga para trabalhar comigo de novo. Isso não tem a mínima chance. Irei agradecer a ela quando puder,

mas não voltará a ficar comigo.

Eu nem havia contado a Penelope sobre o almoço para não a irritar. A mulher é linda, sexy, aprende rápido na cama, mas é tihosa como o diabo. Ela não me diz claramente, mas sente completa aversão a Grace. E eu não quero complicar o que temos com mal-entendidos. Não quando tudo está indo tão bem.

E, apesar de nos vermos apenas à noite, isso vem acontecendo todos os dias. Só quando tenho audiências muito longas, que nessa semana foram três, eu passo em seu apartamento e fico por lá mesmo. Quando não, eu a busco e vamos para minha casa onde passamos a noite juntos.

Essa noite será assim. É sexta-feira, quero aproveitar o resto do dia com ela e tê-la para mim todo o final de semana. Já planejei o que faremos, mais um item da sua lista de desejos, nada elaborado, porque não tive tempo de planejar algo mais romântico, mas acho que ela irá gostar de qualquer forma.

A simplicidade dela me encanta. Não precisa de joias ou coisas caras para fazê-la sorrir, ao mesmo tempo desejo cobri-la de ouro e diamantes.

Saio da minha sala com pastas pendendo em uma mão, minha maleta na outra e o telefone pendurado em meu ombro. Preciso falar com Peter, pois ele encontrou algumas informações sobre o caso Matveev, que será julgado hoje. Essas novas provas

me ajudarão a desmascarar essa falcatrua.

Após a maldita ligação cair na caixa postal pela quinta vez, desisto. E, para piorar minha irritação, antes que eu alcance o elevador, tudo despenca no chão aos meus pés.

Savannah e Grace estão chegando, acredito que retornam do almoço. As duas correm para me ajudar.

— Ainda sem secretária? — Savannah me encara com olhar divertido.

— Sim — respondo, enfiando todos os papéis que elas me dão de volta na maleta. — Eu não entendo. Não pode ser tão difícil encontrar uma pessoa capacitada para o trabalho. Algumas candidatas da agência nem chegaram até aqui e as que eu entrevistei e ficaram, quando retornei de algum compromisso externo, simplesmente haviam ido embora, sem a menor explicação.

— Talvez seja sua fama de conquistador barato que tenha assustado as jovens — brinca Savannah, socando meu ombro de leve.

— A última era uma senhora de quase cinquenta anos, acho difícil que meu charme a tenha assustado.

— Isso é mesmo estranho — afirma ela, enrugando a testa.

— Talvez seja a agência, me parecia boa quando contratei — falo comigo mesmo. — Foi de lá que enviaram você, não foi, Grace?

— Foi sim — diz ela, sem olhar diretamente para mim. — Se quiser, eu ligo e vejo o que aconteceu.

Acho que levará algum tempo até conseguirmos agir naturalmente de novo. E esse é mais um dos motivos para que eu a mantenha afastada.

— Você pode ter a Grace de volta — sugere Savannah. — Você tem mais casos do que eu.

— E você tem um filho pequeno. Não posso sobrecarregá-la. Eu dou um jeito nisso. Além do mais, acho que devo começar a diminuir o ritmo por aqui.

— Eu não acredito nisso! — Savannah ergue seus óculos de aro de tartaruga e arregala os olhos amendoados em minha direção. — Você diminuindo o ritmo? Quem é ela?

— Ela quem? — faço-me de desentendido, mas eu sei do que ela está falando.

Será que é assim tão visível?

— Conheço-o muito bem, Sr. Crighton, desde a universidade, lembra-se? É um viciado em trabalho. Então me diz: quem é a mulher que está mudando isso?

— Não seja enxerida, Hernandez — repreendo-a com carinho. — Mas, quem sabe um dia, eu a apresente a você.

— Cobrarei isso — ela sorri. — Deve ser uma mulher incrível.

Gosto de Savannah, admiro-a profissionalmente. Cheguei a cortejá-la quando nos conhecemos, mas ela estava interessada em Charles, irmão do Richard. Eles pareciam apaixonados na época, mas o caso não foi para frente. Algo me diz que a mãe dele teve alguma coisa a ver com isso. Savannah era bolsista e vem de uma família muito humilde. Pelo que sei, seu pai era um imigrante que trabalhava na feira vendendo peixes. Ele batalhou muito para educá-la e, aos meus olhos, isso apenas os valorizam ainda mais. Mas a mãe de Richard tem ideias bem diferentes. Aquela mulher é arrogante e esnobe.

— Tenho que ir agora.

— É hoje o caso Matveev, certo?

— Sim. Olha, não estou conseguindo localizar o Peter e ele tem algumas informações importantes. Poderia entrar em contato com ele?

— Claro! Grace e eu faremos isso agora mesmo. Boa sorte no Tribunal.

Savannah se afasta, mas, antes que Grace possa acompanhá-la, eu a interrompo, segurando seu braço, impedindo-a de sair.

— Grace, eu quero agradecer por sua gentileza em cuidar das minhas refeições essa semana, mas não precisa se preocupar com isso.

— O quê? — ela parece surpresa.

Sem dúvida, não contou que eu fosse falar com ela antes de me convencer a tê-la de volta.

— Sobre o restaurante — continuo com pouca paciência. — Você tem mandado entregar meu almoço todos os dias, certo?

— Ah... — ela sorri. — Sim, claro.

— Obrigado, mas não preciso — resolvo ser direto. — Como ouviu há pouco, estou em um relacionamento e não acho que isso seja apropriado. Como não é mais minha secretária, isso não faz mais parte de suas obrigações.

— Pensei que você não fosse do tipo que tem relacionamentos... — ela me encara, desgostosa.

— O que você pensa não me interessa! Não iremos voltar a trabalhar juntos, não importa o que você faça. Entenda isso!

— Se é assim que você quer... — ela dá de ombros. — Boa sorte com seu novo relacionamento, vamos ver até quando isso vai durar.

Quanto tempo irá durar meu relacionamento? Quanto tempo eu achar que devo. E, no momento, não vejo um único motivo para ele chegar a um fim. Eu não quero que tenha um ponto final ainda.

Vejo-a sair pisando duro. Espero que eu tenha colocado um fim definitivo nessa história. Por que as mulheres precisam ser tão complicadas? Eu nunca a enganei ou fiz algum tipo de promessa. Então, por que insistir no assunto?

Droga!

Tomara que a minha capacidade de fazer merda tenha se extinguido.

Mais um caso vencido. Peter havia chegado em cima da hora com as fotos e relatórios que comprovavam a tese que eu havia levantado. Sanchez e seus comparsas tinham mesmo sabotado as máquinas e provocado o acidente. Ele não só foi desmascarado na presença do júri, como ele e seus companheiros haviam pegado alguns anos de prisão por fraude. A parte mais desagradável disso tudo foram os olhares furiosos e todos os tipos de ofensas e ameaças contra mim. Mas isso faz parte do ofício. Todos os dias, em quase todos os casos, é a mesma coisa: a parte prejudicada sempre acredita que a culpa é do júri e dos advogados por arruinarem sua vida.

Assim que eu estaciono em frente ao prédio da minha Charmosa, deixo todo esse estresse de lado. Vejo-a na calçada esperando por mim com seu vestido branco e longo, denunciando cada curva suave do seu corpo escultural. Em sua mão, a pequena mala com tudo o que possa precisar para o final de semana.

— Parabéns! — Ela se joga em meus braços assim que saio do carro e vou de encontro a ela.

— Como sabe que eu venci? — indago-a, ao beijar seus lábios brevemente.

— Eu simplesmente sei — ela sorri ainda mais. — Você é o melhor!

Não vejo sinais de bajulação, ao contrário, vejo o brilho de orgulho em seus olhos. Isso me deixa exultante. Além de alguns companheiros de trabalho, ninguém mais parece tão feliz com os casos que ganho.

— Isso merece comemoração — murmura.

— Quer sair para jantar? — pergunto, voltando a unir nossos lábios. — E você devia ter me esperado lá dentro.

— Tenho outros planos para essa noite — diz. — E eu *estava* ansiosa.

Pego sua mala e jogo no banco traseiro. Medito o que essa cabecinha atrevida possa estar tramando para logo mais.

— E quais seriam esses planos?

— Terá que esperar chegarmos em casa para saber.

Eu sei que a forma como ela se referiu à minha casa foi inocente, mas gostei de ter soado como se fosse nossa. Eu não me sinto invadido com ela lá como imaginava ao pensar em levar outras mulheres. Estranhamente, ter Penelope em minha casa

não é desconfortável.

Chegamos e eu faço o de sempre: beijo-a até perdemos o fôlego. Começo a arrancar nossas roupas, mas ela me impede, segurando firme os meus braços.

— Calminha aí, Sr. Crighton — observo-a se afastar de mim e começar a ajeitar o zíper do vestido que eu havia abaixado. — Eu disse que tenho planos.

— Seus planos podem esperar os meus — grunhi como uma fera contrariada. — Passei o dia inteiro querendo você, então não me atíça, Penelope.

Avanço em direção a ela, mas sou impedido pelas mãos em meu peito.

— Você anda muito cansado — declara, guiando-me de costas até a sala. — Não tem se cuidado devidamente. Todas essas horas de trabalho devem deixá-lo muito tenso, mas eu vou dar um jeito nisso.

Sinto minhas costas baterem no sofá quando sou jogado por ela. Observo-a caminhar até o bar, rebolando o lindo traseiro e minha respiração acelera. Ela prepara uma dose do meu uísque

preferido e vem até mim com um olhar sedutor.

Não quero estragar o seu jogo, mas é bom que ela termine logo essa encenação porque estou alucinado para me ver enterrado dentro dela, ouvindo seus gemidos que são como um bálsamo para mim. Estou viciado nessa mulher e as últimas vinte e quatro horas de abstinência têm me deixado maluco.

— Tome seu drinque e relaxe um pouco — diz, entregando-me o copo, sentando-se em cima de mim e acariciando o meu rosto. — Tadinho, anda tão estressado.

A maldita provocadora me beija. Um beijo carregado de paixão e luxúria, esfregando-se em meu pau e o deixando tão animado como uma líder de torcida. Mas, quando penso em avançar em seu seio, ela se afasta, deixando-me puto.

— Vou preparar a banheira para você. Comprei um vinho e farei um jantar especial — diz ela com um sorriso sapeca. — Termine sua bebida sem pressa e suba.

O que eu quero mesmo é jogá-la no sofá, rasgar sua roupa com os dentes e lhe mostrar quem é que manda aqui. Mas não quero estragar seus planos de sedução, não quando ela havia pensado em tudo nos mínimos detalhes.

Fecho meus olhos assim que a vejo ir para a cozinha e, minutos depois, ouço-a subir a escada. Lanço minha frustração para longe e é com grande esforço que tento controlar meu companheiro já bem animado.

Mas, sendo honesto, estou mesmo fatigado. Foi uma audiência longa e cansativa. Bebo o uísque e faço uma contagem mental para calcular quanto tempo mais ela ainda precisa. Quando imagino ser o suficiente, subo em direção ao quarto.

A primeira coisa que noto, ao entrar, é a música suave. Um jazz clássico ecoa no ambiente. Normalmente, eu ouço rock pesado, principalmente se for para fazer sexo. Mas essa música é realmente relaxante. O quarto está à meia luz. Chego ao banheiro no momento em que ela joga os sais de banho dentro da banheira redonda. Ela caminha até mim como uma tigresa, seus olhos brilhando apaixonados.

— Roupas demais aqui — sussurra, rodeando-me e ficando às minhas costas. — Vamos dar um jeito nisso.

Primeiro tira minha camisa, depositando beijos em minhas costas, que fazem minha pele arder. Inferno.

Isso é muito bom, sinto o meu corpo queimar. Suas mãos vão para minha calça e cueca e, em segundos, estou nu. Meu pau já está duro e viril, desejando sua bocetinha molhada.

— Entre aí e relaxe — orienta-me agora com os olhos fixos no que, em breve, será o motivo dos seus gritos de prazer. — Eu vou cuidar do jantar e já volto.

— Ah, não! — Puxo-a para mim e coloco sua mão em meu pau. — Veja como eu já estou.

Ela me acaricia e solto um gemido rouco. Isso também é

muito bom.

— Confie em mim — diz ao se afastar. — Vai precisar de todas suas energias. Agora entre e seja um bom garoto.

E, como se eu não estivesse nu e com o pau tão duro que chega a doer, ela se afasta, deixando-me em chamas.

Maldita mulher.

— Merda! — Blasfemo, entrando na banheira quente. — Estou me tornando um romântico ridículo.

Sinto a presença dela antes mesmo de abrir meus olhos, mas quando eu abro... Céus! A mulher está divinamente nua à minha frente. As duas taças de vinho em suas mãos como um convite a um drinque no inferno.

Ela bebe um longo gole e entrega a outra taça a mim, que bebo tudo de uma vez só. O sabor é leve e adocicado. Lembro-me do quanto ela apreciava coisas doces, mas, no momento, não há nada mais doce para mim do que poder provar o seu gosto.

Vejo-a colocar a taça na pia, pegar um preservativo que já havia deixado separado no balcão e o depositar na parte mais larga da banheira.

Então entra, ficando de frente a mim.

— O que você quer primeiro? — observo-a deslizar o pé em meu peito, enquanto me encara com um olhar devasso. — O macarrão à marinara que está lá embaixo ou o que você tem aqui?

Aliso sua perna e trago seu pé até os meus lábios. Chupo o seu dedo de forma erótica, sem desconectar nossos olhos. Noto seu corpo tremer e o meu, automaticamente, entra em ebulição.

— Querida, não é só de pão que vive o homem, mas também de todo o sexo que ele conseguir.

— Acho que não é isso que diz a Bíblia... — ela ri e geme quando acaricio suas coxas.

— É uma questão de semântica.

Deslizo-a pela banheira até encaixar seu corpo no meu.

— Acha que nós podemos ficar aqui para sempre? — ronrona ela, quando belisco o bico de seus seios com os meus dentes — E vivermos de amor?

— Viver eu não sei... — esfrego meu pau em sua entrada, provocando-a um pouco. — Mas morrer, eu posso garantir que sim.

O beijo que começa delicado e, em segundos, transforma-se em algo explosivo.

— Adam... — geme ela em ponto de erupção.

Coloco a proteção com pressa e logo estamos juntos, dando prazer um ao outro.

— Ah... Porra! — Enterro mais fundo e rápido dentro dela, em busca de algo que só ela sabe me dar e que me mantém cativo a ela, escravo de um desejo que só se multiplica a cada dia.

Ela acompanha meu ritmo frenético, cavalgando em mim como se eu fosse um cavalo xucro, que precisa ser domado. Suas paredes vaginais pulsando em volta do meu pau, estreitando-o ainda mais. Deus, ela é tão quente!

Afogo-me em seus seios enquanto milhares de sensações explodem dentro de mim. E, quando um dos orgasmos mais explosivos da minha vida termina, trazendo-me de volta à Terra, entendo que estar em casa não significa ter um teto e paredes, mas sim ter ao seu lado alguém que realmente lhe importa.

Foi trabalhoso tirá-la da cama. Nossa noite foi bem agitada e ela quase me arranhou todo quando perturbei seu sono às sete da manhã.

— Mas hoje é sábado — ela boceja ao deixarmos a cozinha.
— Não podemos voltar para cama? Eu recompenso você.

— Senhor, eu criei uma ninfomaníaca — beijo seus lábios.
— A culpa foi sua, com toda aquela ideia de relaxamento. Estou cheio de energia hoje.

— Ah, vou me lembrar disso quando tiver mais ideias como essa.

— Vamos, o que quero fazer é melhor pela manhã.

Empurro-a em direção ao carro. Mas sou obrigado a encostar na estrada umas duas vezes durante o percurso para tirar o bico zangado de sua boca com meus beijos. E, em poucos minutos, ela está com o rádio ligado, cantando animada ao som de uma música melodiosa.

Chegamos ao local que alugam bicicletas, equipamentos de proteção e as travas de segurança, para podermos explorar outros locais. Começamos o tour pelo Hudson River Greenway até o Battery Park.

Quando paramos para descansar um pouco, Penelope se joga no primeiro banco que ela encontra.

— Eu tenho que parar de ter ideias tão absurdas — geme ela contra o banco. — Diz para mim que está acabando!

Rindo, sento-me ao seu lado, coloco suas pernas em cima das minhas e começo a massageá-las. Ela geme de um jeito gostoso, como quando fazemos amor. A mulher exala sexo por cada poro, ou eu sou um maníaco?

— Isso porque é sedentária — continuo a massagem. —

Devia correr comigo pelas manhãs. É uma sorte que tenha um corpo tão delicioso.

Aperto-lhe as coxas e ela me lança um olhar abrasador.

— Significa mais tempo juntos? — pergunta ela, erguendo a sobrancelha. — Gosto da ideia.

— Terá que acordar cedo — informo, sorrindo. — Corro às seis da manhã.

Ela geme e tomba a cabeça para trás.

— Isso quer dizer que terei que levantar às cinco? — queixa-se ela. — Sr. Crighton, o que eu não faço por você?

Em resposta, beijo-a sem me importar com as pessoas em volta. Quando estamos juntos, todo o resto perde a importância.

Chegamos ao Central Park e almoçamos no Loeb Boathouse onde é possível observar o lago e as 750 espécies de pássaros. Após o almoço, alugo uma das gôndolas venezianas que há ali.

Foi o primeiro momento romântico do dia e a espera valeu a pena apenas para ver os olhos dela brilharem de contentamento.

Algumas coisas são simplesmente naturais: dividir o espelho enquanto penteio os cabelos e ela finaliza a maquiagem; ter coisas femininas como cremes, escova de cabelo e absorvente interno em umas das gavetas do gabinete do banheiro. Com qualquer outra mulher, essas coisas teriam me irritado. Mas não com ela. Parece que tudo está em seu devido lugar.

— Está linda! — Abraço-a por trás, conectando nossos olhos através do espelho. — Quando vocês passam essa coisa melosa nos lábios, estão pedindo para serem beijadas, não é?

— Isso se chama gloss — ronrona ela quando eu deslizo meus dedos pelo seu decote e preencho minha mão com seu seio. — E, se quer mesmo jantar fora, sugiro que pare com isso.

Sorrindo, beijo-lhe o pescoço e me afasto dela, claro que a muito custo. Eu sei que, se iniciar com as provocações, não terei forças para recuar, e daí adeus jantar. Provavelmente, ela faria algo para nós dois comermos, como vem fazendo nos últimos dias, mas, mesmo sua comida sendo divina, eu a quero como minha amante e não cozinheira. A não ser que ela cozinhe nua, aí as coisas serão bem mais divertidas.

Sáímos meia hora depois. Levo-a ao restaurante Bouley, que fica na Duane Street. Tem uma das melhores cozinhas francesas de New York, um ambiente romântico e acolhedor, com a decoração clássica.

— E quando eu tinha oito anos, Liam tentou me convencer que viajar para a Disneylândia de bicicleta era uma boa ideia. É

óbvio que ele não calculou a distância muito bem.

Estou narrando a ela as coisas absurdas que meu amado irmão me convencia a fazer quando éramos mais jovens.

— Minha mãe passou a noite toda de pijama procurando por nós dois, assim que deu por nossa falta quando foi nos dar boa noite.

Penelope ri sem parar, o que me leva a continuar com a história, que na época pareceu trágica para mim.

— Ele deixou uma carta dizendo: *mamãe, não se preocupe. Fomos a Disney, mas voltaremos para o café da manhã.* Como se a Flórida fosse logo ali, virando a esquina.

— Eu acredito que sua mãe tenha ficado furiosa — afirma, limpando o canto do olho.

— Inicialmente, quando nos encontrou dormindo na praça, ela nos beijou sem parar — continuo, também rindo. — Depois, ficamos de castigo por um mês. Era véspera de Natal e não pude aproveitar nenhum dos brinquedos que ganhei. Sabe o que significa isso para uma criança?

— Seu irmão deve ser terrível — conclui, após se acalmar.

— Ele é, sim. Fiquei sem falar com ele por duas horas naquele dia — lembro-me disso com orgulho. — Acredite, é um recorde em minha família. Ninguém consegue ignorar Liam por muito tempo.

O garçom retorna com meu café e com a sobremesa que ela pediu, uma salada de framboesas, com merengue de limão, mascarpone de baunilha, amêndoas tostadas e manjerição fresco, chamada *le vacherin d'ete*. Assim como nosso dia, a noite está sendo perfeita.

— Adam?

Ouçõ uma voz conhecida atrás de mim e sinto meus ossos gelarem.

Celeste.

Correção, nossa noite estava sendo perfeita.

— Que prazer encontrá-lo aqui — ela circula a mesa, ficando entre mim e Penelope. — Não o vejo desde que saiu da minha casa naquele dia. Mas eu entendo, querido, foi um dia complicado para nós dois.

— Eu ia ligar, mas as coisas estão corridas no escritório.

Não quero que ela relembre aquela noite. Não desejo que minha noite com Penelope termine com um clima fúnebre que sei que Celeste irá causar.

— E quem é essa bonita jovem ao seu lado?

— Essa é a Srta. Walker, uma amiga.

— Eu sou Celeste — diz ela, com um sorriso educado no rosto. — Mãe da Cecília. Deve ter ouvido falar dela. O grande e único amor desse jovem aqui.

— Celeste...

Tenso, sinto meu corpo enrijecer e agarro a borda da mesa para me controlar.

— Precisa voltar à minha casa em breve — continua ela, ignorando meu protesto. — Tomei coragem para mexer na mochila da nossa menina e encontrei uma roupinha de bebê. Ela estava tão feliz com a ideia de que teriam um filho. Meu neto. E pensar que hoje eu não tenho nenhum dos dois.

A declaração dela é como puro fel descendo por minha garganta. Uma lembrança clara do que nós dois havíamos perdido.

— Celeste, não perturbe o rapaz — Joseph surge diante de nós, abraçando a esposa pela cintura. — Como vai, Adam?

— Boa noite, Joseph.

— Senhorita — ele cumprimenta Penelope com olhar de desculpa e afasta Celeste de nossa mesa, apesar dos protestos dela.

O silêncio se instala. Não consigo encará-la. O que era para ser um jantar romântico terminou como um verdadeiro show de horrores. Ela deve estar estarecida com essa relação doentia entre mim e Celeste. Só que não posso afastar a mãe de Cecilia da minha vida e ela sempre será uma lembrança viva do homem covarde que eu havia sido.

Até quando e o quanto dessa loucura Penelope suportaria

ficando ao meu lado?

— Se você já terminou... — faço um sinal ao garçom, pedindo a conta. — Acho melhor irmos embora.

Ela afirma que sim com a cabeça e, assim que finalizo a conta, nós saímos.

A volta para casa não foi descontraída como a ida. Ela permaneceu quieta e mantive-me calado.

Droga!

Eu sabia que, cedo ou tarde, eu provocaria uma merda como essa.

Assim que entramos, sigo direto para o bar.

— Quer ir embora? — pergunto de costas para ela.

Recuso-me a encará-la e me deparar com a resposta positiva, além do seu olhar de desprezo que certamente ela tenta esconder.

— Quer que eu vá? — sinto a mão delicada em meu ombro.

Seu calor parece transpassar o tecido da minha camisa, enchendo meu corpo de calor.

— Não, eu não quero — tomando coragem, viro-me em direção a ela e me deparo com o seu olhar cristalino, tão cheio de calor como sua mão. — Não quero que vá embora, nunca.

— E eu não quero ir — sussurra ela, tocando meu rosto. —

Nunca.

É o suficiente para pegá-la em meu colo. Com seus lábios colados aos meus, sigo em direção à escada, rumo ao meu quarto, em busca da cama.

Sei que devemos conversar sobre o que houve, mas, no momento, só quero amá-la e sentir o seu amor.

Eu preciso me sentir... Vivo.

Assim que atravessamos a porta e nos vemos livres de nossas roupas, é justamente o que eu faço: amo-a com ternura e paixão, como se não existisse amanhã para nós dois porque a verdade é que eu tenho um grande pavor que essa possibilidade exista.

Acordo cedo. Na realidade, quase não dormi. Virei a noite pensando sobre minha vida e a forma que a conduzi até aqui. Estive satisfeito com ela por muito tempo até essa linda mulher, que está entrelaçada a mim na cama, vir e sacudi-la.

Eu imaginei, antes, que minha vida fosse difícil, mas nem chega perto do que ela possa se tornar se eu estragar tudo outra vez. Encontrar Celeste ontem é a prova de que é exatamente isso que vou fazer.

Eu não posso magoar Penelope assim. Eu simplesmente não

posso.

Saio da cama, procurando não acordá-la. Ela remexe um pouco ao sentir a falta do meu corpo, mas continua dormindo.

Vou para o banheiro e tomo uma ducha rápida. Em seguida, desço, sigo em direção ao bar, onde havia deixado as chaves do carro, e saio.

Como sempre, a essa hora da manhã, o cemitério ainda está vazio. Sigo pelo caminho que conheço de cor. Ajoelho-me em frente à lápide assim que a encontro.

— Eu amei você, talvez não da forma que você gostaria que eu amasse — início com a voz sufocada. — E se eu a tivesse amado como você merecia, eu não teria feito aquela proposta indecente, e hoje vocês dois estariam vivos.

Respiro fundo, fechando os meus olhos.

— Acho que foi por isso que eu carreguei essa culpa por tanto tempo — o nó em minha garganta vai se intensificando. — Eu tinha que provar o meu amor a vocês dois. Eu a amo do meu jeito, e vou amá-la sempre, mas não posso continuar com isso.

Aliso o mármore frio, desejado que eu pudesse tocá-los.

— Mas eu amo aquela garota também — confesso a ela o que eu não havia admito para mais ninguém. — E, se eu a perder, seria como morrer. Então, acho que chegou a hora de dizermos adeus. Amo vocês dois e isso nunca irá mudar.

E é a última vez que me permito chorar. Foram anos, meses, dias entregue à dor, à culpa e à aversão a mim mesmo e isso, finalmente, havia chegado a um fim. Eu ainda me sinto um cretino egoísta, mas estou vivo, meu coração ainda bate e, acima de tudo, ele ama.

Volto para casa, que ainda está silenciosa, e noto que o meu coração está em paz pela primeira vez. Eu me sinto livre como nunca estive antes.

Subo a escada a passos largos. Encontro-a ainda dormindo como um anjo. Um anjo que havia salvado minha vida da dor e da escuridão na qual me escondia.

Tiro minha roupa com pressa e me deito na cama, enroscando seu corpo no meu, suas pernas entrelaçadas nas minhas e meus braços em volta de sua cintura.

— Humm... — sussurra ela, virando-se para me abraçar, encostando sua cabeça em meu peito. — Estava correndo?

— Eu já corri demais — apoio o meu queixo no topo de sua cabeça, puxando-a para mim. — Agora é hora de ficar.

Não tenho sua resposta de volta e nem sei se ela havia me escutado. Eu sei que o que eu disse, no momento, é tudo que importa.

Certo disso, faço exatamente como ela: entrego-me ao sono.

Em seus braços.

Capítulo 24

Penelope

Ele disse para aquela senhora que somos amigos. Tentei disfarçar meu desapontamento na frente dela, ainda mais com a frieza que ela ficou me encarando. Em seguida, veio aquela enxurrada de informações sobre a filha dela e o bebê não nascido. Percebi que aquilo o balançou. O Adam descontraído e solto, que passou o dia ao meu lado e que esteve contando passagens engraçadas de sua infância, foi substituído por um homem frio e retraído que eu não gostei de conhecer. Tudo por culpa daquela

mulher. Ela havia estragado nossa noite, mas, de alguma forma incompreensível, eu não consigo sentir raiva dela. Não deve ser fácil conviver com a perda da única filha e neto.

Nos minutos seguintes, fiquei totalmente sem reação enquanto via Adam se trancar em seu mundo. Quando fomos embora, achei melhor dar o espaço que ele precisava, alegando a mim mesma que ele necessitava disso para digerir as coisas e que a sua reação não tinha nada a ver comigo. Mas, no fundo, sentia muito medo de que o passado tivesse força o suficiente para nos afastar.

Ele deve ter amado muito a Cecília a ponto de nenhuma outra, até hoje, conseguir alcançar o seu coração.

Quando chegamos à sua casa e o vi se afastar ainda mais de mim, meu coração se despedaçou em meu peito. Ao me perguntar se eu queria ir embora, fiquei apavorada e questionei se essa era a resposta que ele gostaria de ouvir de mim.

Felizmente, antes mesmo de eu encontrar a resposta, ele pediu que eu ficasse. A forma como ele me amou quando chegamos no quarto foi diferente de tudo que já tivemos. Havia uma urgência e desespero incontrolláveis e, ao mesmo tempo, em alguns momentos, foi terno e suave.

Também notei que quase não dormiu. Eu mesma passei boa parte da noite acordada, refletindo. Eu não ligo que ele ainda ame a falecida noiva e não vou brigar com um fantasma, nem é justo que eu faça isso com ele. Se Cecilia ainda é alguém especial, devo

respeitar isso, mas haverá em seu coração um lugar para mim?

Como eu sei que pressioná-lo só o afastará ainda mais, deixo que o destino cuide de tudo. Então, preferi ignorar o que aconteceu e esperar que ele volte para mim, como fez no domingo de manhã.

No entanto, apesar dos meus temores iniciais, o dia transcorreu perfeito: tomamos café em um clima romântico, fizemos amor na sala, à tarde passeamos no shopping e, até mesmo, enfrentamos a fila do cinema.

Então, eu repeti a mim mesma: deixe as coisas fluírem.

— Encomenda para você — Aline surge na sala, tirando-me dos meus devaneios.

Vejo duas caixas em sua mão e um cartão lacrado.

— Para mim? — pergunto, surpresa.

A embalagem da caixa é de uma boutique conhecida e exclusiva do centro da cidade.

— Se Walker for seu sobrenome... — diz ela, fazendo careta.
— E eu acho que é a única Penelope no prédio. Não é um nome muito comum, não acha?

Pego as caixas e coloco-as em minha mesa. Estou curiosa para saber o que tem nelas, mas o conteúdo do cartão me aguça muito mais.

"Minha linda Cinderela, é um pecado que não tenha tido o

seu precioso baile. Então, ele acontecerá na sexta. E o melhor de tudo, não termina à meia-noite."

PS: Estou louco para tirar seu sapato.

Adam."

Oh. Meu. Deus.

O que esse maluco está aprontando dessa vez?

Não consigo evitar que um enorme sorriso venha aos meus lábios quando vou em direção à caixa maior.

Há um lindo vestido rosa-fosco. A saia cai em camadas bufantes e há um cinto de Swarovski delicado, rodeando a cintura. As alças fininhas igualmente delicadas estão cobertas das pedrinhas brilhantes. Lindas sandálias de salto alto finíssimo completam o traje.

— Que coisa linda! — Aline se aproxima para tocar o tecido.
— O que diz o cartão?

— *"Minha linda Cinderela, seu baile começa na sexta. E não termina à meia-noite."* — leio-o, com a voz emocionada. — *"PS. Estou louco para tirar seu sapato"*.

— Uau! — Ela sorri, abanando-se. — E quem é o príncipe?
É o Evan?

— Aline, já disse que Evan é apenas meu amigo.

— Não é o que parece, ou o que ele quer — afirma ela, sorrindo. — Mas, se quer manter as coisas privadas por um

tempo, eu entendo.

— Não é isso...

Começo a falar, mas a linha que liga a minha com a do meu chefe começa a piscar.

— Srta. Walker, terminou os relatórios que eu pedi? — ouço a voz impaciente de Neil assim que atendo.

— Sim, senhor. Já estou a caminho — respondo apressadamente e tapo o bocal para falar com Aline. — Falo com você depois, tudo bem?

— Certo. — murmura ela, afastando-se — Vou terminar meu trabalho e sair para almoçar, conversamos depois.

Duas horas depois, saio da sala do Neil com os relatórios aprovados e encaminho para que uma das assistentes que fica com Aline os envie ao setor responsável.

Saio para almoçar, quando ela volta, e faço uma promessa de esclarecer as coisas quando eu retornar embora eu não saiba muito bem o que dizer. Não sei como definir minha relação com Adam. Posso dizer a ela que somos namorados, mesmo sem ele ter me pedido isso?

Ele havia dito que éramos amigos, mas as suas ações e tudo que vivemos até agora dizem que somos muito mais que isso. Amigos não passam tanto tempo juntos e não fazem sexo. Não é apenas sexo; é um encontro de almas, pelo menos para mim. Bem, eu sou mulher, talvez eu esteja apenas querendo

romantizar as coisas.

Todavia, não entendo nada de relacionamentos modernos. Max e eu havíamos conversado ocasionalmente na igreja, fomos à lanchonete perto da minha casa algumas vezes e, em duas semanas, estávamos namorando com a bênção do meu pai. Seis meses depois, ficamos noivos. Tudo regado aos bons modos e costumes.

— Segura o elevador — Carolina corre até mim, quando ele para no seu andar. — Está saindo para o almoço?

— Sim, e você?

— Também — ela sorri. — Gosta de comida japonesa? Abriu um restaurante aqui perto.

— Sim, eu adoro.

O restaurante é daqueles que tiramos o sapato e sentamos em almofadas no chão.

— Carolina, sobre aquele dia no mercado...

— Você e o Crighton... — ela me encara com olhar divertido. — Eu não contei a ninguém embora os comentários sobre você e o Sr. Parker tenham me deixado confusa.

Respiro fundo. Esperava que essas conversas houvessem acabado. Mas ele é um homem rico e bonito, é claro que as pessoas não deixariam uma fofoca como essa de lado, pelo menos até surgir outra coisa mais picante.

— Evan é apenas um novo amigo — afirmo pela segunda vez no dia.

— Eu acredito — ela toca minha mão, como tia Lola teria feito se ela estivesse aqui.

Sinto muita falta de Lola e de seus conselhos sobre a vida.

— Mas com o Adam, não pode dizer o mesmo. Eu vi como ele te olhava e, antes disso, como tocava a sua bunda.

— Carolina!

Sinto meu rosto queimar quando me recordo daquele dia.

— Não seja tímida, querida — ela constata, sacudindo a mão. — Eu estou velha demais para isso. E vocês dois...

— É complicado explicar — inspiro fundo.

Como posso dizer a ela o que nós temos se nem eu entendo?

— Vocês se amam — murmura, com a voz branda. — Isso é o que importa. Vivam o momento. E, como dizem, deixe o rio correr. Eu não direi nada a ninguém.

— Obrigada.

Talvez ela tenha razão. Rótulos, muitas vezes, apenas atrapalham. E estamos aprendendo a nos conhecer. Ser noiva não me trouxe mais felicidade do que a relação indefinida que Adam e eu temos.

Então, vou deixar o rio correr como ela disse.

Meu dia foi agitado: Neil viajou a negócios, houve um problema com a sua reserva do hotel, que eu consegui resolver minutos antes dele chegar, dois diretores tiveram um desentendimento público, e o telefone não parou um instante o dia inteiro. Sem falar da maluca da mulher do Neil, que havia feito um escândalo hollywoodiano em uma boate famosa. Claro, ela foi capa de revista mais uma vez.

Em meio a tudo isso, tive que encontrar tempo para ajustar o vestido para essa noite e passar na loja para trocar as sandálias por um número maior.

Homens. Dizem conhecer nosso corpo, mas não sabem o número que você calça.

Chego ao apartamento em cima da hora. Eu gostaria de um longo e relaxante banho de banheira, mas não há tempo para isso.

Coloco o vestido que agora desliza perfeitamente em meu corpo e faço a maquiagem, dando mais atenção aos meus olhos - gosto de como eles parecem maiores e mais expressivos quando abuso do rímel e esfumaço nos cantos, dando um efeito sedutor.

Sem tempo para um penteado mais elaborado, eu faço um coque frouxo e deixo alguns fios soltos emoldurando meu rosto.

Estou escolhendo o perfume quando a campainha toca. Seleciono o CK One Shock, da Calvin Klein, já que esse é o que mais agrada o Adam, e borribo algumas gotículas com pressa antes de atender a porta.

No caminho, lembro-me de que esqueci a bolsa de mão em cima da cama e retorno ao som da campainha atrás de mim.

— Oi — profiro assim que abro a porta, tanto minha respiração quanto meu coração estão acelerados e não é somente por causa da minha corrida pelo apartamento. Adam provoca esse efeito em mim. — Você chegou mais cedo.

— Cinco minutos — ele devora meus seios com os olhos antes de me beijar.

— Cinco minutos para uma mulher é muito tempo. — respondo, ajustando a gravata dele. — E você está lindo.

— Não mais do que você.

Ele me beija outra vez e logo estamos perdidos nessas carícias. Por mim, continuaríamos em casa, desfrutando um do outro, mas ele insiste em sairmos.

No caminho, imploro para que Adam revele para onde nós vamos, mas, assim como fez a semana inteira, ele mantém segredo.

— Central Park? — pergunto, curiosa, quando ele me ajuda a descer do carro. — É aqui a festa?

É um lugar inusitado para um baile. Vejo-o entregar as chaves do carro para um senhor uniformizado, que eu não faço a mínima ideia de onde havia surgido.

— O começo — sua voz é suave.

Ouçõ o som de cascos e, ao me virar, vejo uma linda carruagem branca com estofado vermelho se aproximando.

— Oh, meu Deus! — Caminho até ela, sem acreditar no que estou vendo. — É sua?

— É alugada, na verdade, mas, se a faz tão feliz, eu a compro para você.

Viro-me em direção a ele. Embora eu note o tom de brincadeira em sua voz, algo em seu olhar me diz que ele faria isso se assim eu quisesse.

Paro um segundo para admirá-lo um pouco. Ele está lindo em seu terno escuro, mãos nos bolsos e um sorriso sexy em seu rosto.

Adam caminha até mim e, a cada passo, meu coração vem até a minha boca, como um peixe batendo fora da água.

— Mais um item da minha lista boba — estou completamente emocionada por ele ainda se lembrar dela. — Fará todos eles?

— Todos os que a fizerem feliz — sussurra ele, levantando meu queixo. — E alguns merecem um bônus.

Sua boca toca a minha em um beijo cálido e repleto de desejo. Perco-me em seus braços e a sensação que tenho é que passaria toda minha vida aqui.

— Senhorita... — ele me afasta e estende a mão em um gesto galante. — Não me tente mais, jurei ser um homem decente essa noite.

Aceito sua mão e subo na carruagem. Embora próximo a nós tenham carros e prédios, eu me imagino dentro de um filme de época ao lado do homem mais lindo que já conheci. Um devaneio tolo, eu sei, mas é impossível abrir mão dessa fantasia.

Quando a carruagem para, estamos em frente ao salão onde está sendo realizado o baile. Ouço a música e observo o pequeno movimento na entrada.

Turma de 2004 – é o que está na faixa branca, estendida acima da porta dupla.

— O que é isso? — pergunto, curiosa.

— Seu baile — ele sorri. Ele parece tímido e envergonhado, o que o torna ainda mais lindo para mim. — Meu baile, na verdade. Reunião de formatura. A ideia surgiu naquela conferência que eu fui. Você me disse que nunca esteve em um baile, então... É o nosso baile.

Se já não bastasse essa surpresa encantadora da

carruagem.

— É perfeito.

— Então, está pronta para o seu baile?

— Agora eu estou.

Lá dentro, o clima é animado. As pessoas dançam, bebem ou conversam em suas mesas. Há um DJ cuidando do som e luzes multicoloridas ricocheteiam nas pessoas e na pista de dança.

Não conheço ninguém aqui, mas eu me sinto como em meu próprio baile de formatura da escola. Aquele que eu não tive porque meu pai não deixou e, mesmo que tivesse permitido, nenhum garoto se atreveu a me fazer o convite. Mas, hoje, eu sou a garota popular da escola, a que vai acompanhada pelo capitão do time de futebol. Essa noite eu posso ser quem eu quiser.

— Quer dançar?

— A noite inteira — respondo com um enorme sorriso.

É como em um filme de comédia romântica, que, no final, tudo acaba bem. Você está dançando e curtindo a noite com o cara mais lindo da festa e os últimos minutos deixam um sorriso bobo em seu rosto porque você sabe que nada de mal irá arruinar o nosso *felizes para sempre*. Esse é o momento em que você deseja congelar o tempo e guardar essa pequena parcela de felicidade para sempre.

Está tocando uma seleção de músicas da década de oitenta. Nós dois estamos na pista dançando ao som de *Listen to Your Heart* da Roxette.

— É como você imaginou? — indaga, com seu sorriso perfeito.

Ele me roda na pista e inclina meu corpo e cabeça em direção ao chão, seu rosto a milímetros do meu.

— É muito melhor do que eu imaginei — toco o seu rosto com carinho. — Porque antes, em meus sonhos, não havia você.

— Uau... — vejo-o ficar encabulado pela segunda vez na noite. É realmente lindo. — E eu que imaginei que eu fosse o sedutor.

Ele me beija. Outra vez, somos apenas nós dois. Não é preciso mais nada.

Após mais duas músicas, retornamos à nossa mesa. Dois casais, amigos dele que dividem o espaço conosco e que são muito agradáveis, incluem-me na conversa a todo momento, mesmo quando retratam algo do passado deles.

Nelson e Ivone conheceram-se na faculdade e estão juntos até hoje. Enquanto ele parece ser o cara engomado com cara de nerd, ela é uma ruiva baixinha e rechonchuda de rosto amigável.

O outro casal, Alex e Maya, é divertido. Ele faz o tipo descontraído e ela é simpática e bem-falante.

— Senhores — ouço a voz do organizador da festa através do microfone.

— Esse é o momento mais esperado. A coroação do rei e rainha do baile.

Todos começam a aplaudir. Eu olho em volta à procura dos possíveis candidatos. Acredito que eles elegeriam o mesmo casal de quando se formaram, já que estão revivendo esse momento. Encaro Adam com ansiedade, pois tenho certeza de que o rei do baile havia sido ele.

— Penelope Walker e Adam Crighton, subam ao palco para receberem suas coroas.

Hã?

Quando essas palavras são proferidas é como se um meteoro gigante caísse sobre minha cabeça.

— O quê? — pergunto confusa. — Adam...

Mal consigo balbuciar as palavras. Estou estarrecida pela surpresa. Adam guia-me pelas mesas e eu só consigo me deixar levar.

— Certo, Crighton, passe o cheque — o homem estende a mão para Adam assim que subimos no palco.

Observo-o entregar a folha de cheque e seguimos para o centro do palco.

Um casal traz as coroas em cima de almofadas de veludo

vermelho e bordas douradas.

O homem coloca a coroa em minha cabeça. A música começa a tocar. Vejo à minha frente as pessoas rindo e nos ovacionando e, alguns segundos depois, bexigas são estouradas e milhares de confetes caem sobre nossas cabeças.

— Fez tudo isso? — pergunto, paralisada por sentimentos que não posso descrever. — Por mim?

— Não o baile — murmura ele. — Apenas o usei a meu favor.

Começamos a dançar e eu me pergunto quem mais faria algo tão lindo, como tudo que ele havia planejado essa noite?

— Pagou pela coroa? — pergunto, tocando a bijuteria reluzente em minha cabeça.

As luzes coloridas sobre o metal, coberto de pedras reluzentes, têm um efeito mágico sobre nós.

— Venci em um leilão.

— E quanto foi?

Ele abre a mão, mostrando os cinco dedos.

— Quinhentos dólares? — pergunto, surpresa.

— Cinco mil.

Cinco. Mil. Dólares.

Oh, meu Deus!

Eu havia desejado apenas um passeio de carruagem, mas

havia ganhado um baile e um príncipe como acompanhamentos. Nem mesmo meu casamento fracassado teria sido tão especial como esta noite. Porque ele fez dela perfeita, a melhor noite de toda a minha vida.

Eu não apenas tive um baile. Eu fui a rainha.

Acordo radiante, as lembranças vêm à cabeça e eu ainda me sinto como em um sonho. Olho para o homem ao meu lado e não consigo evitar que meu peito se encha de ternura.

Eu queria poder abrir as janelas e gritar para todos como eu o amo e como ele me faz feliz. Com esse pensamento maluco pairando em minha cabeça, eu me deslizo dos braços dele, com cuidado para não o incomodar. Saio da cama e visto a camisa dele caída no chão. Olho para o espelho no guarda-roupa. A peça é grande o suficiente para me cobrir até as coxas, quase como um vestido. Sinto-me mais bonita e sensual do que se eu usasse um vestido de grife como o de ontem.

Inspiro fundo, sentindo o perfume dele na camisa e vou para o banheiro. Após fazer a higiene rapidamente, sigo para a cozinha, pensando no que farei para o café da manhã. Quero surpreendê-lo na cama.

Desço a escada pulando os degraus, com um sorriso que certamente deixará minhas mandíbulas com câibras. Mas meu sorriso morre no instante em que escuto um som desconhecido. Meu coração acelera no peito e, antes que eu possa procurar algo para me defender do invasor, surge um homem tão surpreso em me ver quanto estou assustada com ele.

— Ora, ora. Quem é você? — pergunta, após se recompor e levar uma maçã à boca.

Analiso-o enquanto penso em uma rota de fuga. Embora ele seja muito bonito para um ladrão e a roupa branca também não me pareça um traje que um invasor usaria, sei que devo agir com cautela. Afinal de contas, bandidos não precisam ser, necessariamente, caolhos e banguelas.

— Quem é você? — sondo-o, tentando ganhar um pouco de tempo.

Como se ele fosse me dizer. Se eu conseguisse chamar a atenção de Adam lá em cima...

— O irmão bonito — declara, escorando um ombro contra a parede enquanto me analisa com um olhar devasso. — Adam não te falou sobre mim? Que desapontamento.

— Liam? — pergunto, espantada.

— A menos que ele tenha outros irmãos bonitos por aí, sim — ele sorri, mostrando uma fileira de dentes perfeitos. — Em carne, osso e coração.

Respiro aliviada. É óbvio que ele é o irmão do Adam. Agora que meu pavor momentâneo passou é impossível não notar as semelhanças entre eles. Sim, ele é o irmão mais bonito, se isso é possível, pois Adam é o homem mais lindo que já vi, em todos os aspectos.

— Como entrou aqui?

— Chave extra — ele balança o molho de chaves à minha frente. — Ainda não me disse seu nome, princesa — afirma, dando outra mordida lenta na maçã e isso o faz parecer ainda mais sexy.

— É Penelope — respondo sem jeito, agora que sei quem ele é.

— Charmosa... — Liam pisca o olho para mim.

— Até você? — reviro meus olhos. — Sério, isso já está tão batido.

— Não me refiro ao desenho — diz ele, sério.

— E ao que se refere? — pergunto, coberta de curiosidade.

Adam havia falado sobre mim com ele? E o que quer dizer?

— Ah, não — Liam ergue os braços. — O que acontece no pôquer, fica no pôquer, querida. Meus lábios estão selados.

Não faço ideia do que ele está falando. E logo ele muda o rumo da conversa, impedindo-me de aprofundar no assunto. Conta que acabou de sair de um plantão e que a casa do irmão é

mais perto do hospital do que sua casa.

Enquanto ele fala, noto que não parece interessado em me ver aqui.

Não sei se sente muito à vontade comigo ou se é um galinha como o irmão havia sido, mas me parece uma pessoa muito afável e de conversa fácil.

Estranhamente, não me sinto desconfortável também. Talvez porque eu já tenha ouvido muito sobre ele. É como reencontrar um amigo, que há muito tempo eu não via.

— Então, você é a namorada do meu irmão?

Antes eu que possa responder ou definir minha relação com Adam, que eu ainda não sei qual é, sinto um peito largo em minhas costas, mãos me prendendo pela cintura.

— Isso não é da sua conta, Liam — ouço a voz tensa atrás de mim. — O que está fazendo aqui?

Merda. Algo me alerta que isso não parece bom. Não preciso olhar em seus olhos para saber que está irritado, pois seu corpo rijo diz isso e está implícito no tom da sua voz.

Dura e seca.

Capítulo 25

Adam

Sentir ciúmes do meu irmão é, no mínimo, bizarro, mas eu sinto. Liam é bonito, engraçado, inteligente e, acima de tudo, um cara fantástico. Ele possui todas as qualidades que uma mulher procuraria em um homem: bom filho, um irmão extraordinário, um amigo como poucos, e um médico excelente. Aliado a tudo isso, ele é um cara tranquilo.

O Senhor Perfeito.

Ele nunca precisou combater nenhum demônio interno ou viver em guerra com a própria consciência. E ele jamais faria qualquer coisa que me ferisse, direta ou indiretamente. Ciente disso, eu me permito relaxar um pouco.

Quando os vi rindo e conversando de forma tão natural, senti-me ameaçado. É a primeira vez que vejo Penelope tão relaxada perto de outro homem. Isso me causou grande apreensão porque ele não é qualquer homem. É Liam, o meu irmão. Não seria surpreendente que ela pudesse se encantar com ele. Eu nem mesmo poderia ficar com raiva dele. O cara é... Liam. É o Liam e não há adjetivos suficientes para descrevê-lo.

— Bem, se você não vai até a família... — ele cruza os braços, os olhos vagando entre mim e Penelope. — A família vem até você.

Contra a minha vontade, eu me afasto dela. Eu sei o que ele está pensando. O sorriso lascivo e brilhando em seu rosto alerta-me do que possa estar passando por sua cabeça.

Droga! Eu não quero ter que dividi-la com minha família.

Não quero todos os olhares esperançosos e bisbilhoteiros em volta de nós dois. Eu havia acabado de admitir a mim mesmo que eu quero seguir em frente, mas, por enquanto, sem a interferência de Liam e de ninguém. E não é o que irá acontecer se ele continuar aqui, metendo o bedelho e seduzindo-a com seus sorrisos galantes.

— Podemos conversar no escritório? — pergunto, indicando o caminho.

— Por que será que eu tenho a leve sensação que não irei gostar disso? — as palavras são direcionadas a mim, mas é para ela que ele olha, piscando um olho.

Espero-o sair e viro-a de frente para mim.

Merda. Ela está usando a minha camisa. E a roupa fica muito melhor nela do que em mim, não há dúvidas.

Sem conseguir resistir à tentação, eu a beijo. Faço isso de um modo brutal, caminhando com ela até a parede e comprimindo-a ali. Seguro seus pulsos acima da cabeça e, com a outra mão, pressiono seu queixo, obrigando-a a me encarar. Noto o brilho selvagem em seus olhos tão intensos quanto os meus. A excitação latejando em suas pupilas.

Desejo.

O mesmo que incinera minha pele, que me faz esquecer que há outra pessoa a apenas alguns passos de nós dois.

Volto a beijá-la e não é gentil como deveria. Eu tenho essa

necessidade primitiva de provar para ela que *é minha*. Pensando racionalmente, esse seria um comportamento assustador, mas sou puro instinto nesse momento.

— Charmosa... — mordo seu lábio, abafando o gemido rouco com minha boca sedenta. — Porra!

Nossas línguas trabalham juntas como se seguissem os passos de uma dança lenta e sensual, o que faz o meu pau responder na mesma hora.

Há alguém muito excitado aqui.

Afasto-me um pouco para admirá-la e, claro, acalmar os ânimos. Contemplo os seus lábios inchados, o seu rosto corado e a sua respiração ofegante. Minhas marcas em seu corpo são visíveis.

A constatação disso faz meu peito inchar, como um primata orgulhoso por ter reivindicado sua fêmea e ela ter respondido a mim. É um comportamento ridículo, mas eu me sinto bem.

— Preciso falar com ele — minha voz sai enrouquecida e pesarosa. — Eu já volto.

— O que você quer de café da manhã? — pergunta ela, umedecendo os lábios.

A maldita mulher fica sexy demais fazendo isso. Eu pondero se é intencional apenas com o intuito de me enlouquecer ou um gesto natural e inconsciente.

A expressão inocente me diz que ela não faz a mínima ideia do poder que tem sobre mim, o que a torna ainda mais perigosa.

— Você... — introduzo minha mão pelo decote formado pelos botões abertos da camisa, agarro um dos seios firmes e empinados e belisco o mamilo. Vejo-a fechar os olhos e estremecer.

Toco sua boca, deslizando o indicador sobre seu lábio. Tento garantir a mim mesmo que eu posso me afastar dela sem cometer alguma loucura como jogá-la na mesa e esquecer de todo o resto.

Munido da pouca força que tenho, eu me afasto. Com um sorriso de que *eu sou o cara*, o dono do mundo, vou ao encontro do meu irmão intrometido.

Encontro-o no escritório, sentado em cima da minha mesa. Os braços cruzados, olhando para mim com aquele olhar de irmão mais velho, que acha que sabe tudo.

— Então, você a encontrou? — ele me questiona, satisfeito com sua conclusão.

Ligar a Charmosa daquele dia de pôquer com a Charmosa na minha cozinha não requer muita inteligência, mesmo vindo de alguém como ele.

— Encontrei quem? — desconverso enquanto finjo olhar os títulos dos livros na estante.

Eu não vou facilitar as coisas para ele. Nem sei ainda se eu quero dizer alguma coisa. Eu me sinto muito egoísta sobre isso.

Possessivo em relação a ela. Ela é minha e não quero dividi-la com mais ninguém, mesmo que seja com a minha família. Isso me faz perguntar se estou me transformando em um desses homens passionais e loucos.

— Não vem com essa, não — ele reclama, descendo da mesa.
— Você gosta dela? Acho bom que você goste ou vai se ver comigo.

Mas que porra é essa agora?!

É por esse motivo que eu quero a merda da minha família longe.

— Isso não é da sua conta.

— Eu precisei de dez minutos, de malditos dez minutos, para perceber que ela é diferente.

Eu não gosto de intimidações. Não sou a porra de um menino que precisa ser repreendido. E como ele mesmo disse, conheceu-a há pouco mais de dez minutos, então Liam não precisa estufar o peito e vir bancar o protetor.

— E, se ela não tivesse passado a noite com você e eu não o conhecesse bem, diria que é como uma dessas virgenzinhas inocentes — raramente vejo Liam falar com tanta seriedade, mesmo em situações de conflito.

Ele não está muito errado sobre a última parte, já que, até pouco tempo, ela era realmente virgem. E, mesmo que tenhamos transado muitas vezes, ainda há nela aquele ar virginal, que foi o que me cativou desde que a vi. Será que Liam sente por ela algo

semelhante ao que senti?

— Você não vai fazer nenhuma merda com aquela garota, Adam — continua ele, alheio a todos os absurdos rondando minha mente traiçoeira. — Eu não vou deixar.

— O quê?

Aproximo-me dele e ficamos cara a cara como dois lutadores se provocando em um ringue.

— Está interessado nela? — pergunto com um olhar ferino.
— Penelope não tem cinco anos. Ela sabe se defender.

— Não estou interessado nela, idiota! — Liam olha-me como se eu fosse maluco. — De onde você tirou esse absurdo? Ela não é igual às outras e o que você sente também é diferente. Notei isso quando entrou na cozinha e ficou agindo como um homem das cavernas. Passou a vida toda se comportando como um imbecil e agora que tem a chance de ser feliz não procure um motivo para jogar tudo fora.

Que cara chato!

Quando quer, Liam consegue ser chato em qualquer situação: com suas piadas ridículas, quando pensa que está certo e quando ele realmente está certo.

Eu quis mesmo foder com tudo isso. Eu quis jogar tudo pelo ralo como ele insinuou. Eu quis...

Mas tudo havia mudado. O problema é que eu ainda estou

aprendendo a lidar com essa nova fase da minha vida. Há sentimentos que me acompanham por tantos anos e faz pouco tempo que eu havia dado as costas ao passado. Mas isso não deixou velhos temores para trás.

Todos os “ses” rodeiam por minha cabeça. E se eu a magoar, como fiz com Cecília? E se tudo acabar tão assustadoramente rápido como começou? E se Penelope enxergar o grande idiota que no fundo eu sou?

— Isso não é problema seu! — Rosno, sem saber ao certo porque estou tão irritado com ele. — Mas que porra! Eu não vou magoá-la, Liam.

Talvez esteja irritado porque Liam jogou na minha cara todas as coisas que eu precisava ouvir. Ou, quem sabe, seja esse ar protetor com relação à minha garota que me tira dos eixos.

Ela é minha, eu decidi isso essa manhã. Com ou sem temores, não há a possibilidade de ela sair da minha vida tão cedo.

— Eu sabia disso — ele sorri, convencido. — Só queria ouvir dos seus lábios de mel. Eu posso começar a ouvir os sinos da igreja?

Claro que ele não ia me deixar em paz até me fazer confessar meus sentimentos.

— Vá se ferrar, Liam! — Eu soco o ombro dele de leve. — Cuide da sua própria vida.

Ele dá de ombros, rindo. O velho e babaca Liam está de volta.

— E devolva as minhas chaves.

O sorriso idiota vai embora na mesma hora.

— Está falando sério? — ele me encara com olhos incrédulos. — Sabe que essa é a minha segunda casa.

Pura mentira. Apesar de ter a cópia das chaves, ele raramente vem aqui, sempre aparecendo em dias de jogo.

— Essa é a minha casa. — murmuro, abaixando a mão. — E se não notou, as coisas estão um pouco diferentes. Você pode continuar com a chave, mas agora você tem que ligar quando for aparecer por aqui.

— Tem medo de que eu pegue vocês dois transando pela casa? — ele me pergunta, guardando o molho de chaves de volta em seu bolso. — Sexo em grupo é a área do Peter. Eu sou um homem sério.

— Liam!

Saio do escritório para evitar socá-lo de verdade.

— Sabe, achei que esse dia nunca iria acontecer — ele me confia, alcançando-me e passando o braço sobre meus ombros. — Você caidinho de amor.

Empurro-o contra a parede. Nós dois começamos o mesmo empurra-empurra que fazíamos quando éramos crianças. Esse

lado descontraído, que havia sido sufocado em mim por tanto tempo, voltou à vida. Nosso velho companheirismo está de volta.

Amar alguém é, realmente, transformador.

Estou ouvindo os dois rirem há quase meia hora. É um daqueles momentos em que sua família sabe constranger você, contando histórias que eles acreditam serem engraçadas. E, dessa vez, eu sou a vítima.

— Nossos amigos chegaram para brincar e o Adam estava com a cara toda maquiada e rolinhos de papel higiênico na cabeça — ele ri descontroladamente. — Passou todo aquele verão sendo chamado de Amanda. Entendeu? Adam-Amanda.

— Eu tinha seis anos, Liam. Você sabe que Katty consegue ser bem convincente. Quando bebê, isso era quase impossível. Ninguém conseguia dizer não a ela — fuzilo-o com meus olhos. — Por que não conta a Penelope o dia que ela o vestiu de boneca com as roupas da mamãe?

— Isso não é engraçado — ele interrompe a risada e fica sério.

— Eu acho que é — afirmo com olhar provocativo.

Desvio da tigela que ele joga em minha direção e jogo uma colher em cima dele.

— Já chega vocês dois! — Diz Penelope com a voz autoritária. — Comportem-se. Parecem duas crianças birrentas.

— Não posso resistir ao pedido de uma bela dama — ele sorri, abanando o guardanapo para mim como uma bandeira branca.

— Covarde — não resisto à provocação.

Ele responde com o olhar endiabrado. O mesmo olhar que me dava quando criança e que eu sabia que nos colocaria em encrenca.

— Então, Penelope, falando em crianças... — ele se vira em direção a ela. — Você gosta de crianças?

A pergunta faz o meu sangue congelar em minhas veias. Não sei onde Liam está querendo chegar com isso, mas tenho uma leve impressão que me fará querer estrangulá-lo, sentimento que me acompanhou durante todo o café da manhã.

Crianças não são o meu ponto forte embora esteja cercado por elas. Minha irmã, Katty, havia engravidado na mesma época do acidente que vitimou Cecília. Eu nunca passei mais do que meia hora perto das minhas sobrinhas gêmeas. Um dos meus melhores amigos tem uma filha e, embora Anne seja uma criança encantadora, evito-a o máximo que posso também.

Não. Crianças e eu não combinamos mesmo. Percebo,

agora, que isso me coloca em um grande impasse. Chegaria uma hora nessa relação que o assunto viria à tona. Qual será a reação de Penelope ao saber que eu não pretendo navegar por esses mares, nunca? Mulheres são instintivamente maternais. E ela não me parece ser diferente. Então, essa pergunta faz-me sentir como se estivesse sendo pendurado de ponta-cabeça.

— Na verdade, eu amo — ela sorri para ele. — Era professora dominical na igreja.

Ótimo.

— Ah... — ele me encara com olhar curioso. — É religiosa.

— Meu pai é o reverendo da minha cidade, antiga cidade — ela se corrige. — Posso dizer que eu sou um pouco religiosa, sim.

— Cacete! — Ele se engasga com o café. — Adam, você está ferrado, é...

— Não — ameaço-o com os olhos.

Eu sei o que ele iria dizer. Que eu era um maldito deflorador de garotinhas.

Eu não estou fodido porque o pai dela é um religioso que colocaria minha cabeça na bandeja de prata quando soubesse que eu havia tirado a virtude da sua filhinha e que, provavelmente, me encurralaria a fim de reparar meu dano. Eu estou fodido porque percebi que a ideia de que isso possa acontecer me agrada - e muito.

A porra é que o Liam, talvez em um futuro próximo, possa mesmo ouvir o bendito sino da igreja. Ao contrário do que acho que sentiria, isso não me assusta mais.

O único impasse são aquelas coisas fofinhas de quem eu quero distância.

— O que crianças têm a ver com isso? — pergunta ela, sem entender nossa conversa desconexa.

Liam desvia o olhar endiabrado de mim e foca nela, sorrindo como um idiota.

— Minha irmã dará uma festa de aniversário para minhas sobrinhas gêmeas, no próximo sábado — ele conta a ela, como se estivesse próximo a convidá-la para tomar café na esquina. — Acho que ela adoraria conhecer você.

Que merda ele está fazendo?

Eu passo de surpreso para muito irritado em instantes. Liam está fazendo exatamente o que eu não quero: apressando as coisas. Ele sabe o que irá acontecer se eu aparecer naquela festa com Penelope. Não levo ninguém à casa dos meus pais desde Cecilia e nem posso dizer que a levei, já que ela frequentou a nossa casa desde criança e sempre foi esperado que um dia nós ficássemos juntos.

Então, que porra ele está fazendo?

Inferno! Minha mãe e minha irmã simplesmente não deixariam Penelope em paz um único minuto. Primeiro, as duas

iriam testá-la para saber se poderiam dar sua aprovação. Eu vi isso acontecer com todas as ex-namoradas de Liam. Depois, porque é óbvio que as duas se simpatizariam com ela, fariam pressão sobre mim sobre quando colocarei um anel gigantesco em seu dedo.

Não, eu não quero acelerar as coisas. Gosto de como tudo está fluindo, gradativamente.

— Eu não sei... — ela inicia, em um tom desconfortável.

— Não aceito um não como resposta — ele a interrompe. — Será divertido, não é, Adam?

Eu queria mandá-lo calar a maldita boca. Mas eu não posso inventar uma desculpa qualquer que possa vir a magoá-la. Não quando eu a vejo tentar disfarçar a expectativa, mantendo os olhos em mim.

— Acho que sim.

— E eu estarei lá — observo o sorriso de Liam ficar mais largo.

Maldito.

Como se sua presença fosse mudar alguma coisa.

Meu irmão jogou a bomba em minhas mãos e, depois, simplesmente, foi para o quarto de hóspedes dormir.

Penelope está colocando a louça do café da manhã na lavadora e eu estou aqui, ainda à mesa, sem saber ao certo o que falar.

Então... Ela irá conhecer minha família. Ao mesmo tempo em que isso é assustador para mim, também me parece natural embora eu ainda ache que as coisas estejam indo rápido demais.

Caralho. Por que Liam tinha que ser tão intrometido? É tão errado assim eu querer manter o que nós temos apenas para nós dois?

— Você não precisa ir — finalmente algo sai da minha boca. A tonalidade e brusquidão em minha voz deixam-me incomodado. — Não precisa lavar a louça também. Não é minha empregada.

Cacete! O que há comigo?

Agir como um idiota não vai nos ajudar em nada.

— Se você não quiser, eu não vou — ela me diz, com a voz suave. — E eu só coloquei a louça na lavadora.

Esse é um daqueles momentos em que eu sei que agi como um verdadeiro babaca. Se eu pudesse, morderia meu próprio

saco.

— Vem cá! — Bato em meus joelhos e dou a ela um sorriso sincero.

Vejo-a secar as mãos no pano e me olhar com incerteza.

— Se você não vier, eu vou te buscar! — Coloco um tom brincalhão em minha voz, mas ela sabe, através de meu olhar determinado, que estou falando muito sério. — Charmosa.

Eu sei que ela havia se acostumado com o apelido que dei a ela, mas ainda faz com que fique ligeiramente incomodada.

— Eu sei que é bastante precipitado... — ela sussurra, finalmente se sentando em meu colo. — É assustador para mim também. Conhecer sua família... É tudo tão...

Enquanto ela gagueja, atropelando-se em suas próprias palavras, eu pressiono meu rosto em seu pescoço e sinto o seu perfume. Sua voz começa a ficar distante de mim. Só tenho consciência de tê-la aqui, em meu colo. Passo meus braços em volta dela e começo a balançar nossos corpos como faria ao ninar uma criança.

Não há o impulso sexual que sempre desperta em nós dois. Estou feliz apenas em ficar com ela, desfrutando da sua companhia.

— Então, se você não quiser... — geme ela quando deslizo meu nariz pela curva do seu pescoço. — Eu não vou. Estive pensando em ir para o Texas. Seria uma boa desculpa para...

Eu só entendi a palavra *ir*. É como você estar em um sonho muito bom e o maldito despertador começa a tocar no melhor momento.

— Você vai para onde? — pergunto, afastando-a apenas o necessário para focar em seu rosto.

— Pensei em visitar Lola e conhecer o bebê da Paula, minha prima.

— Quando? Texas?

Eu não quero que ela parta, mesmo que seja pela droga de um final de semana.

— Seria sua desculpa perfeita... Para o Liam — murmura, ajeitando-se em meu colo. — Ele parece bem empenhado que eu vá. Essa pode ser a saída.

— Ele saberia que arranjamos uma desculpa e isso só pioraria as coisas.

Eu deveria estar aliviado pela solução que Penelope encontrou, mas cacete, não é assim que eu me sinto.

Gosto de tê-la aqui ao alcance do meu braço.

O Texas é muito longe. Várias possibilidades poderiam acontecer. Ela poderia conhecer um cowboy simpático e bonitão, por exemplo. Além disso, há aquela prima meio maluca que já havia expressado a vontade de levá-la daqui. Eu não vou arriscar algo como isso. Ir a uma festa infantil das minhas sobrinhas, na

casa dos meus pais, não é a pior das minhas opções. Eu só teria que mantê-la longe da minha irmã bisbilhoteira e da minha mãe casamenteira, e tudo ficaria bem.

— Além disso, você deu sua palavra — finjo casualidade quando, internamente, rezo para que seja capaz de tirar essa ideia insana de sua cabeça. — E Liam ficaria muito magoado.

Essa, sem dúvida, é a desculpa mais estapafúrdia que eu poderia dar. Usar a pouca ou nenhuma sensibilidade de Liam para impedi-la de sair da cidade. Soa tão ridículo para mim, que se o assunto ainda pendente não fosse tão sério, certamente me faria cair na risada.

— Acha que ele ficaria muito chateado? — ela me questiona, alarmada.

O toque de apreensão em sua voz me faz querer dizer a verdade, mas isso a faria seguir com seus planos em diante.

— Liam pode ser muito sensível às vezes — minto.

Certo. Dessa vez, sou obrigado a apoiar meu rosto novamente em seu pescoço para esconder um sorriso.

Liam tem a mesma sensibilidade de um elefante.

— Eu não quero isso — diz ela com sinceridade. — Não tenho amigos fora da empresa e eu gostei dele.

Lembro-me de que ela é sozinha aqui na cidade. Não consigo evitar que uma físgada aguda corte meu peito ao imaginar como

seus dias devem ter sido solitários antes de me conhecer.

— Não será tão ruim assim — revelo, afastando uma mecha do seu rosto. — É só ficar longe da Bruxa Um e da Bruxa Dois.

— Quem?

— Minha mãe e minha irmã — beijo seus lábios e desejo tirar os pequenos vincos de preocupação em sua testa. — Mas eu estarei lá e, claro, Liam também.

Beijo-a para afastar todos os temores que possam estar passando em sua cabeça.

— Agora esqueça isso de ir para o Texas — sussurro, levantando e trazendo-a comigo. — Que tal fazermos como Liam e irmos para a cama?

— Mas acabamos de acordar — ela parece espantada.

— Quem disse que vamos dormir?

Com seu gritinho de surpresa e com as suas pernas encaixadas em minha cintura, eu a carrego até o quarto com muitos beijos ansiosos por todo o caminho. Não demorou muito para nos livrarmos de nossas roupas e nos entregarmos ao prazer que nossos corpos desejam.

Definitivamente, eu não posso ficar longe dela. Essa mulher havia se tornado o meu vício. E não tenho pretensão alguma de me manter sóbrio em relação a ela.

Capítulo 26

Penelope

Dois dias se passaram desde o final de semana. Foi interessante conhecer Liam e saber um pouco mais sobre Adam através dele, além de tudo que ele já havia me contado. Pelo o que seu irmão disse, Adam havia sido uma criança travessa e aventureira, totalmente diferente do homem centrado que eu conheço.

É visível e doce o quanto eles se amam e se respeitam apesar de todas as brincadeiras bobas durante o café e, depois, no dia que Liam se juntou a nós para um almoço.

Eu visualizo uma família feliz e, apesar do medo de como serei recebida por seus outros familiares, no fundo eu tenho curiosidade em saber como é o seu relacionamento com os seus pais e com a sua irmã, pessoas por quem Adam e Liam demonstram sentir grande carinho. Sobre as meninas, ele não falou muito e era sempre Liam quem as citava e, quando fazia isso, Adam mudava de assunto. Inicialmente, achei estranho, mas acabei me esquecendo dessa questão quando mergulharam em outra discussão bizarra entre eles. Liam é exatamente como Adam havia descrito a mim. Ele possui um humor inabalável.

Eu gostaria de ter tido irmãos ou que meu irmão estivesse

vivo. Será que Cory e eu seríamos tão amigos como eles?

Acredito que sim.

Como teria sido crescer tendo ao meu lado um companheiro para aventuras, confidências e apoio?

Minha vida, talvez, não tivesse sido tão solitária. Antes, eu nunca havia me dado conta de quanto isso me fez falta. Agora, diante de uma família unida e bem diferente da minha, eu vejo o quanto eu perdi.

Mas não vou ficar me lamentando. Tenho preocupações maiores, como a mãe e a irmã do Adam. Ele as havia apelidado de Bruxas Um e Dois. É óbvio que ele estava brincando porque notei o carinho em sua voz ao falar delas, mas isso não ameniza meus temores.

Será que elas irão gostar de mim? Porque é realmente importante para mim que elas gostem.

Engraçado, fui noiva do Maxwell por anos e nunca me importei com o que os pais dele pensavam ao meu respeito. Tudo era uma questão de me comportar como eles esperavam. Eu só tinha que ficar ao lado deles e manter a pose de garota recatada e educada, a boa moça.

Hoje, quero muito que os outros membros da família de Adam gostem de mim como eu sou de verdade.

Como ele me apresentaria a eles? Amiga, como fez com Celeste?

Solto um suspiro e tento me concentrar na tela do computador pela centésima vez nas duas últimas horas.

Ainda bem que o expediente já está acabando. O dia foi relativamente calmo para o início da semana, mas estou bem fatigada.

Adam havia enviado uma mensagem há meia hora, avisando que está por perto e que virá me buscar, então, em vez de seguir pela saída habitual, eu o encontrarei na garagem.

— Penelope, confirmou a reserva que eu solicitei? — Neil surge de sua sala, vestindo seu terno.

— Às oito horas, no restaurante que me pediu.

— Certo. Você já pode ir embora — ele fala, seguindo para o elevador.

Nesse momento, recebo outra mensagem de Adam dizendo que já está lá embaixo, esperando por mim.

Desligo o computador e verifico se todo o resto está em ordem. No elevador, encontro com Aline.

— Ei, estou a fim de aliviar o estresse — ela inicia e seleciona o térreo no painel. — Ir ao shopping perto daqui. Talvez comprar uma bolsa que eu vi em promoção.

— Aliviar o estresse? — pergunto rindo e selecionando o botão que dá acesso à garagem. — Mal começamos a semana.

— Ê, mas seu chefe me deixou louca hoje — ela revira os

olhos e volta a encarar o painel quando eu me afasto para o lado.
— Neil me pegou distraída no celular duas vezes. Já pode imaginar no que deu. Por que vai descer na garagem?

Antes que eu possa responder, o elevador para no vigésimo andar. Quatro garotas entram e sou obrigada a me espremer no fundo.

— Eu não poderei ir hoje — falo para Aline, que está imprensada do outro lado. — Talvez amanhã.

— Vai se encontrar com Parker? — pergunta Aline por cima do ombro das garotas, que, até então, estiveram concentradas em sua conversa, mas que agora prestam atenção em mim. — É ele que está lá embaixo?

Merda!

É claro que essas mulheres sabem quem é Evan Parker. E a pergunta de Aline só deve ter colocado mais combustível nas fofocas rolando com o nosso nome.

Meu Deus! Nós só havíamos almoçado duas vezes - duas vezes! -, sendo que uma delas ninguém teve conhecimento além do Neil. De que raios essas pessoas haviam tirado tal absurdo de que estamos tendo um caso?

— Não, eu não vou me encontrar com ele — respondo mal-humorada. — Não o tenho visto ultimamente.

Se o elevador não tivesse parado no térreo, tenho certeza de que eu teria sido bombardeada com novas e cansativas perguntas

sobre quem me espera na garagem.

— Vejo você amanhã — falo rapidamente assim que ela sai. Aciono o botão que fecha as portas e apoio-me contra a parede fria.

Eu tive uma pequena parcela de como serão as coisas quando todos souberem que estou envolvida com um dos amigos do Sr. Durant.

Eu não quero que as pessoas pensem de mim o mesmo que pensavam antes na minha antiga empresa, que eu era uma alpinista social.

Chego à garagem quase vazia, mas a tempo de ver Adam e Neil se despedirem. Apesar de nenhum dos dois terem me visto, meu coração parece querer sair pela boca. Sei da opinião de Neil sobre relacionamentos entre funcionários. Tudo bem, Adam não é, propriamente, um funcionário da DET, mas é seu advogado e o fato deles serem amigos torna as coisas ainda mais graves.

Graças a Deus, meu chefe saiu antes de me ver. Parece que estou namorando escondido do meu pai. Espero o carro de Neil sair e me aproximo de onde Adam está.

— Oi — ele me abraça e beija assim que me aproximo dele no carro. — Teve um bom dia?

— Esteve bom, até agora — respondo, emburrada.

— O que houve? — ele me encara, preocupado.

Sei que não estou sendo justa em jogar meu descontentamento sobre ele. Não é justo eu exigir mais dessa relação quando ainda estamos nos conhecendo.

— Fofocas sobre eu e o Sr. Parker — respondo, não querendo entrar no assunto de que manter nossa relação no escuro me incomoda.

— Evan? — ele coça a sobrancelha com o polegar. Esse é um gesto que eu havia percebido que ele tem sempre que ameaça ficar nervoso. Se bem que nem seria necessário o sinal, pois está estampado em seu rosto todo o seu descontentamento. — O que estão dizendo?

— Nada — vou em direção ao banco de passageiros. — Bobagens.

Eu e a minha boca grande.

— Se está chateando você, não são bobagens.

Respiro profundamente e penso no que dizer a ele. Opto pela verdade. Cedo ou tarde, ele irá saber mesmo.

— Coisas sobre o Evan.

— Que tipo de coisas? — agora ele parece muito impaciente.

— Sobre nós dois juntos — respondo, desanimada. — Que temos um caso ou algo assim.

— Cacete! — Um vinco de descontentamento marca sua testa.

Ele parece furioso. Observo-o dar a volta em frente ao carro e abrir a porta para mim. Embora os movimentos dele sejam precisos e controlados, noto suas mãos trêmulas de raiva.

— Entre — ele me diz sem me encarar.

Antes que eu ameace entrar no carro, sua mão firme agarra meu antebraço, puxando-me. Apesar de eu ainda estar, de certa forma, tão irritada quanto ele é quase impossível não reagir ao seu toque em minha pele.

— Eu vou dar um jeito nisso — ele me garante, dessa vez parecendo mais calmo.

Um sinal de alerta começa a piscar em cima da minha cabeça. Se um homem diz que vai resolver uma situação envolvendo uma mulher, você pode ter certeza de que isso vai dar em merda. E, se esse homem for o esquentadinho à minha frente, eleve isso ao quadrado.

— O que você vai fazer? — pergunto, girando meu corpo para ficar de frente a ele. — Não vai sair por aí brigando, não é? Evan é tão vítima quanto eu.

— Meu amor... — ele toca meu queixo, levantando meu rosto para ele. — Ninguém mexe com o que me pertence.

Sob o ar debochado, eu vejo uma força felina, destruidora e selvagem brilhando em seus olhos.

— Eu não sou sua — rebato, contrariada. — Não sou um objeto que você tem que lidar.

Ele avança. Languidamente. Fecha a porta e me encurrala contra ela. Você já se arriscou brincar com um leão faminto em sua jaula? Pois é bem assim que me sinto, como se estivesse atijando-o com vara curta.

— Não é o que seu corpo fala — diz ele, as palavras sendo sussurradas em meu ouvido. Não de um jeito normal, claro que não, tinha que ser com aquela voz sexy, rouca e feita para seduzir. — E como advogado, devo alertar você: o corpo fala mais do que as pessoas querem admitir. E o seu...

A mão grande e máscula cai em meu seio tomando posse, reivindicando o que eu já sabia e estava apenas tentando negar: eu sou dele.

Não deixa de ser um pensamento de certa forma machista. Certamente, essa é uma declaração que faria dezenas de feministas queimarem sutiãs na porta da minha casa.

Mas não posso deixar de me sentir exultante com essa possessividade. Acuse-me quem quiser, mas nada se compara à felicidade de me sentir dele, em todos os sentidos.

— O seu fala muito, Charmosa — cochicha, queimando meu pescoço com o toque dos seus lábios sedosos. — Sabe o que ele fala?

O quê?

Se me perguntassem agora qual é cor do céu, eu diria vermelha, pois essa é o único tom que eu vislumbro: um intenso

vermelho vivo, explodindo em meus olhos.

— Ele grita: me fode! — Murmura ele, deslizando sua mão por minha saia, levantando-a e tocando-me intimamente. — E é isso que eu vou fazer. Porra, Charmosa, você é a única que me leva da raiva absoluta ao prazer extremo.

Oh. Meu. Deus.

Estamos em um estacionamento. Não qualquer estacionamento, mas o do meu local de trabalho. E, em vez de eu estar furiosa com ele por nos colocar em uma situação tão embaraçosa, na realidade estou eufórica e vertiginosamente excitada.

— Aqui?

Consigo dizer quando ele puxa a minha perna, fazendo com que meu joelho toque a sua cintura. É muito difícil ter um pensamento coerente quando sua língua faz maravilhas em meu ouvido. Sua mão malvada sabe como trabalhar em meu seio.

— Aqui, lá... — ouço o barulho do tecido da minha calcinha sendo rasgado. — Tanto faz. O local é o que menos importa.

Ah, merda, eu gostava desse lingerie.

— Mas e as câmeras? — pergunto, com o resquício de bom senso que há em mim.

Embora a iluminação seja fraca e estejamos próximos a uma pilastra, não é o suficiente para nos encobrir. Qualquer um que

verificasse as gravações notaria um casal em cenas comprometedoras.

— Dane-se! — Sussurra, colocando-me em uma posição diferente. Creio que para me proteger. — Meu pau está chorando para estar dentro de você, querida. Não o faça sofrer mais.

Deus. Isso é loucura.

Ainda há alguns carros estacionados aqui. A qualquer momento, alguém poderia aparecer. Para uma pessoa que estava preocupada em combater intrigas e boatos sem fundamento, estamos oferecendo um banquete para os fofoqueiros famintos.

Mas, quando ele toca minha vagina, torturando-me com seus dedos ágeis, sua boca silencia meus gemidos e todas as outras pessoas deixam de ter importância. Antes que eu possa evitar um gemido alucinado, causado pelas sensações que ele me provoca, sou invadida por seu pau rasgando-me toda.

Minhas pernas estão trêmulas e sou obrigada a me apoiar em seu ombro para evitar a queda. Adam toma-me com uma ferocidade implacável, puxa mais meus quadris, encaixando-me ainda mais a ele e mexendo dentro de mim até que as sensações de prazer vão se intensificando.

— Porra, querida! — Ele geme, agarrando minhas coxas e colando seus lábios nos meus. — Ah, meu Deus, Penelope!

A tortura em sua voz é a mesma que castiga meu corpo. Nós dois estamos em uma corrida desenfreada em busca do prazer

que ele trará aos nossos corpos febris.

Eu nunca imaginei que um dia seria capaz de fazer algo tão perverso quanto isso. Algo completamente insano e sem controle como transar em um estacionamento aberto.

— Adam... — gemo seu nome. Soa mais como um pedido de clemência que ele me leve até o paraíso, como ele sempre faz. — Ah, por favor!

Ele entra e sai de mim. A sucção ficando cada vez mais forte e aguda. Em poucos segundos, meus olhos estão revirando. Ondas gigantescas de prazer tremulam por toda minha pele. O prazer é tão intenso que temo perder a lucidez. Espasmos fazem meu corpo sacudir.

Adam estremece abraçado a mim, sussurrando palavras desconexas e eu me entrego ao prazer em um dos orgasmos mais potentes que já senti.

— O que você faz comigo, garota? — pergunta ele minutos depois ao arrumar minha roupa antes de me colocar no banco do carro.

Agradeço-lhe por isso. Minhas pernas ainda estão tão trêmulas que eu temo cair no assoalho áspero.

Adam ajeita suas próprias roupas e dá a volta em seu carro, senta-se ao meu lado no banco do motorista e me encara. Seus dedos tocam minha boca inchada de forma delicada e carinhosa. Fecho meus olhos, desfrutando do pequeno prazer que isso me

traz.

— Por que com você eu me esqueço de tudo? — pergunta.

Pela primeira vez, após muito tempo desde que estamos juntos, falando corretamente a contar do dia em que ele apareceu bêbado em minha casa que eu não me deparo com esse olhar carregado de tanta tortura.

— Se o alivia... — beijo seus dedos ainda em meu rosto. — Comigo acontece o mesmo.

Ele apenas me beija. Doce e suavemente. Nossas bocas ficam coladas por um tempo como se nos alimentasse e dessem forças um ao outro.

Senhor, eu estou tão e perdidamente apaixonada por ele que chega a me causar pânico.

— Vamos? — ele se afasta e coloca o cinto em mim como se eu fosse uma garotinha. Eu sorrio encantada. Ele vai do homem apaixonado, que quase me fez desmaiar de tanto prazer, ao cavalheiro galante.

No meio do caminho, paramos em uma farmácia. Como imaginei que ele fosse comprar preservativos, preferi esperá-lo no carro.

É incoerente ficar envergonhada sobre isso quando, há alguns minutos, estivemos fazendo sexo insano, mas eu fiquei tímida.

Chegamos à sua casa. Eu vou direto para o sofá e Adam segue para a cozinha.

Tiro meus sapatos, jogo minha bolsa no chão e estendo-me no estofado macio. Recordo-me das vezes que transamos aqui e meu rosto fica vermelho na mesma hora. Eu não deveria pensar em sexo em tão pouco tempo, deveria?

Adam disse que as mulheres conseguem se recuperar mais facilmente, mas homens superpotentes só existem nos meus livros de romance. Caramba, se ele fosse mais potente do que já é, eu não acho que sobreviveria por muito tempo.

— Penelope... — sua voz me faz abrir meus olhos. — Você tem que tomar isso.

Tenho-o ajoelhado na minha frente. Um copo com água em uma mão e uma cartela de comprimidos na outra.

— Acetato de ulipristal... — leio o nome na embalagem. — O que é isso?

— Um contraceptivo — diz ele, levantando-se e sentando-se no braço do sofá ao meu lado. — É para evitar...

— Gravidez — Concluo por ele. Posso ser quase inexperiente, mas não sou burra. Minhas mãos ficam trêmulas e eu o encaro angustiada diante dessa possibilidade.

— Não usamos preservativo — ele parece culpado como um garotinho pego fazendo travessuras. — Me desculpe.

Se há culpados, eu não posso me eximir e jogar toda a imprudência em cima dele. Pelo menos, ele deu um jeito na situação, algo que nem me passou pela cabeça.

Bom, ele é experiente e essa circunstância deve ter acontecido muitas vezes.

— Isso nunca aconteceu antes — confessa ele, como se lesse meus pensamentos. — Desde Cecília, eu não sou tão descuidado. Um bebê é a última coisa que eu quero.

Pensando racionalmente, tenho que dizer que ele tem razão. Um bebê agora traria muita tensão a nossas vidas. Meu pai, seguramente, ficaria louco.

Engulo o comprimido e bebo um longo gole de água.

— O que você quer para o jantar? — pergunto, mudando o foco para outra coisa.

Ele me encara sério como se eu fosse um homenzinho verde que acabara de cair na Terra. Aposto que Adam não contava que eu fosse agir com tanta naturalidade.

— Qualquer coisa — ele me responde. — Vou te ajudar.

Ajudar, na verdade, ele quer dizer passar a mão em mim sempre que tivesse vontade. Cozinhar nunca mais foi o mesmo com ele por perto, e eu adoro.

Após o jantar, fomos assistir a uma reprise de um jogo de baseball na TV.

— Com certeza, os Giants ganham esse ano — informo, apoiando minha cabeça em seu peito. — Sabe, quando eu era criança, meu pai me levava a quase todos os jogos deles. Tenho saudades dessa época.

Lembro-me de como nossa família era alegre e feliz.

— Sempre que o nosso time ganhava, meu pai fazia uma grande festa. Me recordo perfeitamente da última vez. Meu pai ia sair para comprar mais bebidas, nossa casa estava cheia com seus amigos e algumas crianças. Cory e eu fomos brincar na calçada. Minha mãe estava entretida cuidando da comida e não nos viu sair...

Eu nunca falei sobre esta história com mais ninguém.

Nem mesmo com Lola, ainda que ela acreditasse que, se eu falasse sobre o assunto, a dor diminuiria. Eu sempre me tranquei. Aliás, eu nem sei por que isso veio à tona. Talvez seja o jogo rolando na TV. Ou seja, acho que seja apenas Adam que me faz sentir segura e confortável. Eu só sei que, pela primeira vez, tenho a necessidade de falar e me abrir embora as lembranças estejam oprimindo o meu peito.

— Assim que o Cory viu o carro, ele correu em direção a

papai. Acho que ele imaginou que nós íamos sair, eu não sei... — minha garganta está comprimida. — Meu pai... Ele não nos viu. Não consegui chegar a tempo. Eu só ouvi o barulho e o grito do meu irmão. Depois disso, tudo virou um inferno.

Só noto que estou chorando porque ele me ergue e seca minhas lágrimas com beijos suaves. A dor de vivenciar aquele dia novamente vem com uma força esmagadora. Lembro-me das pessoas gritando ao meu redor, do desespero da minha mãe e do pânico na voz do meu pai enquanto carregava o garotinho imóvel em seus braços.

Naquele dia, passei horas na casa da vizinha até que tia Lola veio me buscar. Nós rezávamos muito para que meu irmãozinho voltasse para casa bem, mas Deus não ouviu nossas preces e aquilo nunca aconteceu.

— Ele só tinha quatro anos — soluço, sem conseguir conter uma nova onda de lágrimas. — Eu o deixei morrer.

— Não diga isso — suas mãos seguram forte meu rosto. Seus olhos também brilham através das lágrimas reprimidas. — Você era só uma criança, Penelope. Quantos anos tinha?

— Seis.

Com seis anos, eu presenciei a tragédia que mudou minha vida completamente.

— Uma garotinha — murmura ele, secando minhas lágrimas. — Não havia nada que você pudesse fazer. Eu sei o que

é sentir culpa e você não teve.

— Eu podia ter gritado — não desejo ter pena de mim mesma e nem que ele sinta isso, mas ainda dói. — Alertado papai que Cory estava ali, perto demais.

Abafo um soluço e isso faz mais lágrimas saltarem dos meus olhos.

— Eu sei que ele me culpa, meus pais me culpam, nunca me disseram, mas cresci vendo a decepção em seus olhos — soluço de novo. — O que dói mais é saber que eles têm razão.

Adam apoia minha cabeça de volta em seu peito e me abraça.

— Por isso, eu sempre fiz tudo que eles desejaram de mim, sempre. Sempre buscando reconquistar seu amor. Eu não pude. Não pude fazer que me amassem outra vez. Deveria ter sido eu e não Cory.

— Eu lamento que seu irmão tenha morrido — Adam segura meu rosto com as duas mãos. — Mas nunca mais diga que deveria ter sido você. Sem você, eu não teria descoberto o lado bom da vida. Eu não teria encontrado a luz.

Meu peito se enche de amor com essa declaração. E, enquanto ele me embala, eu conto a ele sobre a garota triste e solitária que eu havia sido. A vergonha de ter sido abandonada no altar e de ser motivo de piada de toda uma cidade. A decepção por ver meu pai virando as costas para mim. E a dor de ser

banida da vida dele outra vez.

— Agora, já não importa mais. Há coisas que não tem conserto, não é? Você pode colar o cristal quando ele se quebra, mas as marcas continuam lá. Eu já deveria ter aprendido isso — sinto-me cansada. — No fim, estamos sozinhos, não é verdade?

— Não, você tem a mim — ouço sua voz, distante, enquanto vou fechando meus olhos.

— Essa é a pior parte. As pessoas que eu amo sempre acabam indo embora — sussurro sonolenta, agarrando-me a ele como se ele pudesse desaparecer como em uma nuvem de fumaça se eu o soltasse. — Por quanto tempo você ficará aqui?

— Sempre.

Sempre.

Acho que ouvi isso antes de fechar os meus olhos e cair no sono. Sempre é um tempo bom. Quer dizer que ele nunca irá embora e que eu nunca enfrentarei o vazio de novo.

Desejo que ele esteja dizendo a verdade. Há bastante tempo que eu não me importo tanto.

Capítulo 27

Adam

Vê-la sofrer da forma que eu vi foi como se alguém desse um soco potente em meu estômago e me desnorteasse por vários minutos.

O que mais me doeu, além de ter que secar suas lágrimas,

foi me deparar com o sentimento de culpa congelado dentro dela.

Porra, eu sei o quanto isso fere. Eu sei como você se sente um merda por decepcionar as pessoas que ama e por saber que não pode trazer de volta aquele que partiu enquanto você se rasteja dia a dia, sentindo ódio de si mesmo.

No meu caso, eu carreguei tais sentimentos como uma punição que a vida nunca me deu. Eu não era uma criança na época, eu não era um inocente. Eu era um homem egoísta, que tomou decisões erradas e que levou inocentes à morte.

Penelope era apenas uma criança. Já foi traumático suficiente ter que ver o irmão falecer praticamente em seus braços. Não consigo aceitar que os pais dela a culpem.

Deus, que tipo de pais eles são?

Eu sei a dor de perder um filho, sem ao menos ter chegado a tê-lo em meus braços. Mas eles ainda tinham uma filha linda, inferno! Tenho certeza de que, com eles, ela seja tão amorosa como é comigo e com todas as pessoas ao seu redor.

Então, novamente, que merda de pais são esses?

Minha vontade é de dizer a eles dois o quanto são podres de alma e coração. E que não merecem a filha que têm.

Respiro fundo para tentar controlar a ira que sinto. Ela é tão forte que faz o meu corpo tremer.

Assim que percebo que ela caiu em um sono profundo,

acomodo-a melhor em meus braços e levo-a para o quarto. Tiro sua roupa, tomando cuidado para não a despertar, cubro-a com a coberta e não resisto à vontade de afastar os cabelos de sua testa para depositar um beijo carinhoso.

Nunca imaginei que me importaria tanto com uma pessoa a ponto de sua dor também me atingir.

Quem poderia imaginar que essa garota, com seu jeito tímido, sorriso franco e olhar cativante, iria me conquistar dessa maneira?

Mais do que isso, me deixaria de joelhos diante dela?

Beijo-a mais uma vez e saio do quarto. Na cozinha, faço alguns sanduíches para mim e deixo dois para ela, caso acorde mais tarde com fome.

Enquanto tomo banho, as questões em relação ao relacionamento entre ela e os pais povoam minha cabeça. O pai dela deve ser um verdadeiro babaca e olha que o infeliz é um religioso. Provavelmente, é uma daquelas pessoas que não coloca em prática nada do que se prega. Afinal, quantas guerras acontecem e quantas pessoas morrem em nome de Deus?

Um pai que deixa uma garotinha crescer com uma culpa que não é dela, no mínimo, é cruel. E eu adoraria dizer na cara dele o filho da puta que ele é.

Saio do banheiro, jogo a toalha no chão perto da cama e deito-me ao lado dela, totalmente nu. Não preciso de roupas. Eu

posso agir galantemente nessas primeiras horas, mas isso não duraria muito. Mais tarde, mesmo que inconscientemente, eu a buscaria. Com toda certeza, meu corpo faminto procuraria o dela.

Acolho-a dentro do meu abraço e, com o perfume suave de seus cabelos macios, eu pego no sono.

Eu sinto a coceguinha causada pelo seu dedo provocador e, antes mesmo de abrir meus olhos, o abocanho, pegando-a de surpresa. O grito agudo obriga-me a abrir os olhos e deparo-me com seu sorriso lindo. Estou me tornando um sentimental do cacete, mas essa é a melhor forma de iniciar o meu dia. É assim que eu quero que ele se inicie e termine: com a imagem dela sorrindo.

— Bom dia — ela diz, toda preguiçosa.

Chupo seu dedo da base à ponta. Ainda tem gosto de sexo. Depois, beijo sua boca.

— Não faz isso — ela me afasta um pouco. — Nem escovei os dentes ainda.

— Bom dia — puxo-a para cima de mim. — Gosto de você

do jeito que é. Cabelos desgrenhados e até com bafinhos.

— Ah, não! — Ela serpenteia em meu peito, tentando se livrar do meu abraço de urso. — Isso não é romântico. E já estamos atrasados, meu amor.

— Repete isso — peço, prendendo suas mãos em meu peito, o que, certamente, a fará sentir meu coração disparado.

— O quê? — Penelope se faz de desentendida. — Estamos atrasados?

Ela franze o nariz de um jeito que a deixa ainda mais bonita. Ela não nega o apelido que eu havia dado a ela. A mulher é puro charme.

— A última parte — exijo, desejando ouvir a declaração dançar em seus lábios sedutores. — Fala!

— Meu amor.

Caralho! Foi a mesma coisa de dizer ao meu pau: *levanta e vem para a festa, baby*.

— Adam! — Geme ela quando giro e, em segundos, estou sobre ela, esfregando meu corpo no seu. — Estamos mesmo atrasados.

— Não estamos — tiro sua calcinha de forma rápida. — Mas pode apostar que ficaremos...

Então, após ter certeza de que a fiz gozar, eu mesmo ter gozado muito e termos mesmo ficado muito atrasados, deixo-a no

prédio da DET e sigo para o meu trabalho. Não voltamos a falar da noite anterior. Ela se abrirá novamente quando estiver pronta. Mas, antes disso, tenho algumas ideias rondando em minha cabeça. Eu só preciso encontrar um jeito de colocá-las em prática.

Assim que entro em minha sala, deparo-me com a desagradável presença de Grace sentada em minha mesa. A posição sensual, devidamente ensaiada, deixa boa parte de suas coxas à mostra. Encaro-a irritado e enjoado ao mesmo tempo. Como eu pude achar mulheres fúteis e vulgares como ela a sétima maravilha do mundo? Certo, na época meu pau falava por mim. Não posso negar que ela seja gostosa, mas isso não é suficiente. Sorvete também é gostoso e não o tenho na mesa do café da manhã todos os dias.

— Grace? — respiro fundo e tento contar até dez. — O que você quer aqui?

— Não precisa de toda essa armadura comigo — ela diz, com a expressão triste em seu rosto. — Eu já entendi seu recado.

— Isso é bom.

— Poxa, trabalhamos juntos por quase dois anos. Ultrapassamos a linha de chefe e secretária — murmura ela, agora olhando para o chão. — Eu sei que confundi as coisas, mas será que podemos, pelo menos, ser amigos?

Meu lado de advogado desconfiado me alerta. O quanto ela estaria sendo sincera?

O que eu deveria ter feito era ter eliminado o mal pela raiz e tê-la despedido antes.

— Tudo bem — opto por dar uma chance a ela. Afinal, pelo menos com o seu trabalho, ela foi muito boa. — Mas nunca mais entre na minha sala sem minha permissão. Você não trabalha mais aqui. Quantas vezes terei que repetir isso?

— Desculpa — diz ela, saltando da mesa. — Olha, eu sei da sua dificuldade em ter uma nova secretária. Eu tenho uma irmã e o chefe dela acabou de se aposentar. Ela tem bastante experiência e precisa de um emprego. O ramo é diferente, mas Verônica pega as coisas rapidamente.

Eu não sei. Alguém indicada por ela? Porra, eu preciso mesmo de uma secretária, mas não sei se isso seria uma boa escolha.

— Faça um teste — ela me pede com um sorriso que me parece franco. — Não terá nada a perder e poderá escolher outra pessoa se não gostar.

Olho para a pilha de processos em cima da minha mesa. O trabalho está acumulando.

Droga.

Eu poderia insistir com a agência ou procurar outra, mas isso levaria mais tempo do que realmente tenho.

— Certo — concordo, lançando a ela um olhar firme. — Vou dar uma semana de teste e que ela não tenha ideias erradas.

— Verônica é casada — ela sorri. — Não terá ideias *erradas* sobre vocês dois. Posso dizer que venha hoje?

— Na parte da tarde, depois do almoço — caminho até minha mesa e tento me encontrar em meio à bagunça que eu havia feito no dia anterior. — Tenho uma audiência pela manhã. Diga que venha e poderemos conversar.

— Obrigada, Adam.

— Crighton — corrijo-a, sem me dignar a olhar para ela. — Sr. Crighton para você. Trabalha com Savannah, mas esse escritório ainda é meu.

— Claro, Sr. Crighton — ela consente, com a voz vacilante. — Obrigada por sua generosidade. Vou voltar ao meu trabalho agora.

Solto o ar assim que ela fecha a porta.

— Espero ter tomado a decisão certa — coço a sobrancelha enquanto medito sobre isso.

O caso é que não tenho escolha. Tenho muito trabalho e, apesar de ter delegado alguns casos inexpressivos para outros advogados do escritório, ainda tenho uma pilha esperando por mim. Isso significa levar mais trabalho para casa e comprometer o final de semana. Se fosse em um outro momento, eu usaria isso como desculpa para fugir da festa de aniversário das gêmeas. Eu nunca fui muito presente com elas mesmo. Crianças me desconcertam e me lembram de algo que eu nunca terei.

Eu tenho em minhas mãos a desculpa perfeita, mas não posso usá-la. Katty não me perdoaria. Mesmo nunca tendo participado das brincadeiras em todos os aniversários das gêmeas e mesmo mantendo uma distância segura entre mim e elas, pelo menos em corpo sempre estive presente.

E há o fato de que Charmosa está muito animada. Havia feitas várias perguntas sobre as meninas, das quais tive que desviar. E me contou que até já tinha comprado o presente delas.

Também há Liam que me liga, todos os dias, confirmando nossa presença no evento. O desgraçado quer ver o circo pegar fogo. Se ele não fosse meu irmão e meu companheiro para todas as horas, juro que o mataria.

Sem contar que minha mãe e minha irmã queriam saber quem era a convidada misteriosa que eu levaria. Isso porque Liam não sabe manter a porra da boca fechada.

Eu saio do Tribunal realizado por ter ganhado mais um caso e ter menos um caso, menos uma pasta em cima da pilha que se acumula em minha mesa. Antes de entrar no carro, ligo para a sala de Savannah e peço que avise a Grace que me atrasarei um pouco para a entrevista com sua irmã. Preciso resolver um assunto primeiro.

Chego a Alpha Fly em tempo recorde. Assim que a secretária sorridente me dá permissão para entrar, eu disparo sala adentro.

— Adam! — Evan levanta, fechando o botão do terno enquanto caminha até mim. — Que surpresa agradável. Aconteceu algo em relação ao contrato?

— O que você quer com ela? — cruzo meus braços e afasto minhas pernas.

— Ela?

Ele parece confuso sobre minha pergunta ou talvez seja o meu olhar duro. Nas ocasiões que nos encontramos, geralmente fui mais descontraído.

— A Srta. Walker — respondo, seco. — Para ser mais preciso, Penelope. O que você quer com ela?

Fiuuu. Ele assobia e volta para sua mesa.

— Vocês estão juntos? — indaga-me, pegando uma caneta em sua mesa e começando a girá-la em seus dedos.

— Isso não é da sua conta — digo, rangendo os dentes.

— Eu posso dizer o mesmo — ele solta uma risada debochada. — Mas, se há outro na jogada, eu gostaria de saber. A garota é quente, mas certamente você já sabe disso.

— Não me faça quebrar essa sua carinha de bebê — caminho até sua mesa e apoio minhas mãos espalmadas sobre ela, enfrentando-o. — Seria um prazer, acredite.

— Eu processo você — Evan se inclina em minha direção.

— Foda-se! — Rebato com olhar mais gelado e ameaçador que consigo fazer. — Você vai ficar longe dela, Evan. Vai parar de cercá-la e dar um jeito para que essas fofocas na DET terminem. Ou eu vou quebrar tanto a sua cara que irá ficar pior do que a do Frankenstein.

— E como acha que eu vou fazer isso? — pergunta ele, desgostoso. — Fofocas são como praga, incontrolláveis. Eu nem tinha conhecimento de que isso estava acontecendo.

— Isso é problema seu!

Ficamos nos encarando por alguns segundos. Ele, com certeza, imaginando como irá arrumar a merda que fez e eu me perguntando por que diabos não aproveito a oportunidade e quebro logo a cara dele, como é a minha vontade.

— Eu vou dar um jeito nessa situação — murmura ele, voltando a se encostar na cadeira. — Mas antes, me fale suas intenções com ela.

— Isso não é da sua conta, caralho! — soco a mesa, sem me importar que seja de vidro e que poderia espatifar em minhas mãos. — Apenas fique longe.

Apesar do meu gesto tê-lo pegado desavisado e a surpresa ter invadido seu rosto, Evan não demorou muito a se recuperar, voltando à expressão passiva. Filho da puta!

— Vamos fazer um acordo de cavalheiros. — assevera, com toda a calma. — Darei um jeito de acabar com as fofocas. Não me aproximarei da bela dama o mais que o necessário e tiro meu time de campo.

— Mas? — pergunto, perdendo a calma.

Sempre há a merda do "mas".

— Se você fizer qualquer merda que o tire da jogada, eu volto para o campo. Se ela te der um pé na bunda, eu volto...

Cada palavra que ele profere vai me irritando um pouco mais. O dia que Penelope desse bola a esse idiota, um de nós dois estaria morto. Eu fui o primeiro homem da vida dela e gostaria de poder jogar isso na cara dele. Faria o possível e o impossível para garantir que eu continuaria sendo o único e último.

— Feito! — Ergo-me e coloco uma expressão serena e feliz no meu rosto, como se houvéssemos fechado um acordo de

negócios milionário. — Tudo bem para mim. Foi satisfatório tratar desse assunto com você.

— Fico feliz — diz. — Vamos sair qualquer dia desses e comemorar?

— Claro — retruco, dando meia volta. — Nos vemos em breve.

Antes que eu comece a caminhar em direção à porta, movimento meus dedos e retorno. Caminho lentamente até ficar rente à sua mesa onde ele se encontra distraído.

— Evan? — chamo sua atenção de volta para mim.

Quando ele ergue o olhar em minha direção, acerto seu rosto com um soco tão potente que faz os nós dos meus dedos ficarem dormentes.

— Que porra é essa? — pergunta enquanto se levanta, tentando evitar que o sangue escorrendo do seu nariz manche os papéis em sua mesa.

— Estou selando o acordo — sorrio de orelha a orelha. — É assim que cavalheiros fazem. Tenha um bom dia.

E, assim como ele fez quando eu cheguei, saio assoviando.

Verônica foi uma surpresa para mim. Ela não é exuberante como a irmã. Tem uma beleza comum, cabelos e olhos castanhos, estatura mediana. Mas o que eu mais gostei foi que ela não ficou me seguindo com os olhos como algumas candidatas haviam feito. Na verdade, achei-a um pouco fria e controlada demais. Como não quero nem vou cometer o mesmo erro outra vez, sinto-me confortável com esse distanciamento.

Combinamos que ela faria os exames necessários para a contratação e começaria na segunda-feira. Após todos os acertos sobre os horários e honorários, dispensei-a.

O resto da tarde foi tranquilo. Liguei para alguns clientes e estudei alguns casos importantes. A cada hora olhava para o telefone, esperando o momento em que Penelope ligaria e me daria um sermão por ter agido como um moleque de rua com Evan, mas isso não aconteceu.

Assim que dou meu dia por encerrado, vou para casa, tomo um banho rápido e sigo para o apartamento dela. Essas idas e vindas de nós dois é a única coisa que me incomoda. Perdemos muito tempo indo e voltando da casa um do outro. Deveríamos morar mais perto ou juntos.

Freio o carro de forma abrupta quando tenho ciência do último pensamento.

Morar juntos?

Não.

Cedo demais e isso, com certeza, a assustaria. Porra, eu fiquei alarmado.

Talvez em alguns meses. Por enquanto, temos que nos acostumar a essa rotina.

Toco a campainha e, meio minuto depois, a porta é aberta. Ela pula em meus braços assim que me vê.

Durante o resto do dia, eu me pergunto se não havia ido longe demais no escritório do Parker. Com ela aqui em meus braços, tenho certeza de que não. Por ela, eu faria todas as loucuras possíveis sem pensar duas vezes porque essa linda garota faz tudo valer a pena.

É o dia do grande evento em minha família. Eu não estou nervoso como imaginei. Já Penelope parece uma pilha, uma bomba relógio próxima a explodir. Ainda está enrolada na toalha, andando de um lado a outro sempre trazendo um vestido e pedindo minha opinião.

— E esse? — ela pergunta pela quinta vez, colocando a peça em frente ao seu corpo.

— Lindo e sexy — respondo, dando uma piscada para ela.

— Não quero parecer sexy — murmura, fazendo bico. — Não quero dar a impressão errada.

— Querida, você é sexy — afirmo, sorrindo. — Não há nada que possa fazer contra isso e, se você não colocar uma roupa logo, nem precisa se incomodar com uma simples festa de criança. Faremos a nossa própria festa de adulto e muito mais divertida.

Ela fica vermelha, mas me olha com um ar zangado.

— Adam, você só pensa em sexo?

— Porra, eu estou com uma mulher linda, gostosa pra cacete e seminua na minha frente. Você quer que eu pense no quê?

— No que sua mãe e sua irmã vão pensar sobre mim — ela revira os olhos. — É importante que gostem de mim.

— Elas irão amar — levanto-me do sofá e rodeio meus braços em volta dela. — Não conheço ninguém que não goste.

— Há exceções — ela suspira.

Sei de quem ela fala. Dos pais.

— Olha, a Bruxa Um e a Bruxa Dois vão amar tanto você! — Cito o apelido delas para poder acalmá-la. Acho que deu certo, já que a vejo sorrir e relaxar o corpo. — Provavelmente, eu não

vou nem conseguir chegar perto de você por mais de um minuto.

— Você acha?

— Eu tenho certeza.

No fim, ela escolheu um vestido creme de gola caída com um decote na medida certa. Fica justo em seu corpo, mas o leve rodado na saia quebra um pouco da sensualidade e dá um toque mais elegante. Ela decidiu por não usar maquiagem, apenas um batom, e completou o visual com um brinco de pérolas delicado e bonito.

Assim que estaciono na mansão dos meus pais, viro-me para olhá-la. A casa é enorme e elegante. Fico com medo de que isso possa intimidá-la. Minha casa é bonita, mas nem se compara com a opulência da dos meus pais.

— Acha que as meninas vão gostar do presente? —
questiona-me, prendendo os embrulhos fortemente em seu peito.
— Pedi algumas informações ao Liam. Coisas que elas gostam, sabe.

Eu não sabia disso, que ela e Liam andaram se comunicando. Eu não gostei. Mas, visto que esse seria um ciúme ridículo, deixo passar.

— Elas irão adorar — afirmo. — Agora, respire fundo e fique calma.

Saímos do carro e caminhamos até a entrada. Toco a companhia. Normalmente, eu já teria entrado, mas resolvo dar

mais algum tempo a Penelope.

— Acha que estou bem vestida? — ela me pergunta, preocupada. — Essa casa é tão impressionante. Acho que eu deveria ter usado o vestido sexy.

— Está linda!

Coloco os embrulhos em meu outro braço e puxou-a para um beijo rápido quando porta é aberta e Delia, a governanta, pega-nos em flagrante.

— Olá, querido! — Ela nos cumprimenta, mas seus olhos estão fixos em Penelope, que visivelmente parece envergonhada. — Que bom que você veio. Quem é essa linda jovem?

Delia está em minha família há muito tempo. Ela e seu marido Pepe, que é o jardineiro, vieram da Alemanha há muitos anos. Trabalharam para os meus avós e depois para os meus pais quando se casaram e herdaram a propriedade. São tão presentes em minha vida que dizer que são parte da família não é uma mera forma de expressão. Ela já está aposentada, mas se recusa a sair da casa e abandonar mamãe, o que deixou minha mãe aliviada, pois ambas adoram uma a outra.

— Oi, Delia — beijo seu rosto e ponho-me ao lado da minha Chamosa, segurando sua mão fria. — Essa é a senhorita Walker. Penelope, essa é Delia. Diria que é como minha avó, mas ela parece jovem demais. Então, é minha segunda mãe.

Vejo a Delia ficar vermelha como um pimentão, um

contraste com o branco de seu cabelo e uniforme claro. Essa é outra coisa que ela não quis mudar: o uso do uniforme.

— É um grande prazer conhecê-la — fala Penelope, estendendo a mão.

— Prazer, querida — Delia segura a mão dela com suas duas mãos. — Esse garoto é tão galanteador, mas você já deve ter descoberto isso.

— Onde estão minha mãe e Katty? — desvio o assunto.

— Na cozinha, tentando resolver um problema de última hora.

Delia me encara com um olhar fulminante. É claro que ela quer saber mais sobre Penelope. Nunca levei uma mulher à casa dos meus pais ou ela havia me visto com uma antes. E o beijo, mesmo casto, que ela presenciou, demonstra que somos bem mais que amigos. Porém, eu não vou admitir isso ainda. Vou deixar que essas curiosas da minha família sofram um pouco mais.

— Bem, entrem — diz ela, dando espaço para nós dois. — Está frio aí fora.

Ela pega os embrulhos das minhas mãos e coloca-os com os outros presentes em cima de uma banquetta.

— Aqui, querida, me dê o seu casaco. As crianças estão brincando no salão de festas e seu pai está entretendo os pais delas, Adam — seguimo-la pelo corredor, passamos pela sala de

visitas, por outros corredores e logo estamos na cozinha ampla.

Vejo minha mãe apoiada contra a geladeira, consolando Katty, que chora sem parar. Meu cunhado Frank ao telefone e Liam sentado no balcão da pia enquanto devora uma maçã, totalmente alheio ao clima tenso.

— O que aconteceu? — pergunto alarmado.

Será que alguma das meninas havia ficado doente?

— Oh, Adam! — Katty corre até mim, abraçando-me. — Eu sou uma péssima mãe!

Isso é algo impossível. Embora tenha sido uma criança cheia de vontades e de ter engravidado antes da hora, ela havia se tornado uma mãe exemplar.

— O que aconteceu? — volto a perguntar, dessa vez olhando para o meu cunhado que desligou o telefone. — Frank?

— A jovem que contratamos para ser a princesa das meninas foi internada às pressas... Apêndice — diz ele. — Não estou encontrando uma substituta. As meninas se recusam a sair do quarto sem a bendita princesa.

— Eu até me ofereci para ser a Branca de Neve — diz Liam, com olhar sério, mas todos nós sabemos que ele está sendo debochado. — Mas elas gostam da Rapunzel.

— Liam, dá para ser menos idiota? — chora Katty, agarrando-se mais a mim.

Está tudo errado. Liam é o mais velho. Ele deveria estar consolando nossa irmã.

— Calma, Katty. Logo elas se esquecem disso e descem.

— Elas não irão — funga ela. — Sonharam com isso a semana inteira.

— Frank? — dirijo-me ao meu cunhado.

— Eles não têm uma substituta — responde ele. — As duas outras princesas já estão em outra festa infantil. Com o filme *Enrolados* no início do ano, todas as crianças querem ter a Rapunzel. Eles só têm duas jovens morenas e uma ruiva, que faz a Ariel, a Pequena Sereia.

— Traga uma delas — afirmo, indicando o óbvio. — Que usem perucas. Se desejam uma princesa, tragam uma.

Por que isso tem que ser tão difícil e causar tanto alarde?

— Tem que ser loira. Minhas filhas não são bobas — Katty afasta-se de mim e se apoia no marido. — A Rapunzel é loira. Por que em nossa família só tem gente morena? Onde vou achar uma loira com cara de princesa a essa hora, em pleno sábado à tarde?

Ela pergunta, mais para si mesma.

— Vocês são cegos? — Liam volta a se manifestar e caminha até o lugar onde eu e Penelope estamos. — A resposta está na nossa cara.

O quê? Que porra ele está sugerindo?

Não. Não pode ser o que eu estou pensando.

— Loira. Cara de princesa — ele se aproxima dela, indicando suas características e levantando o seu queixo. — Jeito de princesa. Eis a nossa Rapunzel.

Porra! Ele está dizendo o que eu pensei. Encaro Penelope de quem eu havia me esquecido devido ao tumulto causado por minha família maluca.

Tudo que vejo são seus olhos surpresos e arregalados.

— Não! — Coloco-me ao lado dela. — Definitivamente não.

Que merda! Eu sabia que vir até aqui hoje seria um mau negócio, só não sabia que as coisas se iniciariam de forma trágica. Penelope parece tão assustada como um coelhinho.

Eu vou matar o Liam e suas ideias malucas.

— Você tem razão, Liam — Katty pula animada como uma de suas filhas. — Ela é perfeita!

Ah, cacete! Ninguém pode com Katty quando ela quer uma coisa. Eu sei disso. Passei um verão sendo chamado de Amanda e isso é motivo de risos até hoje.

Capítulo 28

Penelope

Todos estão me encarando, principalmente a morena de estatura mediana e olhos claros. Ela me olha como se eu tivesse a solução para todos os problemas do mundo. Bem, pelo menos, do seu mundo em particular.

Liam continua a segurar meu rosto e Adam me puxa para mais perto dele. A mulher mais velha, também morena, linda e

muito elegante, parada próxima à geladeira, encara-me com o olhar gentil, como se me pedisse desculpa de forma silenciosa pela loucura em torno de seus filhos.

— Liam, você é um grande gênio, sabia? — assegura Katty, vindo em minha direção com um enorme sorriso no rosto. — Claro que a jovem precisa estar disposta a isso. Mas eu entenderei se você disser não...

Ela começa a falar com os grandes olhos azuis carregados com doçura e súplica, como um cachorrinho pedindo carinho em um dia chuvoso no qual ele não pode sair para brincar no quintal.

— Penelope — respondo à sua pergunta muda. — Meu nome é Penelope.

— Como o desenho? — pergunta ela, cruzando as mãos em frente ao peito. — Um dos meus preferidos quando era criança. Esse é um sinal dos céus. Você acredita em milagres?

Se eu acredito? Eu ainda estar respirando em meio a tudo isso é um grande milagre.

— Sim.

— Eu não vou forçá-la a nada...

— Katty! — Adam a encara, fulminando-a com os olhos, mas isso não parece abalá-la nem um pouco. Pelo contrário, vejo grande determinação brilhando em seus olhos. Isso me faz recordar de algumas coisas que tanto Adam como Liam haviam contado sobre ela. Definitivamente, essa não é uma mulher que

aceita um não como resposta. Eu não teria chance alguma.

— Como eu dizia... — continua ela, em uma voz gentil, doce, muito doce. — Não posso obrigá-la a isso, Penny, mesmo que vá traumatizar meus bebês para o resto de suas vidas.

Caramba. Ela é muito boa em envolver as pessoas. Não há possibilidade de deixar duas crianças infelizes em sua festa de aniversário, mesmo sabendo que Katty está obviamente exagerando. Desde os meus seis anos que festas de aniversário passaram a ser apenas uma vaga lembrança de tempos felizes.

— Então, o que você tem em mente? — pergunto, receosa. — Embora essa seja uma das minhas melhores roupas, não acho que eu me pareça com uma princesa.

— Se parece uma princesa para mim — Liam pisca um olho e se afasta.

Os dedos em minha cintura pressionam minha pele e o corpo colado ao meu parece tão tenso como o rosto demonstra.

— Vamos conversar lá fora? — indaga Adam, conduzindo-me de volta para o corredor apesar dos protestos de Katty e do olhar curioso de sua mãe.

— Você não tem que fazer isso — ele me diz, assim que entramos em um escritório.

Observo a sala rapidamente. Há uma mesa de mogno e, atrás dela, amplas janelas com cortinas azuis e espessas encobrendo-as. Os vários títulos voltados à Medicina indicam

que, provavelmente, esse seja o escritório do pai ou da mãe dele, já que ela também exerce a mesma profissão. Talvez Liam passe muito tempo aqui também.

— Mas eu quero — mantenho a tranquilidade na minha voz apesar de, além de confusa, eu estar aterrorizada.

— Conheço a minha irmã — ele me puxa, passando seus braços em volta de mim. — Ela é insistente, manipuladora e...

— Você a adora — passo meus braços em volta dele também. Por mim, ficaríamos assim a tarde toda. — Eu fiz várias peças na igreja. Isso não é um problema. Eu só espero que as meninas não fiquem decepcionadas. Estou muito longe de ser uma princesa de contos de fada.

— Nisso eu concordo — diz ele, antes de tocar levemente a minha boca. — Você já é rainha, lembra? Da minha vida.

— Adam... — reviro meus olhos, mas, por dentro, estou delirando.

— Rainha do meu coração — insiste ele e, dessa vez, o beijo é longo e arrebatador.

Dez minutos depois, estamos de volta à cozinha. Com exceção da mãe deles, que não vejo em parte alguma, todos estão em seus lugares, em expectativa.

Observo cada um dos rostos. Katty me olha apreensiva, Liam me direciona um olhar ansioso enquanto Frank mantém um olhar esperançoso.

— Eu acho que eu sou a Rapunzel por hoje — resolvo acabar logo com a angústia de todos.

Liam sorri, Frank solta o ar aliviado e Katty corre em minha direção, agarrando-me pelo pescoço em um abraço tão apertado que, por alguns segundos, respirar é quase impossível.

— Obrigada — ouço seu sussurro em meu ouvido. — Eu serei grata eternamente.

— Só temos um problema — olho para Liam, o responsável pelas ideias malucas. — Elas não irão acreditar em mim, não com essas roupas.

— Eu já sei! — Katty pula ao meu lado e segura meu braço com certa firmeza — Vem comigo.

Saímos da cozinha no mesmo momento em que duas funcionárias retornam com bandejas vazias. Desviamos segundos antes de causarmos algum acidente, provocado pela colisão que, com certeza, nos faria cair no chão como abacates maduros. Ela me arrasta pelo corredor e logo estamos subindo as escadas rindo como duas adolescentes prestes a confidenciarmos segredos.

Imagino que Katty teria sido uma amiga maravilhosa. Nesse breve momento, senti nostalgia de algo que eu nunca tive: uma amiga.

Após a escada, seguimos por um longo corredor e passamos por algumas portas trancadas, imagino que sejam os quartos.

Pegamos um corredor à esquerda e chegamos a outra escada mais estreita.

— Essa casa é realmente grande. — digo, seguindo-a para o que eu acredito ser o sótão.

— As meninas adoram — ela me conta, acendendo a luz. O lugar fica totalmente iluminado. — Meus irmãos e eu vivemos muitas aventuras aqui.

Enquanto Katty segue em direção a algumas caixas próximas à janela, aproveito para observar o local. Não é um lugar assustador como eu imaginaria que um sótão fosse. É um local bem arejado e limpo.

Há muitas coisas espalhadas ali. Alguns quadros, esculturas, brinquedos e muitas caixas. Suponho que seja usado como depósito ou para guardar lembranças. Vejo algumas caixas abertas com muitas folhas de desenhos infantis.

— Eu sabia que teria alguma coisa aqui — diz Katty, fazendo-me olhar para ela. — Tenho essa fantasia de época. Eu me vesti de Scarlett O'Hara há alguns anos. Nós podemos fazer algumas adaptações.

Enquanto ela fala, seus olhos me analisam de cima a baixo. Eu sou mais alta que Katty e também tenho seios mais fartos.

— Podemos fazer alguns ajustes — ela fala consigo mesma ao manusear o vestido. — Lembro que mamãe precisou fazer algumas pregas porque estava maior em mim. Além do mais,

Delia é uma costureira incrível!

Eu acho que seria preciso um mágico para que eu coubesse naquele vestido. Mas, vinte minutos depois, estou impecável em uma réplica perfeita do vestido vinho que Vivien Leigh usou em *O Vento Levou*.

Meus cabelos foram emoldurados em volta do meu rosto e longos cachos caem por minhas costas. Eu posso não ser uma princesa de verdade, mas é assim que eu me sinto ao me fitar no espelho.

— Tudo bem por aqui? — Lindsay, mãe de Katty, surge à porta e estaca impressionada quando me vê. — Oh, vocês fizeram um trabalho incrível aqui!

Vejo-a sorrir, levando a mão ao seu peito. Nem minha mãe havia ficado tão orgulhosa ao me ver em meu casamento.

No caminho até aqui, milhares de pensamentos me torturaram: como seriam a mãe e a irmã do Adam? Como elas me receberiam? Acima de tudo, como elas encarariam qualquer tipo de relacionamento entre nós dois?

Agora, nesse momento, eu me sinto como se fizesse parte de alguma coisa. Eu me sinto acolhida.

— As meninas ficarão malucas — sussurra Katty, tocando minhas costas.

— E eu acho que não apenas elas — atesta Lindsay, agora parada ao meu lado, seus olhos calorosos cruzando com os meus

através do espelho. — Penso que alguém mais ficará encantado com essa bela visão.

Embora a comparação seja tola, eu me sinto como se fosse uma noiva no dia do casamento.

Caramba.

Como Adam reagiria quando me visse vestida assim?

Eu desço. A primeira pessoa que noto ao voltar para sala é Lindsay, que havia descido na frente, com as duas garotinhas de cinco anos sentadas ao lado dela. Duas lindas réplicas de princesa com tiaras na cabeça.

— Mamãe! — A mais empolgada pula, bate palmas e corre até mim na escada. Ela me observa como se eu fosse algo mágico e sobrenatural, sem poder acreditar no que seus olhos infantis e sonhadores estão registrando. — A princesa veio.

A outra, que eu acredito ser a mais tímida, esconde o rosto no peito da avó e começa a chorar de emoção. Um nó se forma em minha garganta por ser a responsável por levar tanta alegria a essas pequenas bonequinhas. É com muito esforço e força de vontade que mantenho a cortina de lágrimas embaçando meus olhos em seu devido lugar.

— Sim, meu amor — Katty vai até a filha, pegando sua mãozinha trêmula, trazendo-a até mim. — É sua princesa. Diz oi para ela.

A pequena dama encara-me com o rosto carregado de

emoção.

— Oi, princesa — ela sorri, encantada — Papai disse que você não vinha. Eu disse a Lily que você vinha. Fomos boazinhas o ano todo.

Olhando para as duas figuras, eu duvido muito que isso seja verdade. Não quando estou em frente à pequena pimentinha de olhar travesso. Ademais, estamos chegando apenas na metade do ano. Todavia, as crianças nunca veem o tempo da mesma forma.

— É claro que eu viria — seguro a mão dela e caminhamos até Lily, que ainda é incapaz de controlar seus soluços. — Não está feliz em me ver, Lily?

Ao invés de obter uma resposta para minha pergunta, recebo um gesto que me deixa sem ação. A menina salta do colo da avó e abraça minhas pernas, escondendo seu rosto na saia do meu vestido.

— Eu amo você, princesa — sussurra ela, erguendo o rostinho manchado de lágrimas. — Amo muito.

Humm... Dessa vez, não teve jeito. Gotas teimosas escorrem por meu rosto. Quem resiste a um anjinho desses, dizendo que te ama?

Eu preciso de um foco para não chorar como uma boba, de algo que me tire desse amontoado de emoções no qual me encontro. Olho para a mãe das meninas e ela está a ponto de começar a soluçar, então não é uma boa ideia encará-la também.

A avó das meninas está igualmente emocionada. Até Liam, o bobo da corte, tenta esconder seus sentimentos olhando para o chão.

Só me resta ele. Confesso que ainda tenho receio de enfrentar o seu olhar. Provavelmente, deve me achar uma grande tola por desempenhar um papel tão infantil.

Mas... Quando meus olhos encontram os dele, do outro lado da sala, eu vejo... Amor?

Seria isso mesmo que observo transparecer em seus olhos ou seria apenas fruto das emoções do momento?

O sorriso maroto que ele lança a mim confirma que não. Há mesmo amor brilhando em seu olhar. Isso enche meu peito de um contentamento inexplicável. Mas foi a piscadinha de olho que deu a mim que fez tudo parecer perfeito.

Os minutos seguintes são uma verdadeira algazarra. Lauren e Lily arrastaram-me por todos os lados da festa. Suas amigas ficaram tão encantadas com a presença da princesa Rapunzel quanto as gêmeas. A parte mais complicada foi explicar onde havia parado os longos cabelos da personagem e onde estava o príncipe. Mas isso Liam explicou de uma forma cômica e irreverente, que fez todos rirem.

Faz apenas dez minutos que estou sentada na sala, dentro de casa. O mágico, no salão de festas, me dá a folga que estou precisando após quase três horas entretendo meninas cheias de energia.

Adam e eu estamos agarradinhos no sofá, nos escondendo delas e dos demais convidados. Ideia dele, claro.

— Olha, mamãe — ouvimos risinhos atrás de nós. — O tio Adam está beijando a princesa.

Ao invés de pularmos como dois gatunos pegos em flagrante, ele me abraça mais forte.

— Ele é um príncipe? — Lily sussurra, baixinho.

— Claro que ele é! — Katty nos olha com um sorriso endiabrado.

— Beijando! Beijando! — A menina corre e grita em direção à porta. — Estão se beijando! Beijando!

É como se ela quisesse espalhar para o mundo todo a sua descoberta fantástica.

Só resta a nós dois rirmos da cômica empolgação da criança.

A tarde passou mais rápido do que eu gostaria, mesmo eu estando exausta. Foi difícil fazer Adam comportar-se de forma decente depois que viramos o casal central da festa, rodeado de meninas sonhadoras.

O resto da família foi muito amável e receptivo comigo. Inclusive o Sr. Crighton, mesmo com aquela aura de médico sério, havia arrancado boas risadas de mim, mostrando-me de quem Liam havia herdado o bom humor. Já Adam tem o temperamento da mãe. Ela é mais séria e compenetrada, mas, em nenhum momento, deixou-me desconfortável. Katty tem uma mistura dos dois e algo mais.

As duas bombardearam-me com perguntas, mas, na grande maioria delas, fui resgatada pelo meu Príncipe. Contudo, eu não me importei. Vi que a curiosidade delas estava mais focada em saber se farei Adam feliz do que, necessariamente, em quererem me intimidar.

A noite caiu e as poucas crianças que ainda restam estão sendo preparadas para irem embora. Katty e eu nos despedimos de cada uma e de seus pais. Quando a última cruza a porta, respiramos aliviadas. Já passa das oito, as meninas parecem cansadas, mas estão determinadas a abrir cada embrulho de presente que viam.

Adam e Liam estão perto do bar, conversando. Ele sorri quando me vê e volta a prestar atenção em Liam.

— Certo, garotas — Katty caminha até as meninas, recolhendo embalagens e presentes espalhados pela sala. — Chega por hoje. Hora do banho e cama.

— Ah, mamãe! — Protesta Lily. — A princesa quer ver nossos presentes.

— A princesa precisa voltar para o castelo dela antes que o dragão e a bruxa malvada apareçam.

Ela pega a menina, que ainda protesta sem parar.

— Você conta uma historinha para mim? — Lauren puxa meu vestido.

— Claro, querida.

— E o príncipe também? — ela aponta para o tio.

Olho para ele sem saber o que dizer. Adam passou boa parte da festa perto delas, mas eu sentia sua apreensão sempre que elas chegavam mais perto ou eram mais carinhosas com ele. O passado, a noiva e o bebê que ele perdeu ainda são uma ferida aberta e pulsante.

— Por que não convidamos seu tio Liam?

— Ah, ele não serve — diz ela, desapontada.

— Por quê não? — pergunta Liam, agora os dois estão próximos a nós duas na escada. — Por que eu não sirvo?

— Porque você é bobo — diz ela, com toda a sinceridade infantil. — E você não é príncipe.

— Ouviu? — Adam bate nas costas dele e se coloca ao meu lado. — Você não é um príncipe, seu bobo.

Nós dois subimos a escada com a menina, deixando Liam com cara de invocado.

— Vou me lembrar disso quando pedir para eu levá-la ao parquinho, Lauren.

Rimos da sua birra. É difícil dizer quem é mais infantil aqui, a aniversariante ou o doutor com cara de bobo.

Não foi difícil colocá-las na cama. Enquanto Katty e Frank cuidavam do banho, Adam e eu ajudávamos a escolher suas roupas e a se acomodar. Vez ou outra, eu olhava para ele buscando algum desconforto em seu rosto, mas ele parecia agir com naturalidade.

— Então, o que você quer ouvir? — pergunto a Lauren, que mal consegue manter os olhos abertos.

— Sobre os filhinhos — ela sorri e começa a bocejar. — Nunca tem essa parte na história e eu adoro os bebês. Como é o bebê de vocês?

Ela olha para o Adam sentado ao meu lado, no pé da cama.

— Bem... — tento pensar em como sair dessa situação embaraçosa. — Que tal eu começar do início da história?

Ela responde que sim com a cabeça e eu inicio como em todos os contos infantis: *era uma vez*.

Dez minutos depois, Lauren já está no mundo dos sonhos. No quarto, agora só há Katty e eu. Não vi quando Adam saiu, mas acho que foi quando o assunto bebê veio à pauta.

Quando cubro a criança e me levanto, Katty já está parada na porta me olhando de forma esquisita.

— Você leva jeito com as crianças — diz ela quando saímos do quarto e seguimos para o outro, onde estão minhas coisas. — Tem um jeito natural para lidar com elas e elas parecem gostar de você.

— Isso é ruim? — pergunto, começando a tirar o vestido.

— Não é... — diz ela, ajudando-me com o zíper em minhas costas. — Mas pode ser um problema futuro.

Olho-a através do espelho próximo a mim, buscando decifrar o que ela quis dizer com isso. Filhos podem ser um problema entre mim e Adam? Foi nesse ponto que ela quis chegar?

Naquele dia, após termos sido imprudentes na garagem, ele havia ficado retraído e preocupado. Havia afirmado, claramente, que um bebê agora estava fora dos seus planos. Nisso eu concordo, pois é cedo demais, mas será que Adam estaria fechado para qualquer possibilidade futura? O quanto desistir disso iria mexer comigo ao ponto de se tornar um problema?

— Adam ficou bem distante quando anunciei minha gravidez — continua ela, passando-me o vestido em cima da

cama. — Achei que isso fosse alegrá-lo, mas só o afastou mais de mim. Era como se ele não suportasse ficar ao meu lado. Depois que as gêmeas nasceram, foi pior. Claro, ele nunca maltratou as meninas. Ele não é cruel.

Sento-me para colocar meus sapatos, enquanto ela narra a outra parte da história. Essas novas informações tocam meu coração. Como deve ter sido difícil para ele ter que conviver com a irmã grávida e feliz na mesma época em que havia perdido a noiva e o filho. Além de conviver com essa culpa por anos.

— Essa é a primeira vez que o vejo pegar uma das meninas no colo e brincar com elas — ela começa a chorar baixinho. Isso corta o meu coração. — Desculpe, eu esperei por isso por muito tempo.

Eu não sei o que dizer. Deve ter sido duro para ela saber que sua felicidade lembrava a tristeza dele.

— Quando Liam disse que Adam traria uma jovem hoje e que deveríamos ser gentis com ela, pedi a Deus que eu gostasse de você porque, mesmo se eu não gostasse, mas se o fizesse feliz, nós a aceitaríamos. O problema é que eu amei você, Rapunzel.

Ela sorri, secando as lágrimas.

— Então, mesmo que o babaca do meu irmão faça alguma coisa idiota no futuro... — murmura ela, segurando minhas mãos. — Não desista dele. Nunca o vi tão feliz como hoje. E esse conto de fadas precisa do seu felizes para sempre. A Bruxa Dois

se rende.

Sorrio ao me lembrar da forma que Adam se referia a ela. Parece que isso não é segredo.

Abraçamo-nos por longos minutos. Eu havia sido acolhida naquela casa mais do que em minha própria família. E nada tem a ver com o fato de ter bancado a atriz para duas crianças peraltas. Eu sinto que seria recebida da mesma maneira sem os ter auxiliado em um momento de tensão como aquele. Simplesmente porque, apesar dessa família parecer um pouco maluca, eles se amam como jamais presenciei em minha vida.

Descemos a escada de braços enroscados. Pensamos muito em como ou quando encontraremos nossa alma gêmea. Mas, se pararmos para prestar atenção às pessoas à nossa volta, veremos que estamos cercadas de pessoas especiais todos os dias. Katty é a minha amiga alma gêmea, que Deus tinha separado de mim. É como se agora tivéssemos nos reencontrado. Esse é um tipo de sentimento que é difícil de descrever.

— Está pronta? — Adam nos encara, desconfiado, ao observar como havíamos ficado tão íntimas em um curto espaço de tempo.

— Eu estou.

Pego o casaco que ele estende e já sinto pesar em deixar essa casa rodeada de calor humano.

— Tem certeza de que não querem ficar, filho? — pergunta

Lindsay, abraçada ao marido. — Delia e eu deixamos o quarto de hóspede preparado.

O quarto e não os quartos. Isso não me passou despercebido. Eu tentei, mas foi impossível conter o rubor em meu rosto. Eles me viam como namorada dele, mesmo sem termos dito nada ainda. E parecem contentes com isso.

E pensar que eu havia sentido tanto medo.

— Outro dia, quem sabe — ele responde, beijando-a no rosto. — Falo com você depois.

— Obrigada por sua hospitalidade, Sra. Crighton — estendo a mão ao me despedir. — Foi um dia muito especial.

— Pode me chamar de Lindsay — ela pisca um olho para mim como Adam havia feito mais cedo. — Você é sempre bem-vinda, Rapunzel.

Oh, Senhor, outro apelido! Mais um que, certamente, demoraria anos para esquecerem, se é que isso um dia aconteceria.

— É Charmosa, mamãe — Liam interfere. — Adam prefere Char-mo-sa.

— Cala a boca, Liam!

E, sob o olhar confuso dos outros integrantes da família e o rosnado irritado de Adam, vamos embora com a promessa de que eu voltaria em breve.

Mal chegamos no carro e ele me agarra. Sua boca procura a minha como se houvéssemos passado anos separados.

— Pensei que esse dia nunca fosse acabar — murmura ele em meu ouvido, fazendo os pelos da minha nuca arrepiarem. — Quero você só para mim, Rapunzel.

— Também te quero, meu príncipe.

— Vamos para o nosso castelo, princesa? — ronrona ele, mordendo meu lábio. — Vamos fazer as muralhas tremerem?

Foi exatamente assim que finalizamos a nossa noite: fazendo o chão tremer. E eu entendi a sua insistência em voltarmos para casa. Não haveria paredes no mundo capazes de encobrir tanta paixão.

Capítulo 29

Adam

Estamos a alguns dias do feriado de Quatro de Julho. Eu verifico com minha secretária se tudo que eu havia planejado para esses quatro dias de folga com Penelope aconteceria conforme idealizei.

A casa à beira da praia que aluguei já está arrumada e abastecida, bem como todos os outros preparativos estão finalizados. Não sei qual será a reação dela sobre tudo que planejei, mas senti que precisava disso. Ninguém magoa minha pequena e passa impune. Meu senso de justiça fala mais alto, na verdade, ele grita.

Eu só espero que ela não fique irritada a ponto de querer

arrancar minhas bolas com os seus dentes. Pensando bem, não seria tão ruim ter aquela boca atrevida me levando ao céu. Minha pequena aprende rápido e sabe como fazer isso. Só a lembrança da diabinha de joelhos, fodendo-me com sua boca é suficiente para me fazer ficar duro feito o diabo.

— Aqui estão as chaves, Sr. Crighton — Verônica me entrega o envelope assim que saio da minha sala. — Também chegou isso.

— Obrigado, Verônica. Está dispensada por hoje.

— Obrigada, tenha um bom feriado.

Vejo-a pegar sua bolsa e sair apressadamente. Eu me pego pensando sobre os últimos dois meses em que trabalhamos juntos. Ela é bem reservada e quase nunca puxa assuntos desnecessários comigo. Nossa relação chefe e funcionária tem sido estritamente profissional. Estamos nos relacionando bem e eu prefiro esse distanciamento.

Charmosa e eu também estamos muito bem. Minha família a adora, principalmente as gêmeas. Após a festa, levei-a novamente à casa dos meus pais para um almoço de domingo e para um jantar durante a semana, quando Liam nos apresentou sua nova namorada, Nicole. Bem, essa não foi tão bem aceita. Katty e minha mãe detestaram a modelo exuberante e fria. Já o tonto do meu irmão parece deslumbrado.

Penelope e eu também fomos algumas vezes à casa de Katty

que, definitivamente, adotou-a como amiga. Crescer com dois irmãos deve ter sido complicado para ela. Embora tenha tido muitas amigas na adolescência, algumas se afastaram quando ela se tornou mãe tão cedo. Acho que ela sente falta de companhia feminina, já que Frank é filho único, e entre ela e Nicole parece não haver nada em comum.

Em meio a tudo isso, sinto que Penelope é mesmo a mulher da minha vida. Estou até ensaiando como dizer a Neil que havia me apaixonado por sua secretária. Na verdade, acredito que ele já desconfie, pois ele não é estúpido. É muito difícil para mim manter distância dela sempre que vou ao escritório dele. Mesmo esse caso Romeu e Julieta ter sido divertido no início, estou cansado de me esconder. Estou cansado de olhar feio para os homens que a encaram como se a devorassem com os olhos. Preciso que todos saibam que ela é minha, mas, antes disso, precisamos colocar algumas pedras sobre o passado. Após isso, vou garantir que minha princesa só tenha motivos para sorrir.

Com esses pensamentos vagando em minha mente, meus olhos caem sobre um dos envelopes em minhas mãos. O título *Confidencial* chama a minha atenção. Sento-me na quina da mesa, de costas para a entrada. Observo a carta com mais cautela e prudência. Não há dados do remetente. Rasgo a lateral e encontro uma folha branca, com as palavras digitadas, garrafais e em negrito:

VOCÊ TIROU TUDO O QUE EU TINHA,

AGORA IREI TIRAR *TUDO* O QUE VOCÊ TEM.

Não é a primeira vez que eu recebo ameaças. Como advogado, tenho que lidar com todos os tipos de pessoas. Muitas delas não ficam felizes comigo. Mas, em sua maioria, são xingamentos e ameaças no Tribunal após cada caso ganho. Um pedido de restrição, uma ação judicial ou um recado, nem sempre ortodoxo de Peter, resolvem a questão. Portanto, isso nunca me preocupou muito, pois, antes, a raiva nunca foi direcionada a alguém além de mim.

Volto a guardar a folha no envelope, procurando tocá-la o mínimo possível. Possivelmente, o remetente teve todo o zelo para não deixar suas impressões digitais no papel. No entanto, prefiro ser cuidadoso. Com certeza, essa é uma brincadeira de mau gosto para me irritar. É muito provável que seja alguém de um caso novo querendo desviar minha atenção. Não vou ficar paranoico em relação a isso. Enviarei a Peter e verei o que ele conseguirá descobrir.

Jogo o envelope na mesa e, quando estou prestes a contatar Peter e relatar o ocorrido, sinto duas pequenas mãos de seda sobre meus olhos. Não preciso de dicas para saber a dona dos

dedos delicados em meu rosto. Conheço seu toque mais do que ninguém.

— Rapunzel — entro na brincadeira.

Ela balança minha cabeça, informando que eu havia errado.

— Charmosa — prossigo. Novamente, ela balança minha cabeça e eu imagino suas bochechas coradas e rosto emburrado.

Ela finge muito bem não gostar dos apelidos carinhosos que demos a ela, mas, no fundo, eu sei que adora cada um.

— Penelope, Charmosa, Rapunzel — agarro sua mão e giro-a de frente a mim. — Todas as alternativas estão corretas.

— Você não disse o meu nome — ela sorri e mostra-me a língua.

Esse pedacinho dela, que eu amo e faz loucuras comigo. Nunca pensei que, um dia, eu amaria alguém a ponto de imaginar que se algo acontecesse a ela, eu sentiria uma dor tão profunda em meu peito, capaz de tirar o ar dos meus pulmões.

Penso sobre a carta: ... *irei tirar tudo o que você tem.*

Claro que minha família faz parte de tudo o que eu tenho, mas Penelope tornou-se algo mais: ela é a extensão de mim mesmo; a metade que me completa e me faz inteiro.

Abraço-a assustado, supondo que essa ameaça esteja direcionada a ela, pois nada me feriria tanto quanto se alguém cogitasse em fazê-la mal. Isso eu não posso permitir, não

sobreviveria a outra perda.

— Adam... — sussurra ela, contorcendo-se em meus braços.
— Não consigo respirar, querido.

Afrouxo meu agarre em volta dela ao me dar conta que estava me deixando levar por um pânico sem fundamento. Não há nada para me preocupar além de um imbecil com sua brincadeira insana.

— Desculpe — balanço a cabeça enquanto tento me acalmar. — Me deixa olhar um pouquinho para você.

Seguro seu rosto delicado entre minhas mãos e dedico todo meu tempo para olhar para ela. Passo os meus dedos em sua pele e delicio-me com a suavidade.

— O que você tem? — pergunta ela, encarando-me com certa preocupação. — Está esquisito hoje.

— Nada — sorrio para garantir que tudo está bem. Não quero alarmá-la sem necessidade. — Só gosto de olhar para você, não posso?

— Não quando temos uma viagem pela frente — murmura ela, com um sorriso na voz. — E você nem me disse para onde nós vamos.

— Ah, a curiosidade feminina — beijo seus lábios rapidamente. — Confia em mim?

— Sempre.

Pego minha pasta e jogo o maldito envelope dentro dela, tomando cuidado para que ela não olhasse.

— Vamos! Pelos próximos quatro dias, você é toda minha.

Seguimos abraçados até o elevador. A maioria dos funcionários já deve ter ido embora, pois não há muito movimento pelo prédio. Acredito que estejam ansiosos para encerrar a sexta-feira.

— Segura para mim! — Ouço uma voz feminina assim que entramos.

Grace entra apressada, segundos antes das portas se fecharem. Puxo Penelope, encaixando ainda mais seu corpo ao meu. Inconscientemente, ela apoia a cabeça em meus ombros e continua a falar sobre a viagem. Grace pouco disfarça o olhar questionador sobre nós dois, o que me irrita profundamente.

Sim, ela é minha namorada — gostaria de dizer a ela, mas isso apenas aguçaria a curiosidade de Penelope e não quero iniciar o final de semana com o fantasma da Grace entre nós dois.

— Até logo, Adam — diz a ordinária, assim que fazemos menção de sair. — Diga ao Peter que a Grace mandou um beijo para ele.

Filha da puta! Ela quis se fazer presente. Insinuar quem ela é para Penelope.

Sinto Penelope ficar tensa em volta de mim. Não é difícil ligar essa Grace à secretária que eu havia fodido na minha casa.

— Está tudo bem? — pergunto, alarmado.

— Sim — Penelope respira fundo. — Ela queria me provocar, não é?

— Não ligue para ela — beijo-a com carinho, procurando espantar o ar de tristeza. — Onde está sua mala?

Mudo de assunto, percebendo que ela havia subido de mãos vazias.

— Na entrada — afirma ela. — O segurança foi muito gentil em guardá-la para mim.

Gentil? Olho para ela de cima a baixo. O decote singelo pouco revela dos seus seios fartos, mas a saia do vestido azul mostra mais de suas pernas do que eu gostaria.

— Então, vamos.

Seguro sua mão e guio-a até a saída.

Embora o combinado tenha sido nos encontrarmos no escritório e seguir viagem, inventei uma desculpa qualquer para passar em minha casa e deixar minha maleta por lá. Eu não vou correr o risco dela encontrar o envelope. Antes de sair, enviei uma mensagem a Peter. Ele ficará em New York trabalhando. Pedi que, assim que ele pudesse, fosse até minha casa e investigasse sobre

a carta anônima.

Procurei agir como se nada tivesse acontecido e joguei o ocorrido para o fundo da minha mente. Penelope tem uma sensibilidade incrível e esconder algo dela não é uma tarefa fácil. As últimas semanas me provaram isso. Ontem à noite quase revelei meu plano a ela, que, com seu jeitinho, quase me fez falar mais do que eu devia. Minha vantagem é que, na arte da sedução, sou tão imbatível quanto ela e logo nos enveredamos em uma noite carregada de paixão.

Durante metade do caminho até nosso destino final, ela se manteve atenta. Vez ou outra me provocando com as mãos em busca de alguma pista que indicasse nosso destino, mas eu me mantive firme. No início da madrugada, o sono e o cansaço a haviam vencido.

Olho para ela ao parar no semáforo. Vejo-a se remexer no banco e seus olhos se abrem para mim. A manhã está nascendo e ela protege o rosto da claridade do dia.

— Estamos chegando?

Sorrio encantado com a sonoridade da voz rouca e sensual enquanto ideias nada puritanas passam por minha cabeça.

— Em alguns minutos — informo a ela.

Eu me remexo no banco quando avisto a placa que dá boas-vindas à cidade. A hora da verdade havia chegado e me pergunto se eu não tinha ido longe demais.

— Bem-vindos a Edgardtown... — ela sussurra incrédula, e olha para mim. — O que significa isso?

Eu tento manter as mãos firmes no volante, mas essa não é uma tarefa muito fácil, não quando vejo seu rosto conturbado e olhar de pavor enquanto avanço cada vez mais para dentro da cidade.

— Você conhece minha família, alguns amigos, um pouco da minha história... — digo com calma. — Você fala dessa cidade com tanto carinho que eu quis conhecer mais sobre ela e você.

A verdade não é essa, mas, por enquanto, essa explicação terá que servir.

— Pare o carro!

Eu executo isso rapidamente, realizando uma manobra brusca que fazem os pneus derraparem. Penelope praticamente voa sobre a porta, abrindo-a com o carro ainda em movimento. Respiro fundo para controlar meu coração acelerado e evitar gritar com ela.

Somente porque eu vejo o quanto está abalada, seguro o sermão sobre ela ter agido de forma tão irresponsável.

— Não posso fazer isso! — Diz ela, caminhando em direção de onde viemos. — Por que me trouxe aqui?

O olhar magoado é como uma faca rasgando meu peito.

— Para enfrentar o passado e seguir em frente.

— Eu não quero isso! — Sua voz soa determinada. — O passado ficou para trás, junto com toda merda da minha vida.

— Não ficou — aproximo-me dela, segurando seu rosto e obrigando-a a olhar para mim. — Mas vai ficar, eu prometo. Confie em mim. Lembra? Você disse que confiava.

Observo-a lutar consigo mesma. Eu acredito que estou pedindo demais. Afinal, levei anos para exorcizar meus demônios e não é justo exigir que ela encare os seus fantasmas dessa maneira.

— Você tem certeza? — pergunta ela, surpreendendo-me.

Meu lado protetor quer dizer que não. Quero colocá-la em meu colo e levá-la para longe de tudo e todos que possam ferir seu coração outra vez. Mas há outra parte de mim que fala mais alto. A parte justiceira que tem orgulho da pessoa que ela havia se transformado e que deseja mostrar a todos que essa mulher extraordinária pertence a mim.

— Eu confio — murmura ela, abraçando-me.

Apoio sua cabeça em meu peito, sabendo que isso é tudo o que eu preciso ouvir; seu amor e sua confiança me bastam.

Agora é hora de enfrentar alguns abutres desprezíveis.

Chegamos a casa alugada. Ela parece ser bem confortável. Toda feita de madeira, pintada de branco. Na varanda, há duas cadeiras de balanço e almofadas coloridas com bordados artesanais enfeitando cada uma delas. Assim que entramos,

avistamos a sala rústica. Apesar de pequena, é bem aconchegante. O sofá forma um L e há uma mesa de centro em frente à pequena lareira. Quadros com fotos em preto e branco decoram o local. Também há, próxima à janela, uma coleção de conchas que eu concluo terem sido colhidas na região.

Subimos a escada que nos leva aos quartos. Há duas suítes amplas.

— Eu gosto dessa aqui — diz Penelope, olhando pela janela do segundo quarto. Ele é de frente para o mar. A porta que leva à pequena varanda é de vidro, pegando toda a parede. As cortinas de renda balançam com a suave brisa. O quarto é realmente muito bonito, mas o que mais me interessou foi a enorme cama redonda.

— Devo concordar com você — coloco as malas no chão, sem desviar o olho do móvel.

— Adam... — ela me encara, notando o verdadeiro motivo da minha escolha. — Está sempre com os pensamentos aí.

Sorrio e avanço sobre ela, jogando-a na cama e cobrindo o seu corpo com o meu.

— Não quando estou nela — beijo seu pescoço e arranho sua pele delicada com meus dentes. — Principalmente quando estamos fazendo coisas mais interessantes.

— Eu sempre gostei mais de ações do que de palavras — ronrona ela, puxando minha camisa. — Muito mais.

— Está me desafiando, senhorita? — uno suas mãos acima da cabeça e devoro o seu corpo esguio com meus olhos famintos.
— Eu vou mostrar quanta ação nós podemos ter.

Levanto seu quadril e tiro sua calça com uma velocidade e precisão que surpreende até a mim.

— Oh, Deus! — Ela geme quando tomo seus seios em minha boca sedenta. — Sim, por favor...

Sexo com ela não é e nunca foi apenas sexo. Existiu algo a mais desde a primeira vez. Há amor. Sempre acreditei que sexo era algo maravilhoso, mas fazer amor com quem se ama... Isso é sublime.

Passamos boa parte da manhã na cama e, depois de tomarmos café da manhã, seguimos para a praia. A casa é meio afastada das outras residências ao redor, o que nos dá certa privacidade.

Andamos pela beira da praia. Observamos as ondas quebrando na areia e até nos arriscamos a um mergulho na água fria.

— Estou morrendo de fome — confessa ela, assim que nos

jogamos na areia.

— Eu também — delicio-me com o decote de seu biquíni, que, apesar de comportado, mexe com minha libido. — Tenho muita fome.

Os seios, que eu adoro, são deliciosos demais para passarem despercebidos. E, Deus, eu amo seios! Os delas são como dois melões suculentos que eu quero chupar.

— Vamos entrar e eu farei algo para nós dois — ela rola na areia para longe de mim e fica em pé.

— Nada disso — junto-me a ela em um movimento rápido. — Estamos aqui para relaxar. Vamos explorar a cidade e comer alguma coisa.

— Eu não me importo — ela insiste. — Já disse, eu gosto de cozinhar.

Sei que está sendo sincera. Ela gosta mesmo de passar horas na cozinha e faz coisas maravilhosas. Isso foi algo que fez Delia se apaixonar ainda mais por ela. Só que o real motivo dela insistir no assunto é o medo.

Mas eu vim até aqui com um propósito e irei até o fim.

— Outro dia, quem sabe — abraço sua cintura e a guio em direção à casa.

Edgartown é uma cidade muito bonita. Eu consigo visualizar a garotinha tímida caminhando pelas ruas. Eu a teria notado. Com toda certeza, seria amor à primeira vista. Eu teria ido até a casa dos seus pais e feito o pedido respeitosamente. Caramba, o que havia de errado com os caras dessa cidade? Como haviam deixado passar uma garota tão perfeita como ela?

O problema era deles. Uns verdadeiros imbecis. E eu sou um maldito sortudo por ela ter cruzado meu caminho.

— Que tal comida italiana? — pergunto, parando o carro em frente ao restaurante.

Ela diz que sim com a cabeça e sorri, mas noto suas mãos brancas como cera, agarradas ao banco. Pego sua mão e a levo aos meus lábios.

Porra, elas estão frias e trêmulas.

Isso me faz sentir raiva de mim mesmo por forçar essa situação, dos pais dela por terem-na marcado dessa forma e de todas as pessoas ridículas desta cidade que haviam contribuído com seu sofrimento.

Eu prometi a mim mesmo que iria cuidar dela, protegê-la e que garantiria que seus dias fossem felizes, mas, se eu sou o

primeiro a contribuir com sua dor, nada disso vale a pena.

— Não precisa fazer isso se não quiser — aliso seu rosto e coloco uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

Seu olhar, apesar de apreensivo, é doce ao me vislumbrar. Eu me perco em seus olhos como na imensidão de um céu azul.

— Com você, eu sinto que posso enfrentar o mundo.

O beijo depositado na palma da minha mão me tocou tanto quanto suas palavras.

Assim que saímos do carro, entrelaço sua mão na minha. Caminhamos juntos até o restaurante que nem dois apaixonados alheios ao resto do mundo.

A refeição seguiu tranquila. Eu a vi cumprimentar duas ou três pessoas, não dei muita importância a elas, pois minha única preocupação é que estivesse bem.

Quando deixamos o restaurante, convidei-a para andarmos pela cidade. Dessa vez, mantive-a bem junto a mim. Foi impossível não notar alguns olhares indiscretos e até mesmo alguns cochichos curiosos, supostamente se perguntando quem eu era.

Cada vez que uma dessas pessoas irritantes passava por nós, em sua maioria senhoras bisbilhoteiras, eu aproveitava para roubar da minha pequena e corajosa dama um beijo longo e apaixonado. Merda, alguns eram intensos demais, fazendo-me esquecer que estávamos na rua.

— Eu adorava aquela loja de doce — confessa ela, apontando a pequena loja do outro lado da rua. — Eu sempre parava nela na volta da escola ou da igreja.

E, quando viramos a esquina, não foi o templo religioso que me indicou que aquele era um local marcante para ela, foi a resposta do seu corpo se contraindo ao meu lado.

Há relativa movimentação na rua. Alguns jovens fazem panfletagem. Guardo um folheto que um garoto me entrega e volto a observar as pessoas entrando e saindo do templo com caixas em suas mãos.

— Sempre há uma quermesse no Quatro de Julho — ela me conta, com uma voz saudosa. — Angelita deve ter ficado responsável pela barraca de doces esse ano, eu acho.

Eu queria dizer a ela que nada disso importava. Mas estaria mentindo. Mal consigo imaginar ficar longe da minha família. Liam, às vezes, é um pé no saco, mas eu adoro aquele idiota petulante. Katty sabe ser voluntariosa quando quer, mas eu a amo. E as suas filhas, ainda que contra minha vontade, de alguma forma infiltraram-se em meu coração apesar de eu ter tentado mantê-las longe. Meus pais foram os melhores do mundo, mesmo quando eu os decepcionei quebrando a tradição ao dar outro rumo para minha vida profissional. Quando eu mais precisei, todos eles estiveram ao meu lado. Lembrar-me de como os pais dela viram-lhe as costas me deixa insano.

Paramos abruptamente quando um homem troncudo de

cabelos claros sai do carro e cruza nosso caminho. Penelope aperta minha mão e sua respiração irregular demonstra a mim que o homem à nossa frente é o mesmo por quem passei a sentir aversão, assim que ela me relatou um pouco sobre a relação entre eles.

— Oi, pai — sua voz soa baixinho, quase impossível de se ouvir. — Parece que esse ano a comemoração será linda.

Ele não responde, olhando-nos de cima a baixo com todo ar de desprezo.

— Stephanie, leve essa caixa lá para dentro.

A mulher encara Penelope por alguns segundos. Eu sinto que dirá algo a ela, mas, sob o olhar duro do marido, desiste e corre em direção à igreja.

— Não tenha a audácia de aparecer — diz o homem com um olhar duro em direção a ela. — Já não faz parte dessa comunidade.

Sinto-a vacilar ao meu lado como se as palavras ferinas dele tivessem rasgado a sua alma. A dor dela estende-se a mim e eu me mantenho rígido no mesmo lugar, apenas pelo fato de que, se eu quebrassem a cara dele, pioraria a situação.

— Não é o que diz o folheto — afirmo com um olhar gélido ao ler a mensagem. — *Todos são bem-vindos na casa do Senhor.*

Leio os dizeres do folheto em voz alta para que todas as pessoas presentes e à nossa volta fossem testemunhas.

— Está dizendo que sua filha, a que você criou e amou como seu bem mais precioso, e o homem que a ama não são bem-vindos na casa de Deus? Um visitante não é bem-vindo em sua paróquia, reverendo Walker?

Ele me faz lembrar um daqueles personagens dos desenhos infantis que minhas sobrinhas costumam ver, que quando ficam enfezados, saem bufando e soltando fogos pelas narinas.

— Uma ovelha perdida será sempre bem recebida em minha igreja — responde ele. — Será bem acolhido em nossa festa. Com licença, senhor.

Será e não serão bem-vindos, como deveria ser. Até o último minuto, o homem fez questão de deixar claro que Penelope está fora. Por orgulho ou apenas porque é tão desprezível quanto eu imagino. Isso não me importa, vou falar a ele exatamente o que precisa saber.

— Não — Penelope agarra meu braço quando caminho em direção ao reverendo. — Deixa para lá.

— Fique aqui — beijo-a na testa e faço um carinho em seu rosto. — Eu já volto.

Entro na igreja guiado por sentimentos que estão longe de serem pacíficos ou angelicais. Encontro meu alvo próximo ao púlpito em uma discussão acalorada com sua esposa.

— Eu não sei que tipo de religioso você é — paro em frente a ele, apertando minhas mãos, que estão cerradas rente ao meu

corpo para evitar desrespeitar um templo sagrado ao quebrar a cara dele como eu desejo. — Mas sei o tipo de pai você é.

Encaro os dois. Dessa vez, sentindo mais do que desprezo; tenho pena.

— Não foi Penelope que perdeu os pais intolerantes, arrogantes e cheios de preconceitos irracionais — declaro, seco. — Foram vocês que perderam uma filha linda e amorosa, que, mesmo após vocês a terem desprezado, humilhado e virado as costas, tem respeito e amor incondicional por vocês. Não foi ela quem perdeu, foram vocês. Nem ela nem vocês tiveram culpa do que aconteceu ao Cory. Mas você, Sr. Walker, tem culpa por ter enterrado sua filha em vida. O amor apenas não se prega, a gente vivencia, sente e cultiva. E amor a gente perde também.

Com essas palavras, dou as costas aos dois. Encontro-a parada na porta. As lágrimas deslizando pelo seu rosto dizem que presenciou tudo o que eu disse assim como todas as pessoas presentes.

— Eu amo você — impeço que outra lágrima deslize do seu rosto triste.

Não é uma declaração vã para impressionar os pais dela. Ainda que eu não seja tão religioso como deveria, sei respeitar um lugar sagrado quando me vejo nele e também nunca fui tão verdadeiro em minha vida como nesse momento.

— Amo muito.

Beijo-a suavemente, transmitindo todo sentimento que há em meu peito. Penelope pode duvidar do amor do seu pai, da sua mãe, e, talvez, dos poucos amigos presentes aqui, mas não do que eu sinto.

E, debaixo desse teto sagrado, eu me sinto abençoado por ver em seus olhos o mesmo amor que faz de mim o homem mais feliz do mundo.

Por mim, passaríamos as últimas horas nessa cidade trancados no quarto, dando tanto prazer um ao outro quanto fôssemos capazes. No entanto, Penelope tem outros planos e parece que está revestida de uma coragem e determinação impressionantes.

Enquanto eu prefiro mantê-la longe de todas as línguas e olhares ferinos, ela parece tranquila. Cheguei a acreditar que enfrentar os pais dela iria lhe causar uma nova ferida irreparável, mas, surpreendentemente, aconteceu o oposto: ela circulou entre as pessoas como se nada mais a importasse, além de mim.

— Vamos, seu preguiçoso — murmura ela, ao puxar a barra da minha calça. — É o Quatro de Julho. Eu quero ver os fogos e tudo mais. Além disso, é nosso último dia aqui.

Os fogos!

Havia me esquecido desse detalhe importante.

— Eu preciso de incentivos — espreguiço-me no sofá com todas as más intenções expressas em meu rosto. — Aqui está muito bom.

— E uma mulher nua esperando por você no banheiro? — ela me indaga, tirando a roupa e deixando uma pilha espalhada pelo caminho enquanto anda em direção à escada. — É incentivo suficiente?

Eu adoro seu jeito meigo e carinhoso de ser; adoro sua inocência e a avidez para ampliar seus conhecimentos sexuais, mas, quando ela é atrevida e provocadora como agora, eu fico louco.

A maldita sabe como me colocar no chão.

Ao contrário do que imaginei, está sendo uma noite tranquila e muito divertida. Há muitas pessoas participando da comemoração nas ruas. Pessoas com rostos pintados de azul e vermelho, cores que predominam por todos os lados da cidade.

— Acho que eu não participo de uma feira desse tipo desde

que eu era menino — sussurro em seu ouvido e coloco-a à minha frente para desfrutarmos da banda no pequeno palco. — Confesso que eu gosto. Ou talvez seja a companhia que faz tudo ficar melhor.

Mordo sua orelha e ela solta um gritinho que é abafado pelo som da música.

As pessoas já não nos encaram com a mesma curiosidade de quando chegamos. Não somos mais novidade embora, vez ou outra, eu pegue risinhos tímidos das jovens garotas direcionados a mim. Isso não me incomoda. O que me irrita são as mais velhas, que encaram Penelope como se ela fosse insignificante demais para estar ao meu lado. Um bando de invejosas. Não trocaria minha Charmosa por nenhuma outra mulher presente, por mais linda e atraente que ela possa parecer. Aos meus olhos, não há mulher no mundo mais linda do que ela.

— Olha! — Ela diz, empolgada, apontando para cima. — Vão começar os fogos.

A música para. Todos estão concentrados olhando para o alto. Em segundos, o céu brilha com as luzes coloridas. Azul e vermelho, em diversos formatos, explodindo em cascatas que reluzem sobre nós.

Encaro seu rosto feliz. Não sei dizer se o brilho em seus olhos são reflexos da luz ou da felicidade que ela sente. É como abrir as portas de um parque de diversões e dizer a uma criança que ele será exclusivamente dela por todo o dia.

— Foi tão lindo! — Ela sorri para mim, apertando minhas mãos. — Essa sempre foi minha parte preferida. Como no Ano Novo. Pena que dure tão pouco.

— E quem disse que acabou?

Sorrio para ela e olho para o homem em cima do palco. Vejo-o dar o sinal positivo com o dedo. O momento que eu tinha planejado chegou, mas devo admitir que estou muito nervoso. Nunca fui um cara romântico ou fadado a sentimentalismo, até conhecê-la. Existem pessoas que arrancam o melhor de você sem que ao menos você perceba e, quando isso acontece, você se dá conta do grande idiota que pode se transformar apenas para ver o sorriso de quem se ama.

— O que você quer dizer? — pergunta-me enquanto a conduzo em meio às pessoas, em direção ao palco.

— Apenas olhe.

Solto sua mão e subo a escada de quatro lances. Minhas pernas estão ridiculamente trêmulas, mas finjo andar com naturalidade.

— Senhores... Senhoras... — testo o microfone no centro do palco, chamando a atenção das pessoas. — Hoje é um dia de celebração. A independência do nosso país. Nossos antepassados lutaram, deram seu sangue e suas vidas para que fôssemos um povo livre e feliz.

Observo a multidão procurando-a até encontrá-la olhando

para mim com estranheza em seu semblante.

— Isso tudo foi possível devido ao amor que eles tinham por sua terra, fazendo-nos sentir orgulhosos da nossa história — continuo, procurando me concentrar no discurso que eu havia feito, mas, ao observar o seu rosto perfeito, as palavras parecem sumir da minha cabeça. — Isso devido ao amor à nossa pátria. Porque só o amor constrói, só o amor liberta. E é em nome desse amor e dessa jovem linda que me acompanha nessa noite que ofereço ao meu país e a vocês essa singela homenagem. Olhem para o céu em exatamente...

Verifico o relógio em meu pulso, desejando que nada saia errado para que eu não pareça ainda mais tolo do que eu me sinto.

— Quinze segundos — são exatamente quinze segundos que eu preciso para sair do palanque e ir em direção a ela. — Charmosa, isso é para você.

Enquanto caminho, noto os olhares curiosos contemplando o céu e, a cinco passos dela, outra vez milhares de fogos de artifício estouram no céu, colorindo-o.

— É assim que eu me sinto perto de você — murmuro, rente aos seus lábios. — Como se o meu coração explodisse iguais a fogos de artifício.

— É como eu me sinto também, meu amor — sussurra ela, antes de tocar meus lábios. — Um grande e profundo amor

explodindo em meu peito.

Em meio às luzes multicoloridas acima de nossas cabeças e à sua boca explorando a minha em um beijo apaixonado, tenho um vislumbre de quão perfeita a vida pode ser. Eu havia recebido uma nova oportunidade para ser feliz.

Capítulo 30

Penelope

Então, Adam me beijou na frente de todo mundo. E não foi qualquer beijo. Foi o beijo. Aquele que te faz ficar na pontinha dos pés, que faz seu coração palpitar e você se sentir nua. Ele está dizendo a todos, com esse beijo, a quem eu pertencço: a ele.

Meu corpo, assim como a minha alma e coração, está transbordando de felicidade e emoção.

— Eu não consigo acreditar que tenha feito isso —

pronuncio quando ele se afasta. — Foi...

As palavras morrem em minha garganta. Alguns sentimentos são tão intensos que seria preciso inventar novas palavras para poder descrever, mesmo assim, creio que seria impossível.

— Alguns fogos bobos? — seus dedos roçam meu rosto com a delicadeza de uma pluma tocando a rosa. — Eu daria as estrelas se fosse possível.

Nesse momento, percebo que tudo mudou: o homem cheio de si, às vezes, arrogante e mulherengo transformou-se no homem perfeito. Não por todas as coisas que ele fez e que foram importantes para roubar meu coração, mas porque eu vejo seu amor por mim transcender de sua alma. Eu sinto esse amor em cada toque e em cada olhar dedicado a mim.

Ele me defendeu do meu pai, fazendo com que eu me sentisse amada e protegida.

— Talvez me dar as estrelas seja algo impossível — digo, tocando seu rosto. — Mas que importância tem em olhar para o céu quando eu tenho uma constelação inteira em forma de amor brilhando em seus olhos?

Homens até podem ser durões, mas, quando ficam tímidos e apaixonados, são ainda mais sedutores.

O que nos aproximou foi uma atração fulminante e descontrolada, mas o que nos une é o amor, que transita entre

nós dois como duas forças magnéticas, atraindo nossos corpos de tal forma que parece nos fazer levitar.

E, enquanto caminhamos por entre rostos conhecidos, eu não me importo com o que eles possam pensar ou dizer às minhas costas. Pelo pouco que consigo ler em alguns olhos, vejo que sou uma mulher invejada. Eu tenho o homem mais incrível do mundo e, sim, ele me ama.

Estou me decidindo se quero uma torta de maçã ou uma rosquinha para a viagem quando sinto uma mão fria puxar o meu braço.

— Pensei que ele nunca fosse deixá-la sozinha.

— Maxwell.

Dou de cara com meu ex-noivo quando me viro em direção à voz. Observo-o por um instante. Ele parece mal. Não somente pelas roupas desgrenhadas e cabelos opacos, mas algo em seu rosto me diz que as coisas não andam bem para ele.

— Max — diz ele, passando os dedos pelos cabelos. — Já fomos noivos, lembra?

— Mas as coisas mudaram — afirmo, tentando educadamente livrar meu braço de seus agarre firme. — Agora

está casado, *lembra?* Não acho que a Harriet queira tanta intimidade entre nós.

— Não sou mais casado — ele confessa, soltando a bomba sobre minha cabeça. — Harriet mentiu para mim. Ela nunca esteve grávida. Você nunca mentiu para mim. Nunca foi como as outras...

— Sinto muito, Maxwell — tento me afastar dele. — Você logo encontrará outra pessoa — olho em direção ao banheiro, onde Adam havia seguido há poucos minutos.

— Eu não quero outra — rosna ele. — Eu quero *você* de volta. Quero me casar como eu deveria ter feito naquela época.

— Isso é algo improvável, já que você já é casado.

Torço minha mão para me libertar, mas ele é incomparavelmente mais forte que eu.

— Não me casei na igreja — segue ele, aproximando-se mais. — Conversei com seus pais hoje. Não se importam se reatarmos. Até aceitarão você de volta. Poderá voltar para casa e tudo será como antes.

Meus pais? Voltar para Edgartown e ter a mesma vida que eu tinha antes?

Não. Definitivamente não.

É claro que eu gostaria de ter um relacionamento harmonioso com o meu pai e estar mais perto da minha mãe,

mas não a ponto de sacrificar novamente a minha vida em prol do que os meus pais acham correto.

É claro que papai havia odiado o Adam. Ninguém nunca o enfrentou daquela maneira. E isso só me faz amá-lo ainda mais. Ao contrário de Max, ele esteve ao meu lado quando mais precisei. E, mesmo que tudo isso não fosse o suficiente, há o maior motivo de todos: amo o Adam mais do que a mim mesma! Pensar em ficar longe dele seria minha destruição.

— Isso não é mais possível — declaro, enfática. — Me solta, Maxwell. As pessoas estão olhando.

É impressionante como eu não consigo passar por essa cidade sem ser o motivo para fofocas. Justo eu que tenho aversão a isso.

— Penelope... — insiste ele. — Apenas me escute...

— Ela disse para soltar.

Reconheço a voz, que é um bálsamo e motivo de apreensão para mim, devido à ferocidade na voz.

— Nós estamos tendo uma conversa — diz Max.

Aproveito-me de sua distração para escapar de suas garras e correr até onde Adam está, às suas costas.

— Vocês não têm mais nada para conversarem, rapaz — Adam rosna, colocando-me ao seu lado. — Teve a sua chance, garotinho. Agora saia do meu caminho ou eu mostro como os

homens agem em Nova York.

Por um momento, acreditei que Max fosse enfrentá-lo. Não sei se foi a ameaça na voz de Adam ou a forma que ele pareceu dobrar de tamanho que fez o "garotinho" baixar a guarda e se afastar.

— Quando ele cansar de brincar de casinha, saiba que pode me procurar — cospe ele, como se fizesse uma profecia. — Caras da cidade só querem garotas ingênuas como você para uma coisa...

Ele não pôde continuar. Como se eu assistisse tudo em câmera lenta, vejo Adam avançar sobre ele, acertando-o em cheio no rosto. Abro e fecho minha boca sem poder acreditar. Não é preciso ser um perito em luta livre para saber quem estava em desvantagem.

— Adam... — puxo-o pela cintura, tentando afastá-lo do corpo no chão.

Observo os amigos de Maxwell se aproximarem. Preciso levá-lo para longe ou isso aqui se transformará num pandemônio a qualquer momento. Seriam cinco contra um.

— Vamos embora — estou implorando, sem qualquer constrangimento. — Por favor.

Algo em minha voz deve o ter alertado.

— Se chegar perto dela, eu te mato — diz ele antes de sairmos.

Chegamos ao nosso carro. Adam apoia-se contra a porta e começa a rir.

Eu estou trêmula e ele ri.

— Você viu a cara dele de apavorado? — pergunta, entre uma gargalhada e outra. — E aquele olho ficará roxo por muito tempo.

— Não acho engraçado — resmungo, zangada. — Estava em desvantagem lá. Poderia ter se machucado. Por que homens têm que resolver tudo na força?

— Porque somos homens — ele me puxa para seus braços. — Coloque uma linda mulher na receita e um pouco de amor, logo seremos idiotas.

Droga. Eu não consigo ficar irritada com ele quando eu sei que eu deveria ficar. Não quando, mesmo ele agindo como um homem das cavernas, havia demonstrado novamente seu amor por mim.

— E quero que fique claro que eu não estava fugindo deles — ronrona ele em meu pescoço. — Estava afastando você do perigo.

— Ah, é mesmo? — provoco-o um pouco. — Eles eram cinco.

— Um homem apaixonado vale por mil.

Ele tem razão. É óbvio que Maxwell e os amigos dele teriam deixado sua marca em Adam, mas sei que ele teria enfrentado

cada um, nem que, no final, eu tivesse muitos ossos para remendar.

— Sabe de uma coisa? — enrosco meu braço em seu pescoço.

— O quê? — pergunta ele, seus lindos olhos castanhos cravados nos meus.

— Eu te amo.

Eu não apenas disse isso, eu provei, pois como ele havia dito na igreja, amor a gente vivencia.

Passaram-se alguns dias desde que visitamos Edgardtown. Adam viajou a trabalho há dois dias e só voltará no final de semana, no caso, amanhã. A saudade é tanta que conto cada minuto do relógio. Mas, como hoje é sexta-feira e tenho muitas horas acumuladas, dou-me ao privilégio de sair alguns minutos mais cedo do trabalho. Não deixei nada de urgente pendente, então deixo minha mesa com a consciência tranquila.

Eu deveria ir direto para minha casa, mas ele cismou que eu tinha que ficar na casa dele. Ainda tentei argumentar, mas Adam foi tão convincente que, quando vi, já tinha concordado em ir. Embora eu ache isso estranho, ficar na casa dele sem ele lá

apenas contribui para aumentar a saudade em meu peito. Contudo, amanhã cedo ele estará de volta e faz mais sentido que eu fique por lá mesmo.

— Penelope, nós iremos esticar a noite — diz Aline assim que entro no elevador, unindo-me a ela e a outras secretárias de outros departamentos. — Tem uma boate nova. Vem com a gente?

Em outro momento, eu até estaria interessada, mas minhas prioridades mudaram.

— Talvez outro dia — dou um sorriso simpático e declino o convite. — Estou bem cansada hoje. Acho que vou cuidar da pele e hidratar os cabelos.

— Ou talvez tenha outros compromissos — diz Aline, avaliando-me com os olhos inquisidores. — Um dia, você precisa me contar como faz isso. Achei que ainda estaria sofrendo por causa do Sr. Parker.

A última notícia que tive dele é que havia ido para a Espanha com uma atriz em ascensão. Os dois haviam sido pegos em uma casa noturna em cenas muito comprometedoras. De acordo com a imprensa, eles estão juntos. Isso fez com que os comentários sobre nós dois diminuíssem até desaparecerem de vez. O que eu não imaginei foi que elas, na verdade, estavam com pena de mim.

— Só éramos amigos, Aline.

— Hum, hum — murmura ela. — De qualquer forma, você fez bem. Soube que ele já está com outra.

O elevador para no térreo e eu dou graças a Deus por ficar livre desse assunto incômodo. Despeço-me delas e, já na rua, faço um sinal para um taxista. Outra das instruções de Adam. Ele parece ter ficado obcecado com a minha segurança. Então, andar de metrô sozinha, próximo ao anoitecer, está fora de cogitação.

Chego a casa dele e vou direto para o quarto. Umas das coisas boas de passar as noites aqui é que sinto a presença dele em todos os cantos, especialmente o seu cheiro no travesseiro antes de dormir.

Após jogar minha bolsa sobre a poltrona perto da janela, faço exatamente o que disse às meninas. Sigo para o banheiro para cuidar dos cabelos. Separo o creme que eu já havia trazido no dia anterior e preparo a banheira para um banho relaxante.

Quase uma hora depois, acordo sobressaltada com o toque do telefone em cima da pia. A pressa em atender faz-me deslizar da banheira. Após me estatelar no tapete felpudo e branco, eu consigo atender a ligação.

— Oi, querido — falo, acelerada.

— Você está bem?

— Sim — respondo, rindo. — Caí da banheira.

— Onde você está?

Eu dito o endereço dele e reviro os olhos enquanto procuro uma toalha para cobrir meu corpo, que já começa a ficar gelado.

— Conhece? — pergunto para provocá-lo. — Adam, o que você tem? Estou bem e segura.

Eu já pensei em todas as possibilidades para ele agir assim, a única que me vem à cabeça é seu receio de que Max venha atrás de mim, mas isso parece absurdo até de imaginar.

— Eu só quero ter a certeza de que você está bem — ele afirma, agora zangado. — Isso é errado?

Não quero brigar com ele por causa do meu ex nem por ninguém, então resolvo deixar esse assunto de lado.

— Você volta amanhã cedo?

— Surgiu um assunto de última hora e tive que trocar o voo. Chego amanhã à noite.

Apesar de decepcionada, eu entendo. Conversamos um pouco mais. O safado insistiu para que eu enviasse fotos de lingerie para ele. Eu titubeei em aceitar, já ouvi falar de casos onde fotos assim caem na internet, mas o erotismo da situação é tão tentador que me vi pousando para uma foto ou outra. Além disso, confio nele, no homem que ele é. Até pode ter sido um mulherengo antes, mas nunca foi cafajeste e sempre preservou nossa privacidade.

O único problema de brincarmos com imagens nossas seminuas é que eu adormeci ardendo de desejo por ele.

Estou na cozinha tomando café quando a campainha toca. Pensei que pudesse ser Liam, mas ele tem uma cópia da chave. Adam não me disse se esperava alguém tão cedo. Olho para minha roupa antes de seguir para a porta. Estou usando apenas uma das camisas dele, que em mim fica gigantesca, batendo quase nos joelhos. O som continua insistente. Resolvo atender assim mesmo, a camiseta parece um vestido em meu corpo e não há nada revelador. Por segurança, checo os botões, garantindo que meus seios não fiquem à mostra.

— Já estou indo — digo à pessoa impaciente do outro lado.

Se for um vendedor, vou dispensá-lo o mais rápido possível. Se for alguém da manutenção de algum aparelho da casa, pedirei que espere um pouco até que eu esteja mais apresentável.

Para minha surpresa, ao abrir a porta, não é nem um nem outro. É a última pessoa que eu esperaria ver aqui.

— O que você faz aqui? — ela me indaga.

Eu poderia perguntar a mesma coisa ao ver a ex-sogra de Adam parada à minha frente.

— Onde está o Adam? — Celeste pergunta, passando por mim e entrando na casa.

— Está viajando — respondo, ainda surpresa com a presença dela.

Somente agora noto o embrulho em suas mãos. Tem cerca de um metro e é quadrado.

— E ele pediu que cuidasse das plantas dele? — pergunta ela, com ironia. — Interessante. Eu não vejo nenhuma aqui. Talvez você só tenha vindo bisbilhotar enquanto ele está viajando.

— Olha, Senhora...

— Eu trouxe esse presente para ele — inicia ela, ignorando-me outra vez. — O primo do meu marido é um grande artista e está na cidade.

Observo-a rasgar o papel pardo que cobria o quadro em suas mãos. Aos poucos, o rosto de uma jovem morena e muito bonita vai se revelando. Ao lado dela está Adam, com um olhar de veneração para a garota.

— Pierre retratou muito bem a foto que dei a ele — continua ela, observando as paredes da sala, certamente procurando o melhor lugar para pendurar aquilo. — Eu tenho a foto em minha bolsa. Posso mostrá-la para que veja que não estou mentindo.

— Não, obrigada — é tudo o que consigo dizer.

Na verdade, sinto como se tivesse aberto a porta para um furacão.

— Aqui — diz ela, medindo a parede próxima ao sofá. Seria

impossível de não o notar ali quando nós dois nos deitássemos para ver algo na TV.

De certa forma, a imagem me deixa desconfortável. Enquanto o Adam retratado ali encara sua musa com devoção, a mesma parece olhar para nós com um olhar vitorioso, como se desafiasse qualquer um que tentasse tirar o seu homem.

— Vou pedir para que Albert cuide disso — declara ela, colocando o quadro em cima do sofá e indo em direção à porta entreaberta.

Eu encaro a jovem garota e calafrios passam por meus braços. Eu sei o que Cecília significou e ainda significa para o Adam. Eu não quero e nem vou tentar afastá-lo das lembranças que ele tem dela, mas isso, para mim, parece demais. Chega a ser um pouco macabro.

— Pendure o quadro ali, Albert — instrui Celeste, ao retornar com um senhor uniformizado que acredito ser o seu chofer.

— Eu não acho que Adam irá gostar disso...

— Ah, que petulância a sua — diz ela com um olhar frio. — Sabe quantas mulheres como você eu vi passar pela vida dele?

Encaro-a entre chocada e furiosa.

— Muitas! — Continua, com o dedo em riste em meu rosto. — E muitas desapareceram também. Não se valorize demais. No fim, a memória da minha filha e do bebê deles sempre prevaleceu

intacta. Logo será esquecida como todas as outras.

Vejo-a caminhar em direção ao quadro que o homem começa a colocar na parede.

— Cecília sempre fica... Aqui — ela me encara orgulhosa, uma réplica do sorriso da filha. — E no coração dele. E eu estou aqui para garantir que continue assim.

— Não! Você está aqui para torturá-lo com lembranças de um passado que não pode ser corrigido — digo, irritada. — Sinto muito por sua filha, eu também perdi alguém muito querido, mas Adam está vivo. Por Deus, deixe-o viver.

— Pare de falar como se eu fosse louca! — Ela grita, perdendo a pose pela primeira vez. — Não sabe nada sobre nós, sobre a nossa perda. Saia daqui!

Eu deveria sentir muita raiva dela, mas, nesse momento, tudo o que sinto é pena. Está presa a uma memória, a uma fantasia que provavelmente só a levará a mais dor e solidão.

— Com licença.

Resolvo sair, não porque ela tenha me intimidado, mas porque há energias pesadas demais por aqui. Além disso, essa não é minha casa. Essa mulher não é um problema que cabe a mim resolver. Como ela disse, pouco sei do que houve em suas vidas. A única coisa que sei é que já houve dor e desespero suficientes. Subo as escadas e volto para o quarto, mudo de roupa, pego minha bolsa e retorno à sala. A mulher parece

venerar a imagem diante dela. Albert, ao seu lado, pronto para acatar qualquer ordem sua, encara-me com um olhar compadecido. Qualquer pessoa normal pode notar que essa é uma mulher conturbada.

Não posso presenciar mais essa cena. Essa mulher e a imagem pendurada na parede já haviam me abalado o suficiente. Não sou eu que tenho que dar um fim a isso. Eu espero que Adam faça isso rapidamente, antes que alguém saia machucado.

Com esses pensamentos conflitantes, volto para minha casa. Prefiro esperá-lo lá, um lugar cheio de paz e amor, do que passar o meu dia observando um fantasma na parede.

Capítulo 31

Adam

Há alguns dias...

— O que você pensa sobre isso, Peter?

Antes de seguir para meu escritório para mais um dia de trabalho, fui ao apartamento dele. Havíamos marcado para nos ver mais tarde, mas estava agitado demais para saber o que havia descoberto sobre a carta anônima enviada a mim.

— Como você deve imaginar, eu não encontrei nada — ele me diz, jogando-se no sofá branco, com uma enorme tigela de cereal nas mãos. — Quem fez isso sabia o que estava fazendo.

Ele diz mais alguma coisa incompressível, já que sua boca está cheia de flocos de chocolate. Como um homem do porte dele pode comer essa coisa?

Isso é comida de bebê.

— O que disse? — inquirio-o, impaciente.

— Pode ser um trote — afirma, balançando a colher na minha frente. — Pode ser algum cliente ou alguém que você ferrou no Tribunal. Ou, até mesmo, alguma ex-namorada em busca de vingança.

Ex-namorada? Ele mais do que ninguém sabe que não tive relacionamentos assim. Houve apenas uma com quem havia passado mais tempo do que o habitual, mas há uma restrição

judicial que nos separa e não acredito que ela seja tola o suficiente para prejudicar sua vida ainda mais.

— E o que você sugere que eu faça?

— Esperar o próximo passo... Cedo ou tarde, ele ou ela irá vacilar — ele volta a encher a boca e não me resta mais nada além de aguardar. — Enquanto isso, enviarei alguns dos meus homens para ficar de olho na sua família, principalmente nas crianças.

— Não acho que estejam atrás delas.

— Penelope? — pergunta ele, sorrindo. — Ela é tudo o que você tem?

— Peter!

Sim. Ela significa muito. Hoje, é a parte mais importante da minha vida. Minha família é primordial na minha vida, mas eu sei que, independente do que aconteça ou do que eu faça, eles sempre estarão comigo. Penelope é o meu presente e o meu futuro. Ela é a minha única garantia de felicidade. Pensar que algo possa acontecer a ela por minha causa, por meu trabalho ou por erros do meu passado está me desestruturando.

— Vou mandar que alguém fique de olho nela também — diz, sério. — Até que tenhamos mais informações, fique atento a tudo. Faça uma lista de quem possa ter irritado ou de quem teria motivos para ameaçar você. Não deixe passar ninguém. A surpresa vem de onde menos se espera.

Embora ele não tenha me dado uma solução mais concreta, estou mais aliviado por saber que Peter está envolvido no caso. Vamos descobrir o desgraçado por trás disso e que Deus tenha piedade dele quando eu o encontrar.

A primeira coisa que noto ao chegar é a porta da minha sala semiaberta e o barulho de movimentos lá dentro. A mesa da Verônica está vazia. Com toda certeza, não é ela lá dentro, já que havia me avisado que chegaria mais tarde hoje.

Caminho cautelosamente, procurando não fazer ruídos. Quero pegar o invasor de calças curtas. Peter havia me alertado que, em breve, a pessoa se manifestaria, o que eu não imaginei era que fosse tão cedo.

Nesse momento, eu me arrependo de não ter uma arma junto a mim. Olho para mesa da minha secretária e não vejo nada que possa servir de arma, além de um grampeador de ferro. Eu teria que enfrentar o cara mano a mano, então eu só tenho o fator surpresa ao meu lado.

Dou mais alguns passos e abro mais a porta, mas apenas o suficiente para dar espaço ao meu corpo.

— Grace? — assisto-a pular para o lado e fechar a gaveta que estava manipulando.

Seus olhos saltam arregalados quando me vê e ela leva a mão ao peito, tentando normalizar a respiração acelerada.

— Adam! Que susto!

— O que você faz aqui? — pergunto, olhando duro para ela.
— Já não avisei que não a quero na minha sala?

Não estou com ânimo para lidar com ela e sua mania de perseguição comigo. Já estou ao ponto de dispensá-la de vez.

— Savannah pediu que eu procurasse o processo que passou a ela na semana passada.

— Por que não pediu isso a Verônica?

— Ela foi ao médico e me disse que encontraria o processo aqui. Como o caso é urgente...

— Você sabe onde guardo os casos mais importantes — caminho até o armário próximo a ela e retiro uma pasta preta, entregando-lhe.

— Eu havia me esquecido — ela sorri amigavelmente. — Eu só quis adiantar as coisas para quando Savannah chegasse. Não estive bisbilhotando nada.

Não há por que se defender se ela não tivesse nada para esconder. A palavra *culpada* parece gritar em seu rosto. E não faz tanto tempo assim que a dispensei para que não se lembre de

onde ficam as coisas. Algo em relação à presença dela na minha sala me desagradava. No entanto, tenho coisas mais importantes para me preocupar.

Dispensar a apenas com o olhar. Ela parece tão grata ao estar longe de mim que minhas desconfianças apenas aumentam. Será que Grace tem algo a ver com a ameaça que eu havia recebido?

Ela tem livre acesso ao meu trabalho, à minha vida e conhece a minha rotina. Mesmo que não esteja mais trabalhando comigo, sabe muitas coisas sobre mim. Sem contar que, naquele dia no elevador, ela tentou provocar Penelope descaradamente. Será que o despeito e o fato de ter sido desprezada fizeram com que ela seguisse por esse caminho insano?

Peter havia citado que poderia ser obra de uma ex-namorada furiosa, mas Grace nunca foi minha namorada, sequer amante. Eu transei com ela esporadicamente. Porra, a mulher se jogava em meus braços! Algumas vezes, eu aproveitei o que me era oferecido, mas nunca deixei ir longe demais.

O caso é que não posso perambular em meio a suposições. Eu preciso de provas concretas. O jeito é esperar o próximo passo e tentar pegar o desgraçado que ameaça a mim e a todos que amo.

Disposto a esquecer momentaneamente o assunto, decido iniciar o meu trabalho. Examino as pastas que Verônica havia organizado e separo os casos por ordem de prioridade. Quando

pego a última pasta, um envelope similar ao que tinha recebido na sexta-feira-feira faz o sangue em minhas veias gelar.

Rasgo e abro com pressa, apreensivo com o que irei encontrar. Há um pouco mais de uma dúzia de fotos. À primeira vista, são inofensivas. Reconheço a cidade que visitei nos últimos dias. Imagens minhas e de Penelope durante a queima de fogos. Ela sorrindo para o palco durante o meu discurso, seus olhos regados de amor. Nós dois nos beijando, perdidos um no outro. Seriam imagens encantadoras se por trás de tudo isso não houvesse algo macabro.

Eu desconfiei que, desde a primeira carta, o alvo desse infeliz seria ela. Meu sexto sentido seguia nessa direção. Agora, eu tenho certeza disso. Querem usá-la para me atingir. O pior dos meus medos está se concretizando nessas malditas fotos.

Como no envelope anterior, não há nenhuma informação de postagem. Isso significa que alguém o havia deixado aqui. Imediatamente, a imagem de Grace em minha sala me vem à cabeça.

— Desgraçada! — Urro, batendo na mesa.

Levanto-me e saio da sala como se cães do inferno estivessem em meu encalço. Eu vou matar essa filha da puta!

Aquela história de que estive em minha sala à procura de um processo não havia me convencido desde o início. Sendo Verônica irmã dela e a mesma tendo organizado tudo sobre a

viagem, Grace deve ter tido facilidade em nos seguir até Edgartown e tirar as fotos. Não sei se estou tão irado comigo por não ter me livrado dela quando pude ou de Grace por se atrever a fazer algo tão vil como isso.

Abro a porta bruscamente. Encontro Savannah e ela debruçadas sobre a mesa. As duas lançam olhares surpresos para mim. Jogo as fotos em cima da mesa e a única coisa que enxergo à minha frente é Grace e o pescoço que eu desejo quebrar com minhas próprias mãos.

— Achou que eu nunca fosse descobrir, sua vagabunda? — rosno, cego de raiva.

Avanço sobre ela com uma sede assassina correndo pelo meu corpo. No momento, sou pura adrenalina.

— Não sei do que está falando. — grunhe ela, enquanto minhas mãos pressionam ainda mais em volta do seu pescoço. — Me solta...

Estou completamente desvairado. É como se eu não enxergasse mais nada à minha frente. A ira governa minhas ações. Sinto que sou capaz de matá-la se fosse preciso. Cada vez que penso que Grace tentou usar Penelope para me atingir, minha fúria se multiplica.

— Adam! O que está fazendo? — Savannah tenta me afastar dela, puxando meus ombros atrás de mim. — Não faça isso! Vai matá-la!

Não sei se foi o que ela disse ou a mulher quase desfalecendo em minhas mãos que me fizeram me afastar. Apenas me vi caminhando na direção oposta.

— Saia daqui, Grace! — Sibilo, mantendo os meus olhos longe para evitar cair em tentação e finalizar o que comecei. — Eu não falo sair da sala. Saia do escritório, do prédio, da minha vida.

— Mas... — murmura ela com a voz enrouquecida.

— Saia! — Berro tão alto que tenho a sensação de que as paredes ao nosso redor tremeram sob meu grito.

O ódio transparente em seus olhos não me afeta como imagino que ela gostaria. Pelo contrário, há muita raiva em mim.

— Você ficou maluco? — pergunta Savannah.

Ela dá a volta ao redor da cadeira dela e me encara como se não me reconhecesse.

— Seu filho é a pessoa mais importante da sua vida, certo? — respondo-a com outra pergunta. — O que você faria se alguém colocasse em risco a vida dele?

Vejo-a respirar fundo e pegar as fotos em cima da mesa.

— Eu não sei — afirma. — Provavelmente, acabaria com qualquer um que tentasse machucá-lo.

Ficamos calados nos minutos seguintes.

— Você a ama, não é? — indaga-me, soltando as fotos.

Apenas afirmo com a cabeça. Pensar em Penelope e no que sinto por ela me acalma. Ela me faz ser um homem completamente diferente. Alguém melhor.

— O que Grace tem a ver com isso? — questiona-me, intrigada com o que viu. — E o que essas fotos querem dizer?

Sento-me na cadeira de frente a ela e narro tudo o que aconteceu, desde eu ter feito a estupidez de foder com minha secretária até a invasão de Grace nessa manhã para implantar as malditas fotos.

— Eu pedi que ela fosse à sua sala — ela admite após tudo que contei. — E, mesmo que Grace tenha algo a ver com isso, mandá-la embora dessa forma pode não ser uma boa opção.

— Peter cuidará disso. Ninguém ficará desprotegido até que consiga uma ordem de restrição contra ela.

Tudo o que eu quero é essa mulher longe da minha vida.

— Sabe que ela pode criar caso, não é? — alerta Savannah.
— Assédio sexual, agressão física...

— Foi sexo consensual — afirmo entre dentes.

Tenho ciência de que a desgraçada tem todas as armas para ajuizar um processo contra mim. Mesmo ela tendo transado comigo sem qualquer tipo de coação, no Tribunal as coisas têm uma conotação diferente. Bastam algumas lágrimas e uma boa atuação e tudo se viraria contra mim.

Porra!

A velha sensação de que, cedo ou tarde, eu foderia com minha vida despenca sobre minha cabeça como uma bomba relógio prestes a explodir.

— Escuta. Tire o dia de folga, está bem? — Savannah sorri, gentil. — Eu cuido de todo o resto. Falarei com a Grace e tentarei colocar panos quentes sobre a situação. Um escândalo como esse não fará bem ao escritório.

Sou obrigado a concordar com ela. Não importa que eu tenha a melhor equipe de advogados. Uma vez jogado o nome da casa na lama, levaríamos anos para nos reerguer.

— Essa foi a coisa mais estúpida que você já fez — Peter inclina-se em sua cadeira, passando os braços por trás da cabeça enquanto me observa com seus olhos de águia. — E já presenciei você fazer muitas coisas estúpidas.

Só porque ele é meu amigo e porque irritantemente ele tem razão mantenho-me calado diante das acusações. Eu sou mesmo um grande babaca. Se ser um idiota fosse algum talento

esportivo, eu certamente seria o maior campeão de todos. Eu seria o Michael Phelps em capacidade de fazer asneiras. Não sou o tipo de pessoa que se pergunta durante a vida: por que isso está acontecendo comigo? Não. A pergunta correta a se fazer é: por que eu fiz merda de novo? É como um efeito dominó.

— O que acredita que eu deveria ter feito? — pergunto, tentando controlar a raiva que ameaça voltar com força total. Pensar em Grace e no que ela havia feito tira todo o meu controle emocional. — Peguei a cadela na minha sala minutos antes de encontrar essas fotos.

— O caso é que são provas circunstanciais — afirma ele. — Não tem nada de concreto contra ela. Se Grace está envolvida nisso, pode tentar atingi-lo de outras maneiras.

— Se ela estiver envolvida? — francamente, se eu tivesse algo pesado em minhas mãos, acertaria na cabeça dele. — Você é surdo ou não entendeu o que eu lhe disse? Grace esteve na minha sala, revirando minhas coisas quando eu a havia proibido de voltar lá.

— O que sei é que o óbvio nem sempre é o certo — ele inclina-se na mesa, olhando diretamente em meus olhos. — Onde você tirou seu diploma de advogado?

Porra.

Ele está, literalmente, querendo me irritar hoje. Quando saí do meu escritório mais cedo, após ouvir os conselhos de

Savannah para que me afastasse por um ou dois dias, não imaginei que um dos meus melhores amigos tiraria as horas seguintes para me enlouquecer.

— Você mantém o inimigo perto de você, estúpido. O que te dá certeza de que tê-la despedido a deterá? E, se antes ela estava furiosa, agora deve estar latindo como um cão raivoso.

O olhar feroz que ela me lançou antes de abandonar a sala confirma que Peter, outra vez, está com a razão.

— Ficarei de olho nela, para todos os efeitos. Investigarei se saiu da cidade este final de semana — continua ele, com o modo detetive ligado. — Uma coisa é certa: Grace não tem agido sozinha.

— Verônica deve estar compactuando com suas loucuras...

— Ah, não vá despedir essa também — ele revira os olhos como se lesse meus pensamentos. — Deixe que eu faça o meu trabalho e cuide das coisas legais.

Será uma tarefa árdua ter que conviver com minha secretária, sabendo que ela pode estar contribuindo com as sandices da irmã. Mas, se isso significa a segurança da minha Charmosa, eu terei que fazer um esforço em manter meu inimigo perto de mim.

Ah, que porra!

— Enquanto isso, vamos seguir o plano original. Vamos aproveitar que está aqui e fazer uma lista de todas as pessoas

que você já fodeu. E eu não falo na cama.

Assim, após sua piada sem graça, passamos as duas horas seguintes criando uma lista que me pareceu interminável.

Como Peter havia previsto, havia mais pessoas que poderiam estar envolvidas no caso do que eu supus.

No dia seguinte, recebi um vídeo onde mostrava Penelope entrando em minha casa após sair do trabalho. Para piorar a situação, Grace não havia saído da cidade no feriado de Quatro de Julho. A não ser que alguém estivesse fazendo o trabalho sujo por ela, não havia a mínima possibilidade de ter sido ela a tirar aquelas fotos. O detetive responsável por segui-la também informou que ela passou o dia todo em seu apartamento, saindo apenas para visitar a mãe em uma clínica de repouso. Portanto, o vídeo também não havia sido obra dela.

Savannah tinha conseguido convencê-la a não abrir um processo contra mim. Em troca, foi indicada para um dos grandes escritórios da cidade. O nosso professor e mentor na faculdade, coincidentemente, precisava de uma assistente. É claro que Grace quis barganhar a volta dela para o meu escritório, mas fui claro ao alertá-la que preferia enfrentar um processo

massacrante no Tribunal a tê-la de volta. O Dr. Petersburg a manterá na linha e os vigias de Peter farão o resto.

Estamos afunilando a gigantesca lista que fizemos naquele dia. Nela, há Raul. O homem havia me ameaçado publicamente. No momento, ele cumpre pena de um ano na penitenciária de Chicago, para onde foi transferido. Mas isso não significa nada. Ele poderia dar ordens de lá.

Eu disse a Penelope que Peter e eu estamos indo a Chicago a trabalho, mas, na verdade, estamos indo para investigar isso de perto. A ameaça na carta dizia que eu havia tirado tudo do meu inimigo. Eu tirei mais do que a pequena fortuna que Raul tinha a receber. Eu o privei da sua liberdade.

A viagem, no entanto, não foi muito produtiva. Raul e seus comparsas não contribuíram no que nós precisávamos saber. Não descobrimos nada além de um novo golpe sendo arquitetado por eles. Parece que andamos em círculos como baratas tontas.

— Ela não pode perceber nada, Peter — resmungo enquanto seguimos de carro até minha casa. — Assegure que esse segurança seja discreto. Não quero que ela fique com medo, ou assustada.

— Não se preocupe — afirma ele. — Tenho homens treinados. Sabem o que fazer.

— Voltamos à estaca a zero, não é? — exalo, frustrado.

— Infelizmente, nosso trabalho faz com que muitas pessoas

fiquem furiosas — ele sorri, mas não chega aos seus olhos. — Por esse, dentre outros motivos, que não me envolvo com ninguém. Somos como o Batman ou o Super-homem.

— Heróis? — dou risada da analogia dele.

— Fodidos.

No fundo, sei que ele tem razão. Peter não deve deixar muitas pessoas felizes assim como eu. Só que amar alguém não é algo que se controla. Passei seis anos fugindo do amor e Penelope havia aberto caminho até o meu coração de uma forma tão avassaladora que eu nem tive a chance de repeli-la.

— As coisas não são assim — admito, assim que ele desliga o carro — Um dia, alguém o fará mudar de ideia e nada do que você tentar fazer será suficiente para afastá-la, nada parecerá eficaz. E tudo o que vai fazer é rezar para que ela não perceba o cara imbecil que na verdade você é, e implorará para que o ame assim mesmo.

— É por isso mesmo que eu não quero — afirma ele com unhas e dentes. — Mulheres como a sua são raridade. Todas as outras são cínicas e manipuladoras e não vou cair nas garras de nenhuma delas. Por isso, meu amigo, se há uma loteria do amor, você foi um filho da puta premiado. Aproveite essa chance.

É exatamente o que pretendo fazer. Enquanto isso, preciso mantê-la em segurança.

Despedimo-nos no carro. A primeira coisa que faço ao entrar

em casa é abandonar a mala próximo à porta. Subo correndo em direção ao quarto onde imagino que Penelope esteja.

Tive que usar todos os artifícios para que ela permanecesse aqui durante minha viagem ao invés do seu apartamento, onde o fluxo de pessoas no prédio é mais intenso. Na minha casa, com os vigias, ela estaria mais protegida do que sozinha, à mercê de todos os perigos que a ronda.

Chego ao quarto e encontro-o vazio. Não há sinais dela além de uma jaqueta esquecida sobre uma poltrona. Também não há nada no banheiro ou no quarto de hóspedes. Tento o escritório.

Nada.

Minha última tentativa, apesar de silenciosa, é a cozinha. Também não há ninguém. O único indício de que estive aqui é a xícara dentro da pia e um pacote de biscoitos em cima da mesa.

Automaticamente, minhas mãos disparam até o meu bolso.

Escuto sem muita paciência a ligação ser direcionada à secretária eletrônica. Corro rumo ao meu carro. Ao mesmo tempo em que dirijo, tento ligar para ela novamente.

— Atende, porra! — Grito para o telefone, como se fosse alguém ao meu lado. — Deus, por favor!

Nesse momento, já não penso com racionalidade. O desespero é maior que tudo.

— Ela não está em casa, Peter! — Disparo assim que ele

atende.

Freio bruscamente no farol, segundos antes dele fechar.

— Onde você está? — pergunta ele com a voz irritantemente calma.

— A caminho do apartamento de Penelope.

— Eu vou localizar o Toddy — afirma ele. — Mantenha a cabeça fria. Provavelmente, Penelope deve ter esquecido algo e foi para casa.

— Eu falei para ela não ir.

— Adam, ela não é o seu cachorrinho que você está adestrando — ele parece sem paciência ao falar.

Talvez eu esteja agindo de forma exagerada, mas eu já senti a dor de perder alguém e não vou me perdoar nunca se isso voltar a acontecer.

— Desculpe — digo-lhe, sincero. — Me mande qualquer notícia.

Permaneço dirigindo, mas meu único pensamento é no que ele disse: que ela esteja bem.

Chego ao seu apartamento e uso a chave reserva que ela havia me dado para entrar. O apartamento está silencioso. O pânico toma conta de mim. Caminho como se placas de concreto tivessem sido coladas aos meus pés. Tento evitar que cenas horripilantes venham à minha cabeça enquanto meu coração

bate acelerado em meu peito.

Quando eu entro no quarto, é como se eu saísse do inferno e fosse levado diretamente ao paraíso.

Meu anjo, pois é assim que eu a vejo, dorme tranquilamente em sua cama. Deitada de lado, com suas mãos unidas como um travesseiro para sua cabeça, ela parece tão linda e indefesa como um bebê.

Aproximo-me da cama, praticamente arrastando meus pés até ela. Incapaz de pensar se posso assustá-la ou não, a única coisa que quero é segurá-la em meus braços e é exatamente isso que eu faço.

Sentir a suavidade da sua pele contra a minha, a maciez dos seus cabelos contra o meu rosto e o seu perfume doce invadindo minhas narinas é como um calmante.

— Adam? — ela sussurra, abrindo os olhos.

A voz rouca e o olhar ainda grogue de sono despertam em mim a fome que já me é familiar. Parte de mim está bravo com ela por ter desobedecido minha orientação para que ficasse em minha casa. Mas há essa parte que entra em combustão apenas em estar ao seu lado.

Começo beijando seus cabelos, seguindo por seu rosto e me perco na curva do seu pescoço, afogando-me no seu perfume adocicado.

Minhas mãos correm sôfregas por seu corpo, arrancando

cada peça de roupa que possa ser uma barreira entre nós dois.

— Eu estou sonhando? — geme ela quando me curvo para sugar os seus seios, mordendo o mamilo intumescido. Meus dedos tocam seu sexo e fico em êxtase ao senti-la ficar molhada para mim. Penelope responde a mim tão prontamente quanto eu a ela.

— Não é um sonho, querida — deslizo minha boca pela lateral do seu corpo, deixando um rastro de beijos que faz com que ela se curve em direção a mim e solte um gemido rouco. — Mas é tão bom como se fosse.

Estou tão quente como as lavas de um vulcão. Com pressa, tiro minha camisa e jogo meus sapatos para longe. Meu pau lateja tanto dentro da minha calça e me livro dela também com uma urgência desmedida.

Ajoelhado em frente a ela, primeiro olho para a fonte do que logo será o meu prazer, como um escravo admirando sua dona. Minha boca saliva quando abro suas pernas um pouco mais e tenho-a completamente aberta para mim.

Visualizo seu rosto por um instante. Seu olhar gazeado encara-me com ansiedade e desejo.

Sorrio, convencido de que só eu posso dar a ela o que precisa e deseja.

Tomo sua boceta rosada em minha boca. Fodo com ela de uma forma que nunca havia feito antes.

Seus gemidos sufocados pelo lençol, que ela morde, deixam-me transtornado. Sei que, com um pouco mais de empenho, ela gozará fortemente em minha boca. Guiado por essa necessidade incontrolável de sentir seu mel, eu fodo-a forte com minha língua. Separo seus lábios vaginais e trabalho em seu clitóris com a mesma velocidade que minha língua entra e sai de sua entrada apertada.

Os gritos agora tem um tom diferente, ecoam estridentes pelo quarto.

— Ah... — ela geme e geme. — Ah, senhor!

Vejo seu ventre ondular devido à respiração acelerada e aos pequenos impulsos causados pelo orgasmo que ela começa a ter.

Cacete!

Tenho vontade de gozar apenas olhando para ela.

Bato mais minha língua dentro dela, vez ou outra substituindo-a por meus dedos enquanto sugo seu botão.

Penelope encara-me, seus cotovelos apoiados na cama, mas, na realidade, parece não me ver. Está mergulhada em um mundo de prazer que, visivelmente, explode em seus olhos.

São pequenos segundos, oito, dez, não sei exatamente, mas parecem durar horas. Quando ela cai na cama, completamente saciada, eu já estou em um ponto incontrolável.

— Ah, não, querida — agarro-a pela cintura, girando seu

corpo e colocando-a de quatro, com sua bunda deliciosa virada para mim. — Estamos apenas começando.

Abro as bochechas redondas, seu ânus tão delicado como um botão de uma rosa faz-me ter pensamentos ensandecidos. Imagens minhas fodendo-a ali invadem minha cabeça como um trem bala.

Eu já havia iniciado a conversa sobre isso e, até mesmo, já a provoquei uma ou duas vezes. Sexo anal não é algo que seja natural para ela. Nem ao menos considerava sexo. Mas sei que, com algumas brincadeiras e paciência, eu mudaria sua forma de olhar para isso.

Amo transar com ela. Sua boceta é a melhor coisa que já provei em toda minha vida, mas também gosto do sexo anal e sei que ela irá gostar também.

Conduzido por esse desejo, lambo desde a boceta molhada até o seu buraquinho ainda virgem, lubrificando-o.

Introduzo a ponta do dedo dentro dela ao mesmo tempo em que escorrego meu pau em sua boceta.

Ela me olha por cima dos ombros. O prazer inegável em seus olhos guerreando com o medo do desconhecido.

— Deixa? — introduzo meu pau e dedo um pouco mais dentro dela. — Deixa, bebê.

Talvez seja o mesmo prazer explodindo dentro de mim que teve a força de convencê-la, pois a resposta afirmativa com a

cabeça foi o suficiente para me afundar dentro dela cada vez mais.

Sexo. O quarto já começa a cheirar puro sexo e paixão. Estou fodendo-a com meu pau, meu dedo e de todas as formas que se possa imaginar. É intenso, forte e explosivo.

— Oh, gostosa pra cacete! — Beijo a curva de sua coluna enquanto arremeto mais duro e veloz dentro dela.

Nossos gemidos se misturam. Ver meu pau entrando e saindo dela, seu ânus tragando o meu dedo, como em uma areia movediça, levam-me a um nível de prazer que asseguro nunca ter sentido antes.

Após um orgasmo explosivo, eu caio na cama levando-a comigo. Voltar à realidade, após um dos orgasmos mais intensos que já tive, foi mais lento que o habitual.

Eu ficaria preso nesse mundo com ela para sempre, mas nossa realidade é outra.

— Por que desobedeceu minhas ordens e veio para cá quando disse que não deveria ficar aqui sozinha?

O olhar questionador e a sobrancelha arqueada avisam-me que fiz a pergunta de forma errada.

— Suas ordens?

Vejo-a se sentar na cama para colocar sua blusa com gestos nervosos.

— Eu não saí das asas de um homem autoritário para cair nas mãos de outro, Adam.

Ela se levanta e veste a calcinha que eu, na pressa, havia jogado no chão.

— Aceitei ficar na sua casa porque me fazia sentir mais perto de você — continua, olhando para mim irritada como não a vejo desde nosso primeiro encontro no café. — Não por uma ordem ridícula.

Ela segue em direção à cozinha. Eu que deveria tê-la repreendido por ser tão insensata, levo um sermão como um garotinho no jardim de infância.

— Sabe como essa cidade é perigosa? — pergunto, alcançando-a no corredor e agarro-a pela cintura. — Tem ideia de como fiquei assustado em não encontrá-la em minha casa? Depois de ligar várias vezes e não ter um único sinal de que estava bem? Porra! Você disse que ficaria lá.

Como é possível que estivéssemos um nos braços do outro fazendo amor enlouquecidamente há pouco tempo e agora estamos brigando por algo tão tolo?

— Eu fiquei, todos os dias— afirma. — Até a maluca da Celeste aparecer com aquele quadro.

— Celeste?

— Sim. A Celeste — Penelope se solta e entra na cozinha pisando duro.

O que Celeste foi fazer na minha casa? Raramente ela aparece por lá, muito menos sem avisar. E o que ela tinha feito para irritar Penelope a ponto de ir embora? Charmosa é uma das pessoas mais serenas que conheço. Deve ter sido algo grave.

— O que ela disse a você?

Ela respira fundo e olha para mim como se buscasse as palavras certas.

— Não foi o que ela disse, foi o que ela fez — passa as mãos nos cabelos. Ela luta contra as lembranças ruins. — Estou acostumada com a hostilidade das pessoas, mas ela...

Eu sinto muita raiva quando me lembro do que fizeram a ela no passado. Sinto mais raiva ainda que alguém do presente, ligado a mim, seja o causador de mais sofrimento.

— E o que ela fez? — insisto.

Observo-a caminhar até mim e colocar sua mão em meu peito.

— Eu não quero que você esqueça o seu passado e nem que se desfaça de lembranças importantes para você — diz ela, com a voz doce. — Mas eu não posso seguir esse caminho. Eu não poderia ficar naquela casa com aquele quadro me rondando.

Ela estremece com a recordação ao mesmo tempo em que eu fico mais perdido.

— É perturbador e desequilibrado demais. Aquela mulher é

louca e eu temo que acabe machucando alguém.

— Espera aí — ergo seu rosto, obrigando-a a me encarar. — De que quadro você está falando?

— Do seu e da Cecília, pendurado na parede da sala.

— O quê?

— Vai me dizer que não viu? — ela me pergunta, incrédula. — É impossível não ter visto aquilo.

— Eu não vi — respondo-lhe firme. — A única coisa em minha cabeça era te ver.

— Oh... — o sorriso de encantamento fez toda a discussão anterior perder o sentido.

Eu não quis ser galante embora tenha soado exatamente assim. Estou apenas sendo sincero. Tudo o que me importou foi voltar para ela.

— Vamos — seguro sua mão e levo-a de volta para o quarto.

Assim que entramos, ela ameaça tirar a blusa, mas a detenho e passo a calça que ela estivera vestindo.

— Eu quero muito jogar você nessa cama e passar a noite toda te amando — colo minha testa na sua, buscando forças para não fazer exatamente isso. As lembranças dos momentos que compartilhamos ainda estão latentes em meu corpo. — Mas preciso pôr um ponto final nessa história.

Assim que eu coloco minhas roupas, saímos do

apartamento em direção à minha casa.

— Droga! — tropeço na mala que havia abandonado perto da porta, chuto-a para longe e caminho em direção ao quadro que somente agora eu noto pendurado na parede.

A um primeiro olhar, é um quadro bonito. Não tenho como evitar ser invadido por lembranças doces ao observar Cecília, mas significa apenas isso: lembranças.

Solto a mão de Penelope pela primeira vez desde que saímos do carro e começo a tirar a imagem que Celeste pendurou, obviamente, sem minha permissão.

— O que você está fazendo? — a voz de Penelope parece angustiada. — Não precisa fazer isso por minha causa.

— Eu faria qualquer coisa por você — coloco o quadro no chão entre nós dois e toco seus lábios num beijo suave. — Mas isso é por mim.

Seguro a peça com uma mão e volto a conduzi-la para a saída com a outra.

— Aonde estamos indo?

— Levar essa imagem para onde ela pertence.

Ligo o som do carro para evitar que me bombardeie com perguntas e palavras que certamente me fariam dar meia volta.

Celeste foi longe demais e vou garantir, de uma vez por todas, que ela se mantenha longe da minha vida.

Você tirou tudo o que eu tenho. Agora irei tirar tudo o que você tem.

As palavras digitadas na carta me vêm à cabeça. Recuso-me a acreditar que Celeste tem algo a ver com isso, mas eu havia tirado as pessoas mais importantes da vida dela: a filha e o neto.

No fundo, sempre achei uma grande obsessão de Celeste em manter vivas as lembranças da filha morta com tanta piedade e culpa. Procurei, nos anos seguintes, suprir seu amor maternal embora permanecer ao lado dela tenha ficado cada vez mais difícil.

E, depois de Penelope, nosso contato passou a meras conversas telefônicas e várias promessas minhas de visitá-la com mais frequência.

Teria isso mexido com Celeste de tal maneira ao ponto de querer riscar a mulher que amo da minha vida?

Chego ao condomínio onde ela mora. Apesar de ser quase dez horas, o porteiro me reconhece e libera a minha entrada.

Desligo o som do carro e estaciono. Penelope encara-me, sem entender muita coisa. A mansão é enorme, imponente e grande demais para um casal com idade avançada. Mas Celeste recusa-se a sair da casa na qual a filha havia crescido.

— Adam, querido. Aconteceu alguma...

As palavras morrem quando ela me vê entrar com Penelope ao meu lado e o quadro no outro.

— O que essa mulher faz na minha casa?

— Essa mulher tem um nome. É Penelope — caminho até a mesa e deposito o quadro sobre ela. — A mulher que eu aprendi a conhecer e a amar.

— Isso não é verdade — ela parece ensandecida. — É apenas sexo, como foi com todas as outras. Eu entendo, é natural. Está enfeitiçado por ela, mas logo isso passa. Tire essa mulherzinha daqui e vamos conversar.

Celeste caminha até mim com os olhos marejados. A cena seria comovente se não fosse insana. Ela precisa de ajuda. Como eu não posso ter notado isso antes? O remorso e a culpa haviam me cegado tanto que não vi que talvez ela fosse um risco para si mesma e para outras pessoas.

— Acho que isso pertence a você — indico o quadro. — Foi, ontem à noite, à minha casa sem ser convidada e não faça algo como isso outra vez.

— Filho... — ela soluça em meio às lágrimas. Embora por dentro eu esteja destruído, mantenho-me firme.

— Eu gostaria de poder mudar tudo, Celeste — desejei isso por anos. — Eu jamais me esquecerei da Cecília e do nosso bebê. Eu faria tudo para tê-los de volta, mas eu não posso. Estou vivo e você também. E, se não consegue aceitar que eu seja feliz, não há mais nada para fazer aqui.

— É tudo culpa dela! — Ela berra quando me viro em direção

à porta. — Ela nunca o fará feliz.

Sob seus berros e profecias, levo Penelope para longe dali. Antes mesmo de alcançar o carro, vejo-me nos seus braços calorosos, que me mantêm acalentado em uma redoma de paz e amor.

Talvez eu tenha levado Cecília em direção à morte e, por muito tempo, eu convivi com essa dor. Mas, mesmo que eu tenha uma grande parcela de culpa, jamais desejei que isso tivesse acontecido.

— Eu não queria que eles morressem — abraçado a ela, confesso algo que tentei por anos esconder de mim mesmo. — Eu nunca quis. Eu não quero que ninguém mais se machuque por minha causa.

— Isso não vai acontecer — murmura, tocando meus lábios.

Não sei por quanto tempo permanecemos abraçados. Tudo o que eu me lembro é de termos voltado para casa e dado um ao outro todo amor que precisamos e sentimos. Um amor tão profundo que me faria enfrentar o mundo porque meus demônios haviam sido vencidos como deveria ter acontecido há muito tempo.

Penelope

Folheio uma revista sem prestar muita atenção nela enquanto espero por minha consulta médica. Mas meus pensamentos estão a quilômetros de distância daqui.

Vinte e dois de agosto, que outrora fora uma época triste para mim, pois foi o dia que Cory faleceu, marcando minha vida para sempre, também é o aniversário de Adam.

Foi com muita surpresa que descobri isso meses atrás ainda que, na época, eu não tenha dado grande importância. Eu não sabia que ele se transformaria na pessoa mais importante da minha vida.

Parece que nos unimos mais depois que Adam enfrentou Celeste por mim, colocando definitivamente uma pedra sobre o passado. Foi por meio de Liam que eu soube que ela foi obrigada pelo marido a passar algum tempo em uma clínica fora do país. Não tenho raiva dela e espero que ela saia de lá recuperada.

As semanas seguintes foram ótimas. Estamos tão envolvidos e apaixonados que está cada vez mais difícil sermos

discretos na frente das pessoas no trabalho. Até meu chefe parece intrigado, mas mantém-se na dele.

Aline fica me rondando com insinuações e perguntas indiscretas. Não que ela seja maldosa. Acho que, no fundo, só está decepcionada por ver um bom partido escapar assim.

Enquanto eu não dou margem para fofocas, a curiosidade aumenta. Ainda me lembro bem de como foi com Evan e, definitivamente, não quero as pessoas em cima de nós dois como abelhas no mel.

Por quanto tempo nossa discrição irá durar, eu não sei, ainda mais que amanhã é a inauguração do hangar da companhia de aviação do Sr. Durant. Adam já havia decidido que iríamos juntos. Tudo me diz que ele quer assumir nosso relacionamento para Neil e quem mais estiver interessado. Eu me sinto como se ele fosse pedir minha mão ao meu pai. Ainda que seja estranho, o ato me enche de encantamento.

Tudo parece estar tão perfeito que chega a me dar aquela sensação esquisita de que, a qualquer instante, meu conto de fadas irá acabar. Eu sei que pareço negativa, mas minha vida toda foi marcada por mágoas e decepções até pouco tempo atrás.

Mesmo com meu pai, com minha mãe e com todos os membros da igreja levitando ao meu redor, eu me sentia sozinha. Até com Max eu me sentia só.

Com Adam, não. Ele me preenche mais do que todas essas

peessoas juntas. Quando imagino que qualquer coisa pode acontecer, quase paro de respirar porque sinto que as pessoas que amo, cedo ou tarde, vão embora.

— Ah, pare com isso! — Fecho a revista que vinha folheando e coloco-a de volta à pilha em cima da mesa. — Nada irá acontecer. Deixe de ser pessimista.

Olho para o relógio branco e redondo na parede. Faltam dez minutos para eu ser atendida. A recepcionista simpática, que havia me atendido quando cheguei, havia entrado na sala da médica há cinco minutos quando a última paciente tinha saído.

Volto a mergulhar nos meus pensamentos enquanto aguardo ser chamada. Eu planejei algo muito especial para essa noite.

Inicialmente, não sabia o que dar a ele, então comprei uma caneta de colecionador que consegui em um leilão na internet. Foi relativamente cara, mas eu sei que valerá a pena quando eu vir seu sorriso lindo e feliz ao receber o presente.

— Senhorita Walker? — a voz suave obriga-me a olhar para ela. — A Dra. Simon irá atendê-la agora.

A Dra. Natasha Simon foi indicada por Aline. Eu estava procurando uma ginecologista na cidade e ela havia me indicado a dela.

— Boa tarde, Srta. Walker — entro na sala e a médica caminha em direção a mim, indicando-me uma das cadeiras.

Eu imaginei que fosse mais velha. Sondando seu rosto, imagino que ela esteja chegando na casa dos quarenta.

— Boa tarde — sorrio, ao me sentar. — Ou boa noite.

Por causa do trabalho, eu havia agendado o último horário. Já são quase sete horas.

— Verdade. Fico tanto tempo presa aqui dentro que me esqueço das horas — ela mexe na folha em cima da mesa, olhando para mim esporadicamente. — Bem, você deseja um contraceptivo, certo?

— Sim, doutora...

— Me chame de Natasha — ela sorri. — Odeio formalidades.

Confesso que isso me faz ficar mais à vontade. Eu nunca estive em um ginecologista antes. Meu pai acreditava que não era necessário, já que eu era virgem e me casaria assim. Eu sabia que isso era um pensamento arcaico, mas, como sempre, não quis contrariá-lo.

— Você já usa ou usou alguma coisa?

Meu rosto queima. Sinto-me como uma idiota e respondo que não com a cabeça.

— Certo. Há muitos meios de se evitar uma gestação indesejada — ela continua. Dessa vez, séria. — Mas não é só com isso que deve se preocupar. Doenças sexualmente transmissíveis também, mesmo com um parceiro estável.

Ela inicia suas explicações. Eu pergunto a ela sobre os riscos da pílula do dia seguinte. Fiz uma pesquisa na internet sobre isso e sei que não deve ser usada em demasia.

Adam sempre está prevenido, mas nós vacilamos algumas vezes. Há dias em que estamos tão conectados um com o outro que é difícil pensar em qualquer outra coisa. Realmente, eu não penso em mais nada quando estou com ele. Eu até havia conhecido os prazeres do sexo anal. Esse é um tema que não sei como conversar com ela, sem tentar sair dali correndo. Ainda mais quando eu havia gostado. Pensar nisso me faz ficar vermelha pela décima vez desde que entrei, acredito.

— Sim. A pílula do dia seguinte deve ser usada apenas em uma emergência — ela continua com suas orientações. — Algumas mulheres usam de forma errada. Você e seu parceiro costumam transar sem preservativo com frequência?

— Na verdade, não — respondo-lhe. — Aconteceu umas duas ou três vezes, mas, na semana passada, notamos que a camisinha estourou.

Eu não preciso dizer que estávamos quase nus, atrás de uma pedra enorme, quando passamos um final de semana na praia, e que não pensamos exatamente na forma correta de usar o preservativo, preciso?

Adam havia ficado abalado. Eu havia lhe garantido que não estava em meu período fértil, o que foi confirmado quando minha menstruação chegou há dois dias. É a única coisa chata embora,

para ele, isso nunca tenha sido problema. Confesso que eu pareço ficar ainda mais agitada sexualmente nesse período do que nos outros dias. Isso parece que também o deixa louco.

Quando eu o informei que não havia motivos para preocupação, ele pareceu mais aliviado. Mesmo que ele não tenha falado nada, sei que andou apreensivo. Eu me pergunto se algum dia ele cogitará a possibilidade de ter um filho novamente.

— Acontece quando não se coloca da forma correta — diz ela, arrumando seus óculos e anota mais alguma coisa em minha ficha.

Eu poderia dizer que estávamos afoitos demais para pensar em qualquer coisa, mas algo me diz que ela já sabe disso.

— Temos a pílula, que geralmente é a escolha da maioria das mulheres; as injeções e os outros meios que direi a você. O que prefere tentar?

Injeções? Faço uma careta ao franzir o nariz. De forma alguma! Tenho horror a agulhas.

— Gostaria de tentar as pílulas — informo a ela.

— Vamos tentar uma e ver como você se adapta a ela, tudo bem?

Após me examinar, ela passa a receita e eu pergunto mais algumas coisas, prometendo marcar outra consulta para o mês seguinte.

— Lembre-se: preservativo e pílula. Assim, estará cem por cento segura — Natasha pisca um olho.

Concordo com a cabeça e me despeço dela. Eu gostei da forma como ela estabeleceu a relação médico-paciente, fazendo-me sentir à vontade como Aline disse que seria.

Remarco minha consulta com a jovem na recepção e sigo em direção à saída.

Acredito que Adam já esteja lá fora me esperando da maneira que havíamos programado durante o almoço rápido de hoje.

Um sorriso vem aos meus lábios ao me recordar que fingi para ele que não havia me lembrado do seu aniversário quando, na realidade, Katty, a mãe dele e eu havíamos preparado uma pequena surpresa para ele em sua casa. Eu até havia feito um bolo que Liam pegaria no meu apartamento.

Do modo que eu esperava, Adam está do outro lado da rua, encostado em seu carro, digitando algo em seu telefone. Como se tivesse sentido minha presença, ele levanta o olhar para mim e sorri. Aquele sorriso que faz minhas pernas tremerem somente ao imaginar tudo o que essa boca pecaminosa faz comigo.

Ele volta a abaixar a cabeça, olhando para o telefone. Avanço alguns passos ansiosa para chegar até ele.

Num segundo, eu tenho apenas ele como alvo da minha atenção; no seguinte, um carro avança até nós em alta

velocidade, chamando minha atenção para ele. As luzes dos faróis são tão altas que chegam a me cegar.

— Adam! — Foi um grito tão apavorado e ensurdecedor que doeu até mesmo em meus ouvidos.

Grito por ele, mesmo sabendo que não poderia impedir o inevitável. Pela primeira vez em muito tempo, eu tenho medo.

Medo da morte e de tudo o que ela significa.

Capítulo 33

Adam

Assim que eu saio do meu carro com a intenção de me encontrar com Penelope na clínica, meu celular vibra. É uma mensagem de Katty com uma desculpa qualquer para ir até minha casa à noite. Minha família deve acreditar que eu sou muito idiota para não desconfiar do que estão planejando.

Eu imagino quem havia tido a ideia de uma festa surpresa, já que eu nunca mais tive uma desde que fui para a universidade. Penelope certamente foi a mentora e, de alguma forma, arrastou meus irmãos e minha mãe para isso. Posso apostar que até mesmo meu pai deve ter caído em seus encantos. Ah, aquele rostinho e olhar inocentes! Acho que foi impossível que ele resistisse a ambos. Ela é uma daquelas pessoas para quem você não consegue dizer não, principalmente se o olhar acalorado vier acompanhado de um sorriso lindo.

Como ela parece feliz com tudo que tem feito, todos os bochichos, conversas paralelas, visivelmente interrompidas quando eu chego perto e, até sua fraca tentativa em fingir que se esqueceu do meu aniversário, deixaram de ter importância diante da alegria que vi brilhar em seus olhos.

Enquanto me escoro em meu carro para enviar uma resposta a Katty, sinto o seu olhar sobre mim. É espantosa a conexão que nós dois temos, sempre percebemos um ao outro.

Sorriso para ela.

Estou prestes a ir encontrá-la quando o aparelho volta a vibrar em minha mão. Presumo que seja Katty outra vez, mas, para minha surpresa, o nome que aparece na tela é da última pessoa que esperaria ter notícias por muito tempo.

"Estou de volta. Preciso te ver."

Antes que eu possa ter qualquer reação à mensagem que Celeste enviou, o mundo à minha volta começa a virar de ponta-cabeça. Tudo muda em uma fração de segundos, dez no máximo, mas que, para mim, pareceram horas.

Primeiro eu ouvi o cantar dos pneus, o que me fez erguer a cabeça. O brilho alto dos faróis vindo em nossa direção cegou-me por mais três ou quatro segundos, acho.

Olho para o outro lado da rua e vejo o carro avançar cada vez mais rápido.

Tudo é muito rápido, mas, quando se está com medo, parece girar em câmera lenta. Penelope olha para mim assustada. O grito apavorado, chamando por meu nome, faz-me correr em sua direção.

— Não! — Não sei se o som saiu da minha boca, já que há algo comprimindo minha garganta ou apenas ecoa em minha cabeça. — Volta! Volta!

Tarde demais.

Alguns segundos. Passaram-se apenas alguns malditos segundos para o pior dos meus pesadelos tornar-se real diante

dos meus olhos.

Eu sei que deveria me virar e anotar a placa do maldito carro enquanto ele foge rua acima. Mas tudo o que eu consigo ver é a mulher caída a poucos centímetros de mim.

Não!

Arrasto meus pés em direção a ela.

Não!

Ajoelho-me diante de seu corpo imóvel.

Não!

Lembro-me das aulas que tive de primeiros socorros. Controlo o desejo de tomá-la em meus braços como se isso fosse a garantia de que tudo ficaria bem.

— Penelope! — Chamo-a, tocando no seu rosto com delicadeza. — Alguém me ajude!

Grito aos pedestres, que começam a se amontoar à nossa volta.

— Chamem uma ambulância!

Início o primeiro atendimento, tentando me lembrar do que posso ou não fazer com ela. Não devo movimentá-la, já que não sei qual a gravidade do impacto do carro sobre ela. Não sei se havia lesionado a coluna. Lembro-me de que tenho que virar seu rosto de lado, pois, caso haja alguma hemorragia interna, ela poderia se sufocar com o sangue e isso causaria a sua morte por

seus pulmões serem alagados com fluídos. Eu me alegro por meus pais serem médicos.

Noto que, em seu rosto, há arranhões no lado esquerdo e que um filete de sangue corre por sua testa, mas o que mais me causa medo é vê-la completamente imóvel diante de mim. Pela primeira vez, eu me arrependo de não ter feito Medicina, pois eu saberia o que fazer e não teria esses sentimentos de desespero e impotência me dominando.

— Eu sou médica. Deixe que eu cuido dela. É minha paciente, acabou de sair do meu consultório — uma mulher ajoelhou-se ao meu lado, mas só prestei atenção quando ela tentou me afastar. — Alguém já chamou a ambulância?

Procuro o meu telefone. Um jovem em frente a nós, ainda com seu aparelho no ouvido, murmura que sim.

— Chegarão em dez minutos. — afirma.

Tempo demais. Eu sei que cada minuto que ela passa aqui, no chão duro e frio, é primordial à sua vida.

— Temos que tirá-la daqui! — Rujo, desesperado por me sentir inútil.

Lembranças de um passado não muito distante invadem a minha cabeça.

Um outro acidente.

Consigo visualizar o caixão descendo lentamente, só que,

dessa vez, meu coração seria soterrado junto com ela.

Um grito abafado de dor salta da minha garganta.

— Temos que esperar os paramédicos, senhor — diz a mulher, olhando para mim como se fosse eu quem precisasse de ajuda.

Talvez eu precise. Possivelmente, o pânico dentro de mim seja transparente o suficiente a ponto das outras pessoas enxergarem isso com clareza.

Eu tenho vontade de me deitar ao lado do corpo imóvel da mulher que eu amo, que amarei para o resto da minha vida, e mantê-la ao meu lado do jeito que for.

Eu só quero vê-la viva.

Voltar a ver em seus lábios o sorriso que me cativa tanto.

Nunca liguei muito para datas ou qualquer tipo de comemoração. Mas, nesse momento, se eu pudesse ou tivesse o direito de fazer um pedido, é pela vida dela que eu pediria. Esse seria meu único desejo.

— Não morra — toco no seu rosto com a ponta dos dedos, fazendo o mesmo pedido a Deus. — Não a tire de mim também, por favor.

Imploro ao Deus que ela acredita tanto e que quase nunca dei muita importância.

— Não faz isso comigo, amor — sinto as grossas lágrimas

deslizarem pelo meu rosto até tocarem no dela. — Não me deixa, por favor. Eu imploro.

Durante o tempo que seguro a sua mão fria e a médica cuida dela para que fique bem, eu só consigo manter minha mente em todos os motivos que a fazem tão importante para mim: seu sorriso é a primeira coisa que eu gosto de ver no meu dia, mesmo que ela não esteja ao meu lado; as fotos que tenho dela me lembram do quanto é linda, e se isso não for o suficiente, basta apenas que eu feche meus olhos; além disso, há o fato que eu não consigo dormir sem ouvir o som da sua voz, nem que seja apenas para me dizer boa noite ao telefone; de como ela me faz rir, mesmo quando, às vezes, me encontro irritado; e que o meu coração deixou de ser meu quando a vi pela primeira vez.

— Eu te amo.

O som da ambulância fica cada vez mais próximo e respiro, aliviado. Não vou deixá-la morrer.

Não posso aceitar isso.

O que eu disse ou como fiz para conseguir entrar na ambulância e ficar ao lado dela, eu não sei, mas ninguém

conseguirá me tirar de perto dela.

Os minutos seguem arrastados de forma lenta e angustiante, mas, ao mesmo tempo, tudo à nossa volta parece se desenrolar de forma frenética. Houve muita movimentação ao nosso redor quando chegamos ao hospital.

Dessa vez, não me deixaram seguir com ela para a emergência, por mais que eu tivesse insistido.

— Não pode entrar, senhor! — Um enfermeiro me impede.

Sabendo que minhas reações irracionais colocam em risco a vida dela, acato a ordem mesmo que por dentro esteja aflito.

Encontro-me transtornado a cada batida lenta do relógio. Não há nenhuma informação.

Vejo uma enfermeira passar no corredor no mesmo momento em que caminho de um lado ao outro. Taylor é o nome dela, foi uma das namoradas do Liam na época da faculdade. Reconheço o local. Esse é o hospital onde meu irmão trabalha. Então, se há alguém que pode me ajudar aqui, essa pessoa é o Liam.

Apenas porque eu posso tirar vantagem disso que me lembro de ligar para ele e avisar onde estou.

Talvez ele consiga alguma informação, qualquer uma, que me impeça de quebrar todos os protocolos e invadir a ala onde Penelope está em busca de notícias. Se não me dizem nada é porque algo de muito grave está acontecendo.

— Adam? — assim que Liam me abraça, é como se parte da minha dor desse uma trégua, mesmo que seja breve.

— Preciso saber o que está acontecendo — suplico a ele. — Por favor, Liam, me ajude.

— Houve dois acidentes e isso aqui está uma loucura — ele me informa. — Eu verei o que posso fazer. Vai ficar tudo bem.

Encaro o corredor por onde ele sai, sem enxergar nada. Apoio-me na parede, fechando meus olhos, permitindo-me chorar e pouco me importando o quanto ridículo eu possa parecer aos olhos de quem passa por mim.

Somente quem está perto de perder quem se ama, sabe o que sinto.

— Adam?

No instante em que abro meus olhos, recebo o impacto do corpo de Katty batendo no meu. Através da cortina de lágrimas, vislumbro meus pais. Todos eles mantêm um olhar triste e uma expressão preocupada em seus rostos.

Então, desabo diante da minha família como se todas as minhas forças, as mesmas que me mantiveram em pé, houvessem se esvaído. Imagino que meu olhar deva ter falado muito mais do que meus lábios desconexos, palavras que nem eu mesmo consigo entender.

— Não posso perdê-la! — Murmuro sem me importar em parecer tão frágil como realmente estou. Deixo que as lágrimas

deslizem sobre meu rosto.

Acho que esse deve ter se tornado meu mantra nos últimos dez minutos, seja lá quanto tempo tenha se passado. Para mim, uma eternidade.

— Você não vai, querido — sinto as mãos da minha mãe acariciando meus cabelos do mesmo jeito que ela fazia quando eu era criança e me machucava. — Você não vai perdê-la.

— Eu morrerei se isso acontecer.

Não percebi quando saí dos abraços de Katty e fui parar nos dela, nem quando havíamos saído do chão e ido para um dos bancos de espera.

Apesar da minha dor e do meu desespero, eu só consigo sentir o consolo vindo da minha mãe, do qual eu mesmo me privei por anos. Eu preciso dela como um garotinho assustado em seu quarto escuro. Eu me sinto como em um imenso quarto escuro.

Perdido e sem direção.

— Adam?

Olho para frente e encontro Liam encarando-me, seu olhar compenetrado. Meu coração para, já que sou incapaz de senti-lo bater de novo.

— Como... Co-como ela está... Liam? — pergunto-lhe, com a voz enrouquecida. Parece que há lixas em minha garganta que me impedem de falar com clareza.

Sei que a sua resposta pode marcar minha vida.

— Não está correndo perigo — ele sorri, após dar a notícia que faz meu coração voltar a pulsar e o ar voltar aos meus pulmões. — Ela teve uma leve contusão, algumas escoriações, o braço esquerdo...

Enquanto ele passa o diagnóstico, tudo o que se passa em minha cabeça é que Penelope está fora de perigo. Ela está viva e, na medida do possível, bem.

Só isso me importa.

— Posso vê-la? — pergunto-lhe, ansioso.

— Como eu disse antes... — Liam encara-me, ciente que eu não prestei atenção em uma única palavra do que ele relatou. — Ela acordou assustada, perguntando por você...

Ela perguntou por mim?

Ouvir isso enche meu peito de um amor que seria incompreensível para as outras pessoas entenderem. Saber que é o meu nome que ela chama quando se sente perdida abala-me ainda mais. Eu sou o seu porto seguro.

— Foi sedada por causa do choque e da dor. Está sendo transferida para o quarto — continua ele. — Penelope vai passar a noite aqui por precaução, por causa da pancada na cabeça. Eu acho que pior ela não vai ficar, afinal já deve ter batido a cabeça antes desse acidente. Só isso explica o motivo de ainda estar com você.

Exatamente como ele queria, todos riem, menos eu. A intenção dele é boa em querer descontraír o ambiente.

Mas o que há por trás da palavra *acidente* é que me incomoda. Não foi um acidente como todos estão imaginando.

É isso que está me deixando furioso.

— Ligue para o Peter e peça que venha para cá imediatamente — digo a ele antes de seguir pelo corredor ao encontro dela.

— Escuta, a polícia deve chegar logo para pegar o seu depoimento — afirma ele, interpretando erroneamente o brilho furioso em meus olhos. — Eu sei que o babaca que a atropelou foi um covarde, mas nada de fazer justiça com as próprias mãos.

Apenas assinto com a cabeça. Se quem estiver por trás disso for a mesma pessoa que estou imaginando, fazer justiça com minhas próprias mãos não será algo tão fácil de se realizar como ele imagina.

Celeste está de volta à cidade e é muita coincidência que Penelope tenha sido atropelada justamente agora.

Quando chego ao quarto e abro a porta, é quase impossível segurar o rugido que escapa da minha garganta. Os hematomas no braço, no ombro e em todas as partes visíveis através da camisola hospitalar deixam-me transtornado.

Caminho até a cama, toco na marca escurecida em seu braço que recebe o soro e cerro meu punho.

Com cuidado, toco em uma das linhas vermelhas em seu rosto. Deve ter arranhado quando bateu a face contra o asfalto.

Deus, ela poderia ter morrido.

Ao invés de vir visitá-la, eu poderia estar me preparando para velar o seu corpo. O pensamento faz todo o sangue em minhas veias congelar. Penelope poderia ter morrido diante dos meus olhos. Outra vez, eu estaria enviando para a morte alguém que amo. Mas, agora, não seria como antes. O amor que sentia por Cecília era pálido demais se comparado com o que eu tenho por Penelope.

— Nada vai acontecer a você — sussurro, antes de tocar meus lábios nos dela. — Eu não vou permitir.

Ninguém mais irá se machucar por minha causa. Essa é uma promessa que não faço apenas a ela. É algo que prometo a mim mesmo.

Após responder todas as perguntas feitas pelos policiais, Peter e eu vamos a um desses cafés vinte quatro horas para termos uma conversa mais reservada. Peço um café sem açúcar e ele um café e um brownie como acompanhamento.

— Você deveria comer algo — afirma ele, enchendo a boca com um enorme pedaço do bolo.

— Foi o que a minha mãe disse antes de ir embora.

— Mães quase sempre sabem de tudo — algo no que ele disse parece ter um tom ácido, contrastando com o doce em sua boca.

Dou de ombros e volto a me concentrar no café. Nem sei por que eu o havia pedido, pois, obviamente, meu estômago parece o mesmo de um bulímico. Sinto como se nada fosse passar por minha garganta por anos.

Todos da minha família já tinham ido para suas casas. Em parte, porque os policiais chegaram para pegar o meu depoimento. Minha mãe ficou mais calma quando Peter se colocou ao meu lado e Liam havia garantido que Penelope ficará bem. O carinho que eles têm por ela é tocante e genuíno. Eles a haviam adotado como alguém da família. O que me fez pensar na dela. Eu deveria avisar seus pais sobre o que houve?

Não. Poderiam querer levá-la embora e não estou pronto para isso.

— Eu não vou deixar! — Bato na mesa com força.

O pires onde está o café tremula e Peter olha-me cheio de interrogativas.

Ainda me lembro do desespero que senti quando Juliene apareceu no apartamento dela com a proposta absurda de levar

Penelope para o Texas e, na época, meus sentimentos não eram tão profundos. Havia apenas uma fagulha perto do que sinto hoje. De qualquer forma, a decisão de avisar os pais dela ou não é dela. Pensaria sobre isso no dia seguinte.

Mas, por outro lado, talvez ficar com seus pais seja algo bom. Não posso colocar minha felicidade acima da segurança dela. É uma decisão difícil.

— Não foi um maldito acidente, Peter — aviso-lhe. — Foi um atentado e os desgraçados dos policiais não podem fazer nada.

— Com as informações que você deu? — ele coloca o último pedaço do bolo na boca.

Eu não anotei a placa do carro, não consegui identificar o motorista, pois ele havia sido esperto o suficiente para jogar o farol alto sobre meu rosto, e nem ao menos consegui identificar se era homem ou mulher. Só me lembro de que o carro era preto. Minha preocupação naquela hora era outra: ter a certeza de que Penelope estava bem foi tudo o que me importou.

— Celeste está de volta à cidade — digo-lhe, deduzindo que fará a mesma ligação que eu.

— Acha que foi ela?

— Ou alguém seguindo as suas ordens — remexo-me na cadeira, descontente. — As ameaças pararam depois que ela partiu e, coincidentemente, voltaram junto com ela.

— Ou estão se aproveitando que ela está de volta para

desviar as atenções — conclui Peter. — Você já imaginou que o alvo pode não ser você?

— Aonde quer chegar?

— O pai dela, por exemplo – diz ele, calmamente. – Pode estar tentando fazê-la voltar para casa. Pelo que você me disse, o homem não é o seu maior fã.

— Não acredito nisso — profiro, conturbado. — Agredir a própria filha para me tirar do caminho dela? Seria crueldade demais.

Eu detesto os pais de Penelope e tive deles as piores impressões possíveis, mas daí acreditar que um deles chegue a isso para nos separar é insensato demais até para mim. Mesmo o homem sendo um religioso fanático e maníaco por controle, essa possibilidade não entra em minha cabeça. E, certamente, isso a destruiria.

— Eu trabalho com todas as possibilidades, ok? — diz-me Peter. — De uma coisa nós temos certeza: seja por sua causa, seja por causa dela, alguém está muito irritado em vê-los juntos.

Consinto com a cabeça.

Quem quer que esteja por trás das ameaças, havia ido longe demais e havia dado um aviso de que não estão brincando. Seja Celeste, seja algum cliente, seja alguém que enfrentei no Tribunal, seja hipoteticamente o pai dela que esteja envolvido, o recado é claro: nós dois juntos estamos deixando alguém furioso.

— O que você vai fazer? — Peter encara-me sério e eu me pergunto se é capaz de ler mentes como aparenta ou se tem apenas um sexto sentido absurdamente aguçado.

O que eu pretendo fazer? Pondero sobre o questionamento dele.

Essa é uma pergunta que tenho me feito desde que a deixei no quarto dormindo. Não sem antes exigir que um dos homens de Peter fizesse vigia em sua porta.

Quando nós dois saímos do café, dispenso a carona que Peter me ofereceu para casa. Volto para o hospital, que é onde pretendo ficar até que ela acorde. Por agora, a única coisa que farei é velar o seu sono e garantir que nenhum mal a toque.

— Não importa o que aconteça... — beijo-a na testa. — Eu te amo, minha Charmosa. Sempre saiba disso.

— Também te amo, príncipe – murmura ela, abrindo os olhos, encarando-me por um breve instante.

E foi o sorriso doce em seus lábios que me deram a certeza de que ela estava sonhando.

Comigo.

Capítulo 34

Penelope

Desperto com a sensação de que um rolo compressor passou diversas vezes sobre o meu corpo. Em qualquer posição que eu fique, sinto dores e a claridade da luz refletida nas paredes brancas ofusca os meus olhos, incomodando-me. Com grande esforço é que, pouco a pouco, consigo delinear a porta cinza à minha frente.

É quando um vislumbre da noite anterior me vem à cabeça. Adam sorrindo para mim. Depois, como tudo mudou rapidamente. Eu notei o carro vindo em minha direção e entrei em estado de choque.

O dia que Cory morreu veio sobre mim como se eu tivesse voltado os ponteiros do relógio. Só que, dessa vez, a vítima seria eu. Naquele momento, senti que não haveria possibilidade que eu saísse com vida. Eu morreria na frente do homem que eu amo e sabia que isso o marcaria de novo. Não queria que a história se repetisse comigo. Segundos antes de o carro me atingir, gritei por ele. Tentei voltar para a calçada como ele me pediu. Infelizmente, eu não fui rápida o suficiente. Depois disso, não me recordo de

mais nada.

Tento levantar a mão e esfregar minha testa na tentativa de afastar a dor que martela em minha cabeça, mas o meu braço está imobilizado por uma tala. No outro, há um curativo onde recebo o soro.

— Droga! — Murmuro, fechando os olhos.

Não tenho um espelho para ver como estou, mas imagino que esteja horrível. Adam deve estar pirando com isso.

É após esse pensamento que volto a abrir os olhos e observar o quarto. Encontro-o sentado em uma poltrona bege de couro. Ele parece espremido e desconfortável nessa posição, mas age como se isso fosse insignificante.

— Oi — consigo dizer, embora minha boca esteja ressequida.

Sob seu olhar compenetrado, vejo-o se levantar e caminhar até a mesinha ao lado da cama, onde há uma jarra com água. Após encher o copo até a metade, ele o coloca gentilmente em meus lábios. Tudo isso sem proferir uma única palavra.

Bebo com avidez como se o líquido, além de hidratar, pudesse renovar as minhas energias. Algo me diz que precisarei delas.

— Como você está? — a sua voz é carregada de gentileza, mas o sorriso que eu gostaria de ver não apareceu.

— Tirando o fato de que um Boeing caiu sobre mim, acho que estou bem.

Minha tentativa de fazer piada não surtiu efeito algum. Ao invés disso, ouço um grunhido contrariado. Mesmo sabendo que talvez Adam esteja exagerando, eu posso entendê-lo. Se os papéis estivessem invertidos, eu estaria em pânico também.

— Belo presente de aniversário eu te dei — sorrio, estendendo a mão para tocar na dele. — Mas não foi assim que eu planejei...

As mãos dele estão frias, aperto-as tentando transmitir o calor das minhas.

— Está com dor? — indaga-me. — Quer que eu chame o médico ou uma enfermeira?

— Só quero que fique comigo — digo, suavemente. — Eu tive tanto medo.

Algo no que eu disse parece tê-lo perturbado a ponto de se afastar alguns centímetros. E, antes que eu possa perguntar o que está acontecendo, a porta é aberta e vejo a cabeça de Liam surgir no vão da porta.

— Então, a minha garota acordou? — pergunta, abrindo mais a porta para entrar.

Seu sorriso é tão contagiante que, por um momento, me esqueço da tensão no quarto.

— Sua garota? — pergunta Adam, dando-lhe um olhar gélido, algo que Liam ignora ou finge não perceber.

— Rapunzel, você sabe mesmo dar uma festa — continua ele, Adam do outro lado da minha cama. — Eu já vi lugares inusitados como cenário, mas um hospital é a primeira vez.

— Quando eu planejo algo, é bem feito, doutor — brinco de volta. — Hospitais precisam de alegria.

Nós dois rimos juntos.

— Já que vocês dois têm muito o que dizer ao outro... — grunhe Adam, ainda muito sério. — Eu vou até o seu apartamento buscar algumas roupas. Receberá alta em algumas horas e as que você usava foram destruídas. Liam, garanta que ela se alimente antes de irmos.

Dito isso, ele se inclina para beijar minha testa e sai apressadamente.

— O que deu nele? — pergunto, com os olhos marejados.

— É o jeito que tem para lidar com o que aconteceu — responde Liam, tocando meu rosto com suavidade. — Precisava ver como ele ficou. Passou a noite aqui ao seu lado.

— Eu não queria que isso tivesse acontecido, Liam — tento me sentar na cama e ele me auxilia. — Desculpe se assustei vocês e estraguei a festa. Eu fui tão descuidada.

— Foi um acidente — afirma ele. — Qualquer pessoa está

suscetível a isso. Está viva e isso é o que importa. Logo Adam esquecerá e você também. Penelope, eu vou providenciar o seu café da manhã. Avisarei a uma das enfermeiras que já acordou.

— Que horas são?

— São onze e trinta e cinco — diz, após consultar o relógio.

— Caramba! Nunca acordei tão tarde.

— Foram os sedativos — ele para na porta e lança um sorriso travesso. — Não vá se afogar com o copo d'água. Adam me mataria quando voltasse.

Cuspo exatamente no momento em que ele diz isso. Apresso-me para colocar o copo de volta na mesa e o curativo em meu braço machuca minha pele.

— Ai... — protesto, rindo e gemendo ao mesmo tempo. — Liam!

Fulmino-o com os olhos. Se eu tivesse algo para atirar nele, eu o faria. Sorrindo, ele deixa o quarto e percebo como é bom ter um amigo como ele. Eu tenho certeza de que ele deve ser um médico incrível. Estilo o Patch Adams que Robin Williams retratou no filme, sempre alegrando seus pacientes.

A enfermeira surge, alguns minutos depois, com um carrinho com comida e um remédio para dor de cabeça. Pergunto sobre a tala. Ela me diz que usarei por alguns dias, mas que o médico me diria depois todos os cuidados que eu deveria ter. Embora esteja pulsando um pouco, estou agradecida por não ter

quebrado. Na realidade, estou feliz por sair do acidente sem ferimentos graves.

— Se usar a pomada corretamente, logo esse arranhão some do seu rosto — diz ela, com um sorriso gentil. — Você tem um rosto muito bonito. Não é à toa que seu namorado seja maluco por você.

Apesar dela parecer tão jovem quanto eu, é muito eficiente em seus cuidados comigo, além de ser muito simpática.

Assim que ela se retira, alguém bate na porta.

— Posso entrar?

Boquiaberta, eu encaro meu chefe parado no vão da porta com um buquê de rosas amarelas em suas mãos.

— Sr. Durant... — murmuro, procurando me ajeitar da melhor forma possível.

Por sorte, a enfermeira havia tirado o soro, então tenho a mão livre para arrumar meu cabelo desalinhado.

— Como o senhor sabia que...

— Adam ligou e me contou o que houve — assevera ele, caminhando até minha cama. — Ele me avisou que você ficará ausente do trabalho por alguns dias.

— Ele não deveria ter feito isso — digo, sem jeito. — Não sei o que o senhor tem a dizer, mas acho que isso não irá me impedir de trabalhar.

Indico a tala em meu outro braço. Não será fácil, mas darei conta do serviço. Felizmente, é final de semana, então terei dois dias de recuperação.

— Não estou preocupado com isso, senhorita Walker. Vim dizer que pode tomar o tempo que precisar em sua recuperação e que pode contar comigo.

A sinceridade dele me toca. Sim, ele é um chefe muito exigente e, às vezes, perde a paciência com muita facilidade, principalmente se as pessoas têm dificuldade em entender o que para ele é óbvio, mas eu também sei que, por trás da atitude de durão, há um coração enorme e gentil.

— Além disso, o Adam me mataria — ele ri, descontraído. — Vocês dois...

Examino o seu rosto, tentando decifrar se há algum tipo de descontentamento em relação ao meu envolvimento com um dos seus amigos, mas não encontro nada além de um olhar gentil.

— Não se preocupe — declara, entendendo meu silêncio como um desconforto da minha parte. — Isso não é assunto meu.

Ele coloca as flores em uma das poltronas.

— Bem, eu tenho que ir. Anne está no carro me esperando. Vou deixá-la na casa dos meus pais, onde passará o fim de semana. Passei apenas para dizer um oi e para que saiba que pode contar comigo.

— Obrigada, senhor — respondo, sorrindo ao olhar para as

flores. — Não quero atrasá-lo ainda mais. Obrigada pelas flores e diga a Anne que mandei um beijo.

Ele sorri orgulhoso ao me ouvir falar de forma carinhosa de sua filha. Eu não estou tentando bajular meu chefe. Ele não é o tipo de pessoa que se agrada com isso, pelo contrário. Mas já conversei com a menina muitas vezes por telefone e uma vez por vídeo no computador. Ela é, simplesmente, adorável e muito inteligente.

— Direi a ela — ele fala. — Leve o tempo que precisar em sua recuperação, mas volte logo.

Não consigo evitar sorrir. Sei que meu acidente causará grande transtorno a ele. Não estou me supervalorizando, o homem é terrível. Minha vantagem é que sei como lidar com pessoas autoritárias.

— Estarei de volta antes do que imagina.

Quando ele sai, volto a encarar as flores. Ainda não acredito que ele tenha vindo me visitar. O meu chefe, um homem ocupado e com compromissos importantes.

Lembro-me de uma vez em que eu havia pegado uma forte virose e desmaiado no banco. Fiquei três dias no hospital com suspeita de pneumonia. Os pais de Max nunca foram me visitar. Não dei muita importância na época, pois meu próprio pai só foi uma vez. Ele alegou que não queria correr o risco de se contagiar caso fosse uma epidemia, já que ele poderia passar para todos os

membros da igreja. Naquela ocasião, apesar de magoada, supus que, na realidade, o ambiente trouxesse lembranças dolorosas.

Pensar sobre ele me faz perguntar se Adam também havia avisado aos meus pais sobre o acidente. Sinceramente, espero que não.

Papai, certamente, viria com um belo sermão de como essa cidade é perigosa e minha mãe insistiria para que eu voltasse para casa. Claro, se é que eles ainda se importam comigo. Desde minha última visita, não houve qualquer tentativa de contato ou uma reaproximação. Não quero ter que lidar com nenhum dos dois.

Liam retorna minutos depois de Neil sair. Dessa vez, não está sozinho. Katty e a Lindsay estão com ele. As duas me dão um longo abraço. Foi impossível esconder as lágrimas. O amor vem de onde se menos espera.

Eu pedi desculpas a Sra. Crighton por ter arruinado a festa surpresa de aniversário do filho dela.

Estou recebendo um belo sermão sobre isso quando Adam retorna com minha bolsa, com algumas peças de roupa dentro, e o médico atrás dele. Um senhor muito alto, moreno, por volta de cinquenta anos e de olhar gentil.

Todos saem da sala para que ele me examine, com exceção de Adam. Esse não desgrudou do meu lado o tempo todo.

— Você já pode ir para casa — informa o médico. — O raio

X não acusou nada. Nos primeiros dias, sentirá como se tivesse saído de uma luta de MMA. Os relaxantes musculares irão ajudar.

— E quanto ao meu braço? — pergunto-lhe, ansiosa. — Isso é mesmo necessário?

— Sim, usará a tala apenas por quinze dias, que é quando deve retornar aqui — instrui o médico. — Então, veremos se a tiramos ou se estendemos o prazo um pouco mais.

— Posso voltar ao trabalho?

— Penelope! — Adam rosna e encara-me com um olhar ameaçador.

Sério, se um olhar fosse capaz de matar, seria o dele.

— Nessas duas primeiras semanas, sugiro repouso, senhorita Walker. Felizmente, nada de grave aconteceu, mas você nasceu de novo. Não vamos abusar da sorte, ok?

— Não se preocupe, doutor. Eu já conversei com o chefe dela — Adam informa. — Está tudo resolvido.

Se Neil não tivesse me visitado minutos antes, esse seria o momento em que eu ficaria seriamente zangada com ele. O meu trabalho é um problema meu.

— Então, vejo vocês em quinze dias.

O médico sai e ficamos sozinhos. Analiso-o, firmemente, para saber se continua chateado, mas seu rosto é uma completa

máscara.

— Recebeu rosas? — pergunta ele, tocando as pétalas com a ponta dos dedos.

— Neil me deu — sorrio para que ele saiba que não estou irritada por ele ter falado com meu chefe sem me consultar antes.

— Neil? — questiona-me, colocando a sacola com minhas roupas na poltrona vazia ao lado do buquê. — Ele foi bem rápido.

— Adam...

Eu não preciso que ele tenha ciúmes do meu chefe.

— Vou chamar a enfermeira para ajudar você a trocar de roupa.

— Por que você mesmo não faz isso? — pergunto, cheia de segundas intenções na voz.

— É melhor não. — diz ele, indicando meu braço ferido. — Não quero machucar você ainda mais.

Sem me dar a chance de protestar, ele sai, deixando-me sozinha e confusa. Desde que acordei, sinto que ele está estranho e distante.

Bem, talvez ainda esteja em choque. O melhor é não o pressionar ainda mais.

Com a ajuda da enfermeira, eu tomo um banho e confesso que me sinto muito melhor depois de limpa.

— Você é uma garota de muita sorte — avalia a jovem enfermeira enquanto penteia meus cabelos úmidos. — Além do homem lindo e apaixonado por você, estiveram esses dois espécimes de mau caminho ao seu redor.

Dou risada. Os espécimes a que ela se refere devem ser Neil e Liam. Se ela conhecesse Peter e Richard, cairia dura no chão. No mínimo, teria uma overdose causada pelos homens mais lindos de New York.

— Eles são encantadores, não é? — de volta.

— Querida, encantador é meu gato Bob. Eles são um espetáculo!

Começamos a rir e, nesse momento, Adam retorna.

— Já está pronta?

— Sim — caminho em direção às rosas, mas ele é mais rápido que eu. — Obrigada.

Despeço-me da enfermeira e saímos em direção ao corredor.

Quando saímos do prédio, a luz do dia me incomoda um pouco, mas, assim que titubeio, Adam me agarra pela cintura, equilibrando-me junto ao seu peito.

— Você está bem? — a preocupação em sua voz faz com que eu me recomponha rapidamente. — Talvez devêssemos voltar.

— Estou sim — respondo e deixo-o me guiar até o carro. — Foi só a luz que ofuscou os meus olhos.

O caminho é feito em silêncio.

Eu busco entender o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas, sem grande sucesso. Horas antes, eu estive envolvida em uma festa surpresa que terminaria com uma noite romântica para acordar em um hospital com um Adam distante e eu nem consigo entender o porquê.

Chegamos à casa dele. Estou surpresa que tenha me levado para lá, mas, ao mesmo tempo, sinto-me feliz. Ficar sozinha em meu apartamento seria terrível.

Assim que entramos, damos de cara com as bexigas coloridas e a faixa de feliz aniversário.

A tensão em seu rosto foi substituída por um olhar emocionado e que, em seguida, deu lugar a um olhar triste.

Ele caminha até a mesa de jantar onde deposita as flores. Vou até ele, abraçando-o por trás.

— A gente pode comemorar depois — murmuro, beijando suas costas largas por cima da jaqueta marrom de couro. — Acho que o bolo ainda deve estar na geladeira. É de frutas, o seu preferido, certo?

— É, sim — retruca, voltando a colocar a máscara de distanciamento. — Você precisa descansar.

Eu tenho vontade de gritar. Uma imensa vontade de gritar com ele.

— Está bem — respiro fundo e caminho em direção à escada.

Sinto meu corpo moído como o doutor havia alertado além de uma leve palpitação em meu braço. Porém, nada disso se compara à pressão em meu peito. Estou irritadiça e infeliz com tudo o que aconteceu.

— Eu vou cuidar daquela bagunça lá embaixo.

Ao olhar para a cama, ela me parece bem convidativa.

— Grite se precisar de alguma coisa — diz ele, antes de jogar o lençol sobre mim, depositando um beijo casto em minha testa.

Eu preciso de você.

As palavras querem saltar da minha garganta, mas eu me contenho e fico apenas observando-o sair.

Para minha surpresa, pego no sono antes que eu perceba. Fui acordada por ele duas vezes: uma para medicação e outra para o almoço que ele preparou. Apesar de simples, a sopa estava deliciosa.

Quando acordo outra vez, vejo, por meio de uma fresta na cortina, que já havia anoitecido. Após ir ao banheiro, vou para o andar de baixo, onde imagino que Adam esteja. Ele não está na sala vendo TV como supus, então sigo para a cozinha. Ele também não está lá, mas vejo a porta que leva para o jardim no fundo da casa entreaberta. Muitas vezes, ficamos sentados no banco que há ali comigo lendo algum romance e ele estudando

algum processo importante. Naqueles momentos, eu conseguia visualizar nós dois, velhinhos, vendo nossos netos correndo pelo quintal. Essas imagens aquecem meu coração. Sempre que penso em Adam e eu, nos vejo juntos até a velhice. Não consigo enxergar as coisas de outra maneira.

— Não! Eu já disse que não posso ficar com ela — escuto-o dizer a alguém no telefone. Ele parece tão tenso como a voz e corpo demonstram. — Você vem? Obrigado.

Nossos olhares se encontram quando ele vira em direção a casa. Ele parece surpreso em me ver.

— Deveria estar na cama — repreende-me.

— Passei o dia todo na cama — retruco. — Com quem estava falando?

— Com ninguém importante — murmura, pegando minha mão e me levando de volta para dentro de casa. — Está com fome? Liam esteve aqui mais cedo. Delia enviou comida para um batalhão.

Eu sei que ele quer desviar o assunto. E, por um momento, tem o efeito desejado.

— Devia ter me acordado — digo-lhe, pesarosa. — Gostaria de ter visto Liam e de ter agradecido a Delia. Esses malditos remédios me deixam sonolenta.

— São necessários para sua recuperação — ele me diz, empurrando-me de volta à sala. — Por que não assiste a um

daqueles seriados que você gosta enquanto aqueço a comida?

— Certo. Espero você na sala para vermos juntos. O que você quer ver?

— Friends está bom para mim.

Sorrindo, volto para a sala. Eu tenho que parar de ser tão dramática. Friends e o homem da minha vida: não tem como a noite ficar mais perfeita.

É difícil me alimentar com uma mão só, ainda mais quando não é a mão que eu uso. Após algumas tentativas frustradas e bufos de protestos, Adam vem ao meu auxílio, sorrindo ao me ver tão irritada. Pela primeira vez no dia, eu tenho um sorriso seu. É tão importante para mim que chego a ficar feliz por ter o braço imobilizado.

Depois do jantar, volto para o sofá, só que, dessa vez, ele está comigo. Assistimos a um episódio atrás do outro, com Adam abraçado a mim, seus dedos deslizando por meus cabelos. Vez ou outra, embalada pela sonolência causada por suas carícias, eu sentia o toque dos seus lábios no topo da minha cabeça. Eu tenho meu Adam de volta. E teria aproveitado um pouco mais se não tivesse caído no sono outra vez.

Desperto com o som de algo caindo.

— Porra! — Escuto-o xingar ao arrumar o abajur na mesinha de cabeceira ao meu lado.

Olho para suas mãos e noto o livro e os óculos de leitura.

— Pode ler aqui — ajeito-me na cama, dando espaço a ele.
— Sabe que não me incomoda.

Ele desvia o olhar, focando na porta. Isso me inquieta. Não me lembro de uma única vez que tenha feito isso. Nem mesmo durante alguma briga por algum motivo ridículo.

— Na verdade, vou dormir no outro quarto — ele murmura. Sua voz soa mais como um sussurro. — Assim você pode ter mais espaço na cama.

Essa é a desculpa mais estapafúrdia que ele poderia me oferecer. A cama é tão imensa que eu poderia me perder dentro dela.

— Foi algo que eu fiz? — pergunto, tentando segurar as lágrimas. Não quero parecer pedante. Eu só quero compreender o que está acontecendo e o que o faz agir assim.

— Não... Droga! — Ele coloca os objetos em sua mão em cima da mesa e deita ao meu lado — Vem cá.

Em instantes, estou com minha cabeça apoiada em seu peito protetor.

— Sinto muito que isso tenha acontecido — confidencio, dessa vez as lágrimas deslizam pelo meu rosto. — Eu deveria ter prestado atenção ao atravessar a rua. Até uma garotinha estúpida sabe disso.

— Não foi culpa sua — enfatiza ele, segurando meu rosto com as duas mãos. — Nada disso foi culpa sua, entendeu?

Quando seus lábios tocam os meus, todos os meus temores vão embora.

—Faça amor comigo... — gemo, comprimindo-me mais a ele.

— Essa noite, não — grunhe ele, afastando minha mão do seu membro excitado.

Ele me quer tanto quanto eu o quero, então por que da resistência?

— Por favor — insisto, colocando minha mão em seu pescoço, puxando-o para um beijo carregado de paixão. — Podemos ir devagarzinho.

Com cuidado, mas com agilidade, Adam me coloca deitada na cama com ele sobre mim.

— Eu não sou um animal, Penelope, mas também não sou um santo — o jeito que ele fala faz parecer que seu corpo dói tanto quanto o meu. — Acabou de sair do hospital. Seja uma boa

menina. Era por esse motivo que ia para o outro quarto. Dividir a mesma cama com você sem tocá-la é uma tortura para mim.

Eu desejo muito fazer amor com ele, tanto que minha pele chega a queimar, mas algumas partes do meu corpo protestam a cada movimento brusco.

— Então, apenas me abraça?

— Tudo bem — sussurra ele, puxando-me de volta para o seu peito. — Durma tranquila. Eu ainda estou aqui.

Eu ainda estou aqui?

Essas palavras me assombraram a noite inteira, até eu pegar no sono.

Eu ainda estou aqui.

Algo nelas me soaram como um aviso.

O domingo passou rápido e sem grandes diferenças do dia anterior. Eu dormi a maior parte da manhã e da tarde. Liam veio me ver e disse que era natural, já que meu corpo está se recuperando e que, além disso, os relaxantes musculares dão sono. Katty também ligou e conversamos um pouco.

Eu não sugeri a Adam para que fizéssemos amor porque o olhar dele já dizia tudo, mas não precisei implorar para que ele me abraçasse. Isso, de certa forma, me acalmou.

Hoje, assim que terminamos o café, ele me avisou que me levará de volta para o meu apartamento. Eu não me importo, afinal ele passará o dia trabalhando. Além disso, tenho alguns livros em casa que eu pretendo ler.

Mas, para minha surpresa, assim que abro a porta, encontro Lola e Juliene tomando café na cozinha.

— Tia Lola? — chamo-a, surpresa em tê-las aqui. — Juliene?

As duas caminham até mim. Bem, na verdade, Juliene corre em minha direção e me abraça de forma desajeitada, o que me provoca um gemido de dor.

— Tenha cuidado, Juliene! — Adam protesta antes que eu possa dizer alguma coisa. — Não vê que ela está ferida?

— Me desculpe — ela diz, afastando-se um pouco. — Estou tão feliz em vê-la, Penny. Se demorasse mais um pouco, eu iria procurá-la. Fiquei tão assustada quando soube do acidente.

— Contou a elas? — encaro Adam com um olhar cheio de protesto. — Por que fez isso?

— Precisa de alguém que cuide de você — diz ele, colocando minhas rosas na mesinha em frente ao sofá. — Não pode ficar sozinha.

Ele olha para Lola. Os dois parecem se comunicar pelo olhar. Será que era com ela que ele esteve falando ontem? Encaro minha tia. Ela desvia os olhos de mim e isso me dá a certeza.

Tudo bem que ele tenha pedido isso. Seria complicado ficar sozinha, mas eu teria me virado. O problema é que, durante a noite, pensei que Adam e eu ficaríamos juntos. Saber que isso não irá acontecer enche-me de desapontamento. Eu me sinto como um saco velho, sendo descartado.

Mas, por outro lado, ele tem o trabalho dele e seria injusto que chegasse cansado e ainda tivesse que cuidar de mim.

Já que minha tia e Juliene estão aqui, vou aproveitar a companhia delas o máximo possível.

— Acho que devem ter muito que conversar — diz Adam, seguindo até a porta. — Eu ligo para saber como você está à noite.

Concordo com a cabeça e o acompanho até a porta. Ao invés de um caloroso beijo de despedida como eu esperava, recebo um suave roçar em minha testa.

Respiro fundo ao vê-lo desaparecer.

Garantindo a mim mesma que está tudo bem, eu retorno para a minha plateia ansiosa por notícias.

Tia Lola quis saber de todos os detalhes sobre o acidente que eu tive. Não pude ajudar em muita coisa, pois não me lembro de mais nada além do farol alto cegando meus olhos e, quando acordei, já estava no hospital. Como não pude ser muito

produtiva sobre isso, garanti que já estou bem e o assunto preferido das duas passou a ser Adam e eu.

Eu investiguei sobre a ligação de ontem à noite, mas ela foi evasiva e logo mudou de assunto. Lola está feliz porque, finalmente, eu encontrei o homem da minha vida. E confessou que, secretamente, acreditou que Neil e eu pudéssemos nos apaixonar algum dia. Algo que me deixou chocada, pois isso jamais passou pela minha cabeça. Não há nenhum tipo de atração entre mim e ele. Claro, Neil é lindíssimo, mas, se é para eu ter algum sentimento por ele, além de chefe e secretária, eu diria que o considero como um irmão mais velho. Contudo, o que ela queria era que ele se livrasse logo da esposa horrorosa e, finalmente, fosse feliz.

— Pensando bem... — Lola enruga a testa enquanto medita — Você e o Adam combinam mais. Eu amo cada um daqueles meninos — ela suspira. — A vida do Adam também não tem sido fácil. Sei que vocês serão muito felizes juntos.

Eu não falei para ela que não há tantas luzes coloridas assim no paraíso, como ela e Juliene estão idealizando. Não sei dizer muito bem, mas, depois do acidente, algo mudou entre nós dois.

— Acho que sim... — digo-lhes, sem prestar muita atenção no que elas dizem.

Enquanto elas comentam e fazem planos, eu só consigo pensar no que está se passando pela cabeça dele.

Já é sexta-feira. Havia cinco dias que eu tinha voltado para minha casa e que não o via. Nós dois conversamos todos os dias por telefone, mas não é o mesmo. A justificativa que tive é que Adam tem um julgamento importante a caminho, e que ele deseja que eu aproveite meu tempo livre com minha família, já que elas vieram de tão longe para ficar comigo. No fundo, sei que não é assim. Estou perdendo-o e não tenho a menor ideia do que fazer.

— Eu posso dormir aí? — sugiro ao telefone, esperando que minha voz não saia tão abalada como eu realmente estou.

— Estou cansado, querida — murmura ele. — Além disso, tenho um voo daqui a pouco.

— Não me disse que ia viajar — mesmo sem querer, minha voz saiu em um tom acusatório.

— Acho que devo ter esquecido.

Há um longo silêncio entre nós. Se eu não ouvisse a respiração pesada do outro lado da linha, diria que ele tinha desligado.

— Quando você volta? — seco com pressa a lágrima teimosa que escorre em meu rosto.

— No próximo final de semana.

— Bem, assim não precisará mais inventar desculpa para não me ver.

Eu levo minha mão à minha boca, surpresa por ter dado voz ao que povoava minha cabeça.

— Penelope...

Não sei se o suspiro profundo que ouvi do outro lado foi de aborrecimento ou frustração.

— Desculpe — murmuro, arrependida — Não quis dizer isso.

— Você quis — diz ele com a voz suave, mas firme. — E eu acho que mereci ouvir.

— Adam?

— Sim.

— Você me ama?

Silêncio.

—Você me ama? — pergunto, com o coração acelerado.

O único som no banheiro minúsculo onde eu me refugiei para falar com ele, longe dos olhares inquisidores da minha prima, é o do meu coração batendo acelerado em meu peito.

— Amo.

— E-eu te-e amo também — gaguejo e desligo o telefone

antes que eu venha a dizer mais alguma estupidez.

Eu tento sufocar o soluço com o punho cerrado em minha boca. O telefone vibra em meu colo, mas sei que não posso falar agora, não sem parecer patética ou ridícula.

Conversamos quando eu voltar. Mantenha-se segura.

Leio a mensagem que ele enviou, coloco os meus pés sobre o vaso e abraço minhas pernas com força. Apoio meu braço machucado sobre os joelhos e entrego-me à dor que dilacera o meu peito. É tudo o que eu consigo fazer agora. Estou me afogando em um mar de dor, que eu nunca imaginei existir.

— Penelope?

A batida na porta, seguida da voz de Juliene, tira-me desse buraco negro por um momento. Minha mente me diz para ficar sozinha, mas minha alma sabe que, nesse momento, eu preciso de alguém.

— Eu o perdi, Juliene — abro a porta e jogo-me nos braços dela, chorando. — Eu o perdi e não sei como tê-lo de volta.

— Vem, querida — murmura ela, conduzindo-me até o quarto. — Que tal me contar o que aconteceu?

Digo a ela que Adam e eu não estamos tão bem como eu tentei transparecer. Não queria que Lola ficasse preocupada e retardasse sua volta, mas, agora, com ela no Texas, eu não consigo fingir que nada está acontecendo.

— Talvez sejam só coisas da sua cabeça — diz Juliene, secando novas lágrimas em meu rosto. — Vai ver ele só tem medo de te perder e está assustado.

— Você acha? — indago, sentindo um novo fio de esperança.

De certa forma, o que Juliene diz faz sentido. Mas a dúvida de que os temores e os fantasmas do passado que ele carrega sejam mais fortes do que o nosso amor me apavoram.

— Por que você não faz outra festa de aniversário para quando ele voltar?

— Outra festa?

Não preciso fazer uma festa necessariamente, mas, talvez, um jantar para nós dois, onde poderemos ter uma conversa franca e eu possa garantir que a vida é cheia de riscos, mas também repleta de possibilidades. E que podemos sim ter uma vida juntos, longa e feliz.

— Juliene, você é um gênio! — Abraço-a apertado, pouco me importando a leve dormência que sinto no meu braço machucado.

— Eu sei disso. — ela ri.

Nós passamos a semana toda planejando a surpresa que eu faria a ele. Comprei um vestido lindo e uma lingerie preta de renda que Juliene afirmou que deixaria Adam louco.

Minha vida sexual é algo que a tem mantido empolgada por um longo tempo. E seus relatos sobre suas tentativas em perder a virgindade, sempre boicotada por seus irmãos, arrancam muitas gargalhadas de mim.

— Juliene, o sexo entre mim e Adam só é incrível porque nos amamos — direciono um olhar firme a ela. — Você encontrará alguém que fará a sua primeira vez ser tão especial quanto a minha foi, mas precisa ter paciência.

— Não quero uma noite especial — declara, fazendo um biquinho. — Eu quero um orgasmo de fazer as paredes tremerem. Elas tremem, não tremem? Foi o que eu li nos livros. E algumas amigas me disseram. Eu quero essa experiência. Quero paixão em minha vida. Um homem que me deixe louca apenas em olhar para mim.

— É muito mais do que isso — confesso, suavemente. — Viajamos para outro mundo onde não existe mais ninguém além de nós dois. Mas o que torna tudo maravilhoso são os sentimentos envolvidos.

— Nunca saberei disso enquanto meus irmãos ficarem no meu pé me tratando como uma princesinha — resmunga. — Ainda fujo de casa, escute o que estou te dizendo.

Seu olhar travesso e determinado dá-me a certeza de que as minhas palavras não foram suficientes para convencê-la a ser menos cabeça oca. Deus, eu rezo para que ela não se meta em mais confusões do que o habitual, e que não caia nas mãos de nenhum aproveitador por aí. Juliene pode ser avoada, mas tem um coração sensível. Odiaria vê-la machucada por um Dom Juan.

— Prometa para mim que só se entregará a alguém quando tiver certeza disso?

Ela bufa, revira os olhos e encara-me.

— Eu prometo que, quando encontrar um homem tão lindo e sexy como o seu, e que, se ele fizer minhas pernas tremerem, você será a primeira a saber.

Suspirando, eu volto para os preparativos em meu quarto. Pétalas de rosas foram espalhadas pelo chão. As velas aromatizadas darão um ar ainda mais romântico à nossa noite. Na cama, há um lençol vermelho em forma de coração. O quarto está todo lindo e pronto para um clima de sedução.

Adam que me espere.

Após deixar tudo organizado, despeço-me de Juliene no aeroporto e sigo para minha consulta médica. Ela voltará para o Texas. Sentirei falta dela, meus dias ficarão um pouco mais tristes e solitários sem minha prima aqui. Já pensei na possibilidade de convidá-la para morar comigo, mas meu tio e os

irmãos dela são realmente muito protetores, principalmente Dallas, o mais velho.

Por esse motivo, voltar ao trabalho é algo que tem me animado muito. Cheguei a ir duas vezes ao escritório socorrer Aline nessa semana e ela me liga quase todos os dias me perguntando quando eu retorno.

Eu desejo que a normalidade e a rotina em minha vida ajudem Adam a enxergar as coisas de outra maneira e a esquecer o que houve.

Saio do hospital totalmente liberada pelo médico. Vou direto para o escritório Crichton dar a notícia para o Adam. Estou ansiosa para que me veja bem. Eu não consigo ficar irritada com ele como eu deveria. Entendo seus motivos para ficar estremecido, não foi o melhor presente de aniversário que eu dei, mas irei recompensar isso essa noite.

Depois de pegar o crachá de visitante na recepção, sigo direto para a sala dele. A secretária, que, graças a Deus, não é a nojenta da Grace, está ao telefone. Ela faz um sinal para que eu sente em um dos sofás, mas prefiro continuar em pé.

— Olá — ela sorri fria e educadamente. — Em que eu posso ajudá-la?

Há algo nela que não me agrada. Talvez seja birra por ela ser irmã da oferecida.

— Eu vim para ver o Adam.

— E quem eu devo anunciar?

— Srta. Walker — respondo a ela. — Penelope Walker.

Ela me olha por sobre a armação dos óculos, medindo-me minuciosamente. Eu retribuo o olhar, pois não vou me acovardar por causa de uma secretária metida. Acho que só faz isso em defesa da irmã e, certamente, reconheceu o meu nome.

— E a senhorita tem hora marcada? — pergunta ela, folheando a agenda. — Não vejo seu nome aqui.

Eu sei que há todo um protocolo, mas a mulher está exagerando. Ela deve, sim, saber quem eu sou.

— Eu não acho que a namorada dele precise de hora marcada para uma visita surpresa, concorda?

Eu posso jogar tão duro quanto ela se eu quiser.

— Ah, claro que não — vejo que a desconcertei um pouco. Não costumo ser ríspida com as pessoas, mas essa mulher está me testando. — Vou avisar que a senhorita está aqui.

— Não! — Interrompo-a, no meio do caminho. — Se ele não estiver com um cliente, eu gostaria de lhe fazer uma surpresa.

Ela faz sinal para que seu siga adiante. Dou um sorriso de agradecimento e caminho em direção à porta.

Abro-a devagarzinho, fazendo o mínimo barulho possível. Não o encontro sentado em sua mesa como presumi. Ele está parado em frente à janela, observando os prédios ao redor ou,

talvez, apenas perdido em seus pensamentos. Ando nas pontas dos meus pés, segurando o riso. Pareço uma garotinha correndo atrás do garoto mais lindo do colegial.

— Um doce pelos seus pensamentos — murmuro baixinho no ouvido dele enquanto minhas mãos tapam seus olhos.

Adam fica rijo. Percebo como ele tensiona os ombros e aperta minhas mãos com força.

— O que faz aqui? — ele gira o corpo até ficarmos frente a frente.

O olhar direcionado a mim é tão frio como pedras de gelo, o que me deixa alarmada.

— Saí do hospital agora — digo a ele, tentando evitar que a mágoa transpareça em meu rosto. — Achei que ia gostar da surpresa. Não gostou?

Ele dá alguns passos para trás até apoiar suas costas na parede de vidro, levando-me junto, entrelaçando meus dedos nos seus.

— Como está o seu braço? — pergunta, soltando minha mão. Ele desliza a ponta dos dedos sobre a minha pele. A leve carícia deixa um rastro de fogo por onde passa. — O que o médico disse?

Como é possível que um simples toque abale todas as minhas estruturas?

— Já estou bem — sorrio para ele. — Ficaré um pouquinho dolorido por alguns dias, mas nada que me impeça de voltar ao trabalho. Tudo será como antes, certo?

Ele desliza um dedo pelo meu rosto. Os arranhões já começam a desaparecer. Graças a Deus, não foram profundos o suficiente para marcarem minha pele.

— Isso é muito bom — sussurra.

Sua mão continua a me afagar e eu me sinto como um gatinho se espreguiçando em frente à lareira. Incentivada pelo seu toque, eu me jogo em seus braços, abraçando-o apertado.

— Senti sua falta — falo baixinho enquanto ele me embala em seu peito.

Ergo meu olhar e encontro seus olhos carregadas de uma emoção tão intensa quanto a minha. Eu posso ver seu amor por mim. Por mais que ele tente esconder, está ali, pulsando.

E, quando eu acredito que finalmente irá me beijar como sonhei durante todos esses dias em que ficamos longe, ele se afasta e o distanciamento toma o lugar de qualquer sentimento bom.

— Precisamos conversar — ele me diz. — Mas não aqui.

Vejo-o pegar o terno em uma cadeira e vesti-lo. Nós formam-se em minha garganta, grandes nódulos que ameaçam me sufocar.

— Tudo bem — minha voz sai mais firme do que minhas pernas trêmulas. — Vamos conversar.

É tudo o que consigo dizer antes de sairmos da sua sala.

Não sei por que, mas eu não tenho um pressentimento bom sobre essa conversa. Não encaro Verônica, não me sinto a mulher poderosa de quando cheguei. Na verdade, estou amedrontada.

É difícil não comparar a última vez que estivemos aqui com hoje. Éramos um casal apaixonado, planejando alguns dias de férias regados de esperança e amor. Tudo o que eu consigo enxergar em um futuro próximo é um caminho de incertezas.

Eu queria conversar, mas ele ligou o som do carro, impedindo que eu pudesse falar qualquer palavra audível sob o som de um rock barulhento. É como se ele estivesse fugindo. O que não faz o menor sentido, pois foi ele quem sugeriu para que discutíssemos a relação.

— Quer uma bebida? — indaga Adam, indo em direção ao bar, assim que entramos em sua casa.

— Não, obrigada — respondo, cada vez mais tensa.

Eu paro no meio da sala e observo-o se servir. Uma dose e depois outra. É como se ele precisasse de algo que o encorajasse.

— Adam?

Seu olhar encontra o meu. Sinto um aperto em meu coração. A sensação que tenho é de que um punho cruel o aperta

em seus dedos.

— Eu tentei — inicia ele, encarando o chão. — Mas eu não posso lidar com isso. Ser dependente de outra pessoa ou que ela dependa de mim. Eu não consigo mais.

A mão vai se fechando em meu peito. E a dor... A dor vai se intensificando. Ela cresce com a força de um tornado, destruindo tudo.

— Você merece mais do que isso — balbucia. — Alguém melhor do que eu. Que ofereça o que eu não posso dar a você. Alguém completo.

— Não! — Caminho até ele e seguro seu rosto, obrigando-o a me encarar. — Eu sei que é por causa desse maldito acidente. Isso que balançou você. Foi depois dele que tudo mudou, não foi?

Pisco algumas vezes para conter as lágrimas, mas não consigo evitar que uma delas deslize pelo meu rosto.

— Eu não posso prometer que algo como isso não aconteça outra vez, nem que eu não fique doente ou qualquer outra coisa que está fora das minhas mãos — eu forço cada palavra a sair da minha boca. — Mas posso prometer que vou amá-lo sempre. E que eu darei tudo de mim, todos os dias, para que você seja feliz. Eu posso fazer você feliz.

— Você tem razão, Penelope — ele segura minhas mãos e afasta-se de mim. — Há coisas que estão fora do nosso controle. Eu não quero filhos, por exemplo. Está disposta a abrir mão

disso? Eu vi como se comporta com as gêmeas. No fim, me odiaria por isso.

— Eu... Eu...

Sei que esse é um tema complicado para ele. Mas o tempo é capaz de curar tudo.

— Você as ama também — murmuro, chorosa. — Não minta.

— Já tenho pessoas suficientes para amar e perder — suas mãos se apoiam contra o mármore do balcão. — Essa é uma decisão minha — diz ele, um som quase inaudível, mas potente o suficiente para rasgar o meu coração como uma lâmina afiada. — E eu escolho ficar sozinho.

— Por que está fazendo isso? — as lágrimas agora descem soltas como uma cachoeira de fogo, queimando a minha pele.

— Droga! Não torne tudo mais difícil do que já é! — Seu grito é como o de um leão encurralado, feroz e implacável. — Não se humilhe assim. É mais do que isso. É melhor do que eu.

— Então, por que está terminando comigo? — choro, afogando-me em um mar de desespero que me traga para dentro de um oceano de desolação e dor. — Por quê?

— Não posso terminar algo que mal começou — murmura ele. — Eu nunca prometi nada.

— Você disse que me amava! — Avanço sobre ele, socando

seu peito e desejando que cada batida pudesse arrancar alguma emoção do seu coração frio. — Disse que me amava, na igreja, para o meu pai e para uma cidade inteira. Não pode ter sido mentira!

— Quero a minha vida de antes — diz ele, segurando e afastando minhas mãos. — Mas, talvez, ainda possamos ser amigos.

— Amigos? — pergunto, raivosa. — Eu não quero sua amizade.

Abraço meu próprio corpo, já que não posso tocá-lo.

— E-eu...

Tudo o que eu quero é que ele me tome em seu peito, e não importa o quanto suas palavras me feriram. Quero que ele negue tudo o que disse e que pare de me machucar tanto. Sim, eu estou me humilhando diante dele.

— Eu preciso de você. Não me afaste assim. Não faz comigo o que todo mundo faz — soluço em meios às lágrimas de desespero. — Não vá embora. Eu te amo.

O amor, aquele que deveria me fazer feliz, é, nesse momento, o pior dos meus carrascos, castigando-me sem piedade.

— Eu te amo, Adam — soluço, inconsolável. — Eu não queria, mas eu amo. E eu te amo tanto...

— Esse é um dos casos que amar não é o suficiente —

sussurra ele. — Um só amar não basta. Claro que eu gosto de você, mas não a esse ponto. Eu fui longe demais e peço desculpas. Eu nunca quis te magoar.

Apesar de tudo, vejo em seus olhos um olhar angustiado e isso me fere mais.

— Eu velei uma pessoa por tempo demais, não vou permitir que isso aconteça de novo.

Sua voz e suas as palavras são tão frias que eu sinto congelar a minha pele. Respiro fundo, tentando controlar uma nova onda de desespero. Seco meus olhos, mas não importa quantas vezes eu faça isso, novas lágrimas tomam lugar das anteriores. É como um ciclo que nunca acaba.

— Você não me ama o suficiente? — pergunto-lhe, completamente desolada.

— Não como você merece — sussurra ele. — Eu sinto muito.

E, com essas palavras duras, sinto meu mundo ruir sob os meus pés. O chão vai se abrindo para um imenso buraco negro, tragando-me para a escuridão enquanto as palavras dele são como chibatadas em meu rosto.

Levo o meu corpo lentamente em direção à porta. A cada passo que dou para longe dele, eu sinto que vou deixando pedaços do meu coração no caminho, até que não reste mais nada além de um corpo vazio.

— Penelope?

Meu coração ou, se resta algo dele, falha. Fecho meus olhos e espero pelo momento em que ele dirá para que eu não vá embora, que o nosso amor é, sim, o suficiente porque ele é maior que tudo.

— Eu vou te levar até sua casa.

Viro-me em direção a ele, completamente destruída, aniquilada, quase sem forças até mesmo para respirar.

— Não! — Apesar de tudo, milagrosamente, minha voz soa firme. Encaro-o fixamente, pela última vez, mesmo com a cortina de lágrimas cobrindo meus olhos, quase me impedindo de vê-lo. — Assim como você, eu quero ficar sozinha porque, no fim, é sempre assim que eu acabo... Sozinha.

Vejo-o empalidecer com o que eu disse. Ou, talvez, seja apenas minha mente procurando por sinais que não existam.

Incapaz de continuar sustentando seu olhar, eu saio sem olhar para trás.

Ignoro os gritos atrás de mim. Meu coração dói, mas, dessa vez, não olho para trás.

Chego à calçada e não sei qual rumo certo seguir. Tudo o que eu quero é correr para longe.

Para onde eu vou?

Onde eu posso ir sem que a dor que eu sinto me alcance?

Para o meu desespero, tenho a certeza de que ela irá comigo

para onde eu for.

Mesmo assim, eu corro. Eu corro até não sentir o ar em meus pulmões, até não conseguir sentir minhas próprias pernas, que estão adormecidas. E, quando sinto todas as minhas forças indo embora, caio em um banco de uma praça e deixo toda a dor me dominar. Grossas e sentidas lágrimas lavam a minha alma e, aqui, sozinha como sempre estive, perco a noção do tempo.

Quando a noite cai, chego ao meu apartamento, tão vazio quanto eu, mas, ao mesmo tempo, carregado de memórias. Para cada canto que eu olho, sinto a presença dele. No sofá onde fizemos amor ou, simplesmente, onde ficávamos vendo TV até eu adormecer em seus braços. Inclusive as paredes estão impregnadas de lembranças. Simples paredes, mas que guardam recordações que eu jamais seria capaz de esquecer em toda minha vida.

Nesse momento, algo dentro da minha bolsa vibra. Tiro o meu celular e vejo que há várias ligações perdidas de Adam.

Envio uma mensagem dizendo que estou segura, já que dizer que estou bem seria mentira. Não quero que a preocupação dele o faça vir até aqui. Isso só me machucaria ainda mais.

Desligo o aparelho e coloco-o na bolsa, que jogo no sofá. Literalmente, arrasto-me até a cozinha. Não sei por que vou até lá, apenas preciso fazer alguma coisa. Sinto-me como uma casca vazia e seca, rastejando-me.

Como amar alguém pode causar tanta dor?

Não quero chorar, mas é praticamente impossível. O que eu faço com tanto sentimento explodindo em meu peito?

Estaco, perturbada ao ver as velas que enfeitam a mesa. Não posso continuar aqui.

Então, com o coração oprimindo, sigo em direção ao quarto. Lá o cenário romântico não é diferente. A surpresa que eu havia preparado com tanto cuidado e carinho permanece esperando por nós dois.

— Meu Deus, me ajuda! — O gemido de dor me faz dobrar o meu corpo enquanto escorrego pela porta até o chão.

Enrolada em mim mesma, deixo que a devastação me tome mais uma vez.

— Adam... — gemo seu nome — Meu Deus!

Ele havia me ensinado a amá-lo, mas não me ensinou a viver sem ele.

Como eu posso esquecer se sinto que eu nunca serei capaz de fazer isso? Então, eu choro, desesperada e compulsivamente. *Amar não é suficiente*, foi o que ele disse.

Amá-lo significa tudo para mim.

Capítulo 35

Adam

Alguns dias atrás

Assim que eu a deixei em segurança em sua casa, voltei para a minha casa vazia, fria e sem vida. O sol que a iluminava havia partido, deixando sobre mim densas nuvens cinzentas. Eu estou ligado no automático. Meu corpo obedece aos comandos básicos do meu cérebro, mas a minha alma está desligada. Eu sou bom em trancar os meus sentimentos no lugar mais sombrio. Foram anos fazendo isso, mas ter que praticar isso com ela é muito mais difícil do que imaginei.

Eu quis tomá-la em meus braços e dizer que tudo ficaria bem. Eu quis apagar dos seus olhos a sombra de tristeza ao me ver partir. Mas eu não pude. Não enquanto essa ameaça pairar sobre sua cabeça.

Prefiro mil vezes sofrer vendo-a longe de mim do que ter que visitar sua lápide ano após ano. Eu ficarei bem, sabendo que teve uma vida tranquila e feliz, mesmo que não seja ao meu lado.

E três dias longe dela foram suficientes para me enlouquecer.

— Eu fiz aquela massa que você gosta — o tom em sua voz é tão alegre e espontâneo que trouxe um sorriso aos meus lábios. — Sendo honesta, foi a Juliene quem fez, mas eu supervisionei tudo e Lola comprou aquele vinho que você gosta.

Cada palavra dela é como uma punhalada em meu peito. Eu ia partir seu coração e isso estava me matando.

Eu deveria acabar logo com isso, mas eu não pude. Não quando ainda está ferida e indefesa. Preciso que esteja bem para o que irei fazer. Que ela esteja forte, nem que seja fisicamente.

— Eu só liguei para dizer que tenho uma viagem inesperada para fazer — a mentira castigou muito mais a mim do que a ela. — É inadiável e parto ainda hoje.

Não preciso viajar a trabalho como eu disse. Havia passado toda a minha agenda para Savannah. Ela me daria cobertura enquanto estivesse fora. A verdade é que eu estou fugindo. Dela, dos meus sentimentos e da dor que, a cada dia, me destrói um pouco mais.

Dessa vez, eu não havia feito nada, não diretamente, mas os meus erros ou as escolhas erradas que fiz no passado

colocaram em risco a vida da única mulher que já amei em toda a minha vida.

Eu pensei que ser condenado a viver sozinho seria castigo suficiente para o que fiz à Cecília e ao bebê. Nunca estive tão enganado. Aquilo não era viver no inferno como eu pensei. Meu inferno, eu vivo agora.

— Isso é bom porque não precisará mais inventar desculpa para não me ver.

As palavras ácidas são como fel que sai de sua boca e atinge o seu objetivo, ferindo-me por causar dor a ela.

— Desculpe — sua voz soa estremecida — Eu não quis dizer isso.

— Você quis e eu mereci — reconheço.

Eu amo você.

Foi com essas palavras ecoando em minha mente e coração que eu fui para o meu refúgio de uma semana, na cabana de caça que Peter tem fora da cidade. É bem rústica, possui um banheiro minúsculo e uma cozinha acoplada ao único cômodo que serve de quarto.

Eu não dormi bem à noite e, durante o dia, passei correndo pela mata e explorando a região. Qualquer coisa que não me fizesse pensar nela, nas ameaças e em todos os motivos que nos impedem de continuar juntos.

Eu não vou falhar dessa vez!

Continuo a correr pela estrada que leva à cabana. Um carro preto passa por mim em alta velocidade e para bruscamente a alguns metros à minha frente. Tanto em meu lado esquerdo como no direito só há uma densa vegetação.

— O que você veio fazer aqui? — pergunto ao homem truculento que sai vagarosamente do carro.

— Eu tenho algo que interessa a você — informa Peter, assim que me aproximo mais do carro. — Entre, eu vou te dar uma carona.

Não gastamos mais do que cinco minutos para estarmos no interior da cabana. Peter se serve do café que eu havia preparado mais cedo. O gosto horrível do líquido negro não parece incomodá-lo.

— Então? — pergunto-lhe, impaciente.

Ele desliza o envelope pardo pela pequena mesa no centro do cômodo até chegar a mim. Peg-o segundos antes de atingir o chão.

Dentro, encontro algumas fotos de um restaurante. Duas mulheres parecem desenvolver uma conversa tensa. É o que sugere as expressões carrancudas e fechadas em seus rostos.

— Grace e Celeste? — desvio o olhar das fotos para olhar para ele. — O que as duas fazem juntas? Quando foi isso?

— Ontem à noite — ele me fala. — Quanto ao que elas estavam fazendo... Isso é o que nós vamos descobrir.

A adrenalina corre solta pelo meu corpo. Eu sempre desconfiei que Celeste estivesse por trás das ameaças contra Penelope. Eu só não quis aceitar isso.

Obviamente, ela sabe a verdade sobre o dia da morte da filha. Não foi um acidente que levaram minha ex-noiva e meu filho de mim. Foram minhas ações egoístas que fizeram Cecilia ficar tão abalada e perder o controle da direção.

Celeste sabe da minha culpa. Por isso, durante esses anos todos, ela insistiu naquela lavagem cerebral de que eu deveria ser fiel à memória da filha dela enquanto eu vivesse.

Inicialmente, foi conveniente para mim. Eu não quis me apegar a ninguém e ter que provar, outra vez, a dor da perda, principalmente a da culpa.

Eu saí com o maior número de mulheres possível, afirmando a mim mesmo que nenhuma delas me importava. E não importaram mesmo. Eu tive momentos bons com algumas delas. Mas não passaram disso, momentos. Na semana seguinte, nem lembrava mais dos seus nomes.

Estive bem assim por muitos anos. Sexo sem compromisso, sem sentimentos. Era confortável.

Até que ela apareceu.

E quando a vi naquela festa... Quando a vi passar por mim

indo em direção à varanda, tão linda e encantadora, alheia a todos os olhares masculinos cobiçosos em sua direção, senti raiva de cada um deles. Foi o pensamento mais inquietante que eu já tive. Eu nem conhecia a jovem linda que havia cruzado o meu caminho, mas já havia surgido um ridículo sentimento de posse em relação a ela.

A mulher estonteante que estava tagarelando ao meu lado deixou de ter importância. Eu precisava seguir a mulher desconhecida e encontrar alguma forma de falar com ela.

Ainda não me recordo de como dispensei minha acompanhante. Eu apenas me vi indo em direção à varanda, em busca do meu alvo.

Para minha decepção, eu a encontrei com um cara insignificante e, obviamente, bêbado. Claro que ela deveria ter um namorado. Quando estive prestes a ir embora, percebi que a conversa entre eles não estava indo bem. Namorado dela ou não, ela não parecia gostar do rumo que a situação seguia. Foi aí que entrei em ação.

Descobri, depois, que aquele verme era apenas um impertinente idiota. Isso me fez sorrir como um garotinho ganhando o primeiro caminhão de brinquedo.

Impossível apagar das minhas lembranças o beijo que trocamos naquela noite, a primeira noite do ano. Inconscientemente, disse-me que era o fim dos meus dias solitários e vazios. Agora eu vejo que foi naquela noite que eu

havia me apaixonado por ela.

Com Penelope, descobri que a vida poderia me dar uma nova chance. Com ela, estou disposto a tudo. Eu faria qualquer coisa que a fizesse feliz, menos colocar sua vida em risco. Eu prefiro mil vezes vê-la feliz a provocar algo que tire sua vida. Eu não consigo imaginar isso.

— As duas estão unidas para nos separar — digo a Peter enquanto jogo, apressadamente, todas as minhas roupas na mala. — Eu vou acabar com as duas.

— Calma aí, cara — Peter cruza os braços e para de frente a mim. — Até o momento, são suspeitas e suposições.

— E o que você sugere, Peter? — grito, irado. — Que elas tomem o próximo passo? E qual seria o próximo passo? Matá-la dessa vez?

Lembro-o do seu último conselho e tenho vontade de esganá-lo.

— Deixar que deem um tiro nela ou algo parecido?

Vejo-o respirar fundo e esfregar os olhos.

— Tenta não ficar paranoico, está bem? — ele exige. — Eu tenho um dos meus homens fazendo a segurança dela.

— Isso não impedirá um tiro à longa distância — jogo a última peça de roupa na mala e fecho-a com raiva. — Não impedi que fosse atropelada na minha frente.

A dor e desespero que eu senti naquele dia foram tão intensos que posso vivenciá-los apenas fechando meus olhos.

— O que nós temos contra elas além dessas fotos e de uma remota desconfiança?

— Isso é algo que eu vou descobrir — repito as palavras dele antes de seguir em direção à porta.

Durante o caminho de volta à cidade, eu medito sobre as fotos onde as duas aparecem juntas. Em uma delas, Grace parece agitada, com o dedo em riste em direção a Celeste. Nas seguintes, ela parece sair furiosa do restaurante.

Há quanto tempo elas se encontram e planejam isso?

Pensando sobre as duas, vejo que elas têm motivos suficientes para querer se vingar de mim. Celeste perdeu a filha por minha causa. Creio que, em sua mente conturbada, ela acredite que eu deva ser confinado em um mundo de recordações e sofrimento. O quadro que ela fez prova quão louca ela pode ser. Sem dúvida, ver-me feliz e apaixonado por outra pessoa desencadeou sua insanidade reprimida.

Quanto a Grace, o despeito por ser desprezada pode tê-la

feito se aliar a Celeste.

Mas, por mais que tudo isso faça sentido, judicialmente eu não tenho nada contra as duas além de fotos que não significam nada.

Olho pelo retrovisor e vejo o carro de Peter atrás do meu. Ele tem razão. Não há nada que incrimine aquelas duas malditas. Estou com as mãos completamente atadas.

Agora, é esperar que elas façam algo que possamos usar como prova e aguardar o próximo passo. Só que a tentativa em afastar Penelope de mim pode ser fatal para um de nós dois e eu não estou disposto a correr esse risco.

Eu chego à mansão que foi meu segundo lar por algum tempo. Após ter a permissão da segurança para entrar, estaciono o carro de qualquer jeito, salto e praticamente corro até a entrada.

Após apertar a campainha insistentemente, a governanta atende com olhar contrariado.

— Ah, olá, senhor Crichton — cumprimenta-me sorrindo ao me reconhecer.

— Chame a Celeste, Aimée — ordeno-lhe, ao entrar na casa.

— Sinto muito — diz ela — Se tivesse ligado antes de vir, eu o teria avisado que o Sr. e a Sra. Turner viajaram hoje de manhã.

— Viajaram? E para onde eles foram?

— Para a Virgínia. Foram visitar alguns parentes do doutor.

Droga! É muito conveniente que Celeste tenha deixado a cidade agora. Talvez, esteja apenas me despistando enquanto, provavelmente, idealiza um novo plano contra mim, caso o anterior não surtisse o efeito desejado.

— Sabe quando eles voltam?

— Não, senhor.

— Tudo bem — sigo em direção à saída. — Eu volto em uma outra hora.

— Eu aviso à senhora que esteve aqui? — indaga, acompanhando-me até a porta.

— Não é necessário. Peço apenas que me avise quando Celeste estiver de volta. Eu quero fazer uma surpresa.

— Claro, senhor — ela sorri de volta. — Eu ligarei.

Cruzo o portão, frustrado e irritado ao mesmo tempo.

— Ela não está aqui — informo a Peter, que está escorado contra o seu carro, devorando uma barra de chocolate, como se meu mundo não estivesse um verdadeiro caos.

— Eu teria avisado se não tivesse saído como um louco — ele arremessa o último pedaço na boca.

— Porra, Peter! — Tenho vontade de esganá-lo nesse

momento. — Celulares foram feitos para falar com as pessoas, não apenas para esses jogos ridículos que você tem.

Ele me encara com pouco caso e cruza os braços contra o peito. Seu olhar me diz que busca uma grande dose de paciência.

— Você precisava extravasar — murmura ele. — Vamos. Temos mais alguém para ver, certo?

É irritante quando um dos seus amigos o conhece mais do que você a si mesmo.

Dessa vez, eu que o sigo em direção ao conjunto de prédios onde Grace mora. Não há segurança na entrada, então seguimos direto para o sexto andar, onde fica o seu apartamento. No entanto, antes que eu toque a campainha, Peter me afasta, abrindo a porta com uma das suas dezenas de habilidades.

— Isso é invasão, você sabia? — digo-lhe, assim que entramos no minúsculo apartamento.

— E mais divertido também — afirma, antes de começar a vasculhar cada canto.

As gavetas na cozinha, em baixo das revistas em cima da mesa. Peter vai em direção ao quarto e eu o sigo sem entender o que ele procura.

— O que espera encontrar? — pergunto-lhe, analisando o local.

— Descobrimos muito sobre uma pessoa ao analisar sua

casa — afirma, fechando a porta do guarda-roupa. — E essa é uma mulher bem desorganizada.

Olho para as roupas espalhadas na cama ainda desfeita.

— Pouco me importa a personalidade da Grace. Eu só quero torcer seu pescoço e...

Antes que eu possa continuar, ouvimos o barulho da porta sendo aberta e fechada em seguida.

— Bom, acho que não irá precisar esperar tanto quanto imaginei.

Saímos do quarto imediatamente. Meu coração dispara como uma britadeira em meu peito. Não por ser pego invadindo propriedade alheia, mas porque não sei qual será minha reação ao ficar cara a cara com Grace. Por muito menos que o atropelamento de Penelope, eu quase a esganei.

— Ah!... — seus olhos saem de órbita ao nos ver.

A sacola em suas mãos cai em um baque estridente. A garrafa de suco de laranja rola até meus pés e os ovos fazem um verdadeiro estrago no carpete cinza.

— Como entraram aqui? — pergunta, levando a mão ao seu peito.

— Pergunta errada — diz Peter, escorando-a contra a parede ao meu lado. — O certo é: por que estamos aqui?

Ela sorri, cinicamente, e me encara com um olhar lascivo.

— Por que Adam cansou de brincar de casinha com a loira estúpida e vocês querem se divertir?

— Não fala dela, sua vagabunda! — Vou, em direção a Grace, determinado em finalizar o que Savannah havia me impedido daquela vez.

— Calma aí, esquentadinho — eu sou arremessado contra a parede ao meu lado. — Eu tenho certeza de que a dama irá colaborar com a gente.

Eu massagueio meu ombro dolorido e encaro a mulher com um olhar mortal.

— O que vocês fizeram com a Penelope garante um bom tempo de cadeia, Grace — digo a ela, feroz. — Eu não vou descansar até conseguir isso.

A mulher me encara com os olhos arregalados. Ela sabe que não estou blefando e conhece minhas habilidades como advogado.

— Eu não sei do que ele está falando — diz a Peter. — Eu não fiz nada.

Cínica. Jogo as fotos em cima dela. Algumas se espalham pelo chão enquanto ela analisa as que conseguiu segurar.

— Estavam comemorando seu plano hediondo?

O urso rugindo dentro de mim ameaça atacar a qualquer momento.

— Nós sabemos que está envolvida com a Celeste — acusa Peter, bem mais tranquilo que eu. — Pode não ter dirigido o carro que atropelou a Srta. Walker, mas está suja até a raiz dos cabelos. Fale a verdade. Isso será melhor para você.

Vejo-a respirar fundo e seus lábios tremerem. Eu não vou cair no seu joguinho.

— O que você e Celeste planejavam nesse dia?

— Ela... Hã... — Grace procura Peter com o olhar, como se ele fosse protegê-la contra mim.

— Fale, Grace! — Ordeno.

— Celeste queria informações sobre a loira...

— Ela tem nome.

Será que a infeliz não entende que se referir a Penelope de forma tão insolente só irá elevar minha ira?

— Ela queria informações da Srta. Walker — murmura. — Assim como vem obtendo de todas as mulheres com quem sai por um tempo maior do que o habitual.

— Está me dizendo que passou informações da minha vida...

Avanço em direção a ela, cego pela raiva e cheio de desejos assassinos.

— Eu-eu só dizia se... Se determinada mulher indicava perigo — gagueja, comprimindo-se contra a parede. — Nunca foi

necessário falar muita coisa até a loir... Até Penelope aparecer.

— Então, você é informante da Celeste? — Peter para em frente a ela, fazendo uma barreira entre nós com seu corpo. — E sobre as ameaças, as cartas e a tentativa de assassinato?

— Eu não sei de nada disso — choraminga. — Celeste queria informações sobre a moça e eu não trabalho mais com o Adam.

— Mentirosa! — Tento afastar Peter da minha frente, mas mover uma montanha de músculos não é uma tarefa fácil.

— Estou dizendo a verdade — insiste. — Tem que acreditar em mim. Eu sei que agi errado, mas eu amo você.

— Vocês pareciam discutir — Peter segue interrogando-a antes que eu possa respondê-la. — O que houve? O plano inicial não deu certo? Celeste não cedeu às suas chantagens por mais dinheiro em busca de informação?

— Aquela velha é completamente maluca. Além disso, eu fui ao encontro dela pelo dinheiro. Algum retorno eu teria que ter, ainda mais agora. Mas eu não tenho nada a ver com as tentativas de assassinato e as ameaças de qualquer tipo.

— Eu vou acabar com você, Grace!

— Vai se arrepender se fizer isso.

De alguma forma, eu consegui me desviar do paredão que bloqueava minha passagem e sacudi-la para o outro lado, contra

o sofá.

— Não vale a pena, Adam — Peter me arrasta para o outro lado, próximo à porta. — Eu vou investigar isso, Grace. Se estiver mentindo, irá se ver comigo.

Ela encolhe-se no sofá e nos encara com o rosto carregado de pavor.

— Eu vou vigiar cada passo seu. Cada respiração, cada suspiro — Peter se aproxima dela, segura o seu queixo com força e continua, com a voz calma. — Se a Celeste voltar a entrar em contato, você irá me avisar imediatamente. Você será nossos olhos e ouvidos e fingirá que essa visita nunca aconteceu. Entendeu?

Ela concorda com a cabeça. Logo me vejo sendo arrastado para fora. Minha vontade é de retornar e esganar a maldita mulher até que todo ar saia de seus pulmões.

— Nós vamos sair assim? — pergunto a ele, incrédulo. — Sem fazer nada?

— Você quer fazer o quê? — indaga-me Peter. Em seus olhos, há um inegável brilho de insatisfação. — Matar a mulher e darmos um fim no corpo?

— Eu não me importaria em fazer isso — resmungo, ao descer as escadas. — Você ouviu o que ela disse lá dentro. Me vigiou por dois anos!

— Pode processá-la se quiser, mas isso não vai impedir a

maluca da Celeste se ela estiver por trás disso.

— Se ela estiver? — pergunto, irritado.

— Algo nessa história não se encaixa — assegura, pensativo.
— Digamos que Celeste seja mesmo a louca obcecada por você. É um plano preciso demais para ser elaborado por uma desequilibrada. Grace me parece mais venenosa e interesseira do que ardilosa. Eu preciso de tempo.

— E quanto à Penelope?

— Que querem atingir você usando ela, está óbvio — paramos na entrada e ele analisa o ambiente antes de continuar.
— Cedo ou tarde, essa pessoa deixará uma pista...

— Quer usá-la como isca? — corto-o rapidamente.

— E se não for a Celeste? — insiste ele.

— Nesse caso, eu darei o que querem — as palavras saem amargas da minha boca. — Ou o que ela quer. Eu vou afastar Penelope de mim.

De repente, o pequeno hall de entrada me parece menor que uma caixa de alfinetes. As paredes parecem se mover de encontro a mim, sufocando-me.

— Adam...

— Eu não vou colocá-la em perigo — murmuro, sentindo-me derrotado. — Isso não é negociável. Já tive uma amostra do que pode acontecer. Do que eu senti. Não vou passar por isso

novamente. Eu não posso.

Com essas palavras e com o olhar piedoso em seu rosto, eu saio rumo a um caminho que não causará apenas o meu sofrimento. Isso é o que mais me destrói.

Os dois dias seguintes foram um verdadeiro inferno. Foram inúmeras vezes em que eu resisti à tentação de procurá-la, de pedir que fugisse comigo para qualquer lugar do mundo. Longe de tudo e de todos. Só que levá-la para longe não irá solucionar nossos problemas. Estão atrás de vingança e, para onde formos, irão nos acompanhar. Eu já havia prejudicado Penelope o suficiente. Seus olhos estão sempre iluminados quando fala sobre a vida que conquistou aqui. Ela ama New York e o seu emprego na DET. Ela está muito orgulhosa de si mesma e, principalmente, feliz.

Não posso tirar isso dela e fazer como todos fizeram sempre, anulando-a, mudando sua vida radicalmente.

Eu nunca deveria ter me infiltrado em sua vida. Desde o começo, eu soube que causaria problemas. Mas quem consegue resistir ao amor quando ele invade seu coração sem dar a menor possibilidade de repelir?

Eu escolhi essa sexta-feira para anunciar minha decisão a ela. Primeiro porque Penelope precisará de tempo para encarar a decepção. Depois, hoje é o dia que terá alta médica e estará fisicamente recuperada.

Eu me sinto um verdadeiro filho da puta por isso. Causarei uma grande dor, eu sei. O que me conforta é saber que ficará segura. Assim que isso terminar, eu a terei de volta e ela compreenderá os motivos que me levaram a afastá-la de mim.

— Um doce pelos seus pensamentos – sinto a mão delicada em meu rosto e a voz suave que eu reconheceria até mesmo em um estádio repleto de torcedores barulhentos.

Viro-me porque a necessidade de vê-la é tão importante como a de respirar.

Deus! Eu não serei capaz de fazer isso.

— O que faz aqui? — encaro-a, tentando aparentar a frieza que estou muito longe de sentir. Minha vontade é de abraçá-la e enviar para longe qualquer ameaça que nos separa.

— Saí do hospital agora – diz.

Eu vi que tentou eclipsar com um sorriso a mágoa brilhando em seus olhos.

— Achei que ia gostar da surpresa. Não gostou?

Ver você foi a melhor coisa que aconteceu no meu dia.

Eu quis dizer isso a ela, mas as palavras ficaram presas em

minha garganta.

Apoio-me contra a parede de vidro por meio da qual estive observando a cidade. Tenho que pôr um fim a isso, mas ainda sou incapaz de deixá-la. Por essa razão, seguro firmemente suas mãos.

— Como está o seu braço? — deslizo meus dedos em sua pele, deleitando-me com a maciez. Meus dedos parecem estar em chamas. O fogo em seus olhos me diz que com ela não é diferente.

Controle-se, Adam!, ordeno a mim mesmo.

— O que o médico disse?

— Já estou bem — ela sorri. O sorriso mais lindo que eu já presenciei em toda a minha vida. — Ainda ficará um pouquinho dolorido, mas nada que me impeça de voltar ao trabalho....

Senhor! Como eu conseguirei seguir em frente?

— Isso é muito bom.

Continuo a acariciá-la. Eu preciso desses últimos minutos de delicadeza. Mas, quando ela me abraça, eu sinto a paz que somente o amor dela consegue transmitir a mim.

— Senti sua falta — murmura baixinho em meu ouvido.

Agarro-me a ela, como se fosse meu único porto seguro e a minha única razão de me manter vivo. Eu gostaria que ela notasse, em meus olhos, o mesmo amor ou, talvez, um amor muito mais grandioso. Que ela visse a verdade. Não é Penelope

que precisa ser salva, sou eu.

— Precisamos conversar — digo, friamente, afastando-a de mim.

O caminho até minha casa é abafado pelo som de um rock potente no carro. Eu vi, em seus olhos, milhões de questionamentos, mas não estou pronto para responder.

Ofereço-lhe uma bebida assim que chegamos. Ela recusa, mas eu preciso de algo que me dê o encorajamento necessário para seguir adiante.

Trouxe-a até minha casa porque não quis impregnar a dela com lembranças ruins.

— Adam?

Escuto meu nome e meu corpo parece virar concreto. Respiro fundo. Eu havia me preparado para esse momento nos últimos dois dias, mas a realidade é muito mais assustadora.

— Eu tentei — inicio, encarando o chão. Se eu encarasse seu olhar doce, eu não conseguiria. Ainda não sei se consigo. — Eu não posso lidar com isso. Ser dependente de outra pessoa ou que ela dependa de mim. Eu não consigo.

Palavra a palavra, mentira a mentira, meu coração parece estar se rasgando em meu peito. *Eu preciso fazer isso*, minha mente ordena. Tenho que fazer com que ela acredite que ficarmos juntos não é possível. Ela não acreditaria em qualquer desculpa boba.

— Você merece mais do que isso — balbucio. — Alguém melhor do que eu. Que ofereça o que eu não posso dar.

— Não! Eu sei que é por causa do maldito acidente que balançou você — suas mãos trêmulas seguram meu rosto. — Depois dele que tudo mudou.

Sim, é verdade. Tenho sempre que ter isso em mente. É para mantê-la segura, mesmo que isso seja minha destruição. Porque tê-la viva e bem é tudo o que me importa.

Enquanto ela fala, eu tento buscar resistência.

—Eu posso te fazer feliz...

Você já me faz feliz apenas por existir, pequena.

— Você tem razão, Penelope, há coisas que você não pode controlar — seguro suas mãos e as afasto de mim.

Há outras pessoas que conduzem nossas vidas como se estivéssemos ligados a fios de marionete. Há um maldito desgraçado brincando com nossas vidas como se fosse Deus.

Afasto-me para o mais longe dela possível. Olho para o copo em cima do balcão.

— Mas essa é uma decisão minha — o som sai da minha boca quase inaudível, mas foi o suficiente para que me ouvisse e começasse a me odiar. — Eu escolho ficar sozinho.

— Por que está fazendo isso?

Os seus soluços aniquilam minha alma. Eu sinto que não

há chão sob meus pés. Que isso ao menos fosse verdade e que me levasse ao inferno, que é onde mereço estar.

— Droga! Não torne tudo mais difícil do que já é — disparo.

Em minha última tentativa de convencê-la, falo sobre bebês e minha escolha em não tê-los. Outra mentira, pois faria tudo por ela. Teria mil crianças se assim o desejasse.

— Você disse que me amava! — Deixo que ela me ataque e que desfira em meu peito toda mágoa e desapontamento. — Disse que me amava na igreja, para o meu pai e para uma cidade inteira. Não pode ter sido mentira.

Eu estou fraquejando. Estou caindo tanto quanto ela. Mas a única parte digna em mim incentiva-me a fazer o correto. Em uma única vez em minha vida, o que eu quero não será mais importante do que quem eu amo.

— Quero a minha vida de antes, mas ainda podemos ser amigos.

— Não quero ser sua amiga!

Eu sei que somente as palavras duras e as mentiras cruéis serão capazes de convencê-la do grande cretino que sou. Por isso eu faço tudo isso.

— E-eu... — balbucia, abraçando a si mesma. Como uma garotinha sozinha e desolada. — Eu preciso de você. Não me afasta assim. Não faça comigo o que todo mundo faz. Não vá embora. Eu te amo, Adam. Eu não queria, mas eu amo. E eu te

amo tanto...

Seja forte.

— Esse é um dos casos que amar não é o suficiente – sussurro, tentando *me* convencer. — Um só amar não basta...

Vejo-a seguir em direção à porta. Pânico e desespero tomam conta de mim.

— Penelope?

Convença-me! Diga que estou errado! Que eu sou um idiota. Fique. É o que diz cada batida em meu peito.

— Eu vou te levar até em casa — foi tudo o que consegui dizer.

— Não! — Seu olhar, apesar de arrasado, é firme. — Assim como você, eu quero ficar sozinha porque, no fim, eu sempre acabo... Sozinha.

Sinto-me empalidecer. As palavras feridas me destroem. E se eu tivesse ido longe demais? Se a tivesse matado em vida? Doeria tanto como jogar o último punhado de areia sobre o caixão.

Eu havia prometido que ficaria ao seu lado sempre. Mais uma vez, falhei com quem eu menos deveria errar.

—Penelope! — Grito por ela. — Penelope!

Eu imaginei que testemunhar seu acidente e que temer por sua vida tivessem sido as piores dores que já senti. Esse foi o meu

maior engano. Vê-la partir e ter que afastá-la da minha vida, odiando-me, é muito pior e a dor é a mais lancinante do mundo.

— Charmosa...

Meus joelhos tocam o chão enquanto a dor é convertida em meus olhos através de lágrimas pesadas.

Por alguns minutos, tudo o que consigo fazer é mergulhar em uma dor profunda.

Quando eu me dou conta de que ela havia ido embora e tão abalada como fiquei, eu me ergo. Corro em direção ao meu carro.

Dirijo como louco, o percurso da minha casa até o apartamento dela foi feito em um terço do que eu geralmente levaria.

Toco a campainha insistentemente.

— Penelope! — Digo contra a porta. — Eu só quero saber se está bem.

Nada. Ligo para o seu celular, mas a ligação é direcionada para a caixa de mensagens.

Bato na porta. Dessa vez, tento até que me dou conta que não está em casa. Por mais que esteja brava comigo, ela não me

permitiria chamar a atenção dos vizinhos assim.

Após inúmeras tentativas frustradas no celular, eu procuro a única pessoa que pode me ajudar nesse momento.

— Peter? — praticamente berro ao telefone. — Diga-me que ela está bem.

A ordem é que um dos seguranças dele esteja perto dela o tempo todo, então devem saber onde ela está.

— Na medida do possível, sim — murmura. — Eu mesmo estou a observando de longe.

— Onde ela está?

Vou buscá-la. Vou dizer a ela tudo o que está acontecendo. De alguma forma, iremos encontrar uma solução para isso. Darei um jeito de protegê-la.

— Em uma praça — suspira. — Adam...

Há uma pequena pausa, como se ele buscasse as palavras certas para me dizer.

— Eu ficarei por perto. Acho que já causou estragos demais por hoje — constata. — Se você a ama mesmo, deixe-a curar suas feridas. Deixe-a sozinha. Já causou estragos suficientes.

O som agudo indica que ele havia encerrado a ligação. Mas suas palavras, persistentemente, continuam ecoando em meus ouvidos.

Deixe-a sozinha. Já causou estragos suficientes.

Arrasto-me de volta para o meu carro. Dirijo por algumas horas, sem rumo.

Deixe-a sozinha. Já causou estragos suficientes.

O rosto conturbado e repleto de dor de Penelope e as palavras de Peter perseguem-me duramente.

Paro para abastecer. Há um pub do outro lado da rua. Pelas roupas que vejo nos homens que circulam por ali e as motos estacionadas no lado de fora, esse deve ser um clube de motoqueiros.

Entro no ambiente escuro e forço meus olhos para me adaptar à penumbra. O rock pesado é alto o suficiente para nos fazer gritar para sermos ouvidos. Mas arrisco dizer que minha entrada silenciou até mesmo a música. Obviamente, um homem vestido de terno Armani é a última pessoa que eles esperam encontrar por aqui.

Sigo direto para o balcão e peço uma dose dupla de uísque para o barman barbudo, cheio de tatuagens e olhar de poucos amigos.

Estou indo para o segundo copo quando meu telefone toca. Atendo rapidamente.

— Ela já está em casa e segura — a voz de Peter causa-me grande desapontamento. Poderia ser Penelope ligando.

— Como ela está, Peter? — pergunto, elevando a voz.

— Quer mesmo que eu responda isso?

Eu não preciso ouvir novamente como eu havia arruinado a vida dela. Essa certeza me persegue como um fantasma.

— Onde você está?

— Em um clube de motoqueiros — encaro o barman que enche meu copo novamente. — Qual é nome? — pergunto a ele e giro o dedo em torno do lugar. O homem responde, exibindo dentes amarelados.

— Hell — informo a Peter — Interessante, não é? Acho que acabei no lugar certo.

— Não saia daí — diz, agitado. — Estou indo encontrar você.

Outra vez a ligação é encerrada antes que eu possa dizer alguma coisa, e eu nem havia dado o endereço a ele.

Meu telefone vibra.

Estou bem. Esqueça-me. E eu vou aprender a te esquecer.

— Outra — sussurro para o homem no bar. — Tripla.

O quão longe eu havia ido para afastá-la dos meus braços?

Eu a deixei partir, tendo a certeza de que, um dia, a teria de volta.

Mas a minha arrogância não me deixou enxergar que amor a gente perde, como já disse ao pai dela.

Talvez, eu tivesse destruído a única coisa boa em minha

vida.

Não sei quantas horas depois me vejo me equilibrando entre uma mesa e outra. Achei que a bebida tivesse o poder de entorpecer todas os meus sentimentos, mas ela parece apenas ter intensificado.

— Ele está roubando — digo a um dos barbudos musculosos na mesa de pôquer.

Não sei como ainda consigo falar, já que minha língua parece anestesiada.

— Mas você é um grande babaca que não está vendo — continuo. O grandalhão se levanta e me encara furiosamente.

— Isso é verdade, Cão Doido? — o homem vocifera para o magrelo queixudo ao meu lado.

— Cão Doido? — começo a rir ao olhar para o magricela com olhar esquisito — E você é o que, a coleira dele?

Agora tenho dois motoqueiros irados olhando para mim. Eu não me importo. Estou disposto a uma boa briga. Na verdade, não faço a mínima ideia se a Lassie estava roubando ou não. Eu quero desferir minha raiva em alguém. Claro que provocar um

homem com quase o dobro do meu tamanho, em um estado em que mal consigo me manter em pé, é, no mínimo, suicídio.

Talvez seja isso o que eu esteja procurando. Dar um fim à merda que chamo de vida.

— Sabe o que eu faço com engomadinhos feito você? — pergunta o grandão, jogando-me em cima da mesa. — Faço-os engolir a minha mão.

— Pois eu duvido, bonequinha — provoco-o ainda mais.

Garrafas, baralho, copos e tudo o que há sobre a mesa voam para todas as direções quando deslizo pela madeira.

Em segundos, vejo o punho de aço atingir o meu rosto. Um golpe atrás do outro. Mesmo que eu pudesse revidar, eu não tentaria. A cada soco em meu rosto, eu vejo o rosto dela. Cada lágrima que eu causei parcialmente é vingada pelo motoqueiro furioso.

Pela primeira vez no dia, a dor em meu corpo é maior do que a da minha alma. Isso me faz me sentir melhor.

— Cai fora!

Escuto uma voz conhecida, mas, nesse momento, não consigo diferenciar com precisão a alucinação da realidade.

Ouçoo um barulho ensurdecador à minha volta. O pouco que meus olhos conseguem abrir, vejo cadeiras, garrafas e pessoas voando por todos os lados. Sou arremessado algumas vezes, até

ser amparado por alguém.

— Certo, vamos cair fora daqui antes que alguém seja morto — afirma a voz.

Estou sendo arrastado em alguma direção. Eu quero voltar para que o brutamontes finalize o que começou. Mas estou ferido demais até mesmo para balbuciar.

— Porra, Adam! — Sinto o banco macio. A vontade de fechar os olhos é grande e cada osso em meu corpo está protestando. — Se queria se matar, eu te daria uma arma, seu filho da puta.

— Peter? — sopro seu nome pelo canto da minha boca deformada. — Talvez, eu quisesse isso.

A escuridão ameaça me atingir.

— Não se atreva a fazer isso comigo, seu desgraçado — apesar da ira emanando dele, sinto a angústia em sua voz. — Adam! Fica comigo, cara. Adam...

Meu nome e o cantar dos pneus são as últimas coisas que ouço antes de ser coberto pelo véu negro.

Capítulo 36

Adam

Acordo desorientado, como se um trem desgovernado tivesse passado sobre mim. São necessários alguns segundos para que meus olhos se acostumem com a luz excessiva. Minha cabeça lateja como o diabo. Toco meu rosto e ele está tão inchado como uma bola de futebol.

Droga!

— O que pensou que estava fazendo?

Olho para o lado. Todo o meu corpo reclama.

— Que merda você estava fazendo, Adam?

— Liam, eu... — tento enxergá-lo através dos meus olhos semicerrados pelo inchaço em tornos deles.

— Cala a boca! — Vocifera ele. — Você vai me ouvir!

Eu nunca vi Liam agir dessa forma antes. Com raiva.

— É a pessoa mais destrutiva que já vi na vida — afirma ele, olhando-me com decepção. — A mais egoísta e a mais estúpida que já conheci. Afastou a única pessoa que o arrancou daquela merda que você chamava de vida. Por um momento, acreditei que teríamos o Adam de antes de volta. Você desapontou a nossa família, a mim e àquela pobre garota também.

— Liam...

— Você é um cretino, Adam! — Ruge, socando minha cama.
— Faz um favor para todo mundo. Quando quiser se matar, faz isso direito.

Eu sei que mereço cada palavra dura que recebo dele, mas elas não ferem menos. Principalmente, porque são verdadeiras. Eu havia desapontado todas as pessoas que me amam.

Antes, eu tinha a sua compaixão. Agora, eu vejo apenas desapontamento, raiva e frustração queimando em seus olhos. Eu nunca presenciei Liam tão chateado comigo como hoje.

— Penelope não merecia isso — assegura. — Eu disse a você que ela não é como as outras mulheres. Inferno! Você deveria saber disso. Não pode ser tão canalha. Eu me recuso a acreditar que seja assim.

Se ao menos eu pudesse dizer a ele sobre as ameaças. Que o atropelamento não foi um acidente como todos acreditam. Assim como Penelope, tenho que deixar Liam fora disso. Conheço Liam. Seu instinto de irmão mais velho viria como um trator. Lembro-me de todas as palavras duras que ele disse a Celeste, após três anos de rituais pelos quais ela havia ficado obcecada.

— A melhor coisa que poderia fazer a Cecilia e ao bebê é seguir em frente — continua dizendo. Dessa vez, eu enxergo uma pequena luz de tristeza em seus olhos. — Se tudo fosse diferente, se você tivesse partido naquele dia, ela seguiria com a vida dela.

Provavelmente, estaria casada e com uma dúzia de filhos.

— Liam, me deixe...

— Droga, Adam! — O olhar duro volta a cair sobre mim. — Ela não era a santa que você imaginava. Não me faça mexer no passado, por favor. Pare de construir um altar em torno de alguém que nem merece isso.

Algo no que ele diz me deixa inquieto.

É a primeira vez que Liam fala sobre Cecília com mais severidade. Na verdade, os dois viviam como cão e gato durante a nossa juventude. Depois da sua morte, ele pouco citou o seu nome.

— Você vai perdê-la — continua ele, indiferente aos pensamentos tumultuados da minha mente. — Penelope foi a melhor coisa que poderia ter acontecido em sua vida. Jogou a sua felicidade pela janela. E a merda de tudo isso é que destruiu um coração inocente no caminho. Um dia, você irá olhar para trás e verá tudo o que perdeu.

Suas palavras são como flechas rasgando o meu peito, cravando-se uma direto em meu coração.

— Você vai esbarrar com a filha dela na rua e ela irá sorrir para você. Um sorriso tão parecido com o da mãe que notará o quanto são iguais e, por um segundo, vai desejar que ela fosse sua filha. Então, a verá partir e se dará conta do que perdeu.

Eu queria que as gotas deslizando pelo meu rosto fossem de

suor, mas elas são a resposta da minha alma atormentada.

A cena que Liam descreve é tão palpável à minha frente, como o lençol que torço com força em meus dedos.

— Eu vou consertar isso — afirmo, desejando acreditar nas minhas próprias palavras.

— Quando? — inquiri-me, exaltado — Quando for tarde demais?

— Eu não sei! — Exclamo, frustrado comigo mesmo.

Tê-la de volta e ter a sua vida na ponta dos meus dedos? Ou mantê-la longe e segura, sob o risco do que Liam descreveu há pouco se torne realidade? Qual me machucaria mais?

Ficarmos juntos com todos os perigos cercando-a ou deixar que continue segura e feliz, mesmo que não seja ao meu lado?

— Liam, cuida dela para mim — peço-lhe, antes mesmo de ter minha resposta. — Não a deixe sozinha nesse momento.

Eu sei que Penelope está sofrendo, tanto ou mais do que eu. Sozinha nesta cidade imensa, tendo que cuidar de si mesma e duvidando do grande amor que sinto por ela. Isso é o que me tortura mais. Não importa o que ou como eu faça. Sempre vou machucá-la de alguma maneira.

— Eu farei isso — diz, dando-me as costas enquanto caminha em direção à porta. — Por ela, não por você.

— Se ao menos você imaginasse... — sussurro para a porta

fechada.

Encolho-me na cama. Não me resta nada além de absorver a dor que me consome.

Penelope me mostrou como o amor pode ser libertador e puro. Eu mostrei a nós dois o quanto pode ferir.

Acordo com pequenos solavancos em meu peito. A dor em meu rosto me lembra do que aconteceu e de onde eu estou.

— Queria ter a certeza que está mesmo vivo — declara Peter, irônico.

— Infelizmente, estou — tento me erguer, mas meus ossos protestam, então volto a me deitar, fixando meus olhos no teto.

— Homem, você está horrível.

— Obrigado.

Escuto-o abrir uma porta do lado esquerdo da minha cama.

Quando volto a encará-lo, há um espelho quadrado em suas mãos.

— Se quiser, pode fazer teste para o Frankenstein — provoca, entregando-me o objeto. — Acho que serão necessárias

algumas plásticas ou centenas de mulheres irão chorar a perda desse rostinho bonito.

Perder meu *rosto bonito* é a última das minhas preocupações. Mas, ao olhar para o espelho, eu fico espantado com o que vejo.

— Minha mãe viu isso?

Meus olhos estão quase fechados devido ao inchaço em volta deles. Há hematomas por todo o rosto e, nas bochechas, parece que foram implantadas bolas de boliche. Além do nariz inchado, que, provavelmente, devo ter quebrado.

— Bem, ela ficou muito abalada ao saber o que houve e no estado em que você chegou aqui — afirma. — Mas eu garanti que a briga não foi tão terrível quanto pareceu.

— Obrigado — refiro-me a ele ter ido ao meu encontro e a ter me tirado da confusão que causei e que poderia ter me levado à morte, e também por mentir para minha mãe.

— Não foi nada — Peter sorri, socando o ar, imitando um pugilista. — Me poupou algumas horas de treino, sabia? Só me avise antes da próxima vez para que eu leve minhas luvas de boxe.

Coloco o espelho ao meu lado na cama e volto a encará-lo.

— O que houve com a sua mão?

Há uma faixa em torno de dois dedos da sua mão esquerda,

indo até pulso.

— Quebrei na cara de alguns motoqueiros com síndrome de valentão — ele balança os ombros. — Poderia ter sido pior.

Tento visualizar a cena de Peter lutando com uma dúzia de homens. Um deles, o que provoquei, tão gigante quanto ele. Sinto a porra da culpa morder minha bunda de novo. Não coloquei apenas a minha vida em risco, mas a dele também.

— Desculpe-me por isso.

— Eu diria que deixaria quieto se você parasse de fazer tanta merda. — garante, com segurança. — Mas seria algo impossível, certo?

Analisando todo o meu histórico de vida, posso dizer que ele tem razão e eu me pergunto, se algum dia, eu quebraria essa rotina de autodestruição.

— Me ajuda — peço, com fervor em minha voz.

— Não é por isso que estou aqui?

Aceno com a cabeça. Encontrar quem está por trás das ameaças será a meta da minha vida. E, quando eu souber ou tiver a certeza de quem me afasta da mulher que eu amo mais do que a minha própria vida, espero que Deus seja mais misericordioso. Porque eu serei implacável.

— Me espera, Charmosa — falo para mim mesmo. — Espera por mim. E, se for possível, me perdoe.

— Ela vai perdoar — diz.

— Como você sabe?

— Porque você não vai desistir — ele me encara, sério —
Vai?

Eu posso agora visualizar uma nova cena. Onde a menina descrita por Liam não passa, despercebidamente, por mim na rua. Ela vem de encontro a mim.

"Pai."

Sim, o sorriso é tão parecido como o da sua mãe.

Pela primeira vez, desde que meu mundo havia se transformado em um inferno, eu sorrio.

— Não, eu não vou desistir.

Capítulo 37

Quem tem um amigo, mesmo que um só, não importa onde se encontre, jamais sofrerá de solidão; poderá morrer de saudades, mas não estará só.

(Amyr Klink)

Penelope

Eu acreditei, fielmente, que estaria blindada contra a dor, que nada mais poderia me machucar e que eu já havia superado todas as mágoas que tive. Então, descobri que sempre há espaço para um pouco mais de sofrimento. Eu jamais senti uma dor tão forte como essa, nem quando Cory morreu praticamente em meus braços. Embora eu tenha sentido muito a sua perda e tivesse conhecido esse sentimento pela primeira vez naquela ocasião, eu era apenas uma menina.

Não me senti tão abandonada quando fui deixada na igreja, tendo que encarar depois os risos e deboches cruéis de dezenas de pessoas. Eu não me senti tão sozinha quando as pessoas me ignoravam e fugiam de qualquer tentativa de aproximação, nem mesmo quando meus pais me viraram as costas. Nenhuma dessas situações me abalou tanto quanto esta.

O motivo? Eu encontrei um novo sentindo em minha vida. Alguém que eu aprendi a amar e acreditei que nutrisse os mesmos sentimentos nobres por mim.

Provavelmente, porque eu seja apenas mais uma mulher tola, talvez uma romântica inocente. Acreditei que vi amor nos

olhos de Adam, que vi nos olhos dele o que eu nunca vi em nenhum outro homem, que ele fosse a segunda parte de mim, a parte que me completava. Mas eu estive errada o tempo todo.

Não que todos os momentos que passamos juntos tenham sido mentira. Recuso-me a acreditar que ele tenha fingido o tempo todo. Mas acho que não foram fortes o suficiente. Não a ponto de fazê-lo permanecer ao meu lado.

Às vezes, penso que, possivelmente, a felicidade não seja para mim. É como se eu não a merecesse. Enquanto algumas pessoas nascem e vivenciam o amor em sua forma mais plena, outras nascem apenas para conhecê-lo e vê-lo ir embora. Esse, talvez, seja o meu caso. Cedo ou tarde, elas vão embora. É provável que o erro seja meu, por não saber manter quem amo comigo.

Meu único desejo, agora, é desaparecer e recomeçar em qualquer lugar do mundo. Talvez ir para o Texas, onde estão Lola e Juliene. Pensar nelas traz novas lágrimas aos meus olhos. Eu gostaria de poder me deitar no colo de Lola e ser acalentada por ela. Ter as palavras de encorajamento de Juliene. Eu desejo até mesmo um abraço da minha mãe. Quem sabe um olhar gentil do meu pai? Qualquer pessoa que pudesse me dizer que tudo ficará bem.

Todas as noites, eu fiquei observando a porta, esperando pelo momento em que ele entraria e diria que se arrependeu, mas ela permaneceu fechada, trancafiando não apenas a minha casa,

mas também o meu coração.

Por mais que eu queira fugir, sei que não posso. Nada irá mudar, não importa para onde eu vá. Essa é um tipo de dor que sempre nos acompanha. Nada fica para trás, nem a dor, nem a saudade e nem as lembranças. Essas nos seguem sempre.

É como se eu tivesse o Adam tatuado em meu peito e seu nome pulsando nas minhas veias, sempre me lembrando de quanto amar alguém pode doer. Algumas vezes, a dor ultrapassa a do coração e eu sinto como se cada célula do meu corpo absorvesse todo sofrimento da minha alma.

Hoje, eu consegui me levantar da minha cama com a esperança de seguir em frente e enfrentar a vida. Os primeiros dias foram mais difíceis do que imaginei. Acordar sozinha, após ter mergulhado em minha dor durante toda a madrugada e não encontrar o corpo dele junto ao meu, foi o que mais fez meu coração sangrar. Saber que não verei mais seu sorriso, que eu não terei mais seus braços em volta de mim durante a noite e que seus lábios nunca mais tocarão os meus é desesperador.

Nesses momentos, tenho vontade de procurá-lo e de tentar entender o que está acontecendo porque nada faz sentido para mim. Por mais que minha mente me fale que eu já me humilhei o bastante, meu coração pouco se importa. Tudo o que eu quero é ter Adam de volta.

Eu esqueceria tudo e perdoaria todas as palavras frias se ele voltasse para mim. Eu sei, soa patético, mas o que eu sinto

por ele é maior do que tudo no mundo. É até maior do que meu orgulho e do meu amor próprio, que eu sei que deveria falar mais alto. Maior do que todas as lágrimas que ele me causou e ainda provoca. Eu só quero que esse buraco em meu peito pare de me machucar porque, quando estou com ele, sei o que significa ser feliz de verdade.

Essa é a primeira semana desde a nossa separação. Sinto que eu vegetei, vagando por minha casa e torturada por recordações que me atormentam o tempo todo.

Para fugir do vazio e da tristeza que oprimem o meu peito, dediquei toda a minha energia ao trabalho. Mas, em casa, não há como evitar.

— Srta. Walker?

Algumas vezes, sinto que o amo mais do que caberia em meu peito. E que todo amor que eu tenho um dia se transformará em ódio...

— Penelope?

Ergo meus olhos e seco rapidamente as lágrimas que molham meu rosto.

Ótimo. Agora meu chefe presenciou essa cena ridícula. Como se não bastasse ter Aline com pena de mim.

— Desculpe, senhor — olho para os seus pés. Não quero que ele veja mais em meus olhos do já que observou em meu rosto — Precisa de alguma coisa?

— O que você ainda faz aqui? — pergunta, aproximando-se da minha mesa. — São quase nove horas.

Como explicar para ele que tenho saído tarde todos os dias porque chegar à minha casa e ter que enfrentar todos os fantasmas tem sido difícil para mim? Neil não iria entender. Assim como Adam, ele não tem coração.

Deus! Será que eu me tornarei uma dessas mulheres frustradas e amargas que odeia todos os homens? Eu nunca mais me permitiria buscar a felicidade?

— Aline fez um trabalho incrível, mas algumas coisas ficaram acumuladas — manipulo algumas das pastas em cima da mesa, arquivando cada documento em seu devido lugar.

— Senhorita Walker... — sinto sua mão tocando a minha, impedindo-me de continuar. — Eu admiro a dedicação que alguns funcionários têm com esta empresa, mas isso não tem que ser levado aos extremos.

Vejo-o sorrir.

— Vamos, eu vou te levar para casa.

Respiro fundo e tento controlar minha respiração. É só mais um dia.

— Sim, senhor — murmuro, trancando todas as pastas em uma das gavetas. — Só preciso de um ou dois minutos.

Assim que eu deixo tudo organizado, seguimos para os

elevadores. A noite está meio fria, mas, como eu havia deixado meu casaco no sofá quando saí de casa essa manhã, resta-me me aquecer com meus braços.

— Vista isso — diz Neil, entregando-me seu terno assim que chegamos à garagem fria.

— Oh, não é necessário — inicio ao vê-lo passar o tecido em meus ombros. — O carro está bem ali.

Aponto para o carro preto onde Dylan, o motorista, nos espera com a porta aberta.

— Há tantas coisas desnecessárias no mundo — diz, com um olhar consternado. — A infelicidade em seus olhos, por exemplo. Isso deveria ser inaceitável.

Ele ergue meu rosto e vejo o olhar carinhoso que ele me dá.

Merda! Ele não deveria me dizer essas coisas, não quando tudo o que mais necessito agora é de um amigo.

Sem que eu possa evitar, um soluço esganiçado escapa dos meus lábios e me vejo fazendo o que procurei evitar o dia inteiro.

Eu choro.

— Tudo bem — sinto braços protetores em volta de mim. — Ninguém é tão forte que não precise de um abraço. Isso não quer dizer fraqueza. Quer dizer que somos humanos.

— É horrível — soluço em seu peito.

— Não, não é — sinto seus dedos, agora em meus cabelos.

— Significa que somos melhores que algumas pessoas. Mesmo que seja dor, ainda temos sentimentos. É mais do que algumas pessoas podem ter.

Enquanto eu absorvo o que ele está dizendo, percebo que sua vida deve ser tão desafortunada quanto a minha. Ao menos, posso recomeçar a qualquer momento enquanto ele está preso a uma mulher odiosa, cujo único intuito de fazê-lo infeliz. E, se isso não fosse o suficiente, há uma garotinha para quem respinga todo esse redemoinho de sofrimento.

— Eu já estou bem — murmuro, afastando-me. — Desculpe por isso.

— Esse é um segredo nosso — ele pisca um olho e me entrega um lenço. Isso é o que o deixa ainda mais charmoso do que ele já é.

— E do motorista — sorrio, apontando para o homem uniformizado que continua estático, mantendo a porta entreaberta. — E das câmeras de segurança.

— É bom vê-la sorrir outra vez — diz, meio sem jeito. — Vamos, está ficando tarde.

Nós não conversamos durante o caminho até a minha casa, mas sei que algo essa noite tinha mudado. Eu havia conquistado um novo amigo. Há muito tempo eu percebi que o que diziam sobre ele ser um homem frio e sem sentimentos não era verdade. Essa noite, ele me provou isso.

Acredito que Neil só sinta a necessidade de proteger seu coração porque, quando não damos espaço para as outras pessoas, elas não podem nos ferir.

Dez dias. Passaram-se dez dias e, embora eu sinta que meu mundo tenha acabado, continuo viva. Afinal, como Aline havia dito quando me flagrou chorando sozinha na sala de arquivo em meu primeiro dia de volta ao trabalho, ninguém morre de amor, por mais que eu sinta que sim.

— Não vai atender? — Aline pergunta pela terceira vez no dia ao me ver ignorar as chamadas no celular.

Olho para o visor apenas por desencargo de consciência. Outra vez, vejo o nome do Liam surgir na tela. Ele tem ligado todos os dias da semana, mas não posso falar com ele. Ainda não. Não sei se terei forças para suportar.

Uma das coisas que mais me machuca com o fim do meu relacionamento com Adam é ter que desistir de sua família também. Pessoas que eu havia aprendido a amar e que também ocupam um lugar muito importante em meu coração.

— Depois eu retorno — minto, virando a tela contra o vidro

da mesa. — Você pode providenciar aqueles documentos que pedi a você e sair para almoçar, se quiser.

— Certo. Entendo quando sou dispensada — ela me encara com um olhar ofendido e aponta para o telefone. — Mas pode ser algo importante.

Observo-a sair e me pergunto se ela tem razão. Por que Liam insiste tanto em falar comigo? É certo que já deve saber que Adam e eu não estamos mais juntos.

— Penelope! — Salto da cadeira quando ouço a voz do meu chefe atrás de mim. — Quando o Crighton chegar, peça a ele que entre.

— Liam? — pergunto-lhe, confusa.

O que ele poderia vir fazer aqui? Eu sei que são amigos, mas ele nunca havia aparecido antes.

— Adam — diz ele, o olhar focado no meu. — Tudo bem?

Eu entendi o real sentido da pergunta. Mesmo que eu nunca tenha falado nada sobre Adam e eu, aquele dia no hospital me mostrou que ele sabe o que há entre nós dois. Então, a pergunta certa é: eu ficarei bem com este reencontro?

— Claro, senhor.

Quando ele retorna para sua sala, eu caio sobre a cadeira, cubro meu rosto com as mãos e me dou conta de que minha vida será pior do que imaginei. Eu havia me esquecido de que ele,

regularmente, visita a empresa e de que o encontrarei em diversas ocasiões. Enquanto ele estivesse longe, eu saberia lidar com minha dor. Eu já até estou me acostumando a ela, mas ter que tê-lo tão próximo e, ao mesmo tempo, tão longe, irá me aniquilar.

— Penelope.

Meu coração dispara. Afasto minhas mãos do meu rosto e respiro fundo antes de olhar para ele.

Deus! Como posso amá-lo tanto? E, por mais que eu deva sentir raiva, eu sinto *amor*.

Caminho apressada até ele quando noto os hematomas em seu rosto perfeito.

— Adam.

Mas, no meio do caminho, eu estaco.

Já não pertencemos mais um ao outro. O que aconteceu a ele não me importa e, por mais que me doa vê-lo ferido, não há nada mais que eu possa fazer, além de tentar proteger meu próprio coração.

— O senhor Durant está esperando-o. — digo, fugindo dos seus olhos para que ele não veja, nos meus, toda tristeza que estou sentindo. — Pode entrar.

— Penelope...

Vejo-o dar alguns passos em minha direção.

— Não — eu me afasto dos seus braços. — Eu não posso.

Saio em direção aos elevadores, reunindo todas as minhas forças para não desabar. Mas a dor em vê-lo é mais forte que eu.

— Calma aí, senhorita — sinto duas mãos em torno da minha cintura, assim que me lanço para dentro do elevador. — Peguei você! — Eu levanto a cabeça para me desculpar com o homem que havia atingido ao entrar de forma desgovernada.

— Penelope? — indaga-me, com surpresa.

— Maxwell?

Droga! Eu não posso ou quero ter que lidar com isso agora. O que Max faz aqui?

— Penny! — Ele segura meu queixo para olhar em meus olhos. — Você está chorando?

A pergunta é meio óbvia, visto que meu rosto se encontra banhado de lágrimas e eu mal consigo me manter serena.

— Não é nada.

Dou-lhe as costas e encaro a parede metálica. Seco, furiosamente, as lágrimas que insistem em deslizar em meu rosto.

— Penny? — ouço sua voz branda, quase como um sussurro, e sua mão pousa em meu ombro em um afago tímido. — Penny, por favor. Não suporto vê-la assim.

— E desde quando você se importa comigo, Max? —

pergunto-lhe, furiosa com ele, comigo mesma e com essa situação que me cerca.

Ele é só mais uma das dezenas de pessoas que me magoaram.

— Desde quando eu descobri o quanto eu fui um idiota — afirma, com a voz desolada. — Eu sinto muito, Penny.

Mas que droga! Por que as pessoas têm essa estranha mania de colocar apelidos em mim, como se eu fosse uma garotinha de cinco anos? É irritante.

— Que bom que você sinta alguma coisa — digo, saindo, sem saber exatamente em que andar havia descido.

Felizmente, estamos no térreo. Caminho com pressa em direção à saída, mas, antes que eu chegue às portas giratórias, Max me para, puxando a minha mão.

— Eu não vou deixar que saia assim, *desse jeito* — diz, enfatizando as últimas palavras, o que chama a atenção de algumas pessoas. — Eu sei, você pode me odiar. Eu mesmo me odeio. Eu só peço que me ouça.

Alguns conhecidos de outros setores passam por nós dois. Eu solto um gemido fraco. Qualquer um que nos observasse, pensaria que somos um casal fazendo uma cena. Meu imã para atrair rumores errôneos sobre a minha vida continua o mesmo.

— Certo. Vamos sair daqui — eu digo a ele, indo em direção à porta de vidro.

O ar puro e o vento suave de fim de tarde sobre meu rosto deixam-me um pouco mais calma. Logo me vejo sentada em um café, próximo ao prédio onde trabalho.

— Um cappuccino com bastante creme — diz Maxwell ao garçom e se senta na cadeira de frente a mim. — Eu ainda me lembro de como você gosta, certo? Você sempre gostou muito de doces.

Realmente, antes, essa era minha maior fraqueza. Afinal, eu tinha que ter um pouco de doçura em minha vida de algum modo.

Mas ignoro a xícara que ele estende a mim. Ainda me pergunto o que estou fazendo nesse café, na companhia dele. Eu só quis me afastar do Adam. De todos os sentimentos contraditórios que ele causa em mim, e rever Max foi a última coisa que esperei.

— O que está fazendo em New York? — resolvo ser direta. — Na verdade, o que fazia na empresa onde eu trabalho? Foi meu pai que o enviou até aqui?

Eu me lembro de que ele havia afirmado que teve uma conversa com meu pai sobre nós dois e sobre a possibilidade de reatarmos. O que é completamente improvável, pois não o amei antes. Agora, eu acredito que não serei capaz de amar mais ninguém.

— Você trabalha ali, naquele prédio? — ele parece surpreso.

Mas não sei se devo acreditar. Está óbvio que eu não mesmo

sei julgar as pessoas muito bem.

— Ah, por favor, Maxwell! — Levanto-me irritada, mas ele me impede de sair, prendendo minha mão na dele.

— Eu não sabia, eu juro — ele me encara, consternado. — Meu pai está abrindo uma filial do banco na cidade, lembra? Conversamos algumas vezes sobre essa possibilidade quando éramos noivos.

Sobre isso, ele diz a verdade. Eu me lembro de que sempre foi um sonho seu sair de Edgardtown e vir a NYC, mas o seu pai nunca quis levar isso adiante. Talvez fosse o medo de perder ainda mais o controle que tinha sobre ele ou que acreditava ter.

Um dos motivos que permaneci noiva de Max por tanto tempo é que, de certa forma, eu me identificava com a criação repressora na qual ele havia crescido. Eu via as fofocas em volta dele e a maneira como conduzia a sua vida desregrada como uma forma de rebeldia. Achava que ele possuía a coragem que me faltava. Agora, eu vejo como fui idiota, sempre tentando justificar os erros dos outros.

— Pode ficar e me ouvir? — indaga-me.

— Por que eu deveria? — rebato.

Ele solta minha mão, deixando-me livre para ir embora, mas, por algum motivo, continuo em pé em frente a ele. Enfrentar meu passado ou presente? Qual deles machuca mais?

Em resposta, volto a me sentar.

— Eu quero que saiba que eu nunca tive a intenção de magoar você, Penny — murmura. — Você pode não acreditar, mas aprendi a te amar.

— Puff! — Solto uma risada debochada. — É fascinante a sua forma de amar! Trair e abandonar são as formas mais sublimes de amor.

—Você está certa — ele curva os ombros. — Eu não acreditaria em mim depois de tudo o que eu fiz, mas, se me deixar explicar, depois pode continuar me odiando se quiser.

— Eu não o odeio, Max — estou sendo honesta com ele. — Ironicamente, me abandonar foi a melhor coisa que fez por mim. Seríamos infelizes juntos. Hoje, percebo que nunca o amei.

Não do jeito que eu amo o Adam. A parte mais devastadora dessa verdade é que acredito que jamais amarei outro homem com tanta intensidade.

Observo-o empalidecer e se contrair na cadeira. Talvez tenha sido dura em minhas palavras, mas ele precisa saber.

— Também pensei que não amasse você, mas sentia um grande carinho. Por isso, aceitei levar o noivado adiante — confessa, girando a xícara em cima da mesa. — Eu sou homem, Penelope. Ter a vida celibatária que seu pai exigia de nós dois era muito para a minha cabeça.

Bom, sabendo o que sei sobre sexo agora, posso entender. Comigo foi mais fácil de aceitar, pois eu não sabia como fazer

amor é incrível. O ato mais bonito entre duas pessoas e como pode ser viciante.

— Alguns dias antes do nosso casamento, Harriet avisou que esperava um filho meu...

— Por que não me disse? — interrompo-o. — Por que me expôs perante toda a cidade? Eu merecia a verdade.

— Eu exigi um teste de gravidez — enfatiza. — Ela sumiu por alguns dias e acreditei que quisesse me dar um golpe. Naquela noite em que você correspondeu ao meu avanço na sua casa, você, de certa forma, me assustou. Estava tão linda e sensual! Foi ali que eu descobri que sentia por você algo mais além de respeito. Eu te desejava, mas, ao mesmo tempo, sabia que merecia que eu agisse corretamente.

Ele solta um longo suspiro, antes de me encarar com um olhar derrotado.

— Só Deus sabe como me arrependo disso — confessa. — Devia tê-la feito minha, mesmo fugindo de todos os princípios que você tem.

Ah, se ele soubesse que meus princípios não são tão ferrenhos assim. Eu já me entreguei ao homem que amo e não me arrependo disso. Como poderia?

— Naquela noite, descobri que você era a mulher da minha vida — diz. — Então, decidi seguir com o casamento. Só que Harriet apareceu horas antes da cerimônia, com um exame que

comprovava a gravidez. Eu não tive escolha, quis fazer o que era correto. Ela ameaçou sumir com o bebê, por isso fui para Las Vegas e me casei com ela. Ficaríamos juntos até o bebê nascer, depois eu iria te procurar. Eu tinha certeza de que você entenderia...

O bom de toda essa história maluca é que, por alguns minutos, ela me afastou de toda a tragédia que está sendo minha vida.

— Eu insisti para que ela procurasse o médico da família para sabermos do bebê, mas ela fugia do assunto o tempo todo. Além disso, não consumamos o casamento e a verdade não demorou a aparecer. Usou uma amiga grávida para forjar o exame. Eu fui um estúpido e perdi você em consequência disso. Eu só gostaria que, um dia, pudesse me perdoar.

— Eu precisava apenas que fosse sincero comigo, Max — murmuro, sentindo-me muito cansada de repente. — Teria apoiado e ajudado você se tivesse sido honesto comigo. Mentira só leva a mágoas e a sofrimento. Mas eu acho que eu posso perdoar você. Cada um tem a sua cruz para carregar.

— Aquele homem é um cara de muita sorte — sua mão toca a minha por cima da mesa em um gesto gentil. — Você é uma mulher muito especial. É uma pena que eu tenha notado isso tarde demais.

— Não estamos mais juntos — retiro minha mão e olho através da janela, sem enxergar, na realidade, o que há além dela.

Tudo o que eu vejo é um sorriso lindo que eu acredito que jamais serei capaz de esquecer.

— Casais brigam o tempo todo — ele assegura, com um tom de voz doce. — Eu percebi, naquele dia, que ele é muito apaixonado por você.

—Algumas vezes amar não é suficiente — repito-lhe o que Adam havia dito a mim. — Acho que o meu amor não é.

— Então, ele é um idiota.

Talvez a idiota tenha sido eu.

Meu coração palpita ao som das palavras que ricocheteiam em meu peito.

Por amar demais, por acreditar demais.

Reencontrar Maxwell, de certa forma, foi bom. Eu acredito que tenha colocado uma pedra em parte do meu passado. Algumas mágoas, pelo menos, foram riscadas do meu coração. Sabe, é um peso a menos.

Ainda é uma surpresa para mim saber que ele me ama ou amou, não importa mais. Nesse momento, eu me sinto como em

“*Sonho de Uma Noite de Verão*”, de Shakespeare. Max me ama, eu amo Adam que... Bem, não ama ninguém, além dele mesmo.

— Você viu o Dr. Crighton?

Eu mal chego à minha mesa quando sou recepcionada por uma Aline eufórica.

— Ele ainda está aqui? — pergunto, tentando me equilibrar nas minhas pernas.

— Não, ele já foi embora — responde-me e meu coração volta a se acalmar em meu peito. — Dizem que se envolveu em uma briga de bar com um namorado ciumento de alguém.

A revelação dela me fere. Enquanto eu estive tentando lidar com a minha dor, ele foi curar a sua nos braços de outra?

— E por que está me dizendo isso? — pergunto, aborrecida, jogando-me em cima da cadeira com mais força do que o necessário. — Não acho que isso seja da nossa conta, Aline.

— Só estou dizendo isso para que pare de sofrer por alguém que não vale uma lágrima sua — afirma, antes de seguir para sua própria mesa. — Pense sobre isso.

Como ela sabe que é por ele que eu sofro?

Acorda, deve estar estampado na sua cara, repreendo-me. Eu deveria virar a página, como Aline recomendou.

Humf! Como se eu pudesse controlar meu coração masoquista. Tudo o que eu sinto é raiva e dor, um mais do que o

outro. Como ele pode ter ido para os braços de outra?

Eu o odeio!

E eu amo!

Subo as escadas do meu prédio correndo, desejando finalmente poder me refugiar em meu quarto, onde eu não preciso esconder meus sentimentos de ninguém.

— Oi, Charmosa — paro no corredor ao encontrar Liam, apoiado contra a porta.

— O que você faz aqui? — eu não quis parecer tão rude como demonstrei em minha voz, mas também não vou me desculpar por isso.

Por que os malditos Crighton não me deixam em paz?

Já ficou claro para mim que não sou boa o bastante para essa família perfeita.

— Se Maomé não vai à montanha...

— Já parou para pensar que, se não atendi às suas ligações, é porque não quero?

Parte de mim sabe que estou sendo injusta com ele. Minha

mágoa e decepção devem ser direcionadas a outra pessoa. Liam não é meu saco de pancadas e sempre foi muito afável comigo. Mas eu preciso descarregar essa frustração em alguém. Eu tenho essa imensa vontade de gritar até que me falte voz.

— Vai me convidar para entrar ou vou ter que usar a chave reserva? — pergunta-me ao me ver abrir a porta. — Ainda estou com ela.

Eu havia lhe dado a chave para que ele pegasse o bolo de aniversário que fiz para o Adam no dia que fui atropelada. Aquele maldito e terrível dia. O dia que marca o falecimento de Cory e que provocou minha separação de Adam. Um dia que quero esquecer.

— O que você quer, Liam? — gemo de frustração. — Meu dia tem sido péssimo, estou muito cansada.

— Eu preciso falar com você, Charmosa — seu olhar é sério, o que é uma raridade nele, fazendo-me abrir a porta e permitir a sua passagem.

— Não me chame assim — resmungo.

— Rapunzel? — ele sorri.

— Penelope.

Vejo-o caminhar até o sofá e, pela primeira vez, aparenta a idade que tem e não de um menino no corpo de um homem maduro. O que quer que ele tenha a dizer me dá a impressão de que o afeta profundamente.

— Eu só quis desconstrair um pouco — sussurra. — Dizer coisas idiotas é minha forma de lidar com a merda da minha vida.

Ele respira fundo. Algo em seu olhar me diz que não será uma revelação muito fácil, pelo menos não para ele.

— Eu sei por que Adam terminou com você.

— Eu sei o que você tem a dizer — declaro, em um tom de deboche. — Ele não me ama. Chegou tarde, eu já sei isso.

— Não foi por isso que eu vim — afirma. — Quanto ao Adam, ele a ama mais do que você imagina.

— Não é o que aparenta, já que não perdeu muito tempo para cair nos braços de outra mulher.

Imaginar que Adam beijou, tocou e dedicou seus carinhos a outra, deixa-me em um estado emocional completamente abalado. O ciúme parece rasgar minha pele com sua unha afiada. Nunca imaginei que eu nutriria sentimentos como esse, que trazem o lado mais negro dentro de mim.

— Do que você está falando? — indaga-me.

A surpresa em seu rosto me parece genuína.

— A briga no bar por causa de outra mulher — falo, exaltada. — Pelo menos, antes, ele não ia atrás de mulheres comprometidas.

Dou as costas a ele e vou em direção à cozinha para que ele não note meus olhos úmidos. *Eu não vou chorar*, garanto a mim

mesma.

— De onde você tirou isso? — escuto sua voz atrás de mim.

— Não tente negar — assevero. É claro que ele defenderia o irmão. — Eu vi o rosto dele hoje.

Vasculho a geladeira e acabo decidindo pegar uma garrafa de água. Mesmo eu segurando o copo com firmeza, ele tremula em minha mão.

— Ah, você diz a briga, aquela briga — murmura Liam, agora sorrindo. — O que Adam contou a você, aquele babaca?

— Ele não me disse nada! — Bato o copo com tanta força sobre o balcão que me admiro como ele não tenha quebrado. Algumas gotas respingam na madeira, o que provavelmente irá deixá-la manchada se eu não a limpar logo. Seco com minhas mãos mesmo e imagino que seria tão mais fácil se a dor em meu peito pudesse ser arrancada com a mesma rapidez que aquelas gotículas.

Irritada com esse pensamento, passo por Liam como um foguete, mas ele me barra no meio do caminho ao agarrar meu braço.

— Eu não sei o que disseram a você ou o que concluiu — girando meu corpo, ele me obrigada a olhar para ele. — Mas aquela briga teve tudo a ver com você.

— Comigo? — pergunto-lhe, incrédula. — Adam brigou outra vez com Maxwell por minha causa?

— Quem? — indaga-me, confuso.

— Aline me disse que ele se envolveu em uma briga de bar por causa de uma mulher comprometida — explico a ele. — Max está na cidade e, se você diz que é por minha causa... Mas Max e eu não temos nada...

— Quem é Max não me importa — ele respira fundo e solta meu braço. — Adam ficou bastante perturbado quando você saiu da casa dele. Acabou parando em um bar meio barra pesada e puxou briga com um grupo de motoqueiros.

Meu grito assustado faz com que Liam se cale. Tapo minha boca e o encaro com os olhos arregalados. Eu sei que Adam tem um temperamento explosivo, mas daí a ficar percorrendo bares atrás de briga é absurdo demais até mesmo para mim.

— Você precisava ver como ele chegou ao hospital. Acreditei que precisaria fazer uma plástica — continua, empalidecendo a cada palavra. — Se Peter não tivesse ido ao seu encontro, talvez, hoje, nós o estivéssemos velando...

— Não diga isso — minha voz sai trêmula. Não posso deixar que ele conclua a frase.

Não consigo sequer cogitar a possibilidade de perdê-lo para a morte. E pensar que algo grave poderia ter acontecido a Adam. Eu estou muito magoada com ele. Há alguns minutos, estive furiosa e quase o odiando por ter procurado outra, mas vê-lo morto?

Isso não. Eu não conseguiria suportar.

— Como você mesma pôde ver, ele já está bem — Liam me apoia contra o seu peito e eu me permito ser guiada até o sofá. — Pelo menos, fisicamente. Mas seu espírito está mais conturbado que antes. É por isso que estou aqui.

Enquanto ele fala, eu procuro acalmar meu coração.

— O que eu tenho a dizer... — Liam encara o chão. Sua expressão é de alguém em conflito consigo mesmo. — Vai mudar o que você pensa sobre mim e fará Adam me odiar para sempre.

— Isso é impossível — garanto-lhe, ao segurar sua mão. — Adam o adora.

— Bem, isso irá mudar — ele se senta ao meu lado, mas evita olhar para mim. — Eu sei.

Lembro-me dos fiéis da paróquia do meu pai antes de receber o sermão por algo que haviam feito de errado. Não, observando Liam atentamente, os ombros rijos e tensos, o olhar fixo no chão e uma expressão em seu rosto, ele se assemelha a alguém com repulsa. O que quer que tenha feito ou sabe, ele acredita que fará seu mundo desmoronar.

— Eu prefiro que ele me odeie a vê-lo se destruindo — murmura, em uma voz tão baixa, que, se eu não estivesse tão perto, talvez não conseguisse ouvir. — Não posso continuar a vê-lo ser fiel a um fantasma que não merece sua culpa ou lágrimas. Ver que Adam afasta a única mulher que já amou na vida porque

se sente em dívida com outra. Ela nem merece isso.

Liam está me dizendo que Adam pôs fim ao que tínhamos por causa de Cecilia? É isso?

— Você quer dizer que não é por que ele não me ama? — questiono, com a voz carregada de tristeza — É por que ele a ama ainda mais?

— Não! — Seus olhos conturbados encontram os meus. — Ele te ama mais do que qualquer pessoa. Mas é burro o bastante para se esconder atrás dessa culpa. É como um escudo para ele. Seu acidente só desencadeou esses sentimentos que ele tentou lidar por anos.

— Eu não entendo...

— Ouça! — Ele respira fundo antes de continuar. — Adam precisa saber que Cecilia não é a santa que ele imaginou. Quando o véu cair dos olhos dele, enxergará o quanto foi burro em deixar você ir.

Ela não era a santa que Adam acreditou? O que Liam quer dizer com isso?

Deus! Sinto que estou presa em um pesadelo. Adam, Maxwell, Liam... Creio que todos eles têm o intuito de me enlouquecer.

— Sabe, eu nunca olhei para a vida com tanta seriedade — inicia. — E, na minha profissão, você tem que ter um olhar mais suave.

Realmente, eu não consigo imaginar Liam como um desses médicos sérios e rabugentos. Eu acho que ele poderia ser ator ou comediante. Talvez, um galã de Hollywood. Mas médico, isso é uma verdadeira surpresa para mim.

— Cecilia, Adam e eu crescemos juntos — elucida. — Ela sempre dizia que se casaria com ele. Meu irmão nunca deu importância a isso, então, era para mim que ela chorava. Só que nós fomos crescendo. Os consolos levaram para algo mais.

— Você se apaixonou por ela? — pergunto a ele.

Ele me encara, surpreso.

— Não — ele afirma. — Eu nunca estive apaixonado por ela. Olha, eu sempre acreditei que o amor que ela dizia sentir por Adam era fixação, birra de criança. E sempre a provoquei por causa disso. E por que diabos ela ficaria comigo se realmente amava o meu irmão?

Essa é uma pergunta que eu não sei responder. O que sei é que não me vejo com nenhum outro homem além do Adam. Então, é totalmente natural que Liam coloque o amor de Cecilia em dúvida.

— Não sei o que deu no Adam — ele suspira e volta a se concentrar em narrar o passado. — Talvez, ele tenha se cansado das garotas que ele namorou no colégio ou, talvez, tenha acreditado que jamais se apaixonaria por alguém. Eles começaram um relacionamento e, em pouco tempo, ficaram

noivos. Eu disse a ela que deveríamos contar sobre nós dois. Mas Cecília implorou para que eu não fizesse isso. Todos estavam felizes: meus pais, os pais dela, os dois. Por que eu deveria estragar a alegria de todos por causa de alguns momentos sem importância?

Observo-o levantar e caminhar pela sala. Ainda estou tentando absorver tudo o que ele me diz.

— Mas nossas brigas, que antes eram apenas provocação da minha parte, tornaram-se reais — ele bate a mão em punho contra a outra mão espalmada. — Eu nunca tive mais nada com Cecília depois que eles oficializaram a relação, mas eu me sentia como se tivesse traído meu irmão. Eu sentia que devia contar a verdade. Aquilo estava acabando comigo. Passei a ir a muitas festas e a sair com muitas mulheres porque eu só queria esquecer.

Vejo-o fazer uma pausa, como se o passado estivesse sendo narrado em um filme diante dele.

— Uma certa noite, Cecília me procurou e me disse que tinha terminado com ele, que, na verdade, sempre me amou e queria que eu sentisse ciúme, algo que não funcionou — ele ri, mas não é um sorriso de alegria. — Eu estava muito bêbado naquele dia. Eu sei que não serve como desculpa, mas eu estava. No dia seguinte, descobri que uma antiga namorada de Adam havia retornado e Cecília queria apenas dar o troco, pois achou que eles haviam ficado juntos. Eu disse a ela que, dessa vez, eu

não iria mentir e que ela teria que contar o que fizemos. As semanas foram passando e, no dia em que eu contaria para o Adam o que aconteceu, ela me disse que estava grávida e não sabia se o filho era meu ou do meu irmão.

Encaro-o chocada. Se alguém me dissesse que meus pais não eram os meus pais biológicos, eu não ficaria tão surpresa.

— Cecilia não sofreu o acidente porque meu irmão teve um surto de idiotice — continua ele, com a voz amarga. — Ela sofreu o acidente porque eu a pressionei a falar a verdade. Adam jamais aceitaria ficar com ela se o filho fosse meu e nem eu abriria mão do bebê. Eu poderia não estar apaixonado por ela, mas jamais fugiria da responsabilidade de um filho. Até me casaria com ela se fosse preciso.

— Meu Deus! — É tudo o que eu consigo dizer.

Quando a verdade despenca sobre minha cabeça, compreendo o que ele quis dizer sobre o fato de olhá-lo com outros olhos.

— Você o deixou sofrer por um bebê que não era dele? — inquirio-o, tentando assimilar o meu choque. — Que ele passasse anos se corroendo por essa culpa?

— Eu não sei se não era dele — responde-me, na defensiva. — Poderia ser meu ou não. Além do que, Adam estava sofrendo. Eu não quis que ele se magoasse ainda mais. Já havia perdido a noiva e o bebê. Não precisava perder o irmão.

— Você foi covarde, Liam! — Acusou-o.

Quantas merdas precisam acontecer para que as pessoas saibam que a verdade é sempre o melhor caminho?

— Sim, eu fui — seus olhos fogem dos meus, envergonhados. — Mas Celeste me convenceu, na época, que isso o destruiria mais.

— Ela sabia?

Não sei por que, mas isso não me surpreende. Talvez porque ela seja insana. Agora, faz sentido que ela defenda a filha com tanto afinho.

— Por que acha que ela insiste tanto em manter a imagem da filha imaculada? — ele dá voz aos meus pensamentos.

— E você participou disso? — pergunto, desapontada.

— Claro que não! — Ele parece indignado. — Sempre fui contra essa loucura, mas Adam nunca me ouviu e aquele mulher... Nossa, ela sabe mexer com a nossa mente! Vivia me dizendo que era culpa minha, que eles estariam felizes e que eu só o destruiria ainda mais. Eu não queria feri-lo mais. Sempre esperei pelo dia em que ele se apaixonasse de verdade e que colocasse uma pedra no passado.

As lágrimas que vejo rolar em seu rosto e a sinceridade em seus olhos afirmam que ele está sendo sincero. Liam foi um covarde por permitir que Adam passasse anos sofrendo por um bebê que talvez não fosse dele, mas creio que cada ano

encobrendo a verdade o dilacerou também.

Pensando sobre o envolvimento de Celeste no caso, posso imaginar a lavagem cerebral que essa mulher maluca fez nos dois.

— Ele ama você — sussurra. — Não vou deixar que ele jogue fora a oportunidade de ser feliz por minha causa. Quando ele souber de tudo, o passado não terá mais tanta importância.

— Você sabe que isso poderá acabar com ele, não é?

Não tenho intenção de jogar isso na cara dele, mas é muito difícil que Adam consiga perdôá-lo facilmente por algo tão importante. A verdade é sempre a melhor saída, mesmo que magoe. Mentir, muitas vezes, causa danos irreversíveis.

Se Maxwell tivesse sido sincero comigo, é possível que eu ainda morasse em Edgartown e desse uma nova oportunidade a ele quando a farsa de Harriet fosse descoberta. Se Liam tivesse sido honesto com o irmão, Adam não teria ficado tanto tempo preso ao luto e à culpa que carrega pela morte de Cecília. A essa altura, já poderia ter perdoado o irmão e seguido em frente.

— Dormi com a noiva do meu irmão e nem ao menos a amava — confessa Liam, sentindo aversão de si mesmo. — Eu nem posso usar isso em minha defesa, pois fui um cretino da pior espécie. Não espero que ele me perdoe, não mais. Eu só quero que Adam seja feliz, então, não desista dele.

— Mas foi ele quem desistiu de mim.

— Ele não desistiu. Apenas está lutando contra esse sentimento. Ele vai voltar para você.

— Você tem certeza?

— Como eu tenho a certeza de que o sol nasce e se põe todos os dias.

Meu coração pula em meu peito. Tenho a sensação que saltei de um prédio de cem andares.

— Quando irá contar a ele?

— Me dê apenas alguns dias — pede, com um olhar triste.
— Deixe-me me preparar para o fato de que vou perder meu irmão.

A declaração dele sai tão cheia de intensidade que é impossível segurar a minha emoção.

Não quero ter Adam de volta às custas do sofrimento de outra pessoa.

— Você não vai perdê-lo — abraço-o apertado. Estou muito decepcionada, mas vê-lo tão triste me dói. — Ele irá ficar muito magoado, mas mais pela mentira. Sei que logo Adam colocará uma pedra em tudo o que aconteceu e será como antes. Vou ajudá-lo nisso.

Se Liam estiver certo sobre o motivo da minha separação do Adam, que foi o que aconteceu a Cecilia e ao bebê, eu tenho grandes chances de tê-lo de volta. Então, é mais do que justo que

os ajude a ser a família unida que conheci.

— Tudo ficará bem.

Asseguro a um Liam desolado em meus braços.

Capítulo 38

Adam

Ela fugiu e tudo o que eu pude fazer foi observá-la partir. Eu não deveria ter vindo a DET hoje. Mas eu não pude suportar nem mais um dia de afastamento. Eu deveria ter imaginado que me rever só traria mais sofrimento a ela, mas essa não foi a minha intenção.

— Penelope, há algum problema com o telefone... — Neil estaca na porta ao me ver e olha para a mesa vazia. — Onde está a minha secretária? O que você fez a ela, Adam?

— Por que você acha que eu fiz alguma coisa? — indago, nervoso. Para um advogado, eu deveria ter mais paciência. No entanto, essa nunca foi uma das minhas maiores virtudes.

— Por que ela não está aqui? — ele me lança um olhar duro

e inquisidor.

Eu quero perguntar qual é a dele e qual é o seu real interesse nela, mas, como eu tenho a propensão em estragar tudo, resolvo controlar a vontade de socar a cara dele e pedir explicações depois. Sentir ciúme, nesse momento, não irá me favorecer em nada.

— Não me parecia bem. Eu disse para que saísse até que se sentisse melhor.

Apesar de não ter feito isso de verdade, espero que Penelope tenha saído apenas para arejar a cabeça e que não faça nada de tolo, ou que coloque em risco a sua segurança.

— Seu almoço, senhor — uma de suas funcionárias surge, trazendo o carrinho com a comida em seus protetores de inox. — Posso servi-lo agora?

Ouçoo dizer que sim, mas, quando a jovem passa por mim, algo mais além das delicadas peças de cerâmica me chamam a atenção.

Daniel's. O mesmo restaurante que me serve todos os dias?

O nome bordado no fino tecido de linho do guardanapo dispara como flash em minha cabeça.

— Restaurante novo, Neil? — pergunto-lhe de forma despretensiosa, mas minha cabeça está dando voltas.

— Penelope o encontrou há algum tempo — conta,

ajeitando-se em sua cadeira. — Você me acompanha? Ela sempre pede mais do que eu posso comer.

— Nesse caso, sim.

Não estou realmente com fome. Observo a assistente prontamente começar a nos servir.

Na primeira colherada, o sabor magnífico explode em minha boca e tenho a resposta para o questionamento que tive há pouco. Até poderia ter dois restaurantes chamados Daniel's na cidade, até mesmo que o bordado nas peças e os outros utensílios fossem iguais, mas o sabor da comida...

Não.

Esse é incomparável. Eu havia amado tanto a comida simples, mas também incrivelmente deliciosa, que havia passado a solicitar minhas refeições nesse mesmo restaurante.

— Filha da puta! — Bato os talheres na mesa quando a conclusão dos meus pensamentos retira a cortina sobre meus olhos.

— O quê?

— Desculpe. Estava distraído com outra coisa. Eu tenho que ir agora.

— Mas, e o seu...

Levanto-me com pressa e caminho até a porta na mesma velocidade.

— Falo com você depois, Neil.

Como eu posso ter sido tão estúpido? De repente, todas as lembranças me vêm à cabeça: as ligações de Penelope durante o almoço para saber se eu havia me alimentado direito; sua curiosidade em saber o que eu havia achado sobre cada prato; seu interrogatório durante a noite.

Era Penelope o tempo todo.

Não foram apenas preocupações carinhosas comigo. Ela estava, literalmente, cuidando de mim e eu, simplesmente, dei créditos a outra pessoa.

Como eu pude ser tão cego e idiota?

Quando chego ao meu carro, preciso respirar fundo algumas vezes. Estou tão furioso que as pessoas e prédios à minha frente não passam de borrões. E, mesmo que eu tente me controlar, essa força esmagadora dentro de mim intensifica-se a cada minuto.

Eu só tenho um lugar para ir e uma pessoa que quero ver.

O trânsito lento da cidade deixa-me ainda mais inquieto. Ligo o som e a voz de Kenny Chesney cantando *You Save Me* começa a tocar. Eu havia selecionado a lista de música feita por Penelope em nossa viagem de carro até Edgartown. Sorrio ao me lembrar de como ela é apaixonada por música country.

Não é meu estilo de música, mas a letra me faz recordar do seu rosto iluminado por um lindo sorriso enquanto cantava. A

imagem, pouco a pouco, diminui a adrenalina correndo pelo meu corpo.

Essa música, em especial, fala muito sobre mim e ela. Eu havia sido um cigano perdido no mundo até encontrá-la. Penelope foi o anjo que me salvou de mim mesmo.

Quando estaciono próximo ao prédio, penso em dar meia volta e ir embora, mas meu senso de justiça e, principalmente, minha consciência duelando comigo fazem-me seguir em frente.

— Olá, Sr. Crighton — o homem grisalho, com uniforme de segurança, me cumprimenta com o mesmo entusiasmo de quando me viu em meu primeiro dia de estágio. — Há quanto tempo! Veio visitar o Sr. Petersburgo, imagino.

Estou prestes a responder quando um grupo de mulheres chama a minha atenção. Uma delas em específico.

— Hoje não, August — respondo-lhe, antes de seguir rumo à única pessoa que me interessa no momento.

Quando algo precisa acontecer, simplesmente acontece. Embora ouvir a música e pensar em Penelope tenham me acalmado um pouco, deparar-me com Grace e saber o quanto ela é desprezível fazem com que toda a raiva e indignação voltem com força total.

— Grace!

Chamo a atenção de todas elas para mim. Grace encara-me com um olhar admirado.

— Adam? — ela dá dois passos para trás. — Seja o que quer que tenha acontecido, eu não tive nada com isso.

Respiro fundo. Minha vontade, como sempre que a vejo, é de matá-la. Se não houvesse tantas testemunhas, acho que faria exatamente isso. Raiva e desprezo por essa mulher são encorajamento suficiente.

— Você já fez — afirmo, com um olhar de repulsa. — Me fez acreditar que o restaurante e a comida fossem obra sua quando foi Penelope que se preocupou comigo.

— Eu não disse nada... — diz, em tom de deboche. — Você chegou a essa conclusão sozinho.

— Escute bem! — Avanço sobre ela e torço seu pulso com força. — Nada do que você ou a pessoa por trás dessas ameaças faça irá mudar o que sinto por ela. Eu amo aquela mulher mais do que a mim mesmo. Você e suas mentiras nunca irão destruir isso.

Solto-a rapidamente, sua simples presença me causa repulsa.

— Você é o ser mais desprezível, ardiloso e nojento que tive o desprazer de conhecer — encaro as três mulheres estupefatas olhando para mim. — Tenham cuidado. Essa mulher é nada mais que uma vagabunda. Vil e mentirosa.

Volto a olhar para Grace que, agora, parece envergonhada.

— Essa foi a sua última maldade com Penelope, Grace —

coloco ainda mais intensidade em minha voz. — Eu sou capaz de matar você. Um homem apaixonado é capaz de tudo.

Não é uma ameaça vã. Se eu fui capaz de magoar a mulher que governa meus pensamentos, a cada minuto do meu dia, com o intuito de protegê-la, eu sei que faria qualquer coisa para defendê-la.

— Senhoras — despeço-me de forma educada e saio.

Mesmo tendo desmascarado Grace, minha consciência ainda me acusa. Eu devo um pedido de desculpas a Penelope. Como eu direi a ela que dei créditos a Grace sem ferir ainda mais seu coração já tão machucado por mim?

Isso me faz pensar se me afastar dela havia sido mesmo um erro e se tudo o que eu faço é provar que não mereço nenhum tipo de sentimento que Penelope possa nutrir por mim.

E se me separar dela tenha sido a melhor decisão que tomei?

Por mais que essas conjecturas rasguem meu peito, causando-me uma dor dilacerante, tenho que refletir sobre essa possibilidade.

Talvez afastá-la de mim não a proteja apenas de quem esteja nos encurralando, mas de toda tristeza que eu possa causar a ela.

Afinal, ninguém poderia magoá-la mais do que eu.

Estou, em meu escritório, estudando o novo caso que Savannah está defendendo, mas meus pensamentos estão a quilômetros de distância. Passaram-se quase duas semanas desde que Penelope e eu estivemos juntos. Embora os minutos que passamos juntos tenham sido ínfimos, significaram muito para mim.

Sinto sua falta e, quando os relatórios diários que recebo sobre ela não me fazem sentir próximo o suficiente, observo-a de longe em meu carro.

— Adam!

Encaro Savannah, que me olha fixamente através dos seus óculos, cuja armação, apesar de rústica, ao invés de lhe dar um ar envelhecido, dão um toque elegante.

— Telefone para você. — fala-me, indicando minha secretária parada na porta entreaberta.

— Eu disse que não devíamos ser interrompidos, Veronica.

— Desculpe-me, senhor, mas é o seu irmão. Ele disse que é importante.

Tenho evitado Liam por alguns dias. Eu já sei o que ele tem a falar. Que estou sendo imbecil em afastar Penelope de mim e

que ela foi a melhor coisa a acontecer em minha vida há muito tempo.

Exatamente por esse mesmo motivo que tenho evitado a casa dos meus pais também. Todos me encaram com o mesmo olhar acusador. Sei que, se eu falar com Liam nesse momento, acabaria contando tudo a ele. Eu não quero a vida de mais uma pessoa que eu amo em risco.

— Diga-lhe que eu retorno assim que puder.

— Podemos fazer uma pausa — sugere Savannah, recolhendo os processos em cima da mesa.

— Vamos continuar — fixo meus olhos na pasta à minha frente e inicio a leitura de onde eu havia parado.

É um sinal para que Verônica se retire.

Foco toda a minha atenção no caso que Savannah defenderá em alguns dias. Por sorte, é muito complicado e exige muito da nossa concentração e prudência.

No fim do dia, estou me sentindo como a maioria das pessoas após uma jornada de trabalho exaustiva. Isso significa que talvez essa noite eu consiga dormir.

Como Peter não vem tendo nenhum tipo de progresso, isso me dá a certeza de que Celeste está mesmo por trás disso. Enquanto ele investiga, eu tento encontrar um meio de encurralá-la. Não há nada contra ela além das nossas suspeitas. Isso não me garante nem mesmo um pedido de restrição.

A carta e as fotos que recebi não nos levam a ninguém. São todas provas circunstanciais, a menos que Grace deponha contra Celeste, o que eu duvido que aquela cadela faça.

Estaciono, mas permaneço alguns minutos dentro do carro, refletindo e procurando uma saída. Sinto-me como uma fera confinada, sendo atizada por um treinador sádico e sua lança a ferro quente.

Estou ao ponto de enlouquecer. A guerra entre continuar a mantê-la segura e a saudade que me tortura todos os dias é ferrenha.

Ao entrar, encontro Liam no sofá. Sua aparência é abatida e parece haver um grande peso em seus ombros.

— Vai continuar fugindo de mim por quanto tempo?

— Não estou fugindo de você, Liam — a mentira é risível até mesmo para os meus ouvidos. — Só quero um tempo sozinho.

Ele se levanta. Parece tão exausto quanto eu. Há profundas olheiras em seus olhos, o que me preocupa.

Sei o quanto Liam me ama e se preocupa comigo. Mas, talvez, a sua necessidade de falar comigo seja por outro motivo.

Será que ele está doente? Eu sei que eu seria a primeira pessoa que ele procuraria se fosse o caso.

Porra! Outra vez, estou mostrando o quanto eu posso ser egoísta, pensando apenas em mim.

— Certo, o que precisa dizer?

— Não sei por onde começar... — murmura consigo mesmo enquanto caminha de forma tensa de um lado a outro da sala. — Provavelmente, nem conseguirá me olhar depois do que tenho a dizer. Mas eu preciso acabar logo com isso. Por onde eu devo começar?

— Liam? — chamo a sua atenção. Excluindo o dia em que estive muito irritado comigo no hospital, eu nunca o vi tão tenso. — Que tal do início?

— Sabe por que eu não me defendi naquele dia que você me bateu?

Eu só havia batido nele uma vez.

— Liam, me desculpe por aquilo, eu...

— Eu mereci cada soco, merecia muito mais — ele para de caminhar e me encara. — Por isso eu não me defendi.

Nada faz sentido para mim. Estava muito transtornado naquele dia. É óbvio que ele não merecia o que fiz. Eu sempre tive um temperamento explosivo, mas não me lembro de um único dia que meu irmão e eu tenhamos saído na porrada, nem quando eramos crianças.

— Lembra-se de como Cecilia o perseguia para todos os lados quando éramos garotos? — o leve sorriso que ele dá não alcança seus olhos. — Você sempre a ignorava, mesmo quando eu puxava os cabelos dela.

— E ela sempre chorava para mim.

É difícil não sorrir ao me lembrar daquele tempo. Éramos um trio bastante peculiar.

— Nós crescemos e as coisas mudaram um pouco — diz . — Um dia, ela me procurou chorando. Eu a consolei, mas, daquela vez, foi diferente e, quando notei, já tínhamos ido para cama. Éramos jovens... — ele faz uma pausa e respira fundo. — Eu era jovem e estúpido.

— Você transou com ela? — indago, atônito com o que ele me diz. — É isso que está querendo dizer?

— Antes que eu continue, quero que você saiba que eu nunca acreditei que você ficaria com a Cecilia. Para mim, aquilo era amor juvenil, desses que se curam com o tempo. Nunca os imaginei juntos.

Na verdade, nem eu. No dia da formatura, tive uma discussão bem acalorada com Payton, minha namorada na época do ensino médio. Ela queria que a acompanhasse até a Europa e eu queria que ela ficasse aqui.

Não quis me aventurar em uma viagem pelo mundo, brigamos no baile de formatura e acabei ficando com outras garotas, o que só agravou nosso relacionamento já frágil.

Payton partiu e eu segui minha vida, indo de uma noitada a outra até que iniciasse minhas aulas na faculdade. Foi em uma dessas noites que Cecilia e eu acabamos juntos.

— Quando você e Cecilia ficaram juntos?

— Algumas vezes antes de ficarem noivos...

— Então ela não era virgem? — pergunto.

Decido me sentar. Eu havia assumido nossa relação porque acreditei que ela havia se guardado para mim, como afirmou fielmente no dia seguinte. Acreditei que o correto era ficar com ela.

Quando eu descobri que Penelope também era virgem, foi o presente mais especial que eu poderia receber. A vida me dando outra chance, a mais doce de todas.

O que mais na minha história com Cecilia é mentira?

Tudo parece inventado. Uma farsa que eu havia caído como um tolo.

— Foi o que ela disse? — pergunta-me Liam, exasperado.

— Com todas as letras — esfrego as mãos em meu rosto. — Certo, vocês ficaram juntos e ela mentiu para mim. Que importância isso tem agora, Liam? Você a amava, é isso?

— Não, eu não a amava. Não desse jeito — Liam para à minha frente, indeciso. — Também não é só isso... Lembra-se de quando a Payton voltou?

— Uns dois meses antes do acidente — não é preciso forçar muito a minha memória.

O retorno dela trouxe muitos problemas a mim. Ela quis

reatar o nosso relacionamento, mas eu já estava preso a Cecilia. Também não amava Payton do jeito que achei e ela acreditou.

Hoje, eu sei que só amei e que ainda amo uma única pessoa.

— Cecilia me procurou — diz. — Acreditou que você e Payton estivessem tendo um caso e bem... Eu estava bêbado. Sei que não é desculpa, mas eu... Nós...

— Você transou com ela enquanto era minha noiva?

— Sinto muito. Eu quis contar a verdade. Cecilia pediu que eu a deixasse fazer isso. Mas o tempo foi passando. Quando ela soube que estava grávida, não tinha a certeza se o bebê era meu ou seu. No dia do acidente, eu lhe disse que, se ela não contasse, eu mesmo faria isso. Tinha acabado de falar com ela.

— Então, esse tempo todo deixou que eu acreditasse que era o meu filho? — encaro-o, a dor e a decepção tomando conta de mim. — Eu passei anos sofrendo por uma mentira?

— Eu quis contar a você — vejo-o titubear e desmoronar à minha frente. — Celeste me implorou para que eu não mexesse nisso, alegando que eu deveria deixar o passado para trás porque isso o faria sofrer ainda mais. Além de tudo, poderia ser seu filho. Por que eu deveria enfiar mais uma estaca em seu peito, Adam?

— Claro, o melhor era seguir as ideias de uma mulher maluca — pronuncio, com rispidez. — Quantos anos tinha, Liam? Dois?

— Eu fui um covarde, admito — consente, segurando meu

rosto. — Eu não quis olhar em seus olhos e ver tanta dor e decepção como eu vejo agora, meu irmão.

É mais que decepção. É uma dor que está corroendo minha alma. Apesar da nossa pouca diferença de idade, Liam sempre foi meu herói. Alguém que sempre admirei e ele havia me traído da pior maneira.

— O acordo era deixarmos passar apenas alguns dias, só até você se recuperar — diz, sua voz quase um sussurro fraco. — Mas você foi se isolando cada vez mais. Sabe o que acontece quando a gente mente? Quanto mais o tempo passa, mais difícil é contar a verdade.

Quando o primeiro rastro de lágrima molha meus lábios, eu me dou conta de que estou chorando. Por mim, pela criança que nunca vou ter certeza se era minha e por Liam, que havia me decepcionado mais do que qualquer outra pessoa em minha vida.

Foram anos acreditando que eu não era digno que alguém me amasse. Eu poderia ter afastado Penelope da minha vida, como fiz com tantas outras.

— Eu sabia que você iria se apaixonar de verdade — declara. — E que chegaria o dia em que, por medo, tentaria afastá-la de você. E eu não posso permitir isso. Não mais. Penelope não merece isso.

Afasto suas mãos do meu rosto e caminho para longe dele.

— Vá embora, Liam.

Se eu soubesse disso desde o início, Celeste jamais teria me manipulado tanto. Eu não permitiria que ela fizesse tudo o que fez.

— Adam...

— Saia! — Berro o mais alto que minhas cordas vocais permitem.

Estou me segurando muito para não partir a cara dele e de feri-lo da mesma forma que me sinto machucado.

— Estou indo — sussurra. — Eu nunca quis magoar você. Procure-a, seja feliz. É tudo o que eu quero. E se um dia, talvez, puder me perdoar...

Não posso dizer isso a ele. Não, hoje, quando a ferida está aberta e sangrando em meu peito.

Quando ele sai, desabo no chão duro, lamentando-me como um garotinho. A única vez que senti tamanha dor foi quando disse adeus a Penelope e a obriguei a se afastar de mim. Antes, meu sofrimento era por culpa. Agora, a dor é muito mais concentrada. Perdi as duas pessoas que eu amo profundamente.

Um irmão é um pequeno pedaço de você. A pessoa que você ama é a parte que te completa. Nunca me senti tão vazio.

Eu havia afastado Penelope por nada.

Por uma mentira.

Tudo o que eu quero é, por um momento, sentir o seu corpo

junto ao meu e que ela me dissesse que, com nós dois, tudo sempre foi verdadeiro e único.

"Procure-a, seja feliz."

As palavras de Liam chicoteiam em minha cabeça.

"Procure-a, seja feliz!"

É exatamente isso o que eu preciso fazer. É isso o que eu farei. Com Celeste e com todo o resto eu lidaria depois, afinal, a farsa que ela havia montado desmoronou como dominós.

De volta ao meu carro, a determinação em encontrá-la e trazê-la de volta para minha vida é tão potente como a gasolina que coloca o veículo em movimento.

Estou ansioso. Cada segundo, minuto ou quilômetro rodado passam com uma lentidão espantosa.

Já começa a escurecer e o céu dá indícios de uma pequena tempestade se aproximando, deduzo ao olhar o céu coberto de nuvens densas e escuras.

Droga!

Nem mesmo se cair fogo em forma de chuva conseguirá me impedir.

Porém, é o trânsito o meu pior inimigo. Antes estivera lento, agora estou parado em um grande engarrafamento.

— Porra! — Olho para a fila de carros à minha frente. Eu só preciso de mais alguns metros. — Ah, dane-se!

Estaciono em qualquer parte que não atrapalhe as outras pessoas e saio. Não ficarei esperando horas por algo que posso resolver em vinte ou trinta minutos. O carro seria guinchado, mas isso pouco me importa.

Caminho apressadamente, meu coração bate tão forte que sinto que pode sair do meu peito. Embora o vento gélido bata em me rosto, estou suando frio.

Assim que viro a esquina, avisto um quiosque de flores fechando.

— Dá tempo para mais uma venda? — pergunto a florista, que parece apressada. Com certeza, também quer fugir da chuva cada vez mais próxima. — Por favor.

— Se for bem rápido, sim — fala, voltando a abrir a cancela. — Vem chuva das grandes. O que você quer?

— Rosas. — digo. — As mais bonitas que tiver.

— Está de carro? — indaga. — Pergunto por causa do cartão.

— Não precisa. — respondo-lhe, levando a mão ao meu peito. — O que eu preciso dizer está aqui dentro.

— Ah... — ela faz uma careta estranha e parece perder a voz, mas volta a se recuperar rapidamente quando um trovão a faz saltar para trás. — Nesse caso, ande logo. As rosas também não vão resistir à chuva. E boa sorte!

Assinto com a cabeça enquanto ela prepara um dos ramalhetes mais lindos que já vi. A senhora me entrega as flores e eu faço exatamente o que ela diz.

Eu corro.

Mas, a alguns metros antes de chegar ao meu destino, sinto os pingos de chuva caírem sobre meu rosto. Começa gradualmente e logo me vejo embaixo de uma tempestade forte e implacável. Sobre minha cabeça, raios riscam o céu. Pode não ser uma chuva de lavas, mas estão fazendo um verdadeiro estrago nas rosas e não sobraria uma pétala, por mais cuidado que eu tivesse. Continuo a correr o mais rápido que posso. A alguns metros do prédio dela, eu sobressalto.

Não foi minha roupa pesada devido à chuva que me fez estacar no meio da calçada, nem o ramalhete se desfazendo em minhas mãos. É a mulher mais encantadora do mundo. A mulher que eu amo e que, provavelmente, amarei até o fim dos meus dias.

Parada na chuva.

Qualquer um poderia dizer que estou sendo pretensioso ou, até mesmo, arrogante demais, mas eu tenho certeza de que, debaixo dessa chuva espessa, Penelope esperava por mim. Com o sorriso mais lindo que eu já vi no mundo. O sorriso que parece o sol em meio a essa tempestade.

Ela sempre seria o meu sol.

Capítulo 39

Penelope

Quando Liam me ligou avisando que já havia contado a verdade para o Adam, senti uma extrema necessidade de vê-lo. Não foi fundamental que Liam me dissesse que ele precisava de mim. De alguma forma, eu sentia isso.

Durante as últimas duas horas, fiquei duelando entre a voz que ecoava na minha cabeça dizendo para que desse um tempo e a voz gritando em meu coração para que eu fosse encontrá-lo.

O coração venceu essa guerra.

Já estava no meio da calçada quando a chuva torrencial caiu sobre minha cabeça, e estava a ponto de dar meia volta e retornar à segurança do meu apartamento quando o vi.

Primeiro, acreditei que estivesse tendo algum tipo de alucinação ao vê-lo correr até mim. Mas, quando Adam parou a apenas alguns metros de distância, com o que, um dia, fora um ramalhete de rosas e que, agora, estava completamente destruído, eu sorri.

Eu deveria me lembrar de toda a dor que ele me causou, mas não posso.

A chuva continua impiedosa sobre nossas cabeças enquanto parecemos andar em câmera lenta em direção um do outro. E, quando finalmente estamos frente a frente, não foi preciso dizer uma única palavra. É possível que eu seja uma idiota. Mas isso também não me importa. Não hoje, não nesse momento. Que durasse apenas essa noite, eu preciso dele.

E quando nos beijamos, meu corpo reage ao seu. Cada célula minha pede por seu toque, por seus carinhos, por qualquer parcela de amor que ele possa me dar.

Ele me envolve em seus braços robustos com rigidez como se tivesse medo que eu fosse escapar, sussurrando algo em meu ouvido, entre os meus cabelos, mas o som de uma trovada abafa o que ele diz. Em segundos, vejo-me em seu colo, minhas pernas

enroscadas em sua cintura e, de novo, meus lábios são reivindicados por ele.

Provavelmente, não devemos ter gastado mais do que alguns minutos da calçada até os lances de escada que levam ao meu apartamento.

Só saí dos braços dele para procurar a chave no bolso da minha calça.

— Eu senti a sua falta — geme, em meus lábios, assim que abro a porta. Sou arrebatada de volta para ele. — Porra, como eu senti a sua falta!

Não me resta nada além de corresponder a cada beijo exigente. Embora tenhamos muito a falar, não consigo agir diferente, a não ser me entregar.

As roupas molhadas vão deixando um rastro pela casa e as flores caem em algum lugar. E, assim que cruzamos a porta do quarto, não há nada entre nossos corpos febris.

— Tão linda! — Ele me reverencia, ao me deitar na cama.

Seus olhos fazem carinho em mim com a mesma ternura que seus dedos deslizam pelo meu corpo. Eu tenho minha própria tempestade dentro de mim. Sinto raios eletrizantes de prazer como descargas elétricas em minha pele, cada vez que seus lábios tocam em um ponto sensível do meu corpo: a curva do meu pescoço, meus seios entumecidos e ansiosos por cada toque...

Quando ele introduz seus dedos dentro de mim, tudo à

minha volta perde o foco.

— Adam... — gemo seu nome quando os dedos são substituídos por sua boca exigente.

Ele me toma e tenho a sensação de que ele não suga apenas o mel provocado por suas carícias incitando meu corpo, mas também a de que ele toca a minha alma.

Sinto sua língua macia e áspera ao mesmo tempo, fazendo loucuras em mim. E, quando imagino que irei derreter, Adam arremete para dentro de mim, causando-me uma incrível onda de prazer.

Ele se move lentamente, entrando e saindo. A cada arremetida, sinto a necessidade de mais. Tenho uma incontável urgência de algo que não sou capaz de definir. Porém, sei que eu só preciso dele, pois ele é o meu tudo.

— Adam... — finco minhas unhas em suas costas. — Por favor!

Embora eu acredite que o machuquei, estamos tão concentrados em todas as sensações que nossos corpos dão um ao outro, tão conectados, que esse detalhe fica em segundo plano.

Não é apenas sexo alucinante, creio que nunca houve tanta paixão como agora.

Alcançamos o clímax com nossos lábios colados, abafando os gemidos causados por um orgasmo intenso, que nos transporta para um lugar só nosso.

Ainda não sei o que dizer. Não sei o que o Adam tem a dizer. Eu só quero continuar assim, deitada em seu peito.

— Como está se sentindo? — pergunto a ele, fazendo círculos com a ponta dos meus dedos em seu peito.

— Estupidamente bem — sinto seu corpo tremer sob o meu e tenho a certeza de que ele está rindo.

— Não é sobre isso que estou falando — ergo a cabeça para olhar em seus olhos.

Nós acabamos de fazer amor, mas eu ainda sou capaz de corar.

— Você sabia, não é? — indaga. — Sobre o Liam, a Cecilia e o bebê.

— Adam, eu... — as palavras morrem em minha boca e escondendo meu rosto outra vez em seu peito.

Droga! Ele deve estar se sentindo traído mais uma vez. Mas o que eu poderia fazer? Esse era um assunto entre irmãos.

— Tudo bem — sinto sua mão acariciando meus cabelos. —

Eu não estou bravo.

— Não?

— Não — murmura. — Provavelmente, ele teve seus motivos em não me dizer, entendendo isso.

— Eu só soube há pouco tempo — giro na cama e fico de joelhos entre suas pernas. — Mas era algo que competia ao Liam dizer. E ele me disse apenas porque achou que era isso que nos separou.

— Eu sei que você nunca mentiria para mim — ele toca em meu rosto e vejo uma profunda tristeza em seus olhos. — Isso só faz com que eu me sinta pior.

— Não foi Cecilia que nos separou, foi?

Por algum motivo, eu acredito que há mais além disso.

Vejo-o me dar as costas e se sentar na cama, seus ombros estão rijos e seus dedos cravados no lençol.

— Eu preciso esclarecer algumas coisas — ouço sua voz tensa. — Pôr um fim.

E se o problema estiver com ele?

Não acredito que seja imune a mim. O que tivemos há poucos minutos e o fato dele estar aqui provam que sente algo por mim e, provavelmente, ele me ama mais do que pensa, do jeito só dele, mas ama.

Mas e se houvesse passado tanto tempo sozinho que agora

não conseguisse ver sua vida de outra maneira?

Talvez haja uma parte dele que ninguém possa alcançar.
Nem mesmo eu.

— Confia em mim? — ele me pergunta, agora olhando dentro dos meus olhos.

— Eu só não entendo — afirmo, fechando os meus olhos.
— Eu tento, mas não consigo entender.

— Confia em mim? — suas mãos seguram o meu rosto. —
Eu vou dar um jeito em toda essa merda. Eu só preciso de tempo.

— O que o atormenta tanto? — questiono-o, exaltada. — Me conta.

Adam me abraça, abafando meus protestos.

— No momento certo, eu direi tudo a você — ele me assegura. — Eu prometo.

Eu quero gritar com ele. Exigir que me tire do escuro. Por que ele não pode me contar?

O que houve com Liam não foi lição suficiente?

Antes, eu tinha medo de perdê-lo, agora eu já sei o quanto dói.

— Não vou passar por aquilo de novo — confesso, com a voz trêmula. — Você deve saber que eu preciso de mais. Eu quero mais. Eu...

— Estou aqui, não estou? — ele me aperta forte em seus braços. — Eu nunca estive longe.

Realmente. Ele esteve em meu peito todo esse tempo.

— Adam?

— Sim.

— Eu vou confiar — sussurro, com a voz estremecida. — Se me afastar outra vez... Não importa os motivos, não haverá volta. Eu só tenho uma parte do meu coração e estou o dando a você.

Sinto seu corpo retesar. Mas eu não posso deixar as coisas de outra maneira. Não posso ser a única a me entregar nessa relação.

Os dias praticamente voaram. Setembro deu lugar a novembro e, agora, estamos em plena Ação de Graças.

As primeiras semanas entre mim e Adam foram meio tensas. Eu tinha medo o tempo todo. Mas ele tinha voltado a ser como antes de nos separarmos. O homem que me levava para realizar aquela lista boba, o mesmo homem encantador que havia falado para quase uma cidade inteira que me amava. Isso foi fazendo minha guarda baixar pouco a pouco.

— O cheiro está muito bom — diz, beijando minha nuca enquanto termino de embrulhar a torta que havia acabado de assar. — Mas não precisava cozinhar, Delia já deve ter feito muita comida.

— Essa é uma receita de família — conto a ele, sorrindo. — E não posso chegar à casa dos seus pais de mãos abanando. Além disso, eu disse ao Liam que faria algo especial para ele e que, portanto, ele estava intimado a aparecer.

Embora aquela ainda seja a casa dele, Liam sempre evitava ficar por lá quando aparecíamos.

— É melhor irmos se já estiver pronta — anuncia, indo em direção à sala.

— Sabe que um dia vai ter que perdoá-lo — digo, mais para mim do que para ele. — Isso já devia ter acontecido.

Saber que Adam e ele continuam afastados deixa meu coração em pedaços.

Liam havia errado feio, mas é inegável o amor que ele tem pelo irmão. Presenciar a angústia dele e o sofrimento diante desse afastamento, de certa forma, também acaba comigo.

Mas é tempo de festas e eu amo essas comemorações. As pessoas sempre ficam mais sensíveis, talvez com um pequeno empurrãozinho...

Assim que chegamos, sou recebida com muito carinho por Delia, que, obviamente, quis descobrir o meu segredo de família

para a torta de nozes pecã que eu havia feito. Logo Lindsay se uniu a ela.

Ele preferiu ficar vendo a reprise de um jogo na TV com o pai.

Mais tarde, teremos a cerimônia com o peru na Casa Branca, como é feito todos os anos.

— Katty já está chegando — avisa a mãe dele. — Hoje, as meninas estão bem elétricas.

Eu posso imaginar o quanto custou à Katty arrumar as duas pestinhas. Os poucos momentos que tivemos juntas me mostraram muito de suas personalidades. Elas são terríveis, principalmente Lauren.

— Tia Penelope! — Lauren corre para mim na sala, assim que me avista. — Você me leva para a Disney?

Eu abraço seu corpinho miúdo e olho para a sua mãe, sem saber o que dizer.

— Por favor, tia! — ela clama, com um olhar esperançoso. — Você conhece todas as princesas de lá e minha mamãe disse que não me leva mais.

— Diga a ela por que não, Lauren.

Katty invade a sala como um furacão, exatamente como a filha dela havia feito. Ao seu lado está Lily, em um vestido vinho e tiara na cabeça. Das duas, ela é a mais tímida e sempre

elegante. O pai das meninas vem logo atrás, com cara de cachorro perdido.

— Lauren foi uma menina má o ano todo — Lily a delata e me abraça do lado oposto da irmã. — Foi teimosa hoje e, na semana passada, colocou uma lagartixa na bolsa da namorada do tio Liam.

Eu tento não rir, já que Katty está nos encarando com um olhar de gladiador.

— Mas você me ajudou — é visível que a menina não quer levar o mérito e a culpa sozinha.

Eu tento visualizar a cena da modelo super-nojenta vendo a lagartixa em sua bolsa de grife. Pobre Liam, ele merecia algo melhor do que a modelo cheia de vontades.

Não gostei dela desde que a vi maltratando a Delia na cozinha. Como um homem que nem o Liam havia se envolvido com alguém assim, eu não entendo. Talvez ele esteja pagando penitência.

— Lauren, não é certo fazer isso — explico a ela, alisando o seu cabelo. — Acabou perdendo um passeio na Disney.

Eu devo dizer que não é certo ela agir assim, mas tenho a certeza de que Nicole mereceu.

— Eu não gosto dela — insiste a menina. — Mas *você* pode me levar para Disney, não é, tia querida?

Eu havia sido promovida de princesa a tia querida.

Olho para Adam em busca de apoio, mas tudo o que consigo dele é um sorriso e olhar encantados.

Foi Liam quem me tirou daquela saia justa ao aparecer na sala com uma maleta nas mãos.

O clima na sala ficou tenso imediatamente.

— Aonde você vai? — Lindsay o parou no meio do caminho.

— Eu tenho plantão hoje — conta.

— Em pleno dia de Ação de Graças, Liam? — ela está furiosa.

— Eu sou médico, lembra?

— Nunca ficou de plantão nesse dia — rebate ela. — O que está acontecendo aqui?

Observo o olhar de Lindsay vagar entre os irmãos.

— Eu transei com a noiva do Adam — ele olha para Adam com muita tristeza estampada em seu rosto. — Foi isso que aconteceu.

A mulher solta um gritinho assustado. Katty parece tão horrorizada quanto a mãe e todos olham para mim.

Acho que as únicas pessoas a não demonstrar surpresa é Adam, o pai dele e eu.

— Não ela — diz Liam, indicando-me antes de ir em direção

à porta.

— Cecilia? — Katty e Lindsay perguntam juntas.

— É uma longa história — diz Roger, levando a esposa e a filha para o outro lado da sala.

Enquanto ele explica a elas tudo o que houve, eu vejo Liam sair. Eu tenho um nó se formando em minha garganta. É evidente que o plantão que ele alega ter é uma mera desculpa para fugir de nós essa noite.

Isso não é certo. É o meu primeiro dia de Ação de Graças com eles. A primeira vez que sinto como é ter uma família de verdade.

Apesar de ter pensado em meus pais hoje, eu não fiquei triste por estar longe de casa porque essa família tem tanto amor entre eles que é impossível não sentir o seu reflexo em mim.

Contemplo Adam com os olhos lacrimejantes.

Ele sabe o que estou pedindo. Na verdade, estou implorando.

Vejo-o balançar a cabeça e seguir pelo mesmo caminho que Liam.

Sinto alguém abraçar minha cintura e encontro o olhar de Delia, tão esperançoso quanto o meu.

Capítulo 40

Adam

Eu devo confessar que passei, as últimas semanas, furioso com o que Liam havia feito. Mas, sendo honesto comigo mesmo, minha revolta era mais devido ao fato dele ter escondido a verdade de mim do que pelo seu envolvimento com Cecilia.

Só que eu, na verdade, estou agindo como ele para proteger quem amo. Então, eu não sou a melhor pessoa para julgá-lo.

E há o fato de que eu amo esse desgraçado. Eu não consigo apagar tudo o que vivemos juntos. Liam sempre esteve ao meu lado em todos os momentos. Sempre fomos mais do que irmãos, somos grandes amigos.

— Liam, espere! — Chamo-o alguns minutos antes dele entrar em seu carro.

É a primeira vez que me dirijo a ele em muito tempo. Todos os nossos outros encontros foram carregados de tensão e dor.

— Desculpe pelo o que eu disse lá dentro — murmura, ainda

de costas para mim. — Eu sou um péssimo irmão, não é verdade? Não quis estragar a sua noite, sinto muito.

A pior merda disso é que eu vejo o quanto ele está sofrendo e, automaticamente, eu sofro em dobro. Liam não é uma pessoa ruim. Sim, ele mentiu e, de certa forma, me enganou, mas quem não comete erros na vida? Eu cometi muitos.

Não posso e nem consigo mais mantê-lo longe da minha vida.

— Adam... — ele começa a se virar lentamente. — Se há algo de bom em mim, é o amor que sinto por você. Desde que éramos crianças, eu soube que você seria o meu melhor amigo. Eu juro que nunca imaginei que você e Cecilia...

— Esqueça isso... — interrompo-o, rapidamente.

Ele errou, mas minha ex-noiva errou tanto quanto ele, ou até mais. Ela era dissimulada e uma mentirosa nata. Foi ela quem disse que o bebê era meu e foram as minhas decisões que me levaram para um lugar sombrio.

— Eu perdoo você, Liam — assim que eu profiro essas palavras, sinto como se blocos de concreto fossem tirados dos meus ombros. Eu posso voltar a respirar novamente.

— Perdoa? — ele parece muito surpreso.

— Sim, eu perdoo — estou mesmo sorrindo?

— Olha, se faz isso por Penelope...

Se eu faço isso pela minha Charmosa? Claro que sim. Não houve um dia em que ela não tivesse tocado no assunto, sendo que, algumas vezes, chegamos a ter discussões bastante acaloradas sobre isso, só que eu sempre tentava estrategicamente resolvê-las na cama.

Mas o principal motivo de perdoar Liam é que sinto a sua falta.

— Não faço apenas por ela, mas por mim e por você. Eu sei que, no fundo, você só quis me proteger — afirmo, aproximando-me dele. — Lembra quando eu quebrei o vaso de flores antigo da vovó?

Liam assumiu a culpa por mim. Haveria um passeio na escola no dia seguinte. Nós já havíamos aprontado muito durante aquela semana e meus pais nos haviam alertado que nos colocariam de castigo se algo mais acontecesse. Não que o passeio realmente importasse, mas eu pediria Aly Watson, do quarto ano, em namoro. Eu fui ao bendito passeio, já que Liam ficou em casa de castigo no meu lugar, mas não saí de lá com uma namorada. Um garotinho do jardim de infância não era suficiente para Aly. Essa foi a minha primeira e, talvez, única experiência em levar um fora.

— Você levou a culpa por mim — continuo.

— E Watson lhe deu o fora — vejo-o sorrir pela primeira vez após nosso afastamento.

— Eu aprendi que nem toda verdade é absoluta e nem toda mentira tem intenção de ferir a quem amamos.

— O que você quer dizer?

— Vem comigo — guio-o em direção aos fundos da casa. — Há algo que eu preciso dizer a você.

Chegamos até onde há uma árvore enorme. Em cima dela, há a pequena casa que papai mandou fazer para nós, que agora pertence às gêmeas, e que, um dia, seriam dos filhos de Liam e, possivelmente, dos meus.

Quando ele me contou a verdade, foi como se tivesse estourado o último grilhão que me acorrentou por tanto tempo.

Eu não só me vejo com Penelope pelo resto de nossas vidas. Eu desejo tudo com ela, até mesmo filhos. Lindas garotinhas como ela.

Assim que subimos e nos acomodamos nos minúsculos banquinhos, agora pintados de rosa, eu conto a ele tudo o que havia acontecido.

Ao contrário do que Liam imaginou, não foi o que houve em meu passado que me fez me afastar da mulher que amo, mas o que vem acontecendo no presente.

— Celeste precisa de tratamento — urra, completamente exaltado. — Temos que fazer alguma coisa.

— Você me ajudaria? — pergunto, de forma ansiosa.

— Está mesmo me perguntando isso?

— Tem algo mais que eu quero te perguntar...

Mexo em meu bolso para pegar a caixinha que havia retirado da joalheria essa manhã, antes de ir para o apartamento de Penelope.

Estendo a caixa dourada a ele e observo a surpresa em seu rosto.

— Está me pedindo em casamento? — indaga, sorrindo.

O velho e idiota Liam está de volta. E merda, eu senti saudade das suas palhaçadas.

— Você não é tão bonito assim — respondo, entrando no clima.

— Não é o que as mulheres dizem.

Convencido.

— Bem, eu não sou gay e, mesmo que eu fosse, somos irmãos — continua. — Então, esse anel é para a linda mulher que está na sala com nossos pais, certo?

Apenas aceno com a cabeça, concordando. Quando eu quase a perdi naquele acidente e, depois, quando ficamos separados, tive a certeza de que a quero em minha vida para sempre e, mesmo assim, acho que seria um tempo insuficiente.

— Fará o pedido hoje?

— No Ano Novo.

— Adam... — ele me olha e fala de modo impaciente. — Peça logo.

— Nos conhecemos no Ano Novo — explico-lhe. — É nessa data que quero eternizar o momento. Além disso, é o tempo que precisamos para dar um jeito em Celeste.

— Entendo — murmura. — Eu gostaria de estar presente.

— Há algo mais — afirmo, olhando para o chão. — Eu gostaria que fosse o meu padrinho. Sabe, do casamento...

Em questão de segundos, sinto o chão de madeira ranger e estou sendo sufocado pelos braços de Liam em volta de mim.

— Obrigado! — afirma, comovido. — Significa muito para mim.

Deus! Ver um homem chorar é realmente constrangedor, mas ver Liam chorar é totalmente desconcertante e emotivo.

— Eu preciso que você guarde isso para mim — afasto-me dele, indicando o anel em sua mão. — Foi muito difícil segurar a ansiedade e não fazer o pedido hoje, quando a encontrei.

— Pode confiar em mim — diz, sorrindo.

—Liam?

— É sério — retruca, ao descermos a escada. — O que poderia acontecer?

— Se você pretende continuar vivo... — dou-lhe um olhar firme. — Nada.

Nós voltamos para a festa. Não precisamos dizer nada a ninguém e nem dar as explicações que, provavelmente, eles esperam. A única coisa que importa essa noite é que, outra vez, somos uma família unida e feliz.

— Obrigada — sussurra Penelope, ao correr para me abraçar.

— Por ter perdoado Liam? — questiono-a, sorrindo. — Eu não conseguiria manter aquele imbecil longe por muito tempo mesmo.

Abraço-a também e seguimos em direção à sala para assistirmos a cerimônia na TV.

Meus pais estão sentados em suas poltronas próximas à lareira. Katty está agarrada a Frank em um dos sofás e Liam está no chão, provocando uma das gêmeas.

— Por isso — afirma, emocionada. — Por deixar que essa noite eu sinta como é ter uma família.

Porra!

Por que eu havia entregado o anel a Liam? Esse seria o momento perfeito para fazer o pedido.

Não.

Não antes de pôr um fim a tudo que coloca em risco a sua

vida. Amo-a demais para permitir que isso aconteça outra vez.

— O que está fazendo? — ela me questiona quando começo a rodopiar com ela pela sala. — Estão todos olhando.

Há uma apresentação musical ao vivo na TV, mas somos nós dois a fazer o show.

— Eu não disse a você? — pergunto a ela, girando-a outra vez. — É o rito de introdução em nossa família.

— Com uma dança? — inquire, sorrindo. — Maluco!

— Por você — sussurro.

Quando a inclino em direção ao chão, encontro o olhar encantado da minha mãe.

— Essa pode ser uma família um pouco estranha, exagerada e, muitas vezes, confusa, mas também há muito amor envolvido. E sabe o que acontece quando as pessoas são malucas o suficiente para fazer parte dela?

— O que acontece? — a sua voz sai estremecida.

— Ela se multiplica.

Encaro Lily e Lauren, que nos olham encantadas.

Eu sei que não importa o que aconteça. Não importa quantas merdas eu faça ou quantas pessoas tentem nos afastar, eu a amo profundamente. Como eu nunca sonhei amar ninguém.

— Você me ama? — a pergunta que gostaria de fazer é outra,

mas essa também é importante e significa muito.

Olho dentro de seus olhos. Eles me dizem o que os lábios não precisam dizer, mas anseio ouvir.

— Eu te amo hoje, amanhã e sempre — afirma, com convicção. — Feliz dia de Ação de Graças.

— Eu te amo — admito, antes de beijá-la. — Feliz dia de Ação de Graças.

Se eu pudesse ao menos colocar em palavras os meus sentimentos, existiria apenas uma para defini-lo.

Amor.

Capítulo 41

Adam

Chegou a hora em que todas as cartas precisam ser colocadas na mesa. Preciso dizer a Celeste que basta. Chega das suas mentiras, intrigas e artimanhas para tentar manter a

imagem imaculada de uma pessoa que nunca existiu.

No momento, o único sentimento que tenho por ela é raiva. A culpa e a pena, que me acompanharam por longos anos, deixaram de existir. E, sempre que penso como me deixei facilmente me manipular por ela, minha ira se multiplica.

— O que você acha que ele fará quando souber de tudo?

Encaro Liam, que está apoiado contra a lareira.

Decidimos falar com o marido de Celeste primeiro, antes de esfregar toda a verdade na cara dela. Roger tem o direito de saber o tipo de maluca que ela havia se tornado.

— Estou mais preocupado no que eu posso fazer com ela.

Procuro manter a calma, mas recordo tudo o que Celeste fez: o sofrimento que causou em Penelope e me obrigar a magoá-la porque eu tive medo de vê-la ferida. O que Celeste fez foi crueldade. Eu não me importo com o que ela quisesse fazer comigo, mas Penelope é completamente inocente nessa história.

— Mantenha a calma, certo? — Liam me encara sério, mas há um sorriso mal disfarçado em seus lábios. — Nunca mais vi um cercadinho, desde os meu três anos.

Reviro meus olhos e pergunto a Deus o que eu fiz para ter um irmão como ele.

— Desculpem a demora — Roger entra na sala, poupando-me de dar uma boa resposta ao Liam. — O que é tão importante

que trouxe os irmãos Crichton até minha humilde residência?

Aperto o envelope em minha mão enquanto decido por onde devo começar. Gosto de Roger, ele sempre foi uma companhia agravável. Quando disse aos meus pais que escolhi a advocacia como profissão, ele havia sido o primeiro a me dar apoio. Quando Cecilia havia anunciado o desejo dela, ele a havia tratado da mesma maneira. A felicidade da filha sempre esteve em primeiro lugar para ele. Sinto pesar em que eu tenha que tocar em assuntos que certamente irão partir seu coração.

— Antes que eu comece, preciso que veja isso — entrego o envelope a ele e aguardo enquanto ele olha.

Além das fotos de Celeste e Grace, há todo material que Peter conseguiu reunir. Não é muita coisa, nada que realmente pudesse incriminá-la, mas há relatos de algumas mulheres com quem sai, e claro, a confissão da minha ex-secretária. Talvez não colocasse Celeste atrás das grades, mas eu conseguiria uma medida de restrição que a impediria de se aproximar de Penelope e de mim, mas não acredito que iria funcionar. Ela tem muito dinheiro e poderia fazer qualquer coisa sem precisar sujar as mãos.

— Eu não entendo — Roger me encara e a confusão é transparente em seu olhar. — O que isso significa?

— Sua mulher é uma louca — dispara Liam. — Doida de pedra. Maluca das ideias.

— Liam?! — olho feio para ele, esse não é o momento para suas brincadeiras, mas, ao encará-lo, para minha surpresa, percebo que ele fala muito sério. Eu vejo o quanto ele está se controlando para manter a calma.

Droga! Eu o trouxe comigo porque, realmente, temo minhas reações. Nada me ajuda que ele também perca o controle e nem vimos Celeste ainda.

— Há algumas coisas que você precisa saber sobre sua esposa e sua filha.

Espero que ele se sente em uma das poltronas da sala antes de iniciar meu relato. Conto tudo. Desde o caso dela com Liam até o meu sentimento de culpa em relação ao acidente que, hoje, eu sei que não tive a menor culpa.

Quando eu finalizo, observo Roger caminhar até a janela, dando as costas para mim e Liam. Os ombros curvados e a expressão que vi em seu rosto antes de se afastar me dão a impressão que havia envelhecido vinte anos em apenas alguns minutos.

Essa é a pior parte dessa história, quando somos obrigados a ferir outras pessoas.

— Querido, não sabe quem eu encontrei no shopping, a...

Celeste estaca no arco da entrada assim que nos vê. O clima tenso na sala já diz que as coisas não vão bem para ela. Minha cara de poucos amigos confirma que não estou aqui para uma

visita cordial.

— O que pensa que está fazendo, Celeste? — Roger vira para encará-la. Não sei se sua voz é triste ou cansada. — Que tipo de loucura você vive?

— Não sei do que está falando — ela afirma, inabalada.

— Pare de mentir! — Ruge Roger ao pegar as fotos e jogar sobre ela. — Já sei de tudo.

— Contamos tudo a ele — Liam a encara, coberto de raiva e desprezo — Até mesmo sobre o bebê.

A cena se desenrola à minha frente como uma cena de ópera. Celeste avança sobre ele, gritando como louca, totalmente descontrolada.

— Maldito! — Ela tenta acertar o rosto de Liam enquanto ele tenta se desviar da melhor maneira. — Tudo isso é culpa sua. Se não tivesse seduzido minha filha, ela ainda estaria viva.

Incapaz de continuar assistindo a cena, pego-a pelos braços e a afasto de Liam. Ele tem alguns arranhões na bochecha.

— Pare! — desloco-a para longe de Liam. — Não me faça perder a paciência também.

Liam é a pessoa mais pacífica que eu conheço, mas, no momento, noto-o fervendo de raiva. Creio que foram longos anos suportando as acusações absurdas que ela fazia a ele.

— É sua culpa também — Celeste tenta desferir a raiva dela

em mim. — Se não tivesse agido como um garotinho assustado e assumido a sua responsabilidade, Cecilia ainda estaria conosco. A morte dela ficará em seus ombros para sempre.

— O bebê nem era dele, sua velha maluca! — Liam dispara, ficando de frente a ela. — Adam não tem culpa da sua filha ter sido tão desequilibrada como você.

Eu sei que ele está blefando, pois foi algo que planejamos antes de vir confrontá-la. A única pessoa que pode saber a verdade por trás dessa história é ela.

— Mas ele não sabia — Celeste revela e eu a solto. — Deveria ter dado apoio a ela. Vocês dois a pressionaram tanto...

O choro compulsivo dela não é tão intenso como a dor oprimindo meu peito. Eu amei verdadeiramente aquele bebê. Senti cada dia a sua morte. E a culpa por jamais ter a oportunidade de segurá-lo em meus braços fez de mim um homem vazio.

Nunca foi meu filho.

— Odeio vocês dois! — Os gritos de Celeste fazem-me encará-la outra vez. Sua expressão é ensandecida. — Devem sentir cada dia de dor que eu carrego em meu peito, cada noite...

— Chega, Celeste! Eu sei muito bem a filha que tínhamos — brada Roger, fazendo com que ela se cale. — Cecilia sempre foi voluntariosa, mimada e fútil. A culpa foi minha, que sempre quis suprir minha ausência fazendo tudo o que ela quis. E meu erro

maior foi fechar meus olhos para sua obsessão em recusar sua morte.

— Eu jamais vou esquecer, Roger — ela afirma. — Como jamais vou esquecer o que esses dois fizeram a ela. Tudo o que Cecilia fez foi amá-lo. Adam e Liam a destruíram.

— Eu tentei amá-la como ela quis — murmuro, liberando a opressão em meu peito. — O amor não é algo que se imponha, sei que à minha maneira eu a amei. Mas foi um terrível acidente que aconteceu a ela, hoje entendo isso. Eu sinto muito por sua perda. Mas não vou permitir que machuque ou tente afastar a mulher que eu amo. Deixe-nos em paz ou terei que tomar outras medidas contra você. E eu serei implacável.

Seu riso é histérico e demoníaco.

— Não sabe de nada, meu querido — ela continua rindo em meio às lágrimas. A cena me parece um filme de horror classe B. — Os fantasmas sempre aparecem. Não terá paz por muito tempo.

— Você não fará mais nada contra eles, Celeste — Roger prende-a firmemente em seus braços. — Vou bloquear sua conta e cancelar seus cartões de crédito, voltaremos para a Europa e encontrarei uma clínica para você, algo que eu deveria ter feito há muito tempo.

— Eu não estou louca — ela atesta, serpenteando no peito dele. — Não estou louca. Eles querem me destruir como fizeram

com minha filha. Não é justo que sejam felizes...

Quando cheguei aqui, meu único sentimento por ela era raiva. Agora, só sinto pena. Eu sei como é a dor de se perder um filho, ninguém deveria passar por essa dor esmagadora e dilacerante. A dela havia se transformado em loucura e obsessão. No fim, Celeste é uma mulher sozinha e, profundamente, infeliz.

— Acho melhor vocês irem agora — diz Roger, conduzindo a esposa para fora da sala. — Sinto muito por tudo isso. Eu vou garantir que Celeste não faça mais nada.

Sem dinheiro, fora do país e trancafiada em alguma clínica para doentes mentais é pouco provável que consiga nos ameaçar novamente. Eu espero que, pelo menos um dia, apesar de tudo o que fez, ela encontre paz para sua alma, assim como eu havia encontrado o amor.

Eu sei que, às vezes, é preciso ter escuridão para que a luz possa brilhar. É isso que Penelope significa para mim. A luz que me trouxe de volta à vida.

— Está tudo bem com você? — pergunto a Liam, assim que entramos no carro.

Desde que Celeste afirmou que o bebê que Cecilia esperava era mesmo dele, ele havia se retraído.

— Liam, eu sei o que está sentido... — toco em seu ombro.

Eu faria qualquer coisa para que a criança fosse realmente minha e Liam não precisasse lidar com isso agora.

— Não se preocupe — suas palavras são um pouco mais que um sussurrar. — Não vou me trancar em um buraco escuro como você fez. E eu sabia que existia essa possibilidade. Eu só preciso absorver isso com calma.

Talvez, ele consiga superar e lidar com isso melhor do que eu, afinal, como ele disse, conviveu anos com essa possibilidade. Desejo, sinceramente, que ele supere.

O que ele precisa é se livrar da modelo esnobe e encontrar alguém que realmente o fará feliz.

Ninguém substituirá o filho que ele perdeu, mas eu tenho certeza que Liam será um ótimo pai e ele, mais do que ninguém, merece ser feliz.

— Obrigado, Liam — aperto seu ombro e transmito em meu sorriso todo meu amor por ele.

— Obrigado? Pelo quê?

— Por estar comigo em todos os momentos — pouco me importando que esteja sendo emocional demais, eu o abraço. — Estarei sempre aqui por você.

Já ouvi dizer que, quando estamos para nascer, escolhemos a família que queremos como nossa. Se isso for mesmo verdade, ele deve ter sido um dos grandes motivos de eu vir ao mundo. Devo ter sentido que teria mais do que um irmão de sangue.

Eu teria um amigo.

Sempre.

Capítulo 42

Penelope

Não entendo por que algumas pessoas são tão más. Ainda estou tentando absorver que Celeste tenha sido dominada pela loucura e tenha visto em mim uma inimiga que nunca fui.

É cruel dizer isso, mas estou aliviada que ela esteja indo para muito longe. Espero que se recupere e que, um dia, possa se refazer da dor e do grande vazio em seu peito. O tempo sempre é o melhor remédio. Foi o que sempre ouvi dizer. Que ela encontre alívio e conforto para sua alma e deixe a filha dela descansar em paz.

Adam não entrou em muitos detalhes comigo, só sei que meu atropelamento não foi um acidente e a grande responsável foi ela. Confesso que também não quis saber muito sobre isso. Eles haviam colocado um limite naquela mulher e isso me basta. Minha grande preocupação no momento é com Liam. Ele tem se mostrado o mesmo palhaço de antes, mas, quem realmente o olha de perto, percebe que algo nele mudou. A certeza de que o bebê que Cecília esperava era mesmo dele o tocou de alguma maneira.

— Acorda! — Sinto os lábios em meus ombros e o corpo musculoso em cima de mim.

— Estou acordada — minha voz sai enrouquecida e eu me inclino mais em direção a ele.

— Então levanta! — Diz ele, exigente, e meu ouvido passa a ser o alvo da sua atenção.

Humm... Eu gosto disso. Gosto da forma que sua mão desliza pela lateral do meu corpo. Gosto até mesmo do tapa que ele dá em meu bumbum, antes da leve carícia onde havia tocado. Mãos grandes e quentes me torturando.

— Então saia de cima de mim — ronrono, manhosa, mas meu desejo é justamente o oposto.

— Seu pedido é uma ordem, querida — diz ele, desgrudando do meu corpo de forma abrupta. — Tudo o que desejar hoje será realizado.

— Então, eu... — seus lábios tomam os meus, calando-me.

Por alguns segundos, o oxigênio não chega ao meu cérebro. Eu só quero que ele me tome.

— Depois que se levantar e colocar uma roupa decente — seu sorriso é diabolicamente malicioso.

Ah, que vontade de morder essa boca.

— Katty chegará em... — ele olha para o relógio e me presenteia com um sorriso ainda mais lindo. — Quinze minutos para levar você. Terão um dia só para mulheres.

Eu adoro a Katty, mas hoje eu quero um dia para ficar com ele.

— Mas hoje é meu... — outro beijo. Outro beijo que me tira o fôlego. — Pensei que fôssemos ficar juntos.

Saio da cama, desapontada. Não me preocupo em jogar o lençol sobre o meu corpo nu. Ele merece ver tudo o que está perdendo por me dispensar assim.

— Deus! — Ouço seu lamento às minhas costas. — É isso que eu ganho por ser um homem bom.

Fecho a porta sorrindo.

Dia dezoito de dezembro. Poderia ser um dia comum para qualquer pessoa, mas é o meu aniversário. Bom, é uma ocasião especial apenas para mim em muito tempo.

Se eu estivesse em casa com meus pais, ganharia os

parabéns na hora do café da manhã e alguns dólares para que eu comprasse o que quisesse. Tem sido assim desde que Cory morreu. Não havia mais em minha família lugar para festas e comemorações, a não ser na igreja.

Eu, certamente, pegaria o dinheiro e daria à igreja, com o único pedido que eu tivesse minha família de volta ou que Deus me agraciasse com outra.

Hoje, eu vejo que todas as minhas súplicas foram ouvidas, talvez adaptadas. Eu perdi minha família de uma vez por todas, mas havia ganhado outra surpreendentemente maravilhosa. E um homem incrível que faz parte do pacote.

Eu não preciso de mais nada, mas pelo que conheço da Katty, ela deve ter planejado um dia memorável.

Termino de me arrumar, deixo os cabelos soltos e coloco um casaco em cima do pulôver para me proteger do frio e da neve caindo lá fora. Eu amo os flocos de neve e a sensação deles tocando o meu rosto, não há nada mais lindo. Até poderia convencer Adam a passarmos um fim de semana fazendo bonecos de neve. Lily e Lauren poderia se juntar a nós dois.

— Já estou pronta — chamo a atenção de Adam e da irmã. Os dois cochicham perto da porta e, automaticamente, se calam quando apareço.

— Ótimo — Katty sorri e me estende a mão. — Nosso dia será bem cheio.

Antes de pegar a sua mão e me unir a ela nessa aventura desconhecida, eu paro em frente a ele para me despedir. Eu tenho aquela sensação de déjà-vu.

O aniversário dele me traz lembranças muito tristes. Ainda mais quando penso que a linda comemoração que fiz para ele foi eclipsada pela maldade daquela mulher.

— Acho que seria melhor não... — seu dedo toca a minha boca, fazendo com que eu fique quieta.

Há tanta confiança em seu olhar que emana dele para mim.

Está certo, eu tenho um medo terrível de que algo ruim possa acontecer. Sei lá, de repente, cair um meteoro na Terra. Mas ele pede que eu confie nele. Nada irá estragar esse dia, é o que tento me convencer.

— Nos vemos mais tarde — murmura ele.

— Muito tarde?

Acalme-se!, ordeno ao meu coração. Não sou um bebezinho.

— Quer um incentivo para que passe logo?

Homens não deveriam ter esse olhar safado e sorriso mais pecaminoso ainda.

Agora entendo que não foi a maçã que pôs Eva em tentação, mas foi o sorriso de Adão. Eu posso provar essa tese.

Fecho meus olhos para o beijo que, sim, foi um dos beijos mais arrebatadores da minha vida. Aquele que faz você se sentir

sem ar, sem chão, totalmente perdida no mundo.

Sua língua persegue a minha, domina-me e me toma de um jeito que nunca pensei existir.

— Hum-hum — o pigarrear chega aos meus ouvidos, mas eu não quero me separar dele, então agarro seus braços, aprofundando ainda mais o nosso beijo.

— Coff...

Mas que Katty irritante!

Ela não vê que estamos tendo um momento só nosso?

Ele me afasta, o olhar brilha como fogo. Deus! Que calor.

— Acho que isso só torna a espera mais difícil — lamento, com voz de choro.

— Nisso eu concordo — suspira ele ao se afastar. — Mas faz o retorno ainda melhor.

Gostaria de provar seus lábios de novo, mas Katty é a impaciência em pessoa.

— Certo... — coloco o cinto de segurança. — Para onde vamos?

Ela sorri, fazendo-me lembrar do irmão e já sinto saudade.

— Confia em mim?

Sorrio ao lembrar de quantas vezes Adam me fez esse mesmo questionamento.

— Essa é a pergunta favorita dos Crigton, não é?

— Somos médicos e advogado — responde ela. — Há no mundo pessoas mais confiáveis?

Respondo que não com a cabeça. Não são suas profissões que os tornam confiáveis para mim, são suas ações.

Ainda não entendo o que a ida ao salão de beleza e horas no shopping lotado, devido ao fim do ano, possam ser consideradas um grande evento. Katty é uma ótima companhia, mas preferia ter ficado em casa com Adam, fazendo coisas mais interessantes.

Ê, eu descobri que adoro sexo. Não, adoro fazer amor com ele, é bem diferente.

Eu não sei se havia me tornado devassa como ele brinca, ou se apenas é ele que me faz sentir assim.

Após o almoço, paramos em frente a uma loja de fantasias.

— Liam se veste de Papai Noel desde que as gêmeas nasceram — explica Katty enquanto esperamos ser atendidas.

— Ê muito gentil da parte dele — é bem a cara dele fazer isso. — Mas não está muito cedo?

— Hã... — ela pigarreia, desviando a atenção para uma arara de roupas. — Essa é uma fantasia bem competitiva.

Chego à conclusão de que ela tem razão. Mesmo que não tivesse, eu desisti de entender a família Crighton. Eles são tão amáveis quanto malucos.

Quer saber? Amo isso também.

Saímos da loja e seguimos para mansão Crighton. Assim que entramos carregadas de sacolas, eu me pergunto não havíamos alugado a vestimenta das renas também.

— Conseguiu tudo, Katty? — Lindsay vem ao nosso.

— Tudo certo — diz ela, orgulhosa de si mesma. — E o restante?

— Seu irmão quase me deixou maluca, mas, sim, deu tudo certo — ela me olha com o mesmo sorriso já conhecido da família. — Podem subir e se arrumar. O quarto já foi preparado para vocês.

— Mas eu não trouxe roupas — informo a ela, nervosa.

Ótimo! Devem ter planejado um jantar e eu não tinha comprado nada no shopping. Arrependo-me, amargamente, de não ter comprado o vestido que vi em uma vitrine, mas a loja estava tão cheia que desisti na última hora.

— Está tudo arranjado — diz Katty, me puxando em direção à escada.

Depois do banho, entrego-me aos cuidados dela para fazer minha maquiagem e só vejo minha roupa no último momento.

— Tem certeza que é isso mesmo? — olho para o vestido rosa em meu corpo.

Não há um espelho no quarto, mas do que eu consigo observar do vestido rosa e das botas brancas de cano alto, essa roupa é totalmente inapropriada para um jantar íntimo com os pais dela.

A não ser que Katty queira me envergonhar na frente de todo mundo. Recuso-me a acreditar nisso. Ela é minha amiga.

— Não faça perguntas e desça — ela me empurra em direção à porta. — Espere quinze minutos na sala e depois vá direto para o salão de festas. Vou me arrumar rapidinho. Me recuso a perder isso.

Dito isso, ela bate a porta e eu fico atônita no meio do corredor.

Resignada, resolvo seguir suas orientações. Programo o alarme para quinze minutos.

Ando de um lado ao outro da sala, querendo saber o que a maluca andou aprontando.

Ligo para o Adam, já que, durante o decorrer do dia, ele não havia respondido nenhuma das mensagens que enviei.

Hoje, todos os seus desejos serão realizados.

Repito o que ele disse com tom de deboche ao ouvir o som da mensagem. Poderia começar me atendendo.

O alarme toca e caminho com pressa até o salão. Conheço o caminho de cor, afinal, não tem muito tempo, fui uma princesa reinando ali. A lembrança me traz um sorriso doce.

Acho estranho que tudo esteja escuro e silencioso. Estava prestes a dar meia volta quando as luzes são acessas e tenho Adam a dois metros de mim.

— Oh, meu Deus! — Sussurro, chocada.

Eu não consigo acreditar no que os meus olhos estão vendo. Agora eu entendo a bendita roupa. Todo o salão foi decorado em rosa e com o tema da Penelope Charmosa. E Adam, à minha frente, vestido de Tião Gavião.

Eu havia dito a ele que, quando criança, meu sonho, antes de meu irmão falecer, era ter uma festa assim.

Será que esse homem realizaria todos os meus sonhos?

Olho em volta de tudo e todos. Toda a família havia entrado na brincadeira. Até Peter vestido de Peter Perfeito. Todos eles cantando parabéns.

Emocionada, choro como a Lily havia feito quando me viu

de princesa.

— Feliz aniversário! — Adam beija as lágrimas que caem em minhas bochechas e logo sinto o gosto delas em minha boca através dos seus lábios.

Sem dúvida alguma, esse é o dia mais especial da minha vida. E pretendo aproveitá-lo com todos que amo, tanto quanto fosse o último.

É assim que deve ser a vida. Aproveitar cada momento com quem se ama, como se não houvesse um amanhã.

— Eu te amo tanto!

Murmuro, tentando enxergá-lo através do véu de lágrimas encobrindo meus olhos.

O beijo que ele me deu valeu por mil palavras em resposta.

Eu te amo, foi o que o meu coração o ouviu dizer.

Fim

